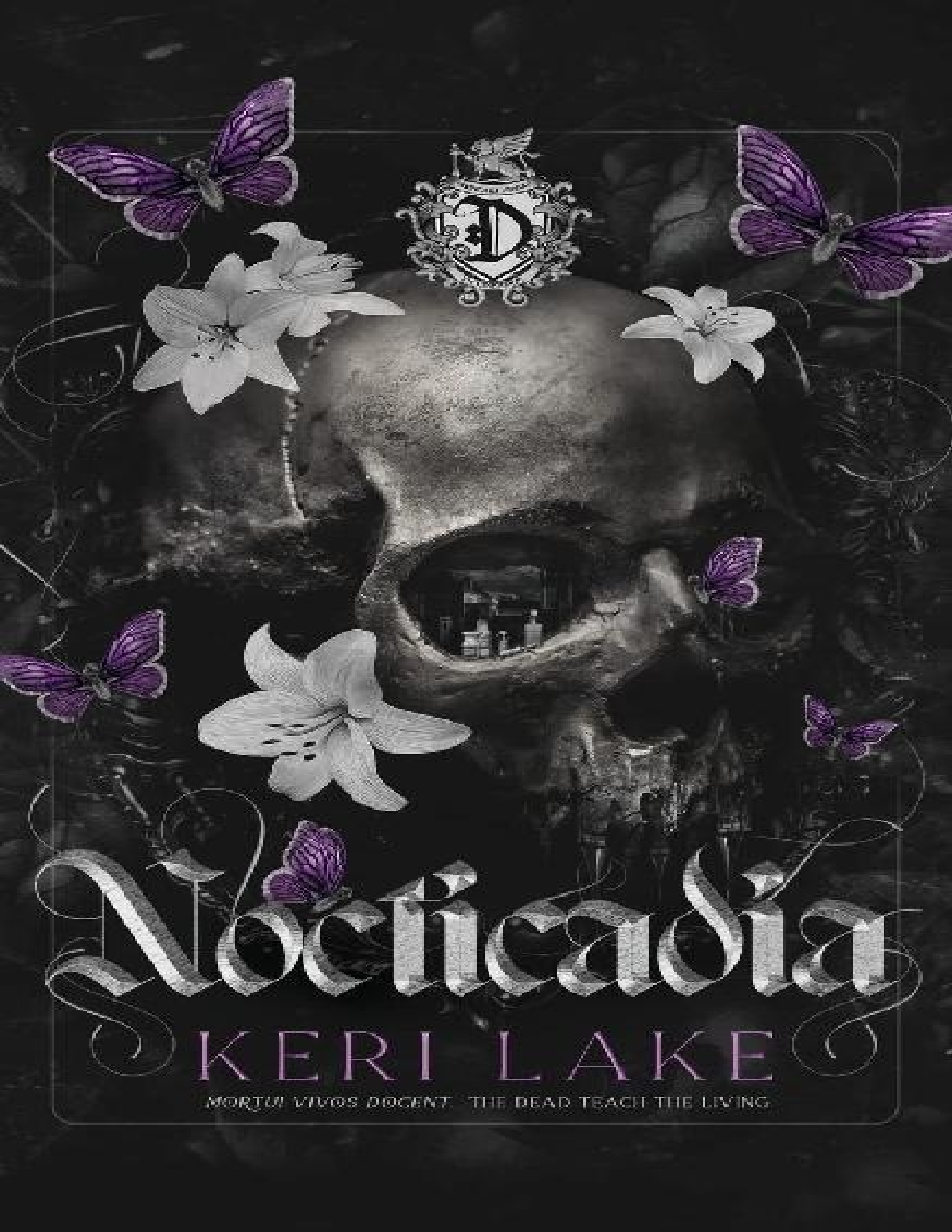
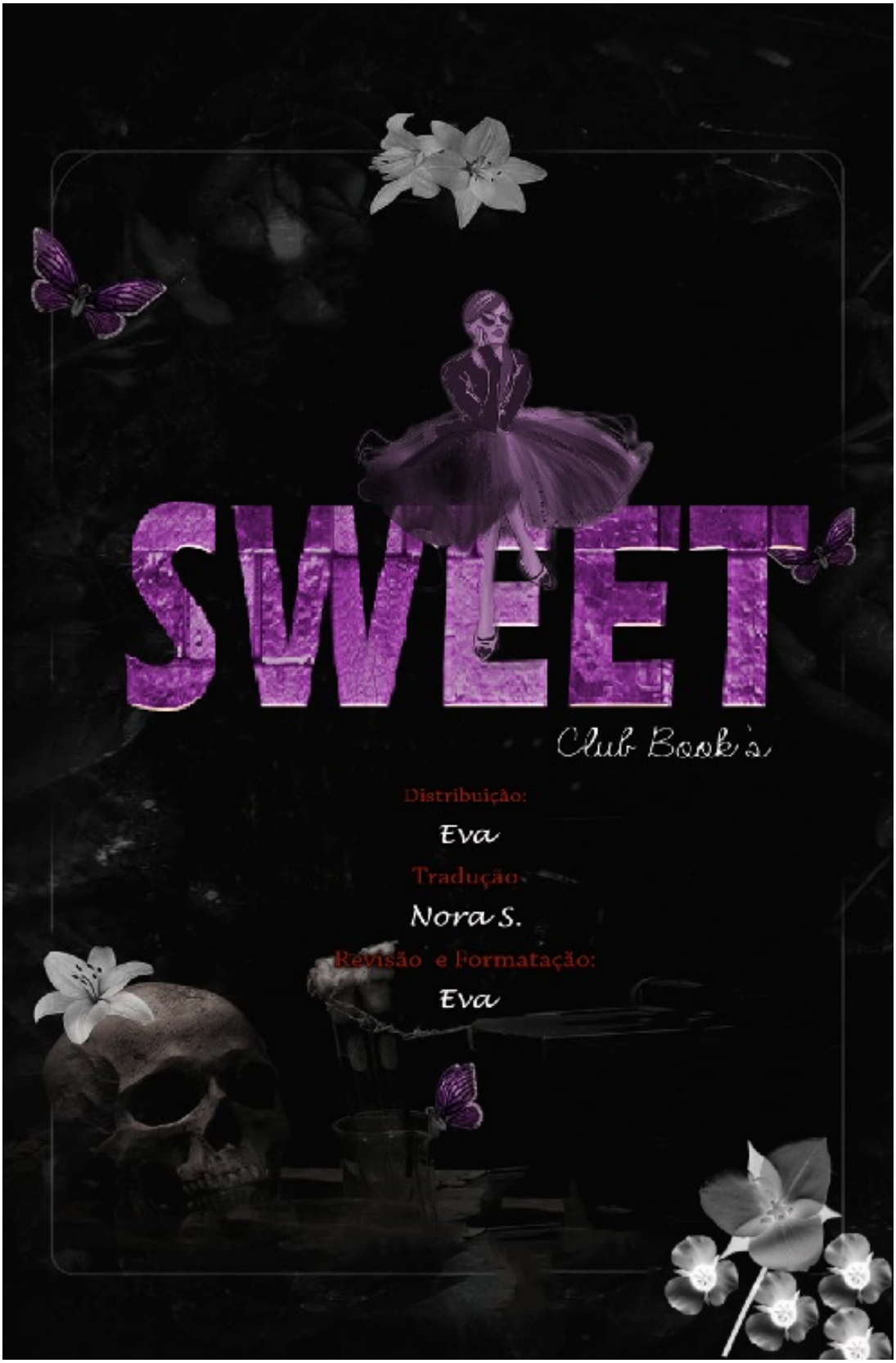

Noctiadia
KERI LAKE
MORTUI VIVOS DOCENT: THE DEAD TEACH THE LIVING


SWEET
Club Book's
Distribuição:
Eva
Tradução:
Nora S.
Revisão e Formatação:
Eva

Mortui vivos docent.

OS MORTOS ENSINAM OS VIVOS.

Depois de ver minha mãe sucumbir a uma doença misteriosa, prometi a mim mesma duas coisas. Eu encontraria a cura para o que a assolava. E deixaria a cidade esquecida por Deus onde ela me abandonou.

Quatro anos depois, recebi uma carta de aceitação da Dracadia University, uma das universidades mais antigas e prestigiadas do país. Localizada em uma ilha isolada na costa do Maine, há rumores de que ela é assombrada pelas almas dos pacientes mentais exilados lá séculos atrás. Dizem que os ossos desses pacientes compõem as margens de areia branca da ilha.

E os fantasmas inquietos não são nem mesmo sua peculiaridade mais assustadora.

Devryck Bramwell, conhecido no campus como Doutor Morte, é um brilhante patologista encarregado do laboratório Midnight. Ele também é meu professor extremamente bonito, que parece detestar alunos tenazes do primeiro ano, como eu. Só que seu olhar sombrio e enigmático me conta todas as maneiras pelas quais ele me devoraria se tivesse a chance, e seus beijos roubados queimam meus lábios com um ciúme proibido.

Eu anseio por sua autoridade.

Ele anseia por redenção.

Juntos, somos tóxicos. Um delicioso alimento para os olhos curiosos, empenhados em exumar os esqueletos apodrecidos de nossos passados.

Pois os mortos têm muito a ensinar, e é apenas uma questão de tempo até que o segredo mais depravado de Dracadia seja ressuscitado.

Nocticadia

Keri Lake

Playlist

- *You’re All I Want* - Cigarettes After Sex
- *Liar* - Paramore
- *Memento Mori* - Nathaniel Drew X Tom Fox
- *Goodnight Baby* - Tarune
- *Achilles Come Down* - Gang of Youths
- *Please* - Omido, Ex Habit
- *You, The Ocean and Me* - Thalles
- *Without You* - Lana Del Rey
- *Glass In The Park* - Alex Turner
- *Sleepwalk* - MOTHICA
- *bad idea!* - girl in red
- *Feel Real* - Deptford Goth
- *The Secret History* - The Chamber Orchestra of London
- *Two Evils* - Bastille
- *Bloodstream* - Stateless
- *The French Library* - Franz Gordon
- *She’s Thunderstorms* - Arctic Monkeys
- *Crave You* - Robinson
- *Crush* - Sebastian Paul
- *Misery* - Michigander
- *October* - Broken Bells
- *Sextape* - Deftones
- *I Would* - Coin
- *Romantic Homicide* - d4vd
- *nostalgia* - Teodor Wolgers
- *we fell in love in october* - girl in red
- *Melancholia* - Daniel Paterok, Roman Richter
- *Cinnamon Girl* - Lana Del Rey
- *Make Me Feel* - Elvis Drew
- *Old Letter* - Imaginary Poet
- *Run* - Coin
- *Without You* - Omido, Bibi Silvja
- *Reflections* - Toshifumi Hinata
- *Shakespeare* - Fink
- *Tell Me The Truth* - Two Feet
- *RU Mine* - Arctic Monkeys
- *Fuck Em Only We Know* - Banks
- *Knee Socks* - Arctic Monkeys
- *Not Just A Girl* - She Wants Revenge

Nota do autor e gatilhos

Bem-vindo companheiro nocticadiano,

Muito obrigada por se arriscar no meu livro Espero que gostem da história do professor Bramwell e da Lilia. Antes de entrar neste mundo, quero apenas mencionar que vários elementos apresentados ao longo do livro são completamente fictícios, incluindo o parasita, a condição médica do Professor Bramwell e a espécie de mariposa. Para permanecerem consistentes com a patologia, as condições médicas/sintomatologia descritas também são fictícias. Incluí um glossário para referência rápida.

Além disso, tomei liberdades com a formação e profissão do Professor Bramwell, bem como com o laboratório, para me adequar à história que queria contar. Reconheço plenamente que seu laboratório nunca passaria no processo de credenciamento.

Este é um romance acadêmico gótico sombrio. Portanto, você pode esperar elementos sobrenaturais sutis, um cenário sombrio e atmosférico, um romance lento, um protagonista masculino temperamental e byroniano[1] / moralmente sombrio e com uma pitada de mistério. Como a maioria dos meus romances góticos, este é independente e, como não pretendo escrever livros adicionais para esse casal, decidi mantê-los cativos neste mundo por mais um tempo.

Um alerta de cuidado…

Este livro contém uma série de situações potencialmente desencadeantes.

Glossário e traduções

***Casteyon** – Um elemento encontrado nas cavernas de pedra preta na ilha de Dracadia

***Planta Jestwood** – Uma planta nativa de Dracadia que é considerada venenosa em altas doses

***Nocticadia** – Nome dado ao laboratório Midnight que estuda o Noctisoma, especificamente.

***Noctisoma** – Vermes longos e pretos que parasitam insetos, mas infectam outras espécies. Seu hospedeiro natural é a mariposa Sominyx.

***Mariposa Sominyx** – Uma espécie noturna de mariposa encontrada apenas na Ilha Dracadia e hospedeira natural do Noctisoma

***Stirlic Acid –** Um antisséptico descoberto pelo Dr. Nathaniel Stirling, feito da planta Jestwood que foi usada em experiências horríveis em pacientes.

Tapetum Lucidem – Um sistema refletor biológico, sensível à luz em invertebrados (normalmente não presente no olho humano, mas é descrito como um sintoma de Noctisoma no livro)

***Vonyxsis** – O escurecimento das veias que aparece como linhas pretas em mariposas e humanos infectados com Noctisoma

***Zigliomiosite/Doença de Voneric** – Uma doença neuromuscular congênita rara que leva o nome de um pintor famoso que foi diagnosticado com ela.

****Elementos de ficção do livro***

Traduções

“Voulez-vous boire un verre, mademoiselle?”

Gostaria de outra bebida, senhorita?

“Si vous comprenez, retrouvez-moi dans le cartaz nos dix minutos.”

Se você entendeu, encontre-me no armário em dez minutos.

*“**Je comprends. Et je décline votre offre.”***

Eu entendo. E recuso sua oferta.

Prólogo

Ilha Dracadia

12 de outubro de 1753

Lorde Adderly tinha visto muita morte em sua vida. Como comodoro da Marinha Real, seu aroma sufocante entupia a parte de trás de sua garganta mais vezes do que ele podia lembrar. Ele sentiu o frio de sua respiração vaporosa roçar sua pele, com um anseio que teria feito a maioria dos homens tremer.

Lorde Adderly não temia a morte. Alguns até ousaram acusá-lo de acolher isso.

No entanto, enquanto olhava através da turbulenta extensão do mar invernal, em direção a uma sinistra fumaça negra que subia da névoa circundante, um arrepio de pavor percorreu seu pescoço. A ordem para que seus homens remassem de volta de onde vieram ficou pesada em sua língua, quando, ao longe, a silhueta sombria da ilha se dividiu na névoa – uma formação rochosa arqueada que assomava no horizonte como um dragão adormecido.

A meio caminho entre a costa de Massachusetts e Acadia, colonizada pelos franceses, a pequena ilha de Dracadia sempre foi uma fonte de discórdia – uma extensão de terra que se poderia argumentar ter pertencido aos britânicos. Só depois que a maioria dos Acadians abandonou misteriosamente a ilha é que ela foi anexada como província de Massachusetts. Lorde Adderly liderou pessoalmente o ataque, estava preparado para a batalha, no caso de os franceses retornarem para recuperar a vila de Emberwick, no extremo norte.

Isso nunca aconteceu.

Os britânicos que se estabeleceram lá acabaram sofrendo uma série de infortúnios e fugiram da ilha, deixando Dracadia abandonada mais uma vez.

Claro, os rumores se espalharam. Alguns culparam a tribo indígena Cu'unotchke, que se isolou nas montanhas do sul, por ter despertado seus deuses pagãos. Seja qual for a causa, as especulações sobre maus espíritos e doenças inexplicáveis mantiveram a maioria longe da tentação da posse de terras em Dracadia. Como resultado, a ilha não abrigou mais do que os hereges que foram exilados lá. Os piores transgressores das doutrinas sagradas.

Lorde Adderly não desviou o olhar do caminho à frente enquanto a costa rompia a neblina e a água ficava mais rasa. Sobre a paisagem devastada, pássaros pretos agrupavam-se em bandos densos. Morte. Os corvos, cuja presença há muito despertava temores do mal. Lorde Adderly viu sua espécie seguir homens para a guerra com a promessa de carniça. Os pássaros circulando só poderiam ser um presságio.

Um sinal de morte.

“Querido Deus”, disse o tenente Christ, sentado ao lado do comodoro. “São os selvagens, meu senhor?”

“Não.” Embora o Comodoro tenha respondido com segurança, a verdade é que ele não sabia. Ele lutou contra todos os tipos de selvagens e, embora eles lutassem com um fervor não convencional, dificilmente eram inerentemente maus.

“Os rumores falam de pedras pretas afiadas no lugar dos dentes e olhos como lobos na escuridão”, continuou Christ tagarelando.

“Talvez você dê igual mérito às histórias de monstros marinhos e sereias.”

“Claro que não, meu senhor. Mas os homens que falam de tais coisas são sensatos. Bons homens cristãos.”

O Comodoro não tinha dúvidas da integridade deles, mas contar a verdade por trás da viagem teria provocado pânico.

Talvez até um motim.

Pois, sem o conhecimento do Tenente Christ, eles foram convocados para lá por correspondência da igreja, depois de vários clérigos não terem retornado com três bruxas acusadas. Sob os cuidados do Dr. Jack Stirling, as três mulheres foram condenadas a julgamento em Massachusetts propriamente dito. Houve suspeita de que o bom doutor tinha enlouquecido, possuído pelos mesmos demônios que ele foi encarregado de extirpar das mulheres meses atrás. O Comodoro ouviu histórias horríveis de pacientes com veias negras, que tinham ficado pendurados pelos pés sangrando. Aqueles cujas bocas e olhos foram costuradas e as línguas removidas. O Comodoro e seus homens foram enviados para investigar as reivindicações e, dados os avisos sinistros à distância, ele temia o que encontrariam lá.

Mais perto, o barco cambaleava através de ondas implacáveis e, à medida que as sombras se erguiam para revelar as cascas carbonizadas das árvores, Lorde Adderly respirou fundo, engolindo o cheiro gorduroso de carne queimada no ar. O cheiro familiar da morte.

Seis dos seus homens saltaram do barco, arrastando a pequena embarcação pelas águas rasas e, uma vez em terra, Lorde Adderly pôs os pés nas terras profanas às quais jurou nunca mais voltar. Ele passou o olhar pela impossível destruição, contemplando o que, em nome de Deus, poderia ter realizado tal façanha.

Uma ilha inteira queimada até virar cinzas.

A neblina ao redor deles se adensou e Lorde Adderly franziu a testa quando ela se instalou entre eles e a floresta queimada.

O tenente Christ caminhou ao lado dele. “Perdoe-me por dizer isso, meu Senhor, mas não tenho nenhuma inclinação para me aventurar além da costa.”

“Contenha sua língua,” Lorde Adderly falou baixo. “A menos que deseje provocar uma rebelião.”

“Meu Senhor!” — gritou um de seus homens, e o comodoro se virou e o viu apontando para as árvores.

Lorde Adderly seguiu o caminho do dedo do homem em direção às sombras no meio da neblina. Uma figura se movia em direção a eles. O barulho agudo de seus homens preparando as armas ecoou ao redor deles, mas quando o vapor branco se abriu para um menino, talvez com apenas doze anos de idade, Lorde Adderly deu um passo à frente. “Abaixem suas armas.”

Vestido com as vestes de um jovem acólito, o menino cambaleou em direção a eles, com a pele coberta de fuligem preta e as vestes manchadas com o que sem dúvida era sangue. Antes de alcançar o comodoro e seus homens, o acólito caiu na areia.

Enquanto Lorde Adderly caminhava em sua direção e se ajoelhava ao lado do menino, Christ se ajoelhou aos pés do menino, onde pequenas feridas sangrentas na parte superior sugeriam que eles haviam sido empalados por algo afiado. “Cuidado, meu senhor. Não temos ideia do *que* ele foi exposto.”

Cortes, hematomas e manchas de carne brilhante, onde a pele havia sido arrancada, marcavam sinais de abuso indescritível.

Ao vê-lo, lembrou-se do próprio filho do comodoro, e ele lutou contra as lágrimas ao perceber a condição do acólito. “O que aconteceu aqui?”

“Escuridão”, o menino sussurrou com uma respiração irregular. “O céu… virou escuridão. Todos eles queimaram.”

Lorde Adderly afastou o cabelo pegajoso e manchado de sangue do rosto do menino. “Quem fez isto?”

Através da exaustão que escurecia os olhos do menino, havia uma centelha de medo. “Eles comandaram as chamas. E as chamas cumpriram suas ordens.”

“Quem comandou as chamas? Bruxas?”

Uma piscada lenta e o menino exalou. Quando ele inspirou, seu peito chacoalhou como moedas em uma xícara de lata. “Não bruxas. Vermes. Vermes negros, saindo das bocas da loucura.”

Um silêncio caiu sobre os homens, as palavras do menino arrepiaram os cabelos da nuca do comodoro.

Christ aproximou-se e, inclinando-se, sussurrou: “O menino não parece bem, meu Senhor. Ele está falando do mal.”

Ignorando o tenente, o comodoro colocou a mão no ombro magro do menino. “Você é o único que sobrou?”

“Todos eles queimaram.”

Erguendo o olhar para o tenente Christ, o comodoro manteve a voz calma, apesar

do nervosismo. “Vamos pegar o menino e voltar para o navio. Agora.”

“Você não pode sair.” Uma tosse úmida e forte fez sair um fio de sangue da boca do acólito. “Eles não vão permitir isso.”

O comodoro franziu a testa para o menino e levantou-se. Ele ordenou que dois de seus homens o levassem de volta ao navio.

“Meu Senhor!” o timoneiro gritou com uma ponta de pânico, e o comodoro se virou para vê-lo cambaleando pela areia em direção a eles. “O barco! O barco desapareceu! Sumiu!”

“Não tema, meu Senhor.” Em meio ao barulho do pânico, enquanto os outros homens percebiam o bizarro desaparecimento, a voz enfraquecida, quase fantasmagórica, do menino, chegou aos ouvidos do Comodoro. “Seu barco nunca esteve lá para começar.”

“Não entendo suas palavras, garoto.”

“Você e seus homens… chegaram com os sacerdotes… dias atrás.” Um chiado pesado preenchia cada pausa, enquanto o menino parecia ter dificuldade para respirar.

“Você está doente de delírio. Fui convocado aqui por correspondência da própria igreja.”

Pálpebras abaixadas, lábios secos e rachados do menino esticaram em um leve sorriso. “Você está sonhando agora. Mas em breve vai acordar com o som do fogo crepitante e encontrará você e seus homens amarrados a estacas. Sua carne será queimada. E sua dor e miséria ecoarão por toda a eternidade.” Os olhos do menino se fecharam e ele soltou um suspiro, antes que seu corpo ficasse flácido nos braços do oficial.

O pavor frio arranhou a barriga de Lorde Adderly, o cheiro de gordura e pele queimada obstruindo sua garganta novamente. Ele fechou os olhos, encontrando consolo na escuridão total, e quando os primeiros sons de agonia perfuraram o ar, ele não ousou abri-los.

Capítulo 1

Lilia

Dias de hoje …

Deus, esse fedor.

O Too-crisp, crocante demais, chiava em uma frigideira enquanto eu levava o braço ao nariz. O som de carne gordurosa estalando era alto o suficiente para transmitir o apelo sincero de Jean Valjean a Javert, de *Os Miseráveis,* que tocava no teatro abaixo do nosso apartamento. Acidentalmente queimei os pedaços mais finos enquanto descascava as batatas e não havia como salvá-los naquele momento.

Qualquer delicadeza que minha mãe sempre teve na cozinha não agradou minha genética.

Eu odiava cozinhar a porcaria enlatada, mas mamãe tinha desenvolvido um desejo estranho por carne ultimamente, e estávamos sem os bifes finos e redondos que ela passou a gostar de comer malpassados. Não pude deixar de me perguntar se seus pedidos estranhos poderiam ter sido seu corpo tentando melhorar.

Eu esperava que sim, de qualquer maneira.

Observá-la devorar carne malpassada, com o sangue escorrendo pelos cantos da

boca, me fez sentir como um espectador de um episódio sangrento de *Hostile Planet.* Uma visão que diminui o apetite. Principalmente porque minha mãe nunca comeu muito carne, de qualquer maneira. Too-crisp era muito diferente de bife, mas meu padrasto Conner, se é que posso chamá-lo assim, não trabalhava há alguns dias, o que nos deixava sem dinheiro para comprar mantimentos.

“Bee!” Chamei minha meia-irmã mais nova, era o apelido de Beatrix, e joguei o Too-crisp carbonizado nos pratos que me aguardavam. “Você deu uma olhada na mamãe, como eu pedi?”

“Ah Merda!” O barulho de passos seguiu sua maldição e, com um sorriso malicioso, balancei a cabeça. Aos doze anos, cerca de quatro anos mais nova que eu, ela carregava muito mais responsabilidades do que a maioria das meninas da sua idade.

Nós duas carregamos.

A doença de mamãe havia piorado. Muito, e o fato de ela se recusar a consultar um médico por causa disso só colocava mais pressão sobre Bee e eu para navegarmos nós mesmas pela progressão de seus estranhos sintomas. Embora mamãe ainda parecesse estar com o juízo sob controle, houve momentos. Momentos aterrorizantes. Como nas noites em que ela me dizia que homens maus estavam vindo atrás de mim. As noites em que ela ficava coberta de suor, os olhos brilhando com horrores invisíveis.

Monstros, ela chamava aqueles algozes invisíveis, mas em sua mente, eles eram tão reais quanto os profundos círculos negros sob seus olhos. Embora, por mais horrível que fosse dizer, com sua coluna doentia e distorcida, olhos prateados e brilhantes e ossos profundos e salientes, ela começou a se parecer com os próprios monstros dos quais falava.

Orar nunca foi minha praia, mas eu tinha feito muitas súplicas inúteis de joelhos nas últimas semanas, e se Deus existisse, com certeza não oferecia muita esperança.

Enquanto eu servia o último pedaço de purê de batata para Bee, uma batida na porta interrompeu meu preparo. Franzindo a testa, coloquei silenciosamente a panela de volta no fogão e limpei as mãos em um pano de prato próximo. Com passos cautelosos, caminhei em direção ao corredor e espiei a porta de entrada. Outro baque forte sacudiu meus músculos, e a audácia do que quer que estivesse

por trás daquela batida desagradável aqueceu meu sangue. Caminhei em direção à porta e, pelo olho mágico, avistei um homem que não reconheci.

Olhos profundos e redondos, uma cicatriz no olho esquerdo e um nariz estranhamente torto, como se tivesse participado de muitas brigas, faziam com que ele parecesse uma foto ambulante.

Uma coisa que aprendi morando em uma cidade como Covington: você não atende a porta para estranhos. Principalmente aqueles que pareciam criminosos.

Ele bateu contra a porta novamente e eu cerrei os dentes com aborrecimento.

“Sim?” Gritei através da barreira. “O que você quer?”

A princípio, ele não respondeu, e eu o observei olhar em volta, na direção do corredor. Algo nele – aqueles olhos escuros que eu só vislumbrei e o sorriso malicioso em seus lábios – enviou um arrepio sob minha pele.

Que idiota.

Olhei para a fechadura da porta, certificando-me de que estava engatada. Infelizmente, o apartamento não tinha fechaduras melhores ou mais robustas.

“Sou amigo de Conner”, ele finalmente disse. “Ele está aqui?”

“Não.”

“Tem alguma ideia de quando ele estará de volta?”

Estudar seu rosto foi um desafio, já que o cara parecia se recusar a olhar para cima. “Olha, eu não…”

Ao som de um grito agudo, minha coluna se endireitou e voltei minha atenção para os quartos dos fundos. Abandonando o esquisito na porta da frente, corri pelo apartamento em direção à faixa de luz que brilhava sob a porta do banheiro.

Luz – o primeiro sinal de que algo estava errado. Mamãe passou a odiar a luz. Dizia que machucava os olhos dela.

“Mamãe! Não!”

Um sussurro de medo desceu pela minha nuca ao ver o que reconheci como Bee gritando com minha mãe do outro lado da porta, e entrei no banheiro bem iluminado.

Mamãe estava ao lado da banheira, emitindo um rosnado estranho enquanto a água espirrava no chão. Dois pés com meias cor-de-rosa saíram da borda da bacia.

Oh Deus.

Bee!

Pulsos gelados de adrenalina tomaram conta de mim quando corri em direção a eles e derrubei minha mãe contra a parede.

No momento em que foi solta, Bee saiu da água, com a parte superior encharcada, e soltou uma tosse forte.

“Que diabos está fazendo!” Gritei para minha mãe, cujos olhos emitiam um brilho iridescente à luz.

Com um grito, minha mãe avançou novamente, batendo em mim, e empurrou Bee de volta para a água.

O pânico explodiu em meus músculos, meu corpo não se movia mais por minha vontade, mas por instinto. Agarrei minha mãe pelos cabelos, tirando-a de cima de Bee. Um pedaço de mechas vermelhas e opacas pousou na minha palma enquanto minha mãe escorregou do meu alcance e caiu para trás contra o vaso sanitário. O chão escorregadio a fez lutar para ficar de pé novamente, e eu puxei Bee para fora da banheira, deslizando nos azulejos molhados enquanto a empurrava em direção à porta.

Uma vez no corredor, fechei a porta atrás de nós, puxando a maçaneta para mantê-la fechada.

“Vá para o seu quarto! Tranque a porta e *não* saia até eu avisar!” Eu ordenei.

“Eu estava...” Ela tossiu e choramingou. “Estava… apenas tentando impedi-la… de beber água, e ela… me atacou!”

A porta bateu e puxou meu braço enquanto mamãe lutava do outro lado. “Ela é uma delas! Ela é uma delas!” Mamãe gritou através da porta. “Não a deixe fugir! Ela vai dizer a eles que estou aqui!”

“Vá! Agora! Tranque a porta! Não abra, não importa o que você ouça!” Apoiei meus pés contra a parede e recostei-me na maçaneta, mantendo a porta fechada,

enquanto Bee corria em direção ao seu quarto.

Depois de mais um minuto de luta para mantê-la contida, as batidas pararam. Os gritos de mamãe foram silenciados.

Respirando fundo, relaxei meus músculos e me endireitei, não sentindo mais resistência do outro lado. “Mamãe?” Falei baixo através da porta, esperando que ela desse uma resposta coerente. Uma explicação para o que diabos aconteceu. Ela já havia falado sobre alguém vindo atrás dela antes, mas nunca projetou esses pensamentos paranóicos em mim ou em Bee.

Nada.

Mas o cheiro enjoativo que acompanhava a doença de minha mãe parecia mais forte do que o normal. Grosso e pegajoso, obstruiu minha garganta, e levantei as costas da palma da mão até o rosto, em um pequeno esforço para abafar o odor.

Ao longo dos últimos meses, o doce perfume floral da mamãe, um cheiro reconfortante que eu conhecia desde sempre, de alguma forma desapareceu sob o peso daquele fedor desconhecido.

Agora era tudo que eu respirava.

Ignorando a vontade de vomitar, girei a maçaneta e entrei no banheiro.

A mãe estava deitada na beirada da banheira, com o rosto submerso na água.

“Mamãe!” Corri em sua direção e, com um jato de água, ela se virou, gritando novamente.

Estendi a mão para o braço dela, mas ela balançou primeiro, batendo com as costas dos dedos na minha bochecha. A dor atingiu meus ossos em uma explosão de estrelas flutuantes que atrapalharam minha visão.

Sacudi a tontura quando ela saiu novamente e me abaixei. Dessa vez, ela não conseguiu me acertar enquanto suas mãos se agitavam em um ataque de raiva. Reunindo seus braços com força, cavei minhas unhas em seus ossos frágeis, mas uma picada afiada perfurou minha mão onde ela cravou os dentes em minha carne.

“Ai! Merda!” Eu a empurrei de cima de mim e ela escorregou, os braços se debatendo enquanto caía de costas na banheira. Quando tentei puxá-la para cima,

suas mãos se estenderam para mim e agarraram minha camisa, me puxando em direção à água.

Uma onda de fluidos subiu em meus seios da face em uma queimadura profunda, seu aperto implacável enquanto ela me segurava debaixo d'água. O pânico cristalizou meus músculos. Água espirrou com seus chutes frenéticos e lutas no meu pescoço.

Estendi a mão para a única coisa que consegui colocar em minhas mãos na confusão. Com a palma da mão em sua garganta, apertei apenas o suficiente para diminuir seu aperto, e a segurei ali enquanto meu rosto rompia a superfície da água com uma respiração ofegante.

Ela me empurrou para baixo novamente, mergulhando meu rosto na água com ela.

Apertei sua garganta com mais força e, mais uma vez, ela afrouxou o aperto.

Cada golfada de ar queimava minha garganta e saía de mim em um ataque de tosse.

Frenética, ela coçou minha nuca, tentando me empurrar para baixo novamente.

"Mamãe! Por favor!" A respiração estava fraca em meus pulmões, eu mal conseguia pronunciar as palavras enquanto meus músculos travavam em volta do meu peito. Minhas pernas deslizaram pelos azulejos enquanto eu girava seus braços para impedi-la de me empurrar.

Submersa na água, minha mãe abriu a boca. Olhos arregalados em uma expressão chocada.

Como se sua luta tivesse diminuído, ela se acalmou enquanto uma resolução assustadora passava por seu rosto, uma resolução que fazia cócegas na minha nuca.

Afastei-me e fiquei de pé sobre a banheira, sem mais segurá-la, mas ela não se preocupou em sair.

Certamente, o ar já havia murchado em seus pulmões àquela altura. Certamente, ela precisava de oxigênio.

Vamos lá! Levante-se!

Procurei pegar seu braço para puxá-la para cima, mas parei quando, de sua boca, uma criatura longa, magra e fibrosa deslizou por seus lábios e entrou na água.

Mais três saíram atrás dela – dois do nariz dela.

Um grito saiu de mim e meus membros congelaram de horror. Observei enquanto os vermes se contorciam no chão de porcelana da banheira e abriam caminho através da água para se acumularem nos buracos de drenagem. Pelo menos mais duas dúzias saíram, forçando sua boca e narinas a se abrirem. Saíram ainda mais depois disso. Todas se contorceram em direção ao ralo entupido.

Minha respiração chegou em pequenos suspiros ofegantes enquanto eu observava com horror.

Até que a escuridão me consumiu.

Capítulo 2

Lilia

Quatro anos depois …

“Lilia?” uma voz cortou o vazio.

Pisquei os olhos e me encontrei curvada sobre o ralo de uma pia amarelada.

“Terra para Lilia”, disse a voz familiar novamente.

Confusa, me virei e encontrei minha colega de trabalho, Jayda, parada ao meu lado, e me levantei da pia que estava limpando. Foi na névoa da confusão que me lembrei de esfregar a pia, durante a qual senti um cheiro estranho, mas familiar, de podridão e sujeira. O odor era tão forte que voltei a ter lembranças.

Um sorriso tímido apareceu em meus lábios e eu limpei a garganta. “Desculpe, devo ter me perdido.”

Acontecia algumas vezes. Algo desencadeava meus pensamentos, e esses pensamentos me faziam mergulhar na memória mais horrível da minha vida. Uma que nunca deixou de me puxar tão profundamente que perdia de vista da minha própria realidade.

Já se passaram quatro anos desde a morte de minha mãe, mas eu me lembrava de

cada detalhe. Os aromas. Os sons. O frio.

“Eu estava dizendo que vou trabalhar no escritório ao lado.” Com o antebraço sobre o nariz, Jayda tossiu. “Não sei o que diabos a última pessoa aqui comeu, mas isso não tem um cheiro saudável. Então, vou deixar todas essas latrinas para você”, disse ela rindo.

Ainda atordoada, peguei o pano que havia deixado cair no chão e joguei-o no balde cheio de espuma ao meu lado. A náusea habitual gorgolejou em minha barriga, e tentei esconder o tremor em meus braços e mãos - enxugando-as no meu uniforme e limpando o balde para a próxima pia. “Você é a mais doce.”

Bufando, ela deu um passo em direção à porta, mas fez uma pausa. “Tem certeza de que está bem? Você parece um pouco pálida.”

“Estou bem. Totalmente bem. Eu simplesmente mergulhei em pensamentos.”

“*Muito* profundamente, pelo que parece. Sério, você não se importa se eu começar na outra sala? Acho que nós duas podemos sair mais cedo se nos apressarmos.”

Meio sorrindo, dei de ombros. “Eu não me importo.”

Na verdade, eu odiava limpar os banheiros, os quartos dos pacientes, os consultórios, mas suspeitava que era o mais próximo que chegaria de trabalhar em um hospital de verdade. O sonho da pesquisa médica parecia desaparecer a cada dia, meu corpo ficando cansado da vida. Na minha idade, eu deveria estar terminando meu bacharelado e tentando decidir se faria o MCAT ou o GRE, mas com o mínimo de aulas que consegui na faculdade comunitária em torno do trabalho, seria um década antes de chegar a esse ponto da minha escolaridade.

“Obrigada garota. Gravidez precoce e esgoto não combinam.”

Os banheiros do porão do hospital geralmente fediam, mas o fedor que pairava no ar naquele momento era particularmente forte. “Entendi”, eu disse, acenando para ela. “Saia daqui. Não preciso limpar seu vômito.”

Rindo, ela saiu pela porta e, sozinha, exalei um suspiro longo e trêmulo. Com as mãos apoiadas em cada lado da pia, fechei os olhos e tentei clarear minha mente.

Gritos. Vermes pretos. Olhos vazios.

Balançando a cabeça, enterrei esses pensamentos nas sombras da minha mente, recusando-me a deixá-los me consumir. *Não. Não esta noite.*

O que parecia ser um leve barulho de água chegou aos meus ouvidos e abri os olhos para as cabines refletidas atrás de mim no espelho.

Na última, vi algo que não tinha notado quando entrei pela primeira vez: as solas dos pés com meias embaixo da porta.

Eu me virei, meu coração apertando com o choque da descoberta. Definitivamente, aqueles estavam abaixo da porta. “Tem alguém aí?” Eu perguntei, sabendo muito bem que alguém estava, de fato, lá. Acima dos pés, avistei a bainha da conhecida bata do hospital que todos os pacientes usavam.

Pacientes que não deveriam usar o banheiro do porão atribuído à equipe.

Um leve som de respingo chegou aos meus ouvidos novamente. Dada a posição dos pés, a pessoa provavelmente não estava indisposta naquele momento, mas poderia estar vomitando.

“Precisa de ajuda? Porque posso correr e chamar alguém, se você precisar...” Passei o dedo por cima do ombro como se pudessem me ver.

Nenhuma resposta.

Aproximei-me na ponta dos pés. “Você está doente?”

Ainda sem resposta.

Finalmente cheguei à porta do box, espiando pelas frestas finas. Cabelos ruivos, longos e desgrenhados, estavam pendurados em uma bata de paciente, entreaberta o suficiente para revelar costas pálidas e manchadas e calcinha branca. Um tom arroxeado irregular coloria os membros que eu podia ver, principalmente a perna e a mão.

Meu primeiro pensamento foi *livor mortis*, mas deixei esse pensamento de lado.

Uma secura pungente se instalou em minha garganta e engoli em seco.

Por favor, fique bem.

Dei uma leve batida, notando o movimento minucioso da porta destrancada, esperei que a pessoa respondesse com um protesto indignado à minha

curiosidade.

Ela não disse uma palavra.

Empurrei a porta.

A cabeça da pessoa repousava logo abaixo do assento do vaso sanitário, aquelas mechas de cabelo desgrenhadas escondendo o rosto.

Estendi a mão trêmula e agarrei um ombro esbelto, puxando apenas o suficiente para desviá-la para o lado. Ela rolou de costas, batendo a cabeça na parede do box, e no momento em que seu cabelo caiu do rosto, tropecei para trás.

O familiar brilho leitoso dos olhos da minha mãe olhou para mim.

Um movimento cintilou na minha periferia, e uma lufada de ar saiu de mim quando voltei minha atenção para lá e avistei um objeto longo, preto e escorregadio deslizando pelo vaso sanitário.

Um medo gelado tomou conta dos meus músculos. Eu pisquei. Pisquei três vezes.

Voltei minha atenção de volta para minha mãe. Outra forma negra e escorregadia deslizou pelos lábios roxos, descendo pela bochecha cor de ameixa até o chão de ladrilhos. Ela se contorceu direto para mim.

Um grito saiu do meu peito quando pulei para trás, caindo de bunda.

O verme veio até mim, rápido e determinado.

Antes de chegar até mim, porém, escorregou pelo ralo do chão, a meio caminho entre mim e o corpo sem vida da minha mãe.

A batida da porta causou outro arrepio em mim, e eu me levantei quando Jayda entrou no banheiro.

“Lilia? Você está bem? Eu ouvi você gritar.”

Com o nariz ardendo com a ameaça de lágrimas, balancei a cabeça, incapaz de formar palavras.

Franzindo a testa, ela deu um passo cauteloso em minha direção, os olhos examinando o cômodo. “O que está errado?”

“Precisamos ligar para alguém”, consegui dizer, apontando para o box.

“Ligar para alguém?” Com expressão esculpida em confusão, ela se virou para onde apontei. “Lilia? Você está bem?”

Voltei minha atenção para o box e não encontrei nada. Nem um único vestígio de que alguém esteve lá. “Eu, hum...” A humilhação queimou em meu rosto quando o choque da realidade tomou conta de mim. “Eu...” Minha mente procurou por uma razão, algo para roubar a possibilidade de que eu tivesse perdido a cabeça.

Jayda passou por cima de minhas pernas e abriu a porta do próximo box, saltando para trás com um grito. “Que diabos!”

Meu pulso martelava.

Ela os viu também?

Enterrando o nariz no braço, ela engasgou e recuou. “Espere aí... eu... vou chamar alguém. Apenas espere.”

Franzindo a testa, levantei-me do chão quando ela saiu do banheiro e espiei dentro do box ao lado daquele onde eu tinha visto minha mãe. Uma bola de pêlo escuro, com uma longa cauda nua, flutuava na superfície da água do banheiro. Um rato.

Isso explicava o cheiro, pelo menos.

Uma respiração ofegante saiu de mim quando me encostei na parede em frente ao box e deslizei para o chão novamente.

Um grande peso enfraqueceu minhas pernas. Um frio entorpecente pulsou pelos meus membros e peito. Sem dúvida, eu estava tendo um ataque de pânico, porque uma sensação fria e pegajosa tomou conta de mim, como água gelada enchendo meus pulmões, e eu tive certeza de que, se não tivesse me sentado, teria desmaiado.

Com os olhos fechados, respirei pelo nariz contando até quatro. Acima do barulho incessante do sangue pulsando em meu ouvido, pude ouvir a voz calma de Jayda, enquanto ela ligava para a manutenção.

Uma náusea latente subiu do meu estômago até a garganta, mas engoli a vontade de vomitar. Ácidos queimaram meus seios nasais e cerrei os olhos com mais

força, respirando com dificuldade pelo nariz.

Ousando levantar as pálpebras, olhei para o box vazio, me odiando por ter entrado em outro episódio na frente da minha colega de trabalho. Com os músculos instáveis, fiquei de pé novamente e, felizmente, o enjoo de antes passou da minha garganta até minha barriga. Respirar pelo nariz ajudou.

Agarrei o pequeno frasco com as cinzas da minha mãe que levava, pendurado no seu velho rosário que ela guardava no bolso. Era uma superstição boba que minha mãe me contou uma vez. Ela sempre usou um anel da minha avó amarrado em um colar. Quando perguntei por que usava aquilo o tempo todo, ela me disse que os mortos nunca faziam mal a quem carregava algo que lhes pertencia. Eu nem acreditava em Deus, mas minha mãe sim, e uma parte de mim se sentia compelida a guardar o rosário por esse motivo.

Meus músculos estremeceram quando a porta se abriu novamente.

Jayda entrou, mantendo distância. “Chamei a manutenção. Eles estão descendo. Você está bem?” Sua voz tranquilizadora me lembrou a de minha mãe. Aos 23 anos, ela era apenas alguns anos mais velha que eu, mas a vida parecia ter envelhecido nós duas.

“Acho que sim. Só... um pouco abalada.”

“Não, querida. Quero dizer, você está *bem?”*

Eu sabia o que ela queria dizer. Tudo parecia me deixar nervosa hoje em dia. Quem sabia o que desencadeou o episódio daquela vez. Talvez o cheiro. Talvez eu tenha visto o rato e o processado como algo totalmente diferente. Não foi a primeira vez que isso aconteceu. Jayda testemunhou alguns incidentes em que vi algo que não estava lá.

“Vou ficar bem.” As três palavras que se tornaram meu mantra nos últimos quatro anos.

Vou ficar bem.

Na maior parte do tempo, eu estava bem, exceto nos momentos em que algo provocava flashbacks.

Ou eu via alucinações ocasionais da minha mãe.

Eu estava bem, entretanto?

Imaginei que isso ainda estava para ser visto.

Capítulo 3

Lilia

Ir ao metrô depois do trabalho era uma droga. Andar de metrô depois de ver minha falecida mãe era absolutamente enervante. Embora Jayda tivesse me incentivado a sair uma hora mais cedo do que o habitual, fiquei um pouco mais só para não a sobrecarregar com todo o trabalho.

Nunca me preocupei em mencionar a alucinação para ela, mesmo que ela fosse mais uma amiga do que colega de trabalho. E nas vezes que *falei* sobre a morte da minha mãe, também nunca me preocupei em mencionar os vermes pretos na boca dela.

Principalmente porque eu tinha um mau pressentimento de que eles também não eram reais.

De acordo com o pai de Bee, Conner, minha mãe cortou os pulsos naquela noite. A história dizia que Bee finalmente saiu do quarto e me encontrou desmaiada no chão do banheiro e mamãe na banheira com os pulsos cortados. Ela correu de volta para o quarto e ligou para Conner, e quando ele chegou, ela estava escondida debaixo da cama, tremendo e murmurando para si mesma.

A história tinha um buraco na trama, no entanto. Um vazio que nunca foi preenchido depois de anos tentando lembrar os detalhes daquela noite. Não conseguia me lembrar de minha mãe ter cortado os pulsos. Certamente, eu teria

registrado mentalmente uma visão tão horrível na linha do tempo.

Porém, quando insisti que tinha visto os vermes saindo de sua boca, Conner negou a presença deles e apresentou o relatório do legista. Ali, claro como o dia, a causa da morte se destacou de todos os outros detalhes sangrentos: *grave perda de sangue devido ao suicídio*. Foi quando entrei pela primeira vez em um lugar escuro onde não podia confiar em mim mesma. Um lugar onde a realidade e os pesadelos se confundiam.

Procurei nosso médico de família, alguns meses depois, para perguntar sobre os vermes, e ele praticamente discutiu comigo, dizendo que nunca tinha ouvido falar de tal coisa. O que fazia sentido, imaginei, se eu os tivesse inventado. Várias pesquisas no Google também não conseguiram produzir nada sobre os vermes, e todas as revistas médicas que li sobre parasitas não apresentavam as complicações e a progressão dos sintomas que observei durante a doença de minha mãe.

Não tive outra escolha senão aceitar que os tinha imaginado. Afinal, o trauma pode fazer coisas horríveis na cabeça de uma pessoa.

Quando finalmente saí do trabalho, senti como se tivesse corrido uma maratona mental. Ainda não tinha o juízo total sobre mim, o que fez com que o metrô parecesse diferente esta noite. Mais assustador.

Pouco depois da meia-noite, a única rota aberta era a linha vermelha e, além de cheirar a mijo, era escassa. As únicas pessoas que estavam por perto eram os viciados e frequentadores de bares, alguns dos quais ficavam sentados desorientados ou dormindo. Covington não era a pior cidade do país, mas certamente não era a mais segura.

O cheiro forte de urina, estagnado pelo calor de julho, era apenas uma pequena distração para a turbulência que ainda agitava minha cabeça.

O problema era que eu não dormia muito. Um ciclo vicioso, na verdade. Sofria pesadelos horríveis, que me mantiveram acordada por mais horas do que a média das pessoas. Isso significava que às vezes eu via coisas. E às vezes, as coisas que via dificultavam determinar se eu estava acordada ou dormindo.

Com os olhos fechados, respirei fundo, segurando o rosário. Quando finalmente os abri novamente, percebi o olhar malicioso de um homem mais velho do outro lado do corredor. Devia ter quase quarenta anos, a julgar pelas manchas grisalhas

na barba e no cabelo. A pele branca e pálida me disse que ele não tomava muito sol. Apenas uma outra mulher estava no veículo, talvez com sessenta anos, desmaiada num canto. As outras dezenas de pessoas espalhadas pelo trem eram homens.

Minha ansiedade social veio por cortesia de minha mãe, que sempre evitou a noção de que as pessoas eram inerentemente boas. Aos olhos dela, todo mundo era um serial killer até prova em contrário e, de alguma forma, um pouco dessa paranóia se manifestou em mim ao longo dos anos.

Soltei o rosário e enfiei a mão no bolso para pegar a faca que carregava para todo lugar – até para a cama. Uma que comprei para mim há algum tempo, quando decidi trabalhar no turno da noite.

Como se o homem mais velho percebesse meu desconforto, ele baixou o olhar para o pingente em meu pescoço. Amarrado por uma corrente de contas pretas, as cinzas dentro dele constituíam a forma mais pura de minha mãe – todas as doenças que a mataram foram queimadas. A vontade de agarrá-lo novamente, para proteger minha mãe de seus olhares, me atraiu, mas em vez disso, desviei o olhar, embora ainda sentisse o olhar do homem em mim.

A voz acima anunciou que minha parada seria a próxima. Aliviada, levantei-me do assento e, sem olhar para o cara, corri pelo corredor enquanto o trem parava. No momento em que a porta se abriu, corri para a plataforma vazia.

“Ei!” uma voz rouca e grogue me chamou. “Ei, garota!”

Bêbados estúpidos. Eu lidava com eles pelo menos três vezes por semana e simplesmente não estava com disposição esta noite.

Eu o ignorei e continuei em direção à escada à frente, todo o meu corpo tremendo, os nós dos dedos queimando com o aperto da minha lâmina dentro do bolso. Um clique no botão abriu a lâmina e ofereceu um pouco de conforto onde pude senti-la pressionando o tecido contra minha coxa.

“Ei! Garota!” A voz estava mais próxima do que antes, mas não ousei me virar para olhar para ele. “Pare!”

Com o coração batendo forte no peito, corri para as escadas e, no momento em que bati no primeiro degrau, um aperto firme no meu braço sacudiu meus músculos. Girando, encarei o homem do metrô, e tirei a lâmina do bolso,

segurando-a com a mão trêmula entre nós.

“Eu sugiro que você me deixe ir. Agora.”

Ele o fez, ao mesmo tempo em que levantou minha bolsa de lona. “Você deixou isso.”

Olhando para a bolsa e de volta para ele, fiquei pasma. A tensão em meus músculos diminuiu e soltei um suspiro trêmulo. Peguei a bolsa e enfiei a lâmina de volta no bolso. “Obrigada.”

A testa espessa do homem se ergueu. “Fique segura.”

Com isso, ele saiu mancando de volta à plataforma.

Uma vez fora de vista, fechei os olhos e respirei fundo. *Recomponha-se, Lilia.*

A placa piscante do Luminet Theatre lançou uma luz brilhante na calçada, enquanto eu descia a Prather Street até a porta comum logo após a entrada do teatro. O complexo de apartamentos onde basicamente cresci a maior parte da minha vida, situado acima do teatro, foi construído no início dos anos 20, quando o teatro estava em plena expansão na cidade. O prédio em si era uma espécie de marco em Covington – o lugar onde o primeiro serial killer conhecido em Massachusetts deixou sua vítima, uma atriz conhecida na época foi esquartejada em seu camarim. Apesar da sua infâmia e história, o edifício não tinha sido bem conservado ao longo dos anos. Simplesmente não havia dinheiro suficiente para restaurá-lo adequadamente, imaginei.

Subi a escada estreita, com os ossos cansados rangendo sob minhas botas. Nem mesmo o cheiro forte de mofo e naftalina conseguia apagar o cheiro de urina que ainda entupia meu nariz. Quando finalmente cheguei ao apartamento, o som de vozes me invadiu com um pavor pulsante, especialmente quando reconheci uma delas pertencente ao amigo de Conner, Angelo. Ele apareceu há cerca de quatro anos e ficou por aqui como uma verruga feia na minha bunda – do tipo com núcleo canceroso.

“Eu não sei, cara. Esses caras têm ligações com o cartel”, disse Connor do outro lado da porta. “Eu fiz minha filha pensar.”

Minha mãe entrou em contato com Connor por causa de Bee, principalmente,

antes de ela falecer. Durante os primeiros dois anos de vida de Bee, ele morou conosco, até que mamãe o expulsou e ele acabou em Nova York, morando com colegas de quarto em algum bairro horrível. Alguns anos antes de minha mãe ficar doente, ele concordou em voltar a morar conosco, para ajudar e tentar estabelecer um relacionamento com sua filha. Considerando que eu não era adulta na época em que ela morreu, provavelmente teríamos sido jogadas em um orfanato, já que minha mãe não tinha família que eu conhecesse. Conner era um idiota absoluto às vezes, mas pelo menos ele nos manteve juntas, na maior parte do tempo.

“É uma porra grande. Olhe ao redor”, Angelo cuspiu de volta. “Você não está exatamente vivendo uma vida nobre aqui.”

Algum tempo depois da morte de mamãe, os dois iniciaram juntos um negócio secreto que Conner alegou não ser nada mais do que vender sucata que haviam conseguido. Eu não acreditei nisso nem por um segundo, desde a vez em que vi os dois espancarem um cara no beco do nosso apartamento. Porém, sempre que eu tocava no assunto, uma discussão acontecia, sempre terminando com Conner me dizendo para cuidar da minha vida.

Não gostei disso e com certeza não gostei de Angelo. O cara era um sundae assustador com uma cereja podre e mofada.

Franzindo a testa, entrei no pequeno apartamento e encontrei Angelo recostado em uma das cadeiras da cozinha, enquanto Connor bebia uma cerveja ao lado dele.

Conner se endireitou, provavelmente surpreso por me ver em casa meia hora mais cedo do que o normal. “Ei, Lil, o que está acontecendo?” Faltando apenas alguns anos para completar quarenta anos, Conner era uma bagunça, com as mãos e camisas manchadas de graxa, cortesia da oficina onde trabalhou nos últimos seis anos.

Seu amigo, por outro lado, veio um pouco mais arrumado, mas carregava um odor que me lembrava de terra recém-revolvida misturada com uma loja de ferragens.

Enquanto ele bebia sua cerveja, os pequenos olhos negros de Angelo me seguiram até o canto oposto da sala, onde mantive distância.

“Tive um problema de manutenção no trabalho.” Olhando entre Connor e

Angelo, puxei minha bolsa para cima em meu braço. “Encontrei um rato morto em um dos banheiros.”

“Legal.” Conner bufou e bebeu outro longo gole.

“Estou surpreso que você não tenha o trazido para casa para o jantar”, disse Angelo, com o lábio meio curvado em um sorriso.

“Se soubesse que você estaria aqui, teria feito isso.”

Seu lábio se contraiu. Angelo não gostava de ser desafiado, principalmente quando isso o fazia parecer um idiota. “Acho que seu pai precisa fazer algo a respeito dessa sua boca esperta.” A implicação em suas palavras me fez engolir minha repulsa.

“Fácil.” Conner, obtuso como sempre, deu um leve chute na cadeira de Angelo no momento em que o bruto levava a cerveja à boca. O fluido espirrou em seu colo, e o olhar assassino que ele lançou a Conner pareceu fazer meu padrasto se mexer. “Você não precisa ser um idiota.”

“Boas maneiras são uma língua estrangeira para idiotas”, soltei antes que pudesse me conter. Infelizmente, Conner não tinha coragem de enfrentar seu amigo se ele retaliasse, então, falar alto não foi exatamente sábio da minha parte.

Angelo lançou um olhar mordaz em minha direção, mas não se preocupou em dizer mais nada, felizmente.

Da bancada ao lado dele, Connor pegou um prato de papel que continha uma única fatia de pizza. “Guardei um jantar para você, Lil, se estiver com fome.” Ele jogou o prato sobre a mesa, em frente a Angelo, o impacto derrubou o queijo de tal forma que a visão dele diminuiu meu apetite.

Não que eu tivesse comido muito, de qualquer maneira. Não quando aqueles vermes se repetiam dentro da minha cabeça.

O telefone tocou, interrompendo o olhar mortal de Angelo, e Connor atendeu. Depois de alguns *sim*, ele desligou. “Porra! Esses malditos pássaros! Callahan está reclamando da merda no cimento de novo.”

Os pássaros da minha mãe. Grandes gaiolas no telhado do apartamento abrigavam cerca de vinte pássaros diferentes — pombos e pardais, principalmente. Nossa vizinha, Winnie, uma amiga da minha mãe que morava

perto de nós, se ofereceu para cuidar deles depois que minha mãe faleceu, mas ela nem sempre era boa em limpar a sujeira deles. “Desculpe. Foi uma semana agitada, vou limpar.”

“Não, está tudo bem. Ela quer que eu verifique a pia da cozinha também, eu acho.” Além de trabalhar na oficina na mesma rua, Connor foi nomeado consertador não oficial do complexo de apartamentos, motivo pelo qual obtivemos cem dólares de desconto no aluguel. “Já volto”, disse ele, e colocou a cerveja no balcão antes de passar por mim.

Parecia que a viúva Callahan estava ligando para ele com frequência ultimamente, e eu deveria estar em coma para não perceber que algo estava acontecendo entre eles. Não que eu me importasse, exceto que odiava ficar sozinha com Angelo.

Depois dele sair, Angelo acendeu um cigarro, e o cheiro de cigarro barato encheu a sala.

“Não é permitido fumar aqui.”

O canto de seus lábios se curvou para cima em um sorriso doentiamente malicioso. “Venha apagar. Atreva-se.”

Revirando os olhos, passei por ele em direção à pia para pegar um copo de água, vendo que minha garganta de repente ficou seca. Eu teria ido direto para o meu quarto, mas tive medo de que ele me seguisse até lá. Era melhor estar mais perto das facas de cozinha. “Por que você está aqui tão tarde?” Olhei para trás e, ao vê-lo olhando para minha bunda, uma onda de ácido subiu pela minha garganta. Virei o copo de água, afogando a vontade de denunciá-lo.

“Lily Cat”, disse ele, ignorando minha pergunta. “Você não é mais tão pequena, não é, gatinha?”

“Não me chame assim.”

“Por que isso te incomoda? Você tem namorado ou algo assim?” O som de sua risada quando eu não respondi me irritou. “Não. Claro que você não tem namorado. Homens são idiotas, certo?”

“Bastante.”

“Você já tocou em um antes? Um idiota, quero dizer.”

Balançando a cabeça, coloquei o copo na pia. Eu oficialmente ultrapassei meu nível de paciência. Porém, quando me virei para sair, ele estava atrás de mim, me prendendo contra o balcão.

“Uma garota bonita como você. Parece que já deve ter tocado em muitos paus.”

Eu me afastei da pia para passar por ele, mas ele pressionou seu corpo contra o meu, disparando alarmes em minha cabeça. “Deixe-me ir, sua maldita aberração,” eu cerrei os dentes e soltei meu braço de seu aperto.

Dedos com unhas afiadas cravaram em minha garganta e eu congelei, rangendo os dentes de raiva, enquanto ele se inclinava para mim, como se ousaria me beijar.

Com os olhos fixos em meus lábios, ele sorriu, seu hálito cheirando a cerveja e cigarro. “Às vezes, imagino seu sangue em todo o meu pau, e isso me deixa duro.” Olhos frios e negros mudaram dos meus lábios para os meus olhos, o sorriso em seu rosto desaparecendo. “Você se incomoda quando eu digo isso?”

Mordi o interior da minha bochecha para acalmar o tremor da minha mandíbula. O cara me assustava muito, mas me recusava a admitir isso para ele. Algo me disse que ele ficou com medo.

A faca. A faca estava no meu bolso, mas por mais que eu tremesse, provavelmente teria deixado cair a maldita coisa antes mesmo de cortá-lo com ela. “Se você não me deixar ir agora mesmo, eu vou gritar.”

“*Vou gritar,* porra”, ele zombou. “Então, grite. Acha que alguém neste bairro se importa?” Ele deu uma tragada no cigarro e soprou na minha cara.

Com os lábios selados, torci tanto quanto seu aperto permitia, recusando-me a respirar.

“Se não fosse por mim, seu velho estaria se afogando em contas agora. Sou eu quem mantém sua irmã naquela maldita escola de charlatões. E quem evita que você tenha que vender sua linda bunda de gatinha nas ruas para pagar a faculdade?”

Depois da morte da minha mãe, a saúde mental de Bee deteriorou-se rapidamente. Ela mergulhou no tipo de depressão que me fazia ver como ela estava durante a noite e ligar para a escola durante o dia. Minha terapeuta

sugeriu um internato – Bright Horizons, centrado na saúde mental – e se ofereceu para avaliá-la para admissão. Bee passou com louvor e até conseguiu uma pequena ajuda financeira para cobrir parte dos custos de suas mensalidades. Connor e eu dividimos o resto – uma contribuição involuntária da parte dele, já que ele achava que doença mental era um monte de besteira. O idiota realmente teve a coragem de me dizer isso uma vez, e juro que foi preciso muita força de vontade para não o arrastar e bater nele.

Eu não poderia arriscar sua raiva, no entanto. Precisava que ele pagasse parte da mensalidade dela, então irritá-lo não era uma opção. Foi por isso que fiquei no apartamento apertado em cima do teatro, trabalhando em um trabalho noturno de merda e tendo o mínimo de aulas a cada semestre na faculdade comunitária.

E lidar com Angelo, claro.

“É melhor você não nos envolver no cartel.” Palavras ousadas da minha parte, e me arrependi delas no momento em que as disse.

Com os dentes à mostra, ele apertou minha garganta com mais força, a pressão amplificando a pulsação rápida em meu pescoço. Não o suficiente para fechar completamente minha traqueia, apenas o suficiente para me assustar, pensando que ele poderia ter feito isso. “Você se acha tão esperta, não é? Que *cientista promissora* esfrega manchas de merda em banheiros? Huh? Huh?”

Agarrei seus dedos, recusando-me a deixar o medo gorgolejante aparecer em meu rosto. Uma palma ainda esmagava minha garganta, enquanto sua mão segurando seu cigarro segurava meu pulso e ele olhava para baixo. “Memento *mori* “, ele leu na tatuagem em meu antebraço. “Você é uma daquelas vadias sombrias que fantasiam sobre a morte o tempo todo, é isso?”

Não era isso, de jeito nenhum. Na verdade, a tatuagem era um lembrete de humildade, mas o que aquele idiota sabia sobre isso?

“Deixe. Me. Ir.”

Angelo riu e soltou meu queixo.

Finalmente livre de seu aperto, deslizei para longe dele o máximo que pude, meu corpo ainda tremendo por causa do encontro.

Ele amassou o cigarro na minha fatia de pizza em ruínas. Não que eu fosse

comê-la de qualquer maneira, com meu estômago embrulhado e ácidos queimando minha garganta. Zombando de mim, ele saiu da sala. Nem um minuto depois, a porta clicou, anunciando sua saída, e soltei um suspiro.

Recomponha-se.

Depois de jogar a pizza no lixo, segui em direção ao meu quarto. Uma vez lá dentro, bati a porta e pressionei minha testa contra a superfície, deixando a adrenalina daquele encontro fodido com Angelo se acalmar enquanto eu lutava contra as lágrimas.

Eu o odeio. Odiava que Conner confiasse nele perto de mim. Odiava o quão fraca eu me sentia em sua presença. Quão vulnerável.

Através de respirações profundas, acalmei a batida do meu coração. *Ele se foi. Tudo bem.*

Com essa nota, fui para o meu quarto – meu santuário, repleto de livros, velas, pequenos potes de boticário cheios de minhas ervas secas favoritas e sais de tecido, dados a mim por Glinda, a dona da loja homeopática a um quarteirão de distância. Um lugar que frequentei quando minha mãe ficou doente.

Deixei minha bolsa ao lado da cama a caminho do armário, onde tirei uma pequena caixa de bugigangas da prateleira de cima. Abri-la revelou uma série de objetos não relacionados – pequenos tesouros que colecionei nos últimos anos. Ossos de um pardal morto há muito tempo, a pena vermelha brilhante de um cardeal, que minha mãe sempre me disse ter sido um presente dos anjos, uma costela de esquilo e seis dos meus dentes de leite em uma pequena garrafa com rolha. Abaixo de tudo isso havia uma foto minha e de minha mãe, de antes de sua doença se instalar, uma das presilhas de Bee com uma abelha de pedra amarela e branca, moedas e pedras estranhas que colecionei e um cristal que Glinda me deu de presente. proteção.

Dentro da caixa, depositei o rosário, fechei-o e coloquei-o de volta na prateleira de cima. A partir daí, tirei os sapatos e me sentei na cama, exausta. Eu precisava dormir um pouco. Afinal, tinha uma reunião com meu professor logo pela manhã.

Duas semanas atrás, eu escrevi um trabalho para minha aula de microbiologia. Um estudo de caso. Embora pretendesse ser ficção, a tarefa era inventar uma doença *fictícia*, e aproveitei a oportunidade para escrever sobre a doença da

minha mãe. Uma expiação de culpa, na verdade, visto que anotar os acontecimentos me ajudou a perceber o quão errado era eu ter sido sua cuidadora principal naquelas semanas antes de ela morrer. Ela se recusou a consultar um médico e permaneceu inflexível para que eu não a levasse a nenhum hospital, por pior que fosse.

Em vez de detalhar o suicídio no final, escrevi sobre os vermes. Achei que não faria mal, visto que eles não existiam de qualquer maneira. Referi-me à doença no artigo como Síndrome do Blackworm e, aparentemente, aquele pequeno e encantador estudo de caso me rendeu uma reunião com meu professor logo pela manhã, antes da aula.

Não havia mencionado o nome da minha mãe no estudo. Também não me referi a ela como minha mãe. Sempre a considerei implacavelmente protetora de sua privacidade. Ainda assim, mesmo que eu tivesse apenas dezesseis anos na época, não pude deixar de sentir um pouco de culpa por seu rápido declínio. Por não insistir para que ela fosse examinada quando as coisas começaram a piorar e ela começou a ver coisas que não existiam.

Especialmente se isso pudesse tê-la salvado no final.

Do outro lado do quarto, sobre minha mesa improvisada de caixotes de madeira empilhados e compensados, estava pendurado um quadro que minha mãe havia pintado anos antes de ficar doente. Uma paisagem marítima cênica à beira de um penhasco, com um carvalho de aparência antiga, cujos galhos curvos sustentavam um pequeno balanço. Sempre me trouxe uma sensação de paz – um lugar tão distante do apartamento de merda na cidade ruim. Perguntei a ela uma vez se já tinha estado lá antes.

“Em um sonho”, ela disse.

Uma dor sombria floresceu em meu peito quando peguei uma foto fixada na parede ao lado da minha cama, de minha mãe, eu e Bee, tirada cerca de dois anos antes de minha mãe ficar doente. Minha mãe sempre teve um brilho especial, mas ainda mais naquele dia, quando o sol brilhava através das mechas quase bordô de seu cabelo. Ela possuía a beleza de uma chama indomada, destrutiva e selvagem.

Durante toda a minha vida, me disseram que eu era uma imagem dela.

Eu nunca tive a chance de ser selvagem e indomável, no entanto. Sempre me

senti mais como a chama daquelas lareiras elétricas – uma farsa contida em vidro, sem muito potencial para fazer nada. A vida me acorrentou no momento em que ela ficou doente e, de alguma forma, simplesmente não consegui me livrar dessas correntes.

Embora Bee também tenha herdado algumas de suas características, ela parecia ter adquirido muito mais características de Conner. Enquanto os meus olhos e os da minha mãe eram de um verde azulado brilhante, os dela eram castanhos, como os do pai. Ao contrário de Bee, eu nunca conheci meu pai. Segundo minha mãe, ele era um caloteiro, então nunca tive muito interesse.

Também diferente de mim, sobre o olho direito de Bee havia um caroço, um cisto dermoide com o qual ela nasceu - um cisto que tinha sido uma fonte de insegurança para ela desde que tinha idade suficiente para frequentar a escola, onde seus colegas idiotas zombavam disso. Infelizmente, minha mãe nunca teve condições de removê-lo, então ele ainda deformava um pouco seu olho, embora ela não parecesse tão preocupada com isso ultimamente.

Enquanto eu olhava para minha pequena, mas desfeita família, um pavor serpenteava e se contorcia dentro de mim.

Me ajude!

Mamãe, não!

Gritos distantes ecoaram em meus pensamentos e, com os olhos fechados, balancei a cabeça.

Não, não. Não olhe para isso. Não olhe.

A escuridão voltou para o canto da minha mente e exalei um suspiro instável, abrindo os olhos novamente. Um leve tremor em minha mão sacudiu a imagem enquanto eu diminuía a respiração.

Relaxa. Passou.

Prendi a foto de volta na parede e, debaixo da cama, peguei uma das restrições pretas que mantive escondidas lá - uma restrição de pulso de BDSM que tive que comprar em uma loja de brinquedos sexuais um tempo atrás. Depois de prender uma extremidade à estrutura metálica da minha cama, parei por um momento, certificando-me de que Angelo não tinha decidido voltar para mais assédio.

Nada além dos sons silenciosos do apartamento – o zumbido do aparelho de ar-condicionado na janela da sala, os carros descendo a Prather Street e a música abafada do teatro abaixo, enchiam o pequeno quarto.

Tranquilizada, enfiei meu canivete debaixo do travesseiro e prendi a outra ponta da restrição em meu pulso. Era apenas velcro, para que, se necessário, eu pudesse me soltar rapidamente. Foi praticamente a única coisa eficaz para me impedir de ter sonambulismo, mesmo que não fosse a mais segura. Eu tentei a via da medicação uma vez, mas sem seguro, isso não era mais uma opção. E dado o número de vezes que me vi do lado de fora do apartamento, percebi que precisava fazer alguma coisa. Por mais estranho que tenha sido, a restrição funcionou, e eu só tive que fazer um lado, já que os puxões e barulhos contra o metal geralmente me acordavam. Ainda bem.

Tive a sensação de que teria uma noite agitada.

Capítulo 4

Lilia

O professor Wilkins estava sentado à minha frente, com os olhos severos e ilegíveis, como sempre. Ao contrário dos meus outros professores, seu escritório ostentava uma qualidade rica, com cadeiras de couro cor de vinho, uma mesa grossa de cerejeira com aparador combinando, luminárias de luz natural e estantes de livros atrás dele. A sala combinava com a personalidade do cara, já que ele era provavelmente o único professor que eu conhecia no Covington Community College que usava gravata borboleta todos os dias e falava como algo saído de um filme antigo de Cary Grant.

Depois de um momento arrumando alguns papéis espalhados em sua mesa, ele entrelaçou os dedos e olhou para mim. “Senhorita Vespertine… sobre o artigo que você escreveu…”

Uma picada aguda em meu lábio inferior me lembrou de parar de mordê-lo – um mau hábito que adquiri para evitar roer as unhas. “Senhor, posso... estou com problemas por alguma coisa? Eu só quero tirar isso do caminho primeiro. Rasgar o band-aid, por assim dizer.”

Ele se recostou na cadeira, me olhando por um momento. “Não. Você certamente não está com problemas.”

Exalando um suspiro mais tranquilo, soltei as alças da cadeira que estava

agarrando. “Isso é um alívio.”

“O artigo que você escreveu, Srta. Vespertine, foi bastante envolvente. Fascinante, com todos os detalhes. Você parece ter uma visão excepcional do parasita *fictício* sobre o qual escreveu. Aqueles vermes que você descreveu pareciam assustadores.”

Fechei os olhos para um flashback daqueles vermes escapando da boca da minha mãe na visão que tive na noite anterior. Durante toda a noite, tive pesadelos horríveis ao vê-los rastejando pelo chão e saindo de sua boca. “Suponho que tenho muita imaginação.”

“Estou curioso para saber o que aconteceu com a pessoa de quem você cuidava no artigo.”

“O que quer dizer, senhor?”

“Você nunca incluiu o destino dela no resumo do final. Apenas o curso da doença, a progressão dela e suas observações.” Com os dedos entrelaçados, recostou-se na cadeira, os olhos cheios de preocupação.

“Bem, eu... suponho que, dado o fato de não ter oferecido uma cura para isso, não me importei em mencionar o destino dela.”

“E por que você não criou uma cura?”

Dei de ombros, limpando a garganta. “A tarefa era simplesmente escrever uma doença fictícia e seu impacto na fisiologia humana.”

“O que você fez de maneira brilhante. Tão brilhantemente que me sinto compelido a perguntar como surgiu esta doença em particular?”

Alguém mais escreveu a mesma coisa? Não entendi por que ele teria convocado uma reunião para me fazer essas perguntas. “Imploro seu perdão, senhor. Eu a inventei. Você disse que eu não estava com problemas, mas sinto que está me acusando de alguma coisa.”

A tensão em seu rosto suavizou-se para uma leve risada e ele balançou a cabeça. “Perdoe-me, não estou acusando você, senhorita Vespertine.” Com um suspiro, ele olhou para mim novamente. “O parasita sobre o qual você escreveu não é fictício. Embora eu saiba que existem milhares de parasitas, os sintomas que descreveu são bastante reveladores desta espécie em particular.”

Uma batida de choque pulsou dentro do meu peito e minha mente girou para trás, repetindo suas palavras. “O que acabou de dizer?” perguntei com uma voz fraca.

“Eu disse, o parasita descrito no seu artigo não é fictício. Isso *existe*.”

Isso existe. De verdade.

Não foi inventado na minha cabeça. Não. Isso não poderia estar certo.

“Você está brincando?”

Com os lábios achatados, ele balançou a cabeça. “Eu não teria convocado uma reunião com base em uma piada.”

Exceto que tinha que ser. Durante anos, me disseram que era uma invenção da minha imaginação. Fui levada a acreditar que o que vi tinha sido distorcido pelo trauma do suicídio de minha mãe. Demorou, mas acabei aceitando a explicação. Foi a mentira que minha cabeça contou para proteger meu coração, porque o suicídio de minha mãe não fazia muito sentido de outra forma. Ela amava Bee e eu demais para nos deixar daquela forma, para acabar com sua vida de forma tão horrível.

Tudo se desfez dentro de mim. Quebrando como galhos frágeis que me ancoraram em alguma verdade.

A notícia era de alguma forma validadora e aterrorizante ao mesmo tempo.

“Você não encontrará isso em nenhum livro ou pesquisa online.” O professor Wilkins interrompeu o turbilhão de pensamentos na minha cabeça. “Isso ocorre porque a pesquisa está em andamento e é de propriedade privada.”

“Propriedade privada? Parece-me que algo capaz de infectar outro ser humano deveria ser tornado público.”

“Voltarei a isso em um momento.” Ele levantou uma pilha de papéis ao seu lado e eu simplesmente peguei o título do meu estudo de caso que ele imprimiu. “Depois de ler seu artigo, enviei-o a uma colega minha para revisão. O nome dela é Loretta Gilchrist. Ela é professora de entomologia e chefe do departamento da Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Dracadia. Você conhece a faculdade?”

A universidade cara e pomposa para a qual me inscrevi sem entusiasmo no verão anterior ao meu último ano, quando esperava um dia me tornar advogada, embora soubesse muito bem que não seria aceita. Sim, eu sabia disso. E, claro, fui rejeitada. Ainda bem, porque foi mais tarde que tomei a decisão de mudar de curso e encontrar a cura para a doença desconcertante que assolou minha mãe. “Sim, já ouvi falar disso. Faculdade de Direito, certo?”

“Eles têm uma faculdade de direito, sim. Mas são muito mais conhecidos pela pesquisa médica.”

“Bem, quero dizer, estão um pouco fora do meu alcance, então acho que faz sentido eu não saber disso.”

“Eles são muito seletivos com relação aos candidatos. A faculdade, como você sabe, é bastante prestigiada. Vários indivíduos proeminentes percorreram os corredores de Dracadia.” Ele revirou os ombros para trás, uma expressão de orgulho colorindo sua expressão. “Acontece que é minha antiga faculdade.”

Por mais que eu quisesse perguntar por que, se fosse esse o caso, ele estava dando aulas de microbiologia geral na faculdade comunitária, mantive os lábios fechados.

“Como eu suspeitava, Dra. Gilchrist também ficou bastante impressionada.” Ele enfiou a mão na mesa e retirou um envelope preto, que me entregou. “Ela aparentemente compartilhou seu trabalho com o Reitor de Admissões, Dr. Langmore, que me pediu para repassar isso para você.”

Franzindo a testa, aceitei o envelope sem endereço e virei-o para ver que estava lacrado com cera dourada, carimbado com um “D” do inglês antigo. “O que é isso?”

“É para você. Abra.” A austeridade habitual que lhe dera a reputação de ser um idiota, transformou-se em algo completamente estranho para ele. O homem exibia um sorriso vertiginoso, e o brilho de excitação em seus olhos me deixou curiosa e preocupada.

Quebrei o lacre de cera e encontrei outro envelope preto dentro, aquele endereçado a mim em uma bela caligrafia dourada. A abertura do envelope revelou um pergaminho grosso, dobrado em terços perfeitos. Um selo estampado marcava o topo da página com o mesmo D inglês da cera.

Prezada Srta. Vespertine,

Em nome da Universidade Dracadia, tenho o prazer de lhe oferecer admissão na Faculdade de Ciências Naturais. Nossa universidade se orgulha de sua excelência acadêmica e pesquisas médicas inovadoras. Acreditamos que suas credenciais, juntamente com o endosso pessoal do Dr. Wilkins, fazem de você a opção perfeita para nosso programa de graduação.

De acordo com a bolsa acadêmica que concedemos para o semestre de outono, todas as despesas de viagem, livros didáticos e hospedagem serão cobertas.

Caso você decida aceitar este convite, o trem da meia-noite em Covington Park fornecerá transporte para a cidade portuária de Thresher Bay, Maine. Em seguida, você pegará a balsa para a Ilha Dracadia.

A matrícula depende da conclusão bem-sucedida da sua inscrição. Recomendo que você faça login em sua conta de estudante, que tomei a liberdade de configurar para você, para começar a se inscrever nas aulas de outono. Lembramos que as aulas começarão no dia primeiro de setembro.

Devido à natureza competitiva de nossas admissões, pedimos que você entre em contato conosco o mais rápido possível para informar sua decisão. Estou disponível no endereço de e-mail e/ou número de telefone listado abaixo para esclarecer qualquer dúvida ou preocupação que você possa ter.

Estou muito ansioso para ouvir de você.

Atenciosamente,

Gilberto Langmore

Reitor de Admissões

LangmoreG@dracadia.edu

Escritório: 555-721-3699

Olhei para a carta, a confusão provavelmente rabiscada em meu rosto enquanto eu lia trechos dela pela segunda vez. “Eu não …. não entendo. Minha admissão foi negada. E quero dizer, com razão, está fora do meu alcance. Isso não faz

nenhum sentido.”

“Você se inscreveu no programa de ciências médicas antes?”

“Não. Originalmente, planejei me tornar advogada naquela época. Mudei de ideia.”

“Bem, parece que eles também reconsideraram. Embora eu certamente não esperasse que minha discussão com a Dra. Gilchrist resultasse em admissão, direi que, academicamente, você possui a aptidão, Srta. Vespertine. Não se engane sobre suas qualificações.” Um estranho entusiasmo permanecia em suas palavras, o que de alguma forma não conseguiu me emocionar.

“Agradeço isso, mas... esta carta oferece um semestre. Não tenho como pagar uma escola como essa. Mal posso pagar as mensalidades de Covington.”

“Um semestre *com oportunidade de continuar*. A faculdade se orgulha de sua retenção e sucesso acadêmico. Suspeito que vão te avaliar no final do semestre e farão uma nova oferta.”

Ainda segurando a carta com uma das mãos, esfreguei a tensão na minha nuca. “Perdoe-me, não quero parecer ingrata, mas receber uma carta de aceitação desta forma parece... não oficial?”

A excitação em sua expressão se transformou em seriedade. “Dado o fato de que você mesma não se inscreveu, talvez o Dr. Langmore achasse que, se tivesse enviado o documento para sua casa, o assunto poderia não ter sido levado a sério.”

Era verdade. Se eu tivesse recebido algum convite sofisticado como esse em casa, para uma faculdade que já havia rejeitado minha admissão, provavelmente teria pensado que era uma farsa e desistido.

“Entenda, senhorita Vespertine, que entre pesquisadores e aqueles que desejam seguir a carreira médica, em particular, Dracadia recebe mais de *trinta mil* inscrições todos os anos. Sua taxa de aceitação é de dois e meio por cento. Bem abaixo de Yale, Harvard, Stanford, Princeton. Isso é *menos de* mil alunos.”

Eu entendi a matemática. Se eu mesma *tivesse* me inscrito na faculdade para ciências médicas, minhas chances de entrar sem a indicação de Wilkins seriam excepcionalmente pequenas. Provavelmente era impossível. “Esta

universidade… na verdade está localizada *em* Dracadia?" Uma pequena ilha na costa do Maine, se minha geografia estivesse correta.

"É, sim."

Esfreguei com mais força meu pescoço. "Isso é mais de três horas de distância."

"Acredito que sua bolsa inclui despesas de dormitório e viagens."

Outra digitalização da carta confirmou a inclusão de moradia e viagens. Dracadia era um daqueles locais que, assim como Martha's Vineyard, sempre imaginei ser um local de férias de verão para os ricos. O custo de um semestre na universidade deve ser ridículo – um pensamento que continuava a tornar o convite um pouco difícil de engolir. "Como eles adquiriram minhas transcrições recentes, minhas notas nos testes?"

"Como entidade privada, eles não têm obrigação de avaliar cada candidato segundo os padrões habituais. Eles poderiam lhe oferecer uma bolsa de estudos simplesmente porque gostam do seu nome. E acredite, isso acontece."

"Para uma escola que se orgulha da retenção e do sucesso acadêmico, isso não parece sensato."

Dando uma leve bufada, ele assentiu. "Eu entendo sua apreensão. E talvez descrença. Permita-me voltar à sua pergunta sobre o parasita e a pesquisa. É Dracadia quem controla a pesquisa, Srta. Vespertine. O parasita em questão chama-se *Noctisoma*. É um parasita que existe predominantemente na ilha e raramente infecta humanos. Simplesmente não somos hospedeiros muito confiáveis e nem todos os médicos estão cientes do parasita como um patógeno *humano.* Por isso que é interessante para mim que você saiba tanto sobre isso, considerando que quase nunca é diagnosticado fora de Dracadia."

Não é um patógeno humano típico. "Talvez seja apenas coincidência."

"Eu não acho. A maneira como você descreveu a expulsão da boca do sujeito é bastante indicativa, pelo que entendi pela Dra. Gilchrist. No início do ano, você me disse que estava interessada em encontrar a cura para o que tirou a vida da sua mãe. Essas não foram suas palavras exatas durante a apresentação?"

Eram. Acho que não percebi que ele havia feito uma anotação mental delas.

"Eu não queria me intrometer no que a afligia. Porém, se a paciente do seu

estudo de caso for realmente sua mãe, você certamente não perderia a oportunidade de frequentar a única universidade autorizada a estudar esse parasita específico? Mesmo que apenas por um semestre. As respostas às suas perguntas não valem a pena?”

Sim. Elas valiam. Durante toda a minha vida, eu quis respostas. Respostas que médicos e especialistas com quem fiz questão de contatar por conta própria não forneceram. “O que torna este parasita capaz de infectar humanos?”

“Evolução, é claro. Mas requer um veículo de transmissão. Admito que não sou suficientemente versado neste parasita para saber como ele funciona, mas há um especialista em Noctisoma em Dracadia. Professor Bramwell. Ele ensina Neuroparasitologia e anatomia macroscópica, e é certificado em anatomia e patologia forense. É também ele quem realiza autópsias nos suspeitos de Noctisoma.”

Bramwell. Fiz uma anotação mental disso. “Foi o meu artigo que decidiu a admissão?”

“Eu estaria disposto a apostar nisso. Como disse, foi bastante impressionante e demonstra a amplitude do seu entendimento. De uma série de tópicos, na verdade – parasitologia, bem como fisiologia e pesquisa.” Ele se levantou da cadeira e pegou uma foto da estante atrás dele. Ele olhou para ela por um momento antes de colocá-la sobre a mesa. Nela, uma versão muito mais jovem dele estava diante de um antigo edifício de pedra, com torres pontiagudas que me lembravam a Catedral de Notre Dame. “Posso dizer por experiência própria que, depois de frequentar Dracadia, você não vai querer sair.”

Os vermes existiam. Não na minha cabeça. De verdade.

E havia uma universidade especializada em estudá-los.

A possibilidade parecia impossível. Um sonho que aproveitou as lembranças e os pensamentos mais perturbadores e conjurou algo completamente ultrajante, como uma escola da Ivy League estendendo um convite a uma garota que mal tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus para chegar lá. “Posso pensar sobre isso?”

“Claro. Mas o primeiro semestre começa depois do Dia do Trabalho. Eu não demoraria muito. Como disse, essas posições são poucas e raras.”

Um calor peculiar e inexplicavelmente nostálgico tomou conta de mim enquanto eu olhava para a foto novamente. “Eu entendo. E obrigada, professor. Agradeço sua confiança.”

Capítulo 5

Lilia

Eu deveria estar estudando para o meu exame de física online. Definitivamente não *ficar pesquisando* a Universidade Dracadia no Google. Especialmente porque não era uma possibilidade para mim. Estar em uma universidade tão distante, com horário integral, significaria não conseguir cobrir metade das mensalidades de Bee. Não só isso, mas Conner definitivamente iria surtar se eu lhe dissesse que não poderia mais cobrir minha parte do aluguel. Ele sem dúvida jogaria a mensalidade de Bee na minha cara e a tiraria de Bright Horizons.

Clicar nas imagens da universidade doeu, no entanto.

Situada numa ilha, a faculdade já foi um antigo mosteiro para clérigos – um local construído predominantemente para estudos religiosos. Embora parecesse que alguns edifícios mais novos tinham sido adicionados ao campus, ele mantinha a mesma aparência geral da arquitetura acadêmica gótica vista em faculdades antigas como Harvard e Yale. O enorme edifício que eu tinha visto na foto do professor Wilkins ficava num penhasco íngreme, como se a própria fundação tivesse sido construída na formação rochosa. Parecia ter séculos de idade, com suas pedras cobertas de líquen e alvenaria esculpida, raramente vista hoje em dia.

Um muro de pedra separava o campus da floresta circundante, e o que parecia ser uma pequena cidade ficava no sopé do penhasco. O campus me lembrou algo da *Sociedade dos Poetas Mortos*. Rico em tradição, oportunidade.

Um sonho.

Um muito fora do meu alcance.

Para me divertir, porém, digitei o endereço de admissão na barra de pesquisa e fiz login com as credenciais temporárias que me foram fornecidas na carta. Lá, na tela, havia uma conta já configurada para mim, assim como Dean Langmore havia mencionado – um perfil sem imagem, mas uma sequência numérica havia sido atribuída e todas as minhas informações gerais já haviam sido preenchidas. Abaixo do meu nome, um botão para me inscrever nas aulas me provocou a clicar nele. Verifiquei o URL novamente com aquele que pesquisei no Google. Tudo parecia legítimo.

Infelizmente, eu tinha muito o que fazer.

Com um suspiro, saí da busca e recostei-me na cadeira, olhando para a pintura da árvore, do balanço e do vasto oceano além dele. De alguma forma, isso capturou minha sensação de saudade naquele momento.

“Eu gostaria que você estivesse aqui, mamãe”, sussurrei para mim mesma. “Realmente poderia usar seu conselho agora.” Quando não estava ocasionalmente tendo visões fantasmagóricas dela, às vezes a ouvia em minha cabeça. Aquela voz suave que falhava sempre que ela tentava gritar comigo e com Bee. Sorri com a lembrança de rir sempre que ela ficava com raiva de nós e aquela voz gentil não conseguia intimidar.

Inclinando-me novamente, abri a barra de pesquisa e digitei *Noctisoma.* Agora que finalmente consegui um nome, talvez a internet possa oferecer mais informações.

Alguns estudos médicos apareceram no Medscape, mas quando cliquei, ele ofereceu apenas uma breve sinopse – nada aprofundado ou acessível para mim sem as credenciais de login adequadas. Acessei o site do CDC e digitei o parasita lá. Apenas um relatório de dados de uma conferência de Genebra o listou entre páginas e páginas de outros parasitas.

Não havia literalmente *nada*.

Para completar, digitei *Black Worms* e *Dracadia University*. O primeiro artigo a aparecer na tela foi de uma *Dracadian Gazette*, datada de apenas algumas semanas atrás, cuja manchete dizia: *Mulher sem-teto agride reitor com intenção de matar.* Continuou descrevendo uma mulher que se acredita se chamar Andrea Kepling, que morava em uma das casas abandonadas da ilha e invadiu a casa do Dr. Lippincott, reitor da Universidade de Dracadia. Armada com uma picareta, ela o acusou de colocar minhocas em sua barriga, segundo a esposa de Lippincott, que testemunhou o ataque.

Parei ali. No auge da doença de minha mãe, ela me acusou de colocar algo dentro dela também. Infectando-a intencionalmente. Aqueles foram os momentos em que seus olhos ficaram vazios, suas pupilas dilatadas. Foram os momentos em que ela parecia positivamente selvagem o suficiente para me matar. Eu não poderia imaginar alguém invadindo minha casa naquele estado. Com uma picareta, nada menos.

Aparentemente, a mulher conseguiu ferir a perna de Lippincott, mas escapou antes da chegada das autoridades.

O retrato falado de Andrea não parecia o de uma criminosa. De certa forma, ela me lembrava minha mãe, com seus longos cabelos e olhos cansados.

Ao ouvir uma batida na porta, gemi e fechei meu laptop. “Estou estudando.”

“Só preciso conversar um pouco”, disse a voz abafada de Conner do outro lado da porta.

“Tudo bem. Um segundo.”

Ele abriu a porta e espiou para dentro antes de entrar no quarto. “Ei, ah...” Esfregando as mãos, ele limpou a garganta. “Sei que as coisas têm sido muito difíceis para você ultimamente. E, uh... você sabe, poderia ter saído há muito tempo. Mas você ficou por aqui e ajudou com Bee... e eu sei.... sei que você não precisava fazer isso.”

Não gostei de onde isso poderia levar. Conner raramente reconhecia minhas contribuições. Na verdade, ele muitas vezes me criticava por recusar turnos extras no hospital – turnos que eu relutantemente recusei para estudar.

“Quero tornar as coisas mais fáceis para você.”

Definitivamente não gostei de onde isso poderia estar indo. Esse não era Conner. Conner era um operário que me ensinou aos dezesseis anos que nada na vida era de graça. Algo estava errado. “OK.”

“Já conversamos sobre isso antes...” No momento em que sua mão se levantou para esfregar sua nuca e seu olhar desviou do meu, sabia exatamente o que ele ia dizer e suspirei.

“Eu sei. Você quer alugar o antigo quarto da mamãe.” Supus que era por respeito a mim e a Bee que ele ainda não tivesse feito isso, e eu apreciava isso há vários anos. Lutar pelo bem de sua memória não fazia sentido, no entanto. Já fazia tempo suficiente. “Está bem.”

“Você tem certeza, garota? Quero dizer... você sabe, eu poderia esperar um pouco mais.”

“Não”, disse, acenando com a mão com desdém. “Precisamos do dinheiro.” Na pausa que se seguiu, olhei para cima e o vi mexendo nos dedos, aparentemente ansioso. Talvez ele estivesse nervoso em me perguntar sobre o quarto. Eu também estava nervosa. “Posso te perguntar uma coisa?”

“Sim, atire.”

“Lembre-se, depois que minha mãe morreu, eu te contei sobre...”

“Os vermes. Sim. Eu lembro.” Com as sobrancelhas franzidas, ele baixou o olhar. “Eu não …. não culpo você, garota, foi uma cena muito difícil com sua mãe sangrando por toda parte.”

“Tem certeza de que não viu nada na banheira?” Sempre achei estranho o quão vívido aquele visual permanecia na minha cabeça para algo que não havia realmente acontecido.

“Por que está me perguntando isso?” Um ar de suspeita transpareceu em sua voz. “Você leu o relatório do legista, Lil. A autópsia. Várias vezes. Está tudo lá.”

Suspirando, recostei-me na cadeira. Sim, mas o professor Wilkins também disse que nem todos os médicos conheciam o parasita como um patógeno humano. Talvez eles não tenham percebido na autópsia. “Eu sei. Eu só... pensei que talvez você tivesse visto outra coisa.”

“Tudo o que vi está detalhado naquele relatório”, disse ele. “Você está bem?”

“Sim. Estou bem. Eu simplesmente sinto falta dela.” Não fazia sentido discutir com ele. Ele supostamente não tinha visto o que eu vi. Talvez o sangue tivesse escurecido demais a água. Talvez todos os vermes tenham ido pelo ralo de alguma forma.

“Sim.” Ele soltou um longo suspiro e limpou a garganta. “Então, ah. O que você diria se eu pedisse a Angelo para ficar aqui?”

Um pavor turbulento percorreu meu estômago enquanto meu humor mudava rapidamente e balancei a cabeça. “Você não está falando sério, está?”

“Ele está aqui o tempo todo. E ele está morando naquela merda em Sumler.”

“Não. Não! Vamos, Conner! Sério?”

“Ele é meu melhor amigo, Lilia.” Ele passou as mãos pelos cabelos, o estresse gravado em sua expressão ficou mais aparente para mim naquele momento.

Com os dedos agarrando os travesseiros ao meu redor, reprimi a vontade de jogar algo nele do outro lado do quarto. “O cara é um canalha, Conner. Você sabe que ele me encurralou na última vez que esteve aqui e basicamente ameaçou me matar.”

Com um aceno de desdém, ele balançou a cabeça. “Não. Ele não faria isso. Ele é apenas um idiota, só isso.”

“Isso não é um idiota. Isso é um maldito predador!”

Com as mãos abertas para o lado, ele encolheu os ombros. “'Que porra você quer que eu faça, Lilia? Huh?”

“Diga a ele *o inferno, não*! Isso é o que eu quero. Ele é uma aberração.”

“Quem poderia ajudar com a porra das contas! Estou me afogando aqui!”

“Não me oponho a um colega de quarto, mas não o Angelo. Por favor. Ainda tenho que morar aqui e trabalhar!”

“E eu também trabalho!” A maneira como ele bateu o dedo no peito emitia as vibrações de homem das cavernas que eu odiava. “Eu trabalho e essa porra de apartamento está em meu nome. Então, posso dizer quem mora aqui!”

A única coisa que eu gostaria que minha mãe tivesse pensado um pouco mais

antes de morrer. Não que ela tivesse muitas opções – eu só tinha dezesseis anos na época e certamente não poderia ter o apartamento em meu nome. Mas adicionar Conner gerou algumas situações realmente tensas e frustrantes.

“Seria muito mais fácil por aqui”, disse ele.

“E o que vai acontecer quando Bee chegar em casa nas férias? Você realmente a quer perto dele? Acha que isso é bom para a saúde mental dela?”

“Bee está bem! Ela não precisa de uma maldita escola charlatã e de terapeutas. Ela precisa de amigos! Uma vida!”

A raiva explodiu dentro de mim e eu me levantei, com as mãos fechadas em punhos cerrados ao lado do corpo. “Ela tem uma vida. E amigos! Ela está melhor porque *finalmente está* conseguindo a ajuda que precisa! Alguém finalmente está ouvindo-a. E agora você quer destruir isso convidando Angelo Tarado para festas do pijama! Ele é um perdedor, Conner. Você precisa abandoná-lo antes que ele nos envolva em algo perigoso!”

“Ele salvou a porra da minha vida!”

Não que eu estivesse presente, é claro, mas aparentemente um cara que eles foram ver há um tempo atrás apontou uma arma para os dois. Acontece que Angelo foi mais rápido no embate.

“Porra, você me arrebenta como sua mãe!”

“Foda-se, Conner. Porra. Você! Você nunca mereceu minha mãe.”

“Sim? Nenhuma de vocês, ingratas, me merece. Então, vá se foder, Lilia.” Ele bateu a porta ao sair, sacudindo a pintura da minha mãe na parede.

Me irritando ainda mais.

As bordas dos meus olhos queimaram com a ameaça de lágrimas. *Não quebre*. Um calor de raiva subiu em minhas bochechas e cerrei os dentes, desejando poder piscar e me teletransportar para algum outro lugar. Algum lugar distante. Como a árvore e o balanço e o mar aberto.

Sentei-me na cama e aninhei meu rosto nas palmas das mãos. *Não chore*.

Eu não poderia viver no mesmo lugar que o Angelo. Não poderia. O pouco do *santuário* que eu havia feito do apartamento seria destruído pela presença dele.

Esperançosamente, Conner acordaria para isso. Caso contrário, eu teria que fazer arranjos para que a Bee ficasse nos alojamentos durante as férias. Eu faria questão de visitá-la no Natal, ainda faltavam alguns meses. Não é como se tivéssemos tido algum Natal maravilhoso no apartamento de qualquer maneira, desde que mamãe morreu. Na maioria das vezes, era eu e Bee sentadas em nosso quarto, ouvindo os antigos discos dos Beatles de mamãe e bebendo muito chocolate quente. Tecnicamente, poderíamos fazer isso em qualquer lugar.

Quanto a mim? Eu precisava encontrar uma maneira de pagar adiantado pelo menos dois meses de mensalidade de Bee. Se eu pudesse fazer isso, então talvez, apenas talvez, deixar este lugar não fosse tão impossível.

———

"Já considerou, sei lá, um OnlyFans, ou algo assim?" Jayda tirou um lençol branco que tinha uma enorme mancha amarela.

Ainda esfregando a urina seca que de alguma forma escorreu pelas grades da cama, balancei a cabeça. "Definitivamente não." Nada contra quem postava lá. Inferno, se eu tivesse coragem, poderia realmente ter considerado isso. Eu não tinha, no entanto.

"Posso te dizer, eu mesma já pensei nisso algumas vezes. Merda. Seria muito melhor do que pegar lençóis e rezar para não ser esfaqueada por uma agulha suja." Ela jogou o novelo de lençóis em um saco de linho sujo. "Uma amiga da minha prima fez isso. Estava ganhando muito dinheiro por mês antes de encontrar um sugar daddy. Agora sua bunda preguiçosa fica sentada à beira da piscina o dia todo, lendo romances."

Eu não sabia por que ri em resposta. Provavelmente só precisava de algo para rir, depois da conversa com Connor.

"Esta é sua chance, Lilia. O Senhor colocou você em um caminho que não esperava e você precisa percorrê-lo."

Suspirando, parei de esfregar a urina e tentei me imaginar andando pelos corredores de uma universidade da Ivy League. "Eu sei. Mas …"

"Mas nada. Você cuidou da sua mãe. Agora está cuidando da sua irmã *e* do pai dela. Já basta. O Senhor está te dizendo, agora é hora de *você*."

Mesmo que eu não fosse tão religiosa, não me importava com a conversa de

Jayda sobre o Senhor. Eu adoraria acreditar que toda essa turbulência realmente significava alguma coisa. “Por que você não se tornou uma pregadora, se está tão ciente do que o Senhor planejou?”

“Porque eu gosto demais de foder”, disse ela, esfregando a mão na barriga arredondada. “E Deus sabe que seu pai é bom nisso. Então ele não me colocou nesse caminho.”

De volta à minha lavagem, bufei. “Posso ir morar com você e Quentin?”

“Sabe que pode. Você é sempre bem-vinda. Mas não é isso que você realmente quer. Você quer ser uma vadia *do Harry Potter* vivendo com todos aqueles pretensiosos, ricos e brancos, e não me diga que não.”

Eu bufei e balancei a cabeça. “Na verdade, a ideia de morar com eles me assusta. Não conheço essa vida. Covington é minha casa.”

“*Eles* não importam. O que importa é o seu sonho. Você merece usar um jaleco, e não um uniforme nojento e manchado de merda.”

“Bem, postar vídeos meus no OnlyFans não será bom para minha reputação.”

“Por que não?” Ela colocou as mãos nos quadris. “Por que diabos não? Algumas garotas tiram a roupa para terminar a faculdade de medicina. Faça o que tiver que fazer, Lilia.” Com a sobrancelha levantada, ela apontou o dedo para mim como uma mãe repreendendo uma criança. “Não deixe ninguém envergonhar você.”

“Por que você sempre tem que ser tão…”

“Certa?”

“Positiva, é a palavra que eu procurava.”

“Porque serei amaldiçoada se ficar sentada aqui esfregando chão e lixo com você no próximo ano, quando você tem uma bolsa de estudos integral esperando por você daquele jeito. Vá. Descubra o resto mais tarde.”

E se eu fizesse? Minha mãe sempre foi espontânea assim. Sempre jogando a cautela ao vento. Ela acreditava, de todo o coração, que as coisas dariam certo. Talvez eu fosse simplesmente obtusa com todas as suas lutas, mas parecia que sempre acabávamos bem. Nunca passamos fome. Nunca fomos expulsas ou

tivemos o aquecimento desligado no inverno. Nós tínhamos sobrevivido.

Eu queria mais do que tudo estudar a doença que acabou matando minha mãe, e Dracadia era minha chance, como Jayda havia dito. Eu precisava disso. Saber que eu não estava louca, que tinha visto aqueles malditos vermes rastejarem para fora dela e que não tinha sido apenas uma invenção da minha imaginação, como fui levada a acreditar.

Eu tinha que descobrir alguma coisa, de qualquer maneira – se eu considerava Dracadia ou não – porque tinha um mau pressentimento sobre a merda em que Conner estava se metendo com Angelo ultimamente. Para o meu futuro e o de Bee e para o bem da nossa segurança, eu precisava encontrar uma saída.

Capítulo 6

Devryck

"Por favor, não façam isso!" O Acusado estava diante do conselho, trancado dentro de uma enorme gaiola dourada. "Estou implorando a vocês."

A câmara ao redor era uma das três salas rituais nas catacumbas de The Roost – uma extensa catedral nos arredores da Universidade Dracadia, de propriedade da The Seven Rook Society. Ou The Rooks, como éramos mais comumente chamados. Paredes e pisos de concreto cinza acrescentavam uma sensação de sufocamento, como se estivesse enterrado vivo dentro de uma tumba. Era apropriado, na verdade, dado o quão entorpecedoras as cerimônias podem ser. Nem mesmo a multidão de velas bruxuleantes conseguia iluminar a cripta fria e sombria, no centro da qual, gravado em azulejos dourados, estava o emblema da sociedade – duas bengalas médicas cruzadas, como as usadas durante a peste, com um número sete. O mesmo emblema que estava gravado em meu peito.

Fora dos muros da catedral, éramos um boato. Um mito. Um segredo sussurrado entre o corpo discente. Material para conspirações.

Nunca vistos. Nunca ouvidos.

Cruzados diante de seu corpo, os braços do Acusado tremiam como galhos frágeis prontos para quebrar. Ele era o único que não usava uma das máscaras de médico da peste que escondia o rosto de todos os outros membros na sala,

inclusive eu.

Círculos pretos profundos sombreavam os olhos do Acusado, revelando que ele havia dormido pouco, e a forma como ele mantinha o olhar baixo, recusando-se a olhar para qualquer pessoa, garantia de que ele entendia a gravidade de seus crimes e o nível de merda que estava caminhando.

Afinal, todos os membros do The Rooks sabiam que não deviam roubar. Estava na porra do manual que nos foi dado quando calouros e ainda sem noção da maneira mais séria com que a Sociedade cumpria suas leis. Leis que eram separadas das do mundo exterior.

Leis que existiam há séculos e que continuariam a sobreviver a todos os membros da sala.

O homem que estava diante do conselho era membro há quase uma década. Quase uma década de privilégios e poder inimaginável, reduzido ao fio de esperança ao qual ele se agarrou tão desesperadamente naquele momento. A única oração para que The Rooks perdoasse suas ofensas.

“Você tem algo a dizer em sua defesa?” A voz articulada do Presidente Winthrop permaneceu inteiramente reconhecível, mesmo ligeiramente abafada por trás da máscara. A morte prematura de seu antecessor o promoveu quase quatro anos antes e, desde então, ele manteve sua promessa de *limpar a casa* na organização.

O Acusado deu um passo à frente, agarrando as barras douradas de sua jaula, e baixou o olhar. “Só sei que cometi um crime grave contra meus irmãos. Foi um momento de desespero e loucura que inspirou este ato imperdoável. Eu imploro sua misericórdia. Conceda-me clemência e juro que farei o que for necessário para conquistar sua confiança e respeito.”

Dei uma risada e o som ecoou pela sala, ganhando a atenção de alguns rostos mascarados e um olhar aterrorizado do Acusado. Compreensível, visto que fui eu quem ele roubou. Anos de pesquisa que o Acusado quase vendeu para algum magnata farmacêutico. Um que certamente teria explorado o trabalho com o qual me comprometi incansavelmente desde que reconquistei um mínimo de respeito após a saída desastrosa de meu pai.

Felizmente, o Acusado foi pego.

Eles sempre eram pegos.

Seu verdadeiro nome era Paul Darrows, mas isso não importava mais. Pelo que entendi, Darrows tinha esposa e filhos. O que era trágico, dada a trajetória de seu destino naquele momento, mas o homem havia presenciado execuções suficientes para estar bem familiarizado com as consequências de seus atos. The Rooks era uma das três sociedades secretas mais poderosas do mundo, composta por ex-CIA, FBI, presidentes, inventores, todos os quais já se sentaram nesta mesma sala em algum momento. Como ele pensou que poderia ser mais esperto que eles estava além da minha compreensão.

Apenas ri de seu comentário *sobre ganhar confiança e respeito* porque o idiota foi pego com as calças abaixadas - literalmente apanhando na bunda por sua amante, que provavelmente desejou ter passado a noite contando rachaduras no teto em vez de batendo nele, naquela que sem dúvida foi uma noite de merda.

Darrows provavelmente foi capturado sem qualquer suspeita. Ninguém, além dos homens nesta sala, saberia o seu destino. E ninguém jamais diria, para não estar na mesma posição que o pobre coitado.

“Vamos votar sobre o assunto.” De seu manto preto com capuz, Winthrop removeu o objeto preso em seu peito - o que parecia ser uma moeda, do tamanho de meio dólar, com o emblema da Seven Rook Society. Um lado da moeda era de ouro, representando a irmandade – segurança e lealdade. O outro lado era preto. Uma sentença de morte.

Seis outros membros também removeram seus distintivos. A condenação exigia sete votos no total, e a maioria, simplesmente um a mais, determinava se Darrows viveria ou morreria ou não.

Um por um, eles colocaram seus distintivos na mesa diante deles. Do meu lugar na sacada, observei uma decisão unânime se desenrolar - cada distintivo, com o lado preto para cima.

The Rooks não tolerava ladrões entre nós, afinal de contas.

Especialmente porque minha pesquisa era importante não apenas para os membros na sala, mas também para a universidade e o futuro de Dracadia.

“Irmão Darrows, pelos crimes de traição, furto e dispersão intencional de material confidencial, você é considerado culpado.” Winthrop recostou-se na cadeira e sinalizou para a direita dele, onde dois outros membros do Rook estavam ao lado.

“Não!” Um clamor reverberou nas paredes, e o homem enjaulado se afastou do conselho, debatendo-se nas implacáveis barras de ferro. Ele sacudiu a barreira, gritando e implorando por sua vida.

Não houve escapatória, no entanto.

Seus laços com a irmandade foram cortados. Ele quebrou os votos sagrados, a promessa gravada em sua pele – em toda a nossa pele – a cicatriz que nos ligava a todos.

Ele não era mais digno de nossa misericórdia.

Darrows fez um apelo rouco, como se seus algozes tivessem alguma palavra a dizer sobre seu destino. Como se ousariam conceder-lhe misericórdia diante de seus irmãos superiores.

O membro conhecido como The Executioner deu um passo à frente. Ao contrário das máscaras pretas usadas por todos os outros membros, exceto Darrows, a sua brilhava em um ouro resplandecente, cuja superfície refletia as muitas velas tremeluzentes espalhadas pela sala.

Captei um brilho dourado na palma da mão do Executioner – um controle remoto. Um clique no botão e uma parede de vidro deslizou do topo da gaiola para cercar as barras, encerrando Darrows dentro. Dois objetos que pareciam luzes de palco emergiram do chão e se encaixaram. Um momento depois, um som, como água corrente, encheu a sala. O gás emitido era invisível, inodoro e incolor. Ao contrário das máscaras usadas durante a peste real, as usadas pelos membros bloquearam efetivamente qualquer fumaça que pudesse ter vazado da gaiola – uma medida de segurança, caso o vidro apresentasse uma rachadura ou lacuna.

Darrows cobriu o rosto com as mãos e caiu de joelhos. Uma tentativa inútil de afastar os vapores mortais que enchiam seu recinto. De qualquer forma, não importava – o gás tomou conta, invadindo seus pulmões e cérebro através das rachaduras em seus dedos. Isso infundiu seus músculos e ele caiu para o lado, tendo uma convulsão. Momentos depois, seu corpo ficou imóvel.

O som de concreto raspando irrompeu pela sala enquanto o piso de cerâmica descia, carregando a jaula e o corpo sem vida de Darrows para o nível inferior, onde ele seria incinerado e esquecido. Um segundo piso de azulejos, desocupado, com o emblema, ergueu-se em seu lugar, livre de qualquer

evidência de que Darrows alguma vez tivesse comparecido perante o conselho. Que ele existiu, afinal.

Seu nome nunca mais seria pronunciado.

Capítulo 7

Lilia

Duas semanas se passaram desde que recebi o convite para Dracadia. Infelizmente, a perspectiva de ir não estava mais próxima da minha realidade do que unicórnios cor-de-rosa descendo do céu. Eu não conseguia descobrir uma maneira logística de fazer isso acontecer, e sem dúvida o estresse disso e de tudo o mais tinha me afetado, porque comecei a ter visões da minha mãe com mais frequência. Desde que Wilkins me disse que aqueles vermes eram reais, meu cérebro ficou confuso tentando me convencer. Consequentemente, fiquei excessivamente exausta, dormindo na aula de vez em quando, apenas para acordar assustada, humilhada quando chamava por ela.

Eu evitei minha última aula de microbiologia do verão, não apenas pelo constrangimento de ter sido acordada na aula, mas porque temia que o professor Wilkins me perguntasse sobre Dracadia. O semestre de outono deveria começar em uma semana e eu não tinha feito nada para garantir minha matrícula lá. Como se minhas finanças não fossem um fator estressante suficiente, Connor começou a limpar o quarto da minha mãe para um novo colega de quarto. Felizmente, ele desistiu da ideia de Angelo se mudar, um pequeno raio de luz no caos. Ele deve ter pensado na estupidez de ter um homem assim por perto o tempo todo. Esperava que fosse esse o caso, de qualquer maneira.

Eu saí para o trabalho naquela noite sem dizer uma palavra, enquanto ele

empilhava caixas com os pertences pessoais de minha mãe dos quais eu estava disposta a me desfazer. Tendo adiado a revisão das coisas dela por tempo suficiente, Connor finalmente ameaçou jogar tudo fora se eu não separasse o que queria manter. Então, fiz um estoque para Bee e para mim: álbuns, joias, pinturas e algumas roupas velhas da mamãe.

A visão do seu quarto vazio deixou uma dor oca em meu peito, e por mais que eu soubesse que precisávamos do dinheiro, não suportava a ideia de que um estranho acabaria ocupando aquele espaço.

Exausta de estresse, entrei na sala dos funcionários e fui até os armários, forçando-me a encarar o sorriso brilhante de Jayda com o meu. “Ei,” eu disse, girando o botão da fechadura.

“Ei!” O entusiasmo em sua voz parecia um pouco estranho, e olhei para trás para descobrir que ela havia se aproximado.

Ainda sorrindo.

“Está tudo bem?” Voltei-me para a fechadura, angustiada por ter que manter uma expressão cordial por tanto tempo, e abri meu armário, onde joguei minha bolsa dentro.

“Sim. Tenho algo para você, mas... quero que saiba que devolver não é uma opção, ok?”

Com a cabeça confusa com uma nova curiosidade, fechei a porta do meu armário e me virei para encará-la, notando seus braços escondidos atrás das costas. “O que é?”

“Só um pequeno parabéns.” Pelas costas, ela tirou um envelope roxo do tamanho de um cartão e me entregou.

“Para que?”

Seu rosto se contraiu em uma carranca. “O que você quer dizer *com para quê?* Por que tem que agir como se conseguir uma bolsa de estudos para uma faculdade da Ivy League não fosse grande coisa?”

De repente, desejei nunca ter contado a ela sobre Dracadia – como se minha culpa já não tivesse atingido níveis máximos, como estava. “Não posso me dar ao luxo de simplesmente levantar e ir embora.”

“Então, você vai deixar essa oportunidade definhar?”

“Eu não quero, não. Mas minhas opções são uma merda no momento.”

“Abra o cartão, Lilia.”

Num ritmo cauteloso, abri o envelope e encontrei um cartão de parabéns dentro. Abri-lo soltou uma pilha de notas. Centenas. Anos cinquenta. Anos vinte. Dezenas. Nem precisei contar para saber que havia pelo menos mil dólares dentro.

Meu coração disparou.

A ardência das lágrimas queimou meu nariz e balancei a cabeça.

“Eu contei a Danica sobre você ter sido aceita na faculdade.” Danica era nossa gerente principal do departamento, com quem sempre tive um relacionamento decente, então não me incomodou que Jayda tivesse contado a ela. “De qualquer forma, ela reuniu todos os médicos e enfermeiras para conseguir algum dinheiro extra. Cerca de mil e alguns trocos.”

O suficiente para cobrir dois meses de mensalidade de Bee. Minha parte, de qualquer maneira. Além de um pouco mais. Isso me daria uma vantagem, me permitiria encontrar um emprego e possivelmente economizar mais alguns meses.

“Eu não posso aceitar isso. Isso é …. É demais, Jay.”

“É inegociável, querida. Esse dinheiro é seu.” Ela ergueu a mão com desdém e balançou a cabeça. “E você não precisa pagar de volta, então nem vá lá.”

“Mas as aulas começam na segunda-feira. Uma *semana* a partir de hoje. Nem sei se me deixariam matricular tão tarde. Perdi orientação e registro.”

“Não sei nada sobre essa merda de faculdade. Mas acho que é melhor você se apressar para ver se ainda está em condições de se registrar.”

Segurando aquela pilha grossa de notas em minhas mãos, as impossibilidades de antes pareciam... bem, *possíveis*. Eu não conseguia imaginar um mundo onde a única coisa com que me preocupar fosse a escola. “Eu não sei o que dizer. Ninguém nunca fez nada assim por mim antes.”

“O que você diz é simples. Repita comigo: eu, Lilia Vespertine.” Com a

sobrancelha levantada, ela fez uma pausa, esperando por mim.

“Eu, Lilia Vespertine.”

“Vou para a porra da Universidade Dracadia.”

Soltei uma risada chorosa. “Vou para a porra da Universidade Dracadia.”

Um raio de orgulho brilhou nos olhos de Jayda quando ela cruzou os braços e sorriu. “E aí está. Todos os agradecimentos que precisamos.”

Passei meus braços em volta dela, contendo desesperadamente um soluço, porque, caramba, ela não precisava fazer o que fez. E não havia como eu pagar a ela. Não antes de terminar minha graduação, daqui a uma década. “Obrigada.”

“De nada.”

“Seria egoísta se eu pedisse mais um favor?”

“Depende do favor”, disse ela com uma voz entediada que me fez sorrir.

Soltando-a, dei um passo para trás. “Posso ficar com você esta semana? Conner está limpando o quarto da minha mãe. Só... não estou realmente interessada em ficar por aqui para isso.”

“Você absolutamente pode. Faça as malas e faça o que tiver que fazer esta noite.” De uma prateleira ao lado de nossos armários, ela pegou um boné e enrolou nele suas longas tranças – uma prática que ela adotou depois de mergulhar o cabelo ao acaso em um balde de água suja. “Vou trazer Quentin para vir buscá-la.”

“Tem certeza?” Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo frouxo no pescoço. “Eu não quero dar trabalho a vocês. Posso pegar um Uber para sua casa.”

“Eu insisto. Não precisa de todo esse peso sobre você agora. Você tem coisas para planejar.”

Mais uma vez, me peguei tentando entender a possibilidade de que em breve estaria caminhando por aquele campus de aparência mística.

No intervalo, usei um dos computadores da equipe para enviar um rápido e-mail ao reitor Langmore, perguntando se já era tarde demais para me inscrever nas aulas. Pouco depois das dez, eu não esperava uma resposta, mas quando o nome

dele apareceu na minha caixa de entrada pouco antes de eu fechar, minha língua quase caiu da boca.

Com certeza, Sra. Vespertine. Anexei o link para inscrição, bem como o pacote de boas-vindas que você receberia na orientação da semana passada.

O arquivo anexado dizia: *Bem-vindo à Universidade Dracadia*.

Morder minha bochecha não conseguiu conter o sorriso ansioso para se libertar. Porque eu, Lilia Vespertine, estava indo para a porra da Universidade Dracadia.

Meu turno passou voando e, antes de ir para casa, fiz questão de agradecer e repreender Danica. Enquanto estava sentada no metrô, segurando minha bolsa, olhei pela janela, desesperada para conter um sorriso para não parecer uma esquisita sorrindo para meu próprio reflexo, enquanto me imaginava como uma estudante da Ivy League. Meu campus. Minha faculdade.

A vida parecia irreal. Um sonho.

Eu tinha saído para o meu turno naquela noite, oprimida pela desesperança e pela decepção.

De repente, eu tinha um plano.

No momento em que entrei no apartamento, acalmei meus passos, os olhos procurando por Conner na penumbra. Sem dúvida, ele teria me dificultado a ideia de ir embora, e eu simplesmente não podia permitir isso quando minha cabeça ainda lutava com a decisão. Fui direto para o meu quarto, os nós se apertaram ainda mais quando girei a maçaneta e corri até o armário para pegar minha mala, parando para pegar alguns moletons. Coloquei a mala na cama e fui até a cômoda, empilhando descuidadamente jeans, algumas saias que comprei para entrevistas de emprego, vestidos que tirei do guarda-roupa antigo da mamãe, suéteres, roupas íntimas, meias, minha caixa de bugigangas. Joguei meu cobertor favorito, uma foto de Bee, mamãe e eu, e a pintura da minha mãe. Um carregador e produtos de higiene pessoal. Da minha mesa, peguei o convite para Dracadia e coloquei dentro da minha bolsa. Tudo cabia perfeitamente dentro da mala, e foi só quando agarrei o zíper que senti uma presença sinistra na minha porta.

“Acho que você esqueceu alguma coisa.” O som angustiante da voz de Angelo

desceu pela minha nuca e me virei para vê-lo segurando uma calcinha de cetim contra o rosto.

Baixando meu olhar, estendi a mão. “Dê-me.”

“Acho que vou guardá-la como lembrança.”

Escondendo minha irritação com ele, terminei de fechar o zíper da minha mala. “Faça o que quiser, Angelo. Eu terminei com você, esta cidade. Tudo isso.”

“Diga-me para onde está indo e eu a devolverei.”

“Você não acha que está um pouco *velho* para jogar?” Tirei a mala da cama. De jeito nenhum planejava ficar no apartamento com essa merda ambulante. Mesmo que eu tivesse que esperar na rua por uma hora até Quentin chegar, pelo menos haveria testemunhas de qualquer besteira que ele tentasse fazer. “O que diabos você está fazendo aqui, afinal? Como entrou?”

“Diga-me para onde você está indo”, ele disse novamente, ignorando minhas perguntas.

“Não.” Com os músculos tensos, carreguei a mala pelo quarto, parando em frente à porta que ele bloqueava. “Saia.”

Ele não se moveu nem um centímetro.

Uma onda de algo passou por mim – medo, adrenalina, eu não sabia dizer, mas a potência disso fez meus ossos vibrarem. “Saia do meu caminho, Angelo. Não estou brincando.”

Ele ainda não se mexeu.

“Vá se foder,” eu disse, pronta para o atacar.

Ele apertou a mão sobre a minha e empurrou a mala que eu me esforcei para levantar, pesando-a até ficar pesada demais para segurar. “Você não vai a lugar nenhum, garotinha.”

Deus, o fedor que exalava dele. Quem imaginaria que um homem poderia cheirar literalmente a uma sepultura? Tenho certeza de que cortá-lo teria feito um cadáver sair.

“Lil! Angelo! Trouxe alguns coneys para casa! Venha comer!” O som da voz de

Conner provocou uma mistura turbulenta de alívio e alarme. Eu esperava ter ido embora antes que ele chegasse em casa.

O bilhete que eu escrevi era uma saída triste e inadequada, mas não podia correr o risco de que ele tentasse me culpar. Ou que brigássemos e eu acabasse irritando-o o suficiente para retirar a mensalidade de Bee.

“Parece delicioso!” Angelo gritou de volta, seus lábios se curvando em um sorriso. “Pelo que parece, você também não estava planejando contar a Connor.” Ele se afastou da parede e seguiu pelo corredor em direção à cozinha. Por mais que eu tivesse vontade de sair pela janela do meu quarto, eu devia a Connor pelo menos contar a ele o que estava acontecendo.

Exalando um suspiro, deixei minha mala no quarto e fui até eles.

Coney na mão, Connor franziu a testa enquanto eu estava na porta. “Ei, Angelo disse que você está saindo. Para onde?”

“Vou me hospedar na casa de uma amiga. Por que diabos ele estava aqui antes de você?”

“Estávamos tendo uma reunião. Saí correndo para jantar. Ele ficou.” Com a sobrancelha levantada, ele olhou de volta. “Com que amiga você está hospedada?”

“Alguém da escola”, menti. “Você não a conhece.”

Com um encolher de ombros, Connor deu uma mordida em seu coney, deixando cair o molho pelo queixo.

Angelo bateu o dedo na mesa, enquanto seu coney intocado estava na bandeja de papel à sua frente. “É isso?” ele perguntou, sem tirar aqueles olhos assustadores de mim. “Você não vai perguntar quem?”

Franzindo a testa, Connor passou o queixo no antebraço, levando consigo um pouco de molho. “'Que porra eu me importo? Ela tem vinte anos.”

O alívio desfez alguns nós em meu estômago, tanto que eu não queria ousar perturbar o clima contando a ele sobre Dracadia. Eu ligaria para ele. Deixei o bilhete na lancheira dele. Enviaria um pombo-correio. Ou coruja. Algo que não envolvesse Angelo.

“Ahh, mas há outra coisa, não é, Lil?” O rosto de Angelo se esticou em um sorriso malicioso que eu poderia ter dado um tapa com um mata-moscas naquele momento.

Balancei a cabeça, engolindo a secura na garganta.

“Ah, vamos lá. Havia algo sobre um... Dracadia, eu acredito.” A teatralidade em sua voz me irritou, e eu teria felizmente sacrificado meu dedinho do pé para ver o teto desabar sobre ele.

O idiota claramente abriu o envelope na minha mesa. Ele estava em nosso apartamento há Deus sabe quanto tempo e vasculhou minhas coisas.

“'Que diabos é isso?” Connor perguntou, enfiando outro pedaço na boca. “Parece algo saído de um daqueles filmes de vampiros.”

“É uma universidade. Fui aceita lá”, ofereci com relutância.

As sobrancelhas de Conner se ergueram, seus olhos brilhando de surpresa. “Oh, sim? Isso é ótimo, Lil. Parabéns. Isto é, uh... outra faculdade comunitária?”

Mudar minha atenção trouxe o sorriso maroto de Angelo à tona. “Não. É uma faculdade da Ivy League, a cerca de três horas ao norte daqui.”

“Três horas?” Conner enterrou a carranca em um longo gole de cerveja e, quando colocou a garrafa na mesa, a carranca se aprofundou. “E você acabou de dizer Ivy league? Isso é uma piada? Você mal consegue pagar duas aulas em Covington.”

Eu tinha que agir com cuidado, pelo amor de Bee, apesar da tensão fervendo em meu sangue. Dizer a ele que eu ganhei dinheiro teria sido estúpido - principalmente na frente de Angelo. “Recebi uma bolsa integral remunerada.”

O estalar de sua língua me disse que ele não estava feliz. “Bem, isso não vai funcionar. Você tem Bee e metade do aluguel aqui.”

“Esta é minha única oportunidade, Connor. Minha única chance. E não vou me sentir culpada. Fiquei quando não precisava. Ajudei quando poderia ter ido embora. E eu nunca te pedi nada. Nunca. Mas agora estou pedindo para você ser o cara decente que minha mãe amou anos atrás e me ajudar. Por favor.”

O que imaginei ser compreensão passou pelo rosto de Conner, e ele bufou.

“Angelo, nos dê um momento, sim?”

A mandíbula de Angelo flexionou, seu olhar ficou mais intenso. “Eu poderia fumar um cigarro.” Com isso, ele se levantou da cadeira e, sem tirar os olhos de mim, saiu da sala.

Ao clique da porta, soltei um suspiro de alívio. “Obrigada.”

Com os braços cruzados, Conner olhou para o chão. “Então, esta faculdade. Uau. Você acha que pode lidar com tudo isso?”

Finalmente, uma conversa real sem toda a demonstração de domínio. “Eu vou tentar.”

Ele esfregou o queixo e soltou um suspiro resignado. “Tudo bem. Eu vou descobrir um jeito com o aluguel. Tenho alguns candidatos para o quarto. Callaghan mencionou algum interesse nisso.”

Jesus, eu preferiria Lady Callaghan em vez de Angelo, isso era certo.

“Contanto que você ainda possa me ajudar com Bee?” ele perguntou, e eu sorri, feliz em saber que isso ainda era uma prioridade para ele.

“Eu tenho... um pouco de dinheiro guardado para isso. Vou conseguir um trabalho na faculdade. Eles têm trabalho lá, vou estudar e talvez eu consiga outro trabalho noturno.”

Com os lábios finos em uma linha reta, ele assentiu. “Você sempre foi uma criança inteligente, Lil. Desde quando você era pequena, sabe? Merdinha inteligente. Sua mãe...” Com as costas do polegar, ele coçou o nariz. “Eu sei que ela ficaria orgulhosa.”

“Obrigada.”

“O quarto estará aqui para você. E Bee. Não vou alugá-lo nem nada.”

Não que eu planejasse voltar por um longo período de tempo, se pudesse evitar. Mesmo que as coisas não funcionassem em Dracadia, pretendia usar a mudança como uma oportunidade para ficar sozinha. Ainda assim, foi decente da parte de Conner. “Obrigada.”

“Quando você vai?”

“Estou indo agora mesmo. Vou ficar alguns dias com uma amiga, depois ela vai me levar para a estação de trem.”

“Tudo bem.” Ele esfregou o queixo novamente e deu um passo à frente, como se fosse me abraçar, mas hesitou e recuou novamente.

Com os lábios formando um meio sorriso, estendi a mão para um aperto, ao qual ele retribuiu. “Tome cuidado, Conner.”

“Sim. Vou ter cuidado.”

Capítulo 8

Devryck

A caça aos embriagados era terrivelmente anticlimática.

Uma névoa branca e vaporosa dançava sobre os paralelepípedos molhados enquanto eu caminhava por um beco sombrio no coração de Emberwick, um vilarejo temperamental e de tamanho moderado nos arredores da Universidade de Dracadia. Como a maioria das aldeias da ilha, manteve o encanto do século antigo, com arquitetura gótica francesa e lojas cobertas de vinhas. Um labirinto vertiginoso de cafeterias, livrarias, museus e, pelo que entendi, o chocolate mais decadente da costa leste. Dificilmente seria um lugar para depravação, mas era exatamente isso que eu procurava ali.

O cheiro persistente de perfume de rosas grudava na minha camisa, o fedor nauseante de uma foda rápida e sem curiosidade. Era repugnante a forma como a mente poderia eventualmente ficar insensível às necessidades parasitárias da carne. Fiz questão de me encontrar duas vezes por semana com Loretta Gilchrist, a professora de entomologia, para queimar a agonia reprimida de um apetite sexual insaciável. Uma terapia mundana, mas eficaz, até aquela noite, quando fui desencorajado pela mulher. Não porque ela fosse dez anos mais velha que eu, ou porque tivesse tendência a ter um ataque de tosse durante o clímax. Embora nossa rotina tivesse se tornado um tanto repugnante, sempre apreciei a liberação intensa que não conseguia encontrar durante nenhuma outra atividade física, e

mesmo que ela não fosse a conquista mais emocionante, apreciei a sutileza de nossos encontros.

Infelizmente, ela quebrou minha regra *de não tocar.*

Normalmente, eu teria amarrado seus braços para evitar o erro, mas naquela noite fui apressado e irritado com as necessidades do meu corpo. A intrusão incessante de pensamentos me deixou ansioso para acabar logo com isso. Foder e acabar com isso, para que eu pudesse voltar aos estudos.

Para minha total decepção, ela interpretou meu descuido como uma demonstração de evolução. Ou pior, *carinho.* O simples pensamento de tal coisa causou um arrepio de horror na minha espinha.

Mesmo assim, mais de uma hora depois, ainda conseguia sentir a marca invisível da sua mão na minha pele. Cerrei os dentes ao ver a marca fantasmagórica das pontas dos dedos frios dela em meu ombro, de onde desvaneceu pelo comprimento do meu braço até meus dedos totalmente insensíveis. Nem mesmo a esfregação mais excessiva poderia me livrar de seu toque indesejado.

Cocei o ombro enquanto continuava pelo beco, até que, no canto mais escuro da aldeia, encontrei o homem que procurava, um que vivia escondido. Para isso, a ilha era um manto perfeito.

É certo que não foi totalmente aleatório eu tê-lo escolhido e, em uma visita anterior à aldeia, observei o homem sair correndo de um mercado de esquina em direção a um lugar tranquilo sob uma árvore no parque próximo. Ali, com as mãos trêmulas, ele desempacotou uma garrafa de uísque barato e bebeu direto do bico, como se fosse água. O alcoolismo era óbvio. O que eu não sabia na época era que o homem havia abusado da esposa e dos filhos – o mais novo, a ponto de entrar em coma. Procurado pela polícia, ele fugiu por uma vida inteira de crimes pelos quais nunca pagou nada.

Talvez isso devesse ter sido um bom motivo para entregá-lo às autoridades, para agir como herói pela primeira vez na minha vida esquecida por Deus.

Heroísmo era chato.

O homem no beco foi atraído para a Ilha Dracadia com a promessa de dinheiro e refúgio, mas, no final das contas, sua passagem para o asilo nunca se materializou. Ele foi enganado e, sem outros recursos, permaneceu na ilha. Um

destino muito infeliz.

À medida que me aproximava, um intenso choque de agonia atingiu meu crânio, fazendo-me parar bruscamente. Como um choque para o meu cérebro, ele irradiou dos pontos de pulsação em ambos os lados da minha cabeça, logo acima das orelhas. A dor, como lâminas arrastando os ossos, atingiu meus músculos e um zumbido agudo em meus ouvidos me deixou de joelhos. O cerrar involuntário dos dentes provocou espasmos penetrantes nas têmporas e nos globos oculares, travando minha mandíbula. Rosnados silenciosos ressoaram em minha garganta, meus músculos tremendo com a miséria penetrante. Uma náusea fria se expandiu dentro do meu peito e respirei pelo nariz.

Um, dois, três, quatro …

Até que a intensidade diminuiu.

A dor da agulha diminuiu.

E fiquei entorpecido.

Com os olhos fechados, respirei fundo, concentrando-me no alívio. O afrouxamento da tensão e o afrouxamento dos dentes cerrados. Segundos depois, diminuiu e eu caí sobre as palmas das mãos, recuperando o fôlego. Pedras frias e úmidas umedeceram meus joelhos através das calças e o ar ameno esfriou o suor em minha pele. As dores de cabeça pioraram nos últimos meses e muitas vezes apareciam sem aviso prévio. Uma evolução preocupante.

Com a dor finalmente cedendo, fiquei de pé e continuei pelo beco.

O homem que eu procurava estava caído contra a velha parede de tijolos, ao lado de uma fileira de latas de lixo. Restos do que presumi ser vômito salpicavam uma barba escura e desgrenhada. Dei um leve chute na perna do homem e ele nem sequer recuou. Agachando-me para verificar seu pulso, fiquei aliviado ao encontrar uma pulsação fraca abaixo de sua pele.

Um objeto saindo do casaco esfarrapado do homem chamou minha atenção e, com a mão enluvada, tirei uma foto do bolso dele. Uma versão dele bem barbeada estava ao lado de uma jovem, talvez não mais que trinta anos, e dois meninos, que pareciam ter cerca de oito e dez anos. Coloquei a foto de volta no casaco do homem, fazendo uma nota mental para queimá-la mais tarde.

Com isso, eu o levantei, ao som de resmungos e murmúrios, e passei o braço do estranho em volta do meu pescoço para me equilibrar. Um odor repulsivo chamuscou meu nariz enquanto eu o arrastava até a entrada do beco, onde meu carro permanecia estacionado, esperando por ele.

Ele se sentou nas sombras em uma velha cadeira de madeira, esperando que Alley Man acordasse completamente.

Gemidos ecoavam pelos corredores úmidos e sombrios das catacumbas da Rook Emeric, que abrigavam prisioneiros séculos antes. O labirinto de túneis foi fechado e selado em algum momento no final do século XVII, muito antes de ser comprado e transformado em universidade para clérigos. Foi apenas por acaso, durante meu primeiro ano em Dracadia, que, entediados com a recitação de física realizada dois andares acima, meu colega de classe e eu saímos para fumar um cigarro e tropeçamos no que parecia ser um batente de porta. Semanas de escavação na lama rochosa, que havia se tornado uma barricada de pedra, abriram a entrada e revelaram o laboratório arcaico que pertencera ao Dr. Stirling. Os túneis escuros, intocados pela luz durante séculos, levaram-nos às celas escuras e abandonadas. Prisões há muito esquecidas que ainda guardavam os ossos deteriorados de quem teve a infelicidade de morar ali. Desde então, instalei iluminação em todos os túneis, mas mesmo no auge do verão, a antiga passagem emitia um frio enervante.

O homem do beco levou a mão trêmula à cabeça, os olhos se abrindo lentamente. Ele ficou deitado no chão da cela por um momento, talvez tentando discernir para onde diabos ele foi levado. Com uma respiração ofegante, ele se levantou e se jogou contra a parede. Olhos em pânico caíram sobre mim, enquanto eu o observava intrigado.

“On-onde estou?” Um chocalho grosso em sua voz sugeria sede e provável desidratação. O som persistiu em cada respiração irregular que se seguiu.

“Universidade Dracadia. Rook Emeric, para ser exato.”

“Quem-quem é você?”

Tirei um fiapo da minha calça preta e dei um sorriso pequeno, mas falso. “Professor Bramwell, o que é totalmente irrelevante.”

O homem se arrastou em direção às barras de sua jaula, os dedos enrolados em torno dos grossos postes de ferro. “O que estou fazendo aqui? Eu quero sair! Agora!”

“Acalme-se, Sr. Barletta.” Estendi a mão, o movimento rangendo a velha cadeira quando peguei a bebida de Macallan do chão arenoso ao meu lado. “Diga-me, você já bebeu uísque decente na vida?”

Um desejo nos olhos de Barletta me disse que seu desejo por álcool superava seu medo naquele momento, e o homem lambeu os lábios. “Acho que não.”

Eu levantei a garrafa em provocação. “É delicioso. Suave. Como avelãs quentes com notas de xerez. Voce gostaria de algum?”

Uma centelha de desespero iluminou seus olhos opacos e remelentos. “Eu poderia.”

Estendi a mão, passando a garrafa que cabia apenas entre as barras da jaula do homem.

Com pressa, o estranho tirou-o das minhas mãos, abriu a tampa e bebeu um bom quarto da bebida cara antes de tirá-la dos lábios. Com um suspiro de alívio, ele se encostou na parede e segurou a garrafa contra o peito, como se estivesse embalando uma criança pequena. “Você está certo, Bramwell, é bom. Muito bom.” Ele deu um gole ainda mais longo que o anterior. Dois mil dólares de bebida na goela. “Agora me diga por que estou aqui.”

Exalando um suspiro resignado, sentei-me e apoiei os cotovelos nas coxas. “Muito bem. Eu sou patologista aqui na universidade. O pesquisador principal de um projeto de parasitologia financiado por indivíduos excepcionalmente ricos e poderosos.”

“Isso é ótimo. 'Que porra isso tem a ver comigo?'

“Estou feliz que você perguntou. Acontece que estou precisando desesperadamente de seres humanos.”

Rindo, ele rolou a cabeça contra a parede para me encarar. “A resposta é *não*. Eu não sou a porra da sua cobaia. Agora me deixe ir.”

Baixando o olhar, sorri e recostei-me na cadeira novamente. “Oh. Eu não estava pedindo sua permissão, Sr. Barletta. Veja bem, o uísque que você acabou de

beber contém milhares de pequenos ovos, cada um deles envolto em uma maravilhosa casca externa semelhante a um esporo que o protege do álcool. Em dois dias, esses óvulos estarão embrionados à medida que se instalam no seu fígado, muito rico em nutrientes. As larvas continuarão a crescer dentro de você e, em mais seis dias, eclodirão dos ovos. É aí que começa a verdadeira diversão." Observei com grande diversão enquanto a cor sumia de seu rosto e seu queixo afrouxava com o choque e talvez um pouco de descrença. "As larvas então vão liberar toxinas potentes que romperão a barreira hematoencefálica. As toxinas intensificarão suas necessidades mais básicas – sede, fome, sexo. Quando o parasita finalmente perceber que não há útero quente e aconchegante para depositar mais ovos e completar seu ciclo, os vermes adultos começarão a se alimentar agressivamente de seu fígado, na tentativa de engordar para sobreviver. No final das contas, você terá falência de órgãos e morrerá. E será então que você finalmente os expulsará." Suspirando, dei de ombros. "Mas eu não me preocuparia. De qualquer forma, você estava a caminho da insuficiência hepática."

Barletta ficou de quatro e enfiou um dedo rechonchudo em sua garganta. O vômito jorrou de sua boca e nariz no chão.

Enquanto ele vomitava e engasgava, tirei um pequeno relógio de bolso da calça e poli sua superfície na camisa, notando que era pouco antes da meia-noite antes de guardá-lo novamente. "É inútil. Digamos que, para discutir, você conseguiu expelir algumas centenas de ovos. Ainda há muitos mais. A caminho do seu fígado agora. Que, suponho, está em um estado grotesco de cirrose neste momento."

Ele enfiou um dedo na garganta novamente e soltou uma tosse rouca. "Seu doente de merda. Seu doente e maluco! Me deixa ir!"

"Doente, porra? Eu te dei abrigo. Bebida cara. Não é como se eu tivesse batido no seu crânio com uma garrafa de bebida e deixado você em coma. Isso teria sido absolutamente injusto."

Seus olhos se arregalaram e ele caiu sobre os calcanhares, deixando escapar um soluço cansado.

"O que separa os monstros dos homens bons é apenas uma questão de perspectiva. Aos seus olhos, sou um idiota doente pelo que fiz com você. Mas eu, por outro lado, vejo você como um *parasita*."

Pegando a garrafa, ele a jogou em mim. Com o impacto nas barras de ferro da gaiola, o vidro quebrado caiu no chão.

“Isso é uma pena. Estimo que em cerca de uma hora você estará passando por algumas abstinências bastante intensas.” Com os lábios achatados, balancei a cabeça e me levantei da cadeira. Com uma mão atrás das costas, levantei um copo, onde uma pequena quantidade de bebida alcoólica havia se acumulado na superfície. Embora os ovos fossem praticamente invisíveis, o fluido parecia se mover com o movimento do parasita contido dentro de seu casulo. Sorrindo, joguei fora. “Fui eu quem ofereceu dinheiro e asilo na Ilha Dracadia. Aquele que atraiu você aqui.”

Mais uma vez, uma chama de descrença brilhou em seus olhos. “Você? Por quê?”

“O porquê será revelado mais tarde. Há um fio frágil que nos une, senhor Barletta.” Uma forte pontada de dor atingiu ambos os lados da minha cabeça e, com os olhos fechados, soltei um grunhido, esfregando a palma da mão onde a agonia quase vibrava em meu crânio. O que quer que Barletta tenha me dito depois se transformou em um irritante borrão de som, até que voltou ao foco e eu abri os olhos.

Um episódio curto daquela vez, felizmente.

“Porra, deixe-me sair daqui!” Pegando um dos cacos de vidro, ele enfiou o braço no espaço entre as barras da jaula, numa tentativa patética de me cortar.

Eu ri e balancei a cabeça com uma expressão de pena que sem dúvida o irritou. “Considere esta penitência. Sua oportunidade de salvar uma vida, pelo menos uma vez.” Enfiei as mãos nos bolsos e me virei. “Eu posso ver que você está chateado. Voltarei amanhã com um café da manhã.”

Os gritos de Barletta ecoaram atrás de mim enquanto eu caminhava pelo corredor.

Capítulo 9

Lilia

“Tem certeza de que este é o lugar?” Jayda perguntou ao meu lado, enquanto nós duas olhávamos pelo para-brisa do carro dela em direção à estação de trem.

Pelo menos pensei que fosse uma estação de trem.

Ervas daninhas secas pelo calor se projetavam através do concreto rachado, e o prédio dilapidado, onde uma placa de ingresso pendia meio inclinada, nem parecia aberto. O lugar parecia abandonado, com lixo espalhado pelo estacionamento e palavras coloridas grafitadas em um dos vagões parados.

Depois de dar outra olhada no convite que estava em meu colo, assenti. “É o endereço no convite.”

“Que tal eu ficar um pouco, só para garantir?”

“Você tem que acordar em quatro horas para trabalhar. Eu vou ficar bem.”

“Garota, é *trabalho.* Estará lá amanhã e depois também. Não posso dizer o mesmo de você se eu for embora.”

“Estou com minha lâmina e meu spray de pimenta. Isso deveria pelo menos me dar uma vantagem, certo? Além disso, são quinze para a meia-noite. O trem

teoricamente deve chegar aqui em quinze minutos.”

“Se é que *teoricamente* está acontecendo.” Jayda se inclinou para frente, e eu tive uma boa ideia de que nós duas vimos o mesmo cara com roupas surradas encostado no prédio, quando ela balançou a cabeça e disse: “Eu só vou ficar. Assim, se não vier, já estou aqui para te levar de volta.”

Sorrindo, recostei-me na cadeira, secretamente aliviada por ela não ir. Sempre cuidei de mim mesma, mas às vezes, era bom ter alguém cuidando de você. “Sei que você não gosta de sentimentalismo, mas…”

Ela ergueu a mão entre nós. “Não faça isso.”

“Não sei o que faria sem você na minha vida.”

“Pare com isso. OK? Pare com isso.” A mesma mão que ela usou para sinalizar pousou nos nós dos meus dedos e deu um aperto suave. “Você é mais forte do que imagina, Lilia. Só precisa começar a acreditar nisso.”

“Eu irei, quando você começar a aceitar elogios e gratidão.”

Ela bufou e se virou, retraindo a mão enquanto eu ria.

Dez minutos se passaram. A ansiedade deu um nó no meu estômago, enquanto eu mordia o lábio inferior. Eu nunca tinha saído de Massachusetts antes. Nunca tinha viajado de trem ou avião. Às vezes, íamos acampar quando minha mãe ainda era viva, mas nunca além de alguns condados de distância. Dizer que eu estava nervosa era um eufemismo.

“Talvez devêssemos ir embora”, eu disse a Jayda dois minutos depois da meia-noite.

Assim que as palavras passaram pelos meus lábios, o barulho da minha garrafa de água no porta-copos chamou minha atenção para lá. Olhei para baixo e vi a superfície ondulando.

Jayda se virou para mim, com uma expressão interrogativa.

Nem um segundo depois, a luz cortou a neblina. Um zumbido alto surgiu à distância, um ruído estático sob o rangido de metal contra metal. Uma buzina soou, batendo em meu peito, e eu saltei para frente para ver o sem-teto acordar assustado.

Nós duas saímos do veículo e, depois de pegar minha mala e mochila no banco de trás, caminhei com cautela à frente do carro para ver uma enorme forma sombria cortando a saliência das árvores. Um veículo monstruoso diminuiu o ritmo e, com um guincho furioso, soltou um último ruído e parou.

Minha boca se abriu enquanto eu apreciava a magnificência disso. Uma superfície preta brilhante, sobre a qual detalhes dourados lhe conferiam uma aparência luxuosa. Na lateral estava escrito *Dracadian Express* em fonte dourada brilhante, com a cabeça de um dragão dourado curvada sobre as letras.

Ele ficou parado enquanto eu admirava o exterior e, através das janelas escuras, notei figuras obscuras se movendo – o que presumi serem outros passageiros lá dentro.

À direita, um homem vestido de terno preto e chapéu, com bordados dourados na lapela, veio em minha direção. Foi apenas com base em alguns filmes que assisti, que fui levada a acreditar que ele poderia ser o maquinista do trem.

“Cartão de embarque?” ele perguntou, e eu vasculhei o envelope que segurava. A passagem preta brilhante combinava com o trem, com seu dragão dourado e uma linda fonte dourada metálica, e eu o entreguei a ele.

“A universidade tem trem próprio?”

“É propriedade da universidade, mas atende toda Dracadia e Maine.” O condutor apontou para uma entrada onde uma rampa descia lentamente. “Você está no vagão dois. Lounge e observação ficam na frente. Tenho mais algumas paradas e devemos chegar à cidade portuária às cinco da manhã.”

Com um aceno de cabeça, sorri, a excitação zumbindo dentro de mim. “OK.”

“Bem-vinda a bordo, senhorita Vespertine.” Ele levantou minha mala e meus músculos se contraíram para pegá-la de volta. Aquela única bolsa continha tudo o que eu possuía. Toda a minha vida, essencialmente.

Tive que me lembrar que não era o transporte público de Covington. O que eu possuía provavelmente era considerado lixo no mundo em que eu estava prestes a entrar.

“Bem, é isso”, disse Jayda ao meu lado.

Virei-me para ver o sorriso cheio de orgulho em seu rosto, enquanto ela olhava

para o trem. “Voltarei para visitar.”

“É melhor que sim.” Ela passou os braços em volta de mim, espremendo o ar dos meus pulmões. “Cuide-se, Dra. Lilia.”

“Obrigada por tudo,” sussurrei, e com isso, ela me soltou, recuando para que eu pudesse ver um brilho em seus olhos.

“Vá em frente. Seu futuro está esperando.”

À primeira pontada de lágrimas, pisquei duas vezes para afastá-las e me virei em direção ao trem. Me esforçando para não chorar, respirei fundo e subi a rampa atrás do condutor, passei pelo bagageiro e passei pela porta automatizada que dava para o vagão dois.

Os assentos ostentavam um luxuoso veludo preto com letras douradas, dispostos em fileiras de dois em cada lado do longo corredor que percorri em direção ao meu assento. O punhado de passageiros por quem passei olhava para seus celulares. Vestidos com roupas de grife, blazers e blusas, com bolsas que provavelmente custam tanto quanto eu ganhava em um mês, eles combinavam com o papel de um estudante da Ivy League.

Peguei parte do dinheiro que Jayda me deu para comprar algo decente para vestir. Eu gostava de vestidos vintage, graças à minha mãe, que sempre me disse que vestidos e saias eram a rebelião de uma mulher contra a natureza implacável do mundo. Suave, vulnerável e ousado ao mesmo tempo. Nunca tive coragem de usá-los no metrô tarde da noite, apenas nas aulas durante o dia. Para a viagem de trem, optei por um vestido de verão com babados e cor clara, com a jaqueta de couro desbotada da minha mãe e minhas botas de combate. Embora eu não parecesse um sem-teto, certamente não estava tão arrumada quanto os outros passageiros – aqueles cujas joias pendiam de seus pulsos e pescoços como enfeites extravagantes. Esparramados em seus assentos com seus telefones, pareciam completamente à vontade, talvez até entediados e pouco impressionados.

Enquanto isso, eu estava sentada cantarolando como uma abelha, com tanta ansiedade reprimida que era uma maravilha que eles não pudessem me ouvir vibrando no meu assento.

Meus joelhos balançavam incessantemente enquanto o trem avançava. Virei-me para a janela e acenei enquanto observava Jayda passar por mim, como se

estivesse vendo minha antiga vida escapar para a nova. Eu nem tive tempo de pensar que iria frequentar uma faculdade da Ivy League. Uma universidade respeitada. Arranhar meu próprio braço não conseguiu me tirar daquele sonho estranho.

As coisas também não estavam resolvidas com Conner e Bee. Eu havia enviado dois meses da minha metade do pagamento para a conta escolar de Bee, mas precisaria encontrar um emprego imediatamente para começar a economizar e sobreviver, além de trabalhar e estudar.

Minha carga seria pesada, mas não foi sempre assim?

Concentre-se no agora, Lilia. As palavras da minha mãe, que sempre conseguiu acalmar minha ansiedade quando eu era criança.

Fechei os olhos, apoiando a cabeça no assento almofadado – muito diferente do plástico rígido com o qual estava acostumada no metrô. Eu precisava dormir um pouco. Mesmo que fossem apenas algumas horas, para não parecer um zumbi quando chegasse ao campus.

Enquanto eu roubava o momento para tirar uma soneca rápida, meus pensamentos ficaram distantes.

Capítulo 10

Devryck

Deslizando o bisturi do acrômio até o centro do tórax e depois em direção ao abdômen, fiz uma incisão em Y no corpo do falecido. Eu já havia feito um exame externo e confirmado que ela era, na verdade, Andrea Kepling, enviada do escritório do legista do condado de Calypso para confirmação da causa da morte.

O mapa preto desbotado de veias, ou vonyxsis, que notei no exame externo, serviu como primeira pista. No entanto, sabia-se que algumas toxinas parasitárias diferentes causavam a descoloração, por isso não necessariamente confirmava um caso.

A segunda pista eram os fluidos pútridos e de cor escura que escorriam da incisão. Com o tempo que ela ficou armazenada, eu teria esperado alguma ejeção de fluido, mas não os líquidos abundantes que pingavam na bacia sob a mesa de exame.

E, porra, esse *fedor.* Nem mesmo a merda retida nas entranhas tinha um cheiro tão horrível.

Uma cócega no meu tornozelo chamou minha atenção para o chão, onde uma bola preta de pelo circulava minhas pernas como se ele tivesse o direito de estar ali. Um gato de Bombaim que eu herdei depois que ele de alguma forma entrou

no meu laboratório, e eu não conseguia, de jeito nenhum, me livrar daquela maldita coisa. Ele manteve os camundongos e ratos afastados, então decidi deixar o bastardo intrometido ficar por perto. “Vejo que você decidiu aparecer”, eu disse por trás da máscara e do escudo cobrindo meu rosto. “Quase comecei sem você.” O gato, a quem chamei de Bane, atravessou a sala e se acomodou no canto à minha frente, onde lambeu as patas.

Com uma pinça na mão, retirei cuidadosamente a pele da falecida como uma borboleta, expondo sua caixa torácica por baixo. Nada de excepcionalmente notável na pele ou nos ossos ainda cobertos de restos de carne. Além das veias escurecidas, o estado de seu corpo, naquele momento, parecia bastante normal para alguém que supostamente havia sido devastado por uma doença. Era o que eu esperava encontrar lá dentro, que contaria uma história sinistra e sombria sobre como ela poderia ter morrido.

Em seguida, peguei a tesoura para costelas e quebrei cada um dos ossos de conexão. Com uma faca post-mortem, cortei os músculos que a mantinham no lugar e levantei a proteção das costelas, expondo os órgãos abaixo. Usando a ponta larga da faca, raspei um pequeno pedaço do músculo do osso, observando outra característica definidora das estrias ósseas do parasita. Se eu removesse todos os músculos e carne, seu esqueleto sem dúvida estaria coberto de tênues linhas pretas, como pequenas fissuras nos ossos. Porque ou como o parasita conseguia tal coisa, permanecia um mistério.

Coletei um pequeno pedaço de carne em uma placa de ágar que estava aguardando para exame posterior e coloquei-a de lado, depois fiz uma rápida anotação sobre o exame visual do coração, pulmões e fluidos coletados nos espaços. Mas não água. Além da inflamação excessiva, não encontrei evidências de aspiração nos pulmões. Apenas o fluido mais espesso, semelhante a soro, que eu acreditava ter vazado do trato gastrointestinal durante o transporte do paciente. Coloquei cerca de um litro do líquido mofado de seu abdômen e cavidade torácica em um frasco estéril. Ao erguê-lo contra a luz, não pude deixar de me perguntar quantos ovos ele poderia conter.

Amarrando um barbante no intestino, cortei a gordura do corpo dela e, uma vez livre, joguei as entranhas no balde que estava embaixo da mesa.

Ao remover meticulosamente cada um dos órgãos e pesá-los, finalmente cheguei àquele que me interessava desde o início: o fígado. No caso dela, tinha cerca de

um quarto do tamanho que deveria ter, preto, protuberante e exsudando os fluidos que eu havia coletado antes. Na ausência do parasita propriamente dito, isso confirmava o *Noctisoma*. Eu nunca tinha visto outro parasita devastar o fígado da mesma forma. As enzimas liberadas pelo verme liquefaziam o órgão para um consumo mais rápido e criavam uma bagunça infernal e viscosa.

Um movimento chamou minha atenção.

Olhei através da irritante barreira facial que refletia a luz e encontrei algo se contorcendo em uma poça de líquido no interstício. Com a pinça, vasculhei e retirei um verme longo, preto e magro, com cerca de trinta centímetros de comprimento.

“Puta que pariu,” eu murmurei. A cabeça do verme agarrou-se à minha luva e, embora eu não sentisse nada, a visão dele mordendo meu dedo me assustou e deixei-o cair de volta na cavidade abdominal do falecido. “Caramba!”

O verme deslizou sobre a pele e desceu pela borda da mesa de exame. Cambaleei em direção ao ralo do chão a poucos metros de distância, mas antes que pudesse cobri-lo com o sapato, o parasita escorregou pelos buracos do ralo e, de repente, desapareceu. Nem mesmo Bane, meu gato, conseguiu chegar lá rápido o suficiente, enquanto estava sentado mexendo no ralo, claramente deprimido pela oportunidade perdida. De alguma forma, ele teve a intuição de não comer minhocas, felizmente. No máximo, ele teria apenas teria o atrasado.

“Porra. Porra!” Tirei a luva e encontrei uma pequena bolha de sangue na superfície da minha pele.

Desde quando eles tinham crescido dentes?

Enquanto olhava para o corpo esculpido, meus pensamentos voltaram-se para as rápidas instruções que Lippincott me dera antes de eu concordar em realizar a autópsia.

“Ela é um caso especial.”

O que a tornou especial?

Depois de lavar o ferimento com sabão, cobri-o com um curativo, antes de calçar um novo par de luvas, e voltei a ver se o corpo dela me diria.

Quando cheguei ao cérebro dela, já tinha o cenário de sua morte claro na minha

cabeça. Tendo testemunhado a progressão algumas vezes, eu sabia o que os vermes dentro dela queriam: escapar. Serrei o último pedaço de seu crânio e, com uma chave de caveira, arranquei a coroa superior do osso para expor seu cérebro por baixo. Linhas pretas provaram a presença da toxina em alta concentração, e a presença de sangue deu algumas dicas sobre como ela morreu, confirmada pelos relatórios radiológicos anexos, afirmando que ela sofreu um derrame. Depois de cortar todas as conexões nervosas, removi o órgão gelatinoso e coloquei-o de lado. Ao cortar fatias, encontrei o que procurava no córtex pré-frontal – uma bolsa contida dentro de um saco membranoso transparente, onde a toxina mais pura, além daquela que poderia ter sido colhida do fígado cerca de uma semana antes, permanecia perfeitamente contida. Com a ponta de uma agulha, drenei o fluido de dentro e o depositei em um tubo de ensaio preparado. Levantei o fluido roxo brilhante com seus fios marmorizados pretos para a luz. Poderia ser tarde demais para utilizar qualquer coisa, já que ela já estava morta há algum tempo. Embora eu tivesse obtido os melhores resultados minutos após a morte, ainda valia a pena ficar com a amostra. Talvez qualquer inferno que a mulher tenha sofrido na vida, com a sua doença, possa um dia oferecer uma pequena promessa na sua morte.

———

De volta ao meu escritório no corredor administrativo, olhei para meu dedo enfaixado, minha cabeça tentando entender o que tinha visto durante a autópsia. Claramente, o verme tinha evoluído e eu suspeitava que poderia ter sido devido à inoculação repetida em humanos – um fígado humano saudável certamente poderia ter sido motivo suficiente para o crescimento de dentes.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos.

Limpei a garganta. “Entre.”

A porta se abriu para o Dr. Lippincott, Reitor de Dracadia, um amigo de longa data do meu pai. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele atravessou a sala, a visão dele azedou meu humor já rabugento. “Suponho que você não tenha nenhuma bebida escondida aqui em algum lugar?” ele perguntou, as sobrancelhas levantadas com uma esperança doentia.

Claro que sim. Afinal, ninguém aceita um emprego para idiotas de alta classe sem algo para entorpecer a miséria de tudo isso. Abaixei a gaveta de baixo da minha mesa e peguei uma garrafa de bourbon, junto com dois copos.

“Prepare-se, Devryck.” Lippincott era o único que não se preocupava em me chamar de médico ou professor. Eu não tinha decidido se era um gesto amigável ou se pretendia ser condescendente.

Depois de servir-lhe um copo, passei a bebida para ele, observando enquanto ele a bebia de um só gole e me fez sinal para servir outra.

“Acabei de me encontrar com Langmore por uma hora. Aparentemente, ele recebeu uma ligação de Albert Wilkins. Você se lembra de Albert?”

“Sim. O melhor alcoólatra de Dracadia”, respondi, observando Lippincott beber outra dose.

“Bem, ele cumpriu sua pena, ficou sóbrio e parece estar trabalhando para alguma faculdade comunitária em Massachusetts. De qualquer forma, Langmore afirma que ligou para contar sobre uma aluna sua que foi encarregada de escrever um estudo de caso *alucinante* envolvendo um parasita.”

“Adorável.” Eu coloquei meus pés em cima da minha mesa, esperando não tão pacientemente pelo ponto principal de sua história. “Então, o que exatamente justifica uma reunião de uma hora?”

“Langmore solicitou fundos para cobrir inteiramente o primeiro semestre dela. Eu entendo que ela é bastante brilhante. Foi aprovada por unanimidade pelo comitê de admissão.” Ele estalou os dedos, buscando mais bebida.

“E?” Servi outra rodada em seu copo.

“Ele a colocou em seu rodízio de Neuroparasitologia.”

“É melhor que tenha sido um trabalho de pesquisa que ela escreveu.”

“Na verdade, eu não li.” Ele bufou e acenou com as mãos com desdém. “Você tem ideia de quantas redações de alunos passam pela minha mesa? É uma pilha literária de pobres e indefesos solicitando assistência financeira. Quem diabos têm tempo para isso? Minha maior preocupação é que Langmore possa estar tentando rastrear esses estudantes pelas minhas costas e, se for esse o caso, pretendo pegar o bastardo sorrateiro em flagrante. Portanto, gostaria que ela permanecesse na sua classe. Se você detectar alguma brincadeira com o idiota, informe-me. Minha renomeação está chegando e não preciso de surpresas.”

“Você está me pedindo para tomar conta de uma estudante.” O tom da minha voz

não poderia ter sido menos entusiasmado. “Quem é ela?”

“Lilia Vespertine. Talvez você possa contratá-la como assistente...”

“Absolutamente, não.” Tomei outro gole do meu uísque, saboreando a queimação na garganta enquanto engolia a vontade de dar um soco nele.

Lippincott enterrou uma risada em seu copo. “No mínimo, quero monitorá-la enquanto estiver aqui. Se ele tentar colocá-la em qualquer outra classe avançada sem autorização prévia, ela será demitida.” Com o lábio superior curvado entre os dentes, ele balançou a cabeça. “Estou *esperando* a oportunidade de me livrar dele. E aquela vadia intrometida, Gilchrist”, disse ele com os dentes cerrados.

“E o que dizer da garota, nesse caso?”

“Negamos a ela assistência financeira para o segundo semestre. Ela recebeu uma bolsa Meritus por dificuldades financeiras. Não há nenhuma chance de ela frequentar a faculdade, caso contrário.” Ele passou o dedo pelo perímetro do copo, os olhos desfocados. “Além disso, soube que você concluiu o relatório da autópsia de Andrea Kepling. Posso perguntar as descobertas?”

“Estrias ósseas. Putrefação quase completa do fígado. Vonyxsis. Tapetum lucidum bilateral. Níveis significativos de toxina isolada do cérebro e do fígado. Nada de surpreendente.” Não me preocupei em mencionar o verme com malditos dentes.

“Então, estamos chamando isso de Noctisomose.”

“A presença da toxina é bastante indicativa, eu acho.”

Ele soltou um forte suspiro e se mexeu na cadeira como se o cara tivesse um caso grave de hemorroidas. “Devo dizer que não concordei totalmente com a realização desta autópsia aqui.”

“Por que?” Tinha que agir com cautela com Lippincott – ele era como um político, pois quanto mais perguntas você fazia, mais diversão ele inseria em suas respostas. “O que a torna tão *especial?*”

Outra expiração resignada e ele bateu o dedo na borda do copo. “Ela foi identificada como uma das pacientes que desapareceu no estudo do seu pai.”

Claro que ela estava. Quase duas décadas se passaram desde o desastre

escandaloso que pairou sobre minha carreira como uma maldição. Seis mulheres morreram. Duas haviam desaparecido. E, de alguma forma, herdei o trabalho de merda de limpar a reputação do meu pai. “Bem, parece que ela não pode mais falar sobre isso. Então qual é o problema?”

“O problema é que ela invadiu minha casa e tentou me matar. Como isso pareceria incrivelmente fodido se você então submetesse um relatório de autópsia de uma paciente que desapareceu de um estudo há vinte anos, que apresenta um parasita raro, o qual contribui com uma grande quantia de dinheiro para pesquisa. Ela me acusou de colocar malditos vermes em sua barriga!”

“A última vez que verifiquei, todas as evidências de que essas mulheres participaram do estudo foram eliminadas.” Era repugnante como toda a vida de alguém podia ser transformada em mentira. Quão facilmente a existência de alguém poderia ser eliminada sem questionamento ou explicação. Cada detalhe dos que participaram do estudo e posteriormente saíram, foi completamente apagado sem qualquer consequência. Embora tivesse recebido todas as anotações do meu pai, não sabia nada sobre as mulheres envolvidas no estudo.

Provavelmente foi melhor assim.

“Os relatórios ainda eram submetidos ao conselho antes disso. Não preciso que a mídia fique sabendo disso e conjurando histórias de que tive alguma participação na morte dessa mulher. Ela foi considerada psicologicamente instável e, portanto, sem credibilidade, mas como você bem sabe, *cadáveres* nunca mentem.”

Meus pensamentos voltaram ao momento, durante a autópsia de Andrea, em que tirei um verme de trinta centímetros do seu abdômen. “Acho surpreendente que ela tenha ficado doente recentemente. Já se passaram vinte anos. Este não é um parasita que costuma habitar um corpo por muito tempo.”

“A polícia disse que ela era uma moradora de rua na ilha. Talvez ela tenha se infectado. Não tenho explicação. Não participei dos estudos sádicos do seu pai, nem fiz qualquer esforço para contactar esta mulher, depois do que ela me fez.”

“Ainda assim, você está aqui por alguma coisa. O que é?”

“Quero que você altere o relatório.”

Eu bufei e me servi de outra bebida, sem saber se o maluco filho da puta estava

falando sério ou brincando. “Está me pedindo para falsificar minhas descobertas?”

“Não se atreva a ser técnico e jurídico comigo. Lembre-se de quem salvou *sua* bunda no ano passado com aquela garota Harrick.” Mais um escândalo sem absolutamente nenhum mérito. “O nome de sua família me custou um controle excessivo de danos. Estou simplesmente pedindo que você remova o detalhe da toxina.”

“E as estrias ósseas? Como diabos posso explicar isso na ausência de qualquer anomalia genética ou displasia?”

“Acerte essa descoberta também.”

Gemendo, esfreguei a mão no rosto, ouvindo-o transformar um simples relatório em uma complexa teia de mentiras que até mesmo um patologista novato que se preze poderia desvendar. “Ela tem todo um perfil médico baseado nos danos que esse verme causou. O que vai acontecer quando alguém questionar minhas descobertas e ela for exumada?”

“Ela será cremada depois. Nem o hospital, nem o médico legista, nem esta universidade, estão interessados em absorver o custo de um enterro. Pelo que entendi, eles rastrearam um tio que pode assinar a cremação. Portanto, seu relatório é o evangelho. Remova silenciosamente essas descobertas e ninguém ficará sabendo.”

Falsificar um relatório não era novidade – eu já tinha feito isso antes, com uma explicação razoável e lógica. Tentar imaginar uma razão para cada agressão fisiológica que essa mulher havia sofrido, no entanto, era um quebra-cabeça que eu não precisava jogar no meu colo.

“Você acha que sou um bastardo por solicitar tal coisa.”

Virei o último gole de bebida no meu copo, me convencendo de que seria uma má ideia bater no rosto dele com ele. “Estou mais impressionado que você possa facilmente me pedir um favor que me custaria minha licença.”

“O que você quer em troca, Devryck?”

Agora estávamos conversando. Eu poderia justificar o trabalho por uma pechincha. “Quero que as câmeras sejam removidas do meu laboratório.”

“Essas câmeras são uma exigência do financiamento. Estão ligadas como resultado de...”

“Eu sei por que estão no lugar.” Inclinei a cabeça apenas o suficiente para esticar a cicatriz que ia do pescoço até o cotovelo. Um ataque com ácido, cortesia do sempre vigilante corpo estudantil, que se sentiu compelido a me tornar vilão pelo desaparecimento de uma garota – sem provas adequadas, é claro. Passei dois meses em um hiato, me recuperando, o que me deixou ainda mais atrasado no trabalho. “Não trabalho com alunos assistentes, como já expliquei diversas vezes à diretoria.”

“Por que você insiste que sejam removidos, então?”

“Não gosto de me sentir como se estivesse sendo observado enquanto trabalho. Isso perturba meu foco. Remova-as silenciosamente e ninguém ficará sabendo.” Repeti suas palavras de momentos atrás.

“Tudo bem. Considere isso feito.” Com as pernas cruzadas, ele olhou ao redor do meu escritório e tomou um gole de sua bebida.

Não pude deixar de imaginar como seria incrivelmente gratificante colocar algumas larvas em sua bebida. Claro, isso era apenas a preguiça falando. Detestava a ideia de ter que editar meu relatório.

“Estou surpreso por ter conseguido falar com você no horário comercial. É uma maravilha que você durma.” Lippincott empurrou o copo vazio sobre a mesa. “Como está indo a pesquisa?”

Minha mente não deixava passar essa fantasia, tão vívida e divertida. Pensando naquelas coisas se contorcendo, descendo pelo esôfago e chegando à barriga. *Saia dessa, Devryck.* Limpei a garganta, revirando os ombros para trás. “Constante e tediosa, como sempre.”

“Algum progresso na variante mais recente?”

“Sim. Agora tenho uma mariposa com uma tromba totalmente estendida que prefere um belo bife mal-passado a laranjas fatiadas.”

“Acho isso absolutamente fascinante.”

“Se isso não significasse fracasso, eu também acharia.”

“Não pretendo adicionar mais pressão, mas com as avaliações trimestrais chegando, haverá interesse indesejado no programa.” Suas mãos envolveram o braço da cadeira e os músculos de seu rosto ficaram tensos.

Não era nenhum mistério o que o havia incomodado. Ter que enfrentar os membros do The Rooks – aqueles que praticamente nasceram no poder excessivo – com um relatório estagnado não seria uma tarefa fácil. Felizmente, eu desfrutava de um status um tanto isolado, pois minha linhagem com o grupo chegava até meu tataravô – um dos fundadores. Foi a única razão pela qual os Rooks não jogaram meu pai em uma de suas lindas jaulas, depois da humilhação que ele causou. Humilhação que desde então fui incumbido de absorver.

Embora ambicioso e descarado o suficiente para subir a escada do poder, Lippincott era apenas um Rook de primeira geração. *Novo rico* que só se casava com dinheiro, e o fato de não ter nascido nisso o tornava praticamente dispensável. Facilmente derrubado de seu degrau, se ele estragasse tudo.

“Requisitei o laboratório Midnight para ajudar na propagação e inoculação da mariposa, na esperança de testar múltiplas variantes ao mesmo tempo”, ofereci como uma consolação fraca. Não importava quanto tempo eu levasse para concluir meu trabalho. A menos que de repente eu me tornasse uma ameaça para a sociedade, não sofreria nada além de um tapa na cara.

Lippincott, por outro lado, carregava o peso do fracasso.

Felizmente para ele, eu tinha outros motivos para me manter motivado. Mais notavelmente, o fato de que, a qualquer momento, todos os músculos do meu corpo poderiam travar e se contrair, inclusive meu coração, e me levar a uma parada cardíaca. Então, sim, senti a pressão.

“Mas ainda estamos longe dos ensaios clínicos *em humanos.”* Lippincott caiu na cadeira como uma criança que não estava recebendo o que queria no Natal.

“Inocular um ser humano nesta fase seria desastroso. Mortal. *Irresponsável.”* Uma imagem do bêbado do beco, que eu tinha trancado em uma cela, naquele momento piscou em minha mente.

“Assim como o fracasso em produzir resultados. Tenha em mente a dificuldade em conseguir a aprovação deste estudo, especialmente com um Bramwell no comando.” Ele esfregou as mãos, claramente ansioso. “Minha oportunidade de me tornar presidente desta instituição depende do sucesso disso, Devryck. Conto

com você para obter resultados. Seu estudo pode mudar todo o cenário da medicina e dos produtos farmacêuticos." Como se eu precisasse que ele me lembrasse disso. O homem não punha os pés num laboratório há vinte anos. Houve uma época em que ele foi brilhante, mas em vez disso escolheu o drama político e administrativo – um caminho que evitei com o fervor de uma infecção indesejada de sífilis. "Estou ansioso pelo seu próximo relatório de IBS."

"Preciso de mais tempo. As toxinas produzidas por este parasita estão sempre mudando e evoluindo." Praticamente se transformando em monstros, com dentes e cauda de escorpião.

"Se precisa de mais tempo, farei isso acontecer. Mas saiba que haverá uma enorme pressão sobre a universidade nos próximos meses. A diretoria, os patrocinadores, eles querem sucesso. Querem resultados. A promessa deste estudo foi o único ponto redentor para os patrocinadores."

"Terei resultados."

"Claro que vai. É aí que você e seu pai divergem." Seu olhar baixou em direção à minha mão, onde eu havia colocado um band-aid na minha pequena mordida de amor do parasita. "O que aconteceu?"

"Corte de papel. Nada sério."

Ele bufou. "Até que infeccione, desenvolva alguma forma resistente de bactéria e se transforme em septicemia."

"Eu lavei, Edward. Completamente."

Com uma risada, ele bateu os nós dos dedos na minha mesa enquanto se levantava. "Vou deixar você voltar ao trabalho, então."

Capítulo 11

Lilia

O toque de uma buzina me assustou e acordei com um suspiro pressionado contra a vidraça fria de uma janela. A baba molhou meu rosto e passei o braço pelo rosto em um movimento, o mais sutil que pude, olhando ao redor e vendo outros passageiros também despertando do sono. À luz da lua, uma névoa espessa pairava sobre a água, enquanto eu espiava pela janela o oceano ao longe.

O oceano.

Eu só tinha visto isso uma vez quando era adolescente. Por mais que minha irmã e eu sempre sonhássemos em ir à praia, minha mãe sempre recusou, optando por acampar na mata. Como se minha mãe tivesse medo da água.

Eu achava isso hipnotizante.

“Atenção, passageiros, chegamos a Thresher Bay, Maine, onde são cinco e seis da manhã. O tempo está ameno, dezessete graus com manchas de neblina espessa. A balsa partirá aproximadamente às cinco e meia para transportá-los para a Ilha Dracadia. Por favor, reúna sua bagagem e preste atenção ao pisar na rampa de saída. Se este é seu primeiro ano em Dracadia, parabéns e seja bem-vindo!” O trem entrou em uma enorme cúpula de vidro e diminuiu a velocidade até parar entre dois outros trens estacionados, cada um separado por uma plataforma estreita na qual havia um relógio em pé acima de uma placa

indicando as próximas partidas.

À minha frente estava sentado um cara, mais ou menos da minha idade. Ele tirou os fones de ouvido, seus olhos azuis brilhantes, um contraste impressionante com sua pele escura, olhando além de mim, provavelmente em direção à janela do meu outro lado.

Senti um pouco de alívio ao ver outra pessoa sem roupas de grife.

Depois de desafivelar o cinto, fiquei de pé e esperei enquanto uma fila de passageiros se dirigia ao bagageiro. Uma tensão inexplicável tomou conta de mim enquanto eu olhava para minha mala, longe demais para ser agarrada.

Relaxe, ninguém quer sua maldita mala.

No final da fila, o garoto à minha frente fez um gesto para me deixar ir primeiro e, com um aceno de cabeça apreciativo, saí para o corredor atrás de todos os outros.

“Primeiro ano?” ele perguntou, entrando na fila atrás de mim.

Com os lábios apertados, sorri. “É óbvio?” Esperava que sim, considerando que eu era cerca de dois anos mais velha do que deveria no primeiro ano.

“Você parece um pouco nervosa.”

“Na verdade, estou no segundo ano, mas é meu primeiro ano na universidade. E você?” A fila avançou e eu tirei minha mala do bagageiro, tropeçando enquanto a levava para o corredor estreito.

“Segundo ano.” Ele puxou uma mala muito mais sofisticada do bagageiro e, no breve momento antes de a fila avançar, estendeu a mão. “Meu nome é Briceson Williams.”

Retribuí o aperto de mão. “Lilia. Prazer em conhecê-lo.”

“Você também. De onde você é?”

Olhei por cima do ombro para uma passageira loira que estava ocupada navegando no Instagram e me virei, baixando a voz. “Covington.”

“Ah, casa do Luminet.” Com os lábios esticados em um sorriso, ele encolheu os ombros. “Estou a algumas cidades daqui, em Lansmot. E eu sou meio que um

nerd de teatro.”

Da última vez que verifiquei, Lansmot era a segunda cidade mais rica de Massachusetts. Mesmo assim, eu não me sentia uma indigente perto dele; na verdade, achei que ele era bem fácil de se relacionar.

“Na verdade, moro acima do teatro”, disse.

“Sério? Sem chance! Estou com tanta inveja!” Ele riu e balançou a cabeça, alertando-me que a fila havia avançado.

“Sim,” eu disse por cima do ombro, caminhando para a saída. “Sei quase todas as palavras de *Les Misérables* neste momento.”

“Eu também. Mas por razões diferentes, suponho.” Todos nós descemos a plataforma em direção à parte principal da estação. “O que você está estudando?” Com o espaço mais amplo, ele caminhou ao meu lado, nós dois andando lado a lado.

“Microbiologia médica. Você?”

“Química.”

“Nossa. Equilíbrio redox. Odiava isso com todas as fibras do meu ser.”

“Cálculo simples.”

“Ahh, isso foi um insulto sutil.” Sorri, meu braço esticando enquanto minha mala quicava nas rachaduras no concreto atrás de mim.

A estação dava para uma estrada, onde todos atravessavam até a lancha da balsa do outro lado da rua. Pálidos raios de sol começaram a surgir sobre as nuvens, embora provavelmente demorasse mais meia hora, ou mais, antes do nascer do sol. Olhando para uma estátua em frente à lancha, estudei o perfil pétreo de um homem com uniforme de estilo colonial. O cartaz a seus pés dizia: *Lorde Comodoro Adderly,* e abaixo dele, *Em memória daqueles que morreram a caminho de Dracadia*.

Enquanto seguia todos até a pequena ponte de embarque, avistei a água turva do oceano abaixo. Eu nunca estive em um barco antes e realmente esperava não ficar enjoada. Especialmente na frente de um monte de gente que acabei de conhecer pela primeira vez.

Assim como no trem, todos guardamos nossa bagagem em um pequeno bagageiro. Briceson deu um leve movimento de cabeça. “Se você tende a ficar um pouco enjoada como eu, a cabine provavelmente é melhor”, disse ele, como se estivesse lendo minha mente.

Um sorriso nervoso levantou o canto da minha boca e eu balancei a cabeça. “Sim. OK.”

Ele nos conduziu para dentro de uma enorme cabine de passageiros, com mesas e bancos, e apontou para um assento perto de uma pequena janela. Estar cercada por paredes me fez sentir menos vulnerável e deslizei para o banco em frente a ele. “Quanto tempo dura a viagem até Dracadia?”

“Cerca de noventa minutos, mais ou menos. Não muito tempo.”

“Então, a universidade... como é?”

“É uma ótima faculdade. Um belo campus. Se você conseguir superar os fantasmas e a história assustadora.”

“Um estudante de química que acredita em fantasmas?”

Ele bufou uma risada. “Eu não acreditava em muitas coisas antes de frequentar esta faculdade. Mas isso vem com o território. Você meio que tem que seguir em frente.”

Após um breve anúncio do capitão, a balsa se afastou do cais e eu espiei pela janela para ver a água do oceano espirrando enquanto acelerávamos. Estudei o mapa de Dracadia, vi sua posição a quilômetros do Golfo do Maine, onde li que a água atingia profundidades de mais de trezentos metros em alguns pontos. O pensamento causou um arrepio na minha nuca. *Por favor, não envie nenhum maremoto para virar o barco.* Ficar presa no meio do oceano passou a ser um pesadelo recorrente para mim, por algum motivo. Meu terapeuta me disse que poderia ter sido minha mente se sentindo presa às minhas circunstâncias. O Google sugeriu que em breve eu enfrentaria um momento perigoso em minha vida.

Eu esperava que fosse apenas um pesadelo estúpido, que não significava muita coisa.

“Você realmente viu um fantasma ou algo assim?” — perguntei a Briceson,

procurando uma distração para o gorgolejar em meu estômago. Por mais que eu quisesse olhar para o oceano, vê-lo mergulhar e subir com as ondas causou um arrepio no meu peito, e decidi *contra* a possibilidade de pintar a mesa entre nós de vômito.

“Tudo o que vou dizer é que você pode ver algumas coisas estranhas. Mas, até onde eu sei, ninguém jamais foi *morto* por um fantasma lá.”

“Bem, é bom saber disso.”

Ele passou o braço por cima do banco e recostou-se no assento. “Então, o que um microbiologista médico faz?”

“Quero estudar doenças. Encontrar curas. Você sabe, salvar o mundo. Você?”

“Você acreditaria em mim se eu dissesse que não sei? Provavelmente vou me tornar professor e moldarei as mentes daqueles que têm suas coisas sob controle melhor do que eu.”

“Bem, pelo menos você tem um plano.”

De alguma forma, uma hora e meia se passou com uma conversa leve e apenas um pequeno caso de náusea que consegui controlar, respirando com dificuldade pelo nariz. Observar o sol nascer no horizonte, seus raios cor de salmão estendendo-se pela superfície da água, também proporcionou alguma distração. Fugaz, pois aqueles raios dourados desapareceram muito rapidamente atrás da escuridão do céu nublado.

Quando, finalmente, a silhueta escura da ilha pôde ser vista através da neblina, fiquei maravilhada com a curva arqueada que, na verdade, parecia um dragão adormecido. Nuvens cinzentas, inchadas pela chuva, assomavam como nuvens de fumaça preta subindo.

“Olá, Dracadia”, disse Briceson, espiando pela janela.

“Uau. É lindo.”

“É ainda mais bonita de perto.”

O barco passou pela fenda na rocha, sob o arco, em direção ao outro lado da ilha. Pináculos rochosos se erguiam para o céu sombrio sobre as copas escuras e finas dos pinheiros que cobriam os terrenos da universidade. O motor diminuiu a

velocidade enquanto o barco cambaleava pelas ondas agitadas em direção a uma estrutura de pedra, semelhante a um castelo, no sopé do penhasco, cujo centro parecia ter sido esculpido em um arco. Tochas tremeluzentes iluminavam o caminho através do pequeno túnel, que se abria para um interior abobadado, onde vários pequenos barcos estavam atracados. Os atendentes dentro da casa de barcos rochosa correram ao redor do barco, amarrando-o enquanto seguíamos em direção à rampa.

Parado no convés, ao lado de toda a bagagem empilhada, um homem de meia-idade sorriu para mim e, quando peguei minha mala, ele colocou a mão gentilmente em meu braço. “Entendi, senhorita. Sua bagagem será entregue em seu dormitório.”

Aquela mesma sensação desconfortável de antes me incomodava. Suspeitei que todos os outros alunos no barco provavelmente poderiam se dar ao luxo de substituir um guarda-roupa ou de aparelhos perdidos, mas esse não era o meu caso. Se ele perdesse, ou pior, se fosse roubada, eu não teria nada.

“Confie em mim”, acrescentou ele, e percebi que ainda estava segurando a alça da minha mala. “Você não vai querer arrastar essa coisa morro acima.”

Com isso, fiz uma reverência para o lado, notando através do túnel de tijolos onde o caminho desaparecia na encosta da montanha.

“Não se preocupe, eles são muito bons em entregar tudo com cuidado”, disse Briceson atrás de mim. “Eu também fiquei um pouco desconfortável no começo.”

Do bolso do casaco, o atendente tirou uma caneta e folheou as primeiras páginas da prancheta que segurava na outra mão. “Nome?”

“Lilia Vespertine.”

“Lilia … Lilia … ah, sim. Crixson House. Quarto trezentos e dez.” Ele destacou um adesivo da página e o fixou em minha bagagem.

“OK. Obrigada.” Dei mais uma olhada em minha mala antes de sair do barco.

Uma plataforma de pedra levava em direção ao túnel, e eu pisei naquela direção, presumindo que fosse o caminho para o meu dormitório, quando um aperto no meu braço me fez parar.

Briceson me soltou, colocando uma bolsa carteiro no ombro. “Ei, posso pegar seu número de telefone?”

“Oh. Hum. Eu não estou…”

“Não é desse jeito. Eu, hum…. tenho um namorado?” Um sorriso torto inclinou seus lábios enquanto ele coçava a nuca.

Idiota, eu me repreendi silenciosamente. De alguma forma, tinha que me livrar da ideia de que todo cara que pedia meu número estava procurando uma conexão.

“Certo. Desculpe, hum, sim.” Enquanto seguimos em direção ao túnel, eu chacoalhei meu celular para ele, e ele me enviou uma mensagem com um emoji de carinha sorridente que dizia, *olá*.

“Agora você tem o meu. Eu apenas pensei que seria legal trocar falas de teatro algum dia.”

Sorrindo, balancei a cabeça. “Gostaria disso.”

“Lilia? Tem uma Lilia Vespertine?” Ao ouvir meu nome, virei para uma loira de olhos brilhantes, que, como o atendente, também segurava uma prancheta.

Briceson me deu um leve tapinha no ombro. “Nos vemos depois. Boa sorte!”

“Obrigada. Você também.” Com essas palavras de despedida, fui em direção à loira que me chamou. “Eu sou Lilia,” disse, andando até ela.

Depois de uma avaliação, ela abriu um sorriso muito largo que enrugou seus olhos. “Eu sou Kendall. Eu trabalho com o gabinete do reitor. O Dr. Langmore pediu que viesse buscá-la para uma rápida apresentação.”

“Claro.” Fui atrás dela, afastando-me do túnel e subindo uma escadaria de pedra em caracol, até o que parecia ser um teleférico de esqui.

Alguns estudantes, incluindo Briceson, seguiram o caminho que levava para cima em direção ao edifício semelhante a um castelo à frente, e enquanto eu olhava para baixo, dezenas de metros abaixo de mim, pude vê-los fazendo a subida íngreme.

Assim que nos acomodamos em nossos assentos, a gôndola entrou em movimento, saindo de sua torre e, àquela altura, pude finalmente apreciar o

deslumbrante terreno da faculdade tendo como pano de fundo o oceano. O nascer do sol lutou para romper o céu nublado, oferecendo um brilho suave sobre o movimentado campus, enquanto os alunos chegavam para o novo semestre.

Os edifícios da universidade estavam dispostos em forma de quadrado, cercados por um antigo muro de pedra que delimitava o perímetro da mata circundante. Como uma pequena aldeia composta por edifícios desgastados pelo tempo, com os seus arcos pontiagudos e abóbadas nervuradas, algumas cobertas por trepadeiras, com jardins e pátios exuberantes intercalados entre elas.

A riqueza corria nas veias da universidade, isso estava claro. No entanto, bem no fundo dos seus ossos, escondiam-se as tragédias adormecidas do seu passado, aquelas que haviam sangrado na decadência irreparável que envelheceu o exterior como uma infecção latente.

“Dracadia já foi um mosteiro”, disse Kendall, olhando pela janela da gôndola.

“E um asilo, certo?”

“Sim. Tem uma história bastante sombria. Mas tenho certeza de que isso não impressionaria alguém como você.”

Com isso, franzi a testa, sem entender direito o que ela queria dizer. Embora uma resposta sarcástica estivesse na ponta da minha língua, eu não queria isso no meu primeiro dia, então, em vez disso, virei-me para a janela e, durante o resto do passeio, permaneci quieta enquanto ela tagarelava sobre vida estudantil no campus.

Quando a gôndola finalmente diminuiu a velocidade até parar no terreno do mosteiro, pisei em uma plataforma estreita e desci um lance de escadas que levava ao gramado bem cuidado de um amplo pátio. De lá, segui atrás dela, atravessando o centro do campus, em direção ao que devia ser o prédio administrativo principal. Situado em frente a uma enorme torre do relógio na extremidade oposta do pátio, o edifício rivalizava em altura com todos os outros no campus.

Meus olhos vagaram maravilhados pelo lugar, antes de entrarmos no prédio e subirmos para o segundo andar, para um corredor de escritórios. Algo formigou na minha nuca quando diminuímos a velocidade e paramos em uma porta onde uma placa de ouro gravada com *Dr. Gilbert Langmore* estava pendurada ao lado

dela.

“Espere aqui um momento.” Kendall bateu na porta antes de entrar.

O som de uma voz percorreu o corredor e me virei em direção a uma porta entreaberta, avistando um homem relaxado na cadeira com uma expressão entediada, enquanto outro homem, invisível do meu ângulo, falava sem respirar. Quando o homem entediado se virou para mim, senti cócegas na minha nuca novamente.

Olhos cor de cobre, sob longos cílios pretos e uma sobrancelha naturalmente severa, olharam para mim. O movimento de sua mandíbula atraiu minha atenção para a perfeição de seu perfil, afiado e angular e sombreado por uma leve barba por fazer. Um calor trêmulo se espalhou sob minha pele e agitou-se em meu peito, enquanto ele piscava indiferentemente seus olhos antes de se voltar para a voz.

“Lilia?” A voz de Kendall me tirou do olhar. “Dr. Langmore está pronto para vê-la agora.”

Assentindo, limpei a garganta, roubando mais uma olhada no homem, que não se preocupou em olhar na minha direção novamente.

“Ah, Sra. Vespertine. Entre.” Atrás da mesa estava sentado um homem mais velho, com cabelos grisalhos e óculos. Ele se levantou da cadeira, apontando para a cadeira à sua frente, onde me sentei. “Acredito que você teve uma manhã longa, então vou manter esta reunião breve para que possa se acomodar. Sou o Dr. Langmore e gostaria de recebê-la pessoalmente na Universidade Dracadia.” Ele se recostou na cadeira. “Fiquei profundamente impressionado com o artigo que você escreveu para o professor Wilkins.”

“Obrigada, senhor”, eu disse, olhando para as paredes, onde citações inspiradoras estavam penduradas ao lado de diplomas emoldurados que destacavam cada etapa de suas credenciais. Exibida em sua mesa havia uma foto dele em um smoking cor de vinho profundo, os braços em volta de um homem um pouco mais alto e mais magro, em um smoking rosa claro.

“Sua análise foi excepcionalmente detalhada. Posso perguntar como você *projetou* este parasita específico?”

Eu não sabia por que ainda nutria o senso de dever em defender a privacidade de

minha mãe. Afinal, ela estava morta, e eu não tinha dúvidas de que o parasita responsável era algo que, desde então, aprendi que raramente infectava humanos. Queria dizer ao Dr. Langmore que sabia em primeira mão como a doença afetava um ser humano, porque a observei todos os dias durante semanas. Em vez disso, sorri e dei de ombros. “Apenas uma compreensão básica dos parasitas, combinada com uma imaginação selvagem.”

“Interessante.” Com uma expressão pensativa, ele ajustou os óculos e assentiu. “Estou ansioso para ver esse conhecimento florescer durante sua estada aqui. Conforme declarado em minha carta para você, todas as despesas serão pagas enquanto você estiver aqui. Quero que se sinta confortável neste ambiente. Se precisar de alguma coisa, quero que entre em contato comigo pessoalmente.”

Uau. Nunca fui pessoalmente recebida pelo reitor de nenhuma faculdade, muito menos convidada a contatá-lo. “Agradeço sua hospitalidade.” Hospitalidade? Essa era mesmo a palavra certa?

“Você recebeu o número do seu dormitório, correto?”

“Sim senhor.”

“Bom. Bom. Alguma dúvida sobre suas aulas?”

“Um, sim. Tem aula de parasitologia e laboratório de acompanhamento que já estava na minha agenda. Eu olhei os requisitos e parece que não cumpri o pré-requisito para essa aula.”

“Sim, eu inscrevi você nesse rodízio. Esse é o laboratório noturno do Professor Bramwell. Sem problemas. Tenho certeza de que você se sairá bem lá.”

Bramwell. O especialista que o Professor Wilkins mencionou no dia em que me fez o convite. “Sinto muito, não sabia que ele ensinava isso. O guia do curso listado…”

“Seu professor associado e assistente de ensino. Bramwell supervisiona o curso e dá palestras para a turma acompanhante, mas seu associado e assistente de ensino administram o Laboratório Midnight e as recitações. Dr. Bramwell é o líder responsável.”

“Eu vejo. Há outra aula na qual não me inscrevi também. Entomologia. Presumo que você também me colocou nessa classe?”

“Não. Provavelmente foi a Dra. Gilchrist. Ela é presidente do departamento da Faculdade de Ciências Naturais. Aquele que solicitou sua inscrição.”

“Sim, o Dr. Wilkins me informou.”

“Imagino que ela esperava ter você na classe dela, mas você pode removê-la, se quiser.”

“Não, tudo bem. Eu vou deixar isso.”

“Muito bom. Agora, Sra. Vespertine, imagino que esteja bastante cansada. Acomode-se, descanse um pouco e permita-me recebê-la em Dracadia. Vou pedir a Kendall que lhe mostre seu dormitório.”

Capítulo 12

Lilia

Droga.

Como uma idiota, decidi procurar meu dormitório designado sozinha enquanto explorava o campus um pouco ao longo do caminho. Olhei para o mapa que recebi da secretária do reitor, girando-o em um esforço para descobrir onde diabos eu estava. *Deixe comigo para me perder em um quadrado perfeito.*

Olhei para o prédio onde havia parado, uma torre sinistra cuja superfície coberta de líquen, entrelaçada com videiras verdes exuberantes, dava-lhe uma aparência muito mais antiga do que os outros edifícios do campus. Gravada na pedra havia uma placa indicando que era Rook Emeric.

O campus ostentava seis casas diferentes, cada uma com seu brasão. Lindos dormitórios com suas bandeiras balançando orgulhosamente na frente, nenhum dos quais parecia ser o Crixson Hall. Pelo menos, não no mapa que eu estava olhando.

Rosnando de frustração, eu me virei e fui direto para uma parede inflexível de homem. Uma humilhação ardente aqueceu completamente meu rosto quando recuei. “Desculpe!”

Deslizei meu olhar para uma camisa preta de botão, até um rosto perfeitamente

esculpido com olhos cor de cobre brilhando de irritação. O homem bonito que eu tinha visto no escritório do reitor. Sem uma palavra, ele passou por mim.

“Com licença”, gritei para ele, mas ele nem sequer me reconheceu.

O calor no meu rosto intensificou-se com a minha crescente irritação, e girei o mapa, tentando descobrir onde diabos eu estava. Examinei os arredores, observando os estudantes movimentando-se de um lado para o outro, todos bem compostos e vestidos como se pertencessem a um editorial acadêmico.

Concentrei minha atenção em uma mulher, mais ou menos da minha idade, vindo em minha direção. Cabelos longos e pretos caíam em cascata sobre os ombros, e seu batom vermelho enfatizava a palidez de sua pele. Ela usava um top curto com uma caveira na frente e calças listradas em preto e branco combinadas com botas vermelhas. Um pouco eclético, pelo que tinha visto até agora. Talvez ela fosse formada em artes ou algo assim.

“Com licença.” Minha voz mal se sobrepunha ao zumbido de vozes, mas ela parou e se virou em minha direção, com uma sobrancelha perfurada erguida. “Estou procurando pela Casa Crixson. Não está no mapa.”

“Porque não se chama Crixson.”

“Espere, o que? O cara no cais me contou.”

“*Nós* a chamamos de Crixson, mas seu nome verdadeiro é Corbeau House.”

Assim que ela disse o nome, voltei minha atenção para o mapa, encontrando-a do outro lado do campus, de onde estávamos. “Ah.”

Ela deu uma sacudida de cabeça. “Vamos lá. Estou indo nessa direção.”

Seguindo o passo atrás dela, enfiei o mapa na minha bolsa. “A propósito, meu nome é Lilia.”

“Eu sou Melisandre,” ela disse por cima do ombro. “Mel, para abreviar. Você é nova em Dracadia?”

“Sim. É meu primeiro dia. Sinto-me um pouco como um peixe fora d'água.” Finalmente alcançando-a, olhei ao redor para todos os outros estudantes, que pareciam saber exatamente para onde estavam indo enquanto passavam com passos determinados. “Então, Crixson, por que você chama isso assim?”

“Você está familiarizada com o Estudo Crixson?” Ao balançar minha cabeça, ela assentiu. “Imaginei isso. Há toda uma teoria da conspiração sobre como eles tentaram suprimir todas as informações sobre isso.”

“Eles?”

“The Rooks. Eles são a sociedade *supersecreta de Dracadia,*” ela disse em um sussurro dramático, enquanto eu mastigava a notícia de que sociedades secretas realmente existiam fora dos livros e filmes. “De qualquer forma, há rumores de que eles estiveram de alguma forma envolvidos em um ensaio clínico que aconteceu há cerca de vinte anos. Um grupo de mulheres foram convidadas a participar de um estudo sobre um novo medicamento que supostamente revertia o diabetes. Todas ficaram em Corbeau Hall, que como você viu no mapa, é um pouco separada do campus.” Parecia escondido na ilustração das árvores que a rodeavam. “Então, sim, uma noite, seis das oito mulheres se afogaram no Lago Squelette. E pronto! Seis esqueletos foram varridos para debaixo do tapete.”

“Todos os seis? Tipo... ao mesmo tempo?”

“Sim.” Ao passarmos por outra garota de cabelos escuros, que fez uma careta para ela, Mel sorriu e lhe mandou um beijo. “Algum tipo de suicídio em massa estranho.”

“O que aconteceu com as outras duas?”

“Ninguém sabe. Elas simplesmente desapareceram. Alguns dizem que vivem nos túneis abaixo do dormitório. Outros dizem que foram assassinadas e que suas almas assombram Crixson Hall. Na maioria das vezes, são apenas os funcionários que se referem ao dormitório como Corbeau.”

Confusa, balancei a cabeça. “Os *Rooks* conduziram este estudo?”

“Bem, eles desempenharam algum papel. O pai do Doutor Morte foi o investigador principal do projeto.”

“Doutor Morte?” Meu olhar vagou pela vegetação exuberante do pátio do campus, com seus bancos e estátuas antigas. As passarelas de pedra que serpenteavam por jardins e sebes bem cuidados.

“Professor Bramwell. Ele é o…”

“Professor de patologia. Por que você o chama de *Doutor Morte*?”

“Bem, além do fato de que ele brinca com cadáveres o dia todo, ele estaria supostamente envolvido em um desaparecimento totalmente separado há dois anos. Uma estudante chamada Jenny Harrick. Foi um escândalo total. Há rumores de que ele ficou com ciúmes do namorado dela e a matou. Um daqueles acordos do tipo ‘se eu não puder tê-la, ninguém pode’.”

“Realmente?” Isso não fazia sentido para um homem considerado brilhante em seu campo. Eu conhecia homens brilhantes. Eu tinha trabalhado ao lado deles. Eles raramente notavam algo fora de sua própria bolha.

“Sim. Ele tem cicatrizes no pescoço e no ombro. O namorado dela surtou. Roubou ácido sulfúrico do laboratório de química e o atacou.” Ela riu alto com isso, como se não fosse uma imagem absolutamente horrível que acabara de plantar na minha cabeça. “O namorado foi expulso permanentemente, e o Doutor Morte saiu impune, com nada mais do que um tapinha nas costas.”

“Mas você disse desaparecimento. Então, não é um assassinato confirmado ou algo assim?”

Ela revirou os olhos. “Certo, tudo bem. Isenção de responsabilidade: todas as acusações de assassinato são baseadas em especulações e boatos. Só que ela nunca apareceu e ele foi o último a vê-la viva. Feliz?”

Caramba. Melindroso. Só estava esclarecendo que não havia provas reais de que ele a tivesse assassinado.

A sombra das árvores engolia o espaço aberto, enquanto o caminho continuava através de uma floresta rasa, além da qual eu podia ver um prédio de pedra à frente – um que parecia significativamente envelhecido em comparação com o resto dos dormitórios pelos quais havíamos passado. “Parece que você acredita nos rumores?”

Ela encolheu os ombros. “Acredito nos oprimidos e posso garantir que o professor Bramwell não é oprimido nesta universidade. Ele tem dinheiro antigo, e dinheiro antigo nesta universidade equivale a poder.”

“Voltando ao estudo de Crixson, você disse que não se sabe muito sobre isso. Como *você* sabe tanto sobre isso?”

“Pesquisando. Eu queria saber por que todos no campus evitavam o dormitório. Você cava em um cemitério e eventualmente encontra um osso.” Atravessámos o

pátio e chegámos à entrada do edifício, onde pedras escuras e desgastadas, cobertas de musgo e trepadeiras, criavam um exterior sinistro. “De qualquer forma, aqui está. Casa Crixson.” A bandeira que se projetava no frontão da entrada do prédio trazia um escudo roxo e preto com um corvo, ou corvos, era difícil dizer qual. “Um dos edifícios originais quando o local ainda era um mosteiro. Antes de alguns dos edifícios pegarem fogo.”

“Isso foi recente?”

“Não. Há séculos atrás. É disso que trata todo o monumento Adderly em Thresher Bay. O fato de homenagearmos um soldado britânico que expulsou os nativos da ilha e participou na queima de bruxas acusadas é precisamente o que há de errado com este país.”

Lembrei-me de ter visto o monumento pouco antes de embarcar no barco. “Por que eles *iriam* homenageá-lo?”

“Porque ninguém dá a mínima para a história real. Você tem que superar todas as mentiras para chegar à verdade. Na opinião deles, ele é uma espécie de salvador por ter matado um bando de *pacientes perturbados e selvagens”*, disse ela entre aspas. “O que chamaríamos de pessoas com doenças mentais hoje em dia, mas naquela época eles estavam *possuídos por demônios.*” Suspirando, ela balançou a cabeça. “De qualquer forma, vou poupar você. Em que andar você está?”

“Terceiro.”

“Eu sou a assistente do terceiro andar. Se você fuma, abra uma janela ou acenda um incenso. Todos os quartos do Crixson têm banheiro privativo, então se você beber? Esconda as evidências no chuveiro durante as rondas. Nunca verificamos os chuveiros. E se decidir receber companhia, sugiro o porão, se você gosta de gritar.”

“Na verdade, sou bem quieta. Só estou aqui para estudar.”

Ela bufou e revirou os olhos. “Isso é o que todo aluno aqui diz no primeiro dia. De qualquer forma, faça o check-in na recepção para obter o cartão-chave do seu quarto. Não o perca. E se você ainda não recebeu sua carteira de identidade, faça isso imediatamente. Você precisa disso para a sala de jantar. A Livraria Dracadia fica no lado oposto da torre do relógio, no Plaza.” Ela acenou com as mãos com desdém, como se tentasse afastar todas as informações que saíam de sua boca de uma vez. “É como se fosse uma pequena vila, com muitas lojinhas legais.”

“Obrigada. Agradeço a ajuda.”

“Sem problemas. Oh, e mais uma coisa. A menos que você tenha aula na Emeric Tower, eu ficaria longe de lá, se fosse você, principalmente à noite.”

Uma olhada em minha agenda indicou que eu tinha aulas lá. Pelo menos três. Uma à noite. “Por que?”

“É simplesmente assustador. É onde o Doutor Morte *realmente* trabalha. Há um necrotério para os cadáveres e todas as autópsias que ele realiza. E uma sala de incinerador.”

“Ele realiza autópsias aqui no campus?”

“Apenas casos especiais. O hospital universitário fica a cerca de três quilômetros do campus. Logo depois do centro de Emberwick.” A pequena vila que eu só conheci em uma pesquisa no Google antes de chegar. “Você realmente não vê os corpos, graças a Deus, a menos que esteja no programa da faculdade de medicina. Eles os trazem através dos túneis fora do portão.”

“Interessante.” Quanto mais eu aprendia sobre o professor Bramwell, menos parecia ser capaz de visualizar o homem que ganhou um apelido tão sombrio e macabro. “Ele realiza essas autópsias sozinho?”

“Sim. Ele não é o cara mais amigável. Como eu disse, a menos que você precise estar naquele lado do campus, talvez apenas deve ficar longe.”

Eu não sabia se ela estava tentando me assustar, sabendo que era meu primeiro ano lá, ou sendo sincera em seu aviso. “Entendi.”

Nada do que ela disse me assustou, no entanto. Eu já tinha visto muitos fantasmas e homens perigosos. Pelo menos os de Dracadia não cheirariam como coveiros.

Depois de verificar com a recepção meu cartão-chave, fui encaminhada pelo corredor até um escritório, onde tiraram uma foto, nada lisonjeira, para uma carteira de identidade, presa a um cordão de Dracadia preto e dourado. De lá, finalmente fui para o meu quarto.

O cartão-chave ficou verde quando eu o coloquei no leitor de cartão e girei a maçaneta, antes de abrir a porta para um quarto pequeno, mas aconchegante, com piso de madeira brilhante e uma cama simples. Os dormitórios, embora

ricos em antiguidade, pareciam oferecer alguns recursos modernos. À minha esquerda, havia um pequeno closet feito de madeira grossa no mesmo tom do resto do quarto, com uma cômoda pesada encostada na parede. Muito espaço de armazenamento que provavelmente não preencheria.

A janela na parede, voltada para o sul, mostrava o oceano ao longe, e na parede oposta havia uma mesa e uma cadeira, que davam para o pátio de Dracadia. Porque o quarto não foi arrebatado de imediato, com uma vista tão linda, quase panorâmica, era um mistério absoluto.

Minha mala foi colocada ao lado da minha cama, e no colchão havia uma pilha de lençóis brancos dobrados ao lado de um moletom preto dobrado e uma camiseta com o logotipo dourado de Dracadia. Ao lado deles havia uma pequena bolsa preta que abri e encontrei um alfinete, um diário, um bloco de papel, uma caneta e uma garrafa de água, todos com as mesmas cores e logotipo da faculdade. Um pequeno cartão dentro dizia: *Bem-vinda à Corbeau House, companheira Dracadiana!*

Quando sorri para isso, uma sensação estranha e desconhecida tomou conta de mim.

Pela primeira vez desde que minha mãe morreu, tive uma sensação de pertencimento.

Capítulo 13

Devryck

“Eu me sinto... bem pra caralho”, disse Barletta. “Além de dormir a maior parte do dia. Estou me tornando uma espécie de coruja noturna ultimamente. Mas fora isso, me sinto melhor do que nunca. Por que será?” Ele comeu um bocado de ovos, seu apetite era tão grande quanto o dos minúsculos intrusos que sem dúvida começaram a se instalar em seu intestino. A palidez amarela de sua pele já havia adquirido um tom saudável e mesmo em seu estado desgrenhado, ele parecia em melhores condições do que quando eu o capturei pela primeira vez.

“O parasita que cresce dentro de você não gosta de uma casa imunda. Acontece que é muito exigente sobre onde cria raízes.”

“Você pode não dizer isso? É nojento. Não gosto de pensar nisso.” Depois de apenas algumas horas de desintoxicação agonizante, ele se tornou mais complacente, até mesmo agradável. Era incrível como sentir-se bem poderia ser manipulador. Barletta provavelmente viveu boa parte de sua vida com dores crônicas, devido a seus vícios, e agora eles se foram. Ele provavelmente não estava com dor de cabeça naquele momento. “Como? Como isso *limpa?*”

“Produz uma toxina, uma toxina muito poderosa, que elimina organismos concorrentes e estimula os mecanismos de reparação das células. Para sua sorte,

o fígado é o único órgão capaz de se regenerar, então a toxina aumenta os fatores de crescimento que aumentam a divisão celular, resultando em um reparo rápido."

Com os olhos arregalados, ele balançou a cabeça e deu uma risada. "Não faço ideia do que diabos você está falando, mas seja lá o que for, está funcionando. Não tive nenhum desejo por bebida. Eu não sinto toda a dor. Nem tremores ou vontade de vomitar. Nada." Ele comeu outro pedaço de seu café da manhã. "Posso sentir o sabor de novo", disse ele com a boca cheia de comida. "Cheiro. Não me sentia tão bem desde que era adolescente. Nem me importo mais em beber."

"Claro que não." Com o cotovelo apoiado sobre o encosto da minha cadeira, observei-o casualmente devorar seu café da manhã, alimentando os parasitas que em breve emergiriam de seus pequenos casulos e causariam estragos em seu corpo. "A própria toxina produz substâncias químicas que controlam essencialmente a parte do cérebro que anseia pelo álcool. O álcool seria prejudicial a todo o trabalho que realizam dentro de você. Ele diz que você não precisa mais dele e seu corpo obedece."

"O que, tipo… controle mental?"

Sorrio. "Exatamente."

A meio caminho da boca, ele parou de comer, olhando para o lado com uma expressão pensativa. "Então, como esses vermes são tão ruins, se fazem tanto bem?"

A vontade de reprimir uma risada apertou minha garganta. "Porque eles são parasitas. Ele repara seu fígado para se alimentar. Ele limpa seu sangue para se alimentar. Ele usa seu corpo para se alimentar e, quando terminar, irá descartá-lo como um cadáver esgotado."

Sua expressão pensativa se transformou em algo mais sério. "Não existe algum tipo de medicamento para isso?"

"Ainda não."

"Mas é disso que se trata, certo? Você está trabalhando em um?"

"Mais ou menos."

“Então, eu vou morrer?” ele perguntou, como se estivesse entendendo.

“Eventualmente.” Dei de ombros. “Você estava morrendo, de qualquer maneira. Pouco a pouco. Diariamente. Eu provavelmente teria te dado um ano no ritmo que você estava indo. No máximo.”

Franzindo a testa, ele mastigou lentamente, como se sentisse o gosto da amarga verdade em minhas palavras. “Você não, uh... não me parece um assassino. Então, por que está fazendo isso?”

Inclinei-me para frente e descansei os cotovelos nas coxas. “Porque, assim como o parasita dentro de você, só estou interessado em meu próprio ganho egoísta.”

Com a sobrancelha curvada, o homem parecia que estava prestes a chorar naquele momento. “Eu tenho filhos, cara. Uma família.”

“Você não dá a mínima para sua família”, eu disse sem um pingo de empatia. “Se fizesse isso, não os teria machucado.”

“Eu não queria machucar meu filho.” Suas palavras saíram dele em um grunhido defensivo, e seus olhos brilharam à luz da lâmpada nua acima. “Foi um acidente.”

“Eu também não pretendo matar você. É apenas uma consequência.”

“Então, por que simplesmente não me deixa ir?”

Uma pontada de dor atingiu meu crânio, o zumbido em meu ouvido era agudo e intenso, e tropecei para trás, com os dentes cerrados enquanto esperava que a agonia diminuísse. A escuridão invadiu minha visão como sombras engolindo a luz. O som desapareceu para risadas distantes.

“Deixe-me ir!”

“O exército tortuoso está chegando! Vamos lá!” Meu irmão, Caedmon, me arrasta pelo braço pelo longo corredor do porão. Talvez o lugar mais assustador da velha mansão que pertenceu ao meu avô e ao pai dele antes dele. De acordo com histórias que ouvi das babás e empregadas domésticas, os ossos da minha bisavó estão em algum lugar desta casa, e tenho certeza de que estão neste porão.

Os gravetos que reunimos do lado de fora, para usar como espadas, arranham o

chão de cimento atrás de nós. Fingimos que uma horda inteira de infectados está atrás de nós. Aqueles que chamamos de homens tortos, que andam com passos trêmulos e apreciam o sabor da carne humana.

Sigo Caedmon pelos corredores, rindo enquanto tento acompanhá-lo e evitar ser comido pelos monstros invisíveis com olhos brilhantes.

A risada morre em um silêncio assustador quando viramos a esquina para outro corredor e paramos bruscamente diante de uma porta aberta. Uma que geralmente está trancada.

Escritório e laboratório do meu pai.

É proibido entrar, mas talvez uma espiada não faça mal.

“Papai vai ficar bravo se entrarmos”, diz Caedmon ao meu lado. Ele é apenas três minutos mais velho que eu, mas age como se fosse o chefe o tempo todo.

“Papai está sempre zangado.” Dou um passo em direção à porta, usando minha bengala para empurrá-la. “Você já o viu sorrir? Eu certamente não.”

Um aperto no meu ombro me faz parar no lugar.

“Devryck, não. Vamos.”

Eu arranco meu braço de sua mão. “Não seja tão covarde”, digo, virando-me em direção à porta, mas a escuridão lá me faz parar, e tenho um pouco de vergonha de admitir, isso me assusta pra caralho.

“O que é que você quer lá de dentro? Eu pego.”

“Eu quero vê-la.” A única fotografia da nossa mãe está na gaveta da mesa do meu pai. Já vi isso algumas vezes na minha vida, já que meu pai às vezes gosta de atormentar a mim e a Caedmon, mostrando-nos o quão linda ela era. Ela morreu ao dar à luz nós dois e, portanto, meu pai nos coroou - especificamente a mim, já que fui o último a nascer - como seus assassinos.

“Qual é o objetivo, Devryck? Nós nunca a conhecemos. E nunca o faremos.”

A irritação das palavras do meu irmão arranha minha nuca e, por capricho, corro para o espaço escuro.

A temperatura parece ter caído dez graus, o ar roçando minha pele como um

sussurro fantasmagórico. Pela pouca luz que entra pela porta entreaberta, percebo o brilho dos potes de vidro alinhados nas prateleiras. Aqueles que contêm criaturas de aparência estranha suspensas em fluidos. Caveiras e livros preenchem o espaço entre os potes. Mais livros estão em pilhas organizadas nas bancadas e no chão. Mesas prateadas brilham com limpeza. Meu pai é um defensor da limpeza.

A sala tem centenas de anos e uma história mórbida. Meu tataravô era um médico renomado no início de 1900, conhecido como a Besta da Propriedade Bramwell. Ele foi preso pelas experiências horríveis que realizou com prostitutas em busca de abortos. As histórias me aterrorizavam enquanto crescia, e muitas vezes tive pesadelos com ele, o que me manteve fora da ala oeste da mansão, onde seu retrato está pendurado ao lado dos outros homens de Bramwell. Seus crimes atormentaram duas gerações da nossa família, até o meu avô ajudar a desenvolver uma vacina contra um vírus, salvando milhares de vidas. Meu pai diz que foi quando finalmente saímos da maldição de Bramwell e voltamos a ser respeitáveis.

Quero ser como ele algum dia, meu avô. Quero fazer algo incrível e salvar vidas.

O escritório do meu pai fica depois do laboratório e, ao me aproximar, me viro e encontro a porta fechada da geladeira. A geladeira corporal, onde os mortos são armazenados.

Às vezes, os homens trazem sacos grandes que carregam para este laboratório. Às vezes, eu espio e os pego empurrando carrinhos com sacos para dentro da geladeira.

“Bah!”

Com uma sacudida brusca dos meus braços, solto um grito.

Caedmon solta uma gargalhada.

Dou um soco em seu ombro, ganhando nada além de um grunhido dele. “Idiota!”

Enquanto esfrega o ombro, ele ri novamente. “Deveria ter visto seu rosto!”

Voltando a atenção para a geladeira, eu aceno. “Você acha que há corpos lá

agora?”

“Provavelmente.”

Olho para a superfície prateada e brilhante, do outro lado da qual poderia muito bem-estar um cadáver. “Você já ficou curioso para saber como eles são?”

“Não.”

“Nem um pouco?”

Caedmon geme de irritação e, com uma cutucada em meu braço, tropeço um passo para o lado. “Você veio ver uma foto. Olhe a foto e vamos sair daqui.”

“Porque você está tão assustado?”

Com olhos percorrendo a sala, ele curva os lábios. “Eu odeio este laboratório. Este escritório. Odeio tudo que está relacionado a isso.”

“Papai diz que seu trabalho vai salvar vidas.” Eu quero acreditar nisso. Verdadeiramente. Mas conheço a verdadeira natureza do meu pai.

“Somente homens bons salvam vidas, Devryck. Papai não é um bom homem.”

Com outro empurrão do meu irmão, continuo com a tarefa pretendida e dou a volta na mesa perfeitamente arrumada para o outro lado dela. Clicar na luminária da mesa envia um brilho reflexivo pela área de trabalho impecável. Depois de passar as mãos por ele, abro a gaveta ao meu lado. Um porta-retratos está dentro, e eu o levanto para ver a imagem da mulher mais linda que já vi. Olhos de um âmbar ardente, cabelos pretos como tinta, não há dúvida de onde Caedmon e eu herdamos nossas características mais notáveis.

Na foto, ela está olhando por cima do ombro, com um sorriso brilhante no rosto, os olhos brilhando na luz. Fazia sentido porque meu pai a amava tanto. Porque ele era obcecado por ela.

Ela era uma luz incompreensível em sua escuridão.

“O que você está fazendo aqui!”

Ao som da voz furiosa, meus músculos estremecem de medo e deixo cair a foto.

Batendo contra a mesa de madeira, espalha pequenos cacos de vidro pela superfície brilhante. A foto da minha mãe sai da moldura com o impacto.

O pânico sobe pela minha garganta quando levanto o olhar para o homem parado na porta. Talvez tenha havido um tempo em que ele era bonito, digno até da minha mãe, mas agora ele incorpora a própria essência de um monstro.

Com as sobrancelhas franzidas em fúria, os olhos brilhando de loucura, ele olha para a bagunça que fiz. "O que é que você fez?" ele rosna com os dentes cerrados, como um monstro.

"Ele não quis fazer isso, pai!" Caedmon implora em meu nome, mas sei que não adianta. "Você o assustou!"

No que parece ser apenas um piscar de olhos, ele atravessa a sala em minha direção.

Eu deveria correr, principalmente quando sinto Caedmon puxando meu braço, mas meus músculos estão congelados no lugar, os olhos fixos em minha mãe.

Caedmon solta um grito quando, na minha periferia, o monstro o empurra para fora do caminho, jogando-o de costas contra a parede.

Algo brilha no canto do meu olho, mas antes que eu consiga entender o que é, uma dor intensa atinge o lado da minha cabeça. Uma luz irregular pisca atrás das minhas pálpebras. A sala se inclina. Uma força inflexível atinge o outro lado da minha cabeça.

Caedmon grita.

Tudo fica preto. Quieto.

Tão quieto que posso ouvir o barulho do sangue pulsando em meus ouvidos.

Eu pisco meus olhos abertos.

Meu pai está de pé ao meu lado, segurando Caedmon pelo braço, enquanto meu irmão tenta agarrá-lo. "Se são os mortos que te fascinam, então você dormirá com eles esta noite."

A escuridão volta para seus cantos sombrios, a visão se abrindo para o que me rodeia. Olho em volta para todos os potes. Orelhas e dedos, e outros pedaços de carne que não consigo identificar, todos suspensos em líquido. O armário de espécimes, situado ao lado da geladeira dos cadáveres.

"Não! Não, por favor!" Um zumbido intenso soa dentro do meu ouvido,

enquanto a dor atinge meu crânio novamente. Com os olhos fechados, cerro os dentes, segurando cada lado da cabeça.

A luz se fecha com o bater da porta e, quando me aproximo dela, ouço o clique da fechadura vindo do outro lado.

“Não! Por favor! Não me deixe aqui!” O calor escorre pela minha perna, o cheiro de mijo queima meu nariz. Uma sensação de frio, como cristais de gelo rastejando sob minha pele, desliza do meu pescoço até as pontas dos dedos, um latejamento espesso e dormente em minhas mãos, e quando levanto o braço para enxugar as lágrimas, não consigo sentir nada. Nem a minha pele, nem o chão áspero do armário abaixo de mim. Apenas um formigamento agonizante persiste com a pressão. “Pai! Por favor! Me ajude!”

Os gritos de Caedmon ecoam pela porta, ficando distantes. Distantes.

Até que tudo fica quieto.

“Ei. Ei! O que diabos está acontecendo? Você está bem?” Uma voz familiar, mas inadequada para minha memória, invadiu meus pensamentos, me puxando de volta ao presente.

Pisquei para sair do vazio e me vi no chão de concreto onde devo ter desabado. “Você se importa?” Eu perguntei, me levantando. A tontura prendeu meu cérebro, alterando meu campo de visão por um momento, e tropecei para o lado. Porra. Eu odiava sair desses sonhos.

“Sim, eu me importo. Você é meu vale-refeição. Acho que é a única pessoa que sabe que estou nessa merda.” Ele se encostou na parede de sua cela, observando eu me recompor. “Então... seu pai fez você dormir com aqueles cadáveres?”

“O que?” Eu verbalizei a memória? Eu só os tinha sozinho, então não tinha nenhuma consciência.

“Você estava falando meio estranho. Disse que seu irmão e você estavam brincando onde não deveriam. Seu pai bateu em você.”

Bater em mim era dizer o mínimo. Acontece que ele atingiu uma parte muito específica do meu cérebro, desalojando e ativando uma doença priônica congênita latente. Zigliomiosite era o termo técnico para ela, ou Doença de Voneric, como era mais comumente conhecida – uma condição rara, observada

apenas em uma fração excepcionalmente pequena da população. Incurável e imparável em sua destruição.

Esfregando as têmporas, respirei pelo nariz, banindo a névoa de confusão que ainda nublava minha cabeça. “Ele era como você, Sr. Barletta. Ficava aterrorizado com qualquer coisa que pudesse desafiá-lo. Ele era fraco. Impaciente. Totalmente detestável.”

“Mas não há uma pequena parte de você que se preocupa com o seu velho? Mesmo que ele tenha batido em você, ainda se importa com ele, certo?”

Abri os olhos, a resposta amarga na ponta da minha língua e implorando para ser dita. Em vez disso, engoli de volta, principalmente por causa da minha pressão arterial. “Para responder à sua pergunta, sim, ele me fez dormir com os cadáveres. Passei a noite ouvindo coisas. Sussurros através das paredes. Se foi meu pai tentando assustar um menino de doze anos, ou qualquer outra coisa, suponho que nunca saberei.”

Barletta olhou para o centro de sua cela. “Meu velho também era um cabeça quente. Sempre voando com o punho.” Ele bateu um dedo na lateral da cabeça. “Costumava dizer que meu cérebro era feito de pedra, de tantas vezes que fui atingido e me levantei.”

“Você e eu não temos nada em comum.”

Uma vergonha patética escureceu seus olhos quando ele olhou para mim e para o chão. “Sim. Acho que não.” Ele ficou inquieto por um momento, aparentemente imerso em pensamentos. “Minha morte... vai ajudar alguém?”

Dei de ombros. “Talvez. No mínimo, isso me dará uma melhor compreensão da toxina, para que eu possa salvar vidas.”

Suas sobrancelhas se juntaram e ele não se preocupou em olhar para mim quando perguntou: “É doloroso?”

“Sim”, respondi em um tom neutro. “Mas não é mais doloroso do que o que você infligiu aos outros.”

Ele se encolheu e cobriu o rosto com as palmas das mãos. Sem o álcool protegendo-o, imaginei que sua culpa o estava comendo vivo mais rápido do que os vermes eclodindo em sua barriga. “Isso é uma merda, sabe? O jeito que eu

sou... O jeito que eu sinto. Eu realmente poderia mudar a situação. Fazer melhor com minha vida."

"Sim, suponho que em algum universo alternativo você poderia ter feito isso. Infelizmente para você, eu encontrei você primeiro."

Capítulo 14

Lilia

O vento uivava na janela enquanto eu deitava na cama, encarando um céu escuro. As aulas começariam logo pela manhã seguinte, e não era surpresa que eu não conseguia dormir. O peso da exaustão queimava nos meus olhos, mas toda vez que eu os fechava, minha cabeça girava com pensamentos. Provavelmente não ajudou o fato de meu estômago roncar incessantemente. Visto que eu ainda não estava pronta para ir até a sala de jantar, não comi nada além de uma barra de granola na máquina de venda automática em nosso andar. Uma que não tinha me preenchido muito.

Mais cedo, eu me aventurei na livraria Dracadiana, um prédio monstruoso cheio de estudantes comprando suprimentos e livros e até mesmo alguns dos produtos Dracadianos que vendiam lá. A maioria das minhas aulas utilizava textos on-line, o que significa que eu só precisava dos poucos livros que havia empilhado ordenadamente na prateleira acima da minha mesa.

Notando que a hora no relógio era pouco depois da meia-noite, saí da cama e atravessei o quarto até a janela sul, além da qual a luz da lua brilhava na superfície escura do oceano. Olhando para a extensão de água negra, imaginei-me naquele mar, sozinha. À deriva. Aterrorizada com o que se escondia abaixo da água.

Durante semanas, depois da morte de minha mãe, sonhei com o mar, embora ele me parecesse tão estranho quanto o espaço sideral. Eu senti mãos me puxando. A água alcançando minha boca. O abraço gelado esmagando minhas costelas. Vozes que eu não reconheci me dizendo para deixar ir.

Abaixo da superfície, eu via minha mãe, tão calma e imóvel, como se tivesse adormecido.

À primeira vista de vermes pretos deslizando por seus lábios azuis, eu acordava, ofegante e tremendo.

Com o passar do tempo, dormi cada vez menos. De dez horas para sete, depois seis. Hoje em dia, tinha sorte de conseguir quatro horas em uma noite. Pílulas para dormir não eram uma opção, depois que o seguro expirou, então sofri com a falta de sono, cochilando nas aulas e ao longo do dia. Minha única graça salvadora foi que eu tinha talento para acertar testes. Caso contrário, provavelmente teria reprovado em todas as aulas.

Com um suspiro longo e cansado, fiquei olhando. Em todos os meus pensamentos distorcidos e pesadelos, nunca imaginei o quão hipnotizante o mar seria. Quão absolutamente mágico, mesmo com o pouco que consegui ver da minha janela. Quão calmante. Grande. Gostei que me fizesse sentir pequena e insignificante. Que poderia ser sombrio e dominador, mas bonito ao mesmo tempo.

Um movimento bruxuleante chamou minha atenção pelo canto do olho e olhei para baixo e vi um inseto saltando pelo parapeito. Uma mariposa preta, pelo que pude perceber. Eu nunca tinha visto pessoalmente uma mariposa preta antes. Dobrada em um ângulo estranho, sua asa parecia ferida e deixava para trás uma fina poeira preta no parapeito branco. As mariposas sempre assustaram minha mãe, por algum motivo. Sempre que alguma conseguia entrar voando em nossa casa, ela a perseguia com uma vassoura, transformando-a em pedaços de tripas e poeira.

Estendi a mão, deixando a criatura mancar na palma da minha mão, e estudei sua asa ferida, notando pequenos arranhões que estranhamente pareciam marcas de mordidas. Ela agitou sua asa boa, fazendo cócegas em minha palma e, com um sorriso, coloquei-a de volta no parapeito para retomar minha vigília.

À medida que meus músculos se afrouxavam e meu foco diminuía para um

transe que se aproximava, o som de um chocalho se espalhou pela sala. Franzindo a testa, me virei em direção à porta de saída, percebendo o leve movimento da maçaneta.

Que diabos?

Em casa, quando alguém batia na porta no meio da noite, eu não atendia, porque ou era Conner voltando para casa bêbado depois de uma noite com amigos, ou um viciado na rua procurando um lugar para dormir. Eu não estava mais em casa, no entanto.

Fui na ponta dos pés em direção à porta, observando a luz do corredor piscar abaixo dela. Alguém estava lá, com certeza. Mal respirando, pressionei meu ouvido na porta para ouvir.

Silêncio do outro lado.

Um calafrio gelado passou pela minha nuca.

Sussurros ininteligíveis faziam cócegas em meu ouvido, e eu bati ali, girando para não encontrar ninguém presente além de mim. Arrepios percorreram minha espinha quando abri a porta. O corredor estava vazio. Balançar meu olhar para a esquerda e depois para a direita não mostrou ninguém.

Mas um objeto chamou minha atenção. Na soleira da porta havia um botão de metal tosco com uma cruz de ferro gravada em sua superfície plana. Recuei e fechei a porta por cima do botão, mas ela não passou do pequeno pedaço de metal. Franzindo ainda mais a testa, abri a porta novamente e me abaixei para pegá-lo.

A voz chegou mais alta dessa vez, como se alguém estivesse curvado ao meu lado, e eu pulei para trás, batendo a porta. O som ininteligível ecoou em meu ouvido, não com a cadência suave de uma língua estrangeira, mas algo estranho e abrupto. Perturbador. Agarrando o botão, me afastei da porta e subi na cama, jogando as cobertas por cima de mim. Muito abalada, não me preocupei em prender meu braço na algema, enquanto espiava por entre os cobertores em direção à porta, observando a luz do corredor tremeluzir com as sombras.

Capítulo 15

Lilia

“Droga, vamos lá!” Passei meu cartão pelo leitor, apenas para ser saudada pelo sexto sinal vermelho consecutivo. “Vamos lá!” Virando um pouco para a esquerda, vi que a fila de outros sete alunos já havia dobrado nos últimos dois minutos, todos eles com expressões irritadas e impacientes. A humilhação me corroía enquanto passava o cartão pela sétima vez.

Outro bipe vermelho.

“Aqui.” Um braço se estendeu ao meu redor vindo da outra direção, e eu me virei para ver um cara loiro alto com olhos azuis brilhantes oferecer um meio sorriso, enquanto passava o cartão e digitava o número dois no teclado abaixo do leitor de cartões.

Uma luz verde se seguiu.

“Obrigada”, eu disse, guardando meu cartão, a pressão na minha garganta se acalmando novamente.

“Aluna do último ano?”

“Segundo ano.”

“Apenas juniores e seniores podem jantar no Darrigan Hall.” Nós dois

caminhamos em um ritmo tranquilo em direção à frente do refeitório. “Calouros e alunos do segundo ano estão restritos a Cavick. A menos que seja um convidado.”

Outra explosão de vergonha aqueceu minhas bochechas. “Eu não percebi. Desculpe. Estava perto da minha próxima aula e pensei que poderia almoçar rapidamente e ir embora.”

“Eu sou Spencer.” Uma mão bem cuidada cutucou meu braço enquanto ele a estendia para mim, e eu dei uma sacudida fraca nela. O cara me lembrava Paul Walker, com seu charme infantil e a forma como seus olhos naturalmente sorriam.

“Lilia.”

“Alguma chance de você querer almoçar comigo?”

Do jeito que meu peito apertou instantaneamente quando ele perguntou isso, alguém poderia pensar que eu era alérgica a almoços. “Ah... hum. Eu só estava... eu ia comer no...”

“Spence!” Kendall, a guia turística do escritório de Langmore, aproximou-se dele, os dois parecendo Ken e Barbie, lado a lado. Quando seus olhos pousaram em mim, com o sorriso desaparecendo, me perguntei se ela pensava que eu estava usando a mesma roupa de ontem. Eu tinha escolhido outro vestido de verão – um com flores azuis – mas era a mesma jaqueta e botas. “Vejo que você tem uma convidada.”

Limpando a garganta, passei o polegar por cima do ombro, o que na verdade me fez apontar para os banheiros atrás de mim. “Vou comer no pátio.”

As sobrancelhas levantadas se ergueram enquanto ela oferecia um sorriso falso. “Que boêmio da sua parte.”

“Importa-se se eu me juntar a você?” Spencer inclinou a cabeça em minha direção e senti um nó no estômago. Nada contra o cara – ele parecia bastante decente. Eu me recusava a convidar distrações, porém. Meu objetivo era continuar focada nos estudos e nada mais.

Além disso, sobre o que diabos iríamos conversar?

“Hum…”

“Está tudo bem se você preferir não. Sem pressão.” Ele me deu uma piscadela e, quando respondi com um aceno silencioso, ele saiu com Kendall em direção à longa mesa de pratos.

Optei pelos almoços frios no lado oposto da sala, e foi só quando me dirigi para a saída, sem nenhum caixa à vista, que percebi que ele havia passado o cartão e basicamente pagou meu almoço.

Eca. Você tinha que ser tão idiota?

Ao passar por uma das mesas, vislumbrei novamente o cara com olhos cor de cobre, aquele com quem esbarrei no dia anterior, sentado sozinho e olhando para um livro. Quando aqueles olhos encontraram os meus e ele me pegou olhando, desviei minha atenção e, consequentemente, bati minha coxa no canto de uma das mesas. Com um grunhido silencioso, ignorei o que sem dúvida se tornaria um hematoma nas próximas vinte e quatro horas.

Assim que saí do prédio, respirei fundo e, ao avistar um banco vazio sob um impressionante carvalho vermelho, atravessei o gramado em direção a ele. Depois de me acomodar, comi um croissant de salada de frango com pedaços de uva e aipo, batatas fritas Cape Cod e suco de maçã orgânico. Até mesmo o almoço frio no Dracadia era mais impressionante do que qualquer coisa que eu teria conseguido em casa – e o meu era apenas uma das dez opções diferentes de sacolas frias.

Estátuas cobertas de líquen, lascadas e envelhecidas pelo tempo, erguiam-se no pátio à minha frente – anjos e crianças com figuras maternais que os embalavam. Olhei de volta para as gárgulas sinistras empoleiradas do lado de fora do prédio de engenharia na minha retaguarda. Eles estavam em ângulos assustadores, como se estivessem observando estátuas inocentes brincando. Do outro lado do quintal, pássaros pretos bicavam. Os infames corvos, imaginei. Eu li na história da universidade que, por haver tantos que migraram para a ilha, por muito tempo se acreditou que ela havia sido amaldiçoada.

Eles eram companheiros de almoço bastante pacíficos, no entanto.

Depois de comer, fui em direção ao Emeric Hall para minha primeira aula do dia. Como qualquer outro prédio do campus, o lindo interior estava bem preservado. A madeira grossa brilhava enquanto eu caminhava até um conjunto de portas de madeira à frente. Abri uma delas em um auditório mal iluminado,

onde um punhado de alunos já havia reivindicado lugares e estavam sentados com seus telefones. Cada um deles tinha canecas de café elegantes e pretas para viagem com o logotipo do dragão roxo e dourado da cafeteria local, Dragon's Lair. Um ponto de encontro bastante popular, pelo que entendi. Eles também tinham alguns quiosques em alguns dos prédios acadêmicos. Infelizmente, oito dólares por um café com leite estava fora do meu orçamento.

Encontrando um lugar no lado oposto da sala, sentei-me bem no canto da segunda fila. Embora normalmente eu tivesse optado por um banco traseiro, por ser uma aula avançada, queria ter certeza de não perder nada. Na esperança de me misturar, peguei meu telefone e vi uma mensagem de Jayda:

Como vai a vida anglicana?

Bufando uma risada, respondi:

Surpreendentemente sem intercorrências até agora.
Conheci um clone de Paul Walker.

Conheceu? Como, conversaram?

Ele me poupou da humilhação de meu cartão ser recusado.
Acho que ele pagou pelo meu almoço também.

Diga-me que você não comeu sozinha, Lilia.

Comi sozinha.

Jesus em um pula-pula, o que há de errado com você, mulher?

Não estou aqui por causa dos homens. Estou aqui em busca de conhecimento. Não posso estragar tudo, você sabe disso.

“Este assento está ocupado?”

Um choque de surpresa sacudiu meus músculos, e olhei para cima para ver Spencer parado ao meu lado, com as sobrancelhas levantadas. Caneca preta para viagem na mão, assim como todo mundo.

Uma rápida olhada ao redor mostrou vários assentos vagos que ele poderia ter escolhido.

“Claro. Quero dizer, não. Não está ocupado.”

“Legal.” Foi quando ele afundou na cadeira que percebi como estávamos desconfortavelmente próximos. O suficiente para que se eu não tivesse virado os joelhos para o outro lado, um certamente teria tocado o dele. “Pensei que você disse que estava no segundo ano.”

“Estou. Fui colocada nesta classe.” Tirei meu laptop da bolsa – um empréstimo de marca genérica do departamento de tecnologia, e uma máquina muito menos sofisticada em comparação com o MacBook que todos os outros alunos tinham em suas mesas. Do lado da cadeira, puxei a pequena mesa para desdobrá-la, franzindo a testa quando ela se recusou a virar.

“Ah. Você é uma espertinha, então.” Spencer apertou um botão que eu não tinha notado e a mesa foi levantada com facilidade. Sorrindo, ele tirou seu próprio laptop da bolsa – um Mac, é claro.

Embora eu apreciasse sua natureza lúdica, senti como se cada resposta se atrapalhasse dentro da minha boca. Embora, sem dúvida atraente, o cara não era meu tipo, então não fazia sentido que eu estivesse tão calada. “Estou bem, eu acho.”

“Você perdeu uma conversa fascinante no almoço. Clubes de campo e moda de outono e tudo o que eu não dou a mínima.” Ele riu e eu sorri, me perguntando se ele disse isso para meu benefício. Talvez ele esperasse fazer com que eu me sentisse mais à vontade perto dele, mas, infelizmente, seus comentários apenas me fizeram sentir mais como uma pária.

No momento em que eu estava prestes a abrir o zíper da minha pele e rastejar para longe, uma figura entrou na sala.

Meu coração parou no peito.

Com sua camisa preta de botão, calça preta e cabelo preto despenteado, ele parecia uma sombra sinistra, movendo-se pela sala de aula com o tipo de graça letal que sem dúvida havia destruído alguns corações. Sua roupa combinava com a infame caneca preta para viagem que ele segurava na mão. Um formigamento na minha nuca me fez coçar ali, e quando ele se dirigiu para a mesa e púlpito na frente do salão, em vez de uma das cadeiras da audiência, me perguntei se ele poderia ser um dos assistentes que o Dean Langmore mencionara.

Olhos brilhantes de cobre examinaram a sala e, quando caíram sobre mim, meu coração acelerou novamente.

A garota na fila à minha frente ergueu a câmera, tirando uma foto dele de maneira não tão sutil. Olhei para baixo e a vi postando uma legenda com um emoji de rosto cansado:

Por que o Doutor Morte tem que ser tão fodível?

Doutor Morte.

Quase engasguei com minha própria saliva naquele momento.

Bramwell.

O brilhante patologista especialista de Dracadia.

Dada a sua reputação e o respeito que conquistou do professor Wilkins em Covington, eu esperava que ele tivesse sessenta anos. O cara não devia ter passado dos trinta.

Ele certamente vestiu o papel da morte com todo aquele preto.

Mais alguns estudantes entraram, enquanto o professor Bramwell estava em seu púlpito e abria um livro.

Desvie o olhar, minha cabeça me disse, mas ele era um daqueles homens que chamavam a atenção sem esforço. O tipo que cuidava de seus negócios parecendo totalmente *fodível*, como a morena grosseira na minha frente havia apontado. Irritou-me o quanto ele representava uma distração em uma aula que aparentemente era uma das mais difíceis da minha agenda.

Assim que todos os alunos pareciam estar presentes, o professor Bramwell fechou seu livro com um estalo estrondoso e um uníssono de suspiros ecoou pela sala.

“Vamos começar. Sou o professor Bramwell e este é meu professor assistente, Ross.” Ele apontou para a primeira fila, onde um cara um pouco mais jovem estava sentado, usando óculos sob uma mecha de cabelo despenteado que me dizia que ele devia ser um estudante de pós-graduação. “A aula é de Neuroparasitologia e irá abordar o pré-requisito de parasitologia que você deveria ter cursado no ano passado.”

O timbre profundo de sua voz vibrou em meu peito, enquanto eu praticamente engolia cada palavra de sua boca. A autoridade em seu tom exigia ser obedecida e, quando olhei ao redor da classe, nenhum aluno tinha o rosto enterrado na tela do telefone.

Coloquei meu telefone na pequena mesa dobrável, abrindo meu aplicativo de áudio e cliquei em *gravar.*

“Esta é sua primeira aula em Bramwell?” Spencer sussurrou ao meu lado.

Eu dei um aceno brusco.

“Ele não gosta de ser gravado. Meio estranho, eu sei, mas se ele te pegar gravando, vai pegar seu celular. Todas as anotações estão disponíveis no DracNoti. Você pode editar conforme avança.”

“Oh. Merda.” Ao pegar meu telefone, eu o derrubei da minha pequena mesa, jogando-o no chão com um estrondo.

Depois de recuperá-lo, sentei-me e encontrei aqueles olhos de fogo olhando para mim com uma irritação tão intimidante que tive que desviar o olhar e, limpando a garganta, segurei o telefone no colo.

Seu olho se contraiu. “É fundamental que você acompanhe e preste atenção ao material. Há muito o que abordar e estarei avançando em um ritmo acelerado.”

Com o olhar abaixado, rezei muito para que o assento caísse debaixo de mim e eu fosse sugada por um buraco negro.

“Há alguém aqui que não tenha feito o pré-requisito de Parasitologia?”

Oh Deus. Apenas me mate.

Fui a única da turma que levantou a mão levemente trêmula.

Mais uma vez, aqueles olhos caíram sobre mim. Duro.

“Nome?”

“Lilia. Vespertine. Senhor.”

“Veja-me depois da aula, Srta. Vespertine.”

Meu primeiro *encontro depois da aula* desde o primeiro ano do ensino médio.

“Esta aula cobre tópicos enraizados em pesquisas em andamento e de propriedade privada nesta universidade, o que significa que você não tem permissão para discutir nada do que é abordado fora desta instituição. Se alguém sentir uma sensação de oposição?” Ele apontou para a esquerda dele. “Não deixe a porta bater na sua bunda.”

Jesus, eu já tive alguns professores abrasivos antes, mas esse cara levou o melhor.

“Todos vocês deveriam ter assinado o acordo de confidencialidade online durante a orientação. Há alguém que não o fez?” ele perguntou, mais uma vez aumentando minha pressão arterial.

Maldito inferno, o destino deve ter estado atrás de mim, porque novamente, eu levantei uma mão trêmula, e seu olhar me fez sentir como se tivesse sido varrida sobre brasas. Obviamente bufando de frustração, ele virou-se para sua bolsa na mesa e tirou um papel, que entregou a Ross, que o entregou à morena na minha frente. Com um sorriso malicioso, ela me entregou.

No topo da página, em negrito abaixo do logotipo Dracadiano, estavam as palavras ACORDO DE CONFIDENCIALIDADE. Seguiu-se uma página inteira em letras menores, mas nem me preocupei em lê-la antes de assiná-la, não com a turma inteira em silêncio enquanto Bramwell esperava de braços cruzados.

Devolvi o papel para a morena, que entregou para Ross, que entregou para Bramwell. Eu poderia simplesmente ter entregue minha alma ao cara e não me importava, desde que a turma parasse de me olhar como a mosca que cagou no bolo de aniversário.

Depois de um olhar de desaprovação, seguido de uma breve olhada no papel, ele o colocou sobre a mesa e finalmente retomou a palestra. “A função mais importante de um parasita é garantir a sua transmissão ao próximo hospedeiro.” A maneira como ele andava de um lado para o outro pela sala, sua voz carregando uma inflexão intensa, me manteve fascinada, enquanto eu anotava tantas palavras quanto podia em um simples documento do Word. “Alguém está familiarizado com sequestro de mentes?”

“Achei que isso fosse parasitologia, não aula de conspirações do MK-Ultra”, respondeu algum palhaço do fundo da sala, ganhando algumas risadas contidas.

Bramwell nem sequer esboçou um sorriso, apenas oferecendo aquele olhar

mortal por um minuto desconfortável, antes de voltar a andar. “Paragordius *varius*, também conhecido como verme de crina de cavalo, é um parasita aquático que, para seu infortúnio, escolheu o grilo comum como hospedeiro. Como você pode ou não saber, os grilos, como regra geral, evitam água. No entanto, esse verme inteligente libera uma substância química que confunde o grilo, fazendo com que ele cometa suicídio por afogamento. Uma vez submerso, o verme escapa. Se o grilo tiver sorte, não se afogará antes que o verme surja, mas muitas vezes esse não é o caso.”

“Jesus,” Spencer murmurou ao meu lado. “Doutor Morte dando o pontapé inicial com uma nota mórbida.”

“Outro exemplo. A vespa-jóia fêmea faz de uma barata um berçário prático para seus filhotes, atacando primeiro as patas dianteiras da barata com uma toxina. Em seguida, ataca a cabeça, levando a barata insensata para sua toca como um cachorrinho perdido. Lá, ela põe seus ovos e sepulta os dois juntos. As larvas consomem a barata por dentro e eventualmente emergem como adultas.” Ele parou de andar, as mãos ainda cruzadas atrás das costas, a postura abrindo ainda mais a parte superior desabotoada da camisa e permitindo apenas uma espiada nos sulcos profundos ali. “O controle mental parasitário é uma ciência emergente, ainda não bem compreendida. É um campo de estudo complexo e fascinante. Durante as próximas dezesseis semanas, você ficará submerso, assim como nosso grilo involuntário, em uma riqueza de informações pouco conhecidas sobre diversas espécies de parasitas. Recomendo que você preste muita atenção ao programa e acompanhe a leitura.”

Algo na maneira como ele falava, a paixão que eu podia literalmente sentir infundida em cada palavra, causou um arrepio de excitação através de mim. O homem vivia e respirava ciência – isso eu poderia dizer. Quando a aula terminou, me peguei olhando para o relógio sem acreditar. Uma hora inteira se passou no que pareceram minutos, enquanto eu estava completamente fascinada pelo homem e pela facilidade com que ele transmitia informações, como se estivesse falando de algo tão benigno quanto o clima. Quando a turma fez as malas e saiu, meu estômago deu um nó de ansiedade ao pensar em ter que conversar com ele pessoalmente. Eu queria ter a oportunidade de conversar com ele em algum momento, mas algo me dizia que ele não estava feliz com a minha presença em sua aula.

“Professor Bramwell, você queria me ver?”

Seu assistente, Ross, lançou-me um rápido olhar ao passar por trás dele em direção à saída, mas Bramwell não se preocupou em tirar aqueles olhos conhaque de mim.

E assim, fiquei completamente sozinha com aquele que chamavam de Doutor Morte.

“Senhorita Vespertine, entendo que você é nova em Dracadia.”

“Sim, tecnicamente estou no segundo ano, mas…”

“Permita-me apresentar meu estilo de ensino, já que você conseguiu pular o pré-requisito.” Do topo da gola, um pequeno pedaço de sua pele parecia contraído e descolorido. Uma cicatriz horrível que imaginei que devia ter marcado o ataque de ácido sobre o qual Mel me contou. A menos que fosse apenas uma história que ela inventou. “Não gosto de interrupções. Isso não é uma aula de merda. Saiba que reprovei mais alunos do que passei.”

“Com todo o respeito, acredito que esse é o fracasso daquele que ensina.”

Sua mandíbula se contraiu como se ele estivesse rangendo minhas palavras entre os dentes para cuspir de volta na minha cara. “Eu também não aprecio calouros com bocas espertas.”

“Me desculpe. Senhor.”

“Sua presença aqui é um erro. Não vamos tornar isso flagrante. Continue com a leitura. Participe das recitações.”

“Eu vou.”

Ele fez um *resmungo* na garganta, como se duvidasse de mim, e interrompendo o olhar, enfiou o livro e as anotações na bolsa, junto com meu NDA assinado, inevitavelmente chamando minha atenção para o mapa de veias em seu antebraço onde ele havia dobrado as mangas.

E o fato de ele não ter aliança.

Pare, droga.

Queria perguntar-lhe mais sobre os parasitas. Talvez ficar do lado dele com o pouco de conhecimento que eu tinha sobre aquele pelo qual ele foi nomeado especialista, mas minha garganta estava entupida, minha língua pesada na boca.

Em vez disso, saí do auditório e encontrei Spencer esperando do lado de fora. Curiosamente, senti-me aliviada ao vê-lo depois de um encontro tão intenso. Meus lábios queimaram por ter mordido eles o tempo todo.

“Tudo certo?”

Coloquei minha bolsa no ombro. “Você esperava o contrário?”

“Tempo sozinho com o Doutor Morte? Não sei.”

Fui na direção da minha próxima aula, aparentemente na mesma direção que Spencer estava indo, pela forma como ele manteve o passo. “Você o chama assim porque ele supostamente estava envolvido no desaparecimento de algum outro estudante?”

“Sim. Ela namorou um amigo meu. Ele foi expulso agora.”

“Ah. Aquele que jogou ácido sulfúrico nele.”

Os lábios de Spencer se achataram. “Você já ouviu a história.”

“Sim. Acho que achei isso um pouco menos impressionante do que o boato.”

“Ele não era a ferramenta mais afiada do galpão. Mas o desaparecimento de Jenny fodeu com a cabeça dele.”

Diminuí a velocidade até parar, do lado de fora do prédio da minha aula de redação. “Que evidências levaram todos a acreditar que Bramwell teve algo a ver com isso?”

Spencer enfiou as mãos nos bolsos e encolheu os ombros. “As câmeras a pegaram saindo de alguma porta dos fundos do laboratório dele, na noite em que desapareceu.”

“E você não acha que isso torna o namorado um suspeito?”

“Ele estava chateado, com certeza. Ele sempre pensou que havia algo acontecendo entre eles, por algum motivo. Mas eu o convenci naquela noite.”

Eu revirei os olhos de brincadeira com isso. “Então, você é o cavaleiro do campus de armadura brilhante.”

Esfregando a nuca, ele sorriu de uma forma que parecia sedutora. “Algo parecido.”

Eu fui alvo de rumores desagradáveis durante toda a minha trajetória no ensino médio. Eu odiava fofoca – detestava o modo como algo poderia se espalhar como um incêndio, sem mérito ou evidência. Sem dúvida, o professor Bramwell era um idiota de boa-fé com uma cereja no topo, mas decidi reservar o julgamento antes de chamá-lo categoricamente de assassino. “Bem, olhe. Agradeço sua preocupação. Mas gosto de dar às pessoas o benefício da dúvida antes de pegar o forcado mais próximo.”

“Sem desrespeito. Eu apenas me senti compelido a avisar você, só isso.”

“Agradeço. Se me der licença, preciso voltar para minha próxima aula.”

Com um aceno de cabeça, ele se afastou e seguiu na direção oposta.

Capítulo 16

Lilia

Um prédio impressionante, com vários pilares que me lembrava algo saído de Washington DC, identificava a biblioteca do campus onde eu havia sido designada para trabalhar e estudar. Depois de passar pela segurança e pelo detector de metais, um alto teto abobadado, adornado com lindos afrescos de anjos em batalha, chamou minha atenção quando entrei no espaço aberto. Varandas ficavam de cada lado, convergindo para uma escada em caracol no centro do andar principal. Ouvi dizer que havia vários níveis, com uma impressionante galeria de pinturas barrocas e artefatos no sótão da biblioteca. Eu também tinha ouvido falar de outras coisas que ficavam no sótão – um ponto de encontro para conexões no campus, então eu teria que ter cuidado ao me aventurar lá em cima. Lustres sofisticados pairavam sobre longas mesas de madeira, que constituíam muitos locais de estudo, cada um com várias luminárias de mesa, tomadas e porta-lápis.

Eu sempre tive que reservar horários do dia em que não havia ninguém por perto para poder estudar tranquilamente. No entanto, ali, eu poderia ouvir um alfinete cair.

Segui as indicações até o segundo nível, passando por pequenos recantos de estudo privados – mesas entre paredes de estantes de livros. O caminho ascendente me levou à bela sala rotunda, onde o piso de mármore branco e os

corrimãos contrastavam com a madeira escura dos outros cômodos. Cabeças de pedra impressionantemente esculpidas em pilares ocupavam a sala em pequenas alcovas, dando-lhe uma aparência românica. Pelas janelas da sala memorial de Adderly, apreciei a vista deslumbrante do pátio, com seus magníficos carvalhos que imaginei que em breve estariam cobertos de neve, criando um cenário aconchegante. A sala em si continha a história de Dracadia, pelo que pude reunir em fotografias antigas e vitrines que continham artefatos. Eu estava ansiosa para ler mais sobre a história da universidade quando tivesse oportunidade.

Não conseguia nem imaginar quantos lugares secretos essa universidade mágica tinha. Eu poderia ter a frequentado por anos e nunca teria explorado todas as maravilhas. Quanto mais eu via, mais queria ver e saber.

Ao entrar na sala Stirling, dedicada a textos científicos, encontrei um homem mais velho, de pele escura e cabelos grisalhos, estendendo a mão para colocar um livro na estante acima de sua cabeça.

“Com licença”, eu disse ao me aproximar. “Estou procurando Kelvin Reed?”

O homem se virou, os óculos até a metade do nariz enquanto me observava com um aceno de cabeça. “Eu sou Kelvin Reed.” A natureza articulada de sua voz combinava com a aparência de um suéter sobre uma camisa cinza, parecendo um acadêmico de longa data.

Sorrindo, dei um aceno respeitoso. “Lilia. Fui designada para trabalhar aqui.”

“Ah, sim. Srta. Vespertine. Muito bom conhecê-la. Sou o Mestre Bibliotecário do Memorial Adderly e Ala de Ciências Stirling.” Na verdade, eu poderia ter ouvido o homem falar por horas, sua voz era tão agradável aos ouvidos. “Presumo que você já conhece a sala do Adderly Memorial?”

“Sim. É o mesmo Adderly da estátua em Thresher Bay?”

“Sim. Lorde Comodoro Adderly foi um pilar amplamente respeitado da história Dracadiana.” Seu comentário trouxe à mente a irritação de Mel com o memorial. Talvez eu descobrisse o que a levou a essas opiniões.

“Estou ansiosa para aprender mais sobre a história da universidade.”

“Bem, você está com sorte. Acontece que é um requisito para trabalhar neste departamento. É nosso dever preservar os preciosos textos que conseguimos

recuperar do navio de Adderly. Então, seu trabalho na próxima semana é se familiarizar com nossa história para que possa ser um recurso para outras pessoas.”

“Eu também teria acesso a esses textos?”

Com as sobrancelhas franzidas, ele suspirou. “Em geral. Alguns textos são restritos e requerem certas *permissões* de acesso.”

De repente, esses eram os que mais despertaram minha curiosidade.

Com um aceno de cabeça, segui Kelvin de volta à sala do Memorial, que estava decorada para parecer algo saído de um navio antigo, com todos os detalhes náuticos – cordas com nós grossos, vigia e remos. Talvez, eram itens que recuperaram do navio de Adderly.

“Começaremos por aqui”, disse Kelvin, apontando para os muitos livros na sala. “Deixe todos os livros que você leu sobre a mesa. Vou cuidar deles. É importante que eles retornem aos seus devidos lugares.”

“Entendi. Eu só... vou passar as duas horas que ficarei aqui lendo?”

“Sim, exatamente.”

Eu não poderia ter escolhido um trabalho mais perfeito. Exceto, talvez, um que exigisse dormir.

Kelvin saiu e eu examinei a sala, procurando um lugar interessante para começar. Parei diante de uma pintura de uma mulher com cabelos ruivos flamejantes. Ela usava um vestido branco liso e segurava lírios brancos na mão. O nome abaixo dizia Irmã Mary Elizabeth, embora ela não usasse nenhuma vestimenta religiosa na pintura. Abaixo da pintura, um livro grosso estava aberto sobre um púlpito de mesa, uma Bíblia, dada a aparência. *Romanos 12:17* foi sublinhado: *Não pagueis a ninguém mal com mal*.

Outro olhar para a mulher me fez olhar para ela. O quanto ela me lembrava minha mãe. Peguei um dos livros da estante ao lado de sua pintura e sentei-me à mesa perto da janela.

De acordo com o texto, ela veio para Dracadia como uma jovem freira para cuidar e vigiar aqueles considerados doentes mentais e exilados no mosteiro. O livro a descreveu como uma mulher gentil e benevolente, particularmente

admirada pelo Dr. Nathaniel Stirling.

O livro trazia uma foto do médico, conhecido por usar o infame uniforme de médico da peste enquanto cuidava de seus pacientes, que ele acreditava estarem infectados por maus espíritos. Um arrepio inquietante percorreu minha espinha enquanto eu olhava para sua imagem na página, com sua máscara de bico e sua longa capa preta. A visão dele deve ter causado pesadelos em seus pacientes. Parecia que a ala científica recebeu o nome dele, com base no fato de ele ter descoberto involuntariamente o ácido Stirlic, um antisséptico feito da planta Jestwood. Aparentemente, isso mudou o resultado das cirurgias que ele realizou, e ele foi aclamado como o padrinho da esterilização.

Exceto que ele empregou sua descoberta de uma forma muito mais sinistra ao banir o mal de seus pacientes.

Eu me vi imersa na história do mosteiro como uma espécie de instituição mental primitiva, onde os pacientes foram submetidos a uma série de experimentos para exorcizar os chamados maus espíritos de seus corpos.

Quando finalmente perdi a concentração, percebi que já estava escuro lá fora. Uma olhada no meu relógio mostrou que eu havia ficado mais de uma hora além do meu horário de trabalho e estudo.

“Merda”, murmurei, colocando os livros em uma pilha organizada sobre a mesa, como Kelvin havia pedido. Peguei minha mochila e me virei, esbarrando na pessoa atrás de mim em uma explosão de papéis que voaram no ar antes de se espalharem pelo chão de mármore.

“Oh meu Deus!” O Dr. Langmore recuou, ajustando os óculos. “Eu não queria assustar você, Srta. Vespertine.”

Com as bochechas vermelhas de humilhação, eu me abaixei e juntei os papéis caídos dele em uma pilha um tanto bagunçada. “Foi minha culpa, senhor. Eu não estava prestando atenção por onde ia.” Fiquei de pé e entreguei a pilha, que ele recebeu com um sorriso.

“Por favor, insisto em dividir metade da culpa.”

“Eu estava saindo. Meu turno de trabalho e estudo terminou há uma hora.”

“Ah! Ambiciosa. Nós gostamos disso.” Seu olhar patinou em direção à janela e

voltou. “Está bem escuro lá fora. Você vai andar sozinha?”

“Hum. Sim. Meu dormitório não fica longe.”

Seus olhos se estreitaram com desconforto. “Ainda assim, eu recomendaria cautela.”

“Claro.” Um movimento além dele chamou minha atenção, e olhei além de Langmore para encontrar um homem sombrio caminhando em nossa direção, com os olhos examinando enquanto ele entrava na sala do memorial.

Limpando a garganta, Langmore pareceu seguir o caminho do meu olhar, virando-se na direção do professor Bramwell. Parecia que o raio de intimidação do homem era bastante amplo, já que até o reitor parecia um tanto desconfortável em sua presença. “Sim, bem. Tome cuidado, senhorita. Tenho uma reunião de equipe.”

“Claro”, eu disse, ainda presa em meu olhar. Quando o olhar de Bramwell se voltou para o meu, finalmente parei de olhar e coloquei minha bolsa no ombro.

Bramwell não me disse uma palavra ao passar, apesar do meu educado aceno de cabeça e do meu sorriso, que desapareceu rapidamente quando me virei.

Que idiota. Era de admirar que ele visse alguma coisa além do próprio nariz.

Com isso, segui em direção à saída.

A lua brilhava alto no céu enquanto eu atravessava o pátio. Na maior parte do tempo, o campus parecia ter se acomodado durante a noite, embora alguns estudantes ainda estivessem agitados. Eu sobrevivi ao primeiro dia e, apesar dos momentos ruins, gostei. Apesar de todos os seus defeitos, a universidade tinha uma magia negra. A história, a arquitetura, o mistério do campus e de seu povo – falou comigo e inspirou um desejo de absorver tudo isso.

Esse sentimento de pertencimento era estranho para mim. Mesmo que eu não tenha nascido rica, como a maioria dos estudantes, havia muito em Dracadia que ia além do dinheiro antigo. Era como se existisse em seu próprio pequeno universo de intriga, como histórias de Pan e de mundos muito além.

Imaginar que eu me tornaria parte de sua estrutura ainda não era algo que eu pudesse entender.

Examinando atentamente os arredores, deslizei em direção ao trecho raso de floresta que separava meu dormitório dos outros na praça.

“*Lilia,*” uma voz sussurrou atrás, e eu me assustei.

Ao me virar, vi apenas os galhos das árvores balançando ao vento. Escaneei o pátio, observando dois estudantes ao longe. Outro se apressando em direção a um alojamento.

Ao voltar para o meu caminho, algo chamou minha atenção do outro lado de um carvalho. Uma figura escura que tive que apertar os olhos para ver na penumbra emitida pelo poste de luz, a meio caminho entre mim e a árvore. Uma capa longa e preta. Um nariz longo e pontudo. Dois buracos negros para os olhos.

A máscara do médico da peste que eu tinha visto.

Com um suspiro, me virei, direto para a parede de um ser humano parado atrás de mim.

“Uau!” Spencer riu, agarrando meus braços quando eu bati nele. “Alguém está com pressa.”

“Eu vi alguns...” Virei-me em direção à árvore, não encontrando nada lá. Uma varredura mais longa não mostrou nem mesmo os alunos de antes. “Havia alguém perto da árvore. Eu... juro que vi...”

“Você realmente não deveria estar andando sozinha. Sei que você disse que quer dar às pessoas o benefício da dúvida, mas algumas pessoas são simplesmente idiotas.”

Com os músculos cedendo em um suspiro de alívio, me virei para ele. “Você é?”

“Um idiota? Achei que já tínhamos estabelecido que eu era.” Bufando, ele bateu no meu braço. “Vamos lá. Eu irei com você. Onde estamos indo?”

“Crixson.”

“Ahh. Crixson. Acostume-se a ver coisas que não existem.”

Eu odiava admitir, fiquei um pouco aliviada por ter companhia na minha caminhada. Dracadia não era Covington, nem de longe, mas isso também não significava que fosse livre de crimes. “Então, o que faz você pensar *que é* tão seguro andar sozinho?” Estiquei o pescoço, procurando a figura atrás de nós.

“É aqui que você vê se eu insiro algo machista, certo? Te digo que é porque sou um cara?”

“Não sei. É isso?”

“A verdade é que fiquei até tarde treinando. Caso contrário, eu ficaria preso no meu quarto assistindo a reprises *de Teoria do Big Bang* com meu colega de quarto.”

Sorri com o visual disso. “Isso parece emocionante.”

“Empolgante. De onde você está vindo?”

As bandeiras da escola ondulavam com uma leve brisa que espalhava meu cabelo pelo rosto. Cada som parecia chamar minha atenção, enquanto eu olhava furtivamente por cima do ombro, a sensação inquietante ainda vibrava em meus ossos.

“Trabalho, estudo”, eu disse, tentando domar os fios rebeldes que marcavam minha bochecha.

“Legal. Para onde você foi designada?”

“Biblioteca.” Droga, outro fio de cabelo escorregou em minha boca, aumentando minha irritação. Meu cabelo sempre foi selvagem e indomável, mas com um pouco de vento? Ele tinha vontade própria.

“Fui designado para lá no semestre passado. Este semestre, fiquei na cozinha.”

Surpresa, eu fiz uma careta. “Você …. está trabalhando para estudar? Sempre tive a impressão de que apenas os alunos que não podiam pagar a universidade eram colocados lá.”

A floresta rasa pouco antes do meu dormitório parecia mais escura esta noite, as árvores ainda mais assustadoras por algum motivo, e novamente, eu estava relutante em admitir que apreciava a companhia de Spencer.

“Sim. Ah, espere... é aqui que você insere algo sobre garotos ricos serem pirralhos?” Ele riu, afrouxando o tom acusatório em sua voz.

“Acho que sou um pouco culpada por julgar.”

“Eu acho”, disse ele, quando finalmente chegamos à frente do meu dormitório.

“Obrigada por me acompanhar.”

“A qualquer momento.” Ele passou o dedo pela minha mão e, por reflexo, recuei, limpando a garganta para encobrir o leve suspiro que me escapou.

Enfiando as mãos nos bolsos, ele apertou os lábios e deu um passo para trás, ofendido ou envergonhado pela minha reação. “Vejo você amanhã.”

“Sim. Desculpe. Boa noite.”

Eu não tinha muita experiência com amizades. Amigos homens, em particular. Eu tinha muita coisa acontecendo em casa para prestar atenção em caras da minha idade, e nas poucas vezes em que me envolvi com eles, certamente não foi amigável. Cada troca com Spencer parecia estranha e forçada da minha parte. Eu mal fui cordial com o pobre rapaz.

Então, por que diabos ele se incomodava?

Ao entrar no dormitório, passei pela sala e avistei a TV, onde uma reportagem me fez parar bruscamente.

Ou seja, o rosto que apareceu na tela

Angelo.

Franzindo a testa, corri em direção a sala, apenas pegando o âncora falando sobre um CEO bilionário que foi encontrado brutalmente assassinado alguns dias atrás. Por um momento, entrei numa realidade alternativa, pensando que poderia ter sido Angelo quem o matou, mas o relatório dizia que ele era procurado para interrogatório.

“*As autoridades acreditam que Angelo DeLuca pode ter tido relações com uma seita e é considerado armado e perigoso.*”

“Jesus,” eu murmurei. Com as mãos trêmulas, me enfiei em um canto tranquilo e liguei para Conner, roendo as unhas enquanto esperava que ele atendesse.

“E ai, como vai?”

“Você viu a notícia? Estão dizendo que Angelo esteve envolvido no assassinato daquele cara rico!” Sussurrei alto, o pânico na minha garganta apertando as palavras.

“Não, não foi ele. Ele esteve aqui o tempo todo. O pobre idiota está pirando por causa disso. Um de seus amigos policiais disse que o nome de Angelo estava escrito com sangue na parede. Ele acha que está marcado por alguém, mas não diz quem.”

“E sobre essa seita de que estão falando?”

O som da longa expiração de Conner ecoou pelo telefone. “Algum grupo sádico. Eles se autodenominam Schadenfreude – mas não repita isso. Eles são perigosos, segundo Angelo. O idiota nem queria me contar sobre eles, no início.”

“Sádico?” Baixei ainda mais a voz. “Tipo… *torturar* pessoas?”

No momento em que ele disse “eu acho”, meu estômago se revirou.

“Talvez você devesse ficar longe dele, então?”

“Ele só precisa ficar quieto até que a polícia descubra quem fez isso.”

“Conner, e se o assassino vier atrás de você? Jesus, você está bêbado agora?”

O cara não tinha absolutamente nenhuma noção do perigo que poderia estar correndo. Um grupo sádico afiliado a Angelo? Não poderia ser mais confuso do que isso.

“Um pouco, mas ninguém vem atrás de mim, Lil. Estamos bem. Ninguém vai conectar nós dois. Ele não usa o nome DeLuca há cinco anos.”

“Exceto que o rosto dele está colado na TV. Alguém pode reconhecê-lo.”

“O cara é tão paranóico que nem sai da casa. Tem me feito fazer suas malditas tarefas para ele.”

“Só acho que você deveria informar a polícia, é isso. Talvez eles possam te proteger.” No mínimo, dos suspeitos com os quais Angelo parecia estar associado. Embora grata por não estar no meio disso tudo, eu não era burra o suficiente para pensar que criminosos paravam nos homens que procuravam. Às vezes, eles também iam atrás de amigos e famílias, numa tentativa de fazer um espetáculo de sua vingança.

“A polícia não vai proteger merda nenhuma. Relaxe. Bee está na escola. Você está na universidade. Eu sou o único que pode ser pego nessa merda, e estou lhe dizendo, estou bem.”

Esfreguei a mão no rosto, gemendo com o desrespeito equivocado de Conner quando se tratava de coisas que importavam. Coisas que podem ficar muito ruins, bem rápido. “Só... não faça nada estúpido. OK?”

“Sim, sim. Como está a universidade?” Uma pergunta tão benigna para o tópico em questão.

“Ótima. Está ótima, Conner.”

“Bom ouvir. Eu falei sério, garota. Estou orgulhoso de você.”

“Obrigada. Mantenha-me atualizada, ok?”

“Combinado.”

Com isso ele desligou e eu exalei um suspiro trêmulo.

“Ei.” Ao som de uma nova voz, olhei para cima e encontrei Mel parada ao meu lado. “Tudo certo?”

“Sim. Eu só precisava fazer uma ligação particular.” Guardei meu telefone, esperando que ela não tivesse ouvido nada da conversa. “Estou indo para o meu quarto agora.”

“Eu vi você andando com Spencer,” ela disse categoricamente.

“Oh. Sim, ele me acompanhou até meu dormitório. Nós somos apenas amigos.”

“Posso lhe dar alguns conselhos não solicitados?”

Com a cabeça ainda girando, eu honestamente não estava com vontade, mas respondi: “Claro?”

“Eu teria cuidado perto dele.”

Que diabos? Ela se autoproclamou mensageira residente de homens obscuros ou algo assim? Primeiro Bramwell, depois Spencer.

“Por que?”

“Porque ele é um pedaço de merda mentiroso. Um manipulador.”

Dei de ombros, um pouco frustrada com a forma como ela se metia na minha vida. Tínhamos uma vizinha como ela em Covington. Uma mulher mais velha que perguntava constantemente sobre o estado de saúde da minha mãe e se a sua

doença poderia ou não passar pelas aberturas de ventilação do apartamento. À medida que minha mãe progredia, decidimos mantê-la confinada em seu quarto, para não despertar toda a fofoca no prédio. “Ele tem sido muito legal comigo.”

“Claro que sim. É isso que os manipuladores fazem.”

Talvez o aviso dela fosse justificado, mas eu tinha uma merda em minhas mãos com Conner saindo com o que parecia ser um criminoso procurado, e eu simplesmente não tinha espaço para ela naquele momento. “Agradeço o aviso.”

“Estou falando sério, Lilia. Você não quer ter nada a ver com isso.”

“Anotado,” eu disse, voltando para o meu quarto.

Capítulo 17

Lilia

Cavick Hall devia ser o almoço comum mais intimidante que eu já vi. Um teto alto e abobadado, alto o suficiente para acomodar um maldito ônibus espacial, pairava sobre grossas treliças de madeira que sustentavam as paredes. Candelabros elegantes e vitrais, colocados acima de esculturas de busto branco, davam um toque gótico ao amplo espaço. Assim como o almoço no Darrigan Hall, fileiras de rechauds ficavam dispostos em mesas compridas, mas Cavick tinha o dobro do número – era quase esmagador, quantas opções o lugar oferecia.

Diante da opulência do banquete, optei por um café da manhã um tanto patético de torradas de abacate e café. Eu perdi um pouco do apetite desde aquela conversa com Conner e, depois de uma noite quase sem dormir, ainda não o recuperei. Eu tinha pensado em fazer uma ligação anônima para a polícia e entregar Angelo, mas quem sabe o que isso significaria para Conner, se eles começassem a bisbilhotar os assuntos obscuros de Angelo. Eu não poderia arriscar que eles o considerassem culpado de alguma coisa também.

Eu decidi deixar para lá. Afinal, ruminar sobre isso não faria com que desaparecesse.

Enquanto mordiscava minha torrada, olhei ao redor da sala para os outros alunos

que tinham vindo para uma refeição rápida. Ao contrário do ensino médio, onde fui considerada uma perdedora por ficar sentada sozinha, Dracadia parecia abraçar seus solitários espalhados pela sala, despreocupados com sua solidão. Alguns estudavam enquanto comiam. Outros percorriam os telefones. Alguns almoçavam em grupos, mas os grupos eram poucos, em comparação. Era estranho, o modo como me senti menos solitária por estar sozinha.

Depois do café da manhã, corri pelo campus e, mais uma vez, me encontrei no Emeric Hall para outra aula na qual não havia me inscrito: entomologia com Loretta Gilchrist. Visto que foi ela quem teve alguma influência na minha aceitação, eu não estava em posição de reclamar, e esperava causar uma boa impressão, caso ela tivesse alguma coisa a ver com minhas mensalidades para o segundo semestre.

“Srta. Vespertine?”

Ao som da voz feminina, me inclinei para trás e peguei o laptop da minha mochila. Uma mulher bastante atraente, de cabelos escuros e raízes grisalhas, talvez com quase quarenta anos, estava diante de mim, segurando a xícara de café preta e dourada, com os olhos franzidos em um sorriso.

“Sim?”

“Dra. Gilchrist.” Ela estendeu a mão esbelta, que eu prontamente apertei. “Vejo que você aceitou o convite. Maravilhoso.”

“Sim, claro. Obrigada por qualquer magia que você usou para me atrair. Estou grata e profundamente impressionada. O campus é incrível.”

“Isso é. Assim como seu artigo sobre Noctisoma.” Com as duas mãos, ela ergueu o copo e sorveu um pouco do líquido, de uma forma imprópria para uma mulher que parecia bem constituída. “Achei os detalhes clínicos absolutamente fascinantes. Diga-me, você já teve a oportunidade de conhecer nosso reitor, Dr. Lippincott?”

“O reitor? Não.” Eu não conseguia imaginar uma razão pela qual precisasse fazer isso – nem sequer poderia dizer quem era o reitor da Covington Community. Talvez eles não tivessem um, mas achei estranho ela ter perguntado isso.

“Eu recomendo que você marque uma consulta. Ele ficará muito satisfeito em

conhecê-la, tenho certeza.”

“OK. Não sabia que o reitor marcava consultas com estudantes.”

“Não é comum, ele é um homem muito ocupado, mas para você, tenho certeza de que ele abrirá uma exceção.” Seus olhos se estreitaram novamente, ela deu uma pequena risada e ergueu a xícara para outro gole de café.

“Bom, olha só quem apareceu.” Enquanto Spencer se aproximava de mim, Gilchrist baixou a xícara e virou-se para ele.

“Vocês dois se conheceram?” ela perguntou.

“Sim. Temos outra aula juntos.” Ele largou a bolsa na cadeira ao lado da minha, indicando que tinha toda a intenção de sentar-se ao meu lado nesta aula também. “Aula de parasitologia de Bramwell.”

Gilchrist franziu a testa, seu olhar mudando de mim para Spencer. “A aula de neuroparasitologia do Dr. Bramwell? Essa é uma aula avançada para nível júnior. Ele não permite alunos do primeiro ano.” O tom argumentativo em sua voz me pareceu estranho, como se eu tivesse escolhido estar na aula do ranzinza.

“A espertinha aqui pareceu conseguir entrar.”

“Dr. Bramwell é bastante exigente com seus alunos. Não consigo imaginar como você conseguiu encantá-lo.” Novamente com aquele sorriso que comecei a achar tão fingido quanto o de Kendall.

“Na verdade, eu não me inscrevi na aula dele. Fui colocada lá.”

Alguém poderia pensar que eu tinha batido nela, pela forma como ela se encolheu em resposta. “Colocada lá. Por quem?”

“Não tenho certeza para ser honesta. Entrei para me inscrever e as duas aulas já estavam na minha agenda.”

“Sim, bem, minha turma é uma turma de nível apropriado para *você*. A outra não é.”

Dei de ombros, cada vez mais desconfortável com a conversa. “O professor Bramwell pareceu concordar com isso.”

“Claro que sim. Mas ele não é o chefe do departamento da faculdade de ciências

naturais. Eu sou. Se você me der licença...”

Deve ter sido um negócio maior do que eu pensava. Felizmente, ela não iria me remover, porque mesmo que ele fosse um idiota, eu ainda pretendia arrancar algumas respostas dele.

“Devíamos estar na mesma sintonia com o agendamento das aulas, hein?” A pergunta de Spencer me tirou dos meus pensamentos enquanto ele se aproximava. “Na verdade, sou o assistente desta aula. Só para você saber, ela pode ser um pouco estranha. A mulher estuda insetos o dia inteiro.”

Eu bufei com seu comentário, observando Gilchrist discar para seu telefone antes de ela se virar para a parede, falando baixo o suficiente para que eu não pudesse ouvir a conversa.

Muito estranho.

Quando ela se virou, guardando o telefone, seus olhos estavam em mim novamente. A recepção morna ali se foi, substituída por uma expressão fria que fez eu me mexer na cadeira.

“Definitivamente vou manter isso em mente”, sussurrei de volta para Spencer. “Não percebi que tinha quebrado as regras.”

“Se Bramwell concorda com sua presença lá, não há realmente muito que ela possa fazer. Ele é muito próximo do reitor e dos reitores.”

“Não estou tentando criar problemas. Eu simplesmente acho a aula dele fascinante.”

“Fascinante?” Spencer bufou dessa vez e recostou-se na cadeira. “Dê um tempo. Algumas festas no campus e e você estará de volta à normalidade.”

Franzi a testa para ele, uma resposta sarcástica estacionada no fundo da minha garganta, mas quando Gilchrist tomou seu lugar no púlpito para começar, o insulto morreu em minha língua.

A palestra de Gilchrist não foi, de forma alguma, tão fascinante quanto a do Dr. Bramwell. De jeito nenhum. Sua fala foi suave o suficiente para que eu mal conseguisse manter o foco sem que minha mente vagasse por outros pensamentos, e o puxão das minhas pálpebras, devido ao pouco sono na noite anterior, me fez desejar ter trazido uma caneca de café para a aula. A luta para

permanecer acordada e concentrada anulou minha capacidade de absorver qualquer coisa que ela dissesse e, quando a aula terminou, senti como se tivesse tirado uma soneca agitada.

“Estou impressionado”, disse Spencer, me alcançando enquanto eu me dirigia para minha próxima aula. “Tenho certeza de que adormeci no primeiro dia de aula dela.”

“Ela é uma mulher inteligente, sem dúvida, mas os robôs têm mais personalidade quando falam.”

Spencer soltou uma risada e acenou para um pequeno grupo de rapazes que passava. “Eu a ouvi dizer algo sobre o reitor Lippincott.”

“Sim. Ela acha que eu deveria marcar uma consulta com ele. Vou arriscar dizer que ele está bem ocupado.”

“Posso marcar uma consulta para você.”

Esse cara. Se eu não o achasse genuinamente legal, me perguntaria quais seriam seus motivos. “Você tem influência assim?”

“Ele é meu pai.”

Oh. Merda. Minha mente de repente se viu voltando para todas as nossas conversas, e tentei não me encolher muito com a lembrança do primeiro dia em que ele comprou meu almoço. “Uau. Isso é louco.”

“Não fique muito impressionada. Meu pai acredita estritamente em seguir as regras. Acredite em mim, não há privilégios especiais.”

“É por isso que você está trabalhando na cozinha?”

“O homem insiste que eu demonstre algum *esforço responsável* em contribuir para a minha educação.” Ele soltou um longo suspiro e balançou a cabeça. “De qualquer forma, fico feliz em conversar com a secretária dele.”

“Se eu conseguir o número dela, eu mesmo entrarei em contato com ela.” Procurei meu telefone na minha bolsa, percebendo que ele havia sumido. “Ah Merda. Acho que deixei meu telefone na aula. Olha, falo com você mais tarde.”

“Hoje à noite, certo? Laboratório Midnight?

“Certo!” Gritei por cima do ombro e corri de volta para a sala de aula, passando pelos assentos vazios até encontrar meu telefone no chão. Quando me abaixei para pegá-lo, vozes se aproximaram, e foi apenas por algum instinto estranho que me abaixei atrás da fileira de assentos à minha frente. Repreendendo a decisão, balancei a cabeça, mas pouco antes de poder ficar de pé, o clique de uma porta ecoou pela sala, fechando-me lá dentro com quem acabou de entrar.

“Meu tempo é limitado. Vou pedir que você faça isso rápido.” Ao som da voz penetrante de barítono, espiei pelas frestas dos assentos e localizei o Professor Bramwell parado na frente da sala de aula com a Professora Gilchrist, que caminhou em sua direção vindo da porta que eu podia ver claramente que estava fechada.

Merda.

“Não entendo por que você a colocou em uma turma que exige um pré-requisito. Como Presidente do Departamento de ciências desta universidade, devo ser informada de quaisquer exceções feitas no que se refere aos alunos. É muito estranho, e ainda mais depois de você não retornar minhas ligações.”

“Vou pedir que você não confunda as duas circunstâncias. Não tem nada a ver com você e eu.”

“Claro que não. E sei que você despreza qualquer acusação entre você e um aluno. Por favor, aceite minhas desculpas, Devryck.” Seus ombros se curvaram enquanto ela se aproximava, mantendo uma pequena distância entre os dois. “Eu não quis desrespeitar e sei que você *nunca* se relacionaria com uma aluna dessa forma.”

Minhas suspeitas sobre ele deviam ser verdadeiras, então. O cara parecia mais apto a dar uns amassos em um livro antes de dar em cima de qualquer uma de suas alunas.

“Eu só... foi o toque que te afastou?” Com as mãos entrelaçadas, ela ousou dar mais um passo em direção a ele, e o desespero em seu tom me fez balançar a cabeça. “Eu prometo que isso não acontecerá novamente. Por favor, me dê outra chance.”

Outra chance? Porque ela ansiava pelo idiota era desconcertante e, como mulher, doloroso de assistir. Eu queria pular de trás do assento e colocar algum sentido nela.

Ele se afastou, aparentemente desconfortável. “Não questione minhas decisões no que se refere à minha aula. A Srta. Vespertine está lá porque eu permiti e porque acho que ela vai se destacar.”

“Realmente?” Ao perceber que falei em voz alta, coloquei a mão no rosto, o pânico percorrendo meus músculos como choques elétricos. Espiar pela abertura não mostrou nenhuma indicação de que algum deles tivesse me ouvido. Eles não olharam em minha direção, graças a Deus.

“Destacar-se? Isso é um exagero. Ela é inteligente, eu admito isso. Mas ela não é *tão* inteligente, Devryck.”

Tirando a mão dos lábios, franzi a testa. Que coisa idiota de se dizer.

“Terminamos aqui?” ele perguntou com um ar de tédio.

“Você me diz.”

“Eu te ligo se eu mudar de ideia.”

Ai. A maneira como ele falou, com tanto distanciamento, me deixou com um pouco de pena dela. Por mais gostoso que fosse, principalmente para um professor, ele com certeza tinha um lado mal-humorado.

Ela zombou e balançou a cabeça. “Você é, sem dúvida, o homem mais confuso que já conheci.”

“Esse é o problema, Loretta. Você parece se confundir facilmente.”

Meu telefone acendeu com uma notificação de texto e eu quase o deixei cair tentando desligá-lo. Olhos cerrados, lábios apertados, esperei que um deles se aproximasse. Certamente, eles viram o flash de luz na sala escura.

Certamente, eu seria pega pela nuca e jogada para fora, acusada de ser uma bisbilhoteira.

A porta se fechou. Olhei pela abertura e não encontrei nenhum deles parado ali. Exalando um suspiro instável, olhei para uma mensagem de Jayda, perguntando sobre Angelo. Sem dúvida, ela tinha visto a reportagem.

Finalmente me levantei e descobri que o professor Bramwell, de fato, não tinha saído. Ele estava diante da fileira de assentos à minha frente, com as mãos nos bolsos e os olhos irritados, como sempre.

Merda.

“Da próxima vez que você decidir escutar, talvez deva optar por ser mais sutil.”

“Eu, hum... não queria escutar. Esqueci meu telefone.” Com uma risada nervosa, levantei meu telefone, como se isso provasse alguma coisa.

Ele não se preocupou em responder, apenas olhou para mim como se estivesse silenciosamente conjurando a porta para o inferno para que pudesse me jogar nos poços em chamas e encerrar o dia. Em vez disso, ele se virou para sair.

“Professor!” Eu cambaleei, quase deixando cair meu telefone. “Queria saber se posso fazer algumas perguntas? Em relação ao Noctisoma.”

“Não tenho tempo. Meu horário de expediente é limitado, Srta. Vespertine. Você está convidada a marcar uma consulta.”

“Certo. Claro. Eu farei isso.”

Sem sequer outro olhar, ele saiu e eu exalei um suspiro instável. Nossa, o cara era intenso.

Meus pensamentos voltaram para sua conversa com Gilchrist – ou seja, o elogio sutil que ele havia feito. “Destacar-se”, sussurrei para mim mesma, enfatizando a palavra. “Destacar-se.” Será que ele sabia que eu estava lá quando disse isso? Que eu o ouvi? O que foi que me atraiu em um homem conhecido por ser brilhante, mas rabugento, dando um elogio aleatório como um pedaço decadente de chocolate que eu queria saborear antes de derreter?

Ele é um idiota, argumentou a voz dentro da minha cabeça. *Não se apegue muito a isso.*

Sim, ele era. Um idiota excepcionalmente bonito e inteligente.

Suspirando, fui para minha próxima aula.

Capítulo 18

Lilia

De acordo com o plano de estudos da aula do professor Bramwell, eu deveria esperar do lado de fora do meu dormitório o ônibus do campus me buscar. Às dez para a meia-noite, fiquei um pouco impaciente, porque, caramba, eu não queria me atrasar para a aula daquele homem. Prestes a abandonar a ideia do ônibus e atravessar o campus, percebi o flash dos faróis vindo em minha direção. Um pequeno ônibus com luzes internas roxas parou. Pintado na lateral do ônibus em letras pretas estava *Nocticadia*, e abaixo dele, *Midnight Lab.*

Nocticadia?

A coisa toda parecia teatral demais para o professor Bramwell, então imaginei que devia ter sido algo arranjado pelos alunos ou pela própria universidade. Entrei, encontrando cerca de duas dúzias de estudantes e Spencer, que acenou para mim lá atrás.

Engolindo um gemido interno, fui até o assento em frente a ele. “Estava ficando nervosa por um momento lá”, disse, afundando na poltrona macia.

“Griggs nunca se atrasa.” Ele inclinou a cabeça em direção ao motorista. “Nem mesmo quando neva. O cara sempre nos leva lá na hora certa.”

“Você já fez essa aula antes?”

“Bastante. Fiz o pré-requisito de Bramwell no semestre passado. O laboratório era o mesmo.”

“O que é *Nocticadia?*” — perguntei, olhando pela janela, enquanto o ônibus parava para mais dois estudantes do lado de fora de Hemlock Hall.

“É o que chamamos de Laboratório Midnight. Uma brincadeira com Noctisoma.”

“Ah. Certo. Então, por que Midnight?”

“É quando os parasitas estão mais ativos.”

De alguma forma, isso fazia sentido. Lembrei-me, durante a doença de minha mãe, de que ela sempre pareceu ser mais ativa à noite. Vagando em busca de comida ou ficando acordada assistindo TV. Certa vez, acordei com ela comendo hambúrguer cru e quase perdi a cabeça. Ela sempre parecia sentir desejos estranhos como esse depois que todos íamos para a cama.

Duas paradas depois, o ônibus chegou ao Emeric Hall, onde todos se amontoaram. Segui o grupo que claramente sabia para onde estava indo por uma escada. Descemos três níveis antes de finalmente chegarmos a um conjunto de portas duplas e entramos em uma sala com teto abobadado alto e bancos de madeira onde velas haviam sido acesas. Nunca estive em um laboratório iluminado por velas antes. Queimadores de Bunsen, sim, mas nunca velas.

Livros e potes de espécimes, frascos e copos cobriam as paredes da sala que carregavam um suave brilho roxo, emitido por grandes tanques situados ao redor da sala. Espalhadas sobre os bancos havia gaiolas de malha em forma de cúpula que abrigavam borboletas roxas brilhantes voando. Embora contivesse comodidades modernas, o lugar não se parecia com nenhum laboratório em que eu já tivesse trabalhado antes. Isso me lembrava algo saído de um filme de ficção científica.

“Bem-vinda à Nocticadia.” Spencer disse ao meu lado, enquanto eu percebia a estranheza de tudo isso. “É aqui que estudamos a mariposa Sominyx e propagamos o Noctisoma.”

“Mariposa Sominyx?” Voltei meu olhar para as cúpulas da jaula. “Essas são *mariposas*?”

“Sim. Estranho, hein? Elas costumavam ser negras. Mas quando estão infectadas com Noctisoma, ficam roxas. Elas são noturnas, então dormem durante o dia.”

“É por isso que o laboratório abre tão tarde da noite.”

“Isso, e como mencionei anteriormente, os parasitas gostam de festejar quando o sol se põe.”

Fascinada, virei em direção a uma das cúpulas em um banco, olhando para as mariposas lá dentro. Sim, eu podia ver mais de perto, os traços mais densos e confusos que diferenciavam as mariposas das borboletas. As asas roxas praticamente brilhavam contra as finas linhas pretas que pareciam veias. Na penumbra, mal consegui ver os detalhes e liguei a lanterna do meu celular para ver melhor.

Uma mão rápida o cobriu e me virei para ver Spencer parado ao meu lado. “Elas são sensíveis à luz.”

Assim que ele disse as palavras, olhei para trás e vi os olhos brilhantes e reflexivos de uma mariposa olhando para mim, enquanto ela enfiava um apêndice longo e fino que imaginei ser uma tromba através dos buracos da malha. Isso me lembrou da maneira como os olhos da minha mãe mudaram nos últimos estágios da doença, e da maneira como ela quase sibilava quando eu acendia as luzes do quarto dela.

“Desculpe. Eu não percebi.”

“É por isso que temos velas. Luz natural de velas e luz bioluminescente são aceitáveis, mas qualquer luz fluorescente ou ultravioleta de telefone é proibida. Elas tendem a ficar agressivas, tornando difícil lidar com elas.”

No canto da cúpula havia um prato contendo o que parecia ser um pequeno pedaço de bife.

“Isso é... carne?”

“Sim. Elas não gostam muito de doces. Esses caras gostam do bife malpassado e sangrento.”

Como os desejos da minha mãe. Estranho.

Olhei para a tromba, me perguntando se ela era forte o suficiente para romper

luvas e pele. “Nunca ouvi falar de tal coisa em uma mariposa.”

“Acontece com a infecção. Caso contrário, elas tendem a ser bastante dóceis por natureza.”

“Elas estão infectadas com vermes Noctisoma?”

“Sim. Bramwell abordará isso na palestra, mas elas são as hospedeiras principais, assim como seus mórbidos grilos. Não se preocupe, no entanto. Só os manuseamos com luvas. De qualquer forma, é no estágio larval que estamos interessados.”

“Você os viu? Os vermes?

“Sim. Vamos lá.” Com um movimento de cabeça, ele me levou até um tanque ao longo da parede, que brilhava em um tom roxo brilhante. “Há bactérias bioluminescentes na água. Não faz mal nenhum aos vermes.”

Cerca de uma dúzia de vermes longos, pretos e magros se contorciam no fundo do tanque, e meu queixo ficou aberto quando me inclinei para ver melhor.

Os vermes. Os exatos vermes que vi serem expulsos da minha mãe.

Reais.

Era estranho como eles pareciam diferentes no tanque. Menos parecidos com os monstros que eu imaginei que fossem na minha cabeça.

Me ajude!

Mamãe!

Num flash de memória, estremeci e desviei o olhar para encontrar Spencer apontando para alguma coisa.

Segui o caminho de seu dedo até uma mariposa sentada no fundo do tanque. O bater ocasional de suas asas me disse que ainda estava viva. “Ela não se afoga?”

“Só os homens. As fêmeas submergem na água para botar ovos, como regra geral. Se os ovos forem depositados rapidamente, elas viverão para ver outro dia.”

Franzindo a testa, cheguei mais perto e observei pequenos aglomerados de ovos emergirem da mariposa para serem depositados na superfície do vidro.

“Assim que eclodirem, eles irão até as noxberries na superfície.”

Olhei para cima e vi o que pareciam ser pequenos nenúfares na superfície da água, onde pequenas bagas se projetavam das pétalas. “É assim que as larvas se dispersam, não é? As mariposas comem as frutas.”

“Sim. A menos que Bramwell varra e pegue todas as frutas infectadas.”

“Para que?”

“Tudo bem, turma, encontrem um lugar para que possamos começar!” Ross, o cara de quem me lembrei da palestra do professor Bramwell, ficou na frente da sala, descarregando uma pilha de cadernos de sua bolsa de carteiro em um dos bancos vazios, antes de distribuí-los para todos.

Optei pelo banco no fundo da sala, de onde podia ver facilmente o tanque brilhante e a mariposa que voava em direção à superfície da água.

Ross jogou um dos cadernos na bancada e eu folheei as páginas para encontrar caixas vazias para datas, descrições e notas.

“Você deve registrar tudo em detalhes.” O som da voz do Professor Bramwell atraiu minha atenção de volta para a frente da sala, onde ele estava com um ar de autoridade que fez cócegas em meu abdômen.

Descansei minha mão sobre a sensação irritante, irritada com minha reação.

“A não atualização de seus diários resultará em dispensa automática. Ross liderará o laboratório, portanto qualquer dúvida deverá ser direcionada a ele. Não a mim.” Seus olhos me encontraram, demorando-se por um momento, antes de contornar a mesa. “Tenho horário de expediente separado para consultas gerais. Eu encorajo você a marcar sua consulta com antecedência, ou será rejeitado.”

Sem outra palavra, ele passou, seu olhar fixo no meu enquanto passava. Uma deliciosa mistura de café e colônia picante o seguiu.

Quando Ross começou sua palestra, me virei e vi o Professor Bramwell saindo por uma porta no fundo da sala.

“Para onde vai essa porta?” Sussurrei para Spencer, que estava sentado no banco à minha frente.

“Nível do porão. É onde fica seu laboratório de pesquisa. O necrotério também fica lá embaixo. Fora dos limites.”

“Você quer dizer que ninguém nunca entrou lá antes?” Eu não poderia ter sido a única curiosa o suficiente para considerar tal coisa.

“Não pode. Há uma porta de aço que ele mantém trancada o tempo todo.”

“Por que é tão secreto?”

Spencer lançou um sorriso por cima do ombro. “Depende de para quem você perguntar. As teorias abrangem toda a gama. Alguns acham que ele tem uma loja de Frankenstein lá. Que reanima seus amigos cadáveres.”

Bufando uma risada, baixei o olhar quando Ross voltou sua atenção para mim.

“Outros dizem que ele está trabalhando em algum projeto secreto do governo. Ninguém realmente sabe.”

“Você disse que ele leva as larvas para lá?”

“Sim. De vez em quando, ele pega algumas frutas e desaparece com elas.”

“Interessante.” Então, ele não apenas cortava cadáveres no porão. Ele também estudava o parasita, o que me deixou pensando se ele estava trabalhando em uma cura para ele.

Se sim, eu precisava fazer parte disso. Desde a morte de minha mãe, todo o meu motivo para estudar ciências e medicina centrou-se em descobrir o que a afligiu nas semanas anteriores à sua morte.

À medida que a hora passava, continuei a olhar furtivamente para aquela porta, perguntando-me se Bramwell regressaria. Ele não o fez, apenas atiçando minha curiosidade e distraindo meus pensamentos. Acontece que observar as mariposas consumia apenas uma pequena fração do tempo de laboratório. Passamos a maior parte da hora preparando corantes, observando fragmentos de Noctisoma através de um microscópio e preenchendo placas de ágar. Não foi o momento mais emocionante da minha vida.

Mas inspirou um objetivo para o semestre:

Descobrir o que Bramwell fazia naquele laboratório.

Capítulo 19

Devryck

O que começou como uma investigação sobre o quanto minha nova aluna seria um pé no saco me deixou intrigado. Uma pesquisa rápida provou que Lilia era inteligente e atlética, como visto em um anúncio escolar para a Covington High que a listava como Valedictorian de sua turma e Campeã Estadual de atletismo. No entanto, eu estava curioso para saber mais.

Ainda não tinha me dado ao trabalho de ler o artigo que ela escreveu sobre o parasita fictício, que aparentemente lhe rendeu uma vaga na minha turma, mas, em um esforço para aprender mais sobre a garota, pedi à secretária de Lippincott que me enviasse o arquivo dela. Examinei casualmente seu estudo de caso e, enquanto lia a progressão dos sintomas, sentei-me na cadeira, franzindo a testa com o que li.

Aversão à luz. Sede intensa. Brilho nos olhos. Episódios de paranóia.

Ela notou uma tatuagem de borboleta logo abaixo do umbigo do paciente, onde alegou que uma pequena mão iria aparecer. Estranhas visões delirantes que eram comuns entre os infectados.

Até mesmo a linha do tempo dos eventos estava correta para Noctisoma.

Embora seu conhecimento do parasita parecesse insuficiente, com razão, porque

não havia muito publicado sobre ele, achei interessante sua observação sobre a fisiologia. Na minha leitura, não notei nenhuma menção a um sintoma bastante significativo em seu artigo: vonyxsis. O escurecimento dos glóbulos vermelhos nos últimos estágios foi devido ao esgotamento extremo de oxigênio, causado por uma proteína produzida pelos parasitas. No paciente que ela detalhou, ela notou febre e fadiga muscular e, consequentemente, tinha administrado um sal de tecido conhecido como ferrum phos - um sal de célula transportadora de oxigênio que teria destruído o subproduto da proteína. Ao fazer isso, ela havia evitado completamente a vonyxsis e possivelmente prolongado a vida do seu paciente por mais algumas semanas.

Impressionante.

Sabia-se que pacientes infectados com o parasita apareciam de vez em quando, mas muitas vezes eram casos isolados e apenas na ilha. Os médicos do continente, desconhecendo o parasita como agente patogénico humano, nunca estabeleceram a ligação. Como a garota se deparou com tal caso era o mistério de tudo. A suspeita de Wilkins, seu ex-professor, sugeria que a paciente do estudo fosse sua mãe, já que ela não se preocupou em identificá-la.

Liguei meu computador e digitei o nome dela na barra de pesquisa.

Surgiu um obituário de uma mulher chamada Francesca Vespertine, onde Lilia estava listada como parente viva, junto com sua meia-irmã, Beatrix. Nenhuma imagem. Nenhuma outra informação.

Com o nome da mãe dela, entrei na minha conta PathNet, o que me daria acesso ilimitado aos relatórios do legista e da autópsia, desde que devidamente arquivados. Uma busca rápida trouxe o arquivo de Francesca, e uma rápida leitura do relatório do legista revelou que ela havia cometido suicídio na banheira. Cortou seus pulsos, aparentemente, uma descoberta que *não era* consistente com pacientes de Noctisoma. Na minha experiência, os infectados tinham um forte senso de autopreservação até que o parasita estivesse pronto para ser ejetado, resultando em afogamento na maioria das vezes. No entanto, a autópsia também não listou nenhuma outra patologia reveladora.

Eu teria pensado que o relatório do legista e o estudo de caso de Lilia eram duas pessoas distintas, com base nisso, exceto que olhei para baixo, notando a mesma tatuagem de borboleta coberta de pequenas lacerações, onde ela sem dúvida a arranhou. Não reconheci o nome do legista, mas se o paciente tivesse sofrido

todos os sintomas que Lilia detalhou, então ele omitiu sinais óbvios que estariam presentes na autópsia. Mais notavelmente, as estrias ósseas e a decomposição do fígado.

A descoberta me deixou pensando se ele teria alterado o relatório.

Se fosse esse o caso, ele deve ter feito isso para encobrir alguma coisa.

Um pensamento que me deixou intrigado sobre quem era Francesca Vespertine e como ela foi infectada.

Felizmente, Lippincott teria preguiça de ler o estudo de caso ou de investigar a mãe de Lilia. Eu certamente não tinha intenção de compartilhar minhas descobertas com ele. A garota tinha acabado de ganhar um lugar na minha lista de curiosidades, tornando seu segredo seguro. Por um tempo, pelo menos.

Meu celular tocou ao meu lado e me virei para ver o número de Langmore piscando na tela. Franzindo a testa, eu respondi.

“Dr. Bramwell, desculpe a interrupção, mas acabei de receber um telefonema da Dra. Gilchrist, solicitando que a Srta. Vespertine seja imediatamente removida de sua classe e do laboratório que a acompanha.”

“Em qual base?”

“Ela afirma que ela não está preparada para lidar com o seu currículo e que não atendia aos pré-requisitos exigidos. Pessoalmente, achei que ela tinha um bom domínio do assunto, mas peço desculpas por ter ultrapassado os limites. Antes de prosseguir, só queria saber sua opinião.”

“Saber minha opinião.” Eu queria rir disso. O homem provavelmente estava segurando um rio de xixi nas calças agora. “Sim, claro,” respondi cordialmente, contendo a raiva que tensionava meus músculos. “Permita-me expressar meus pensamentos. A Dra. Gilchrist precisa manter o maldito nariz fora dos meus assuntos. Aprovei a inscrição da senhorita Vespertine. Fim da história. Se Gilchrist tiver um problema, ela pode resolver isso comigo. Diretamente.”

A mulher não teria ousado. Em primeiro lugar, era de admirar que ela tivesse tido coragem de abordar Langmore, a menos que ela honestamente pensasse que eu não daria a mínima. Se fosse qualquer outro aluno, esse poderia ter sido o caso. Mas algo sobre isso me deixou intrigado o suficiente para desafiar a chefe

do departamento.

“Muito bem. Manterei a inscrição dela e informarei a Dra. Gilchrist sobre sua decisão. Eu aprecio seu tempo.”

“Sim. Obrigado.” Com isso, desliguei o telefone, assustado com o fato de a mulher se atrever a agir assim pelas minhas costas. Claramente, ela ainda nutria animosidade pelo que aconteceu entre nós dois. Foi um movimento de cobra tentar remover Lilia silenciosamente da minha classe. A maldita audácia disso me irritou, e foi bom para Langmore ter me contatado. Claro, eu suspeitava que ele provavelmente tivesse calculado as consequências de não fazer isso primeiro. Ninguém tocava no que me pertencia sem repercussão.

Minha classe.

Meus requisitos.

Meus alunos.

Sem dúvida, Lilia Vespertine seria uma enorme dor de cabeça. Mas ela era *minha* dor de cabeça.

Capítulo 20

Lilia

Como é que quanto mais eu o observava, menos eu conhecia o homem?

Quatro dias se passaram e, em um campus que abrigava milhares de alunos e funcionários, entre as aulas, eu de alguma forma fiquei hiperconsciente do paradeiro do Doutor Morte. Além de neuroparasitologia, ele lecionava anatomia patológica no quarto ano e na pós-graduação, o que parecia ocupar a maior parte de suas tardes, além das visitas ocasionais ao prédio da administração, onde eu suspeitava que ele participava de reuniões de equipe. Todas as manhãs, exatamente às sete horas da manhã, ele podia ser visto passando correndo pela torre do relógio em seu circuito habitual do campus, dando quatro voltas, o que equivale a cerca de dezesseis quilômetros. Não que eu pudesse acompanhar cada momento do dia dele, é claro, eu tinha bastante coisa para fazer, mas ele raramente passava sem que eu percebesse.

Hoje foi a exceção.

Alguns estudantes tinham saído para o longo fim de semana do Dia do Trabalho, mas eu fiquei. A última coisa que eu pretendia fazer era voltar ao show de merda com Angelo, embora isso parecesse ter se resolvido na semana passada.

Passei toda a manhã, nos refeitórios, na biblioteca e em uma das cafeterias do campus, sem ter visto o Professor Bramwell correndo de um lado para o outro da

Emeric Tower, o que me fez pensar se ele tinha saído da ilha para o fim de semana prolongado, também.

Como o tempo estava ameno, cerca de dezoito graus, decidi dar uma volta em uma das bicicletas do campus. Uma passada na minha carteira de identidade me permitiu alugar uma bicicleta por seis horas seguidas, e como a ilha tinha cerca de dezoito quilômetros de extensão, suspeitei que precisaria de tempo para explorar um pouco.

Após uma entrevista de cinco minutos com o porteiro, que insistiu em saber para onde eu estava indo, quando voltaria e se planejava me encontrar com alguém, passei pelos portões do campus. A bicicleta acelerou por uma estrada estreita um pouco assustadora, íngreme o suficiente para que eu nervosamente mantivesse a mão fora do freio, com medo de capotar para frente. O caminho que dividia a floresta descia pelo penhasco e, ao passar por trechos densos de árvores, me perguntei como diabos eu conseguiria voltar sem destruir os músculos das coxas.

Ondas de uma extensa floresta se abriam ao redor de casas ocasionais em estilo chalé - adoráveis estruturas do século antigo, com telhados arredondados e assimétricos e frontões íngremes que me faziam sentir como se tivesse caído em um pequeno país europeu. As propriedades em Covington tendiam a ser os habituais bangalôs e sobrados, enquanto as da ilha eram adoráveis chalés de contos de fadas, cobertos de hera e lindos arcos de madeira repletos de flores coloridas.

A ilha inteira tinha um apelo mágico, diferente de qualquer lugar onde já estive. Tal como a própria universidade, rapidamente me conquistou, atraindo-me para o seu encanto, tal como o Professor Wilkins tinha previsto.

A primeira semana de aula parecia ter voado. Gostei das minhas aulas – até mesmo das temidas aulas de cálculo e fisiologia quantitativa – e finalmente senti que estava caindo na rotina. Uma mudança de vida estranha, mas bem-vinda. Os dias de tentativa de encaixar as aulas e o estudo em torno do trabalho em tempo integral mudaram para longas sessões de estudo em torno de palestras e exploração. As enervantes viagens noturnas de metrô, cercadas por completos estranhos, deram lugar a ônibus com rostos familiares – todos ali pela mesma coisa. Embora eu soubesse que ainda precisava arranjar um dinheiro extra para pagar as mensalidades de Bee, não sentia mais o tremendo peso disso me pressionando.

Alguns quilômetros adiante, passei por uma placa que dizia Emberwick e entrei no que parecia ser uma pequena vila à beira-mar – uma cidade encantadora que corria paralela a um calçadão e ao azul infinito além dele. À minha direita, gaivotas sobrevoavam o cais que se estendia por centenas de metros em direção aos poucos barcos de pesca ancorados no mar. Os pneus da minha bicicleta balançavam nos paralelepípedos antigos, enquanto eu admirava as lojas de tijolos cobertas de hera em ambos os lados da estrada. Enquanto alguns carros circulavam pela cidade, a maioria carros inteligentes de dois lugares, os bicicletários do lado de fora das lojas estavam lotados – sem dúvida a principal fonte de transporte para a maior parte da ilha.

Quando avistei a loja do boticário, diminuí a velocidade da minha bicicleta, avistando um local vago em um dos suportes na frente. Depois de estacionar, espiei pela vitrine da loja ao lado o boticário, chamada Glauco, um lugar que parecia vender amuletos de boa sorte para pescadores e viajantes do mar. Pequenas bugigangas estavam expostas em frente à janela, uma variedade de medalhões gravados, pedras, ganchos e o que pareciam ser cordões de pequenos ossos. Um porta-folhetos de madeira ao lado da porta continha livretos do folclore dracadiano, e peguei um quando notei *Livre para levar* rabiscado em um papel grampeado no poste de madeira.

Folheando-o, vi uma breve descrição de diferentes histórias – *Sereias da Baía dos Ossos, O Cazanute, Mangurdame do Poleiro do Diabo, Nereidas do Lago Squelette* – todas elas contos de diferentes locais da ilha. O lugar tinha tanta história e conhecimento que eu provavelmente poderia ter passado horas estudando-o.

Colocando o livreto em minha bolsa para mais tarde, empurrei a velha porta de madeira do Boticário Salty Sea, para ser saudada pelo toque de uma campainha e um delicioso aroma de gengibre. Velas ardiam por toda a loja e uma parede de potes ficava à minha direita, cheia de todos os tipos de fluidos coloridos. Elixir de matcha ginseng. Juba de leão. Maca. Moringa. Levantei um dos potes, examinando a clareza do líquido dentro dele, que quase parecia cristalino.

“Posso ajudá-la a encontrar algo?” uma voz disse atrás de mim, e me virei para ver uma mulher mais velha e impressionante, com olhos profundos e amendoados e cabelos grisalhos, cuja pele brilhava com uma perfeição eterna. Suas sobrancelhas se juntaram enquanto ela olhava para mim. “Oh, que coisa, você parece alguém que conheci.”

“Sério?”

“Sim. Por acaso você conheceu Vanessa Corbin?”

“Não, infelizmente não.”

Um lampejo de surpresa iluminou seus olhos e ela balançou a cabeça. “Você é a cara dela.”

Sorrindo, dei de ombros. “Dizem que todo mundo tem um irmão gêmeo.”

“Bem, eu a conheci há cerca de vinte anos, então suspeito que ela não seja exatamente uma gêmea atualmente.” Ela se virou em direção a uma pequena coleção de potes sobre uma mesa atrás dela e os guardou em uma das prateleiras próximas. “Você mora em Dracadia?”

“Mais ou menos, eu acho. Estou estudando aqui.” Peguei uma das barras de sabonete e, colocando-a de volta na mesa, senti novamente aquele cheiro delicioso. “Qual é o gengibre que estou cheirando?”

“Oh, é apenas um chá preto que fiz antes.”

“Chá de pedra preta?” Eu frequentava algumas lojas holísticas em Covington, mas nunca tinha encontrado isso antes.

“Sim, é um chá local que preparamos aqui. Leva um pouco de tempo para se preparar, mas pode curar tudo o que estiver acontecendo com você.”

“Você tem para vender?” Não que eu tivesse muito dinheiro para gastar, mas sempre ficava de olho em qualquer coisa que pudesse afastar os resfriados sazonais. E com o inverno chegando, era melhor começar a fortalecer minha imunidade agora.

“Oh, não. Dá muito trabalho vendê-lo. Mas que tal isso, posso te dar alguns saquinhos de chá.”

“Realmente? Eu posso te pagar.”

“Não, não. Está tudo bem.” Ela acenou com a mão no ar e foi em direção à caixa registradora. “Não aparecem muitos jovens por aqui”, disse, remexendo em algo abaixo do balcão, apenas a parte de cima de sua cabeça visível.

“Minha mãe sempre gostou de remédios à base de ervas. Nunca tomei sequer

uma aspirina em toda a vida.”

Franzindo a testa, ela se levantou, segurando uma pequena bolsa branca com o que pareciam ser cristais pretos. “Tem certeza de que não conhece Vanessa Corbin?”

“Sim.”

“É tão estranho. Ela e sua mãe eram minhas clientes de longa data. Vanessa adorava os chás de ervas e as gomas de mel. Aqui, vou colocar algumas para você experimentar.” De uma tigela sobre o balcão, ela pegou dois doces dourados embrulhados em papel manteiga e os colocou em um saquinho. “De qualquer forma, aqui está o chá.” Depois de segurá-lo por um momento, ela colocou a sacola com os doces. “Basta adicionar água quente, um pouco de gengibre e um pouco de mel e você estará no paraíso. Você pode até colocar goma de mel nele. É apenas mel cru e endurecido com um toque de sabugueiro.” Ela fingiu tremer e sorriu. “É tão bom para as noites frias de inverno.”

“Obrigada por isso”, eu disse, aceitando a sacola dela. “Por que é chamado de pedra preta?”

“É proveniente das rochas de Bone Bay. É por isso que não vendemos. É perigoso tentar chegar lá.”

“Perigoso? É guardado por dragões ou algo assim?”

“Tubarões, principalmente. Você tem que mergulhar no Poleiro do Diabo. Meu neto conhecia aquelas cavernas subaquáticas como a palma da sua mão. Mas é um berçário para alguns dos tubarões maiores. Tubarões *lendários*.”

Não conseguia nem imaginar mergulhar em algo chamado *Poleiro do Diabo,* muito menos saber que um berçário de tubarões me esperava lá. “Ele é um encantador de tubarões ou algo assim?”

Com o sorriso desaparecendo, ela baixou o olhar. “Ele faleceu há alguns anos.”

“Ah, sinto muito em ouvir isso.”

Com um suspiro, ela desviou o olhar por um momento e depois sorriu novamente. “Sim, então o irmão dele me traz algumas pedras pretas de vez em quando.”

Olhei para o suprimento na sacola, não mais do que uma pequena sacola, mas considerando o perigo para consegui-la, não me senti melhor em pegá-la. “Você tem certeza de me dar isso? Não quero pegar seu estoque.”

“Eu insisto.”

“Bem, nesse caso, vou levar um pouco de matcha ginseng também.”

“Muito bom.” Com uma piscadela rápida, ela pegou uma pequena caixa de matcha da prateleira atrás dela e pegou a mercadoria para mim. Quando terminou, ela me entregou uma sacola um pouco maior contendo tudo que eu havia comprado. “Apareça aqui de vez em quando, hein?”

“Ah, com certeza voltarei.” Ao sair da loja, avistei alguns mapas de Dracadia e, quando parei para pegar um, notei um pôster ao lado da prateleira. Mostrava um homem, aparentemente procurado pela polícia pelo abuso brutal de seu filho, que se acreditava estar escondido na ilha. Cartazes *de Procurados* e *Desaparecidos* decoravam quase todos os painéis em Covington, então ver um não era nada de especial. Só parecia fora do personagem da ilha.

Cabelo grisalho deixava o homem com cerca de quarenta e poucos anos, e seus olhos castanhos fundos me davam arrepios. Ele *parecia* um abusador de crianças. Olhei para o nome dele. Barletta. Não era um que eu reconhecesse, mas o que mais me chamou a atenção foi o quanto ele me lembrava Angelo, por algum motivo. Apenas aquele olhar desgrenhado de criminoso.

O que me levou de volta para casa. Eu não tive mais notícias de Conner desde nosso telefonema e nada mais foi divulgado no noticiário. Felizmente, as coisas haviam se acalmado.

Ao lado de Barletta estava pendurado um pôster *de Pessoas Desaparecidas*, cujos cantos estavam um pouco enrolados, como se já estivesse ali há algum tempo. Uma loira com olhos azuis brilhantes olhou para mim – Jennifer Harrick – a garota que havia desaparecido. Aquela sobre a qual Mel me contou no meu primeiro dia.

Com uma nota sombria, saí da loja e voltei para a bicicleta. Depois de guardar minhas mercadorias na pequena cesta de vime, abri o mapa. A rua principal dava a volta em toda a ilha e voltava pelo outro lado da universidade, onde eu esperava que a inclinação fosse menos íngreme. Dezesseis quilômetros estrada acima, no lado oposto da ilha, ficava Bone Bay. Eu segui, pedalando em um

ritmo tranquilo em direção à minha próxima parada.

O vento soprava em meu cabelo, o ar salgado do mar pesava em minha língua enquanto eu o inalava. Um calor feliz espalhou-se pela minha pele onde os raios de sol me tocavam, era o primeiro dia ensolarado que tivemos em uma semana na ilha. Mais uma vez, me peguei pensando o quanto minha vida havia mudado em apenas alguns dias. Como passei de carregar um canivete e correr para casa no escuro para um passeio tranquilo de bicicleta à beira-mar.

A sensação de liberdade me assustou um pouco, como se eu tivesse me tornado ingênua e mole. Afinal, o lugar ainda não havia conquistado totalmente minha confiança, então não fazia sentido o jeito que eu me sentia tão à vontade ali. Eu nem me preocupei em trazer meu canivete na excursão, que ainda estava guardado na minha mesa no dormitório. Conner teria me chamado de estúpida pelo descuido.

Após a morte da minha mãe, ganhei certas liberdades que não tive enquanto crescia, principalmente por necessidade. Conner tinha se mudado e precisava de ajuda com o aluguel, então eu tive que conseguir um emprego, e ir para a escola significava trabalhar até tarde da noite. Como Conner não podia dirigir, graças a muitas multas, tive que depender de transporte público. Era uma marca de liberdade mais assustadora. Uma que não me importei em exercer, mas, novamente, necessária.

Eu fui jogada em um mundo que teria me comido viva, se eu não tivesse aprendido a navegar nele de forma rápida e tão jovem. Suponho que poderia agradecer ao Conner por isso, já que foi ele quem me deu um bom empurrão para a idade adulta, mas honestamente, tendo tido a mãe que tive, vivendo a vida que vivi, talvez eu estive me preparando para isso durante toda a minha vida.

Não demorou muito para que a estrada sinuosa fizesse uma curva ao longo de um trecho de penhascos, e me deparei com uma placa desgastada e torta que dizia Bone Bay, com um corvo negro esculpido na madeira. A cerca de cem metros de distância, um arco de árvores com galhos finos criava um túnel sobre uma longa escadaria descendente. Tirei meu telefone do bolso e tirei uma foto rápida, pensando em como ficaria absolutamente encantador se fosse decorado com luzes.

As escadas rangeram e gemeram enquanto eu descia até onde o túnel de árvores se abria para pinheiros verdes exuberantes e dunas de areia branca que se

estreitavam na costa rochosa da enseada.

Corvos pretos, se eram corvos ou gralhas, eu não sabia dizer, tinham se instalado em árvores e ao longo da linha costeira. Muitos deles. No final da escada havia uma placa que me pedia para não alimentar os pássaros e evitar a extremidade sul da enseada durante o final do inverno, pois era onde eles poderiam ser mais agressivos.

Pisei na costa rochosa e dois pássaros se espalharam em direção ao céu. Diante de mim estava a vastidão do oceano. Linda, mas totalmente assustadora. Ondas dóceis alcançaram meus pés, mas recuei, não permitindo que a água me tocasse. Talvez algum dia eu fosse ousada o suficiente para mergulhar, mas certamente não hoje. Não quando isso poderia facilmente me tirar de lá e ninguém teria se importado ou pensado em me procurar.

Com as falésias à minha volta e as árvores às minhas costas, o trecho de praia continha uma tranquilidade pacífica. Segui a curva da enseada em direção a uma massa rochosa e ali um som forte *ecoou* acima de mim. Por um breve momento, pensei no pôster *de Procurado* que vi na cidade.

E se fosse o abusador de criança? E se ele estivesse escondido ali na floresta?

A garota da cidade dentro de mim me implorou para ir embora, enquanto me repreendia por não ter pegado minha faca.

Um lampejo de movimento acima de mim atraiu meus olhos para o pico plano da rocha, onde uma figura musculosa, vestindo uma camiseta preta, pegou uma garrafa de água e olhou para o mar.

Curiosa, subi o trecho de pedras irregulares, tomando cuidado com o equilíbrio. No momento em que atravessei o topo, a visão ficou mais nítida e avistei o Professor Bramwell a cerca de vinte e cinco metros de distância.

Colocando a mão na boca, abaixei-me ao lado da pedra, ofegando. Não que eu tenha ficado chocada ao ver alguém em uma praia *pública.* Era a *pessoa* que eu tinha visto. Ao som de passos recuando, espiei por cima da rocha e o encontrei preso em uma posição, segurando algo na mão. A luz do sol brilhava em sua superfície de aço.

Uma lâmina.

Ele puxou-a de volta e atirou-a em direção a uma das árvores.

Do chão, ele pegou outra lâmina e jogou aquela também. Segui o caminho de seu arremesso para ver que o primeiro caiu bem no meio do tronco da árvore. A segunda, diretamente ao lado. Observei-o lançar uma terceira, que caiu ao lado das duas primeiras.

Mas não foram as lâminas que me mantiveram cativada. Por baixo daquelas camisas modestas que ele usava nas aulas, o homem aparentemente ostentava um físico esculpido que esticava o tecido de sua camiseta. Combinado com a bagunça descuidada de seu cabelo geralmente perfeito e o jeans casual pendurado na cintura, ele me manteve encantada.

Olhando para o meu professor.

Pare, Lilia.

Eu me senti como uma predadora o observando.

A maneira como ele manipulava facilmente a arma, me deixou convencida de que ele praticava isso com frequência. Um hobby? Provavelmente era adequado para um homem que ganha a vida cortando corpos.

Um arrepio percorreu minha espinha quando esse pensamento se enraizou em minha cabeça. Em um ser humano normal, isso poderia ter provocado uma vontade de dar o fora dali, porque, que tipo de pessoa teria sido pega em um penhasco rochoso, na floresta, com um homem que esculpia cadáveres à noite?? Alguém que parecia excepcionalmente proficiente com suas armas.

Eu, aparentemente, enquanto continuava olhando, observando-o dar mais alguns lances, atacando e girando, sem que uma única lâmina ricocheteasse naquele tronco. Por razões que não consegui explicar, fiquei hipnotizada pela sua habilidade.

Confusa, mas fascinada.

Com o peito arfando, um brilho de suor cobrindo seu pescoço e braços, ele jogou a lâmina e virou-se em direção à beira do penhasco, na minha frente, onde a borda de rocha se projetava sobre o mar. No momento em que seus dedos engancharam a barra da camiseta, como se ele estivesse prestes a tirar a roupa, eu me abaixei.

Oh Deus.

Meu cérebro me pediu para sair e dar um pouco de paz ao homem, mas quando me levantei na pedra para ter certeza de que ele não me veria sair, ele não estava ali. Apenas suas roupas descartadas estavam amontoadas.

Eu saltei para frente, descendo a encosta irregular, até que peguei o movimento do seu corpo caindo nas ondas. Com os olhos voltando-se para o topo do penhasco, estimei uma queda de cerca de quinze metros ou mais.

“Ah Merda!” Desci a rocha e voltei para a costa rochosa para procurá-lo. Os segundos se passaram e a horrível constatação de que talvez eu tivesse acabado de ver o homem saltar para a morte atingiu minha consciência.

Vamos lá. Não esteja morto. Não esteja morto.

Um pouco mais longe, sua cabeça rompeu a água. A distância da costa causou um arrepio na minha espinha, quando imaginei a profundidade ali e que criaturas poderiam estar escondidas abaixo.

Fechei os olhos com uma respiração estremecida, e quando ele começou a nadar de volta para a rocha, decidi que já tive excitação suficiente.

Mais uma vez, fiquei mais perplexa quanto mais observava.

Quem era esse homem?

Enquanto subia as escadas em direção à minha bicicleta, decidi que as perguntas nunca seriam respondidas observando-o de longe. Eu precisava me aproximar.

O que significava que eu precisava marcar um temido horário comercial.

Capítulo 21

Lilia

Não levei uma maldita semana para conseguir uma reunião com o Dr. Bramwell. O cara nunca respondia seu e-mail, nem o número de telefone listado no plano de estudos. Ao lamentar-me com Jayda, ela me disse para *ser audaciosa* ao lidar com homens em posições de poder. Então, cinco minutos depois de sua palestra, corajosamente perguntei a ele se poderia marcar uma consulta e, em troca, ele me lançou um olhar penetrante.

Então concordou em se encontrar comigo depois da aula.

Com as palmas das mãos suando, segui-o desde o auditório de palestras até seu escritório. Nós estavam incrivelmente apertados em meu estômago e, por mais delicioso que fosse o cheiro de sua colônia, isso só aumentou minha náusea.

Os olhos focados nos cômodos ao redor me impediram de olhar para a maneira como sua bunda se movia em suas calças pretas. Sem dúvida firme, dado o pouco que eu tinha visto daqueles jeans justos que ele usou no penhasco.

Pare com isso, Lilia!

Estremecendo, insisti mentalmente para que meus olhos não voltassem para olhar novamente, mas esse era o problema com meu cérebro. Depois de pensar nisso, não consegui deixar de pensar, e tornou-se um jogo perigoso tentar ignorar

o problema.

Felizmente, chegamos ao seu escritório, onde ele enfiou uma chave que parecia um esqueleto em uma fechadura de ferro preto e abriu a porta com um rangido. O interior era relativamente pequeno, mas repleto de textos médicos e periódicos empilhados em sua mesa e no chão.

O homem gostava de arrumação.

Sentei-me em uma das cadeiras em frente a ele, enquanto ele caiu em sua cadeira do outro lado da mesa.

“Senhorita Vespertine, estou reservando quinze minutos para esta reunião. Aproveite-os.”

Não perdi tempo. “Sei que o Noctisoma é raro em humanos. Como foi introduzido?”

Recostando-se na cadeira, ele juntou os dedos, olhando para mim, e percebi naquele momento que não tinha calculado o quão intensa seria sua atenção total. Quão totalmente desgastante e ameaçadora ao mesmo tempo. “Eu vou abordar a história do Noctisoma em uma palestra futura.”

“Eu entendo, e estou ansiosa por essa aula, mas de acordo com o seu plano de estudos, você não cobre isso até dezembro.”

Ele arqueou uma sobrancelha. “E?”

“Bem, é por motivos pessoais que pergunto.” Principalmente, porque as aulas duravam dois semestres completos consecutivos, e eu poderia não obter as informações de que precisava, se por algum motivo minha mensalidade não cobrisse um segundo semestre.

Aborrecimento coloriu sua expressão e ele suspirou. “Na era colonial, acreditava-se que a doença era transmitida pelos nativos, que atiravam as larvas com dardos naqueles que consideravam uma ameaça. É difícil dizer quantos casos surgiram após a queda da tribo, visto que a ilha permaneceu abandonada durante vários anos. Ela ressurgiu há cerca de trinta anos, quando um andarilho acampado na floresta tropeçou nas noxberries e as consumiu.”

“Você está trabalhando em uma cura para isso, não está? No seu laboratório? É por isso que você remove as larvas?”

Ele olhou para mim em silêncio por um momento, e por mais que eu quisesse desviar o olhar, porque o homem era intimidador, não o fiz. “Suas perguntas começaram a percorrer uma linha delicada, pois estão relacionadas às *minhas* atividades.”

“Desculpe. Estou apenas curiosa, só isso.”

“A curiosidade muitas vezes nos leva por um caminho perigoso.”

“Diz isso como se você mesmo tivesse caminhado nele.”

O canto de seus lábios se contraiu e ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos na mesa brilhante. “Para responder, estou estudando o parasita para entender melhor como ele afeta o corpo humano.”

Em vez de deixar escapar a primeira pergunta que surgiu na minha cabeça – ou seja, *como diabos minha mãe foi infectada?* — Eu considerei minhas palavras com cuidado. “Você recebe muitos casos do continente?”

“Não.”

“Se alguém contraísse isso, seria transmitido de pessoa para pessoa?”

“Raramente.”

Eu fiz uma careta para isso – como diabos minha mãe teria conseguido isso? Eu nunca tinha visto uma noxberry na minha vida até chegar em Dracadia. “Bem, deve ser.”

“Você está fazendo perguntas ou tentando me convencer, senhorita Vespertine?”

“Minha mãe morreu de Noctisoma.” Eu o desafiei a argumentar isso.

“Nossa instalação teria sido a única a confirmar tal diagnóstico, se tivesse sido devidamente diagnosticada. Qual o nome dela?”

“Não importa. Ela se recusou a consultar um médico.”

“E a autópsia?” ele perguntou em um tom quase entediado. “Certamente, teria mostrado evidências de patologia Noctisomal.”

Se tivesse, teria sido criptografada em uma linguagem legista que eu não falava. “Que tipo de patologia?”

“Estrias ósseas e decomposição do fígado, principalmente.”

Eu não conseguia me lembrar de ter visto nada disso. O problema mais notável, além da perda de sangue, foi o líquido nos pulmões. “Talvez não tenham percebido isso.”

Mexendo a mandíbula, ele estreitou os olhos. “Sua mãe é da ilha?” ele rebateu.

“Não.”

“Ela frequentou Dracadia? Visitou aqui? Morou aqui por algum tempo?”

Não gostei da maneira como ele descartou isso diante dos meus olhos, mas respondi honestamente. “Não.”

Ele deu de ombros despreocupadamente, o que me fez querer esticar o braço sobre a mesa e bater nele. “Então, provavelmente não foi Noctisoma.”

“Eu sei o que vi, professor. Vermes pretos. Como aqueles do Laboratório Midnight. Eu os vi rastejar para fora do corpo dela.” Fiz um gesto em direção à minha boca. “Como se estivessem tentando escapar.”

“A morte pode ser difícil de processar, senhorita Vespertine.”

A frustração revirou meu estômago, com o jeito que o cara tentava refutar tudo, como se eu tivesse imaginado tudo? Passei muitos anos acreditando nessa mentira. Para o inferno com isso. E para o inferno com ele. Eu não tinha imaginado nada disso – sabia disso agora. “Não foi choque ou alucinação. Foi real.”

Talvez eu parecesse prestes a chorar, porque ele se recostou na cadeira e soltou um suspiro longo e exasperado. “Muito bem. Foi real. Infelizmente, não examinei sua mãe, então não posso dizer com certeza como ela pode ou não ter sido infectada. Estou apenas compartilhando o que décadas de estudo me ensinaram.”

Soltando um suspiro, balancei a cabeça. Eu fiquei nervosa de novo, e ele estava certo. Talvez eu tenha me esforçado para convencê-lo. “Minhas desculpas por ficar chateada.”

“Se respondi a todas as suas perguntas, talvez você possa me deixar voltar ao meu trabalho.”

“Posso fazer mais uma pergunta?”

“Claro.”

Minha boca de repente ficou seca, enquanto a forte possibilidade de rejeição me alfinetava. “Eu me perguntei se você poderia ter alguma vaga de assistente de laboratório aberta?”

“Ross pode direcioná-la para as vagas disponíveis, mas elas são preenchidas rapidamente.”

“Não me refiro ao laboratório geral. Quero dizer…” *Seja audaciosa*. “Quero dizer, trabalhar com você.”

Ele nem sequer deu tempo suficiente para a pergunta persistir antes de rebatê-la com um rápido: “Não. Receio que não.”

“Não precisaria ser o semestre inteiro.” Deslizei para frente na minha cadeira, o desespero me incitando a parecer uma mendiga chorona. “Fico feliz por lavar pratos ou preparar reagentes. Talvez apenas…”

“*Não,* senhorita Vespertine. Não aceito alunos assistentes em meu laboratório, em qualquer função. Agora, se você me der licença, gostaria de voltar ao meu trabalho...” Ele soltou um grunhido e suas mãos voaram para os lados do crânio. Com os olhos cerrados, ele cerrou os dentes, e um gemido sibilante foi o único som que fez antes de cair da cadeira no chão.

“Professor!” Largando minha bolsa, dei a volta em sua mesa e o encontrei enrolado em si mesmo, com as mãos cobrindo os ouvidos.

“Porra!” Ele pressionou a palma da mão na têmpora.

Todo o meu corpo tremia de adrenalina, meu coração disparava no peito. O cenário me levou de volta às noites em que minha mãe sofria de dores de cabeça horríveis. Sem saber mais o que fazer, caí no chão ao lado dele. Uma expressão de agonia tomou conta de seu rosto, seu corpo tremendo incontrolavelmente.

Convulsão. Foi uma convulsão.

Repassei mentalmente a lista de verificação do que me lembrava de ter lido sobre convulsões em um de meus livros de medicina. Remova qualquer coisa perigosa.

Afastei a cadeira dele e, ao olhar ao redor da sala, a dica número dois me veio à mente. Pegando seu paletó pendurado no braço de um sofá de couro, amassei-o em uma bola e gentilmente o empurrei sob sua cabeça. Depois disso, afrouxei a gravata e desabotoei os dois primeiros botões da camisa. Embora parte de mim se sentisse estranha, outra parte não sentia nem pensava. Segui com pura adrenalina naquele momento.

Ele tremia e tremia, enquanto eu cuidadosamente empurrava seu ombro para virá-lo de lado.

Mordendo a unha, olhei para o relógio e vi que já durava cerca de quatro minutos. Coloquei minha mão na dele, só para que ele soubesse que eu estava lá, como sempre fiz com minha mãe.

Ele sussurrou alguma coisa e eu me inclinei para frente, tentando entender o que ele havia dito. “Impermeável,” ele sussurrou novamente.

Impermeável? Eu o ouvi direito?

Os tremores diminuíram. Sua respiração desacelerou. Gotas de suor se acumularam em sua testa e seu rosto ficou branco como um fantasma, mas parecia que a convulsão havia diminuído.

“Professor?” Apertei levemente sua mão e seus olhos se abriram.

Ele recuou, quase batendo a cabeça na mesa. “Não me toque! Não me toque, porra!” O comando chegou como um aviso rosnado, e eu caí para trás, empurrando-me para longe dele.

“Desculpe. Eu... só queria ter certeza de que você estava bem.”

Usando uma máscara de confusão, ele se sentou e olhou em volta. Quando seu olhar pousou em seu paletó enrolado, sua mandíbula endureceu. “É um paletó de quinhentos dólares amassado no chão”, disse ele, jogando o paletó na cadeira. “Da próxima vez que você decidir amassar algo, considere usar o seu próprio.”

Qualquer simpatia que eu pudesse ter, foi drenada de mim naquele momento. “Sério? Você acabou de ter uma convulsão na minha frente e está preocupado com um pouco de poeira no seu paletó?”

“Bem-vinda à minha terça-feira. Isso não é novidade.” Ele se levantou até ficar em pé sobre mim.

Não gostei da dinâmica dele olhando para mim naquele momento, então fiquei de pé também. “Acho que não deveria ter me incomodado em ficar por aqui, então.”

“Acho que você não deveria ter feito isso.”

Idiota bastardo! “Perdoe-me por ser um humano decente.”

“Um ser humano decente teria dado alguma dignidade a um homem, indo embora quando ela foi *dispensada*.” Ele cerrou a última palavra entre os dentes.

Ocorreu-me então que ele não estava zangado comigo, por si só, mas talvez um pouco envergonhado. Apesar da vontade de brigar verbalmente com ele e não recuar, suavizei minha voz. “Me desculpe. Entrei em ação sem pensar muito.”

“Você certamente...” Sua mandíbula endureceu novamente, os músculos contraíram, enquanto ele claramente lutava para conter suas palavras. Respirando fundo, ele abotoou a camisa e ajeitou a gravata de volta no lugar. “Exagerou um pouco.”

Encolhendo os ombros, juntei as mãos para que ele não visse o quanto eu estava tremendo naquele momento. “Eu só estava tentando deixar você confortável, só isso, Senhor.”

Seus olhos deslizaram para mim na última palavra, sua mandíbula flexionando. “Você pode sair agora, senhorita Vespertine.”

Com um aceno silencioso, peguei minha bolsa. Eu não sabia por que me senti decepcionada ao sair de seu escritório, além do fato de que meu plano de ajudar em seu laboratório havia sido brutalmente rejeitado. Não era como se eu esperasse que ele me envolvesse em um abraço por ter ficado por aqui durante tudo isso.

Um agradecimento teria sido bom, no entanto.

Capítulo 22

Devryck

“Ah! Caramba!” Barletta ergueu a mão, protegendo-se da lanterna que apontei para ele através das grades. Um brilho prateado refletia em seus olhos, dando-lhe uma aparência perturbadora, comum em pessoas infectadas com Noctisoma.

“Tapetum lucidum.”

“O que?”

“É o que faz com que certos animais pareçam ter olhos brilhantes.” Abaixei a lanterna e sentei-me na cadeira do lado de fora de sua cela. “Humanos, é claro, não têm isso. Mas o parasita é noturno e precisa disso.”

Com a palma da mão, ele esfregou os olhos, gemendo. “Eu não suporto a luz. Isso dói.”

“Você não precisa mais disso.”

Abaixando as mãos, ele olhou para longe, um olhar preocupado distorcendo sua expressão. “Não quero ver as coisas que tenho visto ultimamente.”

“Que tipo de coisas?” Passei o braço por cima do encosto da cadeira, já sabendo o que ele iria me dizer.

“Meu filho.” Piscando com força, ele pareceu conter as lágrimas e pigarreou. “O sangue de seu crânio”, disse ele, apontando para o seu. “Ele veio até mim ontem à noite. Foi como um sonho. Um maldito pesadelo.”

“Alucinações são comuns. O parasita às vezes usa essas imagens para manipular você.”

A tristeza em seus olhos, de momentos atrás, se transformou em pavor. “Você quer dizer que vou ver meu filho assim de novo?”

“Sim. A culpa é um manipulador maravilhoso.”

Ele olhou para longe, o lento franzir de sua testa indicando que a notícia o perturbava. “Você disse há um tempo que revelaria o porquê de tudo isso. Por que eu?”

“Eu disse isso, não foi?” Sentei-me para a frente e apoiei os cotovelos no topo das coxas. “Talvez seja melhor revisitar a história da minha infância. Afinal, de que adianta uma revelação, uma reviravolta, se não tem absolutamente nenhum impacto.”

Cruzando os braços, ele balançou a cabeça. “Eu fiz algo errado com você, de alguma forma?”

Deixei escapar uma risada sem alegria. “Sim, Sr. Barletta. Você absolutamente me ofendeu, mas chegaremos a isso em breve.”

“Aquela noite com cadáveres. Foi isso que te bagunçou? Foi por isso que você me tirou das ruas para me ver passar por essa merda? Você tem algum tipo de trauma que precisa resolver com outra pessoa?”

Me bagunçou. Os abusadores tinham uma visão distorcida da realidade. Não me divertindo com sua acusação, não me preocupei em responder a última pergunta. Na verdade, todos os músculos do meu corpo lutaram para não passar pelas barras e estrangulá-lo naquele momento. Foi apenas o consolo de saber o que estava acontecendo com ele que acalmou meus pensamentos. “Aquela noite seria uma entre muitas. Meu pai tinha efetivamente encontrado um meio de me assustar e usava esse poder sempre que podia. Até que finalmente fiquei tão morto por dentro quanto aqueles cadáveres.”

“Você não tinha uma mãe cuidando de você?”

“Minha mãe morreu durante o parto.” Meu irmão e eu só tínhamos Hannah, a empregada. E porque ela era mais velha e meu pai não tinha interesse em transar com ela, foi a única que ficou.

Uma visão de Hannah esfregando suavemente minhas costas durante um dos meus episódios me trouxe à mente Lilia em meu escritório. Seus movimentos gentis e olhos carinhosos. Sua mão delicada na minha. Havia algo nela – tão genuíno e real.

Eu odiei que ela tivesse me visto daquele jeito, no chão. Desamparado, enquanto a dor destruía todos os músculos do meu corpo como uma onda de chamas incandescentes. Foi quando saí daquela situação, quando seu rosto borrado ficou mais nítido e aqueles olhos azul-esverdeados me observaram com preocupação e pânico, que algo mudou dentro de mim, despertando uma dor inexplicável em meu peito. No entanto, tudo o que me veio à mente naquele momento foram as palavras do meu pai sempre que eu tinha um episódio quando era menino.

“Você sempre foi o mais fraco.”

“Patético.”

“Então, como eu o ofendi?” A voz de Barletta me tirou dos meus pensamentos.

A resposta escorregou pela minha mente, mas me recusei a mergulhar meus pensamentos naquelas águas escuras e turvas. Ainda não. Uma dor crescente latejava em minhas têmporas. A escuridão deslizou em minha consciência e, mais uma vez, fui vítima das memórias.

“Diga-me quem riu de você.” Caedmon está sentado na beira da cama, olhando para mim enquanto eu olho pela janela.

Fui mandado para casa mais cedo naquele dia, quando senti uma dor de cabeça. Meu corpo inteiro congelou e acabei me mijando na frente dos meus colegas. “Todos eles.”

“Então, vou punir todos eles.”

Eu não respondo, apenas fico olhando pela janela.

“O que as vozes disseram para você?” ele estimula.

Às vezes, ouço-as quando estou trancado naquele armário. Vozes estranhas que

sussurram segredos. Promessas de morte. “Não me lembro agora.”

Na minha periferia, Caedmon pega minha mão. “Você está frio.”

É apenas a constatação de que ele tocou minha pele que quebra meu olhar. Não que eu pudesse sentir isso. Não sinto nada nas mãos ou nos braços, desde a noite em que meu pai me bateu na cabeça.

Arranco meu braço, com repulsa pela falta de sensação. É uma coisa enervante ver alguém te tocar e não sentir nada. “Eu tenho que deixar este lugar, Caedmon. Temos que ir para longe daqui.”

“Onde?”

“Não sei. Longe, onde ele não pode mais nos machucar.”

“Ou talvez você devesse parar de incitar a raiva dele. Todos os dias você testa a paciência dele, Devryck.” Ele rapidamente desvia o olhar, sabendo muito bem que minhas punições nunca se adequavam ao crime. Papai sempre foi duro comigo. Não importa o que eu faça, o quanto eu tente ficar do lado dele. Ele me odeia. Ele sempre fez isso, e Caed sabe disso.

“Tive duas dores de cabeça hoje. O doutor Meinsh diz que vão piorar.”

Caed volta sua atenção para mim, aquele olhar patético e muito familiar de preocupação em seus olhos. “E as convulsões?”

“Eu não conseguia me mover. Não conseguia respirar. Achei que estava morrendo.”

Seus lábios se abrem em um grunhido furioso. “E, então, o que ele está fazendo sobre isso?”

Sou eu que me viro desta vez. Olho para o quintal abaixo da minha janela, observando um falcão atacar um pássaro menor. “Não há nada que ele possa fazer. Um dia, ficarão tão ruins que meu coração irá parar. Eu não quero morrer neste lugar. Nesta casa.” O pânico toma conta de mim e eu me enrolo, tremendo enquanto o medo toma conta de mim. “Ele vai me colocar naquela sala com os cadáveres novamente. Ele vai me fazer dormir lá! Eu preciso sair daqui. Eu preciso sair!” Esfrego o topo da minha cabeça. “A morte está vindo para mim, Caed! Ele vai me pegar!”

“Ei.” Caed envolve seus braços em volta de mim, mas eu o empurro, batendo a palma da mão contra seu peito para quebrar seu abraço. “Shhh. Está tudo bem, Dev”, ele sussurra, tentando me acalmar. “Da próxima vez que ele jogar você lá, quero que você diga uma palavra. Uma palavra poderosa, ok?”

Eu ainda estou em seu abraço e respiro com dificuldade pelo nariz. “Qual palavra?”

“Impermeável.”

“Impermeável?”

“Sim. Isso significa que nada de ruim pode machucar você. Nunca. Quando você sentir que a morte está vindo atrás de você, diga essa palavra. A morte não pode tocar em você, então.”

“Você está doente.” Mais uma vez, o som da voz de Barletta me tirou das lembranças. “É por isso que está fazendo isso. Algo deixou você doente.”

“Não é alguma coisa. Foi alguém. “ Parei por um momento, me perguntando o que deveria contar para um completo estranho. Não importava, realmente. O homem logo sucumbiria à infecção e todas as nossas conversas cairiam no vazio junto com ele. “Tenho uma doença genética rara. Chama-se doença de Voneric. Permanece adormecida até tarde na vida. A menos que seja desencadeado por um trauma.”

“A pancada na sua cabeça. Seu velho desencadeou isso.”

“Sim. Todos os dias vivo com o risco de que meu coração pare e eu tenha uma parada cardíaca.”

“Se for genético, isso significa que seu irmão também tem?”

“*Tinha*,” eu corrigi.

Suas sobrancelhas tremeram e ele se mexeu onde estava sentado na cama. “Ele não está mais vivo.”

“Não, ele não está.” Há muitos anos, a raiva ainda me arranhava dentro de mim, implorando para ser liberada. “E não, nem toda criança é afetada pela doença. Mas como eu disse, chegaremos a isso em breve. Suspeito que você provavelmente esteja morrendo de fome agora.”

“Estou.” Ele olhou para o prato que eu havia colocado ao lado da cadeira quando cheguei. “Eu tenho desejado coisas estranhas. Tipo... carne mal-passada.”

“Noctisoma utiliza ferro para produzir as proteínas que criam mudanças fisiológicas. Seus olhos reflexivos, por exemplo. Isso esgota o ferro do seu sangue e você vai desejá-lo.” Tirei a tampa da travessa de prata de um prato de bife malpassado, batatas e feijão verde que o chef do Darrigan Hall preparou para mim. No fundo das grades da cela havia uma pequena porta, através da qual eu lhe entregava a comida.

Com uma excitação frenética, ele puxou o prato em sua direção e ergueu o grosso pedaço de carne com as duas mãos, consumindo-o como um animal. O sangue escorria por seus braços, a carne estava malpassada o suficiente para provavelmente transmitir uma possível doença de origem alimentar. Não que isso importasse. Qualquer infecção bacteriana que ele pudesse ter seria rapidamente destruída pelo Noctisoma, que não se importava muito com a competição.

Enquanto ele comia o jantar, coloquei um pequeno copo de água em sua cela, que ele rapidamente pegou e bebeu até o ponto de um gole desagradável.

“Por que beber tão pouco? Estou com sede”, disse ele, devolvendo-o como se eu tivesse alguma intenção de lhe dar mais.

“Seu cérebro está te dizendo que você está com sede.”

“Meus malditos lábios estão secos como um osso.” Ele comeu uma garfada de batata e eu fiz uma careta, observando-a deslizar pelos cantos de sua boca até o prato, de onde ele a pegou novamente.

“Sim, suponho que estejam. O parasita quer que você vá em direção a uma fonte de água para que possa matá-lo. Na verdade, se não precisasse de seus órgãos saudáveis para crescer, estaria perfeitamente contente vivendo dentro de você debaixo d’água.”

Ele fez uma pausa em sua refeição abominável e desviou o olhar por um momento. “Puta merda, toda vez que você me conta sobre isso, fico mais assustado. Isso vai ser como uma daquelas cenas *de Alien*, onde isso sai do meu peito?”

“Não será bonito nem agradável, mas nada tão teatral assim, não.”

Com o olhar baixo, ele balançou a cabeça enquanto pegava alguns feijões verdes. “É uma merda”, disse ele com a boca cheia de vegetais. “Sinto que estou na melhor forma da minha vida agora. Como se eu pudesse correr uma maldita maratona.”

Dei de ombros. “Você provavelmente poderia.”

“Mas isso não vai acontecer, certo?” Ele espetou outra rodada de feijão verde no garfo, sem se preocupar em olhar para mim. “Você não planeja me deixar ir depois de tudo isso.”

“Não. Eu não pretendo.” Por que mentir para o cara ou amenizar o inevitável? “Preciso que o parasita cresça dentro de você e pretendo colhê-lo quando você morrer.”

“Para que?”

Esfreguei os dedos, mas apenas o incômodo formigamento da pressão arrepiou minha pele como pequenas descargas elétricas. Mais uma vez, me peguei pensando na mão de Lilia na minha. Como a sensação de formigamento marcou sua carícia gentil. “Para que eu possa sentir novamente.”

“O quê, como se você não pudesse sentir nada? De forma alguma?”

“Não. É como estar preso dentro de um cadáver.”

Ele deu uma risada e balançou a cabeça, mergulhando novamente no purê de batatas. “Isso deve te deixar maluco.”

Cerrei os dentes enquanto o observava, algo sombrio torcendo minhas entranhas. “Isso me motiva.”

Ele deve ter percebido a raiva na minha voz quando olhou para cima e revirou os ombros para trás. “Esses vermes são a cura?”

“Não.” Levantei-me da cadeira e enfiei as mãos nos bolsos. “Suas toxinas são a cura. Infelizmente, eles não são fáceis de fabricar em laboratório. É preciso um corpo humano fresco.”

“Eu sou o primeiro que você... sabe, infecta assim?”

Baixando o olhar, eu andei. “Não. Houve outro antes de você.”

Ele passou a língua pelos dentes e bateu o garfo no prato. Um prato de plástico, depois do pequeno acidente com a garrafa que ele jogou em mim. “Quanto tempo você acha que pode escapar impune?”

“Eu suspeito que até fazer algo tolo e ser pego.”

“Vejo que você não é bobo”, disse ele com ar de decepção. “Posso te pedir um favor?”

Parei de andar. “Não.”

“Não é nada grande. Apenas um pouco de lápis e papel. Eu... gostaria de escrever uma carta para meus filhos.”

É claro que não permitiria isso, nem mesmo se eu lesse a maldita coisa antes de enviá-la. Ele não merecia perdão. Ele nem merecia perguntar. No entanto, pode servir como moeda de troca mais tarde. “Suponho que posso atender a este pedido.”

“Eu apreciaria. Você sabe, meu filho tem convulsões. Desde que ele era pequeno.”

“Sim. Estou ciente.”

Ele soltou um suspiro trêmulo e baixou o olhar para o prato novamente. “Você acha que eu as causei?”

“Não sou o médico dele. Eu não saberia. No entanto, você certamente não melhorou as coisas para ele.”

O brilho prateado de seus olhos vacilou com o que imaginei serem lágrimas. “Você não vai machucá-los também, vai? Minha esposa e meus filhos?”

“Não tenho motivos para prejudicar sua família. Eu não machuco crianças, como você.”

Ele se encolheu e limpou o nariz. “Sabe, essa coisa de sobriedade? Realmente é uma merda.”

Esperei mais alguns minutos, observando-o dar as últimas mordidas em sua refeição.

“Você vai terminar sua história?” ele perguntou, empurrando o prato de volta

através das barras de sua cela. “Ainda estou curioso para saber o que tudo isso tem a ver comigo.”

“Na próxima visita”, prometi, e peguei seu prato antes de voltar para o meu escritório.

Capítulo 23

Lilia

Quando me aproximei de Emeric Hall para minha aula de entomologia, minha mochila zumbiu. Peguei meu telefone e, ao ver o orientador acadêmico da escola de Bee ligando, meu cérebro entrou em pânico.

“Olá?”

“Senhorita Vespertine?”

“Sim.”

“É Janet Kemphell. Está tudo bem com Bee.” Um lampejo de alívio passou por mim, mas rapidamente desapareceu quando ela acrescentou: “Estou ligando para falar sobre a mensalidade de Bee. Você tem um momento?”

Faltando apenas quatro minutos para a aula, virei a esquina para uma espécie de beco estreito entre os salões Emeric e Descartes para ter privacidade. “Sim.”

“Só estou me perguntando quando você poderá enviar o pagamento. A conta está sessenta dias atrasada e... bem, não quero ter que fazer isso, mas talvez seja necessário cancelar a inscrição de sua irmã.”

“Espere. O que? O que você quer dizer com sessenta dias? Enviei mil dólares há apenas algumas semanas. O pagamento de Conner deveria ter nos adiantado dois

meses.”

“Senhorita Vespertine, não recebemos nenhum pagamento do Sr. Doyle desde junho. Tentamos inúmeras vezes contatá-lo, mas ele parece nunca retornar nossas ligações. O pagamento que você enviou cobriu as mensalidades de julho, mas agora vencem agosto e setembro.”

Pontadas de náusea atormentaram meu estômago. Curvando-me, agarrei meu estômago, que havia começado a se revirar em nós retorcidos de choque.

“Realmente odeio dar esse telefonema, Srta. Vespertine. Eu sei o quanto sua irmã ama a escola e...”

“Por favor. Estou lhe implorando, Srta. Kemphell. Vou conseguir o dinheiro para você.” Fechei os olhos com força e respirei pelo nariz para não vomitar. “Você pode me dar algum tempo?”

“Sei que você está fazendo o que pode. E você sempre foi muito pontual com sua metade do pagamento. Existe um subsídio para baixa renda que pode oferecer uma prorrogação de trinta dias. Certamente posso falar com nosso reitor e investigar isso para você. Além disso, porém, você precisaria fazer o pagamento pelos trinta dias que ainda está atrasado.”

“Eu entendo. Prometo que vou conseguir o dinheiro para você.”

“Mais uma vez, peço desculpas por ter que fazer esta ligação, Lilia. Sua irmã é uma de nossas melhores alunas e fez grandes progressos aqui.”

“Agradeço seu investimento nela e farei tudo que puder para mantê-la matriculada.”

“Eu agradeço. Nos falamos em breve.”

“Obrigada.” Com essas palavras de despedida, desliguei a ligação e procurei em meus contatos o número de Conner. O telefone tocou e tocou antes de ir direto para o correio de voz. Rangendo os dentes, terminei a ligação e disquei novamente. E de novo. Após a quarta tentativa, mandei uma mensagem simples para ele:

> Ligue-me imediatamente.

Enfurecida, cerrei os dentes enquanto enfiava o telefone no bolso. Vozes do

outro lado do beco chamaram minha atenção e me apoiei na parede, ao lado de um arbusto arborvitae. Olhando ao redor, Gilchrist e Spencer caminhavam em direção ao beco. Uma vez dentro da passagem sombria entre os prédios, ela empurrou Spencer contra a parede e passou a palma da mão sobre a virilha de sua calça jeans enquanto batia seus lábios contra os dele.

Franzindo a testa, eu apenas a peguei se inclinando para beijá-lo, antes de me espremer contra a parede, sentindo como se tivesse visto algo proibido. Um zumbido de desconforto passou por mim enquanto eu corri de volta para a frente do Emeric Hall, minha cabeça tentando processar se eu tinha ou não visto algum tipo de alucinação confusa. A visão disso não teria me chocado tanto se eu não tivesse testemunhado Gilchrist ansiando pelo professor Bramwell há apenas uma semana.

Quando olhei para cima, o próprio diabo se aproximou, uma bolsa de couro preta pendurada no ombro e seu olhar enterrado em algum livro que estava lendo. Quando nós dois convergimos em direção à entrada, ele finalmente desviou sua atenção da leitura, olhando para mim enquanto passava rapidamente e fechava seu livro.

“Senhorita Vespertine”, disse ele, o reconhecimento quase me chutando de bunda para trás.

“Professor Bramwell”, respondi, oferecendo um aceno respeitoso.

Ele desapareceu lá dentro e eu o segui, correndo em direção ao meu lugar habitual na aula de Gilchrist.

No momento em que me sentei, meu telefone tocou com uma mensagem de Conner.

E aí?

Reprimi a vontade de jogar meu telefone contra a parede enquanto respondia a mensagem.

O que diabos está acontecendo com as mensalidades da Bee?! Kemphell disse que você não faz pagamentos há meses!

Surgiu uma coisa. Planejei me atualizar este mês, mas depois essa merda com Angelo aconteceu e agora estou me

afogando em contas.

Em outras palavras, os acordos duvidosos que ele fez com Angelo para ganhar dinheiro extra deram errado.

Você me prometeu! Eles vão expulsá-la.

Eu te disse, ela não precisa daquela escola. Ela só precisa de mais amigos.

Não faça isso. Estou por um fio aqui. Você pode fazer pelo menos um pagamento?

Preciso de algumas semanas.

Preciso que você jure que fará esse pagamento. Por favor.

“Ei, como vai?”

Irritada com a intrusão, guardei meu telefone e olhei para cima para ver Spencer pairando sobre mim. Uma imagem brilhante de Gilchrist acariciando sua virilha passou pelo meu cérebro, e eu balancei a cabeça, afastando-a mentalmente.

“Bem. Obrigada.”

“Tudo certo? Você parecia *estressada.*”

“Problemas familiares.”

Com um bufo, ele deslizou para o assento ao meu lado. “Você também?”

A metade vadia frustrada de mim queria dizer a ele que os problemas dos ricos não eram os mesmos, mas em vez disso, eu sorri tanto quanto pude, apesar do caos absoluto dentro da minha cabeça naquele momento.

“Ei, quer almoçar mais tarde?”

Controlando meu rosto para não parecer totalmente confusa, olhei para Gilchrist, que estava no púlpito desempacotando seu computador, com os olhos fixos em Spencer.

Como diabos eu deveria responder sem parecer a canalha que os espionou?

“Você não tem namorada?”

“Não.” Ele afundou ainda mais no assento e apoiou o cotovelo no encosto. “Mas o que isso importa? É só um almoço. Tenho que comer, certo?”

“Certo.”

Outro olhar para Gilchrist mostrou-a ainda olhando para ele. Foi então que as palavras de Mel ecoaram em minha mente. *Ele é um manipulador.*

Não que eu acreditasse inteiramente na palavra dela sobre quem ou o que alguém era, mas a persistência dele em estar perto de mim me pareceu estranha. Mesmo que eu desse a ele o benefício de ser um cara legal, achei um pouco estranho.

“Acho que vou passar dessa vez. Tenho muita coisa acontecendo.” Não que eu quisesse ser uma idiota, simplesmente não estava no espaço certo para uma conversa casual no almoço quando meu mundo virou de cabeça para baixo.

Embora seu sorriso se transformasse em uma expressão abatida, ele assentiu. “Você conseguiu uma reunião com meu pai?” ele perguntou.

“Não, eu não me incomodei, para ser honesta.” Além de agradecê-lo por me permitir frequentar a universidade, realmente não tinha outro motivo para ocupar seu tempo. Eu não sabia por que a professora Gilchrist insistiu que eu o procurasse.

Ainda me sentindo um pouco mal por recusar o almoço de Spencer, suspirei. O cara sempre foi decente comigo, e eu suspeitava que fossem minhas próprias inseguranças e pensamentos sobre amigos homens em geral, que me deixavam cética em relação às intenções dele. Afinal, eu não tinha planejado *evitar fazer amigos aqui.* “Você consideraria nos encontrar *amanhã* para almoçar?”

Seus olhos brilharam. “Sim, claro. Legal.”

Isso pelo menos deixaria um pouco do caos se instalar na minha cabeça. Porque, nesse momento? Eu não tinha a menor ideia de como iria compensar aqueles pagamentos perdidos.

———

“Estou apenas começando a me instalar aqui e Conner já cagou nas coisas. Tipo, não importa o quão longe eu chegue, o cara só faz merda.” Deitada na minha cama no dormitório, olhei para o teto enquanto ouvia Jayda gritar com

seus outros dois filhos, que aparentemente estavam ficando turbulentos ao fundo.

Ela voltou com um gemido. “Quão desesperada você está se sentindo agora?”

“Não o suficiente para considerar sexo por dinheiro. Ainda.” Rolei de bruços e tracei a costura amarela na minha colcha.

“Não é exatamente *sexo* por dinheiro.” A voz dela estava mais baixa dessa vez, e a falta de barulho no fundo me disse que ela havia se encurralado em um lugar silencioso.

Eu fiz uma careta. “O que você está falando?”

“Há um site do qual ouvi falar.”

Caí de costas novamente, batendo a mão na testa. “Jayda, eu não vou…”

“Agora, espere um segundo. Me ouça. É tudo anônimo. Você não mostra seu rosto, nem nada.”

Apertando a ponta do nariz, balancei a cabeça, já sabendo que não tinha intenção de concordar, mas estava reconhecidamente curiosa. “O que é?”

“Apenas tenha a mente aberta, ok? Porque conheço alguém que foi paga para fazer isso.”

“Sua prima?”

“Não. Não foi minha prima.”

O tom de sua voz me disse que ela estava hesitante em dizer, e eu me joguei na cama. “Foi você! *Foi* você?”

“Olha, eu não sugeriria isso, mas você está em uma situação difícil e posso falar por experiência própria. O pagamento vale a pena.” A excitação em sua voz me deixou um pouco mais do que curiosa, de repente.

“O que você fez?”

“Então... apenas mantenha a mente aberta, ok?”

“Você já disse isso.”

“Certo.” Ela soltou um suspiro que sacudiu o telefone. “Então, eu amoleci o pêssego em público.”

“O que?”

“Remei na canoa rosa no estacionamento do Daly's Market.”

“Remou o *quê?*” Balancei a cabeça, tentando decifrar do que diabos ela estava falando. “O que você está dizendo?”

“Droga, eu me masturbei com os dedos, ok?”

“Você se masturbou em público?”

“Sim. E não vou mentir, foi a coisa mais sexy que já fiz.” Ela soltou uma risada nervosa, enquanto eu me sentava, me desafiando a imaginá-la grávida fazendo algo assim no Daly's Market, dentre todos os lugares. “Você é paga por acessos, e o site inclui uma pequena taxa nesses acessos, então tudo basicamente vai para você. Ganhei *duzentos* com aquele vídeo, mais gorjetas. E eu nem precisei mostrar meu rosto.”

Droga. Duzentos? Jayda não mentiria sobre isso. “Você é paga imediatamente?”

“Sim. Quanto mais arriscado, mais você recebe. Acho que alguns homens gostam de mulheres grávidas. Você poderia perfeitamente interpretar uma colegial, com sua saia curta e meias até o joelho.”

“Jayda, não vou aparecer na aula parecendo a Britney Spears de mil novecentos e noventa e oito. Isso é universidade, pelo amor de Deus. Ninguém usa meias até o joelho.”

“Como quiser. Mas estou lhe dizendo, uma jovem como você, com suas coxas tonificadas e saias curtas, ganharia muito dinheiro.”

Balancei a cabeça numa tentativa desesperada de não considerar seriamente o que ela estava sugerindo. “Não precisa verificar a idade, ou algo assim? Eu estaria me expondo com um documento de identidade.”

“Não neste site. Não sei como eles escapam impunes, mas conseguem. Olha, não é como se você estivesse fazendo carreira com isso, Lilia. Alguns vídeos e você poderá voltar ao normal com as mensalidades. Merda, eles podem gostar da coisa de colegial e você pode ganhar mensalidades com um *único* vídeo.”

Deus, odiava o jeito que ela fazia parecer tão fácil e atraente. Que todos os meus problemas poderiam ser potencialmente resolvidos em uma única conversa com

ela. “Eu tenho que fazer algum som?”

“Eles simplesmente gostam dos sons molhados.”

“Bem, isso está cada vez pior.” Eu gemi e ela me silenciou.

“Você não precisa gemer, nem nada. Mas talvez faça isso onde outras pessoas estão conversando, para que saibam que é em público.”

Cobrindo os olhos com a palma da mão, bufei. “Isso é simplesmente… errado.”

“Olha, Conner é um idiota. Ele nunca estará lá para você e Bee, ok? E agora que ele está namorando Angelo? Qualquer esperança de decência se foi. Você tem que resolver a merda sozinha, Lilia. Lembra quando eu disse *para ser audaciosa*? Não deixe um homem tirar esse sonho. Faça o que for preciso para mantê-lo.”

Ela estava certa, droga. Confiar em Conner era como rezar para que nevasse no Inferno. Por mais decente que o cara pudesse ser, ele simplesmente não estava preparado para as merdas de pai. Pegar Bee e jogá-la no mesmo espaço que Angelo, e qualquer merda criminosa que ele estivesse fazendo, seria prejudicial. Eu precisava tomar as rédeas das coisas. Para descobrir as coisas sozinha. Quando ela se formasse, seria por conta dela, mas até então, precisava dar um passo à frente. “Como é possível eu odiar e amar você ao mesmo tempo?”

Jayda riu. “Você me ama mais do que me odeia.”

“Verdade.” Soltei um suspiro resignado e olhei ao redor do meu quarto, desejando poder fazer o vídeo aqui. Mas, como Jayda havia dito, quanto mais picante, mais dinheiro, e eu não conseguia pensar em nada mais picante do que nas aulas. “Ok, meu horário no laboratório Midnight está chegando, então preciso ir.”

“Cuide-se. E me avise se você decidir fazer isso.”

“Eu vou.” No momento em que desliguei o telefone, bati a palma da mão na testa e enviei uma mensagem rápida para Jayda.

Esqueci de perguntar o nome do site?

VoyeurBait.

Até o nome deve ser assustador, certo?

Ignore o nome

Saí da cama e, com um suspiro exasperado, olhei pela janela para o pátio abaixo. Os estudantes se movimentavam, parecendo tão despreocupados quanto pássaros pulando de um lado para outro. Eu não pude deixar de me perguntar se algum deles estava tentando superar algum grande obstáculo na vida naquele momento, ou as aulas reais eram sua única fonte de estresse?

Por que diabos minha vida tem que ser uma bagunça o tempo todo?

Enquanto examinava o terreno, avistei algo ao longe. Estreitando os olhos, inclinei-me para frente, olhando pela janela em direção ao carvalho entre Shanlot Hall e a torre do relógio.

Uma figura vestida com uma longa capa e o que parecia muito com uma máscara de médico da peste.

Uma respiração profunda saiu de mim quando tropecei para trás, tropeçando na cadeira da escrivaninha, e caí com um baque forte na minha bunda. Agulhas quentes de dor subiram pela minha espinha e eu me encolhi, ficando de pé. Quando olhei pela janela novamente, não vi nada lá. Apenas estudantes andando.

Ótimo. Não só minha vida é um show de merda, mas ainda estou vendo coisas que não existem.

Bufando, caí na cama e descansei a cabeça nas palmas das mãos.

A tela do meu telefone se iluminou com uma mensagem de Bee.

Ei, está tudo bem? Tentei comprar lanches com meu passe alimentação mais cedo e diz que foi reduzido.

Eu queria chorar naquele momento.

Tudo está bem. Só um pouco de confusão com sua conta, só isso. A redução é temporária.

Está tudo bem, Lil. De qualquer maneira, não preciso comer lanches entre as refeições. Só queria ter certeza de que estava tudo bem.

Eu queria dizer a ela que não estava. Que eu estava à beira das lágrimas tentando descobrir o que fazer. Em vez disso, mandei uma mensagem de volta:

Não se preocupe, está tudo ótimo!

Se você e Conner estão passando por momentos difíceis agora, posso conseguir um emprego. Eu vou fazer dezessete anos, sabe?

A oferta dela teria sido maravilhosa, mas não tive coragem de lembrá-la do último emprego que ela aceitou há alguns meses, que rapidamente chegou ao fim quando ela teve um de seus episódios e gritou com uma das chefes. Ela jogou um milk-shake no rosto da mulher, encerrando sua curta passagem pela sorveteria.

Não que eu estivesse livre de sofrer episódios, mas os meus, até então, não resultaram em agressões a ninguém.

Não há necessidade. Apenas um problema temporário.

OK! Como está Dracadia?

É lindo. Como Hogwarts sem varinhas.

Ah legal. Mal posso esperar para ver você no Natal.

Também. Amo você.

Também te amo.

Porra. Eu ia fazer isso, não ia? Realmente ia me filmar na aula.

Mas quando?

Laboratório seria perfeito. O assistente geralmente dava palestras durante os primeiros vinte minutos de aula, e todos nós tínhamos nossos próprios bancos com armários de cada lado. O meu era o banco de trás, o que significava que ninguém me veria. Não, a menos que Spencer ficasse bisbilhoteiro, de repente.

O pensamento fez meu estômago revirar.

Duzentos dólares, Lilia. Duzentos que poderiam reduzir os dois mil ainda devidos.

A decisão lentamente se cimentou na minha cabeça. Eu realmente iria fazer isso.

Capítulo 24

Devryck

Com as mãos enluvadas, levantei a língua de Barletta. “O lábio superior e inferior, assim como a papila sublingual, demonstram vonyxsis”, ditei em meu telefone. “A dentição está normal. Icterícia escleral bilateral. Tapetum lucidum bilateral. Membranas mucosas secas.” Coloquei meu estetoscópio contra suas costas, ouvindo por um momento, depois o movi mais alto e através de sua coluna, para o outro lado. “Os sons das vias aéreas superiores são ouvidos difusamente em todos os campos pulmonares. Tosse leve, mas não produtiva. Fim do relato.”

“O relatório terminou”, respondeu a voz feminina robótica.

Um odor horrível, porém distinto, impregnava o ar – um que lembrava a morte – o que era típico nos infectados. Não tinha muita explicação para isso, já que os humanos não eram o hospedeiro natural do parasita. Talvez isso servisse a algum propósito em suas outras vítimas.

“O que é vonyxsis?” Barletta perguntou, sentando-se calmamente em sua cama.

Virei seu braço para um mapa fino e preto de veias em seu pulso.

“Isso não deve ser bom. Porra, o que está acontecendo?” Ele rapidamente virou a cabeça e tossiu, lançando saliva vermelha brilhante no concreto. “Estou com

tanta sede. Eu preciso de água.”

“A quantidade de água que te dou ao longo do dia é suficiente. Eu te contei o que está acontecendo, Sr. Barletta. Todas essas são progressões normais da infecção.”

“Não há água suficiente. Estou tendo cólicas à noite. Alucinando. Essa merda é pior que desintoxicação.”

Estava apenas começando.

Não virei as costas para ele enquanto arrumei meu equipamento e segui em direção à porta da cela.

Embora ele não parecesse ter muita motivação para escapar naquele momento, isso inevitavelmente mudaria. Os exames físicos logo se transformariam em uma luta livre. Felizmente, a culpa o manteve sob controle na maior parte do tempo, e era uma fraqueza que eu pretendia usar enquanto sua consciência fosse importante para ele.

Mas logo seria uma emoção passageira.

“Você não vai embora, vai?” Ele passou a mão pelo cabelo e franziu a testa quando abaixou o braço para ver uma mecha de fios na palma da mão. Com a garganta balançando ao engolir, ele a jogou fora. “Está tão... quieto aqui. Não suporto o silêncio.”

“Tenho alguns trabalhos para corrigir.”

“Espere.” Ele cambaleou para frente. “Você deveria me contar um pouco mais de sua história. Sua infância. Lembra?”

Na verdade, eu precisava voltar ao laboratório, mas respondi: “Muito bem.”

“Você disse que se as convulsões atingirem seu coração, terá um ataque cardíaco. Isso já aconteceu?”

“Não foi bem uma parada cardíaca, não. Mas eu tive um grande susto uma vez.” Fechei os olhos para a lembrança daquele dia fatídico – aquele que mudou para sempre o curso da minha vida.

“Seus seios são perfeitos”, diz Caedmon com um ar de admiração na voz, de onde está sentado agachado dentro de um pequeno armário de linho. “Eu não

posso acreditar que ela os esconde debaixo daqueles suéteres feios que ela usa."

O armário adjacente ao vestiário feminino contém uma pequena escultura - um buraco para o globo ocular que aparece no ângulo perfeito de um dos chuveiros dos funcionários. A história é longa, um cara maluco da manutenção fez o buraco lá há dois anos e foi pego se masturbando. Ele aparentemente nunca contou a ninguém sobre o buraco. Não que eu já tivesse examinado isso pessoalmente. Ainda não suporto armários. Desde aquela noite.

A Academia Von Naerick é uma pequena escola preparatória afiliada à alma mater de nosso pai, a Universidade Dracadia. Nosso nome de família nos proporciona o tipo de perdão que poucos outros estudantes recebem, e nós dois exploramos isso ao máximo. Aos dezessete anos, passamos por outras cinco escolas preparatórias, cada uma oferecendo uma saída tranquila para não prejudicar nosso histórico. Mais uma e meu pai provavelmente nos mandará para alguma fazenda de um cartel de drogas no coração do México.

O buraco, como todos o chamam, é um ato de insubordinação que não podemos deixar passar. Caedmon e eu somos como guias turísticos para os depravados, liderando pequenos grupos de calouros para o nosso show secreto. Meu irmão já viu quase todos os peitos e bundas de todas as professoras e é uma espécie de especialista autoproclamado no assunto.

Um dos alunos empurra Caedmon para dar uma espiada e, com um sorriso malicioso, balanço a cabeça.

Nem um segundo depois, meu irmão lhe dá um soco na cara. O pobre garoto voa de costas no chão de concreto, gemendo. O sangue escorre do que provavelmente será um lábio cortado.

"O próximo que me empurrar será nocauteado. Idiota." Com um aceno de cabeça em direção ao grupo, ele pergunta: "Quem é o próximo?"

Três rapazes se agrupam à sua volta, mas Caedmon escolhe um. Fico no corredor do túnel para ficar de vigia e acendo um cigarro, esperando que cada integrante do grupo dê uma espiada. Quinze minutos depois, os meninos saem em fila, alguns arrastando os pés, desapontados. Provavelmente não tiveram muita emoção, visto que as professoras só tomam banho por um certo tempo.

Depois que os meninos saíram e começamos a jornada de volta aos nossos dormitórios, Caedmon saiu do armário, contando o dinheiro.

“Cinquenta dólares.” Ele me entrega vinte e cinco e, dando outra tragada no meu cigarro, coloco o dinheiro no bolso. Não é como se algum de nós precisasse de dinheiro, apenas nos dá algo para fazer. “Você não está nem um pouco curioso, Devryck?” Ele arranca o cigarro dos meus dedos e dá uma longa tragada.

“Claro que estou. Mas nem mesmo um belo par de peitos vale a pena.” Além disso, não preciso observá-las pelo olho mágico. Eu já tinha ficado íntimo dos peitos da senhorita Chandler na casa de barcos depois do treino de remo. No mesmo dia ela confessou que queria um ménage à trois com meu irmão.

“Ele realmente te fodeu.”

“De qualquer forma, é melhor voltarmos. Caesar disse que se eu me atrasar de novo para a primeira aula, ele vai cortar minha mão e mandar os ossos para o pai.”

Caesar é o guarda que meu pai contratou para ficar de olho em nós dois. Não é um guarda-costas, é claro. O idiota é um ex-soldado da máfia que só se preocupa com a própria bunda. Seu único trabalho é garantir que Caedmon e eu fiquemos longe de problemas. Ou melhor, fora do alcance do pai.

“Um homem segundo o coração de nosso pai.” Caedmon agarra a maçaneta do armário para fechar a porta, quando um som estridente, como sapatos no concreto, ecoa pelo corredor.

Nós dois disparamos em direção à curva do corredor, em direção ao som, e nos achatamos contra a parede, espiando outro corredor pela esquina.

Lâmpadas nuas, em gaiolas enferrujadas, iluminam a longa passagem por onde duas figuras caminham em nossa direção. Homens que nunca vimos antes, mas ambos usam ternos pretos e em cada uma das mãos há uma arma.

“Vamos lá!” Eu sussurro e grito para Caedmon e o puxo de volta. A porta no final do corredor está trancada como sempre, um beco sem saída, então corremos na outra direção, de volta ao armário.

O som de passos fica mais alto. A qualquer momento, os homens vão virar o corredor e encontrar-nos. Quem sabe quem diabos eles são, ou o que querem, mas nos encontrarem aqui não é uma boa ideia, de qualquer maneira.

Com um forte puxão do meu braço, me viro e vejo Caedmon me puxando em direção ao armário.

Eu balanço minha cabeça. Não posso. Eu não vou. “Não! Não!”

“Não temos para onde ir, Devryck. Vamos lá!”

Os passos se aproximam no corredor.

Caedmon tapa minha boca com a mão e me arrasta para o armário com ele. O pânico agita minhas entranhas, subindo como um tornado até meu peito. Eu ofego por trás de sua mão para respirar, o pouco de ar que passa pelo meu nariz não é suficiente. A luz diminui quando ele fecha a porta, ainda me segurando contra ele.

Até sermos banhados pela escuridão.

“Estou bem aqui, Devryck”, ele sussurra em meu ouvido. “Concentre-se na minha voz.”

Através da respiração instável, fecho os olhos, todo o meu corpo tremendo e rígido. O aperto vago de sua mão rompe a dormência que deixa meus braços gelados e grossos.

“Você vai ficar bem. Nada vai acontecer. Concentre-se na minha voz, Dev.”

Uma dor aguda atinge meu crânio e levanto as mãos, derrubando seu braço. Eu caio de joelhos. O calor escorre pelas minhas coxas e se acumula no chão, vazando pela fresta da porta. Meus músculos endurecem, mil pequenos nós puxando minha pele.

A luz entra no armário e, através de um borrão em meus olhos, olho para os dois homens. Uma escuridão surge das bordas, ameaçando me puxar para baixo. Algo sacode meu corpo.

“Deixe-o em paz!” Caedmon grita.

Um pesadelo sombrio me engole inteiro.

“Ele se mijou!” uma voz desconhecida rosna. “Pegue o outro!”

Uma dor intensa atinge meus músculos e caio no chão em uma poça molhada. Através de uma névoa, vejo um dos homens arrastar Caedmon para fora.

Puxado por um braço em sua garganta, meu irmão me encara com os olhos arregalados de medo. "Você não pode deixá-lo! Ele vai morrer! Ele vai morrer!"

Impermeável.

Abro a boca para gritar a palavra. Nada sai.

"Impermeável!" Eu finalmente grito. "Impermeável."

Os sapatos aparecem, e então percebo que o segundo homem está parado acima de mim. Por um momento, acho que ele vai me arrastar com meu irmão. Em vez disso, ele recua o punho e bate na minha bochecha, desencadeando uma explosão de luz que brilha no fundo dos meus olhos, o impacto faz meus dentes tremerem.

Meu irmão desaparece atrás de um escudo escuro como breu.

"O que isso significa? *Impermeável*?" A pergunta de Barletta me arrancou da memória, me arrastando de volta ao presente.

"Impenetrável, essencialmente."

"Quem eram eles? Quem levou seu irmão?"

"Na época, eu não sabia." Mais tarde, soube que eles receberam ordem de levar um de nós. E como eu estava em pânico, optaram por levar meu irmão.

"O que aconteceu com seu irmão?"

"Vamos guardar essa parte para a próxima vez."

Capítulo 25

Lilia

Minha pulsação latejava em meu ouvido quando desci do ônibus Nocticadia para a Emeric Tower. Enquanto Spencer tagarelava ao meu lado, falando sobre algum evento no campus que estava por vir, eu o ignorei, minha mente colada na imagem de me tocar em público.

O que diabos eu estava prestes a fazer?

Eu já tinha me tocado antes, mas apenas algumas vezes, e nunca fora das pilhas de cobertores e travesseiros. Sempre fiquei muito nervosa com a possibilidade de Conner me surpreender, então as sessões sempre foram rápidas e raramente satisfatórias.

Anteriormente, encontrei um blog oferecendo dicas sobre como criar um dos vídeos sem chamar muita atenção. Dicas para se masturbar em público – foi isso que minha vida se tornou.

O blog aconselhou não usar calcinha por baixo da saia, para evitar a incômoda tarefa de puxá-la para baixo ou empurrá-la para o lado durante as filmagens. Então, escolhi uma saia que chegava até os joelhos e passei uma hora andando pelo meu quarto enquanto tentava banir a vulnerabilidade absolutamente antinatural de ter minha região inferior descoberta. Eu odiava a sensação de estar nua. Mesmo depois do banho, sentia necessidade de me vestir rapidamente,

então o ar fresco que subia pela minha saia enquanto eu caminhava para a aula causou um arrepio na minha nuca.

O tipo ruim de arrepio.

Entramos no laboratório e corri para minha mesa, vestindo meu jaleco, como sempre. Minha mente estava pensando em como realizar a tarefa logisticamente e franzi a testa, tentando me imaginar segurando a câmera entre as pernas com uma das mãos.

Duzentos dólares. Duzentos dólares. Os duzentos dólares mais fáceis que você já ganhou.

Todo o meu corpo tremia quando me acomodei no banquinho e afastei os joelhos na pequena alcova aberta na mesa. Felizmente, com as gavetas encaixadas em cada lado de mim, e com o movimento mais sutil que pude reunir, removi minha câmera, enquanto os outros alunos se sentaram, e olhei para baixo para pressionar o aplicativo da câmera. Depois de mudar para vídeo, tive um vislumbre de Spencer se afastando rapidamente.

Por favor, não deixe que ele me observe o tempo todo.

Já era ruim o suficiente pensar em fazer o impensável no meio da aula. Mas ter os olhos de Spencer em mim o tempo todo tornaria tudo absolutamente miserável. Em um esforço para manter o tema de colegial que Jayda mencionou, usei minha saia xadrez cinza que se abria na bainha.

Quando Ross finalmente chegou e todos os alunos já estavam acomodados, meu pulso bateu mais forte. A pior parte já passou: aparecer na aula sem calcinha. Segundo o site, bastava gravar por dois minutos.

Dois minutos, cento e vinte segundos, duzentos dólares, lembrei a mim mesma.

Exalando um suspiro instável, apertei o play e posicionei a câmera entre minhas coxas, segurando-a ali. Quando Ross começou sua palestra, engoli em seco, respirando com dificuldade pelo nariz.

Vamos, Lilia. Dois minutos.

Câmera alojada entre meus joelhos, garanti que estava posicionada corretamente e empurrei-a para mais perto, subindo pelas minhas coxas. Do frasco preso na minha bolsa ao meu lado, apliquei uma rápida dose de desinfetante para as mãos

e limpei-as o mais completamente possível. Então, apoiando uma mão no tampo da mesa, deslizei a outra mão pela saia, estremecendo quando meus dedos encontraram minha pele nua.

Oh Deus. Não acredito que estou fazendo isso.

Respirei fundo e movi meu dedo na minha abertura, os músculos da coxa se contraíram com o contato. Engolindo em seco, mantive meus olhos em Ross, que continuou, recapitulando o laboratório da semana passada, e enquanto ele falava, continuei com os golpes suaves. Subindo e descendo. Subindo e descendo. Preparando-me para a tarefa.

Trinta segundos depois.

Minha mente se esforçava para processar o que diabos eu estava fazendo e, quando finalmente percebi a realidade, algo mudou dentro de mim. Uma umidade escorregadia deslizou pelas pontas dos meus dedos. Na bancada preta fosca, um rosto me veio à mente. Olhos de cobre. Voz grave. Sobrancelhas severas.

“Minhas desculpas por interromper.”

Meu olhar se voltou para a frente da sala, onde o professor Bramwell entrou como um cavaleiro das trevas, com camisa preta e calça por baixo de um jaleco branco e austero.

Uma cócega no abdômen me fez mudar de posição quando ele tomou seu lugar na frente da sala. Afastei minha mão da minha pele sensível, apoiando meu dedo encharcado na parte interna da coxa, onde tentei limpar o fluido.

“Estou vendo uma ligeira redução no número de larvas e acredito que o problema é que você está apertando a pinça com muita força ao transportar os vermes adultos para o tanque.”

Enquanto ele descrevia como lidar delicadamente com o parasita, observei os movimentos de suas mãos, concentrando-me nos dedos e desligando o assunto. Eles tinham o comprimento perfeito. Não muito finos, mas também não muito grossos. Perfeitos o suficiente para imaginá-los enterrados dentro de mim.

Oh, Deus, pare.

Sem pensar muito, me vi passando o dedo pela abertura novamente. Ao contrário

de antes, quando Ross deu a palestra, não consegui desviar os olhos do Professor Bramwell. Sua voz profunda acariciava minha orelha, causando um arrepio na minha nuca. Mantive meus olhos fixos naquelas mãos enquanto ele falava e imaginei palmas ásperas sobre minha pele.

Antes que eu pudesse me conter, a fantasia se enraizou em minha mente e mergulhei meu dedo dentro e fora de mim. Uma necessidade tenaz se enrolou em minha barriga. Os músculos enrijeceram.

Minhas coxas tremeram, enquanto ele continuava a falar para a turma, e eu me perdi na vívida fantasia dele me fodendo com os dedos. Uma olhada ao redor da sala não mostrou ninguém, nem mesmo o intrometido Spencer, olhando para mim.

Uma vez que consegui superar a realidade do que estava fazendo e aceitei isso? Ao contrário do que pensei inicialmente, foi emocionante o jogo de chegar silenciosamente ao clímax em uma sala cheia de gente.

Eu ofeguei enquanto me concentrava em Bramwell com intensidade suficiente para notar a leve cicatriz em seu pescoço, aparecendo pela gola. Meus dedos saqueavam com ganância, tão molhados que os fluidos escorriam pelas minhas coxas.

Meus músculos se contraíram. Mais forte.

Os olhos de Bramwell pousaram em mim então.

Eu suguei meu lábio inferior, ofegando com força pelo nariz, tentando manter uma expressão impassível enquanto meu corpo tremia no caos. Uma câimbra se apoderou da minha mão, que estava dobrada em um ângulo estranho, e lutei para evitar que a parte superior do braço se movesse enquanto meus dedos se movimentavam.

Uma necessidade insaciável de chegar ao clímax se enrolou em meu abdômen.

Eu precisava disso.

A tensão dentro de mim ficou tão forte que o telefone escorregou.

A caminho do chão, bateu em uma das alças da gaveta com um *baque* que ecoou pela sala, antes de saltar para fora do alcance.

Uma onda de horror passou por mim e eu me levantei da cadeira para pegá-lo.

Em meu pânico, não percebi que a palestra havia cessado e Ross assumiu novamente, até que sapatos pretos e brilhantes apareceram na minha periferia e eu segui o comprimento da calça preta para cima para encontrar o olhar de desaprovação do professor Bramwell. Meus olhos foram para o telefone, ainda gravando, e rezei para que ele não olhasse para baixo.

Lembrei-me das palavras de Spencer no primeiro dia, como ele não gostava de ser gravado e confiscaria o telefone, se encontrasse evidências disso. Como distração, mantive aquele olhar desdenhoso por muito mais tempo do que gostaria.

Por favor, não olhe.

Meu coração ficou preso na garganta quando ele olhou para ele.

Inclinei-me ainda mais para pegá-lo, mas não antes que ele o pegasse primeiro.

O sangue foi drenado do meu rosto. *Não, não, não. Por favor!*

Enquanto Ross continuava a falar para a turma, que não parecia notar a cena caótica que acontecia no canto dos fundos, o professor Bramwell se inclinou para mim.

A sensação dele estar tão perto, sua deliciosa colônia serpenteando pela minha garganta e seu hálito quente de canela contra minha bochecha, acelerou meu pulso. “Diga-me que você não está gravando minhas aulas, Srta. Vespertine.” Ele falou baixo, mas a profundidade de sua voz despertou meus sentidos.

Engolindo a secura na garganta, balancei a cabeça. “Eu não estou,” sussurrei.

“O termo de confidencialidade que você assinou me dá permissão para confiscar seu telefone, se eu suspeitar que você está.”

Alarmes soaram dentro da minha cabeça enquanto a cena se desenrolava como um pesadelo terrível. “Por favor, não.”

“Então, você apagará tudo o que estava gravando na minha frente. Agora mesmo.”

Uma rápida olhada em Spencer mostrou-o olhando por cima do ombro para nós dois, uma carranca interrogativa enrugando seu rosto.

“E se você confiscar? O que vai fazer? Excluir você mesmo?”

“Não estou legalmente autorizado a olhar seu telefone, Srta. Vespertine.” Ele se inclinou ainda mais perto, e Deus me ajude, foi necessária a força de vontade de uma maldita freira para não me virar e confirmar o quão perto seus lábios estavam dos meus. “Isso seria uma invasão de privacidade. Poderia ter consequências.”

Com o olhar colado na bancada preta, respirei pelo nariz para abafar a respiração ofegante e instável que obstruía minha garganta. “Mas você ainda me pediria para excluir a gravação depois?”

“Eu estaria mais inclinado a confiar em você para fazer isso sozinha, se estivesse disposta a entregar seu telefone. Ou você é culpada ou não é.”

Eu não tinha muita escolha. Se apagasse na frente dele, ele certamente veria o vídeo da minha buceta, bem na cara dele. Sem dúvida, eu seria expulsa da turma dele e, possivelmente, da universidade. Se eu permitisse que ele pegasse o telefone, havia uma chance de que ele visse, de qualquer maneira, mas então ele teria que admitir que assistiu. Tudo se resumia a confessar o que eu tinha feito ou a mentir.

“Pegue. Eu não estava gravando intencionalmente. Deixei cair meu telefone e o botão de gravação disparou acidentalmente. Mas se não acredita em mim, fique à vontade para pegar meu telefone.” Quase suando, esperei que o cara percebesse meu blefe e perguntasse, se era tão inocente, por que não mostrar a ele?

Endireitando-se, ele ficou em cima de mim naquela postura autoritária dele, flexionando a mandíbula como se estivesse rangendo os dentes naquele momento. “Muito bem. Vou devolvê-lo no final do laboratório.”

No momento em que ele se afastou, soltei um suspiro trêmulo e voltei para o meu lugar.

Estúpida. Estúpida. Estúpida!

Como se a vida não pudesse ficar pior, enfrentei a possibilidade de meu telefone não ter bloqueado imediatamente e ele assistir ao vídeo humilhante e, claro, não dizer uma palavra sobre isso. A humilhação queimou em meu rosto, e eu queria desmaiar de exaustão por ter que me estressar com isso, além de todo o resto. Ele procuraria um motivo para me punir? Ou mandaria para o inferno a invasão

de privacidade e veria, de qualquer maneira, e depois me denunciaria por indecência?

De qualquer forma, minhas chances de descobrir mais sobre sua pesquisa simplesmente escaparam de minhas mãos.

Literalmente.

Outro olhar para Spencer mostrou-o franzindo a testa, como se perguntasse o que havia acontecido. Com um movimento sutil de cabeça, me afastei dele, meus olhos ardendo em lágrimas enquanto a raiva subia pela minha garganta. Ele não teria entendido. Nenhum deles entendia o desespero. Principalmente Bramwell. Eu odiava suas vidas perfeitas, pequenas e privilegiadas, onde tudo o que tinham que pensar era em qual bolsa de grife combinar com a roupa do dia seguinte.

Pare com isso, Lilia, minha cabeça repreendeu. *Apenas pare.*

Relutantemente, voltei minha atenção para Ross, desesperada por distração, mas a monotonia de sua palestra apenas me fez voltar à visão de Bramwell observando o que eu tinha feito. Tudo o que ele teria que fazer era tocar na tela para evitar que ela travasse nos primeiros dois minutos. Ele teria se incomodado? As perguntas que martelavam meu crânio eram intermináveis.

Minha única graça salvadora era a reputação do homem. Se o boato por trás das cicatrizes que vi em seu pescoço fosse verdade, então certamente ele nunca arriscaria ser acusado de outro escândalo com uma estudante.

Capítulo 26

Devryck

Levei o telefone para o laboratório de nível inferior, olhando para a tela bem iluminada. No momento em que esmaeceu, toquei no espaço entre os ícones para evitar que travasse. Foda-se a invasão de privacidade. Eu já confiei duas vezes em pessoas que tentaram roubar minha pesquisa, e estaria condenado se deixasse algum adolescente recém-formado tentar o mesmo. O fato de ela ter um conhecimento tão profundo do parasita já a colocou no meu radar, mas ter detalhado sua manifestação clínica com tanta profundidade enviou um sinal de alerta no que diz respeito às suas intenções.

Cheguei ao meu escritório no laboratório inferior, de onde Lippincott gentilmente retirou todas as câmeras. Uma vez lá, cliquei no ícone da foto e a imagem na pequena janela de visualização me deixou carrancudo. No pequeno quadrado de canto, cujo fundo era quase todo escuro, eu conseguia distinguir o que parecia ser a mão dela por baixo da bainha da saia.

Porra.

Joguei o telefone no banco e recuei, olhando para ele.

Eu estava errado. Muito errado.

Não faça isso.

Eu queria dizer que era aquela história idiota de precisar saber se ela tinha gravado minha aula, mas era mentira. A verdade irritante era que eu precisava ver se ela teve coragem de fazer algo tão ousado e escandaloso bem na minha frente.

Esfregando a nuca, caminhei ao lado da mesa.

Por quê? Por que olhar, quando eu tinha uma ideia perfeitamente boa do que estava naquele vídeo?

A tela escureceu e eu cambaleei para evitar que ela me bloqueasse do lado de fora. No momento em que toquei na tela, o vídeo entrou em movimento.

No fundo, só consegui captar a voz murmurada de Ross. A câmera parecia estar posicionada entre os joelhos, dado o comprimento curto das coxas e a bainha da saia no topo da tela.

Uma dor implacável revirou meu estômago, e eu queria dizer que era nojo se agitando ali, mas eu sabia que não. Uma ganância vil e adormecida latejava em minha virilha.

A câmera deslizou para mais perto das profundezas escuras sob sua saia, e no momento em que ela puxou a bainha para trás, permitindo um pouco de luz, meus joelhos quase dobraram. Sua boceta ficou perfeitamente visível, raspada de todos os pelos, e quando ela pressionou dois dedos contra suas dobras, abrindo-se, mordi os nós dos dedos enquanto olhava para aquela linda concha rosa.

Foda-se.

Porra.

No início, ela apenas brincou, fazendo cócegas na pequena pérola de carne que fazia as pontas dos meus dedos formigarem.

“Minhas desculpas por interromper”, eu me ouvi dizer ao fundo, e sua coxa se contraiu, fazendo a vista saltar.

De repente, ela parou, com o dedo apoiado na coxa, onde eu a observei limpar a umidade na pele.

Pare. Pare com isso agora, seu maluco.

Afinal, já estive envolvido em escândalos suficientes ao longo da minha vida. O

último, envolvendo uma estudante, nem sequer justificava a reputação que conquistei. Eu nunca toquei nela, nunca senti a menor inclinação e, ainda assim, fui considerado uma espécie de predador. Felizmente, uma completa falta de provas e um álibi bastante sólido, limparam meu nome, mas jurei que nunca mais me envolveria em uma confusão como aquela. Não quando minha pesquisa estava à beira da grandeza. Não quando esse período sombrio de fracassos, que eu estava vivendo, estava prestes a decolar para uma outra estratosfera de sucesso.

Assim que estendi a mão para desligar o vídeo, ela moveu a mão novamente. Eu congelei, observando seu dedo provocar aquele pedaço de carne de dar água na boca.

Com os olhos fechados, balancei a cabeça. *Não faça isso.* A garota deveria ser pelo menos doze, talvez treze anos, mais nova que eu. Uma mulher, mas jovem.

E uma estudante, pelo amor de Deus.

Um som obsceno e úmido, como pornografia, me fez abrir os olhos, para ver dois de seus dedos desaparecendo dentro dela, minha voz ainda tagarelando ao fundo. Dentro e fora, ela bombeava aqueles dedos molhados, enquanto eu involuntariamente dava minha palestra.

Mais uma vez, mordi os nós dos dedos, quase os roendo para não tomar conta da dolorosa ereção que florescia atrás do meu zíper. Eu não aguentava mais.

Pausei o vídeo e saí completamente do aplicativo.

Uma fome voraz sacudiu meus músculos. Em todos os anos em que lecionei – como assistente técnico na pós-graduação, como residente na faculdade de medicina e como professor – nunca senti tanta tentação sexual. Nunca. Recebi propostas corajosas de estudantes e suportei seus flertes, mas sempre fui muito hábil em ignorar tudo. Eu nunca tive nenhum interesse nas minhas alunas, nem mesmo naquelas que apareciam na aula maquiadas e com roupas reveladoras, olhando para mim e deixando presentes. Uma até deixou um pedaço de papel com um bilhete para encontrá-la na biblioteca em um determinado horário.

Lindas garotas com dinheiro e um futuro brilhante, mas eu nunca mordi a isca.

Eu não era estúpido o suficiente para destruir minha reputação por causa de algum fascínio bobo de estudante. Nem mesmo quando esse fascínio beirava

uma estranha obsessão, como foi o caso de Jenny Harrick.

Mas foi a audácia dessa garota que rastejou sob minha pele. A maneira como ela se sentava na minha aula com seu cabelo rebelde que me lembrava folhas de outono, suas respostas espertas e aqueles olhos. Olhos ousados de água-marinha que me desafiavam constantemente. Olhos que imaginei estavam olhando diretamente para mim enquanto ela se dedilhava na minha aula.

Eu deveria estar furioso com ela, mas foi a coisa mais excitante que já vi. Talvez era um efeito da última injeção que tomei.

Achei que os impulsos sexuais tinham diminuído com o tempo, visto que perdi o interesse por Loretta tão rapidamente. No entanto, claramente não o fizeram.

Na verdade, ousava dizer que tinha piorado.

A luz em sua tela diminuiu novamente e eu a deslizei para cima, evitando que travasse. Num impulso de adrenalina absoluta, enviei o vídeo para o meu celular, cliquei nas mensagens dela e apaguei permanentemente. Enquanto estava lá, vi alguns tópicos de texto – um para alguém chamado Conner.

Cliquei no tópico, lendo sua conversa mais recente. Tudo o que consegui perceber foi que Conner devia algum dinheiro a alguém chamado Bee. Se ele era namorado ou marido dela, eu não sabia dizer. Não havia outras mensagens antes disso, como se ela as tivesse apagado.

O segundo tópico foi para alguém chamado Jayda, sobre um site chamado VoyeurBait. Franzindo a testa, digitei o endereço no meu telefone no modo de navegação anônima e fui saudado por um vídeo de uma mulher se masturbando em uma biblioteca. O cabeçalho da página dizia: *Dinheiro Fácil! Envie seus vídeos e seja pago!*

Ocorreu-me naquele momento que ela tinha feito o vídeo por dinheiro. Voltei para as mensagens dela com Conner e, de repente, a história surgiu na minha cabeça. Parecia que quem quer que ele fosse havia tirado o dinheiro tão necessário dela.

Ela não gostava de gozar em público por natureza, pelo que parecia, enquanto eu examinava fotos chatas do campus em sua câmera, mas apenas por desespero.

Um flash de seus dedos molhados mergulhando em sua boceta deslizou em meus

pensamentos como um vapor venenoso que evaporou rapidamente, deixando-me doente e bêbado. O fato de ela parecer gostar de sua pequena tarefa causou um arrepio na minha espinha.

Um homem mais sábio a teria expulsado da aula e evitado a inevitável dor de cabeça que certamente se seguiria.

Eu certamente nunca professei ser o mais sábio.

———

Antes do final da aula, voltei ao laboratório onde encontrei a Srta. Vespertine sentada em seu banco, bem composta, parecendo completamente inocente com seus olhos brilhantes de corça e lábios em forma de arco de cupido. Quando me aproximei, meu olhar se fixou nas pernas dela e estremeci ao imagina-las flexionadas ao redor da câmera do telefone. Porra, como eu poderia olhar para a garota novamente depois daquele vídeo?

Fiquei grato por não ter aparecido o rosto dela no meio de tudo isso, ou eu teria perdido toda a compostura.

Entreguei o telefone, que já estava bloqueado há muito tempo.

Com o olhar abaixado, ela não se preocupou em olhar para mim enquanto aceitava o dispositivo. Isso deveria ter me feito sentir simpatia por ela, mas o bastardo em mim achou sua humilhação totalmente fascinante.

“Acredito que você apagará tudo o que gravou na minha aula.”

Por um momento, ela olhou para o telefone e depois ergueu o olhar para o meu. A maneira como seus olhos me estudaram, como se ela soubesse que eu estava observando, apenas endureceu minha expressão fria. Aprendi desde cedo a defender a face de um mentiroso diante daqueles muito mais poderosos do que uma jovem astuta. Esperei para ver se ela tinha coragem de me desafiar.

Em vez disso, ela guardou o telefone, sem vacilar o olhar. “Claro, professor.”

Maldita seja.

Maldito seja aquele rosto inocente e aqueles lábios de flor de cerejeira que ela mordiscava e que provavelmente *tinham gosto* de cerejas.

Sem outra palavra, ela juntou seus livros e saiu.

Capítulo 27

Lilia

Meu dedo pairou sobre o botão *enviar. Não há como voltar atrás depois disso.*

Caramba.

Caramba!

Eu odiava que essa fosse a solução mais fácil para mim. Que eu tinha me encurralado, sendo tão ingênua a ponto de pensar que Conner se importava com minha irmã. Ou eu, por falar nisso. Jayda estava certa, no entanto. Era hora de parar de viver à sombra dos homens. Mesmo que eu tivesse que recorrer ao trabalho sexual, era melhor do que ficar acorrentada.

Seja audaciosa, Lilia.

Eca. Eu não era, no entanto. Eu era tímida, quieta e totalmente desconfortável quando se tratava de sexo.

Mas eu também estava desesperada.

Uma mensagem de Bee apareceu, me assustando bastante, o telefone escorregou dos meus dedos, mas eu o peguei antes que ele caísse no chão.

E, ao fazer isso, cliquei sem querer no botão *enviar.*

Meu coração bateu forte no peito.

Naquela fração de segundo, mudei de ideia e me esforcei para fechar o aplicativo antes que fosse tarde demais.

Mas *era* tarde demais.

Não, *não!*

Caí na beira da cama e me dobrei, meu estômago revirando com pontadas de náusea.

Merda. *Merda!* Eu nunca tinha feito nada assim em toda a minha vida. Nunca tinha enviado um nu para um namorado, não que eu tivesse tido muitos desses na minha vida.

“Não, não, não.”

Um ding chamou minha atenção para meu telefone caído, que iluminou meu dormitório escuro. *Seu vídeo foi enviado com sucesso! Prepare-se para receber o pagamento!*

“Não. Deus, por favor. Não!” Eu quase me atirei em direção a ele e cliquei no site, procurando por um botão de exclusão. Não havia nada.

Não havia como desfazer o que eu tinha feito.

Outra notificação apareceu. Uma visualização. Dez visualizações. Trinta visualizações. Cinquenta visualizações.

Não!

Porque não havia como excluir!

Rolei até o final da página, onde encontrei um endereço de e-mail para uma solicitação de remoção. Com as mãos trêmulas, digitei um apelo para que meu vídeo fosse imediatamente removido do site e cliquei em enviar. Lágrimas brotaram em meus olhos enquanto eu observava a visualização subir cada vez mais a cada minuto que passava. Cliquei no vídeo das minhas fotos e, rangendo os dentes de raiva, apaguei-o.

As dores do enjôo em meu estômago se reviraram novamente e, fechando o

aplicativo de imagem, verifiquei o texto que Bee havia enviado:

Eu só queria dizer o quanto aprecio você e tudo o que faz por mim. Isso é tudo. Amo você.

Nem mesmo suas doces palavras poderiam apagar a agonia que estava queimando meu peito naquele momento. Coloquei o telefone na minha mesa e me enrolei na cama. Fechei os olhos por causa das lágrimas.

Uma rápida verificação do meu e-mail mostrou que ninguém havia respondido ainda. Dez minutos depois, verifiquei novamente. Nada.

Pela manhã, as visualizações atingiriam um nível repugnante. Era perfeitamente possível que meu professor tivesse sido um dos muitos que assistiram, embora ele não tenha oferecido a menor ideia quando me devolveu o telefone. Seu rosto permaneceu tão estóico como sempre, completamente ilegível. E agora? Quem sabia quantos estavam assistindo?

Através de um vazio negro, um bipe incessante ecoou dentro da minha cabeça. Abri os olhos para fracos raios de sol entrando pela minha janela, e o primeiro pensamento que surgiu na minha cabeça foi aquele vídeo. Procurei meu telefone, meu estômago instantaneamente se revirou novamente. Durante a noite, alcançou cinco mil visualizações. Minha conta mostrava oitocentos e sessenta e sete dólares em fichas.

Não que eu me importasse com o dinheiro.

Verifiquei meu e-mail para encontrar uma nova mensagem do VoyeurBait:

Prezada CollegeChick20,

Infelizmente, como você já começou a ganhar créditos neste vídeo, não podemos excluí-lo.

Obrigado por entrar em contato,

Tony B.

Um frio intenso encheu meu peito enquanto eu olhava para o e-mail. A tela se iluminou com uma mensagem de Jayda.

Então você fez isso?

Deixei-a sem ler e corri em direção ao banheiro, chegando a tempo de jogar o jantar da noite anterior no banheiro. Ácidos queimaram minha garganta enquanto eu limpava os últimos pedaços de vômito e me despia para tomar um banho rápido, os olhos ardendo com novas lágrimas. Porque chorava por causa disso não fazia muito sentido, visto que eu tinha feito isso comigo mesma. Simplesmente odiava me sentir impotente, só isso. Nem mesmo a perspectiva de ganhar todo aquele dinheiro valia a pena, sabendo que estranhos tinham me visto me tocar. Não julgava aqueles que faziam isso, como Jayda. Fiquei feliz por ela ter encontrado uma maneira de ganhar dinheiro extra para sua família e não a desconsiderava por isso. Mas não era para mim. Eu nunca fui ousada assim, então por que pensei que poderia postar algo tão pessoal e íntimo, sem me culpar por isso, era um mistério que nunca desvendaria.

No calor do banho, tentei pensar em Bee e em como o dinheiro permitiria que ela continuasse na escola. Ela poderia voltar ao seu passe de almoço normal, em vez do reduzido. Mas a única imagem que consegui evocar foi um grupo de voyeurs sem rosto observando-me. Fazendo Deus sabia o que eles faziam.

Assim que terminei de tomar banho, me vesti rapidamente. Não me preocupei em olhar as visualizações antes de sair para minha próxima aula.

Capítulo 28

Devryck

A curiosidade me corroía.

Eu deveria estar revisando os diários dos estudantes e estudando suas observações sobre os estágios larvais. Em vez disso, me vi folheando os novos vídeos postados no site da Voyeur. Página após página de homens e mulheres se masturbando em público. Só quando cheguei ao final da terceira página é que me deparei com a familiar imagem em miniatura, postada por CollegeChick20.

Cliquei na visualização gratuita.

Assim como nas poucas vezes que assisti no meu telefone na noite anterior, meu corpo endureceu ao ver suas coxas delgadas. Rolei para baixo e descobri que seis mil espectadores já haviam assistido ao mesmo vídeo. Rangendo os dentes, procurei no site por um link de remoção, apenas encontrando algum endereço de e-mail idiota que provavelmente não resultaria em nada.

Saí do aplicativo e digitei o número do meu advogado. Ele não era apenas o melhor do país, mas também era um colega Rook, então qualquer coisa que eu pedisse a ele, cumpriria imediatamente.

E eu queria que aquele vídeo fosse retirado, tipo, ontem.

Não se tratava apenas do fato de ela ter postado um vídeo da minha aula on-line, por mais que eu quisesse acreditar em uma desculpa tão patética, embora isso

certamente também me irritasse. Não, havia toda uma psicologia fodida acontecendo dentro da minha cabeça naquele momento, que eu não tinha intenção de tentar entender.

Griffin atendeu no terceiro toque. “Devryck! É tão bom ouvir de você. O que está acontecendo?”

“Eu preciso de um favor.” Bane pulou na minha mesa e se pavoneou na minha frente como um animal de estimação. Apesar da irritação que tensionava meus músculos, passei cuidadosamente a mão pelas costas dele, me esforçando para não agarrar um punhado de pelo.

“Qualquer coisa.”

Correndo o risco de perder a paciência e descontar no gato, peguei Bane e coloquei-o no chão, dando um tapinha leve em seu flanco. “Existe um site chamado VoyeurBait. Um vídeo foi postado sob o nome CollegeChick20. Eu preciso que ele seja retirado. Imediatamente.”

“Esta é uma aluna sua?”

“Isso importa?”

“Não. Claro que não. Vou rastrear o proprietário e enviar um aviso imediatamente.”

Apenas alguns nós do meu estômago se desfizeram. O que quer que estivesse errado comigo naquele momento, resolveria isso depois que o vídeo fosse retirado. Eu só precisava disso fora daquele maldito site. “Eu agradeço. E se puder retribuir o favor, por favor me avise.”

“Eu vou. Fique atento para uma chamada de acompanhamento.”

“Claro.” Desliguei, batendo os dedos na minha mesa enquanto observava a visualização subir. Imaginar que cada *ding* era algum idiota, sentado de queixo caído e acariciando seu pau enquanto a observava, deixou meus músculos tensos de raiva. Joguei meu copo do outro lado da sala e ele bateu na minha estante com o impacto. Aquela merda mentirosa postou o vídeo de qualquer maneira, e eu seria amaldiçoado se deixaria um bando de pervertidos assisti-la daquele jeito.

Pequenos idiotas ingratos que só a viam como um conjunto de pernas tonificadas

e boceta. Eles não tinham ideia de que a garota era brilhante e espirituosa. Muito inteligente para sua idade.

Linda demais para ser vista como algo tão simples e divertido.

Nem quinze minutos depois, Griffin me ligou de volta.

“Falei com um cara chamado Tony. Ele disse que vai retirá-lo nos próximos dez minutos. Eu disse a ele que se não retirasse em dez minutos, toda a porra da sua operação seria encerrada no final do dia.” Não foi um blefe. Griffin era poderoso o suficiente, tinha as conexões certas para fazer coisas assim acontecerem. Certa vez, ele derrubou um site da darknet em nome de um cliente em questão de minutos – uma tarefa que o FBI não conseguiu realizar durante meses. Honestamente, não teria me surpreendido se o cara tivesse ligações com o Anonymous, pela maneira como ele fazia as coisas tão rapidamente.

“Eu aprecio sua diligência. E, novamente, deixe-me saber se houver algo que eu possa fazer em troca.”

“Você sempre foi um aliado maravilhoso.” Eu o ajudei em alguns casos em que corpos tiveram que ser exumados, o que resultou em decisão a seu favor no tribunal. “É um prazer ajudar.”

Precisamente dez minutos depois, atualizei o site.

O vídeo não estava mais lá.

Sorrindo, recostei-me no assento. Se ela estava tão desesperada por dinheiro, teria que encontrar outra maneira de consegui-lo. Eu me recusava a deixar uma população inteira de paus balançando ao olhar para ela. Eu foderia com todas as pessoas que postaram lá e queimaria o site antes de deixar isso acontecer.

———

Minha cabeça não conseguia deixar isso de lado.

As imagens de homens indo até ela giraram em meu cérebro inquieto como uma teia perversa, e minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado. Então, envolvido no pensamento, não entendi a pergunta de Barletta a princípio.

“Professor? Isso é normal?”

Voltei minha atenção para onde ele estava curvado, com a calça arregaçada nos

tornozelos. Um momento atrás ele estava sentado na cama, mas em vez disso estava de frente para a parede, o braço sacudindo com movimentos abruptos. O som revelador de um tapa na pele, juntamente com seus grunhidos calorosos, confirmaram o que eu já sabia.

Limpando a garganta, me virei. “Sim. Os impulsos sexuais aumentam durante a infecção.” Maldito seja o fedor no ar que piorou, invadindo meu nariz enquanto eu tentava limpar minha garganta.

Segundos depois, seus gemidos reverberaram na parede da cela e ele gritou. “Porra! Porra!” Quando ele puxou a calça para cima e caiu na cama, notei os pontos molhados na parede onde ele havia disparado sua liberação. “Isso é humilhante pra caralho”, disse ele, estremecendo enquanto mudava de posição, atraindo meus olhos para a estranha curva de suas costas. A distorção da coluna era uma progressão normal, à medida que o parasita começava a atacar e esgotar partes do corpo. “É como... isso surge do nada, e se eu não cuidar disso? É o pior caso de bolas azuis que já tive. Minhas desculpas por fazer isso na sua frente.”

“Não precisa se desculpar.”

“Eu estava pensando na história que me contou. Com seu irmão sendo levado daquele jeito.” Ele tossiu, espalhando um jato vermelho no concreto, e seus olhos estremeceram quando ele engoliu. “Não sei por que não parei de pensar nisso. O que aconteceu com Caesar? Ele não tentou ajudar você?”

Afastei meus pensamentos de Lilia e do vídeo para a memória de Caesar naquela noite. “Ele não tinha lealdade para conosco.”

“Você acha que ele teve algo a ver com o fato de seu irmão ter sido levado?”

Olhando para o homem, estudei sua expressão em busca de qualquer sinal de reação ao fazer essa pergunta. Uma hesitação. Um tique muscular. Uma mudança de olhar. Nada.

Uma dor aguda atingiu minha têmpora e cerrei os olhos e a mandíbula, esfregando o local. *Dez, nove, oito, sete, seis.*

“Você está bem?” Barletta perguntou, enquanto luzes irregulares piscavam atrás das minhas pálpebras.

“Tudo bem.” Demorou um bom par de minutos para diminuir dessa vez, e rolei

os ombros para trás em um longo suspiro, enquanto a última parte da dor minguava. “Meu pai o puniu. Interrogou-o na tentativa de descobrir quem teve a coragem de levar o filho de Warren Bramwell. Mas tudo foi em vão.”

Espio pela fresta da porta de uma das salas adjacentes ao laboratório do meu pai. Caesar está sentado amarrado a uma cadeira, com o rosto machucado e espancado, com ameixas vermelhas brilhantes que marcavam cada soco impiedoso em seu rosto. Olho inchado e distorcido, lábios inchados e sangrando, ele dificilmente parecia humano. Meu pai estava diante dele, dois homens o flanqueando, ambos vestindo ternos e luvas pretas, e máscaras estranhas que me lembravam um pássaro assustador. Alguns que vi em livros sobre a peste. Máscaras médicas projetadas para manter os germes afastados. Porque os homens as estão usando agora é um mistério.

“Onde está meu maldito filho?” meu pai pergunta pela décima vez.

Caesar não responde. Sua cabeça balança como uma melancia equilibrada em um palito, o que me deixa nauseado.

Quero arrancar o melão e vê-lo bater no concreto. Ver um homem espancado até quase morrer não é fácil, mas quero meu irmão de volta e não posso culpar meu pai por ser violento em relação a isso. Na verdade, quero mais violência. Mais sangue.

Um dos homens mascarados ao lado de meu pai revira o rosto novamente, e o impacto de seu punho faz com que sangue e um dente desalojado caiam no chão.

Mesmo assim, o guarda se recusa a falar.

Com as mãos cerradas em punhos, cerro os dentes, desejando poder dar alguns socos.

Meu pai geme e se afasta dele, passando a mão pelo rosto. “Tire-o da minha vista.”

Não, não!

Ele não revelou nada e seis dias se passaram sem nenhum sinal de Caedmon.

Dou algum crédito ao meu pai por seus esforços. Sempre tive a impressão de que ele nos odeia e ficaria feliz em nos descartar. Ele até negociou uma recompensa com a polícia – uma quantia de dinheiro bastante atraente para um

homem que agia como se não desse a mínima.

Os dois homens arrastam Caesar em direção à porta onde estou escondido, e eu me levanto. Em uma alcova pequena e sombria, encosto as costas na parede, observando-os passarem carregando seu corpo inerte. Um telefone toca na sala onde meu pai ainda está, e depois de espiar para ter certeza de que os guardas estão fora de vista, volto na ponta dos pés ao meu lugar e espio dentro.

Meu pai responde. "Sim."

Não consigo ouvir o que a outra pessoa está dizendo, mas a expressão do meu pai muda de exasperação para uma carranca tensa.

"O que eles querem?" Segue-se uma pausa e ele passa os dedos pelos cabelos, andando de um lado para o outro. "Eu tenho dinheiro. Posso pagar-lhes o que quiserem."

Outra pausa.

"Não! Não é possível! Não! Diga a eles, não!" Um bipe encerra a ligação e ele bate o telefone em um rugido de raiva. "Porra! Porra! Porra!"

Com as duas mãos alojadas no cabelo, ele anda novamente.

Com uma respiração ousada, me aproximo até ficar dentro da sala.

Ele não me nota a princípio enquanto seus passos o levam em direção à parede. Quando ele se vira, olhos furiosos fixam-se nos meus. "O que você está fazendo aqui?"

"Quem ligou para você agora há pouco?"

"Não é da sua conta!"

"É sobre meu irmão! Diga-me!"

Com os olhos em chamas de fúria, ele rosna de volta para mim. "Eu te disse. Não é da sua conta. Se você não estivesse tão ocupado mijando nas calças, ele poderia estar aqui agora!" Suas palavras me atingem como um duro golpe no peito, e eu engasgo com o impacto.

"Foda-se! Eles tinham armas! Havia dois deles!"

"E a vergonha de tudo isso é que eles deixaram você viver."

Lágrimas se formam em meus olhos, mas não vou dar a ele a satisfação de saber o quanto suas palavras apunhalam meu coração. Em vez disso, cerro os dentes e deixo a raiva me engolir. "Você sabe quem o levou, não é?"

"Não."

"Eles querem algo de você, no entanto. O que é! Diga-me!" A raiva explode dentro de mim e eu me aproximo dele, minhas mãos formigando com o desejo de estrangulá-lo.

Não mais do que dois passos à frente, e ele saca uma arma das costas, apontando-a para mim.

Paro derrapando, minha cabeça tentando processar a cena.

"Saia da minha frente. Ou, que Deus me ajude, vou colocar uma bala na sua cabeça."

"Diga-me onde ele está. Eu irei atrás dele. Eu irei atrás de todos eles."

Ele bufa uma risada. "Você vai mijar nas calças e ter uma convulsão", diz ele, enrolando um dos braços no peito e se sacudindo, zombando de mim.

É uma maravilha que eu não sinta gosto de poeira na boca, por mais que cerre os dentes. "Eu te odeio, porra. Ele odiava você."

"Você arruinou minha vida. O dia em que você respirou pela primeira vez e ela morreu. Agora Caedmon. Você não é meu filho."

As lágrimas se soltam e, olhando para ele através de um escudo aquoso, procuro mentalmente por uma única razão pela qual não deveria persuadi-lo a atirar em meu crânio. A resposta chega em uma névoa vermelha. Vingança. "Você pode ter se arrependido de me ver respirar pela primeira vez, pai. Mas saiba que ficarei feliz em ver você dar a sua última respiração."

"Jesus. Seu velho parece um verdadeiro idiota. Você já descobriu sobre o que era aquele telefonema?" Barletta apoiou os cotovelos nos joelhos dobrados, onde se sentou encostado na parede.

"Eu fiz, sim."

"Mas vou ter que esperar para descobrir, certo?"

“Sim. Tenho certeza de que você ficará fascinado.”

Sua mandíbula mudou, os dedos esfregando-se. Inquieto. “É aí que eu descubro por que você me levou?”

“Sim.”

“Quanto tempo mais eu tenho?”

“Eu não acho que você vai aguentar mais uma semana.” Minha voz inexpressiva carecia de qualquer resquício de empatia.

Com o lábio inferior tremendo, ele virou a cabeça para o lado apenas o suficiente para que eu percebesse um brilho em sua bochecha. Infelizmente para ele, não havia mais nada em mim para apelar, apenas um buraco sem fundo onde lançar suas lágrimas inúteis.

Meu coração era um cemitério. Uma apatia fria e faminta sepultada em ossos adormecidos. Nada poderia me fazer sentir pena dele.

Ele deslizou dois envelopes lacrados pelas grades. “Você pode garantir que meus filhos recebam isso?”

“Claro,” eu menti.

Capítulo 29

Lilia

Suportei uma hora de palestra e não absorvi nada. O telefone ficou ao meu lado o tempo todo, me provocando a clicar no site e ver quantas visualizações nauseantes haviam se acumulado naquele período de tempo.

Ao sair da aula, finalmente me atrevi a clicar nele e, encontrando um lugar tranquilo sob uma árvore, entrei no site e percorri três páginas de vídeos em busca daquele que havia postado.

Nada.

Cliquei no meu perfil e na guia Meus uploads não havia nada.

Espere. O que? Ele *realmente* foi removido?

Os créditos que acumulei custavam cerca de novecentos e trinta e cinco dólares, mas hesitei em apertar o botão de transferência. E se isso fizesse o vídeo ser upado novamente?

Não. Deixe isso como está.

Não valia a pena a ansiedade do vídeo aparecer novamente. Eu não tinha ideia do que diabos tinha dado em Tony, ou qualquer que fosse o nome dele, uma mudança de opinião, mas estava grata o suficiente para não abusar da sorte. Um

grande alívio tomou conta de mim enquanto me dirigia ao Darrigan Hall para almoçar.

Spencer me encontrou na entrada e, depois de me passar, nós dois fomos até o bufê. Eu só tinha tomado café da manhã quente desde que cheguei lá. No almoço, eu normalmente comia no pátio, e o jantar muitas vezes não passava de uma sopa que eu contrabandeava de volta para o meu quarto.

Peguei meu prato, observando todas as muitas opções - peixe fresco com limão e alcaparras, frango com tempero vermelho, carne de churrasco coreana, ravióli, opções veganas, acompanhamentos e sobremesas infinitos, todos preparados pelos chefs locais.

“Está tudo bem?” Spencer perguntou atrás de mim, empilhando batatas em seu prato.

“A comida é esmagadora.”

“Sim, é incrível o quanto eles preparam todos os dias.”

Coloquei vegetais assados em meu prato, junto com um pouco de arroz e salada, e nós dois encontramos uma mesa na frente. Olhei em volta enquanto me sentava no banco comprido e meus olhos se encontraram com os do professor Bramwell, onde ele estava sentado me observando de uma mesa ao lado do que presumi ser outro professor.

Foi então que o outro professor pareceu me ver também, seus olhos examinando a maneira como os dele se estreitaram sobre mim. Ele colocou o garfo no prato à sua frente e imediatamente se inclinou para o professor Bramwell, que não desviou o olhar.

Franzindo a testa, me virei para trás, imaginando se eu era o assunto de seus sussurros, e avistei Spencer encarando além de mim, presumivelmente em direção aos professores.

“Parece que meu pai reserva tempo para alguns selecionados.”

“Seu pai?”

Ele assentiu e eu segui o caminho de seu olhar em direção ao professor que havia me encarado há pouco – que recolhia sua bolsa e prato com comida pela metade.

“Esse é o reitor Lippincott?”

“Sim.”

Lippincott fez uma pausa para me olhar novamente, com as sobrancelhas franzidas e, na minha periferia, Spencer acenou para ele. O homem mais velho não acenou de volta. Em vez disso, apertou a mão de Bramwell e dirigiu-se para a saída.

Ao passar por nós, Spencer se inclinou para o lado, provavelmente para chamar sua atenção. “Pai, quero apresentá-lo…”

O Lippincott mais velho passou mancando, sem sequer um aceno de cabeça em reconhecimento, e saiu do refeitório.

“Ele ignora você?”

“Nos dias bons. No mal? Bem, digamos que prefiro os bons. Não tenho certeza do que o está incomodando hoje, porém.”

O leve mancar que notei em seu andar me trouxe à mente o artigo que li há algum tempo sobre a moradora de rua, Andrea Kepling, que atacou Lippincott em sua casa. “Ei, você conhece uma mulher chamada Andrea Kepling?”

“Quem?”

Um olhar furtivo ao redor confirmou que não havia outros alunos ao alcance de meus sussurros, e me inclinei para frente. “Ela é a mulher que atacou seu pai.”

“A psicopata que alegou que meu pai colocou minhocas nela? Nunca a conheci, mas sim. Ele tem uma cicatriz nodosa na perna por causa dela.”

Eu tinha esquecido essa informação – ela afirmava que ele de alguma forma a infectou. “Como… vermes Noctisoma?”

“Quem diabos sabe? A mulher era uma maluca.”

“Era?”

“Sim.” Uma rápida olhada ao redor e ele se inclinou mais perto. “Ouvi meu pai contando a alguém que ela morreu há algumas semanas. Alguém a encontrou pendurada na banheira de alguma casa onde ela estava hospedada.” Sua língua varreu seus lábios e ele olhou para mim e para trás. “Acho que Bramwell fez a

autópsia nela.” Ele falou baixo, como se o cara pudesse ouvi-lo em meio ao barulho que ecoava pelo refeitório.

Vermes na barriga. Bramwell realizando a autópsia. Enquanto eu cutucava meu almoço, absorvi silenciosamente a imagem que ele estava pintando dentro da minha cabeça, uma imagem que me fez questionar como ela poderia ter morrido.

“Alguma chance de seu pai realmente tê-la conhecido alguma vez?”

“Não. Ele disse que nunca a conheceu na vida.”

“Lippincott!”

Ao ouvir o grito surpreendente de uma voz atrás, me virei e vi quatro caras se aproximando, todos vestidos com camisas pólo e shorts cáqui, um deles carregando o que imaginei ser uma bola de rugby, como algo saído de um catálogo da Abercrombie.

Com o sangue latejando em meus ouvidos, rezei para que eles não se sentassem à nossa mesa.

Por favor, não se sentem.

Cada um deles se amontoou ao nosso redor, dois de cada lado de mim. Na minha periferia, um dos caras me olhava tão fixamente que quase esperei que raios laser saíssem de seus olhos. A tensão feriu meus músculos, deu vontade de rastejar para fora da minha pele, arranhando meus ossos.

“Quem é sua nova amiga?” — perguntou aquele que estava olhando ao meu lado.

“Não é da sua conta.” Embora as palavras de Spencer fossem afiadas, seu tom carregava um ar de diversão.

“Bem, a *mocinha aí* parece bem entediada sentada aqui com você. Você é nova por aqui, né?” Ele finalmente me abordou diretamente, e dei um aceno brusco com a cabeça. “De onde você é?”

“Não sou daqui.”

O cara riu e sentou-se no banco, virando-se totalmente para mim. “Ninguém é daqui.”

Eu odiava que ele estivesse dentro do meu espaço pessoal o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração em meu ombro.

“Agradeço por isso”, acrescentou um de seus amigos. “Todos os fantasmas e histórias sobre este lugar provavelmente deixariam uma pessoa louca. Como *o Doutor Morte*”, ele sussurrou e deu uma risada.

“Então, conte-nos, Ruiva. De onde você é?”

Erguendo meu olhar para Spencer, almoçando como se estivesse alheio à minha crescente irritação, percebi que ele não tinha planos de me poupar de seus amigos. “Por quê você se importa?” Eu perguntei, a ponta do aborrecimento pontuando a pergunta.

“Só estou curioso. Por que você está tão relutante em dizer?” O leve sorriso no canto de seus lábios me deixou pensando na possibilidade de ele já saber.

“Vamos, Jared, deixe-a em paz,” Spencer finalmente entrou na conversa.

“Não entendo por que é um grande segredo. Agora *preciso* saber.”

“Bem, isso ficou estranho. Obrigada pelo almoço, Spencer. Nos vemos depois.” Levantei-me da cadeira e, sentindo um aperto em meu braço, olhei com os dentes cerrados para o idiota que me segurava. “Solte-me. Agora.”

“Srta. Vespertine. Posso falar com você?”

Ao som da voz muito mais madura, me virei e encontrei o Professor Bramwell parado atrás de mim, seus olhos irritados fixos no garoto de Rugby. O clima mudou, como se a presença dele lançasse uma pontada de gelo na mesa.

Meu pulso acelerou e o aperto do meu braço diminuiu.

Engolindo em seco, eu balancei a cabeça. “Claro.”

Com um leve movimento de cabeça, ele me incitou atrás dele, em direção à saída, diminuindo o passo enquanto eu o alcançava. “Minhas desculpas se você esperava terminar o almoço. Parecia que você precisava de uma saída.”

“Você é muito observador. Então, não estou com problemas?”

“Não sei. Você me diz.” Ele parou do lado de fora do refeitório e se virou para mim, olhando por cima do ombro quando um grupo de estudantes passou. “Você

excluiu o vídeo?”

“Sim. Claro.”

“Então, se eu pedisse uma prova, você me entregaria seu telefone de boa vontade.”

Com os olhos fixos nos dele, tirei o telefone da bolsa e o estendi entre nós.

Ele apenas olhou para o telefone e de volta para mim, sem se preocupar em pegá-lo de mim. “Bom.” Um silêncio desconfortável pairou por um momento, antes de seu olhar se desviar para a sala de jantar e voltar. “Vejo que você e o Sr. Lippincott se tornaram bem íntimos.”

Coloquei o telefone de volta na minha bolsa, percebendo que seus olhos acompanhavam o movimento. O homem tinha os maneirismos de uma pantera, nada parecia escapar dele. “Ele é uma pessoa legal. Genuíno.”

“Descobri que *o bom* e *o genuíno* raramente andam de mãos dadas.”

“Esse parece não ser o caso de Spencer.”

“Claro que não.” Sua mão flexionou e, no breve interlúdio da conversa, me vi olhando para a forma como a alça da bolsa cruzava seu peito, de alguma forma enfatizando seus ombros largos. “Eu corrigi os testes da semana passada. Em uma turma de sessenta e oito alunos, dos quais dez foram reprovados, você é a única com nota boa.” Uma ligeira curva em seus lábios me disse que isso o agradava.

Por razões que não consigo explicar, pensar nisso me fez cócegas.

“Para quem parece ter um bom domínio de neuroparasitologia, talvez você ache a aula chata”, sugeriu.

“Absolutamente não. Acho suas aulas fascinantes.”

Novamente, seus lábios se curvaram, dessa vez mais para cima. Sem avisar, ele me jogou uma maçã que eu não tinha percebido que ele carregava. “Caso você fique com fome mais tarde. Boa tarde, senhorita Vespertine.” Com isso, ele saiu para o pátio.

“Ei,” Spencer disse enquanto se aproximava de mim. “Realmente sinto muito. Esses caras são idiotas. Está tudo bem com o Doutor Morte?”

“Sim.” Observei-o atravessar o pátio, como uma tempestade passando pelo céu. Essa era a maneira perfeita de descrevê-lo – sinistro e agourento, mas hipnotizante ao mesmo tempo. “Ele só queria me perguntar sobre uma das anotações do meu diário.” Era estranho o jeito que eu não conseguia desviar o olhar, o jeito que eu não conseguia parar de pensar naquele sorriso aparentemente inócuo. Um que ainda deixava meu estômago embrulhado.

“Huh. Ei, na verdade convidei você para almoçar porque queria saber se vai fazer alguma coisa no próximo sábado?”

Finalmente tirei minha atenção de Bramwell. “Vou estudar, provavelmente.”

“Alguma chance de eu convencer você a tirar uma noite de folga e participar de um evento de caridade comigo?” Uma expressão completa de desinteresse deve ter estado estampada em meu rosto, porque ele continuou dizendo: “É uma festa de gala com concerto à luz de velas. Mas eu prometo, não é um encontro. Eu só... prefiro ir com alguém que não me deixe maluco.”

“Acho que não. Desculpe. Além disso, realmente não tenho nada para vestir em algo assim.”

“Você não teria que se preocupar com isso. O vestido seria meu presente. Meus agradecimentos por me salvar de ter que ir com Kendall.”

Ter que ir com Kendall? Não que ela não fosse bonita, e ela definitivamente bajulava o cara. Não é exatamente uma tarefa árdua perguntar a ela. “Há um campus inteiro, Spencer. E a luz de velas parece um pouco... *íntima demais*.”

“Eu prometo que não será. Por favor. Estou disposto a implorar, se for necessário.”

Soltei um suspiro, minha cabeça se recusando a ceder. Eu odiava compromissos sociais como regra geral, mas um para os ricos sem dúvida me causaria urticária. “Certamente, há outra pessoa a quem você pode perguntar.”

“Não há, posso garantir.”

Braços cruzados, eu bufei, me odiando por ser tão empática que estava realmente considerando seu pedido. “Que horas?”

“Começa às oito. Termina à meia-noite.”

“Não vou ficar fora até meia-noite.”

“Sem problemas. Vou te levar para casa quando você precisar voltar. Palavra de escoteiro.”

Droga, o cara não desistia facilmente. “Você tem certeza de que não há outra pessoa que você prefira levar?”

“Positivo.”

Não faça isso, Lilia. Não ceda.

“Tudo bem, eu vou.”

Capítulo 30

Lilia

Entediada durante o trabalho de estudo, me vi lendo novamente os textos do Adderly Memorial e, como havia feito antes, a história de Mary Elizabeth me atraiu para a história da universidade. Embora vários diários de Adderly estivessem fora dos limites, consegui encontrar um que detalhava alguns dos experimentos realizados nos pacientes. Ele descreveu uma jovem, apenas um ano mais nova que eu, que teve um caso com um homem casado. Devido à sua origem respeitável, os clérigos de sua cidade decidiram que ela devia ser uma bruxa para seduzir alguém tão piedoso.

Eu zombei disso.

Como resultado, a mulher foi enviada para a ilha para aguardar o julgamento. Stirling, sobre quem eu li da última vez - o médico assustador que usava o uniforme da peste para afastar o mau humor de seus pacientes - aparentemente convenceu os clérigos de que ele tinha métodos para salvar a alma dela e, assim, evitou um julgamento público e fogueira.

Continuei lendo e descobri que o destino dela não era mais seguro nas mãos do Dr. Stirling. Enquanto estava sob seus cuidados, ela teve um dos olhos removido, a língua arrancada e a boca costurada. As notas detalhavam que ela havia sido alimentada com ácido Stirlic para purificar seu corpo, porém, sua forma de

morte foi a perda excessiva de sangue, depois que ela foi forçada a sangrar por causa de sangue negro.

Parei ali, franzindo a testa.

Sangue negro?

Sua saúde mental piorou significativamente enquanto estava no mosteiro, e ela expressou terror com as alucinações e a sensação de cobras em sua barriga.

Mais uma vez, me vi olhando para longe. *Seria possível…*

A nota me levou a procurar quaisquer outros sintomas. E encontrei mais um – olhos brilhantes, considerados uma característica demoníaca. Depois de mais algumas páginas, parei em um esboço tosco de um crânio humano com dentes pretos e afiados. A nota anexa o descrevia como pertencente à tribo Cu'unotchke, que habitava a ilha na mesma época em que chegaram os primeiros colonos. Eles foram considerados selvagens, monstros, pelos primeiros Acadians, com dentes de pedra preta, supostamente usados para rasgar carne e olhos que brilhavam como os de um animal. Tirei uma foto rápida do esboço do crânio, focando especificamente nas estranhas marcas no osso – finas e pretas, quase pareciam esculpidas nele, como pequenas fissuras.

Minha mente girava em pensamentos. O professor Bramwell disse que havia uma longa história do parasita. Seria possível que remontasse a 1700? Ele também mencionou estrias ósseas como um achado de autópsia, no meu encontro com ele, e que isso veio à tona há trinta anos. Seu pai estava trabalhando no Noctisoma? Essa foi a base do estudo Crixson?

Meus pensamentos rapidamente mudaram para antes, no refeitório com Spencer, e para a discussão sobre o pai *dele* e Andrea Kepling, que também havia mencionado vermes na barriga. Bramwell realizou a autópsia nela. Se o que o professor Bramwell disse fosse verdade, que raramente se deparava com casos fora da ilha e que não se espalhavam de pessoa para pessoa, seria possível que Andrea Kepling fosse de Dracadia?

Seria possível que ela tivesse sido uma das pacientes que escaparam do estudo?

Fui até o computador com uma conexão de internet instável e digitei *Andrea Kepling* na barra de pesquisa, como antes. O artigo que eu já tinha lido era um dos três resultados – dois dos quais eram jornais que ostentavam a mesma

manchete sobre o ataque dela a Lippincott. O terceiro, porém, foi escrito por um blogueiro chamado Anon Amos, e cliquei nele. Embora fornecesse muitos dos mesmos detalhes dos outros dois artigos, havia uma diferença: questionava a participação de Andrea no Crixson Project, assim como eu.

Pesquisei imediatamente por Crixson Project, apenas para encontrar um artigo sobre as seis mortes inexplicáveis.

Todas consideradas suicídios, de alguma forma.

Todas por afogamento, sem menção aos outros dois pacientes.

Intrigada, fui mais fundo e encontrei outro artigo que oferecia uma breve sinopse do experimento, liderado pelo Dr. Warren Bramwell, professor de longa data em Dracadia.

Pai do professor Bramwell.

O projeto teve como objetivo testar uma inoculação que supostamente reverte os efeitos do diabetes dependente de insulina. Aparentemente, tudo o que foi dado às mulheres teve como alvo a imunidade do corpo, bloqueando os linfócitos que atacavam as células beta pancreáticas secretoras de insulina. Uma possível cura para o diabetes.

Exceto pelo desfecho trágico que encerrou rapidamente o projeto. Infelizmente, não havia muita coisa disponível sobre os supostos suicídios.

Depois de recolher o diário, corri rapidamente de volta para o caixa, onde Kelvin registrou os livros no computador. “Temos alguma informação sobre o Crixson Project?”

“Sim, mas receio que essas referências estejam bloqueadas e inacessíveis, devido à tragédia associada ao projeto.”

“Existe alguma coisa em que eu possa colocar as mãos? Talvez até apenas uma sinopse do projeto?”

“'Receio que não, Srta. Vespertine. Você terminou o diário de Adderly? Preciso levá-lo de volta ao cofre antes de sair à noite.”

“Sim. Obrigada.”

Tinha que haver informações sobre isso. De que outra forma Mel saberia tanto?

Talvez ela tivesse outros recursos que eu pudesse aproveitar.

Com um suspiro, me virei e, do outro lado da ala de ciências, avistei o professor Bramwell lendo alguns textos em uma das mesas. O ar em meus pulmões murchou como um balão ao ver o homem curvado sobre um livro, estudando intensamente com os dedos enfiados nos cabelos.

“Posso incomodar você por um momento?” Kelvin perguntou atrás de mim, quebrando o feitiço.

Com um aceno de cabeça, me virei. “Absolutamente. O que você precisa?”

Ele me entregou uma pilha de textos de física. “Por favor, devolva-os às prateleiras.”

“Claro.” Olhei para o número de prateleira, percebendo que era o mesmo corredor onde o professor Bramwell estava sentado. Mantendo os olhos nele, carreguei as pastas, tentando não encarar o homem enquanto ele estudava – principalmente quando minha cabeça me pedia para interrogá-lo sobre Andrea Kepling.

Não seja um incômodo.

Por que diabos meu pulso acelerava quando o homem estava na sala?

Seu olhar nunca se levantou do livro achatado na mesa abaixo dele, e quando ele esfregou a nuca, meus dedos formigaram por razões que não consegui explicar.

Mais perto.

Mais perto.

Cheguei ao corredor, minha cabeça girando, pensando em como poderia abordar o assunto Andrea Kepling. *Você tem que ser tão investigativa o tempo todo?* minha cabeça repreendeu. *Basta perguntar sobre o tempo. Ou esportes.*

Eu odiava esportes.

Pergunte se ele precisa de água, mas pelo amor do Natal, não pergunte sobre Andrea Kepling.

Aproximei-me da mesa, meu nervosismo aumentando a cada segundo. *Seja audaciosa.* A respiração se acumulou em meus pulmões e, em uma expiração

infrutífera, continuei em direção à prateleira.

Ele virou a cabeça um pouco, como se sentisse alguém passando.

Parei ao lado dele por um breve momento, os lábios entreabertos para qualquer das milhões de perguntas que flutuavam na minha cabeça que poderiam surgir.

“Devryck!” uma voz familiar chamou, e me virei para ver a professora Gilchrist caminhando em minha direção, os olhos iluminados e focados no Professor Bramwell.

Foi quando me virei de volta que os olhos dele estavam fixos nos meus. Uma sensação estranha borbulhou em meu estômago, e segurei os textos com mais força, passando por ele em direção às prateleiras. Na minha periferia, vi Gilchrist deslizar para uma das cadeiras na mesa ao lado de sua área de trabalho.

“Tenho boas notícias! Consegui proteger dezenas de outros espécimes não infectados. A Sociedade de Preservação não ficou entusiasmada, mas entendeu a importância desta pesquisa.”

Escutar era uma característica tão imprópria, mas não pude evitar.

“Maravilhoso. Obrigado.”

Um momento de silêncio pairou entre eles, e eu contornei a outra extremidade do corredor até a próxima fileira, fingindo que estava guardando um livro ali.

“Por que você está ignorando minhas ligações?” Ela falou em voz mais baixa do que antes, mas eu conseguia entender as palavras. “Estou confusa. Fico relembrando a última vez que nos encontramos, tentando imaginar o que eu poderia ter feito para chatear você.”

“Não vou ter essa conversa de novo.”

“Devryck… eu estou…. acho que estou apaixonada por você. Não consigo parar de pensar em você.”

Através dos livros, observei seus dedos batendo impacientemente na mesa, seus ombros arqueados de irritação. Quanto mais a mulher falava, mais a bomba parecia prestes a explodir.

“Só mais uma vez”, disse ela com uma voz sedutora. “No meu escritório. Prometo que não vou ligar para você novamente.”

“Não.”

“Não?” Com as sobrancelhas levantadas, ela deu uma olhada nele como se tivesse acabado de levar um tapa. “É outra pessoa?”

Fiz uma pausa, sem sequer respirar, enquanto esperava que ele respondesse. Por alguma razão, eu também precisava saber. Olhando através dos livros, percebi o aperto de seu punho.

“Por que você não me responde?” ela incitou, claramente não entendendo as dicas do cara.

Fica fora disso. Não é da sua conta.

O que aconteceu no refeitório mais cedo também não era da conta dele, mas ele não hesitou em intervir. E eu também estava grata por isso.

Respirando fundo, contornei os corredores novamente e, limpando a garganta, parei atras dele. “Professor Bramwell?” Com o coração batendo forte no peito, não conseguia acreditar que tinha me esforçado para me inserir naquela situação.

Ele virou a cabeça para o lado sem dizer nada em resposta, e eu juntei as palmas das mãos úmidas para impedi-las de tremer.

“Eu localizei o texto sobre patogênese eucariótica que você solicitou.” Uma mentira total, e eu realmente não conseguia acreditar que as palavras saíam da minha boca com tanta facilidade.

Franzindo a testa, ele se virou na cadeira e pareceu me estudar por um momento.

Por favor, não me faça parecer uma idiota. “Se você quiser me seguir, posso te mostrar onde.”

Outra batida agonizante de silêncio, e ele revirou os ombros largos para trás. “Sim. Claro.” Ele olhou para Gilchrist e não ousei olhar para ela naquele momento. A mulher provavelmente estava me desmembrando com um olhar assassino. Quando ele se levantou, finalmente consegui olhar, e a expressão no rosto de Gilchrist brilhou com algo que me causou um arrepio na nuca.

“Professora Gilchrist,” eu disse em reconhecimento com um aceno de cabeça.

Seus lábios se curvaram em um sorriso fingido.

Com um movimento de cabeça, pedi-lhe que me seguisse quatro corredores abaixo e, uma vez suficientemente fora do alcance da voz, virei-me para ver que ele tinha, de fato, me seguido.

Com as mãos deslizando nos bolsos, ele se aproximou. “Você é incrivelmente astuta ou excepcionalmente intrometida.”

Limpando a garganta novamente, baixei o olhar. “Me desculpe. Parecia que você precisava de uma saída,” eu disse, repetindo suas palavras de mais cedo no refeitório.

Com os olhos semicerrados, ele olhou para mim daquele seu jeito perturbador e atento. “Você trabalha na ala de ciências?”

“Sim.”

“Com que frequência?”

“Quatro noites por semana, senhor.”

Ele me olhou por mais um minuto, o peso do seu olhar caindo sobre mim. “Obrigado, Srta. Vespertine.”

Quando ele passou por mim, eu me virei. “Professor Bramwell, espere.”

Quando ele fez uma pausa, imediatamente me arrependi de minha natureza impulsiva.

“Posso fazer uma pergunta?”

“Depende da pergunta.”

Era agora ou nunca. Chamar toda a sua atenção daquela maneira provavelmente não aconteceria novamente. “Sei que você não vai me dizer nada específico, mas gostaria de saber se poderia responder a uma pergunta sobre Andrea Kepling.”

Ele se virou para me encarar novamente, mas não disse nada. A pergunta estava gravada em sua testa, no entanto. *Como você sabe sobre ela?*

“Sei que ela foi enviada aqui para autópsia.”

“E como você conseguiu essa informação?”

“Não tenho liberdade para dizer.” Porém, tendo me visto com Spencer, suspeitei

que ele fosse inteligente o suficiente para descobrir. Embora eu não quisesse delatar Spencer, minha busca desesperada por respostas empurrou essas preocupações para o fundo das minhas prioridades.

Com um bufo exasperado, ele cruzou os braços, chamando minha atenção para a protuberância muscular em seu bíceps. “Qual é a sua pergunta? Tenha em mente que não estou autorizado a divulgar qualquer informação sobre seu histórico médico.”

O que significava que eu tinha que ser inteligente em minha investigação. “Alguma ideia sobre como ela pode ter adquirido o Noctisoma?”

Com a bochecha se contorcendo com um sorriso malicioso, ele se aproximou. Mais perto. Até que percebi uma pitada de sua deliciosa colônia. “Nunca confirmei tal diagnóstico.”

No entanto, o fato de ele não ter contestado abertamente, me disse que ele poderia estar mentindo.

Eu o fixei com um olhar duro. “Ela alegou que Lippincott colocou minhocas em sua barriga. Ela foi enviada a você para autópsia. Acho isso altamente coincidente.”

“Permita-me alertá-la, Srta. Vespertine. Você é uma mariposa confusa, dançando em torno de uma chama selvagem. Cega ao perigo incompreensível de suas curiosidades.”

“Eu quero saber a verdade.”

“A verdade é um luxo intangível dos poderosos.”

Eu não tinha dúvidas disso, especialmente num lugar como Dracadia, mas recusei-me a aceitar. “Vim aqui para encontrar respostas, professor. Não tenho medo de fazer perguntas.”

“A que custo? Sua bolsa de estudos? Seu futuro? Sua *vida*?”

“Isso é uma ameaça?”

“Sim.” Um passo à frente me encostou na prateleira atrás de mim e ele estendeu a mão, criando uma espécie de gaiola. “Você não tem ideia de com quem está brincando.”

Já tinha sido encurralada por homens antes, com medo deles, mas esse não era o caso do Professor Bramwell. Isso quase pareceu um convite. Um desafio. Com o coração batendo forte no peito, levantei o queixo desafiadoramente. “Com quem estou brincando?”

Seu olhar caiu em meus lábios de uma forma que parecia muito íntima. Preso demais para confundir os pensamentos que deviam estar agitando sua cabeça naquele momento. “É fascinante como você pode ser tão mansa e ousada ao mesmo tempo.” Sua língua varreu seus lábios, e eu rezei para que ele fizesse algo ousado, como pressioná-los nos meus. “Você é indiscutivelmente brilhante, então pare de agir como uma tola. Deixe isso em paz.”

Ele passou por mim e, assim que virou o corredor, soltei um suspiro trêmulo. Santo inferno, o homem era intenso.

Mas nem mesmo o Doutor Morte conseguia me intimidar naquele momento. Minha curiosidade foi despertada. As paredes deste lugar guardavam segredos obscuros, além de esqueletos, que eu pretendia exumar com uma marreta.

Capítulo 31

Devryck

“Nós temos um maldito problema.” Lippincott andava na minha frente, enquanto eu me recostava na cadeira do escritório, observando o homem se desvencilhar de alguma coisa. Ele continuou murmurando para si mesmo sobre alguém ter mentido para ele, seu cabelo estava uma bagunça no topo de sua cabeça, onde ele quase o arrancou do seu crânio. “A garota. A garota é um problema.”

“Que garota?” Eu perguntei, bebendo casualmente minha bebida. Embora tivesse uma boa ideia de quem ele estava falando.

Ele balançou a cabeça, sem se preocupar em diminuir o ritmo. “Não brinque comigo. Você sabe que garota. *A* garota. Aquela que eu disse para você observar.”

“E eu tenho. Então qual é o problema?” Normalmente, teria achado a ansiedade dele um tanto divertida. Considerando que eu tinha algo muito mais emocionante, na forma de uma injeção recém-preparada da toxina, esperando por mim no laboratório, fiquei entediado.

“O problema? Você a viu?”

Quase todas as noites quando fechei os olhos, mas não me preocupei em dizer

isso em voz alta.

“Ela é a imagem viva da mãe dela!”

“Vários filhos são.”

“Pare de zombar de mim, Devryck!” Ele bateu com o punho na minha mesa, mas não conseguiu me intimidar com sua raiva. Com ombros retos, ele olhou para mim com coragem inabalável, visto que minha paciência já estava começando a se esgotar. “A mãe dela é a outra mulher *desaparecida*. A fugitiva do maldito escritório do seu pai.”

Porra. Eu fiz uma careta com isso. Esperava que ele tivesse permanecido obtuso o suficiente para não fazer a conexão – algo sobre o qual eu tinha minhas próprias suspeitas desde que li o relatório falho do legista. “Você tem certeza disso,” eu disse, me fazendo de bobo.

“Você imagina que eu esqueceria um rosto assim?”

Dadas as perguntas que Lilia havia feito, não tive a impressão de que ela estava ciente de que sua mãe havia participado do estudo. Caso contrário, suspeitava que ela teria sido muito mais específica em suas muitas perguntas.

“Eu disse que ficaria de olho nela, e vou ficar.” Peguei a garrafa de bourbon para encher seu copo, porque, caramba, com o rosto vermelho como uma beterraba, ele parecia estar a dois fôlegos de um derrame. “Até agora, ela não causou nenhum problema”, acrescentei, enquanto enchia meu copo. Como ele confirmou minhas suspeitas sobre a participação da mãe dela no Crixson, eu não conseguia entender as probabilidades disso. O destino deve ter fumado um baseado novamente, do jeito que continuava me lembrando o quanto meu pai tinha sido um completo idiota na vida.

“Ela está aqui por uma razão, Devryck. Ela sem dúvida está tentando desenterrar informações. E quando isso acontecer, mais uma vez me encontrarei diante do pelotão de fuzilamento. Seu maldito pai *arruinou* minha vida com isso.” Ele saiu da minha mesa, andando novamente. “Arruinou tudo!” Ele deu um soco no ar como um louco, como se meu velho estivesse parado na frente dele naquele momento. Não que eu o culpasse. Eu mesmo teria alguns socos para dar.

“Relaxa. Ela está apenas curiosa sobre o parasita.”

Ignorando-me, ele pegou sua bebida na mesa, derramando gotas de bebida na superfície brilhante – uma observação que me irritou pra caramba. “Gilchrist a designou para *Crixson Hall*. Você acha que foi um acidente?” Ele bebeu sua bebida, quase engasgando quando não esperou o suficiente para responder sua própria pergunta. “Não. A mulher está contra mim. Ela está tentando sabotar a porra da minha vida por não a ter promovido!” Ele balançou a cabeça e depois voltou a andar e bebericar sua bebida. Rosnando, ele afrouxou a gravata, ampliando o olhar lunático. “Aquele pedaço de merda mentiroso. O filho da puta pegajoso mentiu na minha cara!” Era difícil dizer se ele estava falando de Langmore, da mãe da menina ou de outra pessoa. “Eu estava errado. Conceder a ela um semestre aqui foi uma ideia fodida. Fodida!”

“Só agora você chegou a essa conclusão?”

“Não tinha ideia de quem diabos ela era. O sobrenome dela não é o mesmo. Não foi como se as transcrições dela tivessem chegado com a porra de um álbum de família!” Era uma maravilha que ele não tivesse arrancado todo o cabelo do crânio, pela maneira como passava as mãos sobre ele. “Ela tem que ir.”

“Não seria mais sensato conter o problema? Ela assinou um termo de sigilo, o que significa que não pode falar uma palavra sobre nada relacionado ao Noctisoma. Não sem repercussões jurídicas.”

Ele coçou o queixo, obviamente considerando minhas palavras enquanto olhava para longe. “Ela tem alguma outra família?”

Não gostei da ideia de contar a ele as informações pessoais de Lilia, mas não contar a ele só poderia alimentar sua curiosidade, fazendo-o observá-la mais de perto, em vez de confiar em mim para ficar de olho nela. “Uma meia-irmã e ex-namorado da mãe.”

Outro gole e ele estalou os dedos, pedindo outra dose. “E a mãe faleceu? Sabemos que ela faleceu?”

Empurrei a garrafa na frente dele, recusando-me a agradar o homem toda vez que ele tomava sua bebida, mas Deus ajude o bastardo se ele derramasse novamente. “Quatro anos atrás, pelo que percebi.”

Ele serviu sua bebida e eu observei enquanto ela espirrou na borda, mas para sorte dele, ela permaneceu no copo. “Ela não veio até você com nenhuma pergunta?”

Isso era ridículo. “Sim. Uma maldita barragem delas. Nenhuma preocupante.” A cadeira rangeu quando me recostei e coloquei os pés em cima da mesa. “Ela é apenas uma garota que sonha em encontrar a cura para a doença que tirou a vida de sua mãe.”

“Ela não perguntou nada sobre *Crixson?*”

“Não. E o que isso importa? Esses arquivos estão bloqueados. As informações sobre sua mãe e Kepling não existem mais. Você está sendo paranoico.” Além do puro fascínio, eu não tinha nenhuma ligação, nenhuma lealdade com a garota. O fato de eu estar protegendo-a não fazia sentido para mim.

Exalando um longo suspiro, ele deslizou para a cadeira oposta. “Talvez você esteja certo. Que porra ela pode fazer? Nada.” Ele virou todo o copo de bebida de uma só vez e bateu o copo na minha mesa. “Tudo bem. Ela fica. Por agora.”

Foi então que me ocorreu que eu tinha acabado de negociar a possibilidade de Lilia permanecer matriculada.

Inferno, se eu sabia por quê.

Olhei para o meu telefone, onde o vídeo de Lilia estava pausado.

Eu sonhei com ela na noite anterior. Aqueles dedos longos e finos traçando meus braços e subindo pela nuca. Um tormento que carreguei comigo durante toda a tarde e noite, quando ela interrompeu minha concentração na biblioteca. Gilchrist era um incômodo, mas Lilia era uma distração. Uma irritantemente bem-vinda.

Pensei no olhar dela quando a encurralei contra aquelas estantes. O brilho desafiador que me fez querer agarrar aqueles malditos lábios carnudos dela e acabar com o que quer que fosse que me mantinha refém do feitiço venenoso da garota. Aquele cheiro irritante dela que mexia com a química do meu cérebro. O delicioso encantamento, que sem dúvida atraía os homens para a perdição.

Um toque. Um toque acabaria com essa curiosidade agonizante, mas poderia me levar à loucura.

Maldita seja por ser tão curiosa. As perguntas que ela começou a fazer mergulharam em águas perigosas, principalmente porque Lippincott suspeitava

de quem era sua mãe, e se a pessoa errada a ouvisse, quem sabia o que isso significaria para ela.

Eu detestava essa obsessão secreta que comecei a desenvolver por ela.

Era errado.

Embora ela pudesse ser maior de idade, essencialmente uma mulher, ela ainda era proibida, e o fato de eu ter qualquer sentimento de desejo servia como uma prova da eficácia da minha última inoculação.

Tirei a seringa do estojo, onde a substância roxa pálida fazia minhas veias latejarem por um gole. A toxina começou a ser metabolizada em um ritmo muito mais lento para mim, depois de todas as semanas em que a tomei, mas não estava nem perto de ser estável o suficiente para testes clínicos. Na ausência do parasita, ela não tinha nenhum mecanismo verdadeiro para se reabastecer e, portanto, seus efeitos eram de curta duração. Gerações subsequentes do parasita haviam se mostrado mais específicas em relação à genética humana, mas ainda havia uma falha. Sustentabilidade.

E a questão de exigir o sacrifício humano para criar o parasita e ensiná-lo a nossa fisiopatologia.

A outra questão era um efeito colateral que desencadeou minha própria necessidade de procriar.

Mesmo na ausência do próprio parasita, já que a inoculação que eu mesmo me administrei consistia apenas em toxina purificada, ainda assim compelia meu cérebro a fazer sexo com algo. Um impulso que eu havia conseguido controlar em grande parte, mesmo na presença das muitas mulheres jovens e férteis no campus. Um mecanismo químico realizado pela própria toxina que eu injetava em mim mesmo voluntariamente.

Porque era também essa toxina que compelia meu sistema imunológico e ajudava a criar proteínas protetoras que efetivamente reparavam os danos da minha condição médica. Revertiam-na, mesmo que apenas temporariamente. Cada novo episódio, onde meus músculos travavam e minha cabeça latejava de agonia, era uma destruição fresca que precisava ser reconstruída pelo exército potente de proteínas da toxina.

E ainda corria o risco de isso atingir meu coração.

Ansiava pelo dia em que pudesse controlar melhor a toxina, de uma forma que pudesse permitir uma reversão completa da genética defeituosa que causava a doença. A mesma doença que acabou matando meu pai.

Não era a exaltação pelo potencial que minha pesquisa poderia alcançar que eu buscava. Eu só queria sentir algo de novo.

Depois de limpar o local com álcool, alinhei a agulha na veia e enfiei-a na carne. Sem picada. Nenhuma queimadura do líquido. Apenas um pouquinho de sangue se acumulou ao redor do ferimento, que cobri com algodão e retirei a seringa.

Em qualquer outro laboratório, eu teria caído em desgraça por ter me usado como cobaia. Perderia minha licença e seria colocado na lista negra da academia.

Felizmente, Dracadia não era qualquer outra universidade.

Se eles tivessem conhecimento disso, suspeitava que fariam vista grossa, desde que eu continuasse a relatar o progresso. E não morresse. Embora eu mantivesse um senso de legitimidade nos laboratórios de cima, aqui, em meu laboratório particular, eu poderia escapar impune de qualquer coisa – até mesmo de um assassinato.

Não foi sem persuasão que concordei em assumir a pesquisa do meu pai. Em seu leito de morte, prometi que seus estudos ao longo da vida morreriam com ele. Foi Lippincott quem me encorajou a considerar isso. Para investigar o potencial de cura da minha própria aflição. Ele concordou em financiar a pesquisa e trabalhou para revigorar o interesse nela, depois que meu pai afastou de si toda a comunidade acadêmica.

Eu precisava que fosse um sucesso.

Estava desesperado para me livrar do legado humilhante de meu pai.

A sala se inclinou e mudou enquanto a toxina pulsava em minhas veias. Uma euforia tomou conta de mim com a intensa onda de dopamina. Grunhindo e gemendo, fiquei tenso e flexionado enquanto a toxina penetrava na minha corrente sanguínea. Embora não tenha conseguido devolver meu tato, cada dose diminuía os episódios convulsivos que sofri. E, claro, alimentava minha libido.

Peguei meu telefone e o vídeo de Lilia foi pausado.

Pare com isso, minha cabeça pediu. *Ela não.*

O que havia na garota que me fazia quebrar minhas próprias regras?

Talvez fosse por saber que Lippincott a estava observando. Que ela nadava involuntariamente em um mar plácido onde tubarões se escondiam sob a superfície, e a vulnerabilidade falou comigo.

Talvez tenha sido a maneira como ela me desafiou e todos os meus preconceitos contra ela, aquela resiliência inabalável que eu achava tão atraente. Uma onda de calor percorria minhas veias, inflamando meu sangue.

Senti-me atraído por ela, por razões que não conseguia justificar nem compreender. Uma constatação que me irritava pra caralho. Ela era uma presença persistente em minha mente, uma coceira que eu não conseguia aliviar. O brilho enlouquecedor no canto do meu olho durante a aula, que distraía meus pensamentos. O tipo de garota que seduz com apenas um olhar. Uma mordida no lábio.

E ela capturou minha atenção com ganchos de aço.

Queria saber mais sobre ela, quem ela era, de onde veio, como funcionava aquela mente brilhante dela.

Mas não era certo.

Empurrei o telefone para fora do alcance, resisti ao desejo de me entregar ao voyeurismo como qualquer outro pervertido que assistira ao vídeo. Em vez disso, recostei-me na cadeira e libertei meu pau. No passado, eu teria ligado para Gilchrist para aliviar a dor e me transportar para o tipo de felicidade que me escapava na maioria das vezes durante o sexo. Fechei os olhos, imaginando a última sessão com Gilchrist, quando eu a tinha de joelhos, com os lábios enrolados em meu pau. Uma ponta de decepção acompanhava cada golpe da minha mão. Seu ritmo estava sempre errado e, por algum motivo, ela erroneamente acreditou que eu gostava da sensação de seus dentes contra meu pau.

Pude me sentir franzir a testa enquanto bombeava a mão no meu pau, a carne ficando macia, pois a fantasia não me agradava muito.

Uma nova imagem passou pela minha cabeça.

Cabelo ruivo ardente.

Olhos verdes árticos.

Lábios macios e carnudos explorando minha carne.

Meu corpo endureceu quando cada gota de sangue disparou direto para o meu pau. Antes que eu pudesse me conter, estava fodendo minha própria mão com o visual de Lilia – sua saia curta levantada e sem calcinha, me provocando. Enquanto meu abdômen balançava e flexionava com um desconforto perturbador, meu pau se deleitava com isso. Com o punho batendo em uma batida de depravação inebriante, imaginei-o emaranhado em seu cabelo, usando sua boca das maneiras mais requintadamente obscenas.

Joguei minha cabeça para trás com uma explosão de luz que atingiu a parte de trás do meu crânio. Jatos quentes explodiram em meu punho, suavizando os golpes finais. Com o corpo estremecendo, soltei um gemido, um maldito gemido. Nunca fiz nenhum som quando gozei, mas a agonia foi agridoce. Descansei a cabeça no braço, dando os últimos impulsos, e estremeci novamente.

Respirando com dificuldade pelo nariz, tentei recuperar o fôlego, e foi quando minha consciência finalmente me alcançou que gemi novamente, mas desta vez de frustração. “Porra.”

Só assim, Lilia Vespertine tornou-se mais que uma estudante.

Ela era um problema sério.

“Eu posso senti-los. Dentro das minhas entranhas. Você os colocou lá! Seu filho da puta!” Barletta andava de um lado para outro dentro de sua cela, mancando de uma ponta a outra. “E-eles rastejam para dentro e fora, dentro e fora.”

“Relaxe, Sr. Barletta.” Examinei as paredes, notando mais manchas úmidas – vários pontos onde ele provavelmente aliviou seus desejos sexuais. A vontade de conter um engasgo me fez desejar ter trazido um pouco de Vicks para o nariz, ou NeutrOlene para borrifar. Eu já tinha me acostumado com o cheiro de corpos mortos, mas isso era algo completamente diferente.

“Não! Eu não vou relaxar! Ele bateu contra as barras de sua jaula. “Eles estão me comendo de dentro para fora! Você não acha que posso sentir isso!”

Soltei um suspiro, minha cabeça ainda envolvida em uma ruiva irritante com uma boca inteligente. “Eles só começam a consumir na hora da morte. O que você está sentindo é uma onda de crescimento. E talvez alucinação.”

“Eu quero que eles saiam. Tire-os de mim!” Ele bateu contra as barras com o que deve ter sido um estalo doloroso nos nós dos dedos. “Por favor!”

“No momento certo. Eu prometo. Sente-se.” Fiz um gesto em direção à cadeira que ele derrubou mais cedo com seu pequeno acesso de raiva. “Vou terminar minha história e te dar um pouco de água.”

Olhos cautelosos me encararam, cheios de desconfiança. “Não quero um pequeno copo de água. Quero um copo cheio! Com gelo.”

“Considere isso feito.”

Com as mãos trêmulas, ele puxou a cadeira para mais perto das barras e sentou-se, aparentemente mais calmo do que antes. Com a progressão da doença, suas explosões acabariam se tornando cada vez mais violentas em seu desespero para escapar.

“Além da sensação de rastejamento, como está se sentindo?” Perguntei.

“Meus músculos doem. Às vezes, sinto como se algo estivesse rastejando na minha pele.” Ele coçou o braço, fazendo uma careta, como se pudesse sentir isso naquele momento. “E estou vendo meu maldito filho. Constantemente. Só que ele não é meu filho. Ele é uma... versão distorcida que carrega um martelo e me diz que vai quebrar meu crânio.”

Oh, a justiça da culpa. Às vezes era quase divertido. “Ele não é real, posso garantir.”

“Ele parece real.” Com os olhos brilhando, ele desviou o olhar. “Tão real.”

“É a sua culpa brincando com você.”

Ele baixou o olhar para suas mãos inquietas. “Você já teve alucinações com seu irmão?”

“Sim”, respondi honestamente. “Frequentemente.”

“Então... aquela ligação que seu pai recebeu. Aquela que você me contou em sua última história. O que era?”

Foi repugnante a forma como a pergunta dele sugou a alegria, o êxtase, de dentro de mim. Os efeitos eufóricos da toxina se transformaram em algo escuro e retorcido que puxou meu estômago. “Na verdade, eu só descobri muito tempo depois. Só quando descobri o destino do meu irmão.”

Com a bebida em uma das mãos, olho para as rochas pontiagudas e mortais, onde as ondas do oceano quebram em um borrifo caótico de água. O mundo ondula ao meu redor no mesmo padrão rítmico, fazendo-me balançar . As palavras do meu pai ecoam dentro da minha cabeça num vácuo de pensamentos tóxicos.

“Não faça isso.*” Ao som da voz de Caedmon, viro-me e vejo-o parado ao meu lado. Mas não era ele, era a versão intangível do meu irmão que me visita quase todas as noites.*

Vê-lo me enche de vergonha e me viro em direção às rochas abaixo. “Eu falhei. Sou um fracasso.”

“Você não é. Isso é obra do pai.”

“Deveria ser minha.”

“Pare com isso”, ele repreende em seu habitual tom impaciente. “Pare *de ser um idiota chorão e saia dessa borda. Você é esperto demais para perder tempo com* culpa.”

“Eu não tenho nada, Caed. Nada.” Sem meu irmão, qualquer parte sensível de mim que restou foi cortada ao meio com seu desaparecimento, deixando apenas uma casca. “Eu me sinto vazio e oco. Tão vazio que está frio.”

“Escute-me.*” Sua voz é suplicante, e mesmo em meu estado de embriaguez, posso sentir o desespero nela. “O* Pai tem algo que eles querem. Descubra o que é e me liberte.*”*

“É inútil. Ele nunca vai me contar.” Bebo outro gole da garrafa de bebida e balanço novamente.

“É claro que ele não vai. Você tem que descobrir sozinho, Devryck. Droga, pense!”

A voz de Caedmon contém uma raiva séria que atravessa minha névoa de embriaguez. “Ele mantém todos os seus segredos em seu laboratório.”

“ Sim. Muito bem.”

“É o trabalho de sua vida. Eles querem isso.”

“Sim. Precisamente.” *Seu tom, cheio de esperança, ancora meu foco.*

“Como?”

“ Você sabe como. Você já viu, escondido. Trancado naquele armário.”

“O cofre?” Consigo visualizá-lo em seu escritório. No canto de trás daquele armário. O pequeno cofre onde ele guardou a foto da mãe depois que eu a quebrei.

“ Sim. O que há dentro do cofre?”

“Além da foto dela? Não faço ideia. Eu nunca consegui abri-lo.” Quem diabos iria querer seus experimentos fracassados? O estudo que desonrou o nome da nossa família.

“Encontre um caminho. E pelo amor de Deus, cara, saia da beirada. Você está me deixando nervoso.”

Uma rajada de vento errática me desequilibra e tropeço para trás. Meu equilíbrio vacila. Eu escorrego na pedra.

O chão escorrega sob meus pés e eu deslizo contra as pedras escorregadias, a superfície abrasadora e irregular cortando meu abdômen enquanto meus dedos se prendem na borda. “Porra!” Atrevo-me a olhar para baixo, onde o oceano me convida a deixar ir. Isso me provoca a soltar meu domínio e deslizar para o vazio.

“Levante-se, Devryck. Escale!”

Aperto meus músculos e me esforço, os braços tremendo com o esforço.

“Levante-se!” *Suas palavras são um grito doloroso que atinge meu crânio.*

“Ahhhh!” A agonia martela meus ossos, enquanto meus músculos ficam presos em uma rigidez mortal. “Não posso! Eu vou morrer, porra!”

“Você não vai morrer. Se agarre de volta nesta beirada, seu idiota!”

“Não.” Solto meus músculos e penduro-me em meu aperto traiçoeiro. “Não,

Caedmon. Eu não quero."

"Eu preciso de você, irmão. Estou te implorando. Tente."

Imagino meu irmão, onde quer que esteja, aguentando firme. Agarrando-se à esperança.

Com isso, respiro apesar da dor das cólicas, os dedos cravando-se na rocha. Agarrando com força e segurança, eu me levanto e, antes que possa escorregar, ajusto rapidamente meus braços para que eles me prendam na borda. Eu chuto minha perna para cima, usando os músculos da coxa para me impulsionar para cima. Num esforço conjunto de todos os membros, consigo me erguer de volta para a borda e me afastar de sua borda precária. Deitado de costas, respiro pelo nariz, desesperado para recuperar o fôlego nos pulmões, que parecem ter sido esmagados por uma palma de ferro.

Caedmon fica olhando para mim. "Me liberte."

Volto para casa, pensamentos sobre meu irmão me deixa sóbrio ao longo do caminho. Pela entrada da frente, passo por Dmitry, nosso mordomo, que me chama, mas suas palavras se perdem na lama de pensamentos que correm pela minha cabeça. Ele tenta me impedir quando chego à porta do porão, mas eu o empurro com raiva. O ar esfria enquanto desço a longa e sinuosa escadaria em direção ao laboratório do meu pai. Os gritos vindos de trás ficam mais selvagens, as palavras ficam confusas no meu estado de embriaguez.

Por um longo corredor, chego ao laboratório, onde a porta está entreaberta.

Lá de dentro, ouço os gritos do meu irmão.

Caedmon!

Empurro a porta e encontro meu pai parado diante de uma caixa em uma das mesas de exame. Sua mão está enrolada em torno de uma pequena câmera de vídeo, seu rosto é uma máscara de raiva e lágrimas.

"Pai?" Eu cambaleio em direção a ele, confuso. "Caedmon?"

Ele deixa cair a câmera e cambaleia para trás, como se quase tivesse desmaiado.

Antes que ele possa deslizar para cima novamente, eu corro até a máquina e a

levanto, os olhos encontrando instantaneamente a pequena tela, na qual meu irmão está sentado amarrado a uma cadeira. Do ponto de vista do cinegrafista, observo as chamas saindo de um maçarico, lambendo as pernas feridas e cheias de bolhas do meu irmão.

O pânico sobe pela minha garganta. Caio para frente, minhas palmas batendo no concreto. Uma torrente de vômito jorra pela minha boca, respingando no chão. Outra rodada atinge os fluidos que se acumulam, espirrando em meu rosto.

Com as pernas trêmulas, fico de pé e espio dentro da caixa. Meu pai corre em minha direção, mas eu me viro a tempo de dar um empurrão forte que o derruba de bunda para trás. De dentro da caixa, retiro uma pequena caixa preta com uma nota anexada:

Conforme solicitado, devolvemos seu filho.

Com as mãos trêmulas, abro a tampa e encontro uma pilha de cinzas dentro.

Minha respiração fica muito rápida. A sala fica fora de controle.

Eu deslizo para a escuridão.

“Eles o mataram.” O tom sombrio de Barletta me trouxe de volta ao presente.

Meus músculos ficaram tensos com a pergunta. “Acho engraçado que você ouça essa história como se fosse a primeira vez que a ouve.”

Suas sobrancelhas tremeram, seus olhos reflexivos mudando em sua cela escura. “Eu não …. Não sei o que você quer dizer.

“Foi você quem transportou meu irmão até seu assassino.” Lá estava. A razão pela qual tirei um homem das ruas e o infectei com os vermes mortais que começaram a devastar seu corpo. Vingança. Vingança pelo meu irmão gêmeo que foi brutalmente assassinado por ganância. Pela mesma pesquisa à qual dediquei minha vida.

O olhar de Barletta se desviou e voltou para mim. “Eu?” ele perguntou com uma risada nervosa. “Não, você pegou o cara errado. Não sei do que está falando.”

“Não me insulte. Na noite de 23 de outubro, você levou dois associados e meu irmão a um prédio abandonado fora da cidade. Você foi o último a vê-lo vivo.”

O silêncio pairou no ar, enquanto ele revirava os ombros para trás e se mexia, talvez percebendo que não havia nenhuma maneira de eu planejar deixá-lo viver. “Eu só fiz esse trabalho por cerca de um ano.”

“Trabalho. É isso que você chama de entregar humanos para abate?”

Ele balançou a cabeça, a negação repugnante pintada em seu rosto me fazendo desejar poder cortá-lo com uma lâmina afiada. “Eu não sabia nada sobre ele, ou você, ou seu pai. Disseram-me que levaria uma criança para um lugar na zona leste. Eu não sabia para quem ou por quê.”

“Mesmo assim, você fez isso, de qualquer maneira.” Minha voz não tinha nenhuma inflexão. Sem empatia. Tão sem vida quanto um cadáver. “Você nunca questionou, nem fez um acompanhamento para ter certeza de que o garoto ainda estava vivo.” Dei de ombros, recostando-me na cadeira. “Por que faria isso, quando você espancou seu próprio filho?”

Com a expressão confusa de medo, ele balançou para frente e para trás na cadeira. “É por isso que estou aqui, então, hein? Foi por isso que você me trouxe aqui. Algum plano de vingança doentio?”

“Você é muito brilhante.”

“Eu nunca quis machucar nenhuma criança. Se eu soubesse que eles iriam torturá-lo…”

“Você teria o quê?” Inclinei a cabeça, observando o homem vomitar mentiras tão facilmente como se fossem verdade. “Salvado ele? Chamado a polícia? Faria o que qualquer ser humano decente teria feito?” Deixei escapar uma risada sem alegria. “Não. Acho que não, Sr. Barletta. Você é uma merda. Alimento para os vermes.”

“O que você quer? Você tem que querer alguma coisa.”

“Acontece que sim. E agora é a hora de solicitá-lo, antes que seu cérebro comece a se deteriorar.”

“O que?” Ele caiu da cadeira de joelhos e agarrou as barras da cela. “Qualquer coisa! Eu farei qualquer coisa!”

Não impressionado com seu apelo, observei com ar de desgosto o homem derramar lágrimas inúteis. “A razão pela qual eu trouxe você aqui é simples. Eu

preciso de um nome. Um nome que só você pode me dar.”

“Quem? Quem!”

“Parece que demorei muito para chegar até Victor Rossi, um dos dois associados que transportaram meu irmão. Ele infelizmente morreu de um ataque cardíaco. O outro sucumbiu rapidamente aos vermes. Mas não antes de ele oferecer o seu nome. Então, cabe a você, Sr. Barletta, me dizer o nome do homem a quem entregou meu irmão.”

“Você está falando, o quê? Quase vinte anos atrás?” Ele soltou as barras da cela, curvando-se em derrota. “Como diabos eu me lembraria disso?”

“Não sei.” Do bolso interno do meu casaco, tirei uma seringa tampada e levantei-a para ele ver. “Este é o antídoto que evitará que você morra. Eu sugiro que você se lembre. E se mentir para mim? Você pode dar um beijo de adeus.”

“Ahhh, Jesus. Jesus, Maria e José, que porra é essa?” Ele passou a mão pelo rosto. “Victor Rossi… sim… eu sei o nome. Então... o cara... ele era...” Franzindo a testa, ele pareceu pensar muito no nome, desesperado para lembrar. “De Nova York... Era... Angelo. Angelo! Foi o Angelo! Angelo DeLuca!”

“Você tem certeza disso?”

“Sim. O cara era um idiota. Posso ver seu rosto claro como o dia.” Seus olhos brilharam com uma esperança doentia de que eu estava ansioso demais para apagar. “Seu nariz era torto, como se ele tivesse levado muitos socos. E ele tinha uma cicatriz feia no olho.” É incrível o que uma pessoa poderia lembrar nas circunstâncias certas.

Fiz uma anotação mental do nome – minha próxima cobaia. “Então, você vai ficar quieto enquanto eu faço algumas pesquisas sobre o Sr. DeLuca.”

“E esses vermes, cara? Não aguento que eles se movam dentro de mim. Isso está me assustando!”

Dei de ombros com um sorriso. “Espero que eu o encontre com bastante facilidade. Mas antes de começar essa perseguição, você tem certeza absoluta de que esse é o cara?”

“Sim. Eu juro... pela porra do meu próprio túmulo. É ele. Por favor. Tire essas malditas coisas de mim!”

Levantei-me da cadeira e endireitei minha calça, sem ser afetado por seu desespero. Eu não tinha intenção de ajudá-lo. A seringa que levantei não continha nada além de solução salina estéril. “Vou deixar você saber como vai a pesquisa.”

“Por favor, se apresse, cara. Não aguento mais essa merda.” Esfregando o crânio, ele balançou para frente e para trás no chão. “Não posso. Está fodendo com a minha cabeça.”

“Sim. Isso fode com a sua cabeça. Essa é a natureza disso. Falaremos em breve, Sr. Barletta. Aproveite sua noite.”

“Aproveitar …. Aproveitar a porra da minha noite? Em uma prisão? Onde está minha água? Eu quero minha água!”

“Ah. Sim, quase esqueci.” Caminhei pelo corredor, onde havia um copo de plástico ao lado de uma mangueira que eu havia colocado nos níveis inferiores. Girei-o e enchi o copo até a metade – cerca de duas vezes a quantidade que eu havia dado a ele nas outras vezes.

Seus olhos brilharam quando voltei com ele, as mãos estendidas através das grades da cela. “Por favor”, disse ele com a voz trêmula, aceitando cuidadosamente a bebida e tomou um gole vigoroso. Suas sobrancelhas se franziram e ele abriu a boca, como se fosse vomitar. Um longo verme preto deslizou por seus lábios para dentro do copo, e ele baixou-o lentamente com as mãos trêmulas, os olhos arregalados e em pânico. “Oh, merda,” ele sussurrou com uma voz trêmula. “Oh, porra.”

Estendi a mão através das barras, incitando-o a passá-lo para mim.

Como se estivesse em transe, ele não tirou os olhos do copo ao entregá-lo. “Isso...” Ele engoliu em seco e abafou outro engasgo. “Isso é o que está dentro de mim?”

Segurando a escassa quantidade de água diante da lâmpada nua, estudei o verme enrolado no fundo dele, notando os dentes que tentavam se prender na superfície. “Sim. Parece que eles evoluíram.”

Ele bateu a mão na boca, respirando com dificuldade pelo nariz. “Eu não quero vomitar. Receio que mais desses filhos da puta saiam voando!”

“Sim, é melhor mantê-los contidos, caso contrário eles tentarão fugir.” Baixei o copo e me voltei para Barletta, que estava agachado no canto da cela, tremendo.

“Você não está bem da cabeça, está? Não há como você estar certo da cabeça.”

O som da minha risada ecoou pelo corredor. “Diz o homem que bateu no filho com uma garrafa?”

“Eu estava bêbado. Eu nunca machucaria alguém intencionalmente. Mas isso? Isso é doentio!”

Suspirando, olhei para dentro do copo, para o verme totalmente crescido. Alguém que passou as últimas semanas alimentando-se do fígado do homem. “Suponho que você esteja certo. Deve ter sido todas aquelas pancadas no crânio.” Bati um dedo na minha têmpora. “Dê uma olhada no que acontece quando você bate em seus filhos.”

“Você não vai me deixar ir.”

Com a cabeça inclinada em descrença pela ignorância do homem, eu soltei uma risada. “Foi isso que você pensou? Que nosso tempo juntos terminaria comigo libertando você? Receio que não.”

Choramingando, ele balançou, as mãos percorrendo o crânio. “Eu estava em uma situação ruim quando trabalhava para aqueles idiotas que levaram seu irmão. Eu não estou mais lá.”

“Isso é ótimo. Verdadeiramente. Suspeito que da próxima vez que conversarmos, você estará um pouco preocupado.”

Ele parou e olhou para mim, o desespero em seus olhos era quase ridículo. “Com o que?”

“Tentando não vomitar suas próprias entranhas.” Voltei pelo corredor e, ao ouvir o grito de Barletta, sorri maliciosamente, olhando por cima do ombro. Algo chamou minha atenção.

Uma figura sombria no corredor oposto, depois da cela de Barletta.

Franzindo a testa, me virei, examinando a forma, e voltei naquela direção, até ficar novamente na frente de Barletta.

A figura não se moveu. Ele apenas ficou olhando, quase todo escondido pelas

sombras.

“Quem está aí?” Eu gritei.

“Alguém está aí? Você viu alguém?” Barletta bateu nas barras da jaula e estendeu a mão para pegar meu casaco. “Tire-me daqui, doutor! Eu quero sair!”

Carrancudo, olhei para baixo e vi seus dedos enrolados em meu casaco, e o soltei. Quando levantei meu olhar novamente, a figura sombria havia desaparecido. Para ter certeza, cheguei mais perto, o copo que continha o verme ainda preso em minha mão.

Nada além do corredor vazio estava à minha frente, repleto do som dos gritos de Barletta.

Capítulo 32

Lilia

Depois de duas horas reunindo trechos de vários artigos e estudos sobre *simbiose como uma perspectiva evolutiva* para a próxima prova dissertativa de Gilchrist, eu estava cansada disso.

Estou farta disso.

Quem diria que relações benéficas entre insetos poderiam ser tão chatas?

Pelo menos a aula de Bramwell oferecia um pouco de horror e ação com seus parasitas controladores da mente.

Quando me recostei na cadeira, avistei Mel passando apressadamente pela porta aberta do meu dormitório. Coisa estranha, a universidade. Em casa, sempre mantive a porta fechada, odiando a falta de privacidade. Em Dracadia, eu recebia saudações ocasionais quando um dos meus colegas de andar passava. Muitas vezes eles eram respeitosos o suficiente para não entrar e nunca pareciam particularmente intrometidos ou preocupados com o que eu guardava em meu quarto. Talvez tenha sido por isso que não me importei.

“Mel!” Gritei, derrubando a xícara de café que havia deixado no chão ao lado da minha cadeira... para não a derrubar da mesa. “Merda.” Pegando um lenço de papel da caixa ao lado do meu laptop, ajoelhei-me e limpei-o, sem perceber

imediatamente que ela havia parado na minha porta.

“E aí?” ela perguntou, encostando-se no batente da porta.

Abandonando os lenços encharcados, limpei as mãos molhadas na saia do vestido e me levantei. “Ei, posso fazer algumas perguntas?” Com um aceno frenético de minha mão, encurralei-a dentro do meu quarto e fechei a porta atrás dela.

“Claro?”

“É sobre o Crixson Project. Veja, eu trabalho na biblioteca e... bem, não consigo encontrar nada sobre isso. A bibliotecária com quem trabalho diz que há alguns textos, mas estão fora dos limites.”

“Esses textos são inúteis e sem sentido.”

Inútil e sem sentido. Significa o quê? Ela tinha informações melhores? “Então… como…. Como você sabe tanto?”

“Por que você quer saber?”

Dizer a ela que eu tinha suspeitas sobre Andrea Kepling e sobre a natureza do experimento liderado pelo pai do professor Bramwell seria colocar muitas das minhas cartas na mesa ao mesmo tempo. Eu queria ver o que ela tinha primeiro. “Eu me vejo questionando a pesquisa atual do Professor Bramwell.” Baixei minha voz. “Não confio nele.”

“Você e todos os outros.”

Ok, parecia que eu precisava de uma moeda de troca maior. “Eu sei o que aconteceu com um dos participantes que escapou.”

“Como?”

Em vez de responder, balancei a cabeça. Se ela soubesse que foi Spencer quem me informou, duvidava que ela daria muito mérito.

Ela olhou para mim por um momento, sua mandíbula flexionando. Contemplando. “Venha ao meu dormitório esta noite e vou te mostrar.”

Bem desse jeito. Achei que teria que fazer alguma loucura, como sacrificar uma cabra para que ela me contasse a informação, mas lá estava ela, oferecendo-a

como bebida de graça na comunhão. “OK. Que horas?”

“Depois das dez.”

Uma batida na porta nos interrompeu e, franzindo a testa, abri a porta para encontrar uma loira estranha usando roupas elegantes que, aos meus olhos destreinados, pareciam de grife. As rugas mais duras em seu rosto indicavam que ela tinha cerca de quarenta anos, mas seu cabelo e vestido lhe davam uma sensação de juventude. Percebi a contração de seu lábio quando ela deu uma rápida olhada, examinando claramente minha roupa menos impressionante.

“Srta. Vespertine?” ela perguntou, como se o nome deixasse um gosto amargo em sua língua.

“Sim?”

“Eu sou Missy Finch. Sou dona da boutique em Emberwick. O Sr. Spencer Lippincott me enviou para tirar suas medidas para um vestido.”

O ar desapareceu de mim com a lembrança de que eu tinha me comprometido com aquele evento de caridade com ele. “Oh Deus.”

“Spencer?” O ar de desgosto na voz de Mel me fez estremecer. Não que eu me importasse que ela tivesse algo contra ele, mas o momento estava um pouco errado. Eu não precisava que ela se calasse quando eu estava prestes a chegar a algum lugar em minhas perguntas intrometidas. “Você está realmente saindo com aquele cara? Ele é um canalha!”

O olhar da loira se voltou para Mel e, a julgar pela expressão de repulsa em seu rosto, parecia que Lippincott era mais do que um cliente que a enviou para me medir. “Perdão.”

“Olha, é um mal-entendido,” interceptei antes que uma briga pudesse estourar no meu dormitório. “Srta. Finch, eu aprecio você ter passado aqui, mas não preciso que me meça.”

Seus olhos azuis brilhantes se inflamaram com indignação. “Eu vim até aqui, deixei minha boutique desatendida, enfrentei o tirano na porta e agora sofro insulto a um amigo da família.”

Com um acesso de irritação, Mel saiu do meu quarto e eu voltei minha atenção para a loira.

“Me desculpe. Você pode me dar um minuto?”

Ela cruzou os braços e ergueu o queixo arrogantemente. “Só um minuto.”

Corri atrás de Mel, que só estava a três portas de mim. “Espere. Você pode, por favor, me dizer o que diabos está acontecendo com Spencer para que você o odeie tanto?”

“Entendo. Você não dá a mínima para o que a aberração tem a dizer. Vá curtir seu pequeno romance com o filho privilegiado do reitor.”

Emo Jesus de vestido preto, eu não tinha paciência para ela naquele momento. “Dou a todos o benefício da dúvida. Incluindo você. Assim como eu não daria a mínima para o que alguém tem a dizer sobre você sem eu mesma descobrir, gostaria de ser meu próprio juiz no que diz respeito a ele.”

“Então, descubra você mesma. Mas não diga que não avisei.”

“E quanto ao encontro? Ainda está de pé?”

Um olhar furtivo ao redor e ela se inclinou para mais perto de mim. “Você está pedindo informações confidenciais. Por que diabos eu deveria confiar em você quando você confia tão *abertamente* nos outros?”

“Porque você ainda quer saber o que eu sei. E eu nunca disse que confiava totalmente em Spencer. De onde eu venho, revelar segredos faz com que você morra.”

“Como é o caso aqui.” Ela passou a língua sobre os dentes e, com os braços cruzados, estudou-me novamente como se precisasse pedir permissão aos seus outros humores internos primeiro. “Não sei por que me incomodo com você, Vespertine. Talvez porque você não é uma mimadazinha presunçosa e confiante. Mas você ainda me irrita pra caramba.”

“Isso é um sim, então?”

Ela revirou os olhos e bufou. “Sim. Eu acho.”

Obrigada Senhor. Suspirando de alívio, voltei para o meu quarto e encontrei Missy remexendo nos vestidos pendurados no meu armário.

“Ei!”

“Não é que você seja totalmente de mau gosto, veja bem. É só que, bem, você não tem senso de equilíbrio.”

“Eu tenho equilíbrio.”

Ela me estudou pelo que pareceram minutos, estreitando os olhos de vez em quando, como se desaprovasse quaisquer pensamentos que passassem por sua cabeça. “Você me lembra alguém. Você é parente dos Corbins?”

“Não. Mas você é a segunda pessoa que pergunta.”

“É incrível. O cabelo.” Ela apontou para o dela, franzindo a testa como se houvesse algo errado com o meu. “O rosto. Os olhos. É como se eu estivesse olhando diretamente para ela novamente.”

“Quem?”

“Uma colega de classe antiga minha. Vanessa Corbin. Ela morou aqui na ilha por vários anos.”

“Mas ela se parece comigo?”

“Uma imagem cuspida.” Acenando com a mão em sinal de dispensa, ela balançou a cabeça. “Vamos acabar com isso, certo? Vou tirar as medidas e voltar para minha loja e ver qual vestido combinaria melhor com sua figura.”

“Espere, espere, espere.” Eu levantei minhas mãos com isso. “Eu não posso escolher o vestido?”

Ela olhou para meu traje e depois para mim. “Acho que não é uma boa ideia.”

“Bem, acontece que sou muito exigente com o que visto. E não estou em condições de gastar...”

Ela ergueu a mão, recusando-se a ouvir o que eu tinha a dizer. “O custo é irrelevante. Como eu disse, os Lippincott são *amigos*.”

“OK. Tudo bem. Mas eu gostaria de experimentar antes do evento. Recuso-me a usar qualquer coisa que me deixe desconfortável.”

“Não dá, querida. Dependendo do vestido, os ajustes podem levar até a noite do evento.”

“Tudo bem.” Se acontecesse que eu odiasse o vestido, usaria um dos meus ou

fingiria estar doente. De qualquer forma, a mulher não estava prestes a ditar o que eu vestiria.

Quando ela segurou meus ombros e me incentivou a ficar de pé, seu olhar pousou em algum lugar em meu pescoço, e ela franziu a testa, levantando o pequeno frasco com as cinzas de minha mãe pendurado em sua corrente de contas. “O que é isso?”

“Pertencia à minha mãe”, respondi sem muita convicção.

“Isto terá que ir embora, na noite de gala. Certamente não combinará com nenhum vestido que eu fornecer.”

Eu gemi e balancei a cabeça. “OK. Podemos simplesmente começar a medir?”

Durante os vinte minutos seguintes, ela deve ter feito cerca de cem medições diferentes, como se estivesse prestes a clonar uma versão tridimensional de mim mesma em sua loja. Com impaciência, deixei que ela fizesse o que queria, um pouco irritada com o ritmo lento em que ela se movia.

Quando ela finalmente terminou e saiu do meu quarto, eu estava realmente ansiosa para voltar para a simbiose dos insetos.

E eu teria mergulhado de cabeça nesses estudos se não tivesse avistado o professor Bramwell lendo debaixo da árvore no pátio. Incomum, visto que ele raramente passava um momento fora de seu escritório ou laboratório, pelo que observei nas últimas semanas.

O fato de o cara ter que ser absolutamente encantador com um livro nas mãos, me deu vontade de arrancar os olhos. Comi uma maçã enquanto estava sentada no parapeito da janela, olhando para ele, odiando que minha determinação de me concentrar tivesse sido completamente prejudicada pelo homem novamente.

Sim, um homem. Não é um menino. Não é um colega de classe.

Meu professor, em quem me peguei pensando muito mais do que deveria.

O que começou como uma curiosidade sobre o que ele estava lendo, rapidamente se transformou em pensamentos sobre como deveria ser a sensação de ser o único objeto de seu foco, como aquele livro. Eu imaginava que ele fosse intenso. Lendo cada página com paixão, desesperado para absorver o máximo de palavras que pudesse.

Olhando atentamente, passei o polegar sobre o lábio inferior, imaginando-o preso entre os dentes.

De repente, ele ergueu o olhar, os olhos fixos nos meus.

Em um grito de humilhação, eu me assustei e caí do parapeito da janela, desabando no chão abaixo de mim. Uma pontada de dor subiu da minha bunda até a minha espinha, e eu fiz uma careta, esfregando a bochecha que tinha levado o impacto da queda.

“Elegante. Muito elegante.”

Capítulo 33

Lilia

Tique. Taque. Tique. Taque.

Eu fiquei encarando o relógio, até precisamente às dez e oito, quando saí em direção ao dormitório de Mel. Os corredores nunca estavam silenciosos, sempre cheios de sessões de estudo noturnas. A sala comum, no final do corredor, fervilhava com os mesmos estudantes de física se preparando para outra prova, assim como fizeram na semana anterior. Cada um deles deixava claro porque colavam suas equações no quadro-negro e muitas vezes gritavam '*bazinga!*' de *The Big Bang Theory* sempre que a resolviam corretamente. Era a única vez que o corredor inteiro cheirava a maconha também.

Quando cheguei ao quarto de Mel, só precisei bater uma vez antes que a porta se abrisse e ela espiasse para o corredor, olhando para a esquerda e direita. Um forte puxão do meu braço me fez tropeçar para dentro do quarto.

“Ei, um simples *entre* teria funcionado.” Fiz uma careta, esfregando o local onde as unhas dela haviam cravado na minha pele, e olhei ao redor do quarto dela, significativamente maior que o meu, com uma pequena sala de estar e um corredor que presumi que levava a um quarto.

Ignorando minha reclamação, ela balançou a cabeça para que eu a seguisse e me levou pelo pequeno corredor até uma porta que ela abriu para um quarto, como

eu suspeitava.

O que eu não esperava era que ela me levasse até outra porta, um armário, onde no fundo havia outra portinha.

“O que diabos é isso, aspirante a Nárnia?” Eu perguntei, olhando para a moldura que parecia ter metade do tamanho de uma porta normal.

“Décadas atrás, quando o dormitório foi construído, ele abrigava crianças, como um orfanato. Os colonos tinham pavor que os *monstros selvagens*”, disse ela entre aspas, “viessem e levassem as crianças no meio da noite. Então eles construíram essas pequenas portas que levavam aos porões para escondê-los no caso de uma invasão.”

“Suponho que os ataques nunca aconteceram.”

“Você adivinhou certo.” As dobradiças gemeram quando ela abriu a porta para uma escada de pedra assustadora e, da prateleira do armário, ela pegou uma lâmpada LED. “Vamos lá. A gangue está esperando para conhecê-la.”

“Gangue?” Espero que não tenha sido uma conversa maluca para uma pilha de cadáveres. Eu a segui escada abaixo, onde o ar ficou mais denso e frio. Esfregar os ombros não conseguiu afastar o frio da minha pele e, quando finalmente chegamos ao pé da escada, arrepios percorreram meus ossos. “Jesus, você deveria ter me avisado para usar um moletom.”

“Não seja uma covarde.” Sininhos minúsculos em sua saia boêmia tilintavam enquanto ela me conduzia por um corredor estreito que saía da escada que fazia uma curva para a esquerda.

Não pude deixar de pensar em como seria assustador tropeçar em algo enquanto vagava sozinha pela passagem. “O que fez você querer explorar aqui? Sinto que este é o lugar perfeito para esconder cadáveres.”

Uma curva travessa de seus lábios me disse que Mel definitivamente tinha um lado sombrio quando ela olhou por cima do ombro, me deixando pensando se eu era estúpida por ter seguido atrás dela. “Os mortos têm histórias”, disse ela. “Você já teve algum encontro?”

“O que? Tipo, fantasmas?” Claro que sim - um homem com máscara de pássaro, embora ainda não tivesse descoberto se ele era resultado de pouco sono ou se era

real. De qualquer forma, não tinha intenção de mencioná-lo.

“Sim. Todo o campus está infestado de assombrações, mas este prédio? É o pior.”

“Por quê? Foi o estudo Crixson?”

“Em parte, sim.” Ela continuou pelo corredor escuro, enquanto meu olhar vagava pelas antigas paredes de pedra que pareciam se aproximar de nós à medida que nos aprofundávamos. Novamente, eu não conseguia imaginá-la explorando lá sozinha. “Além dos experimentos, era também onde eram feitos exorcismos em crianças, na época em que o local era um mosteiro. Aparentemente, alguns dos construtores que trabalharam na universidade eram supersticiosos sobre tudo isso, então cerca de um terço da tripulação foi embora, e outros se recusaram a se aventurar nessas pequenas passagens, então elas nunca foram devidamente investigadas e foram seladas.”

“Os exorcismos…. Isso foi na época do Dr. Stirling?”

“Você leu sobre ele?”

“Sim.” A lembrança das minhas leituras e das torturas que ele infligiu certamente não me deixou tranquila enquanto caminhávamos pelos túneis.

“Então, em meados do século XVII, o lugar era uma espécie de depósito de lixo para hereges e acusados de bruxaria. Eles também enviavam para cá qualquer pessoa com doença mental, pensando que estavam possuídas. No início do século XIX, foi inaugurado um asilo. Foi aí que as coisas ficaram realmente perturbadoras.”

“Como assim?”

“Eles começaram a torturar os pacientes e os descartaram em valas comuns no que hoje é Bone Bay. Esses túneis secretos tornaram-se confinamentos solitários para vários pacientes. Onde eles passaram fome e foram deixados para morrer.”

“Jesus. Isso é perturbador. Como você sabe de tudo isso?”

Ela encolheu os ombros, passando as mãos por um trecho da parede que, quando olhei mais de perto, parecia ter marcas de arranhões na pedra. “Eu passo muito tempo lendo. Mas também houve um investigador no século XIX que se disfarçou de paciente. Antes de desaparecer misteriosamente, ele aparentemente

enviou a um de seus amigos anotações criptografadas no diário que detalhavam as torturas que ele havia testemunhado. Eles fazem parte dos diários sem acesso da biblioteca."

"Então, como você conseguiu acesso? Eu trabalho nesse departamento e não consigo colocar as mãos neles."

"Meu pai é um grande doador para a biblioteca e presidente do Conselho de Supervisores. Os membros da administração e do conselho têm acesso a praticamente tudo. E Kelvin, mas não há como negociar com ele. Ele é muito direto."

O corredor finalmente se abriu em uma sala circular de tamanho moderado, sem janelas ou portas. Um arrepio percorreu minha espinha quando me imaginei presa ali, como os pacientes que ela havia mencionado. Velas iluminavam o espaço onde outras três pessoas estavam sentadas em grandes almofadas multicoloridas – um asiático com cabelo rosa, uma jovem com cabelo preto curto e pele morena, e uma coleção de piercings nas orelhas, nariz, lábios e sobrancelha. E Briceson, que inclinou uma garrafa de Jack Daniels.

"Lilia!" ele disse em um tom mais animado do que da última vez que o vi.

Com um leve sorriso, acenei. "Ei."

O cara de cabelo rosa cruzou os braços, me olhando de cima a baixo. "Então, você trouxe sangue fresco, Mel?"

"Esta é Lilia. Lilia? Este é Ken."

Cabelo Rosa acenou com a mão sobre si mesmo, depois acendeu o que imaginei ser um baseado, dada a maneira como ele o segurou entre o polegar e o indicador e deu uma tragada.

"Parece que você já conhece Briceson. E esta é Catalina, a quem chamamos de Cat, para abreviar." Em resposta ao seu aceno pouco entusiasmado, dei um breve aceno de cabeça e a garota de cabelos escuros voltou a ler o livro em suas mãos. Estreitando os olhos, consegui distinguir *O Anticristo,* de Nietzsche, na capa.

Uma garrafa de Patron estava no meio do círculo, que Mel pegou e serviu em um copo.

Ela engoliu o gole, encheu o copo novamente e entregou-o para mim.

Balançando a cabeça, recusei e ela encolheu os ombros, tomando uma segunda dose.

Espalhados pela sala estavam caixas surradas cheias de pastas de papel pardo e dois laptops. Havia outros equipamentos que eu não reconheci – algum tipo de equipamento eletrônico que Briceson mexia, entre roubar goles de uísque.

“O que é isso?” Eu perguntei, olhando pelo pequeno espaço secreto de reunião.

“Bem-vinda ao Anon Amos.” Mel caiu em uma das almofadas abertas e apontou os dedos para Ken, que passou o baseado para ela.

“Espere. O que? Até você?”

“Sim, somos uma espécie de versão underground do *Snopes*, aqui na universidade.” Com a voz rouca, ela soprou a fumaça e passou o baseado para mim. Mais uma vez, recusei e ela encolheu os ombros, entregando-o a Cat. “Se for verdade, desenterramos os fatos. Se for falso, encontraremos provas que sustentem isso.”

“Então, quando perguntei sobre o Crixson Project?”

Sem tirar os olhos dos meus, Mel se esticou na direção de Briceson e estalou os dedos. De uma das caixas do banqueiro, ele pegou uma pilha de pastas e as entregou. “Esses arquivos foram roubados por dois estudantes de ciência da computação em dois mil e cinco. Eles esconderam os arquivos aqui, sem nunca falar deles. Ambos foram expulsos no ano seguinte, mas desde então isso se tornou um depósito de informações inacessíveis.”

“A escola não percebeu isso?”

“Ainda não.” Levantando-se das almofadas, ela atravessou a sala, folheando os arquivos. “Então, sugiro que sejam quais forem os fatos que você está procurando, agora é a hora de cavar. E quando terminar, você me contará o que supostamente sabe sobre um dos participantes.” Ela empurrou as pastas contra meu peito e sentou-se ao lado de Cat, que ainda não se preocupou em largar o livro.

Era estranho que ela não tenha exigido que eu oferecesse minha parte no acordo primeiro.

Sentei-me no chão ao lado de uma das velas no extremo oposto da sala e

coloquei as pastas na minha frente. Não tenho ideia de porque diabos eu estava tão nervosa, como se estivesse abrindo um cofre de cadáveres. Curiosamente, foi quando abri a primeira pasta que um pavor gelado passou pela minha nuca. Esfregar a mão sobre ela não conseguiu acalmar a sensação perturbadora, especialmente quando virei o primeiro papel anexo para revelar um rosto ligeiramente familiar.

“Warren Bramwell”, disse Briceson ao meu lado, alertando-me que ele havia saído do outro lado da sala. “Doutor Morte...”

“Pai. Sim, posso dizer.” Os olhos podiam ser de uma cor diferente, o cabelo mais claro e salpicado de um grisalho que ainda não havia tocado o do filho, mas a relação entre eles era inegável. Seus olhos mantinham a mesma intensidade impressionante, como se ele estivesse perscrutando a alma. Bonito era um eufemismo, mas talvez isso justificasse seu charme sinistro.

“O próprio Dr. Stirling da universidade.”

Enquanto Briceson falava, folheei o relatório do incidente que deve ter sido feito por um representante da universidade, pela forma como elogiava suas credenciais e seu trabalho. “Sua formação era endocrinologia?”

“Sim. Pelo que entendi, sua esposa lutava contra o diabetes desde a infância. Ele esperava curar isso para ela.”

Virei a página e encontrei a foto de uma jovem mulher de pele escura, presa ao que reconheci como um prontuário médico.

Yolanda Murdock, 29 anos, com histórico de diabetes dependente de insulina.

Outra virada de página, outra mulher presa a um relatório médico. A próxima era uma loira, de trinta anos, que também sofria de diabetes. O mesmo com a próxima, e a próxima, e a próxima. Depois de dar uma olhada nos registros médicos de todas as seis mulheres, continuei lendo o arquivo até encontrar uma sinopse do experimento.

OBJETIVO: Avaliar a eficácia e segurança da toxina NuBram1 no manejo do diabetes tipo 1 na prática clínica de rotina.

OBJETIVO SECUNDÁRIO: Dados demográficos e biométricos, adesão ao tratamento, reações adversas a medicamentos

METODOLOGIA: Injeções seriadas de toxina purificada NuBram1 durante um período de seis meses. Eficácia medida pelo aumento da massa de células beta e dos níveis de insulina.

À primeira vista, o resumo pintou um quadro de legitimidade. Foram incluídos gráficos detalhados que exibiam as dosagens incrementais dadas aos participantes e os sintomas que relataram. Alterações digestivas. Alucinações. Sensibilidade à luz.

Eu fiz uma careta, lendo o relatório. De que diabos a toxina NuBram1 foi purificada? A resposta revelou-se na página seguinte:

Toxina purificada derivada de larvas de Noctisoma.

Eu sabia. Sabia que Bramwell pai teve alguns problemas com Noctisoma.

Uma tabela de eventos adversos detalhou mais sintomas. Sintomas horríveis de reações suicida. Pesadelos. Uma das mulheres se esfaqueou no abdômen, alegando ter sentido algo se movendo dentro dela. Outra sofreu alucinações com a filha morta depois que ela se recusou a comer, dizendo que precisava *alimentar os bebês dentro dela*.

Procurei rapidamente o resultado da experiência e encontrei-o num relatório policial, para o qual tinha sido realizada uma autópsia nas mulheres depois dos seus corpos terem sido retirados do lago. Todas elas morreram por suicídio em massa. O legista chegou a essa conclusão com base em distúrbios mentais contínuos documentados no estudo e nenhuma evidência de crime. As mulheres aparentemente submergiram em águas geladas, de boa vontade. Duas delas apresentavam sinais de acidente vascular cerebral. Todas provavelmente sofreram hipotermia devido às temperaturas do inverno.

Dobrei o arquivo para pegar outro, quando algo caiu de dentro.

Uma foto.

Nela estavam três homens vestidos com jalecos – um que reconheci como o Dr. Warren Bramwell. O outro era o Dr. Lippincott. Eu nunca tinha visto o terceiro homem antes. Eles flanqueavam oito mulheres, cujos rostos examinei.

Meu olhar pousou em uma das mulheres. Um rosto familiar.

Muito familiar.

A imagem escorregou dos meus dedos. Meu coração batia como um tambor contra minhas costelas. Fitas de pânico envolveram meus pulmões e se apertaram. Segurei o arquivo e passei o polegar sobre sua superfície.

“O que foi?” Briceson perguntou ao meu lado, me afastando do meu feitiço de choque. Ele levantou a foto do chão, chamando minha atenção para ela mais uma vez.

Com as mãos trêmulas, apontei para a mulher, a terceira à direita. “Essa é minha mãe.”

“Espere. Você a conhece?” Mel atravessou a sala e sentou-se ao meu lado.

“Tenho uma foto no meu quarto. Sim, essa é minha mãe.”

“Puta merda.” Ela arrancou a foto de Briceson, olhando para o que eu não conseguia ver novamente. “Eu estava ciente de Andrea, graças ao seu pequeno acesso de raiva com Lippincott algumas semanas atrás. Não tenho certeza se eles a encontraram depois disso. Porém, não conseguimos rastrear nenhuma informação sobre a última, além de sua folha de admissão. Acredita-se que ela e Andrea sejam as duas que saíram do escritório, mas não há nada sobre elas.”

“Que nome você pesquisou?” A cadência inexpressiva da minha voz refletia o choque que ainda pulsava em mim. Eu sentia como se estivesse presa em algum estado suspenso de realidade. Como se eu tivesse escorregado para baixo da água e respirado fundo.

“Vanessa Corbin. Andrea é na verdade June Galloway. Os moradores locais me disseram que as duas moravam nesta ilha.”

Morava na ilha? Minha mãe?

“Eu a conhecia como Francesca Vespertine. Minha mãe.”

Mel inclinou a cabeça, como se naquele momento percebesse que eu não estava processando bem a notícia. “Você está bem? Você parece pálida.”

Não sabia como responder a isso. Eu estava bem? Não, particularmente. Meu cérebro não sabia por onde começar a juntar as peças. Havia tantas cordas esvoaçantes clamando dentro da minha cabeça, todas elas precisando ser amarradas antes que meu cérebro se acalmasse. E eu não conseguia. Não conseguia amarrar as peças porque elas não faziam sentido para mim. “Tudo

bem,” menti.

“Onde está sua mãe agora?”

Onde está sua mãe agora? A pergunta ecoou dentro da minha cabeça e meus pensamentos se prenderam a ela como uma tábua de salvação. O pavor agarrou meu estômago e uma coceira em meus antebraços me fez coçar ali. Coçando furiosamente.

“Ela morreu há quatro anos. Ambas as mulheres estão mortas, na verdade.” Um arrepio oco torceu meu estômago, agitando-se e rangendo com o estresse de me sentir como se tivesse sido arrombada. Vandalizada e roubada do que eu conhecia como verdade. Eu me sentia entorpecida. Como em um sonho. Deve ter sido um sonho. De jeito nenhum minha mãe teria feito isso comigo. Conosco. Cada memória terminava com um ponto de interrogação. Cada história que ela contou me deixou imaginando quantas delas eram contos de fadas.

“Você tem certeza de que June também está morta?” As perguntas de Mel continuaram sendo uma intrusão bem-vinda na escuridão que me atraía. O vazio impossível de não saber realmente quem eu era naquele momento.

June. Andrea. Os nomes se emaranhavam dentro da minha cabeça. “Pelo que entendi.”

“Como você sabe disso?”

Não respondi porque não era da conta dela.

“Ok, posso perguntar como sua mãe morreu?” Mel desviou o olhar, a expressão em seu rosto era um delicado equilíbrio de empatia e intriga. “Se não quiser compartilhar os detalhes, tudo bem. Eu entendo.”

“Suicídio. Na banheira,” eu disse friamente, e fechei os olhos com as imagens piscando dentro da minha cabeça.

Mamãe! Por favor, pare!

Limpei a garganta e balancei a cabeça na tentativa de afastar o eco das vozes.

“Você não acha isso um pouco fodido?”

Do ponto de vista dela, provavelmente parecia que sim. Do meu? Fazia todo o sentido, dado o que eu sabia sobre o *parasita* e a forma como ele sequestrava a

mente. Ele queria uma fonte de água para acasalar e criar mais ovos.

O que não fazia sentido para mim era como minha mãe acabou infectada, se essas mulheres supostamente apenas receberam uma injeção de uma toxina purificada. E por que, depois de vinte anos, ela teria sofrido sintomas? De acordo com o que aprendi na aula de Bramwell, eles começavam logo após a infecção. A toxina seria capaz de controlar a mente assim, na ausência do parasita? Será que ela poderia ter atrasado a infecção dela de alguma forma?

Infelizmente, ninguém naquela sala apertada e sufocante poderia responder a essa pergunta. Mas um homem sem dúvida sabia.

Um grande peso de exaustão caiu sobre mim, pressionando meus ombros. O fardo de ter que desvendar um mistério que não fazia sentido. “Qual é a sua conclusão?” Perguntei.

“Que Bramwell Senior matou todas aquelas mulheres e tinha alguma ligação com o patologista que *convenientemente* as relatou como suicídios para ele. Afinal, como seria se Dracadia – o principal centro de pesquisa médica do mundo – fosse atormentado por um escândalo em que seis mulheres morreram e duas desapareceram? Era plausível. Plausível e obscuro.”

Estendi a mão novamente para pegar a foto e virei-a para a data do outro lado: 9 de janeiro de 2003. Nasci em treze de novembro do mesmo ano.

Fui eu a razão pela qual minha mãe abandonou o estudo? Alguém tentou impedi-la de sair?

“Você sabe se Bramwell Senior ainda está vivo?”

“Ele não está. Houve um grande obituário no Dracadian Gazette. Ele morreu talvez há oito anos? Antes da minha chegada aqui. Você provavelmente pode encontrar o obituário nos registros da biblioteca.”

“Então, preciso conversar com o filho dele sobre isso.”

Uma sacudida brusca do meu braço me arrastou do transe em que entrei novamente. “Não! Está brincando comigo? Você perdeu a parte em que eu disse que eram arquivos *roubados?”*

“Se minha mãe participou, se ela morreu com base nesses experimentos, então tenho o direito de obter as respostas.”

Cat gemeu, fechando o arquivo e deixando-o de lado. “Eu sabia que era uma má ideia convidar alguém de fora. Pelo amor de Deus, ela provavelmente lê obscenidades sobre vampiros.”

“Cale a boca, Cat,” Mel cuspiu e voltou sua atenção para mim. “Olha, entendi, ok? Se fosse minha mãe, eu também estaria nessa merda. Mas você não pode simplesmente dançar até o filho do psicopata que orquestrou tudo isso. Se ele for inteligente, não lhe dirá absolutamente nada, e todos nós sabemos que o Doutor Morte não é burro. Ou ele não teria escapado impune do desaparecimento de Jenny, como fez.”

“Você honestamente acha que ele teve algo a ver com isso?”

“Eu era colega de quarto dela, ok? E posso garantir que ela não teria simplesmente se levantado e fugido. Ele sabe o que aconteceu com ela. Assim como ele sem dúvida sabe o que aconteceu com aquelas mulheres. Mas ele não vai te contar merda nenhuma. Esses homens são poderosos. Esse poder é a razão pela qual não há qualquer informação sobre esses assassinatos. Eles eliminam tudo.”

Tive a sensação de que ela poderia estar certa sobre isso. O que significa que todas aquelas cordas na minha cabeça iriam sempre se contorcer e me provocar em busca de respostas que provavelmente nunca encontraria. “Não sou idiota. Não perguntaria diretamente a ele.”

“Perguntar a ele o que, afinal? Você tem sua prova. Ela participou do estudo.”

“Mas ela não morreu quando as outras morreram. Ela morreu há quatro anos. O que aconteceu naquele tempo?”

Como se finalmente pudesse ver meu dilema, Mel bufou e encostou-se na parede. “Bem, o que você espera dele? Mesmo que ele conheça os detalhes do estudo, acha que ele iria te contar? Como diabos planeja fazer essa pergunta?”

“Não sei ainda. Eu queria trabalhar como assistente em seu laboratório.”

Ela revirou os olhos com isso. “Sim, boa sorte. Ele não aceita assistentes e com certeza não gostaria de ter nada a ver com o primeiro ano. Confie em mim, eu sei. Estava tão desesperada para ter acesso aos arquivos perdidos que convidei Ross para tomar um café.” Ela fez um gesto de vômito, que eu teria feito questão de dizer que era um pouco dramático, visto que o cara não era feio, exceto que

minha cabeça ainda girava e eu também estava meio enjoada. “Ele é o querido assistente de Bramwell, afinal. Ele não tem encontros, caso você decida seguir esse caminho.”

“Quais arquivos?” Eu perguntei, ignorando seu comentário.

“Aqueles que descrevem os resultados da toxina antes dessas mulheres *cometerem suicídio?*” ela disse entre aspas no ar. “Há uma seção inteira de notas faltando. Inoculações diárias que não foram registradas. E o que aconteceu com esse cara?” Ela apontou para o único pesquisador da foto que não consegui identificar. “Não há nada sobre ele também. Como se ele nunca tivesse existido. Ele nem está nos relatórios. Nem Lippincott. Nenhuma surpresa nisso.”

Fazia sentido o motivo pelo qual Lippincott teria se distanciado do projeto fracassado, se ele tivesse aspirações de se tornar reitor um dia. O que não fazia sentido, e que continuava a atormentar minha cabeça durante toda essa especulação, era porque minha mãe expelia vermes da boca. Como se ela tivesse sido infectada de alguma forma. Como? E por que ela e Andrea sucumbiram recentemente à doença?

“Bem, acho que isso não importa”, eu disse. “Você tem razão. Ele não aceita assistentes. Eu já perguntei.”

“Provavelmente está cobrindo a bunda dele. Jenny estava morrendo de vontade de trabalhar no projeto Noctisoma com ele. Foi tudo o que ela falou. *Ele* era tudo o que ela falava.” Mel revirou os olhos novamente, como se a incomodasse o fato de sua colega de quarto ter ficado tão apaixonada por ele.

“Ele a recusou também?”

“Acho que sim. Ela foi encontrá-lo depois do laboratório Midnight. Ela nunca foi vista novamente.”

“E você está convencida de que foi Bramwell quem teve alguma coisa a ver com isso.”

“Câmeras de CFTV a pegaram saindo de seu pequeno laboratório secreto. Essa foi a última vez que alguém a viu.”

Se essa era a extensão que tinham sobre o cara, certamente não era suficiente para me convencer de que ele a havia assassinado. Ele mal dava atenção a mim,

ou a qualquer outra garota da classe, e eu nunca o tinha visto reagir às pessoas da classe que obviamente flertavam com ele. Certamente, a universidade não teria mantido um acusado de homicídio como professor titular. “Ele já foi preso?”

“Claro que não. Está brincando comigo?”

Eu tinha que descobrir uma maneira de me aproximar dele. Talvez pedindo aulas de reforço, mas ele provavelmente me indicaria Ross para isso. Tinha que haver outra maneira. De alguma forma, Jenny Harrick encontrou o caminho para o laboratório dele, então não era impossível. Eu só precisava de um gancho. Algo para atraí-lo, mas considerando que o cara não demonstrava nenhum interesse em nenhum dos alunos, provavelmente seria mais fácil capturar a atenção de alienígenas no espaço.

O dedo de Mel cutucou meu braço, mais uma vez me tirando dos pensamentos. “Juro pelo túmulo do meu cachorro, se você contar a alguém sobre esse lugar, ou esses arquivos, vai se arrepender. Estamos entendidas?”

“Claro como cristal.”

“Bom. E fique longe de Bramwell. Eles o chamam de Doutor Morte por um motivo.”

Embora o mistério do desaparecimento de Jenny Harrick fosse certamente um embate, no que se referia ao Professor Bramwell, a maior curiosidade para mim era Bramwell Senior. Eu precisava saber mais sobre esses experimentos e o que havia acontecido com minha mãe. Se ele tinha desempenhado algum papel na morte dela.

O arquivo que li me fez questionar tudo. Não poderia ter sido mera coincidência que a mulher naquela foto fosse exatamente igual à minha mãe.

O pensamento mais horrível, que assolava meu cérebro, era que tudo que eu sabia sobre minha mãe parecia ser mentira. De onde ela veio. Quem ela era.

Ela também mentiu sobre seus pais? Seria possível que eu tivesse família na ilha?

As perguntas pareciam intermináveis, mas provaram ser um motivador para minhas investigações. Porque eu pretendia descobrir quem minha mãe realmente era e o que realmente havia acontecido com ela.

E nem mesmo o Doutor Morte impediria isso.

Capítulo 34

Lilia

Depois de terminar uma lista de tarefas que Kelvin havia solicitado durante meu turno de trabalho e estudo, corri para a sala do Adderly Memorial em busca de um pouco de paz e sossego. Lá, tirei meu laptop da bolsa e pesquisei no Google: *Corbin Dracadia Island.* Surgiu um obituário de Arabella Corbin, que aparentemente faleceu há apenas quatro anos. Precedida na morte por seu marido, Richard Corbin. Sua única filha, Vanessa Corbin, desapareceu em 2003. A foto em anexo oferecia um vislumbre estranho de como minha mãe seria se tivesse completado setenta e quatro anos.

Minha avó.

Tentei entender isso, mas me recusava a acreditar. Recusava-me a acreditar que minha mãe, uma mulher que eu adorei, respeitei e em quem confiei, por tantos anos, havia mentido para mim. Ela me disse na minha cara que sua mãe havia falecido muito cedo, vítima de um acidente vascular cerebral, e que ela também nunca soube muito sobre seu pai.

Durante anos, acreditei nisso.

Mesmo que eu presumisse que *fui* a razão pela qual minha mãe abandonou o estudo, por que mentir sobre a família dela? Pelo pouco que descobri sobre os Corbins, não tive a impressão de que eram pessoas terríveis.

Lágrimas se formaram em meus olhos enquanto eu procurava mais fotos de Arabella no Google. Ela parecia ser uma mulher ativa, uma ceramista, que frequentava várias exposições de artesanato na ilha. Ela parecia ser muito querida e respeitada por sua comunidade, que falava muito bem dela nos comentários abaixo do obituário. As fotos mais novas mostravam seus longos cabelos ruivos, como os meus, e olhos azuis brilhantes – lindos e vibrantes, assim como os da minha mãe.

Outro artigo sobre ela falava de uma venda de propriedade realizada dois anos antes de sua morte. Olhei o endereço, anotando-o em um caderno. Quando pesquisei o endereço no Google, parecia que a casa esteve em execução hipotecária em algum momento.

Assim que o trabalho e os estudos terminaram, fui para o galpão de aluguel de bicicletas com o endereço na palma da mão. Após o interrogatório habitual do guarda no portão, pedalei em direção à cidade. Depois da faixa de lojas, virei a esquina e peguei uma estrada de terra que terminava em uma cerca branca. Além dela havia uma pequena cabana amarela com uma porta branca e uma janela em arco meio bloqueada por um arbusto com flores cor-de-rosa brilhantes. O pátio em frente cercava um carvalho robusto e um pequeno banco branco abaixo dele. Caminhos de pedra entrelaçavam-se em meio a uma confusão selvagem de flores, e pássaros voavam ao redor de uma pequena fonte de pedra no centro. Embora tivesse uma aparência ligeiramente desleixada e sem vida, não era menos adorável com o vasto azul do oceano por trás dele.

Depois de limpar um pouco do resíduo salgado da janela, espiei um espaço vazio e silencioso que não parecia habitado há anos. Continuando a bisbilhotar, destravei a cerca e caminhei pelo pequeno pátio em direção aos fundos da casa. Assim que virei a esquina, parei derrapando. O ar ficou preso em meus pulmões.

Um vibrante olmo americano com galhos curvados estava ao lado, um único balanço pendurado em um galho, e atrás dele, um penhasco descia até um lindo cenário de oceano.

A pintura da minha mãe.

A visão disso apunhalou meu coração. Um lugar que eu pensava ser apenas fictício em sua cabeça, que sempre me trouxe tanta paz e serenidade, acabou sendo o lar onde ela cresceu.

É muito triste que agora esteja sozinho e abandonado. Indesejado. Desejei naquele momento ter dinheiro para pegá-lo e trazê-lo de volta à vida, para possuir um pequeno pedaço do meu passado – um lugar onde Bee e eu poderíamos ir e tentar reconciliar a bagunça que nossa mãe havia deixado.

Eu tinha que presumir que minha mãe tinha seus motivos, no entanto. Talvez essas razões tivessem algo a ver com o pai do professor Bramwell e com aquele estudo.

Olhando para o oceano, absorvendo a serenidade da vista, lembrei-me de algo da minha leitura. Minha avó faleceu há quatro anos. Franzindo a testa, tirei meu telefone do bolso e abri o aplicativo de anotações onde anotei as poucas datas que reuni em minha pesquisa.

Quinze de julho.

Naquela época, minha mãe tinha saído da cidade para procurar um especialista e obter assistência financeira para o pequeno tumor benigno no olho de Bee.

Fiquei encarregada de Bee durante aqueles dois dias, para que minha mãe pudesse ir sozinha, o que achei estranho na época – ela nunca ia a lugar nenhum sem nós duas. Embora não representasse uma ameaça à vida da minha irmã, o cisto sempre fez parte da sua insegurança e talvez até tenha contribuído para a ansiedade que ela sempre sentiu perto dos outros. Minha mãe ficou preocupada por não termos dinheiro para removê-lo, por não termos seguro ou qualquer meio de pagar por isso. Pouco mais de uma semana depois, foi quando minha mãe começou a mostrar sinais da doença que pensávamos que poderia ter sido algo que ela contraiu em suas viagens. A partir daí, progrediu ao longo de semanas, até sua morte.

Seria possível que minha mãe tivesse voltado para casa para o funeral? Talvez Bramwell e Crixson não tivessem tido nada a ver com isso. Ela de alguma forma se expôs ao Noctisoma então?

Se sim, como?

Capítulo 35

Lilia

Três dias se passaram desde a noite em que me encontrei com Mel. Três dias de obsessão por cada partícula de informação que consegui extrair do Google sobre minha mãe e meus avós. Três dias questionando cada momento da vida. De tentar descobrir quem era o pai do professor Bramwell na minha cabeça.

Meu mundo inteiro virou de cabeça para baixo graças a aquele arquivo. Os flashes mentais da minha vida, até aquele ponto, pareciam um final alternativo de uma história que já tinha sido escrita.

Quem diabos era minha mãe e por que ela mentiu para mim e Bee?

Como ela acabou na Universidade Dracadia e se conectou com Warren Bramwell?

Além dos poucos artigos que cobriam os suicídios, nos quais a mídia teve o cuidado de não formular uma acusação contra Warren Bramwell — por razões legais, presumi —, não encontrei absolutamente nada de útil sobre o homem. Algumas revistas publicadas e seu obituário, claro, mas nada significativo. Nem mesmo aqueles sites assustadores que alegavam ter acesso a endereços e registros públicos. Nenhuma foto nas imagens do Google, o que era estranho, visto que ele era professor há vários anos. Era como se ele tivesse sido eliminado

da existência.

Parado na frente da turma, o professor Bramwell fez sua palestra sobre Cordyceps – um fungo parasita que infectava formigas. Ele liberava uma substância química que obrigava a formiga a subir em uma árvore, onde o fungo emergiria de seu corpo para liberar esporos que cairiam no chão e infectariam mais formigas.

Não pude deixar de olhar para ele, estudando os movimentos de seu corpo enquanto ele ensinava. Por mais fascinante que o assunto possa ter sido, o único pensamento que passou pela minha cabeça foi: o pai desse cara matou minha mãe?

É claro que pensamentos sobre Jenny Harrick vieram à mente. Pai *e filho eram* assassinos?

As acusações que ouvi não pareciam nada além de especulações e boatos, dificilmente suficientes para atribuir um assassinato ao homem, a menos que as evidências tivessem sido intencionalmente ignoradas.

Mesmo o estudo Crixson e o envolvimento da minha mãe nele deixaram pouco para eu ligar Warren Bramwell à *sua* morte. Parecia que minha mãe havia engravidado e abandonado o estudo muito antes de as outras mulheres cometerem suicídio.

E se Mel estivesse certa? E se houvesse mais informações que eu ainda não tinha visto? E se eles fossem poderosos o suficiente para escapar impunes de um assassinato? Para limpar todas as evidências? Foi isso que eles fizeram com minha mãe?

Eu também pesquisei Bramwell Junior no Google e os resultados foram praticamente os mesmos. Publicaram uma abundância de periódicos de pesquisa e alguns prêmios de dissertação de doutorado que ele ganhou alguns anos atrás, mas nada muito aprofundado ou pessoal.

No entanto, eu não conseguia deixar isso de lado. O destino me trouxe para Dracadia, colocou-me no caminho do Professor Bramwell, por uma razão. Pelo bem de minha mãe, eu precisava superar o desconforto que sentia em relação ao homem, ou nunca descobriria o que realmente aconteceu.

A certa altura da palestra, seus olhos encontraram os meus e algo estranho agitou

meu estômago. Seu olhar permaneceu intenso, forçando-me a desviar o olhar, e quando o fiz, notei o olhar de Spencer entre Bramwell e eu. Como se ele também tivesse percebido.

Perguntei-me quantos outros alunos notaram, e o pensamento aqueceu minhas bochechas e meu estômago.

“Srta. Vespertine”, gritou uma voz profunda, e me virei para ver o professor Bramwell com os braços cruzados na frente da sala, olhando para mim. “Que razão teria o fungo para incitar a formiga a subir na árvore em vez de permanecer no chão?”

Uma olhada ao redor da sala mostrou todos os olhos em mim, e meu coração bateu forte dentro do meu peito. Eu nunca tinha sido chamada em uma aula de faculdade antes. Não, a menos que eu tenha fornecido informações por conta própria. A maioria dos professores só me conhecia como um número, não como um rosto, e certamente não pelo nome, com exceção do Dr. Wilkins quando estudei em Covington. No entanto, ele nunca me chamou para responder na aula. “Para ampliar a dispersão e a chance de infectar outra formiga.”

“Precisamente. E por que isso é importante, Sr. Lippincott?”

“Uhhh. Por que a população de formigas é muito alta?”

“Você concorda, Srta. Vespertine?”

“Embora possa ser verdade que os parasitas ajudam a controlar as populações de insetos, penso que tendem a ser muito mais egoístas. O que é importante para o Cordyceps, em particular, é a necessidade de cumprir o seu ciclo de vida. E claro, como você disse no início da aula, a função mais importante de qualquer parasita é garantir sua transmissão ao próximo hospedeiro.”

Seus lábios se curvaram em um tipo de sorriso que fez meu estômago revirar e alimentou uma culpa profunda que persistia ali. “Muito bem, Srta. Vespertine.”

Supondo que eu suspeitasse que Crixson tinha algo a ver com minha mãe, e não tinha certeza se tinha, dados os fatos que não se alinhavam, não fazia sentido que eu tivesse quaisquer reservas em relação ao meu professor, quando os experimentos ocorreram há vinte anos. Ele não poderia ter mais de treze ou quatorze anos na época.

Enquanto ele continuava com sua palestra, percebi outro olhar em minha direção e a leve curva de seus lábios, que rapidamente desapareceu quando ele desviou sua atenção.

Talvez algo tenha fervido ali. Um pequeno lampejo de interesse da parte dele, a menos que eu estivesse olhando muito profundamente. Eu conseguiria flertar com meu professor como forma de me aproximar dele?

Para *seduzi*-lo?

Absolutamente, não. A simples ideia me deixava com as entranhas em acrobacias. Mas o homem era um cofre fechado, selado com aço fundido quente que eu nunca poderia penetrar de outra forma. As poucas interações que vi entre ele e Gilchrist me disseram que nem mesmo o sexo conseguiu quebrá-lo. Eu teria que apelar para aquele cérebro dele, de alguma forma, e de uma forma que não parecesse irritante. Ir bem nas aulas não era o suficiente. Eu precisava que ele me visse como uma aluna excepcional. Tão apaixonada pelo parasita quanto ele.

Flertar inofensivamente. Nada que nos levasse a ser expulsos. Eu só precisava conquistar a confiança dele.

No final da aula, arrumei meu caderno e fui para a saída.

“Srta. Vespertine, uma palavra, por favor”, disse o professor Bramwell, quando cheguei à porta.

“Claro.”

A aula acabou e, mais uma vez, Spencer me lançou um olhar cheio de desaprovação.

Enquanto o Professor Bramwell reunia as suas notas, forcei-me a ignorar a forma como os seus músculos se avolumavam nos bíceps sempre que dobrava o braço, ou a forma como arregaçava as mangas para expor o mapa das veias dos antebraços. E aquelas mãos. Mãos que pareciam delicadas e bárbaras, como se pudessem gentilmente arrancar a própria vida de você. Eram mãos bonitas, com unhas bem cuidadas e dedos fortes, mas delgados, que eu poderia imaginar empunhando um bisturi com a máxima precisão. Um artista, sem dúvida.

Para flertar com ele, mesmo que intelectualmente, eu teria que me permitir

apreciar essas coisas nele. Permitir-me sentir atraída por um homem que de outra forma estaria fora dos limites. Um homem que eu imaginei ser poderoso o suficiente para me expulsar da universidade mais rápido do que eu poderia dizer, *privilégio elitista.* E então? Se isso acontecesse, eu nunca descobriria a verdade sobre minha mãe.

“Quero me desculpar pela outra noite na biblioteca”, disse ele. “Eu não queria falar de forma tão grosseira.”

“Está bem. Grosseria é educado de onde eu venho.”

“E onde é isso mesmo?” A flexão da mão esquerda provocou uma distração momentânea.

“Covington.”

“Interessante.”

“Como assim?”

“Você não me parece particularmente hostil.” Seus olhos me lembraram moedas em chamas, um olhar metálico abrasador que aquecia meu sangue.

“Eu tenho um lado combativo.”

“Não duvido disso.” E assim, um convite para flertar. Se intencional ou não, eu não sabia dizer, mas não importava. Era uma oportunidade para começar a destruir sua armadura.

Flerte, Lilia. Diga algo de volta. Algo espirituoso, não estúpido ou estranho. “Mas é bastante presunçoso da sua parte. Supondo que, por ser de uma área ruim, eu deveria ser automaticamente hostil.”

“A resposta de luta é uma parte antiga de nosso mecanismo de defesa que nos permitiu adaptar, defender. Sobreviver. Tenho certeza de que te serviu bem.”

“Você está falando de ciência de novo.”

Seu lábio se contraiu como se ele fosse sorrir, mas não o fez. “Sempre.” Ele se inclinou e eu pude sentir o cheiro quente de canela em seu hálito sobre o delicioso aroma de sua colônia. “Eu não disse que era uma coisa ruim.” Sua testa se ergueu quando ele se endireitou e enfiou outro caderno na bolsa. “É tudo por hoje.”

Forcei a calma do meu coração enquanto dava um aceno brusco. Ele havia retribuído o flerte? Eu não era a mais espirituosa, nem a mais sintonizada, quando se tratava de homens, mas o homem estava perto o suficiente do meu rosto para ter rompido a barreira invisível entre professor e aluna. “Espere... hum. Posso fazer uma pergunta sem você ficar bravo?”

“Provavelmente não. Mas continue com sua pergunta.”

“Há um tempo, quando eu te disse que acreditava que minha mãe estava infectada com Noctisoma, você perguntou se ela era daqui. Você acha que isso é comum entre os locais?”

“Comum? Não como regra geral, não. Eles têm suas próprias lendas em torno das frutas. Eles acreditam que são o veneno de espíritos ruins e tendem a ficar longe delas. Apenas turistas ignorantes ocasionalmente consomem as frutas.”

“Tenho quase certeza de que Andrea Kepling não era turista.” Eu teria mencionado que minha mãe também não, mas não fazia sentido desperdiçar todos os meus fatos recém-descobertos no único encontro com ele.

“E tenho quase certeza de que já tivemos essa discussão. Você está rodeando o fogo novamente, Srta. Vespertine.”

“Febre comportamental. Estou apenas tentando me livrar das intermináveis perguntas que atormentam minha cabeça.” Era quase um crime o quanto eu me sentia à vontade flertando com a ciência e, pior, nem sentia que estava fingindo.

Sua mandíbula flexionou, os olhos se estreitaram com uma avaliação divertida. Ele cruzou os braços e olhou para mim, seus músculos realmente trabalhando no tecido da pobre camisa que grudava nele para salvar sua vida. “Embora esteja intrigado, não tenho liberdade para falar sobre esse assunto. E eu apreciaria não mais perguntas.”

Ele ficou intrigado?

Pelo quê? O fato de Andrea não ser turista? Ou será que eu realmente lasquei um pequeno pedaço daquele exterior de aço?

“Então, só uma pergunta geral sobre o próprio parasita. Juro que será a última.

“Qual é a sua pergunta?”

“Existem casos de sintomas tardios? Tipo, ao longo dos anos?”

“*Anos?* Não. O parasita se instala rapidamente.”

Assim como me lembrei da palestra, mas queria confirmar. “Então eles não entram em fase de latência ou algo assim?”

Ele balançou a cabeça, enfiando uma pilha de papéis na bolsa. “Não que eu tenha observado. Os ovos têm uma camada externa resistente, como esporos, que lhes permite resistir a ambientes hostis, como temperaturas extremamente baixas, por exemplo.” O fato de que o pequeno pedaço de pele aparecendo entre os dois primeiros botões desabotoados de sua camisa pudesse me distrair um pouco era uma prova do fascínio do homem. Pelo tom de sua voz, seu amplo conhecimento, era fácil se perder em suas palavras. “Mas eles eventualmente infectam quando as condições são favoráveis – e são bastante favoráveis em humanos.”

O que realmente não fazia sentido no que dizia respeito à minha mãe. Nunca houve um momento em minha infância em que eu me lembrasse de minha mãe ter tido um forte resfriado, até ficar gravemente doente, quatro anos atrás. O que desencadeou sua infecção? Teve alguma coisa a ver com o Crixson Project?

Simplesmente não parecia haver evidências suficientes que me apontassem para lá.

“Eu respondi ao seu interminável fluxo de perguntas?”

Na verdade não, mas eu não queria irritá-lo com a barragem ainda circulando dentro da minha cabeça. Afinal, o objetivo era flertar e não o irritar. “Sim. Obrigada.”

Quando ele ergueu a bolsa de couro sobre a cabeça, cruzando-a sobre o peito, tive um vislumbre da cicatriz em seu pescoço, lembrando-me que o homem tinha poucos motivos para confiar em qualquer um dos alunos da universidade, especialmente em uma do primeiro ano como eu. Ele foi marcado, tanto fisicamente quanto por boatos, engrossando sua armadura. Tornando-o mais difícil de quebrar. O fato de ele ter se dado ao trabalho de considerar minhas perguntas foi surpreendente. “Fique longe de problemas, Mariposa Curiosa”, disse ele, enquanto caminhava em direção à porta.

Mariposa curiosa.

Um apelido.

Uma escolha adequada também, dado o fato de que eu não tinha intenção de evitar a chama.

———

“Hei, espertinha. Que jeito de me fazer ficar mal”, disse Spencer, enquanto se apressava para me alcançar depois da aula.

“Não posso fazer você ficar mal. Só você detém o poder.” Sorri, empurrando minha bolsa no ombro.

“Então, qual é o problema entre você e Bramwell?”

“O que?”

“Tipo... o jeito que ele olha para você na aula. É estranho.”

“Ele provavelmente percebeu que eu estava meio que me distraindo.”

“Não. É outra coisa. Tipo, linguagem corporal do cara. Eu posso entender essa merda.”

Eu bufei com isso, tentando imaginar como aqueles olhares acalorados e pesados poderiam ter parecido para Spencer. “Isso é o mesmo que reclamar?”

“Eu só tomaria cuidado…”

“Cuidado. Sim. Sou muito cuidadosa. O que há com os avisos?”

“Alguém te avisou contra mim?”

“Por acaso, sim.”

“Quem? Mel?”

Eu parei. Embora realmente não precisasse de mais uma rodada de drama no meu colo, principalmente porque isso não me envolvia nem tinha acontecido durante meu tempo na universidade, talvez eu pudesse esclarecer algumas das questões em minha cabeça. “E Mel?” Eu perguntei, me fazendo de boba.

Com as bochechas inchadas, ele soltou um suspiro e enfiou as mãos nos bolsos. “Eu fiquei bêbado. Eu a beijei. Ela ficou nervosa quando eu não queria nada com ela, então inventou uma história de que eu *a agredi*. Eu entendo, o beijo foi

longe demais, mas mais nada aconteceu.”

“Por que ela inventaria isso? Por que qualquer mulher faria isso?”

“Conheço Mel há alguns anos. Tudo o que posso dizer é que ela não está funcionando com todos os cilindros.”

Eu gemi e comecei a ir para minha próxima aula. “Certo. Ela deve ser psicopata.”

Um aperto no meu braço me fez parar, antes que Spencer me soltasse. “Não é isso que estou dizendo. Histórias são a coisa dela. Ela gosta de incitar teorias da conspiração e sujeira sobre todo mundo. Eu garanto, se você a irritar? Ela também vai desenterrar merdas sobre você.”

“No entanto, vocês dois concordam que o Dr. Bramwell teve algo a ver com Jenny Harrick. Se isso for verdade, por que assistir às aulas dele?”

“Porque preciso do crédito para o meu diploma. Nenhuma outra razão. E acredite, não é fácil assistir a uma aula quando você suspeita de algo assim. Tento vê-lo como inocente, porque sei que meu amigo errou pelo que fez em retaliação. Mas a maneira como ele interage com você?” Franzindo a testa, ele balançou a cabeça. “Isso me faz questionar as coisas novamente.”

“Suas interações não foram nada inapropriadas.” Obviamente não, de qualquer maneira. Exceto quando ele amaldiçoou na biblioteca. “Mas também não preciso que você me proteja. Eu posso cuidar de mim mesma.”

“Não estou tentando ser desrespeitoso aqui. Pelo contrário. Penso em você como uma amiga, Lilia. Isso é tudo.”

“Isso é tudo?” Quando ele abriu a boca, interrompi: “Porque não estou interessada em um relacionamento além disso.”

Sua boca se fechou e ele limpou a garganta. “Eu entendo. Ainda estamos combinados para amanhã à noite?”

Engolindo em seco, me forcei a não demonstrar que fui pega de surpresa. “Amanhã à noite?”

“O baile de caridade?”

“Oh. Certo.” Eu não poderia desistir quando ele provavelmente já tinha pago

pelo vestido. “Claro. Como amigos, certo?”

“Definitivamente.”

Caramba.

Capítulo 36

Lilia

Billie Holiday falava monotonamente no fundo do meu dormitório, enquanto eu fazia anotações da minha aula de redação expositiva. Eu tinha uma reunião com meu orientador para discutir um dos tópicos que comporia uma tonelada de redações que eu teria que escrever antes do grande final no final do semestre. Eu tinha selecionado A Evolução da Biomedicina, pensando que seria relevante para o meu curso, mas eu não previ que a aula seria chata pra caramba e ministrada por um homem que não sabia o significado de inflexão.

The Very Thought of You começou e eu fiz uma pausa, a música me levando de volta a quando eu era mais jovem e minha mãe tocava um disco inteiro de Billie Holiday enquanto cozinhava. Com uma taça de vinho nas mãos, ela dançava pela cozinha, fazendo uma bagunça absoluta, que minha irmã e eu teríamos que limpar.

Mas ficava feliz em vê-la tão feliz. Mesmo diante da perspectiva de ter que esfregar o molho de espaguete dos armários, eu adorava quando ela cozinhava.

Ao meu lado estava uma caneca fumegante de chá preto que comprei no boticário da cidade. Adicionei gomas de mel, que adoçaram o sabor amargo, tornando-o um delicioso complemento aos meus estudos.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos e, franzindo a testa,

atravessei o quarto e abri a porta. Missy Finch estava no corredor segurando uma longa sacola de roupas.

Caramba. Eu esperava que talvez ela me esquecesse. Ou talvez o vestido caísse acidentalmente em uma trituradora.

“Está na hora!” ela gritou com entusiasmo e passou por mim e entrou no meu quarto. “Vamos experimentar!”

“Oh, este é realmente um momento muito ruim para mim. Estou tentando escrever...”

“É imperativo que eu tenha certeza de que cabe. Não vou lidar com o tirano do portão novamente. Vamos fazer isso agora.”

Com os ombros caídos em derrota, observei-a abrir o zíper da sacola e, quando ela tirou o vestido de dentro, o ar saiu de mim. O *vestido* era uma saia longa de cetim cor de vinho com delicado tule preto. Seu corpete sem ombros, adornado com flores estreladas pretas e bordô, acentuadas com diamantes brilhantes, me deixou de queixo caído.

“Achei que o bordô complementaria seu cabelo. Venha, venha. Vamos nos despir.” Isso me tirou do meu transe.

“Espere, o quê? Aqui? Vou ao banheiro trocar de roupa.”

Seu rosto se contraiu em uma carranca. “Arrastar essa coisa pelo chão de um banheiro? Eu acho que não.” Com isso, ela colocou o vestido sobre a cadeira da minha escrivaninha e se virou, cruzando os braços bufando. “Isso é ridículo. Se estivéssemos em uma boutique de verdade...” Ela balançou a cabeça e bufou novamente. “Deixa pra lá.”

Com os olhos fixos nela, rapidamente tirei o suéter esfarrapado que estava usando, o que, sem dúvida, faria com que ela torcesse o nariz, se não estivesse tão empolgada com aquele maldito vestido. Com mãos nervosas, deslizei minhas pernas para dentro do vestido que não estava fechado e passei os braços cuidadosamente pelas mangas transparentes que também tinham o lindo detalhe da flor de estrela. Depois de vestida, virei-me para encará-la, vendo meu reflexo no espelho.

Com um suspiro, olhei para mim mesma.

Eu, fiquei tão... elegante. Muito diferente da pobre garota de Covington que usava as roupas de segunda mão da mãe.

“É lindo, não é?” A voz de Missy, tão próxima, me tirou do transe. “Coube como uma luva”, disse ela, mexendo nos botões nas minhas costas. Do fundo da sacola de roupas, ela pegou um estojo de couro preto, que abriu. Dentro, havia uma linda gargantilha de diamante em forma de estrela, com folhas de diamante entre cada flor, e um conjunto de brincos de diamante para combinar. Ela removeu meu colar de frasco, deixando-o cair suavemente na palma da minha mão, e prendeu a gargantilha em seu lugar. Tão linda e delicada contra o meu tom de pele.

“Perfeito”, acrescentou Missy.

Eu não conseguia parar de olhar. O vestido tinha um apelo tão sombrio e sedutor que, quando combinado com os diamantes, tornava-o quase sedutor por si só. Era demais para um encontro amigável com Spencer. Demais. “Não posso usar isso.”

“Com licença?”

“É lindo. Absolutamente deslumbrante. Mas Spencer vai ter uma ideia errada.”

Ela soltou o que parecia ser uma mistura de risada e zombaria. “Essa é a tragédia das mulheres, não é? Negamos a nós mesmas a beleza para enganar *os* homens.”

Eca. Quando ela colocava dessa forma, parecia ridículo. Mesmo assim, não queria chamar atenção. De ninguém. “Eu entendo, mas me sinto como uma ostra sem pérola.” Os lábios de Missy se curvaram em um sorriso e ela colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. “E o que acontece com as ostras depois que suas pérolas são colhidas?”

Eu teria odiado discutir com ela, porque a mulher provavelmente tinha algumas respostas corajosas, a julgar pelas duas últimas que ela me deu.

“Não consigo superar o quanto você se parece com ela. Vanessa, a mulher que eu...”

“Eu sei quem ela é. Vocês eram amigas?”

“Dificilmente. Ela era minha concorrente em tudo. Esportes, acadêmicos, *homens*. Coisas que realmente não importam mais.” Ela se virou e abriu meu

estojo, que continha pequenas coisas, como o rímel que eu quase nunca usava, protetor, alguns elásticos de cabelo e um batom do mesmo tom que minha mãe nunca saía de casa sem usar.

Missy abriu a tampa e torceu-a, revelando uma cor profunda de vermelho, e com um brilho de intriga, ela o aplicou em meus lábios.

“Ela era minha mãe”, finalmente confessei antes de esfregar os lábios. “Você sabe se ela tem família na ilha?”

Eu só usava batom em raras ocasiões, mas ao me olhar no espelho, não pude deixar de apreciar como ele combinava perfeitamente e adicionava um toque de cor muito necessário ao meu rosto.

Com os lábios pressionados em uma linha dura, ela balançou a cabeça. “A mãe dela faleceu há cerca de quatro anos. O pai dela há cerca de um ano antes disso. Eram pessoas boas e honestas. Não gostavam de moda, é claro. Mas boas pessoas.”

“Essa era toda a família que ela tinha?”

“Até onde eu sei. Os Corbins eram uma família muito unida. Pessoalmente, achei um pouco inacreditável o fato de Vanessa ter ido embora. Simplesmente ... completamente fora do personagem.”

“Você conhecia June Galloway?”

Ela bufou e revirou os olhos. “Todo mundo conhecia a June. Ela era um pouco estranha. Ela andava principalmente com os fracassados.”

“Ela era amiga da minha mãe?”

“Não que eu saiba. Sua mãe era um pouco mais *boazinha* que June.”

“Sabe se alguma delas frequentou Dracadia?”

Ela fez uma careta como se eu tivesse dito algo ultrajante e soltou uma risada esnobe. “Não. Eu não acho. A universidade estava um pouco fora do orçamento para suas famílias. Principalmente a de June. Apenas a elite e os ricos frequentam esta universidade. E você.”

“Obrigada,” eu disse em um tom neutro.

“Não foi um insulto.” Ela me circulou, mexendo no vestido. “Eu adoro dinheiro, mas a riqueza é exaustiva. A expressão em seu rosto quando se viu pela primeira vez com este vestido é algo que raramente vejo. Achei... gratificante.”

“Amei o vestido.”

“Bom.” Com a sobrancelha levantada, ela passeou na minha frente. “Use-o. Sinta-se linda. E pelo amor de Deus, Lilia, divirta-se.”

Capítulo 37

Devryck

“Afaste-se de mim! Fique longe!” Olhos selvagens e prateados brilhavam na escuridão de onde Barletta estava agachado no canto de sua cela. “Não me toque!” Um soluço rasgou seu peito e ele agarrou a parede, com as costas mais curvadas do que da última vez que o alimentei. Sangue seco cobria suas unhas, cujas pontas haviam quebrado com o arranhão. Seu corpo continha longas marcas vermelhas – cortes que ele devia ter feito de alguma forma em sua pele.

Franzindo a testa, examinei o cômodo, não encontrando nada além do colchão, a Bíblia que ele havia pedido na minha última visita e um pequeno pente de plástico cheio de cabelos que haviam caído. “Como você conseguiu essas marcas?”

Um gemido ecoou em sua cela, enquanto ele balançava a cabeça e arranhava as paredes com mais força do que antes. “Por favor,” ele sussurrou com uma voz trêmula. “Por favor, não me machuque.”

Nesse ponto da infecção, eu esperava mais hostilidade dele. Mais desespero para escapar. O encolhimento no canto era algo novo. “Você gostaria de um pouco de água?”

Ele respirava com dificuldade, claramente assustado por algum motivo, enquanto se agarrava com mais força à parede, com os olhos marejados.

Impaciente, caminhei em direção à mangueira e enchi um copo até a metade, como da última vez. Quando voltei para sua cela, ele não se preocupou em se aproximar quando estendi o copo de papel pelas grades, então coloquei-o no chão e recuei.

Ele deu uma guinada incerta para frente, então parou, os olhos passando de mim para a cela, como se estivesse medindo a distância. Seu comportamento me lembrava um pequeno animal, como um roedor.

“Não vou tocar em você. Não tenho ideia de por que está tão nervoso de repente.”

Cambaleando de quatro, ele avançou, pegou o copo e bebeu o líquido oferecido. Um longo arranhão percorria todo o seu pulso, da base da palma até o cotovelo, como se ele tivesse brincado com a ideia de cortar mais fundo.

Mais uma vez, examinei sua cela em busca de qualquer coisa que ele pudesse ter usado para se cortar, mas ainda assim só encontrei o pente como o objeto mais afiado.

Então, ele baixou o copo e ficou na mesma posição de antes, com as palmas das mãos apoiadas no concreto, ele vomitou. Fluidos tingidos de sangue foram expelidos de sua boca, espirrando no concreto. O movimento na poça chamou minha atenção para cerca de quatro vermes se contorcendo ali.

Gemendo, Barletta encostou-se novamente na parede. “Porra! Porra!”

“Diga-me como você conseguiu esses cortes na pele.”

“Você está louco?” Um cruzamento entre soluço e risada reverberou nas paredes. “Você os colocou lá! Seu maluco filho da puta!” Ele enfiou os dedos no antebraço, coçando e raspando, até que as primeiras gotas vermelhas apareceram. “Assim como você colocou vermes em mim. Foi você!”

A automutilação não era incomum nos infectados, embora apenas até certo ponto, e enquanto examinava seu flanco, imaginei que era possível que, com alguma torção impressionante, ele pudesse ter causado isso a si mesmo. Com as alucinações que sofreu, não teria me surpreendido se ele tivesse se envolvido em uma cena dentro de sua cabeça, de algo o atacando daquela forma.

Por mais que eu adoraria acabar com o sofrimento dele e continuar a coletar a

toxina, era importante deixar a natureza seguir seu curso.

E parecia que a natureza já havia decidido o destino do homem.

Olhando para os papéis espalhados em minha mesa, tentei entender o comportamento de Barletta. Ele começou a entrar no estágio de agressão em sua doença. Os efeitos do parasita tendiam a tornar as suas vítimas combativas e violentas, mas sua reação anterior me deixou perplexo.

Meu celular tocou e, reconhecendo o número como um dos meus contatos, James, um colega Rook com quem entrei em contato há algum tempo, atendi. “Sim?”

“Tenho que admitir, Devryck, a tarefa de encontrar Angelo DeLuca foi provavelmente a mais desafiadora até agora.”

“Como assim?”

“Não há realmente nada sobre esse cara. Passou algum tempo na prisão. Parece que sua família o expulsou por ser uma espécie de canhão solto. Teve alguns empregos – coisas estranhas. Mas a sua última localização conhecida foi Nova Iorque, há cerca de quatro anos.”

Quatro anos atrás. Ótimo. O idiota poderia estar em qualquer lugar. Recostando-me na cadeira, belisquei a ponta do nariz e soltei um gemido.

“Não tenho certeza se você viu a notícia há algumas semanas?” James perguntou, mas ultimamente a enxurrada de besteiras políticas, juntamente com minhas próprias preocupações, me mantiveram longe da televisão. “Ele aparentemente estava envolvido no assassinato de algum investidor importante de Massachusetts. Acho que o nome dele estava manchado de sangue nas paredes.”

“Você tem uma foto desse cara?”

“Eu consegui uma foto dele mais antiga. Parece que ele foi preso por acusações de drogas há algum tempo. Ele também foi acusado de tráfico de pessoas, mas os promotores aparentemente desistiram porque a vítima não estava disposta a cooperar.”

Soltei um suspiro exasperado. “Então, você não tem nada recente?”

“Tirando aquele assassinato há algumas semanas, não. Parece que ele fodeu com a pessoa errada, e meu palpite é que ele se matou.”

Meus sentimentos estavam confusos sobre isso. Em parte, aliviado por não ter que localizá-lo e arrastá-lo de volta para cá, mas também desapontado por não ter a oportunidade de matá-lo eu mesmo. “Se pudesse enviar a foto, seria ótimo.”

“Sim, não há problema. Desculpe, não consegui arranjar mais do que isso, mas parece que nem o FBI consegue rastrear o idiota. Estou pensando que ele está morto.”

“Que pena seria isso.”

“Sim. Menos um canalha no mundo.” Ele não tinha ideia do nível de canalha que o cara era. Que eu suspeitava que ele tivesse assassinado meu irmão. Que era aquele que atormentou Caed com um maçarico.

Quão miseravelmente eu poderia tê-lo feito sofrer por isso.

“Agradeço seus esforços. Se conseguir pensar em mais alguma coisa, não hesite em entrar em contato comigo.”

“Sempre. Cuide-se.”

Com essas palavras de despedida, desliguei o telefone. *Porra*. Provavelmente foi melhor que eu não o tivesse encontrado. Envolver-me em assuntos do FBI seria um tiro nas minhas costas, e eu certamente não precisava disso no momento. Não quando eu já segurava um homem à beira da morte. Seria apenas uma questão de tempo até que Barletta sucumbisse. Além disso, eu fiz o suficiente para me vingar do meu irmão, não foi?

O motivo do sequestro de Caedmon ficou claro para mim anos atrás, quando soube pela primeira vez quão importante era a descoberta de meu pai e até que ponto ele tinha ido para protegê-la. A capacidade de curar o incurável valia milhões de dólares. Mesmo nas mãos incapazes de criminosos, a pesquisa poderia ter sido vendida. Replicada. Se não fosse pela proteção dos Rooks e da universidade, eu provavelmente estaria correndo tanto risco quanto meu irmão. Foi uma pena que meu pai nunca tenha reconhecido a crueldade, os extremos depravados que outros iriam para reivindicar sua descoberta. Talvez se ele tivesse estendido a proteção oferecida a ele, meu irmão ainda estaria por perto.

Para não chamar atenção para mim, decidi interromper minha busca por Angelo DeLuca. De qualquer maneira, eu logo teria que lidar com um cadáver.

Barletta era o suficiente. Por agora.

Meu telefone tocou novamente e olhei para baixo para ver uma mensagem de Lippincott:

> Espero vê-lo no baile desta noite.

Gemendo, não enviei nada além de um sinal de positivo em resposta. Eu odiava a porra do show de cães e pôneis do financiamento acadêmico. Porque os ricos não podiam entregar seu dinheiro silenciosamente, sem a necessidade de caviar e de conversas banais, estava além da minha compreensão.

Antes de organizar as coisas e voltar para meus aposentos no campus para me preparar para a cruzada de merda daquela noite, decidi dar uma olhada em Barletta mais uma vez.

O silêncio enquanto eu caminhava pelo corredor escuro marcou o primeiro sinal de que algo estava errado. O som dos meus passos contra o concreto certamente deveria ter desencadeado seus gemidos e súplicas. Foi o sangue que saiu da cela para o corredor que me fez desacelerar os passos. Finalmente cheguei à sua cela, onde ele estava caído de lado, com as costas pressionadas contra as barras da jaula. Franzindo a testa, retirei a chave e destranquei a porta, contornando seu corpo para encontrar uma cena absolutamente macabra. Um globo ocular destroçado caiu da órbita e bateu em sua bochecha. O outro havia sido arrancado, completamente mutilado, escorrendo sangue pelo rosto. Em sua mão havia uma ferramenta de aparência rústica – um pedaço de pedra afiado, do mesmo tom envelhecido das paredes circundantes. Acendi a luz do meu telefone e o arrastei pela cela, não encontrando nenhum buraco ou pedra quebrada. Como ele colocou as mãos nisso me deixou perplexo. Ao mesmo tempo, explicava o modo como ele conseguiu causar os arranhões em seu corpo, mesmo que encontrá-lo dessa forma não fizesse sentido. Suicídio dessa maneira era extremamente incomum. O parasita procurava água para se acasalar e reproduzir. Viver.

Pensei no relatório do legista para a mãe de Lilia e em como ela cortou os pulsos. Isso foi evolução? Ou havia algo sinistro em jogo?

Quando me agachei ao lado dele, a pedra em sua mão chamou minha atenção

novamente. Mais cedo, quando lhe ofereci a bebida, notei um longo arranhão na parte interna de seu pulso. Pelo ângulo em que estava, ele teria inclinado o copo para trás com a mão direita. Eu também o vi escrevendo com a mão direita. Para verificar, girei seu pulso para confirmar o arranhão. No entanto, a pedra para arrancar seus olhos estava em sua mão esquerda. Era apenas uma teoria, de minha parte, mas parecia que sua mão direita era dominante e teria sido a única a arrancar seu olho, se ele tivesse feito isso consigo mesmo.

“Porra.” Tive que deixar minhas inspeções de lado e me apressar, pois os parasitas só ficavam contidos no corpo por um certo tempo antes de escaparem para uma fonte de água.

Agarrando uma maca estacionada no extremo oposto do corredor, corri de volta para a cela e icei desajeitadamente o corpo de Barletta para cima dela. Uma olhada no meu relógio mostrou que passava pouco das sete. Tempo suficiente para lidar com Barletta e seguir para o temido baile.

Levei Barletta para uma sala separada no corredor - uma que abrigava um grande tanque prateado de hidroterapia que eu havia comprado. Havia uma mangueira bem dentro dele e liguei a água, permitindo que enchesse. Acendi a lâmpada no alto e deslizei o corpo de Barletta da maca para dentro do tanque, onde ele caiu no fundo. A água subiu rapidamente, engolindo suas pernas, braços e, por fim, seu rosto. Inclinando a lanterna do meu celular sobre a água, observei enquanto, sem falhar, pequenos objetos pretos saíam de sua boca e nariz. Alguns, perto de suas pernas, sem dúvida emergiram de seu ânus, de alguma forma encontrando o caminho para fora de suas roupas. Mais de uma dúzia de parasitas emergiram do cadáver, correndo pela água em busca frenética de um companheiro. Sua barriga se remexeu com mais deles.

Enquanto olhava para a cena horrível, não pude deixar de pensar em quão longe eu estava do garoto que se encolhia no armário de suprimentos, ouvindo as vozes dos mortos. O adolescente assustado que não suportava ficar no mesmo quarto que um cadáver. Foi a morte do meu irmão que me tirou desses medos e me levou à fascinação macabra que desenvolvi pela morte. Minha curiosidade me levou até aquela geladeira, onde meu pai guardava os corpos que lhe pediram para examinar. E foi ali, olhando nos olhos de um dos mortos, que imaginei meu irmão deitado. O visual humanizou de alguma forma os monstros dentro da minha cabeça, e eu não os temia mais. Quanto mais eu aprendia sobre o corpo humano, menos ouvia aquelas vozes aterrorizantes, até que, em algum momento,

elas desapareceram completamente.

Ficou apenas um silêncio feliz.

Depois de algumas horas, a maioria dos vermes terá escapado para a água, que eu coletaria e permitiria que eles acasalassem com os outros vermes que colhi. Então eu o levaria para a sala de autópsia e o abriria, para coletar amostras de cérebro e fígado, onde a toxina seria mais potente para isolamento e purificação.

Cada vez que os vermes infectavam, suas toxinas se tornavam mais específicas para a genética humana e os elixires se tornavam mais eficazes. Os efeitos duravam mais.

Infelizmente, estava ficando sem cobaias. Eu tinha conseguido justificar a localização dos homens que haviam levado meu irmão, mas com a notícia do desaparecimento de Angelo, eu só podia rezar para que o último elixir fosse bem-sucedido. Caso contrário, teria que procurar outra vítima.

Capítulo 38

Lilia

É só respirar. Apenas. Respirar.

Sentei-me na parte de trás do ônibus do campus, na esperança de evitar toda e qualquer atenção. Spencer se ofereceu para me buscar no meu dormitório, mas isso parecia um pouco parecido com *um encontro*. Em retrospecto, dado o número de olhos grudados em mim naquele momento, me arrependi da decisão.

Minha perna tremia incessantemente sob o tule fofo enquanto o ônibus se agitava, e rezei para que um dos meus seios não se soltasse, por que isso não seria a cereja do bolo de merda?

O ônibus diminuiu a velocidade e parou em Carmady Hall. Mais uma parada e eu finalmente me libertaria dos olhares cobiçosos dos outros alunos que voltavam para seus dormitórios depois das aulas noturnas. Eles nem foram discretos sobre isso, pelo amor de Deus, e eu tive que manter minha atenção voltada para a janela apenas para evitar qualquer comentário de confronto que saísse da minha boca.

O ônibus entrou em movimento novamente, meus seios balançando e testando a integridade de cada ponto do corpete. Parabéns a Missy por seja qual for o fio mágico que ela usou para manter tudo junto.

A próxima parada era Jaxstone Hall, mas como o ônibus do campus não ia até Wattscrick Hall, onde seria realizada a festa de gala, eu teria que atravessar Canterbury Gardens. Eram dez minutos de caminhada, passando pelo antigo mausoléu.

Um pouco assustador.

Claro, eu não era totalmente estúpida. Tinha spray de pimenta enfiado na fita em minha cintura, aquele que Jayda me deu pouco antes de eu partir para Dracadia.

Quando o ônibus finalmente parou novamente, quase pulei de pé. Felizmente, Missy me deixou usar sapatilhas pretas enfeitadas, quando disse a ela como eu era propensa a acidentes de salto alto. Pouco entusiasmada, ela cedeu sem muito mais do que um resmungo silencioso.

“Posso pegar seu número?” — perguntou um dos passageiros, enquanto eu passava. Provavelmente um calouro.

Não me preocupei em me virar e olhar para ele enquanto saía apressada do ônibus antes que a ansiedade que me atingia pudesse me desequilibrar e me fazer cair de cara no chão. Uma vez em terra firme, fechei os olhos e respirei fundo, mas ao som da porta se fechando, me virei e bati no vidro.

Com o rosto franzido de óbvia irritação, a motorista do ônibus abriu a porta novamente.

“Quando é a última coleta?” — perguntei, mexendo no tule da minha saia.

“Você está olhando para ela.”

“Espere. Você não passa por aqui de novo?

“Não. Você precisa de uma carona de volta? Terá que ligar para um DracUber.”

“DracUber?” De todos os nomes cafonas… “É… como Uber?”

“Algo parecido.” Ela bateu a porta com uma lufada de ar que bagunçou meu cabelo e saiu pela rua.

Eu não trouxe nenhum dinheiro comigo para pedir uma carona. Merda.

As temperaturas caíram um pouco, mas a humilhação da viagem de ônibus me manteve bem e quentinha quando entrei no caminho dos jardins. Meu vestido

farfalhou no concreto, e fiquei grata por Missy não poder me ver naquele momento, ou ela provavelmente teria tido um ataque por causa da bainha arrastar. No alto, a lua brilhava, graças a Deus, ou teria sido uma jornada escura como breu ao redor do que antes serviu como cemitério.

Andar sozinha no escuro não era novidade para mim, já tinha feito isso tantas vezes em casa que nem parecia anormal ou incomum. Embora eu definitivamente tenha encontrado minha cota de esquisitos, nunca fui realmente prejudicada.

No entanto, eu nunca tinha usado um lindo vestido de baile com meus seios meio para fora antes.

Os poucos fios de cabelo soltos que pendiam da trança francesa estavam em pé, meus músculos equilibrados e prontos para puxar o spray de pimenta, se necessário.

Os jardins eram pacíficos, no entanto.

Serenos.

Parecia um pouco como caminhar por um antigo pátio inglês imaculado em um sonho, com todas as sebes perfeitamente aparadas, cores vibrantes e flores coloridas do final do verão. Mal podia esperar para ver a universidade no auge do outono. Como ficaria linda com todos os laranjas e vermelhos ardentes.

O som de folhas sendo esmagadas me fez parar e me virei, examinando os arbustos e árvores ao redor. Procurei qualquer sinal de movimento, mas não encontrei nada. Não querendo ficar por aqui, continuei pelo jardim, com os ouvidos atentos para qualquer outro som.

A luz à frente chamou minha atenção e pude distinguir o que parecia ser um solário envidraçado. Meu coração ficou preso na garganta e parei. De onde eu estava, avistei uma multidão de pessoas em seus vestidos elegantes e smokings, as toalhas de mesa brancas sob o brilho suave das velas. O lugar exalava riqueza.

Oh Deus. O que eu estou fazendo?

Era muito chique. Muito chique para mim.

Virei-me para sair, mas parei quando meu olhar se deparou com alguém parado do lado de fora do solário. Com o cigarro na mão, ele olhava para as estrelas,

mas vê-lo com um paletó preto de corte perfeito e calças compridas fez meu coração parar na garganta.

Bramwell.

Com os olhos cerrados de rímel, respirei fundo três vezes e balancei quando uma onda de tontura me invadiu. Sacudindo-a, mantive meus olhos grudados nas costas do Professor Bramwell e saí do jardim para o pátio do Solário, a apenas alguns metros de onde ele estava. Como se sentisse a minha presença, ele inclinou a cabeça para o lado, sem ainda ter se virado para me olhar, e o pânico se instalou em meu estômago quando observei seu perfil perfeito e aquela mandíbula digna de um modelo.

Esconda-se, meu cérebro insistiu. Não deixe que ele te veja assim.

No momento em que ele se virou, porém, já era tarde demais. Nossos olhos se encontraram. Um arrepio percorreu minha espinha quando percebi a expressão em seu rosto. Não uma troca entre aluno e professor, mas como dois estranhos. Intencional e intensa. Queria rastejar para dentro de mim mesma e ficar invisível, pela maneira como seu olhar me devorava.

Seus ombros largos se estreitavam até a cintura, e ele estava com uma bebida em uma das mãos e um cigarro na outra. Eu nunca o tinha visto tão casual, mas imponente ao mesmo tempo. O homem enchia seu terno com uma graça afiada e letal, e um ar de autoridade.

Uma visão de arrepiar as coxas.

O mundo ao meu redor ficou em silêncio, uma galáxia escura girando com uma força gravitacional que me atraiu para mais perto. Cada nervo ganhou vida sob seu olhar, e minha pele arrepiou.

“Lilia?” A voz vinda de trás me atingiu como um balde de água fria, e me virei para encontrar Spencer, também vestido com um smoking. Seus olhos me examinaram de cima a baixo, arregalados de fascínio. “Jesus. Você parece... uau.”

Uma olhada por cima do ombro mostrou o professor Bramwell voltando-se para as estrelas, sem dúvida desinteressado em nosso encontro.

“Você veio a pé até aqui?” Spencer perguntou, olhando para o jardim.

Saindo do meu torpor, balancei a cabeça. “Não. Ônibus universitário.”

“Você pegou o ônibus universitário?” Suas sobrancelhas se ergueram e ele balançou a cabeça. “Ok, está resolvido. Vou te levar para casa.”

“Você tem carro? Achei que os estudantes não podiam ter carros na ilha.”

Com um sorriso maroto, ele encolheu os ombros. “A maioria não tem. Na verdade, minha família mora na ilha. Se você mora aqui ou é funcionário, pode conseguir um passe.”

“Deve ser legal.” Não que eu tivesse um carro – ou pudesse comprar um, aliás.

“Vamos lá. Você deve estar congelando.” Ele ofereceu um braço dobrado, no qual eu relutantemente coloquei o meu.

“Só para esclarecer – somos amigos.”

Spencer riu, balançando a cabeça. “Quem machucou você?”

“O que isso significa?”

“Nunca conheci alguém tão inflexível em evitar um encontro.”

“Você não está chamando isso de encontro, está?” Franzindo a testa, puxei meu braço para trás e ele agarrou-o, segurando-o entre os seus.

“Relaxa. Somos dois amigos participando de uma festa de gala de caridade.”

“Bom.” Tendo estabelecido isso, a tensão nos meus músculos diminuiu um pouco. “Para que serve a instituição de caridade, afinal?”

“Um jogo chato para os ricos, principalmente. Perdoe meu francês.”

“Eu prefiro o seu francês. Isso me faz sentir menos... chique.”

“A festa de gala acaba financiando a pesquisa do Professor Bramwell, sob o pretexto de melhoramento genético conservacionista.” Outra olhada por cima do ombro mostrou que o Professor Bramwell não estava mais lá, enquanto Spencer me conduzia por uma das portas de vidro. “Se bem me lembro do convite, é para ajudar a manter a diversidade genética das mariposas indígenas da ilha. Acho que era um requisito para usar as mariposas Sominyx em pesquisas.”

O ar esquentou a uma temperatura muito agradável quando entramos no solário.

“Ah, então substituímos as mariposas no ambiente que são mortas no laboratório.”

“Exatamente”, disse Spencer, conduzindo-me mais para dentro da sala elegantemente decorada.

Candelabros pretos cintilavam pelo espaço, dando uma suave luminescência. Um mar de vestidos elaborados e smokings me deixou com o estômago em frangalhos, apesar de me adaptar ao estilo de roupa - nesse aspecto, Missy se saiu bem. Com exceção de alguns rostos mais jovens - Kendall era um deles, pois ela me olhava fixamente de onde estava, ao lado de um dos caras do rúgbi que eu reconheci do outro dia no refeitório -, a multidão parecia ser, em sua maioria, de pessoas mais velhas, o que eu imagino fazer sentido em um evento beneficente.

A elegância rígida era um pouco suavizada pela música do piano que preenchia a pausa entre todas as conversas que aconteciam ao meu redor.

No centro da sala havia um recinto de vidro que chegava até o teto alto e arqueado de vidro. Como uma versão enorme das cúpulas de vidro do nosso laboratório noturno, e dentro, centenas de mariposas Sominyx pretas esvoaçavam.

“Vou pegar uma bebida para nós”, disse Spencer, mas suas palavras mal foram registradas, quando soltei seu braço e fui até as mariposas, fascinada por elas. Suas asas negras não indicavam nenhum sinal de infecção, como aprendi no laboratório Midnight. Uma mariposa havia pousado no vidro e, quando pressionei um dedo ali, suas asas bateram. Mais mariposas voaram para o meu lado do vidro, como se fossem atraídas para lá. Olhei para baixo e vi a luz refletida nas pequenas flores estelares do meu vestido.

“Atraídas para a luz.” Ao som da voz profunda, virei-me e vi o professor Bramwell olhando através do vidro a poucos metros de mim. A visão dele agitou meu pulso, assim como antes.

“Há tantas delas. De onde vieram?”

“Foram compradas de um criador aqui em Dracadia. É a penitência da universidade por usá-las para estudar Noctisoma. Dracadia é o único lugar onde essas mariposas chamam de lar, então seu número pode diminuir se não tomarmos cuidado.”

“Elas são o hospedeiro natural do parasita, não são?”

“Sim. Mas nem toda mariposa está condenada a ser infectada. Somente as curiosas.” Com uma taça de champanhe na mão, ele se aproximou de mim, mas com cuidado para manter distância entre nós, ao parar em alguma linha invisível. “Você vê a trava no teto lá em cima?”

Olhando para cima, vi uma espécie de porta de vidro no telhado do solário, um espaço entre as vidraças onde ela não se fundia tão firmemente quanto as outras. “Sim.”

“Eles abrirão no final do jantar e soltarão as mariposas na natureza.”

“Tenho certeza de que os morcegos estão ansiosos por isso.”

Seus lábios se curvaram para cima, e a risada sombria que se seguiu deixou meu estômago tão agitado quanto as mariposas. “Felizmente, as não infectadas são um pouco mais experientes em sobrevivência. Embora isso seria um fim muito mais misericordioso, não acha?”

“Suponho que sim. Eu não poderia imaginar ser um inseto. Perseguido por tantas coisas perigosas.” Ousei olhar e o encontrei olhando para meus lábios, onde eu havia reaplicado o batom antes de sair do dormitório.

“Você precisa prestar mais atenção, Srta. Vespertine.” Ele se virou, como se estivesse examinando a sala, o que me obrigou a fazer o mesmo.

Spencer, olhando para mim do outro lado da sala, tinha uma expressão curiosa.

“Vejo que você e Spencer estão se dando bem.” O professor Bramwell bebeu sua bebida e, quando uma das mulheres uniformizadas passou com uma bandeja de taças de champanhe, fez sinal para pedir outra. Não pude deixar de notar o sorriso sedutor no rosto dela, quando ele pegou a bebida sem sequer se importar em olhar para ela.

Ela se virou para mim, as sobrancelhas levantadas sobre impressionantes olhos cinzentos. *“Voulez-vous boire un verre, mademoiselle? “*

Embora eu reconhecesse as palavras sensuais como sendo francês, uma das línguas nativas faladas pelos habitantes locais da ilha, não tinha ideia do que ela havia perguntado. “Sinto muito, não entendo totalmente. Você está perguntando se eu gostaria de uma bebida?”

Um sorriso curvou seus lábios e quando ela assentiu, respondi educadamente: “Não, obrigada.”

Seu sorriso durou mais um momento, antes de ela voltar sua atenção para o Professor Bramwell, cujos olhos estavam em mim naquele momento. “*Si vous comprenez, retrouvez-moi dans le cartaz nos dix minutos*[2].”

Um músculo em sua mandíbula se contraiu e ele desviou sua atenção de mim para a garçonete. “*Je comprends. Et je décline votre offre*[3].” A cadência suave de sua voz tinha uma fluência sedutora que me deixou intrigada e querendo mais. O que quer que ele tenha dito a ela, porém, pareceu desequilibrar sua compostura, enquanto a garçonete revirava os ombros para trás, acenava com a cabeça e se afastava.

Fiquei olhando para ela, intrigada com a interação entre eles.

“Você não respondeu à minha pergunta”, disse o professor Bramwell, interrompendo meus pensamentos e bebendo sua nova taça de champanhe.

Minha mente voltou ao seu último comentário sobre se dar bem com Spencer. “Nós somos apenas amigos.”

“Amigos”, ele repetiu, enquanto seus olhos viajavam para o sul, ao longo do meu vestido e de volta.

Eu fui cobiçada por homens desde que meus seios cresceram, mas o olhar de Bramwell continha algo diferente. Algo que eu queria estudar e desvendar, sem todas as outras pessoas na sala. Um comando não dito e a tensão inquietante que fazia meus ossos vibrarem.

Um labirinto intrincado no qual eu queria me perder.

O calor correu sob minha pele, sem dúvida me deixando corada.

Era estranho vê-lo daquele jeito – sem um livro nas mãos ou impaciente para sair para algum lugar. Quase parecia que ele não sabia o que fazer nesse cenário.

Não muito diferente de mim.

“Para ser honesta, me sinto um pouco deslocada aqui.” Olhei ao redor, captando o olhar de alguns convidados – homens e mulheres. “Parece que todo mundo

sabe que sou muito pobre.”

“Você acha que eles estão olhando para você porque é pobre?” Ele escondeu um sorriso malicioso em sua bebida e bebeu um longo gole que esvaziou o copo. Sua mandíbula flexionou com o cerrar dos dentes enquanto ele engolia. “Os ricos possuem um apetite insaciável pelo raro e inestimável. Eles te olham porque você é a única coisa *que vale a pena* olhar.”

O ar ficou inebriante, fazendo cócegas em meu peito a cada inspiração. Com as bochechas coradas, eu me virei e vi Spencer me acenando para onde ele estava entre alguns homens, inclusive seu pai.

Eu não queria ir para Spencer, no entanto. Queria ficar ali, com meu professor, lutando para recuperar o fôlego. Ao meu lado, as mariposas esvoaçavam, seus movimentos refletindo a sensação no meu estômago toda vez que o homem abria a boca.

“Vá, Srta. Vespertine”, sussurrou o professor Bramwell, sua proximidade deixando meus nervos em chamas. “Você é jovem demais para viver uma vida sem erros.” Após essas palavras de despedida, ele se afastou com um ar de arrogância que fez meus joelhos fraquejarem.

Minha cabeça me incentivou a segui-lo. Eu queria.

Em vez disso, fui até Spencer, que me entregou uma bebida escura e roxa.

Estudando-a, franzi a testa diante da cor profunda, através da qual não conseguia ver o fundo do copo. “O que é isso?” Eu cheirei, não notando nada além de um aroma doce de frutas vermelhas.

“Apenas ponche”, disse ele e tomou um gole. “Se você acha que o bom reitor me deixaria escapar com um pouco de ponche, pense novamente.”

Com a boca seca após o encontro com o Professor Bramwell, tomei um gole e o sabor doce atingiu minha língua com um deleite inesperado. “É realmente bom.” Tomei outro gole, tentando identificar o sabor. “Do que é feito?”

“Nenhuma ideia. Mas garanto que uma dose de rum teria tornado tudo ainda melhor.”

“Nunca experimentei rum.”

“Oh, temos que remediar isso. Não esta noite, obviamente.” Com um leve empurrão em meu braço, ele me levou de volta ao grupo de homens com quem ele estava há pouco. “Quero apresentar você ao meu pai.”

A ideia de ficar cara a cara com um homem que havia participado do estudo de pesquisa que pode, ou não, ter resultado na morte de minha mãe me pareceu um pouco pesada para a noite. Embora eu adoraria arrancar algumas respostas dele, o vestido me deixava vulnerável. “Eu não sei.”

“Está tudo bem. Ele tomou alguns drinques. Provavelmente é o melhor momento para encontrá-lo.”

Talvez se ele estivesse bêbado o suficiente, esqueceria de me ver aqui. Com relutância, segui Spencer, roubando outro gole da minha bebida.

“Pai, gostaria de apresentá-lo a alguém. Esta é minha amiga, Lilia.”

Um lampejo de consternação passou pelo rosto do reitor, antes que ele sorrisse e estendesse a mão em minha direção. “Lilia. É um prazer te conhecer. Spencer me disse que você também é estudante de medicina.”

“Bem, ainda não decidi exatamente sobre a faculdade de medicina. Estou um pouco indecisa.”

“Eu, hum... sinto muito pelo meu comportamento estranho naquele dia no refeitório. Não queria ser rude. Você simplesmente me pegou de surpresa.”

“Como assim?”

“Você me lembra alguém que eu conhecia.”

“Oh? Quem?” Eu joguei, sabendo muito bem quem. Enquanto a pergunta fazia cócegas na ponta da minha língua, me implorando para perguntar o que ele sabia sobre as mortes daquelas seis mulheres, eu a contive.

Ele acenou com a mão em sinal de desdém e deu uma risadinha. “Vejo tantos rostos passando por esta universidade que é difícil identificar onde ou quem exatamente. É estranho como nossos cérebros funcionam, não é?”

“Muito estranho. Você também me parece familiar”, menti.

Outra garçonete, uma jovem loira de olhos brilhantes, veio em nossa direção e colocou a mão no braço do reitor de uma forma que me pareceu um tanto íntima.

Ela se inclinou para sussurrar algo em seu ouvido, e eu percebi seu aperto suave em sua mão.

Ele assentiu e a soltou. “O jantar será servido em breve. Lilia, você se juntará a nós na nossa mesa?”

“Claro.” Mesmo que eu preferisse ficar sentada com as mariposas.

O reitor conduziu nosso pequeno grupo em direção a uma mesa redonda com oito lugares, e todos se acomodaram em uma cadeira, Spencer ao meu lado.

Um homem mais velho, que não reconheci, deu uma piscadela e sentou-se no assento à minha esquerda, aumentando instantaneamente meu desconforto. Uma mulher da mesma idade, vestida com jóias enfeitadas, ocupou o lugar do outro lado dele.

À nossa frente, o reitor sentou-se, lançando olhares ocasionais em minha direção e só quebrando o hábito enlouquecedor quando um homem passou por trás dele, dando-lhe tapinhas no ombro.

“Posso perguntar quantos anos você tem, mocinha?” O homem ao meu lado se inclinou em minha direção apenas o suficiente para que minhas defesas se erguessem novamente.

Limpei a garganta e tomei outro gole da minha bebida antes de colocá-la sobre a mesa. “Vinte.”

“Que idade maravilhosa. Eu me lembro de ter vinte anos. Frequentando esta mesma universidade. Capitão do time de rúgbi.”

“Uau. Isso é ótimo.”

“Charles Dandridge”, disse ele, estendendo a mão rechonchuda para mim.

“Lilia”, respondi, retribuindo seu aperto de mão.

“É um prazer conhecê-la, Lilia.” Seu olhar baixou e não tive dúvidas de onde ele havia pousado. “Eu era um grande mulherengo naquela época.”

“Tenho certeza.” Limpei a garganta novamente e me afastei dele. Ao fazer isso, avistei a professora Gilchrist caminhando em direção à nossa mesa.

Não se sente aqui. Por favor, não se sente aqui. Por favor, não se sente aqui.

Para minha total consternação, ela se sentou ao lado do reitor, e o sorriso em seu rosto desapareceu no momento em que seu olhar pousou em mim.

Com um sorriso tímido e de lábios apertados, dei um pequeno aceno.

Claro, ela não acenou de volta.

Um sorriso forçado apareceu em seus lábios quando ela deslizou na cadeira. Com o movimento mais sutil que consegui, virei-me para Spencer. “Eu não sabia que Gilchrist estaria aqui”, sussurrei. Minha mente voltou ao dia no beco quando eu vi os dois juntos.

“Sim, ela meio que organizou a festa de gala. Foi ela quem negociou todas essas mariposas. É realmente estúpido, elas simplesmente voltarão à circulação e nós estaremos retirando suas carcaças das gaiolas em pouco tempo.”

“Isso é horrível. Falando em horrível, o cara ao meu lado é meio assustador,” eu sussurrei em um tom ainda mais baixo.

“Ah, ele é inofensivo. Fedorento de rico, mas inofensivo. Um velho amigo do meu pai.”

Além de Spencer, uma figura caminhou em direção à mesa, e meu coração ficou preso na garganta pela segunda vez naquela noite, quando o professor Bramwell se sentou no segundo assento depois de Spencer. Quando seus olhos me encontraram novamente, uma onda de calor percorreu minhas veias.

A cadeira entre ele e Spencer permaneceu vazia, e só então percebi que todos na mesa tinham um acompanhante. Exceto ele.

Meus olhos se voltaram para o reitor, que rapidamente desviou o olhar de mim. Inclinei-me para Spencer novamente. “Seu pai é... quero dizer... sua mãe é…”

“Ela está em casa. Doente. O que significa apenas que ela tomou muitos comprimidos para dormir de novo.”

“Oh. Entendo.”

“Sim. Acontece muito.”

“Eu não tinha certeza se Gilchrist estava...” Hesitando em dizer, balancei a cabeça. “Deixa pra lá.”

Num gesto sutil, ele cobriu a boca com a mão e se aproximou. “Eles realmente não se suportam. Meio que torna isso realmente estranho.”

Num piscar de olhos, visualizei ela segurando a virilha de Spencer, balancei a cabeça. “Eu posso imaginar.”

No silêncio que se seguiu, olhei para a elaborada mesa posta – três garfos à esquerda, duas facas e uma colher à direita, um garfo e uma colher menores acima do meu prato, e algum utensílio com pontas estranhas que eu nunca tinha visto antes.

Nosso garçom trouxe uma variedade de aperitivos que me fizeram arregalar os olhos - tártaro de atum, ceviche de linguado, polvo grelhado, latke de salmão. Eu não tinha a menor ideia do que eram, mas experimentei um dos latkes de salmão, apenas porque eram pequenos.

O prato seguinte consistia numa sopa de marisco e, enquanto eu alcançava meus talheres, percebi o Professor Bramwell me encarando.

Tentei não notar o assento ao lado dele, ainda sem acompanhante.

“Doutor Bramwell,” o homem à minha esquerda resmungou em torno de sua comida. “Em Las Vegas, no mês passado, visitei um restaurante onde você pode pedir sopa de fungo de lagarta por apenas setecentos dólares a tigela. Supostamente tem propriedades curativas incríveis. Um tratamento natural contra o câncer. *E* um afrodisíaco.” Ele me deu uma cotovelada por baixo da mesa e eu fiz uma careta. “O que você acha?” Para um homem que supostamente tinha uma quantia obscena de dinheiro, ele certamente carecia de etiqueta à mesa na maneira como sorvia sua sopa.

Voltei minha atenção para o professor Bramwell, que olhou para o homem com indisfarçável desinteresse. Isso me fez pensar se eles se conheciam fora da festa de gala, porque eu quase conseguia sentir a química hostil entre eles.

“*Ophiocordyceps sinensis.* Primo da espécie cordyceps, que transforma formigas em zumbis. Inofensivo para os humanos, mas se você for tolo o suficiente para pagar setecentos dólares pelo que você acha que é a próxima panaceia, então eu me pergunto se isso realmente infectou seu cérebro.”

Morder o lábio não conseguiu conter a risada silenciosa na minha garganta.

Sem dúvida abalado, o homem ao meu lado eriçou-se, *bufou* e recostou-se na cadeira. “Não é essa a base da sua pesquisa, professor?”

“Minha pesquisa se concentra em uma única toxina e seu efeito na resposta autoimune. Não, não acredito que seja a panaceia que tem o poder de melhorar sua vida sexual. Suspeito que nem mesmo o Viagra tenha tanta ambição.”

Com os olhos arregalados, olhei para o prato à minha frente. Eles deviam se conhecer. O professor Bramwell certamente tinha habilidades sociais grosseiras, mas eu nunca o tinha ouvido insultar alguém abertamente.

A Sra. Dandridge tossiu em seu guardanapo, e eu não sabia dizer se ela terminou seu ataque com uma risadinha ou um engasgo.

O reitor Lippincott soltou uma risada nervosa. “Devryck tem… bastante senso de humor.” Um ar de desconforto permanecia em suas palavras, mas a tensão permanecia densa.

Dei outra olhada no professor Bramwell, que bebeu outra taça de champanhe, aqueles olhos cor de cobre pousando em mim, no momento em que colocou a taça sobre a mesa.

Uma estranha atração puxava meu peito. Não conseguia explicar. Mesmo tão áspero quanto ele era, eu o achava completamente cativante. Magnético.

Quando o prato principal de lagosta chegou, mantive uma conversa leve com Spencer sobre a comida e os lugares interessantes em Dracadia onde eu ainda não tinha me aventurado. Ainda assim, não pude deixar de lançar mais olhares para o Professor Bramwell, cada um deles recebido por seu olhar descarado. Meu vestido arranhava minha pele, onde parecia muito apertado, me prendendo, enquanto minha pele corava e meu estômago revirava.

A garçonete loira de antes fez uma segunda aparição e, com um toque suave no ombro, sussurrou algo no ouvido de Lippincott. Quando ela olhou para mim, percebi que estava olhando com muita atenção e, limpando a garganta, olhei para minhas mãos no colo, pegando Dandridge segurando sua virilha sob a mesa ao meu lado, em um ajuste grosseiro.

“Com licença por um momento”, disse o reitor Lippincott, deslizando a cadeira para trás e depositando o guardanapo sobre a mesa. No momento em que ele saiu da sala de jantar atrás do garçom, a tensão em meu estômago diminuiu um

pouco, lembrando-me de como eu me sentia desconfortável perto dele.

O adiamento durou pouco, pois apenas alguns minutos depois o reitor voltou ao seu lugar e minha ansiedade aumentou ainda mais do que antes.

A sobremesa chegou. A minha era um pequeno quadrado de cheesecake com algum tipo de cobertura de frutas vermelhas, cada pessoa na mesa foi servida com algo diferente.

“Eles sabem como economizar, não é?” Spencer bufou e colocou na boca o que parecia ser um cheesecake recheado de morango.

Brincando com meu garfo de sobremesa, me esforcei para não olhar novamente para Bramwell. Era ridículo e talvez até inapropriado.

Mas parte de mim não se importava.

O professor Bramwell notou minha presença e, por mais que eu originalmente detestasse a ideia de ir à festa de gala, fiquei feliz por ter feito isso.

Dei uma mordida no delicioso cheesecake de frutas vermelhas, o sabor lembrando o da bebida que tomei antes. Enquanto lambia o molho dos lábios, percebi o professor Bramwell se afastando. Minha atenção se voltou para Gilchrist, que me encarava do outro lado da mesa, os lábios franzidos em desaprovação.

“De onde você é?” Sr. Dandridge perguntou, e eu interiormente me encolhi com a pergunta.

Talvez contar a verdade a ele o inspirasse a me deixar em paz. “Covington,” eu disse tão inabalável quanto pude, e me forcei a não me mexer muito quando seu rosto se contraiu e franziu a testa.

“Covington? Aquela cidade horrível em Massachusetts?”

“Sim.”

“Bom Deus. Como você, hum…. Como veio parar aqui, em Dracadia?”

“Boas notas e resultados decentes nos testes.”

“Todos em Dracadia têm boas notas e resultados decentes nos testes.” Ele se inclinou para mim, perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu hálito

quente contra minha bochecha. “Ou foram as atividades extracurriculares que deram a você uma vantagem sobre seus colegas de classe, hmmm?” Por baixo da toalha de mesa, sua mão pousou na minha coxa. “Eu também tenho vários contatos aqui.”

Meus músculos se contraíram com a vontade de dar um tapa nele, minhas bochechas estavam tão vermelhas de raiva e humilhação que eu mal conseguia cuspir uma palavra. Tinha que estar escrito na minha cara.

Uma paralisia fria instalou-se em meus ossos, no entanto. *Faça alguma coisa!* minha cabeça insistia, mas meu corpo estava rígido e pesado com o choque. À medida que sua mão se movia para cima, finalmente alcancei debaixo da mesa e agarrei seu pulso, os olhos ardendo com a ameaça de lágrimas.

Ele pegou minha mão e puxou-a para sua coxa, e meus músculos tremeram para me libertar de seu aperto. Toda a luta silenciosa aparentemente alheia aos outros, que comiam a sobremesa sem dizer uma única palavra. Nem mesmo Spencer parecia estar a par, já que sorriu para mim antes de enfiar outro morango na boca.

“Eu me pergunto o que sua esposa pensaria se soubesse que você está apalpando a jovem ao seu lado, Charles?” Todos na mesa engasgaram em uníssono, enquanto o professor Bramwell tomava casualmente um gole de uma nova taça de champanhe. “Ou vocês dois participam de atividades extraconjugais, o que lhes dá uma folga, hmmm?” O tom do professor Bramwell carregava um tom de zombaria que ecoava o do Sr. Dandridge momentos atrás, e eu não sabia o que era mais chocante – o que ele disse ou que ele tinha ouvido as palavras de Dandridge para começar.

O aperto da minha coxa desapareceu rapidamente e, embora eu estivesse aliviada, meu rosto queimava de vergonha por não ter me defendido.

“Devryck!” O reitor Lippincott se levantou e jogou o guardanapo sobre a mesa. “É sua intenção insultar meus convidados em uma festa de gala muito importante, que financia sua pesquisa?”

“É sua intenção ignorar o fato de que outro de seus convidados está claramente desconfortável? Ou é apenas para os doadores ricos que o conforto é mais importante, *Edward?*”

“Chega disso. Por favor”, disse o reitor.

“Sim. Já estou *farto.”* Bramwell voltou sua atenção para Spencer. “Seja um cavalheiro e troque de lugar com ela.” Seu olhar se moveu em minha direção e endureceu em algo quase assassino quando passou além de mim. “E se você valoriza sua anatomia, recomendo fortemente que mantenha as mãos para si mesmo, Sr. Dandridge.” Com isso, o professor Bramwell jogou o guardanapo sobre a mesa e ficou de pé.

Meu coração afundou até o estômago ao vê-lo caminhar em direção à saída.

“Isso é uma ameaça? Ele acabou de me ameaçar, Edward?” Dandridge se mexeu na cadeira, me batendo no braço.

“Não… ele…. Não, não foi uma ameaça.” O reitor Lippincott soltou aquela risada nervosa novamente.

“Ele absolutamente fez isso m! Eu ouvi. Todos na mesa ouviram.”

“Cale a boca, Charles”, sua esposa finalmente disse ao lado dele. “Você é uma vergonha.”

Eu tinha ouvido isso, no entanto. O professor Bramwell o *ameaçou*. Por mim. Em todos os meus vinte anos, ninguém jamais me defendeu. Ninguém jamais interveio em meu nome.

Compelida a ir atrás dele, levantei-me da cadeira e, no momento em que o fiz, uma onda de tontura me fez vacilar para trás.

“Lilia?” Spencer agarrou meu braço, me firmando. “Você está bem?”

“Não. Eu me sinto. Estranha.”

“Você precisa de um pouco de ar fresco?”

Com a boca apertada para evitar vomitar, balancei a cabeça.

Baixando o olhar para evitar todos os olhares indiscretos, permiti que Spencer me levasse para fora do Solário e de volta ao pátio.

“Desculpe. Eu não queria...”

“Pare. Você deixou meu pai desconfortável. Estou emocionado.” Spencer bufou.

Outra onda me atingiu e eu cambaleei. “Uau. Estou realmente …. Tem certeza de que não havia álcool naquela bebida?”

“Tenho certeza de que não havia. Claro, minha tolerância cresceu um pouco nos últimos anos. Precisa de um pouco de água?”

Passando a mão pela testa, assenti.

“Fique aqui. Estarei de volta em um segundo.”

Um borrão se instalou nas bordas da minha visão. Olhando em volta, o Professor Bramwell não estava à vista.

Outro ataque de vertigem me atingiu e tropecei para o lado, prendendo minha mão em uma das pesadas cadeiras de ferro no pátio.

Um som de farfalhar no jardim chamou minha atenção.

Examinei o que pude ver através dos arbustos, mas não encontrei nada lá. O borrão na minha visão se intensificou e, conforme a visão mudou, tropecei novamente.

“Uau!” Spencer disse, segurando meu braço antes que eu pudesse cair de bunda. Ele me entregou o copo d'água e, apesar de não querer beber nada, com meu estômago roncando daquele jeito, tomei alguns goles. “Melhor?”

“Na verdade.”

“Vamos caminhar e ver se o movimento do ar e dos músculos ajuda.”

Enganchando o braço no meu, ele me conduziu até o caminho do jardim, e fiquei de olho em Bramwell, ou no que quer que tivesse feito aquele barulho. O caminho oscilou, mas o movimento ajudou um pouco.

“Me desculpe, eu deveria ter trocado de lugar com você lá atrás. Dandridge realmente tocou em você?”

A pergunta me fez fazer uma careta ao lembrar dele segurando minha coxa por baixo da mesa. “Sim. Ele realmente foi assustador.”

“Me perdoe. Posso dizer honestamente que ele nunca me apalpou por baixo da mesa, então não sabia o quão assustador ele poderia ser.”

“Eu só quero esquecer tudo.”

“Tudo?”

Um olhar de mágoa em seus olhos enviou outra onda de náusea ao meu estômago. Virei-me e avistei uma figura parada em frente ao mausoléu, ao longe. Capa longa e preta. A máscara da peste. Era minha imaginação? Ou era real? Uma respiração profunda saiu de mim e eu voltei para Spencer. Uma rápida olhada para ele e dei um passo para o lado, limpando a garganta.

“O que foi?” ele perguntou.

“Perto do mausoléu.” Apontei naquela direção e tive que balançar a cabeça para desalojar a visão dupla que corrompia minha visão. Quando a cena voltou a ficar em uma única forma borrada, não havia nada ali. “Eu vi… havia… alguém com uma máscara.”

“Uma máscara?”

“Eu continuo o vendo.” A confusão nublou minha cabeça. “Alguém me seguindo com uma máscara. Tipo... do tipo que os médicos usavam durante a peste.”

“Máscara da peste?” Com as sobrancelhas franzidas, ele recuou. “Isso é estranho. Você o viu perto do mausoléu?”

“Sim. Ele estava apenas...” Outra onda de tontura. "Parado lá há um momento atrás. Olhando-me fixamente.”

Ele desenganchou o braço do meu e, quando deu um passo naquela direção, estendi a mão para pegá-lo.

“O que você está fazendo?” Minha voz carregava um leve arrastar.

“Apenas fique aqui. Vou dar uma olhada.”

“Não... você não... nunca vá dar uma olhada.” A tensão pulsou dentro do meu crânio e eu estremeci, esfregando a palma da mão sobre a dor.

Ignorando-me, ele deu um passo naquela direção novamente e eu agarrei seu braço com mais força.

“Spencer... e se... for perigoso?”

“Se alguém está assediando você, isso precisa parar. Fique aqui.”

“Não. Essa é uma *péssima* ideia.”

Ele franziu a testa, olhando para mim, como se agora tivesse percebido que essa

coisa comigo estava piorando. “Tudo bem. Vamos lá.”

Saímos do caminho para os jardins, em direção ao mausoléu.

A figura apareceu novamente e eu apontei, derrapando e parando. “Lá!”

Spencer soltou a mão do meu aperto e caminhou nessa direção. “Ei! Idiota! Você tem algum maldito problema?”

“Spencer!” Eu queria segui-lo, mas, droga, não tinha certeza se conseguiria dar dez passos, muito menos me defender. Em vez disso, recuei em direção ao caminho, observando Spencer através da neblina, enquanto ele desaparecia ao redor do mausoléu.

Segundos se passaram.

O ar ficou mais frio.

Um minuto.

Dois minutos.

“Spencer!” Eu sussurrei e gritei, me sentindo completamente vulnerável. Sozinha. Tirei desajeitadamente o spray de pimenta da cintura, cambaleando novamente com o movimento. Porque não pensei em da-lo a ele, eu não sabia, mas naquele momento fiquei feliz por tê-lo.

Obter ajuda. Vá buscar ajuda.

Voltei-me para o caminho, mas o mundo continuou a girar, a tontura era intensa enquanto eu cambaleava e cambaleava entre os arbustos. Os arredores haviam mudado de alguma forma. Eu havia perdido meu senso de direção e, pior, minha visão estava diminuindo.

A escuridão invadiu minha periferia, criando um campo de visão estreito, enquanto eu lutava pelo caminho familiar.

Uma piscada lenta.

Abri meus olhos para o céu escuro acima de mim, as estrelas brilhando alto. Eu tinha caído? Não conseguia me lembrar.

Pisquei lentamente.

Quando abri os olhos novamente, uma figura assustadora apareceu sobre mim. A máscara da peste. Eu queria gritar, mas nada saiu. A figura inclinou a cabeça, me estudando.

Tire a máscara!

Eu me esforcei para estender a mão, mas meu braço parecia ter peso de chumbo.

“Deixe-me sozinha.”

A figura desviou sua atenção, como se tivesse ouvido alguma coisa.

Pisquei lentamente.

Meu corpo se sacudiu quando algo deslizou sob minhas costas. “Solte-me.” Nada mais do que um choro fraco, que refletia a suavidade dos meus ossos. Abri os olhos e vi o mundo se movendo rápido demais, a visão revirando meu estômago.

Fechei os olhos novamente.

O calor me envolveu. Calor maravilhoso e relaxante e cheiro de couro e colônia. Acordei e encontrei uma mão enluvada na alavanca de câmbio. O ronronar monótono de um motor. Erguendo a cabeça para ver quem havia me levado cativa, fui saudada por uma luz muito forte que entrava pela janela atrás dele. Eu gemi e fechei os olhos, vendo apenas flashes irregulares atrás das minhas pálpebras.

Talvez eu estivesse morrendo.

Talvez eu morresse no final da noite.

A morte parecia um cobertor quente.

Capítulo 39

Lilia

Acordei sobressaltada e levantei-me de um salto. Com a restrição do meu braço, olhei para baixo através da luz fraca e o vi preso por uma algema à estrutura de aço de uma cama.

Meu olhar mudou para o vestido que eu usava, que carregava pequenas partículas de... comida?

A confusão tomou conta de mim, minha cabeça latejando com a tarefa de tentar acompanhar meus olhos.

Música de piano. Mariposas. Jantar. Spencer. Bramwell. O homem mascarado.

Uma náusea borbulhante agitou meu estômago enquanto eu lentamente arrastava meu olhar pelo cômodo ao redor. Minha visão vacilou com a dor em meu cérebro.

A escuridão. As paredes de pedra lascadas pelo tempo e cobertas de musgo. Um chão de cascalho. O ar, tão frio, parecia que eu tinha sido jogada em uma tumba. O cheiro pesado e úmido de terra e decomposição invadindo meus seios nasais. E as grades. Não era um quarto. Era uma cela. Uma prisão.

Não, não!

Ele me capturou. O homem da máscara.

Meu pulso acelerou enquanto pensava em todos aqueles filmes doentios de serial killers, onde a vítima acabava acorrentada em um porão. O horror disso incitou minha fuga, e puxei as algemas, tentando passar a mão por elas. Com a pele em carne viva e queimando, tremi com o esforço, cruzando a mão para torná-la tão pequena quanto pude.

A dor em meu crânio se intensificou com o estresse e abandonei minha fuga para esfregar minhas têmporas latejantes.

“Você poderia simplesmente pedir uma chave.”

Ao som da voz profunda, respirei fundo e as sombras à minha direita mudaram quando uma forma apareceu. Uma estranha corrente serpenteou pela minha pele, devorando meu medo, enquanto eu o via.

Calças pretas. Camisa branca de botão. Rosto devastadoramente bonito. A pressão na sala pareceu mudar, à medida que sua presença permeava o espaço como uma tempestade escura.

Professor Bramwell?

Minha cabeça girava com um milhão de possibilidades, nada trazendo à tona uma lembrança familiar do que havia acontecido na noite anterior. Meu professor me sequestrando?

Pensei na maneira como ele me defendeu no jantar. Sem chance.

Ainda assim, a tensão dominou meu estômago enquanto ele caminhava em minha direção, minha luta ou fuga vibrando com o desejo de fazer uma ou outra. A luz brilhou em uma chave de metal enquanto ele a segurava para que eu a visse. As elegantes luvas de couro pretas que ele usava me fizeram questionar algumas coisas. Talvez eu tenha assistido muitos programas policiais, mas só me veio à mente um motivo para alguém usar luvas pretas. Ele se ajoelhou ao meu lado e, ao ouvir o clique da algema, libertei minha mão e me apoiei na cabeceira da cama, para longe dele.

“Você me algemou?”

“Você aparentemente é sonâmbula.” Ele se levantou do chão e, com as mãos enfiadas nos bolsos, caminhou em direção à porta da cela, que abriu como se

quisesse me avisar que eu estava livre para sair.

“E a prisão?”

“Eu não poderia exatamente levar você ao meu escritório. Ou seu dormitório. Estas células estão ligadas ao meu laboratório. O laboratório Midnight fica dois andares acima de nós.”

“Você não armazena cadáveres aqui, não é?”

“Não. Eu não guardo cadáveres aqui.”

Meu estômago se acalmou apenas um pouco, visto que nada ainda fazia sentido. “O que aconteceu?”

“Você estava drogada.”

Esfreguei a marca vermelha deixada no pulso pela algema. “Como? Com o que?”

“Noxberries.”

O ar saiu de mim. Noxberries? Merda. Merda! “Como você sabe?”

Ele cruzou os braços e encostou-se nas barras de ferro da cela. “Você teve algumas crises de vômito durante a noite. Fiz um teste decisivo nele. Um específico para a reação enzimática encontrada apenas nas bagas.”

Oh, Deus, não só pensar nisso era humilhante, mas as cócegas no meu estômago e no peito me disseram que ele poderia estar olhando para o segundo round a qualquer momento. “Então, eu estou… estou infectada com Noctisoma?”

“Assim como nem toda mariposa está condenada à infecção, nem todo noxberry.”

“Mas como você *sabe*?” No momento em que pronunciei as palavras, a resposta veio até mim. “Você estudou meu vômito?”

“Teria havido vestígios de larvas. Ovos. Não vi nenhum dos dois sob o escopo.”

Mais uma vez, a ideia do professor Bramwell estudando meu vômito parecia pior do que ele me algemando a uma cama dentro do que deveria ter sido uma prisão. Louco, mas esse era o meu estado de espírito naquele momento. “Oh Deus. Não me lembro de nada. Vomitar. Ser trazida aqui.”

“Noxberries são um alucinógeno muito forte. Mais poderoso do que qualquer droga natural existente. É apenas a sua associação com o Noctisoma que as impedem de serem abusadas com mais frequência. Caso contrário, suspeito que estariam circulando em festas de fraternidades em todo o campus.”

Esfreguei a mão na testa, tentando imaginar em que momento da noite eu poderia ter sido drogada. O bolo de queijo. Tinha frutas vermelhas. E a bebida. Tinha gosto de cheesecake. “Por que alguém me drogaria?”

Com a testa franzida, ele respirou fundo e... *Deus, me derrube*... vislumbrei os sulcos profundos de músculos em seu peito, onde ele havia desabotoado a camisa. Isso me trouxe à mente o dia em que o espiei jogando facas na floresta. Os músculos de seus braços. O suor. Mas ele era muito bom com aquelas facas. Ele atiraria facas em mim?

Infelizmente, uma névoa espessa ainda confundia minha cabeça, tornando impossível ficar um passo à frente do homem se ele tivesse algo sinistro na manga.

“*Porque* é inconsequente no momento. A pergunta que você deveria fazer agora é *quem?”*

Será que era aqui que ele confessava que era ele?

“Não imagino que você tenha alguma ideia?”

Mais uma vez, ele enfiou as mãos nos bolsos e caminhou em direção à parede à minha frente. “Spencer Lippincott foi acusado de dar noxberries a outro estudante. Depois disso, ela alegou que ele a agrediu.”

“Mel.”

“Sim.” Ele se virou e caminhou novamente em direção às grades da cela, de um lado para outro, como costumava fazer sempre que dava palestras.

“Ela nunca mencionou as frutas. Nem ele.”

Parando de andar, ele me lançou um olhar como se dissesse: *Vamos, Lilia, você é mais esperta que isso*. Normalmente eu era, mas além de me sentir tonta, estava morrendo de fome, por algum motivo. “Ele não teria mencionado, por motivos óbvios. E suspeito que ela não soubesse.”

“Como *você* sabe?”

Sua mandíbula se moveu, seus olhos ilegíveis enquanto ele olhava para mim. Ele não ia me contar.

Braços cruzados com resistência teimosa, balancei a cabeça. “Spencer não faria isso.”

“Eu te disse, bom e genuíno não combinam quando se trata de Spencer. E agora estamos de volta ao escândalo.”

“Como?”

“As câmeras me pegaram carregando você.”

O tormento daquele visual cortou minha concentração. Eu, desmaiada em seus braços, enquanto ele me carregava pelos jardins. Os jardins. Sim, eu me lembrava disso. Caminhando pelos jardins com Spencer. E um homem. Um homem mascarado. “O jardim de Canterbury tem câmeras?”

Ele esfregou o queixo como se estivesse frustrado com a minha falta de capacidade cerebral, como se a culpa fosse minha. O que quer que tenha sido me dado pode não ter me infectado, mas certamente matou algumas células cerebrais. “O estacionamento onde meu carro estava estacionado tem câmeras.”

“Não, estou perguntando por que vi alguém. No Jardim. Um homem usando uma máscara de pássaro.”

“Uma máscara de pássaro?”

“Não é uma máscara de pássaro, é uma daquelas máscaras de peste que os médicos costumavam usar.”

Franzindo a testa novamente, ele olhou para mim. “Você viu alguém com uma máscara da peste?”

“Sim. Ele estava perto do mausoléu.” Um gotejamento lento e irritante de memórias surgiu, alimentando-me com uma cena de cada vez. “Então Spencer correu. Atrás dele. Fiquei tonta e caí. O homem da máscara estava parado em cima de mim.”

“Spencer viu esse atacante mascarado?”

Ele tinha visto? Ou estava apenas indo atrás dele para meu benefício? “Não posso dizer com certeza.”

“Ele tirou a máscara em algum momento?”

“Não. Estava desmaiada. Você o viu quando me encontrou?”

“Infelizmente, não. Eu ouvi um grito. Quando te encontrei, estava desmaiada. Não havia mais ninguém. Ele tocou em você?” A pergunta tinha um tom duro, como se a ideia de tal coisa o irritasse.

Tocou-me? Não que eu me lembrasse. Eu não conseguia evocar nem a lembrança dos dedos na minha pele. Balancei a cabeça, flexionando muitas células cerebrais, tentando lembrar de um único detalhe além daquela máscara. “Eu juro que o vi.”

“As noxberries são bastante fortes. Talvez você estivesse...”

“Eu já o vi antes. Por todo o campus. Me observando.”

Ele olhou para longe, como se estivesse imerso em pensamentos. “Você é sonâmbula.”

Não era uma pergunta, mas respondi mesmo assim. “Sim.”

“Você toma algum medicamento?”

“Não.”

“Você fica cansada durante o dia?”

Eu sabia onde ele queria chegar com isso e, revirando os olhos, respondi: “Às vezes. Olha, não estou alucinando sobre o cara, ok?”

“Estou apenas sugerindo uma possibilidade, Srta. Vespertine. Você encontrou algo relacionado à peste recentemente? Talvez uma leitura? Uma foto da máscara?”

Eu tinha lido sobre o Dr. Stirling quando cheguei ao campus. É certo que foi nessa época que comecei a ver o homem da máscara. “Eu tenho, sim”, respondi honestamente. “Você acha que estou *tendo* alucinações com ele?”

“Só estou sugerindo que a exaustão pode foder com a sua cabeça. Sei disso por experiência própria.”

Talvez eu *tenha* sonhado com isso. A possibilidade repugnante de que poderia ter sido nada mais do que outra alucinação sufocou o argumento no fundo da minha garganta.

“Se for esse o caso, então me sinto boba. Sobre tudo isso.”

“As alucinações não drogam os indivíduos. Ainda há o mistério de quem conseguiu isso, e suspeito que estarei em risco mais uma vez.”

“Mas eles não pegaram você me trazendo *aqui*.”

“Eu trouxe você pela entrada do cadáver. Então, não.”

Deus, o pensamento disso revirou meu estômago do avesso. Mas eu estava viva e intocada. Embora, por mais perturbador que possa ter sido, a visão dele me tocando enquanto eu estava desmaiada não me enjoou tanto quanto provavelmente deveria.

“Então, é apenas a minha palavra que colocaria você em apuros.” Não foi uma pergunta e, de repente, minha mente terrivelmente manipuladora voltou a funcionar, porque foi naquele momento que percebi que tinha algo sobre o Professor Bramwell. Uma moeda de troca.

Com os olhos estreitados, ele fez aquela coisa chata de estudar, onde eu não conseguia ler o que diabos estava acontecendo na cabeça dele. Talvez ele quisesse me estrangular por dizer isso em voz alta. Ou jogar facas no meu crânio.

“Faça de mim sua assistente e não direi uma palavra”, acrescentei rapidamente.

“Não. Eu já te disse, não aceito assistentes.” Com os braços cruzados novamente, ele passou o polegar pelo lábio inferior de uma forma que achei hipnotizante, involuntariamente sedutor. “Eu posso te oferecer dinheiro. Uma quantia significativa.”

“Não.” A resposta veio mais rápido do que eu esperava diante da perspectiva de dinheiro, especialmente quando eu precisava desesperadamente colocar em dia as mensalidades de Bee. Mas também precisava desesperadamente saber mais sobre os parasitas – e mais rápido do que eu estava aprendendo em Nocticadia. “Vou embora. Vou sair por alguns dias, e você não terá minha presença aqui para limpar seu nome.” Nem mesmo sabia quem estava falando naquele momento.

Talvez eu tivesse sido infectada e o parasita estivesse dirigindo o navio, porque de jeito nenhum Lilia Vespertine era tão ousada.

Seu riso sombrio me cutucou a nuca, e seus olhos tinham um brilho impiedoso que percorria meus ossos. “Minha nossa, você é uma pequena mariposa malvada.”

Odiava como meu estômago se agitava quando ele dizia isso. “Eu quero trabalhar no seu laboratório. Não o laboratório Midnight, nem em algum laboratório fuleiro, onde me mandam lavar pratos e fazer agar. Quero trabalhar na toxina com você. E quero ser paga em dinheiro pelo meu tempo.” Engoli em seco. Enquanto, por fora, eu poderia parecer tranquila e calma, por dentro estava gritando naquele momento.

Ele inclinou a cabeça e percebi um lampejo de intriga naquele olhar acobreado. “Olhe para você. Uma mariposa tão ousada. Muito mais ousada do que eu imaginava.”

“Faça de mim sua assistente e desta vez farei de você o herói.”

“Ou posso trancar você nesta cela e jogar a chave fora. Ninguém iria encontrar você. E depois de um tempo, ninguém se importaria.”

Eu tinha esquecido a parte em que ainda não havia confirmado se ele era ou não um psicopata assassino. Maldita névoa ainda espessa em meu cérebro.

Meu olhar foi para a porta aberta da cela e voltou para ele. Em um esforço patético para chegar antes dele, passei por cima do tule e do cetim irritantes, ficando presa na saia do meu vestido por um momento, e corri em direção à minha única saída. No momento em que cheguei à porta gradeada, o mundo girou sobre seu eixo, e os ferros se chocaram contra minha espinha. Sua mão enluvada pressionou minha garganta, isolando o oxigênio.

Uma onda de adrenalina percorreu meu corpo, colidindo com uma excitação inexplicável que fez meus nervos explodirem como fios elétricos.

“Você aceitará o dinheiro que estou oferecendo. E não dirá uma palavra sobre isso. Você entende?” Com os olhos fixos em meus lábios, ele se inclinou em seu aperto, sua língua passando pela borda dos dentes.

Com a boca aberta em busca de ar, eu olhei para ele, estudando a centelha de

fascínio que deslizou sobre sua expressão severa.

O caos explodiu dentro da minha cabeça, enquanto eu tentava entender o fato de que meu professor estava com a mão na minha garganta, tinha acabado de ameaçar me trancar em uma cela e jogar a chave, e que eu ainda não tinha intenção de aceitar sua oferta. Talvez *eu* fosse a psicopata. Afinal, eu poderia ter negociado as respostas que procurava sobre minha mãe e talvez ele tivesse me contado.

Mas talvez ele também tivesse mentido.

Ou me submetido a alguma regra de apenas *três perguntas*. Mal consegui balançar a cabeça. “Me aprisionar… não… vai… te proteger.”

Sua mão apertou com mais força com sua frustração. “Puta merda, por que você tem que ser tão teimosa!” Com a mandíbula flexionada com sua raiva, ele me soltou com um rosnado.

Joguei minhas mãos no pescoço, esfregando o local onde ele tinha me sufocado, e me inclinei para frente quando uma tosse saiu de mim. “É uma maldição. Mas prometo não o incomodar e ser útil. E não direi uma palavra a ninguém sobre isso. Ninguém precisa saber que estou trabalhando para você.”

Outro grunhido frustrado me disse que eu o estava convencendo. “Eu soube no momento em que você chegou nesta universidade que seria uma grande dor de cabeça para mim.”

Endireitei-me, ignorando o irritante florescer de esperança que aquecia meu peito. “Isso é um sim, então?”

Ele passou as mãos pelos cabelos, bagunçando os fios normalmente grossos e alisados em uma bagunça desgrenhada que eu achava dolorosamente atraente. “Tudo bem. Você trabalhará como minha assistente. Vai fazer o que eu digo. Não tocará em nada nem se aventurará onde não é desejada. Vai usar apenas a entrada de cadáveres. E se decidir quebrar alguma das minhas regras ou falar sobre esse acordo com alguém, farei com que você se arrependa do momento em que tentou me chantagear.”

“Você acabou de me ameaçar? Tipo, com a morte dessa vez?”

Ele não vacilou diante da acusação. “Não brinque comigo, Srta. Vespertine. Você

quer jogar duro? Saiba que meus punhos são feitos de aço.”

“Isso parece doloroso.”

Seus lábios se contraíram como se ele estivesse tentando conter um sorriso. “Saia pela entrada dos fundos. E não volte antes de amanhã, às oito da noite.”

“Posso fazer mais uma pergunta antes de ir?”

Ele soltou um gemido quase de dor. “O que?”

“Existe algum prédio neste campus que *não* tenha câmeras?”

Capítulo 40

Devryck

A garota era um problema. Um problema incrivelmente bonito, mas irritante.

O fato de ela poder ficar ali, fazendo exigências ousadas, enquanto me olhava diretamente nos olhos, me fez desejar poder estrangulá-la ou beijá-la. Eu não sabia dizer qual das duas opções me atraía mais que a outra.

Foi uma merda da minha parte manipulá-la, fazendo-a pensar que o que ela viu não era nada além de uma alucinação, mas eu tive que fazer isso. Mentir para ela era para sua própria segurança. Ela não tinha ideia de que mundo de corrupção e caos ela estaria convidando ao se envolver com os Rooks.

Eu descobriria quem diabos a estava assediando e lidaria com isso.

Meu palpite era Spencer. Como um novo membro, ele ainda não tinha aprendido que o traje cerimonial não era a porra de um traje de Halloween. Usar aquela máscara fora do Roost trazia pesadas consequências, e eu garantiria que o infrator fosse punido adequadamente.

Especialmente porque não gostei da ideia de alguém foder com ela. E eu tinha certeza de que era exatamente isso que Spencer tinha em mente, depois de drogá-la. O garoto já tinha feito isso antes e, com a aparência tão deliciosa de

Lilia naquele vestido, eu suspeitava que o idiota não tinha conseguido se conter.

Uma constatação que me irritou pra caralho.

Desde que encontrei aquele vídeo no celular dela, fiz questão de ignorar a garota – uma impossibilidade, como regra geral, principalmente quando ela usava aquelas saias curtas que dançavam em torno do que eu imaginava ser uma bunda empinada. Porém, quando ela chegou à festa de gala na noite anterior, parecendo um afrodisíaco ambulante coberto com chantilly e chamando a atenção de cada pau balançando por quem ela passava, algo estalou dentro de mim.

Eu nunca quis tanto nada em minha vida.

Chamá-la de linda era como chamar o sol de morno. Ela brilhava como a parte mais quente de uma chama naquele vestido. E foda-se, eu senti o calor.

Bati na porta de Lippincott e, ao ouvir um som de reconhecimento vindo do outro lado, entrei em seu escritório. Papéis estavam espalhados sobre sua mesa, junto com garrafas de água vazias e embalagens de barras de granola descartadas. Sentei-me na cadeira em frente a ele, engolindo a vontade de dizer o quanto eu queria dar uma surra em seu filho.

“Devryck, que surpresa agradável.” O tom monótono de sua voz me disse que o pequeno incidente com Dandridge na festa de gala ainda o irritava.

Eu sempre detestei o bastardo pervertido, um ex-reitor da universidade, que nunca tentou controlar sua afinidade com mulheres mais jovens. O homem estava se aproximando dos setenta e dois anos, e eu vi sua mão apalpar mais coxas do que um homem faminto em um bufê de frango *à vontade*.

Acontece que ele apalpou a coxa errada naquela noite.

“O que tirou você da sua cripta?”

“Achei que você gostaria de saber que alguém foi visto usando trajes cerimoniais fora do Roost. Suspeito que possa ter sido seu filho.”

Ele pegou uma garrafa de Tums do outro lado do computador e abriu. “Quando foi isso?”

“Logo depois que saí da festa de gala. Ele estava vagando pelos jardins.”

“Ah. Sim. Na noite em que você deixou Spencer com um olho roxo?”

Eu fiz uma careta. “Não toquei em seu filho.”

“Ele insiste que era você quem estava usando o traje de cerimônia e que o pegou sem a máscara. Disse que você lhe deu um soco no rosto e o deixou inconsciente. Ele tem um belo olho roxo para marcar a ocasião.”

Embora eu tenha visto Spencer fugir em direção ao mausoléu, nunca o persegui, nem coloquei um dedo nele. “Como eu disse, nunca toquei em seu filho.”

“Mas as câmeras detectaram você carregando a Srta. Vespertine para o seu veículo.”

“Ela desmaiou. Eu estava apenas tentando levá-la para algum lugar seguro.”

Recostando-se na cadeira, ele passou os dedos pelos cabelos e soltou um suspiro agudo. “Dean Langmore vai ouvir o lado dela da história, e para o seu bem, Devryck, é melhor você rezar para que a garota não jogue você debaixo do ônibus. Uma acusação é bastante fácil de conter. Duas é um pouco mais desafiador. E estragaria completamente a oportunidade de avançar para os ensaios clínicos, se você fosse investigado por conduta inadequada com uma estudante. Então, meu conselho? Fique longe dessa garota, em particular.”

Incomodado por seus comentários, inclinei a cabeça. “Do que exatamente está me acusando?”

“Todos naquela mesa quase podiam sentir o que estava acontecendo entre vocês dois.”

Eu duvidava muito disso. Se o idiota inescrupuloso sentado ao lado dela tivesse sentido pelo menos uma fração do que eu estava sentindo naquele momento, teria feito um esforço melhor para evitar que suas mãos fossem decepadas. Dandridge nada mais era do que um desperdício de partes do corpo humano e oxigênio precioso.

“Puta merda, você está louco?” ele continuou tagarelando, sua voz ficando irritantemente hostil. “E então você tem a audácia de insultar nosso doador mais generoso! Na frente de sua esposa!”

“Ele estava acariciando a coxa da Srta. Vespertine enquanto você mordiscava seu maldito cheesecake.”

“Não me importo se ele jogou ela na mesa e comeu a buceta dela de sobremesa!

O homem quase levou a cabo este projeto com o seu financiamento! Ele pode fazer o que quiser!”

Cerrei os dentes para conter a raiva, até que um espasmo de dor atingiu meu crânio. O visual que ele plantou em minha cabeça desfez meu controle completamente e, por uma questão de dignidade e reputação, mantive minhas mãos agarradas à cadeira, acalmando a vontade de agarrar Lippincott pelo pescoço e arrancar sua traqueia.

O que quer que diabos estivesse acontecendo comigo, havia se transformado em algo irreconhecível. Algo sombrio e violento, e no centro disso estava uma garota problemática, com seus lábios ridículos que eu queria morder, que de alguma forma me corromperam. Uma merdinha astuta que destruiu minhas defesas.

“Você é brilhante, Devryck. Talvez o homem mais brilhante que conheço. Não deixe que uma humilde garota de Covington estrague anos de pesquisa e inovação. Estou tentado a removê-la da sua classe e colocá-la em outro lugar apenas para eliminar a *tentação*.”

Exalando um suspiro cheio de raiva, rolei meus ombros para trás. “Isso não será necessário.”

“Bom. Considerarei o olho roxo de Spencer um *mal-entendido*. E vou perguntar quem diabos decidiu que era uma boa ideia usar trajes cerimoniais como fantasia. Enquanto isso, volte ao seu trabalho.”

Apenas o mínimo de respeito que eu tinha pelo homem me impediu de dizer-lhe para enfiar seu mal-entendido e suas opiniões na bunda e para ir se foder. Anos atrás, depois que meu pai finalmente desistiu de Caedmon, Lippincott organizou uma espécie de força-tarefa, composta por alguns contatos próximos dele, para rastrear um dos homens que sequestraram meu irmão. Ele sempre foi gentil com Caedmon durante toda a nossa infância, tratando-o como uma espécie de filho antes de Spencer aparecer. Eu sempre me senti mal por ele depois da noite em que Caedmon e eu tropeçamos em nosso pai transando com sua esposa, durante um dos jantares do Lippincott. Não havia muita coisa que o pobre coitado pudesse ter feito, já que foi o dinheiro e o status dela que lhe deram qualquer influência na universidade. Ele era terrivelmente patético quando se tratava de sua esposa, mas o homem sem dúvida subiu na hierarquia e acumulou poder suficiente para evitar sua lista de merda.

Eu não precisava da dor de cabeça de irritá-lo. Não quando minha pesquisa começou a dar grandes passos.

E ele *estava* certo sobre uma coisa. Eu não precisava que Lilia estragasse as coisas para mim. Não porque ela fosse uma *garota humilde de Covington*, como ele disse, mas porque ela foi a única coisa nos últimos dez anos que conseguiu me distrair da minha pesquisa.

O que significava que concordar em deixá-la trabalhar no meu laboratório pode ter sido a decisão mais idiota que já tomei.

Capítulo 41

Lilia

Ficou claro que Dean Langmore não acreditou em mim, pois me encarou com ceticismo brilhando em seus olhos. Não que eu pudesse culpá-lo, realmente. Brincar de ignorante não era algo que eu gostasse, mas para garantir meu lugar no laboratório de Bramwell, estava disposta a arriscar o escrutínio.

“Então... deixe-me ver se entendi”, disse ele, apoiando as mãos na mesa cheia de papéis. “Você foi atacada nos jardins de Canterbury por um homem mascarado. Uma máscara de pássaro, correto?”

“Sim, senhor. Como uma máscara de peste.” Se fosse verdade que eu apenas tive alucinações com a máscara, não via mal nenhum em mencioná-la, nem que fosse por outra razão, a não ser para inviabilizar quaisquer teorias que tivessem construído em torno de Bramwell.

“Certo. E Spencer estava onde?”

Sinceramente, não conseguia me lembrar exatamente do que aconteceu com Spencer. A última coisa de que me lembrei foi que ele correu em direção ao mausoléu. “Ele foi embora.”

“Ele deixou você lá para ser atacada por esse homem com máscara de pássaro?”

“Sim. Não sei para onde Spencer fugiu, mas ele não estava lá para ajudar.”

“Mas você afirma que o Professor Bramwell ouviu você gritar e veio em seu auxílio.”

“Sim. Ele lutou contra o homem-pássaro.” Mesmo que eu não tivesse visto isso acontecer, tenho que admitir que gostei da fantasia.

“Certo. E enquanto isso, você escapou de volta para o seu dormitório?

Por mais que eu adorasse terminar a história ali, não poderia contar isso a ele. Havia câmeras postadas fora de cada dormitório. Ele certamente teria me denunciado pela mentira naquele momento. “Não. Eu não estava me sentindo bem quando saí da festa. Acabei desmaiando. O professor Bramwell me carregou até seu carro, *com a intenção* de me levar de volta ao meu dormitório.”

“Mas …”

“Eu vomitei. No carro dele. E foi humilhante. Pedi a ele para encostar e foi então que pulei e corri.”

“Para onde?”

“A capela.” Depois de falar com o professor Bramwell, soube que a capela não tinha câmeras instaladas do lado de fora. Aparentemente, Jesus não gostava de espiões, e por mim tudo bem. Aconteceu também que era o único prédio que ficava destrancado àquela hora da noite. “Depois do que aconteceu, fiquei terrivelmente abalada e assustada. Escondi-me nos bancos da capela a noite toda e orei.”

“Uh-huh.” O tom incrédulo de sua voz combinava com o olhar que ele me lançou naquele momento. “Mas você não denunciou isso à polícia do campus?”

“Não. Eu sei que foi errado e deveria ter feito isso.” Olhando para o meu colo, mexi nas mãos, me perguntando se alguma de minhas mentiras parecia remotamente crível. As vítimas podiam ser contestadas ou isso era apenas uma regra tácita? “Mas estou relatando isso para você agora.”

“Eu falei com Spencer. Ele disse que você não estava se sentindo bem quando saiu e que, de fato, viu uma figura nos jardins. A diferença entre suas histórias é a parte em que ele fugiu. Ele diz que algo, ou alguém, *o atacou*.” Claro que sim. Era quase artístico o modo como Spencer manipulava as histórias. Se eu tivesse a menor dúvida sobre o que aconteceu entre ele e Mel, a situação certamente

cimentou na minha cabeça que o cara era suspeito.

“Como eu disse, não consigo me lembrar para onde Spencer fugiu.”

“Ele afirma que foi o professor Bramwell quem o atacou e nocauteou.”

A vontade de sufocar uma risada balançou na minha garganta. Tudo o que me veio à mente foram as poucas vezes durante a noite em que conversei com o professor Bramwell e notei a carranca de desaprovação de Spencer. “Isso é um absurdo. Eu vi especificamente o Professor Bramwell lutar contra o homem da máscara. Spencer fugiu.”

“Spencer tem ferimentos que apoiam sua afirmação. Um olho roxo de aparência bastante desagradável.”

“E o que? Porque eu não tenho um, minhas reivindicações são rejeitadas?”

“Eu não disse isso.” Langmore ergueu as mãos e balançou a cabeça, claramente desconfortável com minha réplica. “Essas palavras não saíram da minha boca, Srta. Vespertine.”

“Tenho motivos para acreditar que fui drogada, senhor.” No momento em que eu disse as palavras, sua boca se fechou.

“Talvez você devesse considerar testar…”

“Recebi noxberries. Um conhecido alucinógeno. Suspeito que Spencer me deu a droga.” Eu evitei a acusação até aquele momento, porque acusar Spencer sem dúvida iria tornar minha vida ainda mais complicada. Ele era filho de Lippincott, e Lippincott era o guardião da minha bolsa. Como reitor, ele tinha a decisão final sobre se eu teria ou não permissão para continuar meus estudos em Dracadia, e considerando que finalmente tive a oportunidade de descobrir o que realmente aconteceu com minha mãe, não pensei nisso. Não quero estragar tudo o irritando. Sim, a coisa certa a fazer seria denunciar Spencer, mas eu meio que não tinha provas naquele momento, e ser expulsa de Dracadia por causa de especulações teria *me* irritado. “Aceitei uma bebida dele no início da noite – tenho certeza de que há várias testemunhas da festa de gala que participei que podem atestar. Infelizmente, os testes de urina não detectam noxberries.”

“Você tem certeza de que recebeu noxberries.”

“Claro que não. A única pessoa que pode confirmar isso é o professor Bramwell,

mas neste momento, você pode considerar isso um conflito de interesses, com base nas acusações de Spencer. Então, por que não fazemos isso, já que sou a vítima nesta situação...” Ter que admitir isso, para realmente dizer a palavra com V, queimou como ácido na minha língua. Em meu próprio espaço tranquilo, eu lidaria com a raiva de ter sido drogada e, como minhas suspeitas me levaram a acreditar que era Spencer, faria questão de manter distância dele. “No interesse de não provocar um monte de escândalos, não apresentarei queixa contra Spencer. Vou evitá-lo, como deveria ter feito desde o início. Você tem meu relatório sobre o homem da máscara. Talvez você possa dedicar seus esforços a ele, já que estou lhe dizendo que foi ele quem me atacou.” Infelizmente, ele estaria perseguindo o nada com isso, e embora eu me sentisse um pouco mal por enganá-lo nessa perseguição, eu não precisava de Spencer jogando Bramwell debaixo do ônibus - especialmente depois de ter negociado um acordo muito bom com ele. Sem mencionar que Spencer sabia muito bem que Bramwell não o havia atacado. Toda a situação parecia um pouco vingativa, especialmente considerando que Spencer ainda nutria animosidade por seu amigo ter sido expulso. Não teria me surpreendido se o cara tivesse provocado aquele olho roxo, como algo saído do *Clube da Luta*.

“Você tem certeza disso, Srta. Vespertine? Não encaramos estes ataques levianamente. Quero que você se sinta apoiada em seu relato do que aconteceu.”

“Tenho certeza. Vamos considerar isso resolvido. Serei muito mais cuidadosa para não sair à noite.” Ugh. Isso ia completamente contra a minha feminilidade, mas eu me segurava no fato de que era por uma boa causa. Eu tinha a oportunidade que estava esperando, de aprender mais sobre a doença de minha mãe, e não tinha intenção de me envolver na pequena teia vingativa de Spencer como uma distração.

“Muito bem. Enquanto isso, perseguiremos esse homem mascarado, pelo bem da segurança do campus. E peço que você relate quaisquer preocupações adicionais diretamente para mim.”

“Claro.”

Capítulo 42

Lilia

A entrada de cadáveres era um antigo túnel de tijolos com dois pontos de entrada. A porta do lado de fora do portão da universidade, o que me deixaria lidando com o porteiro tirânico e faria com que todo o objetivo de permanecer invisível fosse inútil. Ou a porta que dava para a sala do incinerador que estava ligada ao túnel de cadáveres. Nenhuma das entradas tinha câmeras. Ambas eram assustadoras como o inferno, principalmente à noite.

Um arrepio percorreu meu corpo enquanto eu caminhava pelo espaço aberto, carregando nada além da lanterna do meu telefone. À esquerda, havia seis portas de aço, como fornos antigos, e abaixo delas, portas corrediças menores, que imaginei conterem as chamas usadas para queimar os corpos. Um cheiro de cinza carbonizada no ar me disse que uma delas havia sido usada recentemente.

Jogando esse pensamento para o fundo da minha mente, atravessei a sala apressadamente até uma porta de tamanho normal, que me jogou na metade do caminho do túnel de cadáveres - um túnel de tijolos em arco, cujas extremidades estavam envoltas em escuridão, como algo saído de um filme de terror. A temperatura dentro do túnel devia ser uns dez graus mais fria, e o frio cortante corroía meus ossos. Mais alguns metros à frente, e o túnel dava para a sala de autópsia, com suas camas de aço inoxidável, pias, balanças e piso de azulejos brancos, e uma porta de aço à esquerda que levava à geladeira, onde eram

guardados os cadáveres da faculdade de medicina. Se possível, a sala era ainda mais fria que o túnel, com um cheiro de alvejante estéril que queimava meus seios nasais e dominava o leve cheiro de formalina.

Eu só me lembrava vagamente do caminho com base na rápida introdução que recebi quando o professor Bramwell me tirou de lá naquela manhã. As celas onde acordei ficavam em algum outro túnel obscuro que eu provavelmente não conseguiria encontrar novamente, mesmo que tentasse.

Continuei pela sala de autópsia até a porta do laboratório, onde digitei um código que ele havia me dado no teclado ao lado. Uma luz vermelha no teclado mudou para verde e a porta clicou, permitindo-me entrar em um espaço amplo, com bancos de madeira, microscópios e livros empilhados em estantes nas paredes. Velas tremeluziam em lanternas e candelabros por toda a sala e, como no Laboratório Midnight, os tanques ao redor da sala emitiam um suave brilho roxo. Passei por um que abrigava dezenas de minhocas se contorcendo no fundo do tanque – muito mais do que aquelas no laboratório no andar de cima. Fileiras de prateleiras abrigavam frascos de espécimes nos quais objetos não identificáveis estavam suspensos em o que presumi ser formalina. Em meio aos ecos antigos e desatualizados de um laboratório de 1800, havia algumas comodidades modernas espalhadas: dois grandes refrigeradores de aço, uma centrífuga, incubadoras, balanças e capelas de exaustão. Um estranho choque entre o antigo e o novo que me deixou coçando a cabeça. Certamente, a universidade poderia ter se dado ao luxo de equipar um projeto tão importante, especialmente tendo em conta a festa de gala extravagante que eu tinha acabado de participar.

O professor Bramwell passou pela porta do outro lado do laboratório, que levava ao seu escritório, vestindo um jaleco longo e branco e um par de óculos de proteção na cabeça. Ao me ver, ele parou. A carranca em seu rosto me deu a impressão de que ele não *esperava* que eu aparecesse.

Limpei a garganta, com um sorriso tímido, e acenei.

Resmungando para si mesmo, ele seguiu em direção a um dos bancos e, quando fui naquela direção para segui-lo, ele apontou para a porta de onde acabara de chegar. “Meu escritório.”

Com os nervos à flor da pele pela intimidação, obedeci ao seu comando e segui em direção ao seu escritório. Através da porta, deparei-me com outro pequeno corredor, com três portas fechadas e uma entreaberta. No final do corredor,

piscava uma placa de saída, que eu supus levar à escada que levava ao laboratório Midnight acima de nós - um laboratório muito mais sofisticado.

Com passos curiosos, entrei no escritório de tamanho moderado, onde o cheiro de couro, madeira polida e livros antigos se misturava no ar junto com os ecos de dar água na boca de sua colônia. Se o laboratório era o coração de sua pesquisa, esta sala era o cérebro, dadas todas as referências médicas e de parasitologia que cobriam as estantes de cada parede. Esboços da anatomia humana estavam espalhados na mesa de centro enquanto eu passava por ela. Meu olhar pousou sobre a mesa de cerejeira primorosamente esculpida que brilhava na penumbra. Atrás dela, um toca-discos de aparência vintage em um armário de madeira estava com a tampa aberta. E acima disso, na parede estava pendurada uma placa com a frase em latim: *Mortui vivos docente.* Eu o reconheci de uma aula de ciência forense que fiz há dois semestres.

Os mortos ensinam os vivos.

Ao contrário de seu escritório na ala administrativa, este tinha mais comodidades, o que dava a impressão de que ele passava mais tempo aqui - uma pequena geladeira, um sofá de couro e pufe com um cobertor pendurado no braço, uma pequena lareira irradiando um calor aconchegante e um cabide onde um guarda-chuva havia sido enganchado. Assim como o laboratório, seu escritório continha crânios de vários tamanhos, potes com objetos estranhos – órgãos e ossos dissecados, pelo que pude perceber. Um esqueleto humano em tamanho real estava apoiado em um suporte. Os livros ocupavam espaço em todos os lugares que eu olhava, em pilhas perfeitas. Dois microscópios. Velas tremeluzindo em grandes candelabros.

Algo roçou meus tornozelos e, em pânico, pulei na mesa do professor Bramwell. Virando-me, vi uma pequena bola de pêlo preta olhando para mim com olhos dourados. Soltei um suspiro de alívio e ri, saindo da mesa. “Olá”, eu disse, ajoelhando-me para dar um carinho no gato. “O que diabos você está fazendo em um laboratório?” Eu fiz uma careta no momento em que as palavras me escaparam. “É melhor que ele não esteja fazendo experiências com você.” O gato se inclinou para arranhar e eu sorri, agradando o malandro amante de atenção. “Estranho, ele não me parece uma pessoa que gosta de gatos.”

Passos me alertaram sobre sua aproximação, e abandonei o gato e corri em direção a uma das cadeiras de sua mesa, sentando-me pouco antes de ele entrar

na sala.

Aproximando-se de sua mesa, o professor Bramwell tirou o jaleco e os óculos de proteção, pendurou-os cuidadosamente no cabide e sentou-se na cadeira. O corte justo de sua camisa certamente não passou despercebido, quando ele se sentou para frente, apoiando o cotovelo na mesa. Com uma expressão ilegível, ele me encarou por um momento. “Soube que você falou com Dean Langmore.”

“Eu fiz.”

“O que você disse para ele?”

Mudei de posição no assento, porque o olhar do homem parecia como raios de laser quentes atravessando minha pele. “Que você tentou me ajudar, mas eu fugi. Humilhada por ter vomitado no seu carro.”

“Para a capela, presumo.”

“Sim.”

“Bom.” Recostando-se na cadeira, ele juntou os dedos, sem se preocupar em direcionar os raios laser para outro lugar. “Você vestirá um jaleco toda vez que entrar no laboratório. Garantirei que eles estejam disponíveis para você na sala de autópsia. Luvas e óculos de proteção também são necessários.”

“OK. Posso te fazer uma pergunta?”

Embora ele não tenha emitido nenhum som, sua expressão nada divertida me disse que ele estava gemendo interiormente.

“Por que este laboratório parece algo saído da idade das trevas?”

“Os espécimes com os quais você trabalhou no laboratório Midnight foram recentemente infectados. Os que estão neste laboratório estão na fase terciária e têm uma sensibilidade bastante intensa à luz. Também trabalharemos com Noctisoma adulto, que também possui uma aversão muito intensa a tudo que não seja luz natural.”

“Eles podem sobreviver à luz do sol, então?”

“Eles *podem*, embora sejam noturnos e *prefiram* a noite.” Seu comentário trouxe uma observação à mente.

“Minha mãe, ela quase não dormia à noite. Você acha que os vermes afetaram isso?”

“Não tenho ideia do que pode ter causado a insônia da sua mãe, já que você afirma que ela não era da ilha ou nunca esteve aqui, mas sim, podem afetar os ritmos circadianos. Quanto ao estado desatualizado do laboratório, tenho muitos equipamentos nos outros três laboratórios deste prédio. Preferi concentrar fundos no estudo real em vez de fazer uma reforma neste laboratório em particular. Ele atende ao seu propósito.”

Definitivamente, o laboratório era um assunto delicado. “Claro. Não quis desrespeitar.” Os laboratórios no andar de cima certamente estão bem equipados, só não esperava trabalhar em uma cripta. Provavelmente é adequado, porém, para um apelido como Doutor Morte.

“Você já trabalhou em um laboratório fora dos requisitos de sua graduação?” ele perguntou.

“Hum. Brevemente. Um laboratório de micologia quando me formei no ensino médio. Basicamente, era apenas contar esporos através de um microscópio.”

“Então, talvez você tenha um conhecimento *básico* de etiqueta e segurança de laboratório.”

Exceto nas vezes em que meu colega e eu borrifávamos álcool nas bancadas, que acabamos incendiando. “Claro.”

“Sem comida ou bebida. Pratique uma boa higiene. Não cheire ou prove. E, pelo amor de Deus, não use a boca como alavanca.”

“Ninguém realmente faz isso. Faz?”

Com a sobrancelha levantada, ele soltou um som de exasperação e pegou uma caneca para viagem em sua mesa, com o infame rótulo de dragão dourado da cafeteria *Dragon's Lair.* “Também pedirei que você ajude em autópsias ocasionais. Você tem alguma experiência com cadáveres, Srta. Vespertine?” Ele manteve seus olhos nos meus enquanto tomava um gole de sua bebida.

“Não.”

“Então, você seguirá todas as minhas instruções sem a porra de perguntas. Gosto de silêncio quando trabalho. Observe e você aprenderá.”

“Sim, senhor.”

“Vou te dar duas horas por noite. Você será compensada em dinheiro, conforme solicitado.”

Cocei a curiosa coceira na parte de trás do meu pescoço. “Posso perguntar qual será a compensação?”

“Duzentos dólares por semana. Vai lavar louças e manter o laboratório arrumado. Você não vai bisbilhotar.”

Jesus. Duzentos por semana? Eu esperava uns escassos cinquenta, no máximo. Embora eu certamente apreciasse o pagamento, o maior benefício seria aprender sobre o próprio parasita. Eu precisava entender melhor seus mecanismos, os detalhes que não deveriam ser abordados até o próximo semestre, de acordo com seu plano de estudos. Ao adquirir conhecimento sobre o parasita, talvez a progressão da doença da minha mãe fizesse mais sentido. “Eu entendo.”

“Há outras três salas neste corredor. Estão fora dos limites.”

O que, claro, só despertou minha curiosidade.

Mesmo assim, respondi: “Entendo.”

“Bom. Vamos começar.”

Durante a primeira hora, segui-o de perto, enquanto ele me familiarizava com todas as diferentes máquinas do laboratório. Algumas eu já conhecia, como o micrótomo, a centrífuga e o citômetro de fluxo. Outras, como o banho de órgão, eram novas para mim. Ele também me apresentou uma estrutura de aço de tamanho moderado – a autoclave, onde eu deveria esterilizar instrumentos e ágar.

Enquanto ele me conduzia em direção à série de diferentes microscópios sobre uma mesa, parei na prateleira onde notei pela primeira vez os estranhos espécimes em formalina.

Pedaços de dissecações não identificáveis de carne e ossos alinhavam-se em quatro prateleiras, cada uma com pequenos rótulos. Doença de Gaucher, cálculo staghorn, displasia fibrosa. Condições que fiz uma nota mental para consultar quando voltasse ao meu dormitório.

“Encontrei curiosidades médicas”, disse o professor Bramwell por trás. “O corpo humano é um quebra-cabeça magnífico.”

“Deve ser fascinante abrir o corpo e olhar para dentro.” Era estranho o modo como ele coletava dos mortos, da mesma forma que eu fazia com bugigangas. Isso me fez pensar se ele fez isso pelas mesmas razões que as minhas. Se colhesse um pedaço deles em potes, como ele fazia, mantinha os pesadelos longe.

“Você não acha isso grotesco?” ele perguntou, olhando para sua parede de troféus.

“Sim, claro, mas é isso que o torna fascinante. Quero aprender com base nessa curiosidade.”

“Você é uma curiosidade por si mesma, Srta. Vespertine.”

Após uma breve introdução aos exames histológicos que eu estudaria, ele me pôs para trabalhar nas tarefas. Pequenas placas de Petri se alinhavam na bancada enquanto eu colocava ágar nelas e resmungava silenciosamente para mim mesma. Embora eu apreciasse um começo fácil, esperava sujar as mãos com os detalhes.

À minha frente, o professor Bramwell estava sentado de costas para mim, olhando através de um microscópio.

“Posso fazer uma pergunta?”

“Essa é uma frase que ecoará na eternidade”, disse ele, sem se preocupar em erguer os olhos, e eu sorri.

“Por que mariposas? Além de serem hospedeiras naturais, por que usá-las para estudar uma toxina em vez de humanos?”

“Porque são mais baratas que os seres humanos e não é considerado homicídio quando morrem.”

Soltei uma risada bufante, derramando um pouco do ágar no tapete de plástico embaixo dele.

“Elas também têm uma resposta imunológica semelhante.”

“Sério? O que há com a toxina e a resposta humana?”

“Você está mergulhando na infância com todas essas perguntas.” Foi o tom monótono de sua voz que me pareceu divertido. Não que eu quisesse irritá-lo, de forma alguma — de alguma forma, parecia natural entre nós dois.

“Estou apenas tentando entender a natureza da pesquisa na qual estarei ajudando.”

“Embora você possa estar ciente dos aspectos negativos da infecção, o Noctisoma traz uma série de benefícios.”

“Como …”

Ele soltou uma bufada e eu baixei o olhar para esconder o sorriso que ameaçava se soltar. “Você afirma que sua mãe estava infectada. Diga-me, antes da semana de sua morte, ela alguma vez se queixou de doença, dor ou algo tão benigno como indigestão?”

“Não que eu me lembre, não. Na verdade, ela sofria de artrite nas mãos há anos. Mas não me lembro de ela ter reclamado muito disso naquela época.”

Levantando o rosto da lente, ele trocou as amostras que estavam na bancada e espiou novamente pelo microscópio. “Se isso for verdade, é interessante, especialmente no caso da artrite dela.”

“Por que?”

“O parasita limpa o corpo. Ele remove todos os outros patógenos.” Sua voz carregava o arrastar do seu esforço para focar a lente enquanto falava. “E no caso da artrite, redireciona o sistema imunológico e evita que ataque as articulações.”

“Então, é uma possível cura para doenças autoimunes?”

“A possibilidade existe. A metodologia é um labirinto sem fim. Por enquanto, meu foco está mais concentrado.”

Balancei a cabeça, imaginando todas as doenças que estariam sob esse guarda-chuva. “Este projeto é enorme.”

“Isso é um eufemismo.”

“Então, por que fazer você mesmo? Parece que você precisaria de uma equipe para fazer isso.”

“Como tenho certeza de que você descobriu, não me dou bem com os outros. *E* primeiro tenho que estabelecer e provar que a toxina tem potencial.”

Mordi meu lábio, debatendo se deveria ou não fazer a próxima pergunta. “Eu entendo que seu pai também era professor e pesquisador. Ele estudou Noctisoma?”

Ele se virou na cadeira, para longe da lente. “Você terminou de derramar o ágar?” ele perguntou, ignorando minha pergunta.

“Sim.”

“Bom. Você pode sair.”

“Eu... ainda tenho vinte minutos. Há algo mais que você gostaria que eu fizesse?”

“Não. Isso será tudo. Cuidado ao caminhar de volta para o seu dormitório.” Com isso, ele voltou-se para o microscópio.

Decepcionada, bufei e passei por ele, em direção à sala de autópsia.

“Srta. Vespertine. Espere.”

No meio do passo, me virei.

“Vou acompanhá-la até o ponto de ônibus do campus. É um caminho bastante escuro à noite.” Ele se levantou da cadeira e eu tive que me virar para que ele não visse o alarme piscando em meus olhos.

“Eu dou conta disso. Já andei em lugares piores.”

“Tenho certeza que sim. Mas como agora você é uma responsabilidade minha, *insisto.”*

Uma responsabilidade. O que diabos isso significa?

Mesmo que eu me recusasse a admitir, fiquei um pouco aliviada por não ter que andar sozinha por aquela sala assustadora do incinerador. Quando ele tirou o jaleco, ele pareceu ficar preso em sua camisa, puxando a gola para baixo apenas o suficiente para que eu pudesse dar uma olhada nas cicatrizes horríveis em sua clavícula e ombro. Que ainda mantinham a coloração rosada de um ferimento recente. Tentei entender o que deu ao seu atacante coragem para jogar ácido, de

todas as coisas?

A pausa abrupta de seus movimentos chamou minha atenção, e olhei para cima para vê-lo olhando para mim. Limpando a garganta, tirei meu jaleco e, depois de pendurá-lo junto com o dele no gancho do lado de fora do laboratório, ele caminhou na minha frente, como se estivesse me levando para fora em vez de me acompanhar.

Corri para alcançá-lo, caminhando ao lado dele pelos túneis escuros. “Como você não fica assustado quando sai à noite?”

“Tenho a reputação de *Doutor Morte*. Parece que a maioria ficaria com medo de *mim.”*

“Suponho que sim. Porém, eu não acho você tão assustador. Rabugento, mas não assustador.”

Ele me lançou um olhar sem graça. “Minha natureza rabugenta tem um propósito, Srta. Vespertine. Infelizmente, você parece ter uma resistência inexplicável.”

Sorri, ignorando os fornos crematórios enquanto passávamos por eles a caminho da saída. “Gosto de tirar minhas próprias conclusões sobre as pessoas.”

“Admirável, embora não totalmente sábio quando os avisos são legítimos.”

Legítimos? Tipo, assassinato legítimo ou apenas uma brincadeira com o fato de que ele andava com cadáveres? “Você está confessando alguma coisa, professor?”

Ele derrapou e parou, a saída logo à nossa frente. “Pergunte-me.”

“O que?”

“Você está morrendo de vontade de me perguntar. Estava olhando para minhas cicatrizes há pouco. Se eu quisesse matar um dos meus alunos, certamente teria todas as ferramentas à minha disposição.” Ele olhou por cima do ombro para onde ficavam os fornos como um lembrete sinistro de quão rápido ele poderia eliminar as evidências.

“Sou tola por pensar que você não a matou?”

“Não sei. Você é?”

“O que fiquei sabendo não indica que você a matou. Mas você a convidou para o seu laboratório.”

“Eu não a *convidei*. Ela aparentemente entrou pela sala do incinerador, enquanto eu estava no laboratório superior coletando algumas amostras. Suspeito que ela percebeu que não havia como passar o código até o laboratório e abandonou sua missão, seja ela qual for.” Com braços cruzados, ele soltou um suspiro exasperado. “Só na manhã seguinte soube do desaparecimento dela e, a essa altura, já havia sido rotulado de assassino.”

Eu não conhecia Jenny Harrick, mas com base nas interações que tive com o professor Bramwell, essa história parecia a mais plausível de todas que já ouvi até agora. Era repugnante pensar na rapidez com que todos haviam chegado à conclusão do assassinato. Principalmente sem qualquer evidência de que ela tivesse sido morta. “Não acredito que você seja um assassino.”

Sua sobrancelha se ergueu e ele caminhou na direção da saída. “E então a mariposa fez amizade com a chama.”

“Huh,” eu disse, seguindo-o. “Não achei que a chama fosse capaz de ser amigável.”

“Você presume que sou o perigo para *você*.”

Sorrindo, coloquei minha bolsa no ombro. “Bem, suponho que você teria me trancado naquela cela, se isso fosse verdade.”

“Suponho que ainda posso. Mas seria uma pena enjaular um espécime assim...”

“Intrigante?”

“Irritante. Na verdade, você seria a pior prisioneira da história dos sequestros. Uma matilha de bugios causaria menos dor de cabeça.” Ele empurrou a porta, permitindo-me sair primeiro. A porta pesada bateu atrás de nós enquanto subíamos a pequena colina em direção ao pátio aberto onde a estrada ficava a cerca de cem metros de distância.

“É errado que eu me sinta insultada por isso?” Soltei uma risada e me virei para ver um sorriso esticar seus lábios. Um sorriso verdadeiro e genuíno, e puta merda, era o sorriso mais lindo que já vi. Dentes retos e brancos e uma covinha na bochecha. Eu gostaria de ter capturado isso, mas ele desapareceu tão

rapidamente quanto apareceu, e observei enquanto suas sobrancelhas se franziam e uma expressão de pânico tomava conta de seu rosto.

Ele se inclinou para frente, com as mãos fechadas em punhos, e soltou um grunhido.

Quando ele caiu no chão, a adrenalina explodiu em minhas veias e deixei cair meu telefone, desabando ao lado dele. “Professor!”

Com os dentes cerrados, ele tremia e tremia, mas não era como a convulsão que teve há algum tempo. Seus olhos se fixaram nos meus, implorando de uma forma que feriu meu coração.

Eu não sabia o que fazer!

“Vou pedir ajuda.” Eu disse, lutando para pegar meu telefone caído.

“Não!” Ele estendeu a mão e agarrou meu braço, sua palma quente esmagando meu antebraço enquanto ele me segurava. Com os olhos fechados, ele continuou segurando, enquanto seu corpo tremia e tremia e ele grunhia e engasgava. Seus lábios se moviam enquanto ele sussurrava algo que não consegui ouvir a princípio, até que seu rosto se contorceu e seu corpo se curvou como se tivesse sido atingido por um choque elétrico. “Impermeável!”

Essa palavra novamente. Eu ouvi isso na última vez que ele sofreu uma dessas convulsões.

Eu não me movi, nem tentei me esquivar dele. Certamente haveria um hematoma lá amanhã, mas não me importei, enquanto o observava sofrer por causa do que quer que tivesse se enganchado nele.

Ligue para alguém, minha cabeça insistiu, sua recusa em ajuda ecoando as vezes em que minha mãe recusou. *Ligue agora!*

Quando levantei meu telefone para discar a emergência do campus, meu braço afrouxou. Olhei para trás e vi a tensão em seu rosto suavizando. Seu corpo tremia menos quando ele expirou pelo nariz. Com os olhos ainda fechados, ele parecia se acalmar, e o roçar de algo em meu antebraço era seu polegar me acariciando. De um lado para o outro, indo e voltando. Quando ele abriu os olhos, apareceu uma serenidade quase embriagada, antes de se transformar diante dos meus olhos. A serenidade em seu rosto endureceu novamente, e ele

me soltou, chutando para trás enquanto se levantava.

Com o olhar desviado do meu, ele fez uma careta, dando tapinhas no peito e nas calças, e tirou uma caixa prata que continha cigarros.

“Você está bem?”

Enfiando o cigarro entre os lábios, ele deu um tapinha novamente e puxou um isqueiro, acendendo a ponta do cigarro. Uma longa tragada e ele apoiou o cotovelo no joelho dobrado, apertando a ponta do nariz. “Suspeito que seja bom você caminhar o resto do caminho até sua parada.”

“Não vou embora até saber que você está bem.”

“Estou bem.” Ele me dispensou. “Agora, por favor. Vá.”

“Não.”

O olhar que ele me lançou era o que eu esperaria se lhe desse um tapa.

“Vou esperar alguns minutos. Para minha própria paz de espírito.” Deixando cair minha bolsa ao lado dele, sentei-me na grama que tinha ficado significativamente mais fria nas últimas horas. “Você tem uma doença.”

“Não brinca”, disse ele, e deu outra tragada em seu cigarro.

“O que é?”

“Doença de Voneric. Uma doença congênita rara. Feliz?”

“Uma doença autoimune.”

“Sim.”

Só assim, ficou claro para mim porque o homem era tão dedicado, tão obstinadamente apaixonado por um bando de malditos vermes. “É por isso que está trabalhando na toxina. Mas pensei que você disse que seu trabalho se concentrava no diabetes. Isso é uma complicação diabética?”

“Não. Acontece que o mecanismo é semelhante. Infelizmente, ninguém dá a mínima para uma doença que afeta apenas uma em cada quinhentas mil pessoas.”

Eu queria perguntar se o pai dele tinha decidido estudar a mesma coisa, mas não

queria que ele me excluísse novamente. “É...” Fechei a boca, sem querer dizer isso.

“Mortal? Sim. Se chegar ao meu coração, o jogo acaba para mim.”

Deus, o som disso tinha tanta rapidez. O pensamento de que quase testemunhei sua morte, duas vezes, fez meu estômago revirar. “O que é *impermeável*?”

Sua sobrancelha tremeu. “Não é nada.” Com o cigarro pendurado na ponta dos dedos, ele esfregou o rosto no bíceps esticado. “Minhas desculpas por colocar minha mão em você.”

“Não precisa se desculpar. Estou feliz que meu braço estava aqui.” Vacilando, balancei a cabeça. “Deus. Esqueça esse comentário por completo.” Que coisa entupida para se dizer. “Então, essa toxina... como você sabe que ela afeta a autoimunidade dessa forma?”

“Isso foi demonstrado em ratos.”

“Você disse anteriormente que precisa provar que a toxina tem potencial. O seu efeito em ratos não prova isso?”

“Sim.” Outra tragada no cigarro e ele o jogou na grama. “Infelizmente, a morte é um grande efeito colateral potencial. Até que eu consiga isolar uma variante estável da toxina, ficarei preso ao estudo das mariposas.”

“Aqui, pensei que você gostasse de estudar mariposas, pela maneira como conduz suas palestras.”

“Depende da mariposa que estou estudando.” Com os olhos em mim, ele se levantou, cambaleando um passo para trás.

Pensando se ele tinha ou não flertado de novo, distraidamente estendi a mão para ele. Quando ele puxou o braço, eu recuei. Certo. Ele não gostava de ser tocado.

“Sinto muito”, eu disse.

“Não é minha intenção ser…”

“Você não está. De jeito nenhum. Por favor, não sinta necessidade de explicar. Eu não deveria estar tocando em você.” Deus, eu não quis dizer isso para parecer estranho. Ou assustador. Eca. *Apenas pare já*. Balançando a cabeça, peguei minha bolsa. “Eu vou. Acho que o último ônibus sai em cerca de dez minutos.”

“Srta. Vespertine.” Ao seu chamado, eu me virei. “Vejo você amanhã.”

Com um sorriso, balancei a cabeça.

Capítulo 43

Lilia

Uma leve dor latejava em meu braço, onde um hematoma marcava o aperto do professor Bramwell. Enquanto estava deitada na cama, estudei o contorno roxo-claro de seus dedos, traçando suas bordas com a ponta do dedo.

Depois de prender meu braço não machucado, apaguei o abajur ao lado da cama e me acomodei nas cobertas. No momento em que fechei os olhos, quase pude sentir sua mão ainda me segurando. Segurando-me. A curva daqueles dedos fortes cravando em meus ossos.

Os lençóis frios se arrastaram pelas minhas pernas, nuas enquanto eu me virava de bruços, a corrente da minha contenção batendo na estrutura de metal da cama enquanto deslizava pela grade de aço para o outro lado. Imaginei sua mão guiando a minha pelo meu corpo, deslizando por baixo da barra da minha calcinha. Através dos lábios entreabertos, soltei um suspiro pesado enquanto deslizava meus dedos por uma abertura já molhada.

Tão molhada, imaginei o professor Bramwell sussurrando em meu ouvido. Em minha mente, ele estava curvado sobre mim, os músculos de seu peito nu pressionados contra minhas costas, enquanto ele passava os dedos sobre aquele feixe excitado de nervos que praticamente ronronava nas pontas dos dedos. Virei meu rosto no travesseiro e pensamentos mais sombrios surgiram. Aqueles em

que ele me segurou pela nuca, avisando-me para gozar, ou sufocaria.

Meu dedo acariciou mais rápido, minha respiração ofegante no algodão implacável. Enfiei um dos meus travesseiros entre as pernas, deixando a superfície firme pressionar contra a fenda sensível. A cama soltou um rangido baixo enquanto eu movia meus quadris. Com minha mão livre, puxei minha camisola, liberando meu peito. Quase pude sentir a palma da mão dele agarrando minha pele, os dedos fazendo cócegas em meu mamilo e seu hálito quente em meu pescoço.

Seja uma boa mariposa e eu te foderei com força. Enquanto me esfregava no travesseiro, imaginei-o batendo em mim, meu corpo menor se acotovelando sob sua forma muito maior. A sensação de seu pênis empurrando profundamente para dentro, me enchendo.

Quente e desesperada, fiquei de joelhos, apoiando levemente minha bunda, e mergulhei dois dedos dentro de mim, chocada ao descobrir o quão molhados eles estavam quando os puxei de volta e mergulhei novamente. *Por favor, foda-me* , minha mente implorou, ainda presa na fantasia de estar curvada sobre sua mesa. *Por favor, professor Bramwell. Foda-me com força.* Minha barriga se apertou em rolos quentes de necessidade, cada músculo tremendo quando o orgasmo caiu sobre mim, e eu gemi em meu travesseiro. Gemidos altos e guturais que carregavam o prazer embriagado de luxúria e um clímax intenso.

Esmaguei o resto no travesseiro ainda preso entre minhas pernas. Com a bunda ainda apoiada, virei o rosto para o lado, bebendo o primeiro gole de ar fresco, e respirei pesado e rápido.

Da mesa de cabeceira, peguei uma garrafa de água pela metade e bebi até que a pontada de sede desapareceu com a minha sensação de euforia. Uma vez que as ondas persistentes de euforia cessaram, puxei o travesseiro entre minhas pernas e coloquei-o sob aquele com o qual quase me sufoquei. A restrição fez barulho novamente quando me virei e, quando caí na cama, olhei para o teto escuro, ainda tentando recuperar o fôlego.

Puta merda. Eu me masturbei algumas vezes na minha vida, mas nunca me senti tão bem *assim.*

Gemendo, virei-me para o lado, deixando um pouco de vergonha tomar conta de mim. Eu tinha acabado de pensar em meu professor. Que também era meu chefe.

Ele devia ter pelo menos trinta e poucos anos e, embora eu desejasse que isso fosse um impedimento, infelizmente, apenas alimentou as chamas. Algo sobre o homem rastejou sob minha pele, desvendando fantasias sombrias como um carretel de fita de seda.

Eu gostava que ele fosse mais velho. Mais maduro. Sempre me senti atraída por homens mais velhos.

Lembrei-me de ter conversado com minha mãe quando tinha quatorze anos. Bem antes de ela ficar doente. Ela me disse que os meninos da minha idade eram imaturos e que eu precisava esperar até que crescessem um pouco. Eu levei esse pensamento até o final do meu primeiro ano no ensino médio, quando conheci meu primeiro namorado de verdade, se é que eu poderia chamá-lo assim. Eu me referia a ele principalmente como Ghostboy. Ele estava no último ano, prestes a se formar. Fui designada para ajudá-lo com física, para que ele pudesse realmente passar na décima segunda série. Ele passou nossas sessões de aulas particulares tentando fazer com que eu o masturbasse e, quando completou dezoito anos, a dinâmica de nossas interações mudou. Eu pensei que isso iria desanimá-lo, sabendo que ele poderia ter se metido em problemas, já que ele era considerado um adulto e eu ainda era menor de idade. Pelo contrário, parecia deixá-lo muito mais interessado. De alguma forma, eu também achei isso excitante.

Ele me disse que eu era mais madura. Mais esperta. Mais bonita. Eu tinha tanta certeza de que havia me apaixonado por ele, até que o peguei transando com outra garota no beco atrás do cinema, onde ela trabalhava na época. No segundo ano. Isso marcou o fim de minhas pequenas explorações com Ghostboy, mas a experiência desbloqueou outra coisa. Algo muito mais depravado.

A imagem de ser dominada e violada por um homem mais velho de alguma forma se enraizou em minhas fantasias.

Até que Angelo começou a me notar. Foi nessa época que minhas fantasias desapareceram nos recônditos da minha cabeça.

Eu pensei que elas foram banidas para sempre – até que o Professor Bramwell me agarrou no início da noite. Eu odiava admitir que gostei demais de seu aperto contundente.

———

O som me despertou do sono e abri os olhos para a escuridão do meu quarto. O rangido da madeira velha ecoou pelo quarto, e me virei para ver a porta do armário à minha frente aberta. Uma respiração ficou presa em meu peito, quando algo mudou na escuridão ali. A forma esbelta de uma mulher deu um passo à frente, usando um vestido branco.

Cabelos ruivos dançavam sobre seus ombros enquanto ela deslizava pelo chão, e quando ela apareceu, meu coração ficou preso na garganta. “Mamãe?”

Olhos negros como carvão davam-lhe uma aparência demoníaca e aterrorizante. Mãos pálidas e enrugadas se estenderam enquanto ela mancava pelo quarto em minha direção. Ela parou ao lado da minha cama, olhando para mim com aqueles olhos de boneca, e sua boca se abriu, mais, mais, muito. A movimentação anormal de sua mandíbula deixou minha pele arrepiada.

Uma paralisia formigante tomou conta de meus músculos. Eu não conseguia me mover!

Vermes pretos saíram de sua boca e caíram sobre mim.

Um grito saiu da minha garganta e eu subi na cama com um barulho alto. Confusa, me virei e vi meu braço esticado.

Amarrado. Contido.

A restrição estava conectada à cabeceira da cama. Sim, eu fiz isso. Eu me contive. Voltei minha atenção para o armário, onde a porta estava fechada.

Eu sonhei com isso. Era irreal. Apenas um sonho.

Exalando um suspiro instável, deitei-me no travesseiro, olhando para o teto novamente, segurando o frasco com as cinzas de minha mãe que estava em minha garganta. Lágrimas rolaram em meus olhos. Eu odiava essas visões dela como um monstro. Ela não era um monstro. Pelo menos não antes de ela ficar doente.

Uma memória sombria e obscura estava à margem dos meus pensamentos. Ecos de gritos. Pregos cravados nos braços.

Mamãe! Por favor! Não!

Eu não consigo respirar!

Com os olhos bem fechados, balancei a cabeça e enterrei o rosto no travesseiro.

Não não não. Não olhe para isso. Afaste-o. Afaste-o!

Os gritos desapareceram ao mesmo tempo que a dor no meu braço aumentou novamente. O hematoma de Bramwell.

Meus pensamentos mudaram para seus olhos suplicantes e músculos trêmulos. A frouxidão em seu rosto quando ele agarrou meu braço e acariciou minha pele.

A dor diminuiu.

Soltei meu braço amarrado e pressionei meu polegar no hematoma, desesperada pela dor para afastar aquele pesadelo de antes.

E aconteceu.

Capítulo 44

Lilia

O jaleco que usei na última vez que trabalhei no laboratório estava pendurado no gancho do lado de fora da porta. Coloquei-o, como o professor Bramwell me pediu, e digitei o código do teclado. A porta do laboratório se abriu com um clique, onde o encontrei digitando em um laptop em uma das bancadas. Velas tremeluziam pelo laboratório, emitindo uma sensação estranha, como algo saído de um romance de *Jekyll e Hyde.*

Lambi os lábios, onde apliquei o mesmo batom que usei na noite de gala. A sombra que parecia chamar sua atenção.

Ao lado dele havia um microscópio estéreo e, no lado oposto, uma grande cúpula de vidro continha duas pequenas mariposas Sominyx roxas, que não se agarravam às paredes como deveriam, mas ficavam no chão da gaiola.

“Novos animais de estimação?” Eu perguntei, notando os pequenos buracos no topo da cúpula e a tigela de frutas que lhes foi fornecida e, claro, um pedaço de carne ensanguentada que me fez fazer uma careta.

“Grupo de teste dez”, ele resmungou, continuando a digitar.

“Estas são as mariposas que você está usando para estudar a toxina?”

“Sim.”

“Você tem nomes para elas?” Um rápido exame nas mariposas mostrou distinções de coloração suficientes para distingui-las. Uma tinha uma mancha branca e a outra um ferrão torto.

“Não. Não tenho nomes para elas.” Ele ainda não havia tirado o olhar do ocular.

“Que pena. Quero dizer, parece que seria azar não as nomear individualmente.”

Com a sobrancelha levantada, ele me lançou um olhar que se transformou em um olhar duplo, enquanto parecia se fixar em meus lábios. Limpando a garganta, ele se virou novamente, com a testa franzida, e eu mordi o interior do lábio, me sentindo vitoriosa por ele ter me notado. “Sinta-se à vontade, se quiser.”

“Eu? Uau. Que *pressão.* Tem que ser bons nomes, se quisermos que o experimento seja bem-sucedido, certo?”

“Receio que o nome seja irrelevante.”

Sorrindo, voltei minha atenção para as mariposas. “A propósito, qual é o nome do gato?”

“Bane.”

“O que você é, um fã da DC ou algo assim?”

“Não. Simplesmente *não* sou fã de gatos curiosos que gostam de invadir meu espaço de trabalho.”

Sem dúvida, ele herdou o gato. Ainda é meio fofo que ele tenha permitido que ficasse. E o nomeou. Voltando minha atenção para as mariposas, estudei a torção anormal em suas asas, o que me trouxe à mente o modo como a coluna vertebral de minha mãe começou a curvar-se nos últimos estágios de sua doença. Como sempre me senti desamparada e triste ao vê-la mancar de dor. Uma dor sombria latejava em meu peito e eu limpei a garganta. “Então, nomes. Acho que a que está atrás, com a mancha branca na asa, deveria ser Achilles, e a que está na frente, com o ferrão torto, deveria ser Patroclus.”

Pelo seu perfil, percebi o abaixamento de suas sobrancelhas e ri, pensando em quantos músculos o homem deve flexionar em um dia com todas aquelas carrancas.

“Isso é uma obsessão pela mitologia grega?”

“No seu mundo canônico, suponho que seria assim.”

“Atrevo-me a perguntar o que isso representa no *seu* mundo?” — perguntou ele, fazendo um rápido esboço no caderno ao lado de seu microscópio do que parecia ser a melanização da larva, dada a pigmentação escura.

Enquanto eu olhava para sua obra de arte, uma pequena cicatriz branca logo abaixo dos nós dos dedos chamou minha atenção e me fez pensar como ela havia chegado ali. Na sua pausa abrupta, olhei para cima e vi sua testa levantada em expectativa e percebi que não havia respondido sua pergunta. “Um romance que li há algum tempo.”

Ele soltou um suspiro de desaprovação. “Tenho certeza de que foi enriquecedor.”

“Você não deveria criticar o romance, professor. Acontece que o amor é *biologicamente* importante para os seres humanos. Reduz a pressão arterial e a depressão e melhora o sono.”

A expressão contemplativa em seu rosto se transformou em um sorriso malicioso. “E como isso te beneficia como *leitora*? Uma voyeur, essencialmente. Você não tem conexão íntima com esses personagens fictícios.”

“Quem disse? Acontece que sou muito apegada aos meus namorados fictícios.”

Mais uma carranca. “*Namorados?*”

“Eu leio muito.”

Com um aceno de cabeça, ele bufou. “Tudo bem. Achilles e Patroclus”, admitiu.

“Soa melhor do que o Grupo de Teste Dez.” Passei o dedo sobre o vidro, curiosa pelo fato de que as mariposas não se incomodavam em voar, ou se assustavam, com a minha presença. “O que há de errado com elas? Por que estão no chão da jaula?”

“Elas sofrem de uma condição que afeta sua capacidade de voar. Os músculos usados para contrair as asas estão defeituosos.”

“E então, você pretende injetar a toxina neles na esperança de reverter a situação?”

“Precisamente.”

“Você já teve sucesso antes?”

“Não. A mariposa metaboliza a toxina antes que ela possa reparar os músculos.”

“Então, o desafio é retardar a velocidade de metabolização. Como?”

“Se eu soubesse disso, estaria em um iate tomando champanhe, em vez de respondendo a todos os seus milhões de perguntas. De novo.”

Sorri enquanto a mariposa mancava, seguindo meu dedo que arrastava pelo vidro. “A viagem de barco até aqui foi minha primeira vez em um barco. Primeira vez no mar. Na verdade, nunca toquei na água.”

Na minha periferia, ele ergueu a cabeça do microscópio e se virou para mim. “Você nunca tocou no mar?”

“Sempre tive medo disso. A vastidão. O poder. A maneira como poderia tirar uma pessoa do chão e levá-la a quilômetros de distância da costa. Então você está sozinho e à deriva no meio do nada. Com Deus sabe o que nadando abaixo de você.” Olhei para longe, imaginando a visão que tive na viagem de barco. “Águas profundas me aterrorizam.”

“Ou talvez seja o mar que teme suas profundezas, Srta. Vespertine.” A diversão em sua voz e a covinha em sua bochecha, me disseram que o comentário não era sério, mas me deixou pensando se havia um elemento de verdade em seu humor. Seria assim que ele entregava elogios, ou mascarava seus ataques por trás de sorrisos encantadores e linguagem poética?

“Isso é ridículo”, contrapus, brincando “O mar não teme nada.” Voltando-me para as mariposas, lutei contra a vontade de sorrir. “Bem, essas mariposas têm nomes, portanto este experimento não pode falhar.”

“Se você diz.” Com os olhos ainda espiando pelo microscópio, ele pegou o caderno ao seu lado e me entregou. “Eu detalhei uma lista de tarefas para você.” Uma pequena bandeira Post-It estava pendurada na lateral, com a inscrição “Vespertine”, e abri o caderno com uma lista de rabiscos ilegíveis.

“Jesus. Você fez um curso em escrita ilegível?” Eu provoquei.

Ele soltou um resmungo de desaprovação. “Tenha em mente que é *você* quem quer esse trabalho. Não o contrário.”

Sorri para mim mesma, tentando decifrar a primeira tarefa da lista, e comecei a trabalhar nas tarefas servis que eu especificamente pedi para não fazer.

As horas passaram rapidamente e, mais uma vez, era hora de partir. Assim como fez na noite anterior, ele me acompanhou até o ponto de ônibus. Uma forte tensão abalou meus nervos, lembrando da última vez que caminhamos juntos e ele desabou na minha frente, sem aviso prévio.

“Não há milhões de perguntas esta noite?” ele perguntou, olhando para as estrelas, enquanto caminhávamos pelo pátio.

Sorrindo, baixei meu olhar. “Certo, tudo bem. Lembre-se, porém, de que você pediu isso.”

“Assumo total responsabilidade.”

“Você parece meio jovem para um professor titular com formação em medicina. O que há com isso?”

“Fui acelerado. Vale a pena ter as conexões certas. Lembre-se disso.”

Mordi o interior da bochecha, pensando se deveria ou não fazer a próxima pergunta. Uma que brincava com a minha mente por dias, e eu não teria sido corajosa o suficiente para perguntar do nada, mas já que ele estava realmente entretendo perguntas, por que não? “Por que você me carregou para o seu carro naquela noite? Poderia ter me deixado nos jardins. Alguém poderia ter me encontrado.”

Quando ele olhou para mim, sua sobrancelha fez aquele movimento dolorosamente atraente para cima. “Se eu soubesse que você iria me chantagear, poderia ter feito isso.”

Sorri. “Você não me parece um homem que é facilmente chantageado.”

“E você também não me parece uma jovem que deseja se isolar em um laboratório antiquado com cadáveres e parasitas. No entanto, aqui estamos.”

O sorriso no meu rosto desapareceu quando pensei em porque ainda estava tão atraída por isso depois da morte da minha mãe. Porque minhas curiosidades me dominavam tanto. “Sinto-me compelida a fazer algo significativo em minha vida. Devo isso à minha família.”

“Você não deve nada à sua família”, disse ele de forma abrasiva, como se eu o tivesse insultado. “As paixões são inúteis se as perseguirmos para os outros. Elas se tornam obrigações. Indesejáveis.”

“Este projeto é a sua paixão.”

“Suponho que sim. Apesar de toda a besteira política.” Ele olhou para mim. “Qual é a sua?”

Era uma pergunta que respondi tantas vezes, em inscrições e entrevistas, e minha resposta benigna de querer ajudar as pessoas era sempre a mesma. Mas isso também não era verdade, e à luz do seu último comentário, tive a sensação de que ele perceberia, então respondi honestamente. “Não sei. Acho que ainda estou procurando por isso. Eu amo a ciência. Adoro aprender. E quero curar o Noctisoma algum dia. Te tirar do mercado.”

“Boa sorte.” Ficou claro pela forma como seus lábios se contraíram que ele estava segurando um sorriso. “Para responder à sua pergunta sobre por que não a deixei nos jardins naquela noite, acho que você é um aborrecimento intrigante.”

“Acho que isso é apropriado, vindo de um homem que considero brilhantemente antissocial”, brinquei.

A ruga no canto do olho sugeria um leve sorriso. Cara, o cara era mesquinho quando se tratava deles. “Suponho que isso seja justo. Eu tenho um dom para repelir.”

Eu bufei e balancei a cabeça. “Não a morena que senta na minha frente na aula,” soltei.

“O que tem ela?”

Eu imediatamente me arrependi de tê-la mencionado. “Ela parece ser muito...” Uma imagem me veio à mente, dois dias antes, quando ela tirou uma foto dele arregaçando as mangas antes da aula, com a legenda: *Os punhos do Professor [emoji de língua]*. “Observadora durante suas palestras.” Atrevi-me a olhar e encontrei-o olhando para o chão, franzindo a testa, as mãos enfiadas nos bolsos, as mangas arregaçadas sobre os lindos antebraços que ela capturou na foto. “Ela é bonita”, acrescentei, avaliando sua reação. “Parece seu tipo.”

A uma curta distância, os faróis do ônibus piscaram quando se aproximou da

minha parada.

“Dificilmente. Não tenho um tipo definido, principalmente quando se trata das minhas alunas.”

“Ela ficará completamente desapontada, tenho certeza.” Naquele momento, nem sabia mais se estava falando da garota. “Em circunstâncias diferentes, ela poderia ter sido a combinação perfeita.”

“Em circunstâncias diferentes...” A pausa em suas palavras carregou um batimento cardíaco laborioso que sufocou o meu, enquanto eu observava o menor sorriso brincar em seus lábios. Um momento de hesitação. “Eu poderia ter perseguido você.”

Uma respiração nervosa me escapou. Agarrei a alça da minha mochila em alguma tentativa falha de manter a compostura e engoli a secura na garganta. “E eu poderia ter deixado.” O ônibus parou, matando o momento. Se contasse como um momento. “Boa noite, professor.”

“Boa noite, Srta. Vespertine.”

Capítulo 45

Lilia

O que?

Olhei para o meu primeiro exame de entomologia, tentando entender a nota que havia sido inserida no computador.

Quarenta e cinco pontos de oitenta, o que equivale a cinquenta e seis por cento. Eu não recebia cinquenta e seis por cento em um exame desde o ensino médio.

Percorrer o documento que enviei mostrou páginas e mais páginas de notas vermelhas ao lado das minhas redações e, a princípio, a nota quase parecia legítima apesar de todas as notas vermelhas... até que as examinei. As notas marcavam erros técnicos ridículos, como uma vírgula que deveria ser um ponto e vírgula, um parágrafo que Gilchrist achava que deveria ser novo, exceto que a informação estava relacionada ao parágrafo anterior, e eu aparentemente não tinha tabulado o suficiente meu texto, para seu gosto.

Com as bochechas vermelhas, segurei a vontade de chorar enquanto esperava a aula terminar. Eu adoraria comparar as notas com as de outro aluno, mas a única pessoa que eu conhecia era Spencer, que não se preocupou em aparecer, e eu não tinha interesse em interagir com ele depois dos eventos da festa de gala. Embora ele tenha tentado me ligar desde então, eu o ignorei.

Assim que a aula terminou, uma pequena fila se formou, enquanto outros alunos esperavam para falar com a professora Gilchrist, e eu esperei pacientemente minha vez, apesar de querer sair da minha pele naquele momento. Quando finalmente cheguei à frente, dei um passo à frente, minha mão tremendo com a raiva que floresceu na última hora.

“Como posso ajudá-la, Srta. Vespertine?” Sua voz tinha um ar de tédio que só incitou minha frustração.

“Minha nota… parece correta em termos de conteúdo. Todos os meus ensaios e respostas de múltipla escolha estavam corretos?”

“Hmm-hmm. E?”

“Recebi cinquenta e seis por erros gramaticais e *de formatação?* Você nunca especificou a importância dessas questões e o quanto pesavam na nota.”

A expressão despreocupada em seu rosto não vacilou com a minha reclamação. Na verdade, ficou mais presunçosa. “É um curso universitário. Você deve estar bem versada em como formatar um texto.”

“Eu entendo, mas… *cinquenta e seis?* Quero dizer, acertei todas as respostas. Entendi o material e você não fez comentários sobre a composição e o conteúdo das minhas respostas.”

Com os ombros voltados para trás, ela apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçando os dedos. “Diga-me, você pretende realizar pesquisas algum dia?”

“Sim.”

“Sim.” Suas sobrancelhas se ergueram com um sorriso que era ao mesmo tempo piedoso e condescendente. “E assim, redação de propostas é uma parte enorme do financiamento para esses projetos de pesquisa. Se não conseguir formatar corretamente, bem, parecerá inapta.” Ela jogou as mãos para cima com displicência. Displicentemente dando uma nota que pesava muito em minha pontuação acumulada.

“Isso faria sentido… se fosse uma aula de redação de bolsas.”

“Por favor, diga-me que você não é um daqueles estudantes que tem uma sensação de direito com base nas suas circunstâncias.”

“Com licença?” Limpei a garganta, o choque de suas palavras me deixando estupefata.

A ponta arrogante de seu queixo me disse que eu não tinha ouvido mal, nem entendido mal o significado.

“Não estou tentando ser difícil”, acrescentei. “Só estou preocupada com o que isso afetará minha média geral.”

“Isso certamente irá derrubá-la, o que é uma pena. Parece que os desfavorecidos não foram feitos para uma instituição orgulhosa e digna como Dracadia. Eu estava errada sobre você.”

“Como assim?”

Seu dedo bateu na tampa da caneca de café preto. “Eu vi você olhando para Spencer duas vezes durante este exame. Você tem sorte que eu não te *reprovei* por colar.”

Colar? *Colar!*

A acusação me atingiu como um soco na garganta. Passei horas estudando para aquele exame.

“Eu não colo, e se algum dia pensasse em colar, certamente não seria de Spencer.”

Com uma risada triste, ela balançou a cabeça. “Você é uma coisinha arrogante, não é? Tão presunçosa e cheia de si.”

“O que? Eu não sou …. Eu não entendo. Juro para você, nunca colei. Eu *não* colaria.” Odiava que minha voz tremesse com a ameaça de lágrimas. “Quero me sair bem enquanto estiver aqui.”

“Tenho certeza que sim. E tenho certeza de que seu comportamento manipulador funciona com alguns professores aqui em Dracadia, Srta. Vespertine. Mas eu não sou um deles.” O sorriso arrogante que se seguiu afundou em minhas entranhas como um garfo enferrujado. “Agora, se me dá licença, tenho uma reunião importante. A nota permanece.”

Um desespero frio se agitou em meu peito enquanto saía de sua aula. Eu planejava almoçar no Cavick, mas decidi que a melhor coisa a fazer era voltar

para o meu alojamento para dormir. O cansaço e a raiva pesavam sobre mim, e ainda tinha mais duas aulas à tarde para enfrentar.

Ao contornar o prédio, passando pelo pequeno beco, algo agarrou meu braço e um puxão forte me fez tropeçar para trás, caindo em uma superfície sólida. Abri a boca para gritar, mas uma mão me sufocou e meu corpo foi arrastado para trás, em direção ao beco. Uma vez lá, as pedras duras do prédio atingiram minha coluna.

Spencer estava diante de mim, um olho inchado e roxo, ambos vermelhos com círculos pretos profundos abaixo. Seu corpo tremia, seus lábios curvados como se ele fosse chorar.

Soltei um grito, e ele pressionou a mão com mais força, sua mandíbula se contraindo de frustração. “Por favor! Me escute! Apenas por um momento. Estou te implorando.”

Meu coração batia forte no peito enquanto eu olhava para trás, me perguntando o que ele faria. Ele era louco o suficiente para me estrangular? Com raiva o suficiente para me dar um soco?

“Sei que você acha que eu tentei... machucar você... naquela noite. E eu juro para você, Lilia. Eu não tentei. Eu não machucaria você. Nunca.” Sua voz estava trêmula, como se estivesse à beira de um colapso. “Há coisas que você não sabe sobre... pessoas que... são muito ruins aqui. E o professor Bramwell é um deles. Você entende?”

Não me preocupei em balançar a cabeça ou concordar com seu comentário.

“Ele me deu uma surra naquela noite. Ele fez isso na porra do meu olho.” Com isso, tentei balançar a cabeça e ele pressionou contra mim, os lábios franzidos de raiva. “Sim, ele fez! Eu o vi, porra. Ele tirou aquela maldita máscara e me deu uma surra. E ninguém acredita em mim. Nem Langmore. Nem a porra do meu pai. Nem mesmo você.” Ele baixou o olhar, os olhos brilhando com lágrimas. “Eu tinha intenções naquela noite? Não.” Com os olhos fechados, ele balançou a cabeça. “Sim. Como eu não poderia, com a forma como você estava naquele vestido? Mas eu não te droguei. Não faria isso. Não com você.”

Joguei minha cabeça para o lado e ele tirou a mão da minha boca. “Você drogou Mel?”

Suas sobrancelhas se juntaram e ele bufou. “Sim. Mas não é o que você pensa. Eu só estava tentando descobrir o que ela sabia sobre Jenny e Bramwell. Eu só precisava que ela relaxasse um pouco.”

“Você tentou fazer sexo com ela?”

“Eu flertei. Tentei beijá-la, só isso. Novamente, estava apenas tentando fazer com que ela falasse comigo.”

“Ela estava dizendo a verdade, então. Você realmente é um canalha.”

Com os dedos enrolados em meus braços, ele me segurou com mais força. “Não fiz essa merda porque quis. Eu fiz isso porque tive que fazer.”

“O que diabos isso significa? Seu pai mandou você drogá-la?”

A expressão em seu rosto escureceu e uma onda fria de alarme atingiu minha nuca. “Eu te disse. Há pessoas más nesta universidade. Alguns piores que outros.”

“Eu vi você com Gilchrist. Eu a vi... tocar você.”

Uma expressão de vergonha franziu sua testa e ele desviou o olhar do meu.

“Você a beijou.”

“Ela ameaçou me reprovar, se eu não…” Ele fez uma careta e expirou um suspiro trêmulo, a repulsa apertando seus lábios.

“Se você não o quê?”

Lágrimas brilharam em seus olhos enquanto ele balançava a cabeça.

“Spencer, se você não fizesse *o quê?* Foi Gilchrist quem induziu você a fazer tudo isso?”

Ele olhou para a entrada do beco e de volta para mim, sua mão acariciando freneticamente meu cabelo. “Eu gosto de você, Lilia. Bastante. Demais. Não consigo parar de pensar em você e me mata saber que você me odeia agora.”

“Não odeio você. Realmente preciso que você me diga a verdade.”

“Se você se importa comigo... mesmo que seja um pouquinho... mesmo como amigo, vai ficar longe de Bramwell.”

“O que está falando? Ele é meu professor.”

“Eu o vejo observando você às vezes. Você nem percebe o quanto ele te observa. Ele seguiu você até a aula. Ele provavelmente está te observando agora, pelo amor de Deus. O cara é maluco.”

Sem dúvida, usando a confusão que nublava meu cérebro, balancei a cabeça.

“Sim. Ele faz isso. Cuidado, Lilia. Na verdade, saia desta universidade. Será melhor.” Colocando a palma da mão na minha garganta, ele não apertou, apenas acariciou a coluna do meu pescoço com o polegar. Seu rosto se contraiu, como se ele pudesse chorar ali mesmo. Em vez disso, ele disparou de volta pelo beco.

———

Uma estranha vulnerabilidade tomou conta de mim enquanto eu caminhava pelo túnel de cadáveres em direção ao laboratório do professor Bramwell. Embora eu tivesse passado a tarde me convencendo de que Spencer estava errado, de que eu observava Bramwell o suficiente para saber que ele não estava me observando daquele jeito, seus argumentos ainda me deixavam confusa. Spencer claramente estava interessado em Bramwell, e embora a expulsão de seu amigo parecesse razão suficiente para suspeitar que ele poderia nutrir alguma animosidade em relação a ele, até que ponto essa animosidade iria? Enquadraria Bramwell como um agressor? Faria dele um total esquisito que me seguia por aí?

Como se meus problemas já não estivessem empilhados como uma torre Jenga pronta para desabar, a escola de Bee me ligou mais cedo, informando que só conseguiram aprovar metade da mensalidade atrasada com a bolsa, e que eu teria que conseguir quinhentos dólares o mais rápido possível.

Quinhentos que eu não tinha naquele momento.

Sentindo-me arrasada pelos acontecimentos do dia, entrei no laboratório e encontrei o professor Bramwell curvado, estudando algo na bancada em que estava diante. Uma vela tremeluzia perto dele, enquanto ele apontava uma pinça para a bancada. Foi distração suficiente para banir os pensamentos de Spencer, Bee e Gilchrist, e todos os outros problemas que surgiram.

Ao roçar meus tornozelos, ajoelhei-me para dar um carinho rápido em Bane,

grata por sua doce saudação em um dia tão ruim, e me aproximei do professor Bramwell para ver que era uma mariposa que ele havia espalhado na placa extra larga do microscópio, seu tórax aberto para revelar os órgãos abaixo. Ele levantou um verme preto longo e magro no ar, onde ele se contorceu e se debateu. O professor inclinou a cabeça e pegou outro conjunto de pinças, que usou para segurar uma das pontas enquanto examinava o parasita. “Filho da puta.”

“O que foi?” Eu perguntei, intrigada com a admiração em sua voz.

“Outro com dentes.”

“Dentes?”

Ele o colocou ao lado da mariposa, segurando a ponta, e quando o colocou sob a lente, olhei para a pequena tela quadrada e vi pequenas estruturas semelhantes a presas agarrando a pinça. “Parece que eles evoluíram.”

“Você está me dizendo essas coisas...” O pensamento disso revirou minhas entranhas. Provavelmente não ajudou o fato de eu ter pulado o almoço e o jantar depois do que aconteceu antes.

“Sim. Aparentemente, podem se agarrar agora.” Ele levantou o verme e colocou-o em um frasco com um líquido transparente e colocou uma tampa sobre ele. Ao seu lado, ele ergueu a vela acesa, segurando-a sobre a mariposa, como se procurasse mais vermes.

No ângulo em que ele a segurava, a chama tremulava sobre seus nós dos dedos, e eu fiz uma careta, pois parecia não ter efeito sobre ele. Ele não se mexeu. Nem sequer estremeceu, como se não pudesse sentir.

“Professor!” Cambaleei em sua direção e ele se assustou, derrubando o pote com o parasita no chão, onde o vidro se estilhaçou. O parasita se contorceu pelos ladrilhos em direção a um ralo.

“Não! Merda!” Ele correu até lá, deslizando pelos ladrilhos escorregadios, mas se conteve e plantou o sapato no ralo. O verme deslizou para cima do sapato, levantando a metade superior e batendo na superfície do couro. “Entregue-me a pinça!”

Pulei em direção ao balcão e peguei a pinça, escorregando no pequeno pedaço de

água como ele havia feito momentos atrás.

Ele saltou de volta em minha direção, pegando meu braço antes que eu caísse e me puxando para cima.

Momentaneamente atordoada, roubei um momento para recuperar o fôlego e, ao mesmo tempo, nós dois viramos a cabeça na direção do verme, pegando apenas sua cauda quando ele escorregou pelo ralo.

Ele soltou um suspiro. “Porra.”

“Sinto muito. Eu não quis...” Talvez fosse exaustão aliada à fome, e acrescente o fato de que o decepcionei, minha voz tremeu e pisquei para afastar as lágrimas.

Como se percebesse que ainda segurava meu braço, ele franziu a testa e recuou, enfiando as mãos no jaleco. “O que você tem?”

Balancei a cabeça, não querendo contar a ele, porque contar a ele definitivamente me faria chorar, e eu *não iria* chorar na frente do homem. “Vou limpar essa bagunça.” Quando fui em direção ao armário de utilidades, ele se esquivou e me bloqueou.

“Lilia, me diga o que há de errado.”

Uma sensação estranha se agitou em meu peito ao ouvi-lo dizer meu nome, e quando levantei meu olhar para ele e vi a preocupação transbordando em seus olhos, não consegui conter as lágrimas.

“Não posso.”

“Diga-me. Agora.”

Por que eu protegia Gilchrist? Ela tinha me dado pelo menos uma fração de consideração quando disse aquelas coisas? Não. Na verdade, provavelmente fez cócegas em seu coração negro saber o quanto suas palavras me esmagaram. A maneira como ela de alguma forma viu através de mim e alcançou as profundezas da minha insegurança. “Gilchrist me acusou de colar em uma prova. Ela me deu cinquenta e seis.”

Seus olhos se contraíram e a mandíbula dele flexionou. “Ela fez isso agora?”

“Não sei se ela planeja prosseguir com a acusação de que colei, mas se o fizer, isso vai estragar tudo. Serei expulsa e não serei aprovada para o próximo

semestre.”

“Relaxa. Ela precisaria de provas.” Embora a confiança em seu tom cortasse minha preocupação como uma lâmina afiada, não a resolveu completamente.

“Ela me acusou de colar do Spencer. Ela já ameaçou reprovar o Spencer antes. Ele não vai dizer a verdade por minha causa.”

Ele bufou. “Como se o Spencer fosse páreo…” Ele parou com um resmungo rabugento.

Não sabia por que aquele meio comentário me encheu de satisfação e dissipou parte da confusão na minha cabeça. Talvez porque o homem raramente elogiasse. Ou talvez fosse porque eu sentisse que ele estava ao meu lado.

“É preciso um esforço tremendo para provar que um aluno colou, e acho que nem mesmo ela tem energia ou motivação para isso.”

O alívio que senti ao contar a ele apenas aquele pequeno pedaço do meu dia me fez querer descarregar tudo, cada detalhe miserável, até que eu tivesse me purificado e me esvaziado disso, mas não o fiz. Ele não precisava saber dos meus problemas financeiros além de todo o resto.

O homem provavelmente tinha mais dinheiro do que sabia o que fazer com ele. O fato de eu dever milhares pelas mensalidades de Bee, com apenas dez dólares restantes em minha conta, provavelmente teria parecido absurdo para ele. A todos os alunos que frequentaram esta universidade também. Eu ainda não tinha conhecido alguém que estivesse sobrecarregado com suas finanças, do jeito que eu estava. “Às vezes, acho que vir aqui foi um erro. Eu simplesmente sinto que tudo está contra mim o tempo todo. Não há como vencer.”

“E então, o que? Você volta para Covington?”

“Não sei. Eu não quero, mas...” Mesmo que eu pagasse à escola de Bee os duzentos que Bramwell concordou em me dar todas as semanas, ainda levaria mais de dois meses para pagar tudo. E isso, presumindo que Conner mantivesse sua metade para atualizar a conta. “Tudo parece tão pesado às vezes.”

“Então, sua solução é abandonar a universidade. Renunciar à sua bolsa de estudos.”

“Como eu disse, não quero fazer isso, mas…”

“Mas nada. Você pode ser inteligente, mas com certeza diz coisas tolas.”

Eu poderia ter dado a ele o benefício da dúvida, sem saber o que estava passando pela minha cabeça naquele momento, que Gilchrist era apenas uma entre muitas preocupações, mas sua resposta ainda me irritou. Pessoas com dinheiro de alguma forma sempre me irritavam, e eu me odiava por isso, mas, droga, às vezes eles agiam como se seus problemas estivessem no mesmo nível dos de todos os outros. O que ele teria pensado se soubesse que eu tinha carregado a porra de um vídeo pornô em um site só para pagar a mensalidade da minha irmã? Ele teria me julgado por isso? Me daria um sermão sobre virtude e decência humana?

“Desde quando você se importa? Tenho certeza de que vai gostar de voltar para seu laboratório silencioso, onde ninguém quebra potes e deixa amostras escaparem pelo ralo. Eu não pertenço a esta universidade, com alunos que gastam centenas em vestidos por uma noite. Que podem comprar seus sofisticados cafés com leite em copinhos fofos com o logotipo do dragão dourado?” — eu disse, girando esnobemente o pulso. “Que não precisam pensar em nada além das notas e dos estudos. Estou cansada de me estressar com coisas que nunca passam pela cabeça deles.”

“Então, voltar para Covington vai aliviar você de todas essas lutas?”

“Claro que não. Mas todos em Covington lutam. Pelo menos não sou uma pária estranha lá.”

“Sim. Brilhante. Você será jogada em algum trabalho de merda, que você odiará e se ressentirá pelo resto da sua vida.”

“O que importa para você se eu ficar ou não?” Procurei naqueles olhos, geralmente apáticos, alguma explicação para o porquê de ele de repente parecer incomodado.

“Importa.”

“Por que?”

“Alguém te tratou como escória aqui? Ou jogou sua falta de dinheiro na sua cara?”

Gilchrist veio à mente, foi o comentário dela de antes que aparentemente cravou

suas garras em mim, dada a maneira como eu estava me sentindo naquele momento, mas não me preocupei em mencioná-la. Em vez disso, mantive os lábios fechados, o que ele aparentemente interpretou como uma resposta à sua pergunta.

“Pare de sentir pena de si mesma. Você parece ridícula.”

“Eu pareço ridícula? Por quê? Por que não compartilho os mesmos problemas da elite rica?”

“Não. Que você se preocupe em se comparar a eles é ridículo.”

“Ah sim. Quase esqueci que eles estavam em uma liga diferente. Obrigada por me trazer de volta à realidade.” Lágrimas se formaram em meus olhos quando ousei confessar o que havia me atormentado durante toda a tarde. “Talvez Gilchrist estivesse certa quando disse que os *desfavorecidos não foram feitos para uma instituição orgulhosa e digna como Dracadia.*”

O desprezo escureceu seus olhos. “Ela disse isso para você?”

Por mais que eu me arrependesse de ter dito isso em voz alta, foi bom ter contado a alguém. Para aliviar um pouco da humilhação que ainda afeta meu orgulho. “Sim. Depois que ela me acusou de buscar direitos, com base nas minhas circunstâncias. Então, diga-me novamente por que *pareço* ridícula. Porque não tenho o direito de me comparar com meus colegas estudantes. Por que eu não deveria voltar para onde *pertenço.*”

Sua mandíbula flexionou, os lábios curvados em desgosto. “Porque você é melhor que eles. Mais forte. E infelizmente, você terá que lutar mais pelo que deseja. Mas você tem uma compreensão das coisas além da compreensão deles. Você é excepcional, Lilia. E, por Deus, se você desperdiçar esse intelecto com as palavras ignorantes de uma megera invejosa como Loretta Gilchrist, será a ofensa mais flagrante que você já cometeu.”

O calor queimou meu rosto até ficar vermelho. Meus braços tremiam com a vontade de jogá-los em volta dele e beijá-lo. Em vez disso, fiquei olhando, concentrando-me na respiração instável que entrava e saía de mim.

A tensão sufocante entre nós ameaçou inflamar-se com um movimento ousado, um único acendimento de um fósforo. Sua mão se curvou ao redor do banco onde ele se apoiava, e foi então que notei a marca vermelha brilhante e a pele

inflamada onde ele se queimou com a vela.

“Oh meu Deus.” Estendi a mão para ele e ele a puxou, segurando o punho no peito. “Você está muito queimado. Precisa limpar e embrulhar isso.”

“Eu sei do que preciso.”

“Certo”, disse, dando um passo para trás. Claro, ele provavelmente já fez rodízios clínicos no pronto-socorro e nas unidades de queimados em algum momento de sua vida. “Você não consegue sentir nada?”

“Não. De jeito nenhum.”

“Não consigo imaginar o quão horrível isso deve ser. Que terrível não sentir.”

Ele abaixou a mão, flexionando os dedos. “Isso cresceu em mim.”

“Você sofreu com isso a vida toda?”

“Sim.”

“Sinto muito.”

“Não preciso da sua pena, Srta. Vespertine.” Sua voz endureceu, o espaço entre nós ficou mais frio, de repente. “Se você pudesse fazer a gentileza de limpar o vidro quebrado, eu agradeceria. Tenha cuidado para não se cortar.”

“Claro.”

Durante as duas horas seguintes, ocupei-me com tarefas servis de laboratório – autoclave, esterilizar nova solução de ágar e receber olhares ocasionais do professor Bramwell, como na noite da festa de gala – olhares roubados que não davam em nada, na verdade. Nada além de curiosidade. Lembrei-me da noite anterior, quando ele me disse que, em circunstâncias diferentes, ele teria me perseguido. O que quer que o tenha obrigado a confessar, deve ter voltado para sua concha e se coberto com um cobertor.

Enquanto limpava a coifa, notei uma bandeja de tubos carregando uma estranha solução roxa e preta. Franzindo a testa, virei a cabeça para o lado, lendo o rótulo vertical nos tubos de ensaio – NyxVar2.10, NyxVar2.12, NyxVar2.15. Abaixo deles estava a toxina Noctisoma e a data. Fingindo que estava esfregando alguma coisa com força, estudei o estranho fluido dentro, a mistura quase marmorizada de roxo e preto que devia ser o que ele planejava injetar nas

mariposas.

No final do meu turno, o Dr. Bramwell me acompanhou até o ponto de ônibus, sem palavras. Ombros dobrados, olhar colado ao chão, ele parecia preocupado. E imaginei que estava cansado demais para bombardeá-lo com perguntas, então nós dois caminhamos em silêncio. Assim como da última vez, ele me observou à distância, até que percebi o brilho das luzes do ônibus subindo a colina e acenei para que ele continuasse. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele se virou e voltou para o laboratório.

Gotas de chuva atingiram meu braço e, quando inclinei a cabeça para trás, gotas frias salpicaram meu rosto. Perfeito. Felizmente o ônibus estava próximo, pois quanto mais tempo eu ficava ali, mais rápido as gotas caíam. Mais rápido. Mais rápido.

Quando o ônibus finalmente chegou até mim, a chuva estava mais intensa, batendo forte na calçada. Foi então que percebi que havia deixado minha bolsa e minha identidade no laboratório.

Merda! Merda!

Eu precisaria disso para entrar no meu dormitório.

Merda, merda!

Gemendo, acenei para o motorista do ônibus e, enquanto a chuva torrencial me assolava ao longo do caminho, atingindo minha pele como se fossem balas dissolvidas, corri de volta ao laboratório até chegar à sala do incinerador, onde sacudi a água gelada que ainda estava grudada na pele. Tremendo, desci pelo túnel gelado da entrada de cadáveres, cerrando os dentes para evitar que batessem. Eu estava de saia naquele dia, pensando que conseguiria vencer a previsão de chuva para a noite. De qualquer forma, tive a sorte de ter que andar nela.

Não havia sinal do professor Bramwell quando entrei na sala de autópsia e caminhei em direção aos ganchos que seguravam os jalecos. Ao me aproximar, notei algo saindo do bolso do meu jaleco. Uma nota.

Abri-a e encontrei um pequeno cartão de plástico com o logotipo da cafeteria Dragon's Lair. O documento anexo dizia simplesmente: *Agora você pode comprar café quando quiser. –B*

Era um passe anual, que ele deve ter comprado para si mesmo, e com os ecos da minha autopiedade de antes, estremeci. Não era do meu feitio ser tão pateticamente autodepreciativa, mas eu estava cansada. Estressada. Confusa. Nervosa. Uma série de emoções que formaram a tempestade perfeita. Mesmo assim, me senti meio estúpida por jogar tudo isso nele.

Desabotoei meu jaleco e encontrei minha bolsa escondida embaixo dele, e a peguei, só então me lembrando da temida caminhada que teria que fazer de volta ao meu dormitório, visto que a última coleta da noite já havia chegado e ido. Eu ficaria uma bagunça e, com a minha sorte, acabaria com uma pneumonia horrível, provando que minha mãe estava certa durante todos esses anos.

Um som chegou aos meus ouvidos – alto, dolorido, cheio de sofrimento. Um arrepio percorreu minha espinha, os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Ouvi novamente, desta vez com um tom masculino distinto que reconheci. Bramwell?

Ele poderia estar tendo outro ataque.

Sem pensar muito, digitei o código do teclado e corri pela porta, entrando no laboratório. Peguei meu telefone, pronta para fazer uma ligação caso seu coração tivesse sofrido o ataque daquela vez. Com os olhos examinando o espaço iluminado por velas, avistei a cúpula de vidro, onde Patroclus e Achilles flutuavam lá dentro. Voando? Embora minha cabeça implorasse para descobrir a possibilidade de tal coisa, foi apenas uma breve distração em minha busca, que de outra forma seria superficial, e continuei pelo outro conjunto de portas, em direção ao escritório de Bramwell. Diminuí meus passos ao ouvir os sons de gemidos baixos e espiei em seu escritório.

Ele estava sentado à escrivaninha, virado para suas estantes de livros, sem camisa, seus músculos brilhando de suor, um torniquete enrolado logo abaixo de seu bíceps protuberante.

Desviei meu olhar para a bandeja de tubos de ensaio na frente dele, os tubos com padrão marmorizado roxo que eu tinha visto mais cedo sob o balcão. Ao lado deles, havia uma seringa.

A menos que eu esteja enganado, esses eram os tubos de ensaio rotulados como NyxVar. A toxina Noctisoma. Ele os injetou em *si mesmo*?

Abalada pela descrença, fiquei paralisada, observando-o se contorcer na cadeira, grunhindo e gemendo, enquanto presumi que a toxina percorria seu corpo. Meu telefone escorregou das minhas mãos, caindo no chão.

Merda. Merda!

Tapei a boca com a mão, peguei-o e me afastei. Ao ouvi-lo se movimentar, sem dúvida se levantando da cadeira, virei-me para a porta mais próxima ao meu lado e entrei. Passos se aproximaram e, em pânico, cambaleei pelo quarto escuro, até que senti uma superfície de metal fria sob as pontas dos dedos e deslizei a mão por uma trava. Com um puxão, abri-a e me tranquei lá dentro. Através da porta, ouvi a outra porta se abrir. Passos.

Mordi o lábio, rezando para que ele não me encontrasse ali. Dado o quão firmemente ele protegia sua privacidade, quem sabia como ele reagiria se suspeitasse que eu o tinha visto?

Os passos recuaram e eu exalei um suspiro nervoso.

Quando estendi a mão para abrir a porta, porém, ela não se mexeu. *Oh não. Não, não, não.*

Eu mexi na trava, puxando-a, mas sem sucesso. Um fedor pútrido assaltou meus sentidos, tão repulsivo que lágrimas brotaram em meus olhos, e cobri o nariz com as costas da mão, engolindo em seco. Batendo cegamente na parede, encontrei um interruptor de luz e liguei-o. Um tubo fluorescente brilhou no alto e me virei para descobrir que havia me trancado no que parecia ser uma sala de autópsia menor, com apenas uma mesa de exame. Um lençol branco cobria o que eu tinha poucas dúvidas de que era um corpo por baixo.

Com os músculos tremendo, fui na ponta dos pés em direção a ele, meu coração batendo forte dentro do peito a cada passo mais próximo, e retirei o lençol.

Ali, sobre a mesa, estava um homem com os impressionantes pontos de incisão em Y pós-autópsia e cujos globos oculares haviam sido removidos, deixando as órbitas vazias. Outro engasgo atingiu minha garganta, os ácidos queimando enquanto eu respirava fundo pelo nariz. A visão dele enviou um arrepio gelado de medo pela minha espinha e, com um suspiro profundo, joguei o lençol de volta sobre ele para cobri-lo rapidamente. Mesmo sem os olhos, algo nele parecia vagamente familiar, mas eu não conseguia entender por quê. E eu não me importei, porque a percepção de que estava presa com ele me atingiu naquele

momento.

Corri para a porta. De jeito nenhum eu ficaria a noite toda com um cadáver que não tinha olhos. De jeito nenhum! Quando a porta não se moveu novamente, eu bati. O pânico subiu pela minha garganta e soltei um grito.

Tentáculos frios de medo deslizaram pela minha nuca.

Uma olhada por cima do ombro revelou a figura fantasmagórica do homem parado ao lado da mesa de exame. Com a testa pressionada contra a porta, fechei os olhos com força. *Não, não, não.* A histeria me dominou e bati com a palma da mão na porta. Um soluço saiu do meu peito. “Me ajude! Alguém me ajude!”

A porta se abriu e mergulhei de cabeça no corpo parado na porta. Passei meus braços ao redor dele, os dedos cravando-se na pele para me manter firme ali, longe daquela sala e da morte que ela continha. Cada músculo do meu corpo convulsionou de terror e soltei um suspiro trêmulo, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

No começo ele não se moveu, mas então braços fortes me envolveram, me puxando para mais perto. “Ah, porra, Lilia. Desculpe. Eu sinto muito.”

Agarrei-me a ele, deixando o medo tomar conta de mim. A constatação de que eu poderia ter ficado presa ali, a noite toda, atormentava meus ossos toda vez que ousava imaginar o visual. Foi quando senti uma carícia suave em meu cabelo úmido que olhei para cima e vi o professor Bramwell me abraçando, com os olhos cheios de remorso.

Remorso que se transformou em confusão, enquanto ele acariciava meu cabelo mais devagar.

Curiosidade e apreensão chocaram seus olhos, e ele deslizou a palma da mão pela minha bochecha, parando para esfregar os dedos. Seu polegar acariciou meu lábio inferior e sua mão se moveu para meu cabelo novamente, onde ele deixou uma mecha escorregar por entre os dedos, os olhos iluminados de fascinação. “Eu entendo você.”

Olhei para ele, o medo dentro de mim se dissolvendo, e levantei a mão.

Ele colocou sua mão muito maior contra a minha, palma com palma, e enrolou os dedos em volta dos meus, engolindo-os. “Eu sinto tudo.” Ele soltou uma

risada sufocada. “Eu sinto tudo, porra!” Ele me pegou em seus braços e me girou.

Meu estômago revirou e uma risada escapou, apesar das lágrimas anteriores.

A sala se acalmou quando ele me colocou de pé e me segurou contra ele. Fortemente. Eu não me mexi. Como na noite anterior, deixei que ele se agarrasse a mim, respirando. “Você está com muito frio”, disse ele, o calor praticamente irradiando dele, enquanto eu caí em seu abraço.

“Estava chovendo muito e...” Minhas palavras foram perdidas no momento em que seus dedos passaram pelas minhas costas e pelos meus braços, onde fizeram uma leve carícia.

Ele soltou um suspiro trêmulo, enquanto passava pelos meus ombros até minha garganta, onde segurou meu rosto entre as palmas das mãos. O delicioso aroma de especiarias e almíscar de seu perfume se misturava com a canela em sua respiração, a mistura intoxicante fazendo minha boca se encher de água. Seu olhar caiu sobre meus lábios, e eu me perguntei se ele iria me beijar.

A batida inquieta do meu coração marcava cada segundo que passava, enquanto eu esperava por isso.

Com um aceno de cabeça, ele recuou. “Me perdoe. Você é a primeira coisa que sinto em muito tempo.”

Quando ele puxou as mãos para trás, estendi a mão para agarrar seus antebraços, mantendo-os ali. “Qual foi a última coisa que você se lembra de ter sentido?”

A dor brilhou em seu rosto. “A mão do meu irmão, pouco antes de ele ser levado e morto.”

“Oh Deus. Eu sinto muito.”

Com as sobrancelhas franzidas, ele passou as pontas dos dedos pela minha clavícula e lambeu os lábios. “É bom sentir você.”

Meus nervos ficaram presos na garganta quando eu disse: “Você também.”

Olhos curiosos pareciam fixos em meus lábios, e ele passou o polegar pela superfície deles. Antes que eu pudesse avaliar seu próximo movimento, ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios nos meus.

Todo o som desapareceu. O mundo ao nosso redor desapareceu. O beijo começou lento, uma mera amostragem, enquanto ele roçava seus lábios nos meus. Ele agarrou cada lado do meu rosto, me puxando para mais perto, comprometendo-se totalmente com o beijo, e um dilúvio de excitação se espalhou pela minha pele.

Dizia-se que alguns beijos pareciam fogos de artifício. Ele parecia um anestésico de gotejamento lento, sugando silenciosamente meus sentidos, até que tudo que eu pudesse cheirar, provar e sentir era ele.

Segurei seus bíceps enquanto ele respirava minha boca e passava as palmas das mãos sobre minha pele exposta. Ele me puxou ainda mais para perto, beijando-me com tanto fervor que meus joelhos enfraqueceram. Eu nunca tinha sido beijada por um homem. Meninos, sim. Mas nunca um homem. Nem mesmo Ghostboy, que era tecnicamente um adulto, se comparava à habilidade e maestria do Professor Bramwell. A maneira como ele brincava com a língua e me segurava como se eu fosse uma porcelana frágil. Foi então que percebi que nunca tinha sido beijada de verdade antes.

À medida que seu aperto se fortaleceu, a necessidade de oxigênio queimou em meus pulmões, atingindo minhas costelas. Puxei minha cabeça para trás, mas ele segurou firme, passando os dedos pelo meu cabelo, flexionando a mandíbula enquanto mergulhava a língua para aprofundar o beijo. A tontura tomou conta de mim, a necessidade de respirar disparou alarmes dentro da minha cabeça. Eu choraminguei contra seus lábios e pressionei as palmas das mãos em seu peito.

Quando ele se afastou e inspirou profundamente, uma frieza preencheu o espaço entre nós, e a tontura aumentou, tirando meu equilíbrio. Cambaleei para o lado e ele me pegou, me segurando em pé.

Com a testa pressionada contra a minha, ele respirava com dificuldade. “Desculpe. Não sei o que diabos eu estava pensando.”

“Tudo bem.”

“Não. Não, não está tudo bem.” Ele me soltou e deu um passo para trás. “Eu não posso estragar tudo. Agora não.”

Não leve isso para o lado pessoal, minha cabeça avisou.

Passando a mão pela testa, ele se afastou de mim. “Me perdoe. Estou

simplesmente sobrecarregado agora. Eu não quis dizer…”

“Tudo bem. Eu entendo. Foi um momento muito tenso para nós dois.”

Seu olhar se voltou para a sala de autópsia atrás de mim. “Você não dirá uma palavra sobre o que viu lá.”

“Claro que não. Mas... você injetou a toxina em si mesmo”, retruquei. Quando ele não respondeu, apenas olhou para mim com aquele olhar frio e sério, continuei. “Lembrei-me de ter visto os frascos sob o balcão. Você está realizando testes clínicos em si mesmo, não está?”

Ele lentamente se virou para me encarar. “Você está em uma situação muito delicada, Srta. Vespertine.”

As palavras de Spencer ecoaram na minha cabeça. Aquelas que me avisaram que o Professor Bramwell era um homem mau.

“Você está... infectado com parasitas?”

“Não. Claro que não. A toxina é purificada.”

“Então, você não pode ficar doente com isso?”

“De jeito nenhum.”

Engolindo em seco, baixei o olhar. “Não vou contar a ninguém.”

“Como posso confiar em você? Como posso saber que não usará isso contra mim?”

Peguei sua mão e entrelacei meus dedos nos dele, mantendo meus olhos nele. “Eu te dou minha palavra.”

Grosseiramente, ele afastou a conexão. “Vamos,” ele disse com uma voz ranzinza. “Vou acompanhá-la de volta ao seu dormitório.”

“Meu dormitório? Alguém não vai nos ver?”

“Há um caminho pela floresta.”

“Está chovendo torrencialmente”, argumentei, porque não queria ficar sozinha e não queria deixá-lo sozinho. E se ele tivesse uma convulsão novamente e não houvesse ninguém lá? “Talvez eu devesse ficar um pouco. E se você tiver uma

reação negativa?”

Nem uma única célula do meu corpo imaginava que ele realmente consideraria tal coisa, e o argumento para ficar estava na ponta da minha língua, pronto para disparar, quando ele deu um breve aceno de cabeça. “Tudo bem.”

———

Enquanto Bramwell fazia anotações furiosamente em um diário, eu me sentava esparramada no sofá com minhas meias compridas, lendo um capítulo do meu livro no celular para a aula do dia seguinte. Música suave de piano saía do toca-discos, o ambiente aconchegante colidindo com a emoção febril que ainda vibrava em meus ossos. Meus lábios formigavam onde ele tinha me beijado antes, e tão sutilmente quanto pude, passei meu polegar sobre eles, desejando poder capturar a sensação de sua boca na minha novamente.

Foco, Lilia.

Voltei minha mente para a leitura, bocejei e me espreguicei, acomodando-me ainda mais nas almofadas, desejando que meus olhos permanecessem abertos. Entre o texto laboriosamente detalhado e os ecos persistentes daquele beijo, o turbilhão de pensamentos em minha cabeça me exauriu.

“Se você está cansada, o sofá se transforma em uma cama. Você pode dormir aí.”

Dormir aí? Eu esperava ficar apenas algumas horas para observá-lo. Nunca imaginei que ele me convidaria para passar a noite e não ousei questionar isso em voz alta. “E você?”

“Vou dormir aqui na minha cadeira.” Ele planejava ficar também. Nós dois, dormindo no mesmo cômodo. “Está chovendo muito.” Ele tinha ido trancar a entrada do incinerador cerca de quinze minutos antes e deve ter notado.

Estávamos presos pela chuva. Sozinhos. No porão do prédio.

Eu ia passar a noite com o Professor Bramwell. *Doutor Morte.*

Talvez isso devesse ter me aterrorizado, especialmente porque havia um cadáver sem olhos na sala do outro lado do corredor. Infelizmente, isso não aconteceu. Por mais ingênua que isso possa ter me tornado, sentia algo com Bramwell que nenhum outro homem em minha vida, incluindo Conner, jamais me fez sentir —

segura. Deixei esse pensamento me envolver como um cobertor, enquanto olhava para ele, depois voltei meu foco para o assunto em questão. “Não há necessidade de ser um mártir. Você pode dormir na cama. Vou fazer uma cama com as almofadas do sofá.”

“Vou usar as almofadas.”

“Não seja ridículo, você tem o dobro do meu tamanho.”

“Você sempre foi tão teimosa?”

“Desde o útero, temo. Nasci nove dias depois da data prevista.”

Ele resmungou e rabiscou mais notas. O homem parecia absolutamente delicioso em sua camisa preta meio abotoada que ele vestia e os óculos de aro fino que usava enquanto lia livros. No meio de suas anotações, ele fez uma pausa e passou os dedos pela superfície brilhante da mesa, depois colocou a mão sobre a vela e retirou-a rapidamente, esfregando a pele onde ela devia ter queimado.

Sorri, observando-o explorar todas as diferentes sensações ao seu redor. Quão requintadamente rico seu mundo deve ter parecido agora que ele podia sentir novamente. “Então, o que acontece a seguir? Agora que você teve uma variante de sucesso?”

“Eu espero e vejo como isso afeta as mariposas. Se elas continuarem respondendo favoravelmente, passamos para o próximo passo.”

“Pensei que as mariposas não tivessem um sistema nervoso como o nosso. Como você mede o sucesso nelas?”

“Enquanto Patroclus e Achilles continuarem a voar, a toxina estará funcionando.”

“Você vai ficar famoso, professor Bramwell.” Enterrando um sorriso no meu telefone, li inconscientemente a mesma linha do meu livro que já tinha lido dez vezes. “Vai estar em todos os livros didáticos por ter curado a doença de Voneric. Artrite. Diabetes.”

“Não vamos nos precipitar.”

“Isso se chama manifestação. E realmente funciona.”

“Sim? O que você manifestou?”

Eu levantei uma sobrancelha. “Trabalhando em seu laboratório.”

Ele gemeu novamente, em desaprovação. “Chantagem dificilmente é uma manifestação.”

“Os mecanismos para atingir seus objetivos são irrelevantes, desde que sejam bem-sucedidos.” Chupei meu lábio inferior entre os dentes, maravilhada com o foco inquebrável do homem em seu trabalho. “Talvez eu tenha manifestado aquele beijo.”

Ele congelou, olhando para suas anotações, depois tirou lentamente os óculos. “Agora, por que você faria isso?”

Abaixei meu olhar para minhas mãos inquietas e encolhi os ombros. “Você está com raiva?”

“Estou com raiva de mim mesmo. Não de você.”

“Por que?”

“Porque você é minha aluna. Eu sou seu professor. Acontece que também sou uma década mais velho que você. Você tem muito a perder, se alguém descobrir. Nós dois temos.”

“Quem descobriria? Não há ninguém aqui.”

Ele passou a língua pelos lábios, seus olhos perdidos nos pensamentos que giravam dentro de sua mente superativa. Com um sacudir de cabeça, ele voltou à realidade. “Eu não posso fazer isso, Lilia. Este laboratório ainda está sujeito a visitas ocasionais. O reitor da universidade, em particular.”

“Gosto quando você diz meu nome.” Não é algo que eu normalmente teria confessado com tanta ousadia, mas o beijo me lembrou que eu não estava sozinha em minha atração. Um silêncio pesado preencheu o espaço entre nós enquanto nos encarávamos, a intensidade só foi quebrada quando limpei a garganta e me levantei do sofá. “Então, posso começar a tirar essas almofadas para arrumar minha cama?”

“Sim.” Ele se levantou da cadeira e me ajudou a remover as almofadas de couro rígidas, arrumando-as em uma fileira para formar uma cama. “Você não vai dormir aqui. Pode dormir na cama”, disse ele, desdobrando a cama.

“Fala sério. Olhe.” Apontei para a fileira de almofadas, que devia medir apenas cerca de um metro e meio de comprimento. “Você deve ter mais de um metro e oitenta. Vai ser como dormir em uma cama de boneca para você.”

“Um metro e oitenta e dois. E eu ficarei bem.” Do armário, ele puxou uma pilha de lençóis e os desdobrou sobre o colchão. Ele voltou ao armário para pegar quatro travesseiros, entregando dois para mim.

Antes que ele pudesse me impedir, me joguei nas almofadas. “Olha, viu só? Isso me serve melhor.”

“Vá para a cama.”

“Não seja ridículo. Eu vou ficar bem.”

“Em cima da cama. Agora.”

A autoridade mortal em sua voz cutucou algo profundamente dentro de mim. Algo que implorava para ser aberto e solto. Um flash de fantasia passou pela minha mente, dele segurando minha garganta, jorrando comandos com aquela voz.

“Você terá que transportar meu cadáver apodrecido para lá.”

“Estou bastante familiarizado com a tarefa.” Com os lábios apertados, ele se inclinou para frente e para meu choque total, deslizou as mãos por baixo de mim, levantando-me em seus braços.

Soltei um grito pouco atraente quando ele me jogou no ar, minha saia voando em torno do short de spandex que eu usava por baixo, e o colchão macio e confortável segurou minha queda. “Fale sobre teimosia.”

Ele foi até a lareira e acendeu uma pequena chama, alimentando-a o suficiente para que ela pegasse rapidamente e liberasse uma chama de calor radiante. Como se estivesse hipnotizado, ele olhou para ela e ergueu as mãos, torcendo-as à sua frente. “Nunca pensei que sentiria calor novamente. Assim não.” Em seu perfil, percebi a menor curva de seus lábios. “Meu irmão costumava brincar dizendo que eu estava meio morto, porque minhas mãos ficavam frias o tempo todo.”

“Você disse que seu irmão foi sequestrado e morto?”

O olhar que ele lançou por cima do ombro continha uma expressão de *Ah, sim. Sobre isso.* Ele se virou para encarar o fogo, e eu puxei o cobertor que ele colocou sobre mim. “Ele foi sequestrado quando tínhamos cerca de dezessete anos. Internato. Eles enviaram o que acreditávamos serem suas cinzas. Durante anos questionei se eram dele ou não. Mas mesmo que não fossem, a mensagem era clara. Ele se foi.”

Um pavor frio agitou meu estômago, quando uma imagem do rosto aterrorizado de Bee passou pela minha mente. Eu rapidamente pisquei para afastá-lo. “Sinto muito.”

“Eu me culpei pelo que aconteceu com ele.”

“Por que?” Olhei para longe, me perguntando se a culpa dele pesava tanto quanto a minha. Se isso alguma vez o pressionava, afogando-o, como muitas vezes acontecia comigo.

Suas sobrancelhas se uniram e ele baixou as mãos. “No dia em que ele foi levado, caí em um dos meus episódios. Eu não pude revidar.”

“Você era uma criança. Não foi sua culpa.”

Ele balançou a cabeça, como se se recusasse a acreditar em mim, depois ficou de pé e foi até sua mesa. De uma das gavetas ali, ele retirou uma foto que me entregou.

Olhei para dois garotos adoráveis com cabelos escuros e olhos cor de cobre, um com uma covinha mais proeminente à esquerda, o outro mais proeminente à direita. “Vocês são idênticos”, eu disse, passando o dedo sobre aquele que eu sabia ser o professor Bramwell, baseado apenas em sua covinha.

“Ele era três minutos mais velho.”

Depois de examinar os dois lado a lado, devolvi-o. “Eu não poderia imaginar perder minha irmã. Ela vai fazer dezessete anos este ano. Eu me preocupo com o que isso significará para ela.”

“O que você quer dizer?”

“Ela está em uma espécie de internato agora. Uma escola especial projetada para ajudá-la. Ela meio que passou por uma situação difícil quando minha mãe morreu e... bem, ela simplesmente se perdeu. Tem alguma turbulência mental

para resolver. Ela, hum... encontrou minha mãe na banheira.” Meus nervos zumbiam, como sempre acontecia, com a visão arrepiante do que eu realmente tinha visto naquela noite. Exceto, nessa vez, eu me senti exposta, como se ele pudesse ver toda a feiura da situação. A disfunção que havia sido como uma sombra por tantos anos. “De qualquer forma, a escola tem sido ótima para ela, mas é tão caro mantê-la lá.”

Ele parecia pensativo por um momento. “O fundo fiduciário de sua mãe paga a mensalidade dela?”

“Fundo fiduciário?” Eu queria rir disso, mas naquele momento me ocorreu o quão desconectados nós dois éramos. Quão inconcebível deveria ser para um homem como ele imaginar uma mulher vivendo de forma tão irresponsável a ponto de não deixar um legado para seu filho. Meu mundo devia ser tão estranho para ele quanto o dele era para mim. “Minha mãe não tinha nada quando morreu. O namorado dela, Conner, é o pai de Bee. Nós dois dividimos a mensalidade.”

“Você paga as mensalidades da sua irmã enquanto vai para a universidade?”

“Sim.” Eu não queria admitir que estava com alguns meses atrasado. “É por isso que fui tão dura quanto ao pagamento em dinheiro. Eu não quero ser assim, mas às vezes você faz coisas por desespero, sabe?” Tentei não estremecer ao pensar no vídeo que filmei em sua aula semanas atrás. “Ou talvez você não saiba.”

“Nunca sinta vergonha de ser implacável na busca pelo que deseja, Lilia. O caminho para o sucesso raramente é virtuoso.” Depois de devolver a foto à gaveta, ele caiu de volta na cadeira. “E como é esse Conner?”

Dei de ombros. “Ele é bom. Ele fica por lá, então acho que não posso reclamar. Tem alguns amigos bem ruins, no entanto.”

“Eles incomodam você?”

Mordi minha bochecha para evitar que a repulsa transparecesse em meu rosto, quando Angelo me veio à mente. “Um. Ele é o único que realmente me assusta.”

“Qual o nome dele?” Uma ponta de hostilidade endureceu sua voz, e olhei para cima para ver linhas rígidas de malícia escurecendo sua expressão. Como se o irritasse saber que o homem me assustava?

“Não importa.” Por mais vergonhoso que fosse dizer isso, gostei de sua reação

defensiva. Eu nunca confiei em um homem para me proteger. Nunca. Mas algo primitivo tocou no fundo dos meus pensamentos, que andava de mãos dadas com a imagem dele me sufocando, e eu me vi estranhamente excitada com isso. “De qualquer forma, sei o que você quer dizer sobre sentir culpa. Eu tinha dezesseis anos quando minha mãe morreu. Sabia que as coisas estavam piorando com ela e tentei levá-la ao hospital, mas ela recusou. Ela era tão paranóica com tudo e com todos, e...”

“Não foi sua culpa.”

Essas palavras se engancharam na minha barriga e arrancaram das minhas entranhas uma escuridão que se contorceu e contorceu. Minha cabeça implorou para ignorá-lo. Para rejeitá-lo como um mentiroso. Eu me virei, forçando um sorriso. “Você está jogando minhas palavras de volta para mim.”

“São palavras bastante sábias.” Ele se abaixou em sua mesa e pegou uma garrafa com um líquido cor de âmbar.

Observei-o derramar uma dose em um copo e tomar um gole, hipnotizada pelo brilho que eu queria lamber em seus lábios. Cada pequeno gesto, desde o giro preguiçoso de sua bebida, a maneira como ele inalava o aroma, até a pressão suave do copo contra seus lábios, tinha um tom provocativo. “Posso experimentar um pouco?”

“A que distância fica vinte e um para você?”

“Apenas algumas semanas.”

Ele ergueu uma sobrancelha e se abaixou na mesa para pegar outro copo, servindo a metade. “Visto que não sei como você segura sua bebida, vamos começar com isso.” Ele me entregou, seu dedo roçando o meu quando aceitei a bebida.

Girei exatamente como ele fez, sentindo o aroma amadeirado e frutado com um toque sutil que me lembrava caramelo. Um pequeno gole e fechei os olhos, deixando a bebida descansar na minha língua por um momento, onde queimou, antes de engoli-la. “Hum. Isso é bom.” Gostei da sensação dela deslizando pela minha garganta até a barriga, quente e formigando. Quando abri os olhos, ele estava me olhando por cima da borda do copo. “Eu nunca bebi isso antes.”

Ele virou sua bebida, engolindo cerca de metade da quantidade que me restava

em um gole. “É uma boa merda.”

“Posso te fazer uma pergunta?” No momento em que ele estremeceu, eu ri e limpei a garganta. “Quem é o cara na sala de autópsia? Ele parece familiar.”

“Você o reconheceu sem olhos?” Não olhando na minha direção, ele bufou. “Apenas alguém que me pediram para examinar.”

“Achei que ficaria presa lá a noite toda com ele. Fiquei apavorada. E então você entrou e...”, Enterrei a imagem de seu beijo em outro gole da minha bebida, lembrando-me do gosto de seus lábios nos meus. “Fiquei tão aliviada em ver você.”

Seus lábios se contraíram como se quisessem sorrir, e seu olhar baixou enquanto ele parecia mergulhar em pensamentos. “Os mortos são inofensivos. É o que eles deixam para trás que inspira medo.” Ele piscou e se serviu de outro copo de bebida. “Preciso terminar minhas anotações. Você poderia considerar ir para a cama, Srta. Vespertine. Deve ser meia-noite.”

“Eu gostaria de ter trazido uma escova de dentes. Mas o uísque vai matar qualquer bactéria na minha boca, não é?”

“Eu não confiaria nisso como regime, mas suspeito que você sobreviverá esta noite.”

Coloquei meu copo em uma base para copos em cima da mesa lateral ao lado do sofá, onde havia colocado meu telefone antes. Debaixo dos cobertores, desabotoei minha saia e tirei-a, deixando-me com a camisa que combinei com ela e meu short de spandex. Ao jogá-la no chão ao meu lado, notei que ele olhava para a roupa, talvez pensando que eu não usava nada por baixo. Eu me perguntei se deveria ter dito algo sobre o short, que eu me mexia muito quando dormia, o que fazia minhas roupas mudarem, então elas tendiam a me deixar maluca. Achei melhor deixar isso de lado, principalmente quando sua atenção voltou para suas anotações.

Exceto que havia um problema. “Suponho que você não tenha nada para prender um dos meus braços? Não quero entrar na sala dos cadáveres meio adormecida. Eu provavelmente teria um ataque cardíaco.”

De outra gaveta de sua mesa, ele tirou um conjunto de algemas, provavelmente aquelas que ele usou para me prender naquela cela. Ele foi até a cama e prendeu

uma na estrutura de metal e a outra no meu pulso. Quando ele não conseguiu soltar meu braço, olhei para cima e o vi olhando para ele.

“*Memento mori”*, ele leu em voz alta, passando o polegar sobre minha tatuagem, sua carícia suave provocando um fogo irreprimível sob minha pele. “Lembre-se que você deve morrer.”

“É apenas algo que fiz depois que minha mãe faleceu.”

“Um lembrete para apreciar a vida como um presente.”

Sorrindo, baixei meu olhar. “Alguns dias são mais fáceis que outros.”

“Ter propósito ajuda. Evita que você faça coisas tolas, como abandonar a universidade.”

Eu estremeci com isso. “Antes, quando eu disse essas coisas… estava com raiva. Não tive a intenção de falar mal da professora Gilchrist. Você não vai contar a ela que eu disse essas coisas, vai?”

“Não. Não direi uma palavra sobre isso. Contanto que você prometa não deixar Dracadia.”

Eu dei um sorriso brincalhão. “E abandonar a oportunidade de te irritar pra caramba? Nunca.”

“Bom.” Ele ergueu a chave das algemas e a colocou na mesinha lateral ao lado do meu copo.

Se eu pensasse sobre isso, talvez fosse estranho pedir ao meu professor para me algemar, mas isso demonstrava o nível de confiança que eu sentia perto dele. Eu provavelmente poderia ter dormido nua e ele não teria encostado um dedo em mim. O homem era extremamente rígido, nesse aspecto.

Nenhum outro homem em minha vida incutiu tanta confiança em mim, nem mesmo Conner, embora eu nunca tivesse testado a teoria.

Acomodei-me na cama, com as cobertas até o pescoço, e observei-o recostar-se na cadeira. Depois de dar mais uma olhada em minha saia no chão, ele voltou a rabiscar suas anotações, parando de vez em quando para olhar para mim, e no momento em que nossos olhos se encontraram, ele voltou a escrever.

Por mais que eu quisesse continuar conversando com ele, para saber mais sobre

esse homem enigmático, não queria incomodá-lo enquanto trabalhava.

No silêncio, o sono pesava sobre mim.

Mais pesado.

Até que finalmente não consegui mais manter os olhos abertos.

Capítulo 46

Lilia

Um som me assustou. Olhei ao redor do espaço escuro, com uma vaga consciência de que um fogo crepitava na minha periferia. A porta à frente estava entreaberta. Uma força invisível me obrigou a ir até lá. Eu não sabia o quê ou porque, mas quando me levantei da cama, um puxão no meu braço me fez recuar. Corri meu olhar por todo o meu braço para encontrar algo prateado brilhando em meu pulso, mas minha mente não registrou o que era.

Em vez disso, eu puxei. E puxei.

“Lilia”, ouvi uma voz sussurrar e me virei em direção à porta mais uma vez. Encarei. Esperando.

A escuridão mudou para uma forma que entrou na luz. Um homem com uma curva grotesca na coluna. Aquele que eu tinha visto antes, na mesa de exame. O homem sem olhos, cujas órbitas profundas e escuras continham um mundo de terror. “Venha dormir conosco”, ele sussurrou. “No fundo do lago.”

Ele mancou mais perto.

Eu puxei meu pulso. “Não.”

“Chegou a hora, Lilia. Sua mãe está esperando por você no fundo do lago.”

“Não!” Puxei com mais força e uma dor aguda atingiu meu pulso, mas não me importei. Eu precisava me soltar! Agora!

Ele se aproximou cada vez mais, até ficar em cima de mim. “Lilia!” Ele agarrou meus ombros e eu soltei um grito de gelar o sangue.

“Lilia!”

Uma luz acendeu. Algo me abalou. Forte. Abri os olhos e encontrei o professor Bramwell parado ao meu lado, com as mãos segurando meus ombros.

Voltei minha atenção para a porta e, ao encontrá-la fechada, engasguei com o ar que chegou rápido demais.

Apenas um pesadelo. Foi apenas um pesadelo.

Porém, todo o meu corpo tremia, a vibração profunda sacudindo meus ossos.

Não percebi que ele tinha me feito uma pergunta até que ele disse “Lilia”, inclinando a cabeça para o lado.

“O que?”

“Você está bem?”

Limpei a garganta, voltando minha atenção para a porta para ter certeza de que ela permanecia fechada e que o cadáver havia sumido. “Sim. EU …. Tive um pesadelo.”

“Você quase acordou os mortos com esse grito.” Da mesa lateral, ele pegou a chave da algema e a destrancou, libertando minha mão.

Soltei um suspiro nervoso, ainda abalada. Eu já tinha tido visões de mortos antes, mas algo naquele cara que vi mais cedo na sala de autópsia me assustou. Provavelmente sua falta de olhos. A visão das órbitas vazias fez minha pele arrepiar. “Sim.”

Quando Bramwell se virou, um medo inquieto tomou conta de mim novamente, e estendi a mão, agarrando seu braço. “Espere. Você pode ficar comigo? Aqui? Só... só por alguns minutos, até eu adormecer de novo?”

Ele baixou o olhar para onde eu o agarrei, olhando para baixo por um momento. Foi então que percebi que ele vestia apenas uma cueca boxer que continha um

pacote excepcionalmente bem-dotado por baixo. “Sim”, ele disse, e não pude deixar de observar todo o seu físico.

Não era necessariamente cobiçar o homem, mas apreciar a perfeição absoluta de sua forma - seus ombros largos e musculosos que se estreitavam até uma cintura fina, e aquele V cinzelado desaparecendo em sua cueca. Não muito volumoso, ele tinha músculos suficientes para fazer uma garota olhar sem se perguntar quantas horas ele passava na academia.

O olhar percorrendo seu corpo me fez observar a mutilação espalhada por seu braço, ombro e uma estranha marca preta logo abaixo de sua clavícula. Não era uma tatuagem. Era algo mais profundo que queimou a pele e criou um sulco horrível em sua carne. Um registro do que parecia ser dois bastões médicos cruzados e um sete, contidos em um círculo. Balancei a cabeça em direção a ele. “O que é isso?”

Seus lábios se achataram. “Um erro que cometi no início da minha carreira universitária.”

“Como uma coisa de fraternidade?”

“Algo parecido.”

Deslizei para abrir espaço, e ele contornou a cama para o outro lado e afundou no colchão ao meu lado, tomando cuidado para manter alguma distância entre nós. Uma vez acomodado, ele jogou o lençol sobre a metade inferior, aliviando-me daquela protuberância difícil de ignorar e daquelas pernas musculosas.

Ele sempre dormia de cueca? Ou nu? Talvez ele estivesse apenas sendo decente comigo. Ou talvez ele dormisse com mais roupas. A lareira aquecia o cômodo com um calor pegajoso e ele dormia perto dela, então talvez fosse uma questão de conforto para ele.

“Eu acho que é perigoso se algemar à cama todas as noites”, disse ele, interrompendo meus pensamentos.

“Eu normalmente não uso algemas. E, geralmente, consigo sair dessa situação rapidamente. Não sei por que não consegui desta vez.”

“Você sofre terrores noturnos?”

Ao ver o homem sem olhos mancando em minha direção, estremeci. “Sim. Eles

são horríveis.”

“Paralisante?”

“Às vezes sim.”

“Eu também tive isso quando menino. Claro, não era preciso fechar os olhos para me lançar em pesadelos, com o pai que tive.”

E assim, a primeira ficha sobre seu passado e o mistério de seu pai. “Ele era abusivo?”

“Perdoe-me, eu não deveria ter tocado nisso. Não me importo de falar sobre ele agora.”

Droga.

Bufando, ele se deitou na cama, empurrando o colchão, e virou o rosto.

Decepcionada, me virei e apaguei a luz.

Capítulo 47

Lilia

“Lilia.”

O som do meu nome me tirou do vazio negro do sono e meus músculos estremeceram. Por instinto, cutuquei o travesseiro em busca da minha faca e abri os olhos em uma névoa de confusão quando não reconheci imediatamente o que estava ao meu redor.

O som de gemidos e movimentos me fez virar e ver que o professor Bramwell havia adormecido ao meu lado. Contorcendo-se na cama, ele parecia preso em um sonho, e quando ergueu os braços sobre a cabeça, enfiando-os debaixo do travesseiro, vê-lo causou uma dor latejante entre minhas coxas. Jesus, o homem parecia sexy mesmo quando dormia. Enquanto isso, eu provavelmente parecia um São Bernardo babão.

Foi ele quem disse meu nome ou foi um eco do meu próprio sonho?

“Sim,” ele sussurrou, ainda se mexendo na cama. “É isso.” A leve pronúncia de suas palavras me disse que ele ainda estava profundamente adormecido. “Me diz, Lilia.”

Eu congelo. Formigamentos aquecidos espalharam-se pela parte de trás do meu pescoço.

Ele estava sonhando *comigo?*

Ele virou a cabeça e seu abdômen se contraiu, seus quadris produzindo uma onda sensual de prazer inconsciente. “Eu gosto disso.”

Minhas coxas apertaram com a visão de tirar minha calcinha e subir em cima dele. Com os braços afastados, os músculos flexionando com sua inquietação, ele parecia amarrado e completamente à minha mercê. Era como ter um animal perigoso acorrentado à cama.

Eu arrastei meu olhar para baixo, sobre as depressões e sulcos de seu abdômen esculpido, para a enorme ereção que sustentava sua cueca, e Deus, minhas palmas coçavam para tocá-lo. Chupei meu lábio inferior entre os dentes imaginando minhas mãos nele, as cristas e veias deslizando sob meus dedos. *Não faça isso,* minha cabeça pediu. Porém, eu queria tanto puxá-lo para fora e sentir o peso de seu pênis na palma da minha mão.

Um gemido profundo e masculino vibrou dele, o som deslizando pela minha pele como mãos ásperas, causando arrepios.

Antes que eu pudesse me conter, estendi a mão lentamente, passando meus dedos sobre uma de suas coxas – aquelas feras poderosas que ele tonificava com suas corridas diárias. Longos cordões de músculos se contraíram sob as pontas dos meus dedos enquanto eu os arrastava para cima.

Respirando fundo, sua mão disparou e agarrou meu pulso. Virei-me para ver seus olhos abertos, mas pesados de sono, enquanto ele olhava para mim. Furioso.

“O que você está fazendo?” ele rosnou. “Tire sua mão de mim.”

A humilhação queimou através de mim enquanto eu retraía minha mão e lutava por uma explicação. Eu não esperava que ele ficasse *com raiva.* Surpreso, talvez, mas não isso. “Você …. disse meu nome. Você me pediu para tocar em você. Desculpe.” Virei-me, desejando poder rastejar para dentro de um buraco e me trancar, a mortificação enchendo meus olhos de lágrimas.

Eu sou tão estúpida.

Minutos se passaram em silêncio e olhei para a porta, me perguntando se deveria sair e voltar para o meu dormitório. A decisão foi tomada e sentei-me na cama, sem ousar olhar para ele. Quando estendi a mão para pegar minha saia, senti um

aperto no meu braço.

“O que você pensa que está fazendo?”

“Voltando para o meu dormitório. Eu não deveria ter colocado minhas mãos em você daquele jeito.”

“Você não vai a lugar nenhum a esta hora.”

Tentar soltar meu braço foi inútil contra o aperto implacável que ele tinha sobre mim. “Por favor. Isso é bastante embaraçoso.”

Um puxão forte me fez cair de volta no travesseiro, e eu olhei para ele, franzindo a testa com o movimento abrupto.

Aquele olhar predatório me devorou como uma refeição saudável, a raiva aguda de antes se transformou em uma carnalidade indomável. “Você tem ideia de como é difícil deitar ao seu lado? Está me matando.” Outra varredura faminta de seus olhos e ele lambeu os lábios. “Estou entorpecido desde que me lembro. Você é a primeira coisa que sinto em *anos*, Lilia. Tudo o que quero fazer é tocar em você.”

“Então, me toque.” Virei-me para encará-lo e estendi a mão para ele.

Com as sobrancelhas franzidas, ele agarrou meu pulso, flexionando a mandíbula. “Não faça isso”, ele alertou.

“Toque-me.”

“Não.”

Torci meu braço para me soltar, uma mistura acalorada de vergonha e frustração brilhando em meu rosto. “Então, deixe-me ir.”

Seu aperto aumentou, suas narinas se dilataram com raiva óbvia, e quando levantei meu outro braço para empurrá-lo, ele levantou o pulso também. Algo dentro de mim estalou e eu me contorci para me libertar de seu aperto. A força em seus braços provou ser verdadeira, pois ele me segurou com pouco esforço, enquanto eu lutava pela liberdade. Ele juntou meus braços e, com facilidade, me virou de lado e me arrastou contra ele, colocando minhas costas em seu peito. Uma respiração ofegante saiu de mim, enquanto eu estava presa em seu abraço inflexível, sem chance de escapar. Nenhuma palavra foi falada entre nós.

Enquanto olhava para a estante à minha frente, percebi a rigidez de seus braços ao meu redor, a forma como me seguravam com firmeza. Tenazmente. E, no entanto, como me senti em casa em seu abraço. Segura.

Mais um minuto se passou e seu aperto afrouxou.

Sua testa descansou em meu ombro, a palma deslizando pelo comprimento do meu braço até meu quadril. O movimento lento e doloroso de sua ereção pressionada contra minha bunda me deixou lutando para respirar, enquanto me contorcia contra ele em uma batalha silenciosa de vontades. “Essa coisa com você. Isso está me fodendo.” Sua voz tremia tanto quanto os músculos de seus braços que me seguravam contra ele como uma gaiola de aço. “Você é uma doença dentro de mim que implora para nunca ser curada. Me infectando com esse desejo inabalável por coisas que eu não deveria querer.”

“Então, deixe-me *ir.*”

“Não,” ele disse em um tom intransigente, seus dedos cravando em meus quadris. “Não posso.”

Sem dizer uma palavra, tirei meu short, deixando minha calcinha como única barreira.

Por mais tóxico que fosse, eu adorava esse jogo entre nós, o empurrar e puxar, os toques roubados e a tensão deliciosa. Eu sabia que era errado. Sabia que inferno isso traria.

Se alguém descobrisse sobre nós, eu perderia tudo e seria forçada a voltar para Conner e Angelo e para a vida que eu odiava. Seria forçada a abandonar tudo, por mais perto que estivesse de descobrir a verdade sobre minha mãe. Bee sem dúvida seria expulsa da escola, e Deus, se ela soubesse o porquê, ela me odiaria.

Eu também me odiaria.

E as consequências não paravam por aí. Bramwell poderia perder a sua posição, e então? O projeto continuaria? Continuariam a financiá-lo ou seguiriam em frente e deixariam milhões sofrerem a perda de sua descoberta?

Eu sabia todas essas coisas.

Mas não pude evitar.

Eu odiava e desejava a maneira viciante como ele se enganchou em minhas veias e me alimentou com esse desejo desenfreado e imprudente. Era contra tudo o que eu era. Tudo que acreditava. E ainda assim, era tudo.

Por muito tempo, fui forçada a enterrar esse meu lado. Eu cresci muito rápido e deixei a adolescente selvagem e despreocupada comendo poeira. Quando minhas amigas conversavam sobre garotos, encontros amorosos e bebedeiras em festas no porão, eu ficava estressada com as contas e como cuidaria da minha irmã, enquanto me apegava ao sonho distante de sair daquele apartamento. Do lado de fora havia uma jovem inteligente e responsável, com muito potencial e, ainda assim, eu ansiava pela garota estúpida que só precisava de um descanso. Um momento de imprudência.

Bramwell era o meu momento. Mesmo que ele não quisesse nada comigo amanhã e me deixasse de lado como se fosse sobras, ele era meu maior risco, e eu precisava agarrá-lo pelas bolas e não o soltar.

Literalmente.

Deslizei minha mão entre minha bunda e sua protuberância, sentindo seu comprimento duro por trás de sua cueca, e seu corpo ficou rígido, duro como ferro contra mim.

Com a mão cobrindo a minha, ele silenciosamente interrompeu meus movimentos, esperei para ver se ele afastaria minha mão e me diria para parar. Em vez disso, ele apertou a mão sobre a minha e mexeu os quadris, colocando seu pau na minha palma ansiosa. Uma respiração trêmula atingiu minha nuca e seus dentes roçaram meu ombro.

A vitória surgiu como asas de borboletas no meu estômago. Mordi o lábio, sorrindo para mim mesma enquanto ele cedeu um pouco do seu controle.

Com movimentos cuidadosos, massageei a ereção que saía de sua cueca, os olhos arregalados enquanto observava o comprimento e a circunferência do homem, a maneira como ele se esticava por trás daquela mísera camada de tecido como se fosse o rasgar a qualquer momento. Jesus. Não admira que Gilchrist ansiasse por ele como um cachorrinho perdido.

“Nós precisamos parar. Porra, eu não posso fazer isso.” Sua voz continha uma tensão rouca, e eu o teria soltado naquele momento, mas sua mão traiu suas palavras quando deslizou pela bainha da minha camisa. Uma trilha lenta e

provocadora das pontas dos dedos até o sutiã de renda por baixo, que ele retirou, libertando meu seio. “Diga-me para parar, Lilia. Estou te implorando, porra.”

Ao contrário do que ele perguntou, coloquei minha mão dentro de sua cueca e acariciei a carne rígida que claramente implorava por atenção.

Ele sibilou e girou os quadris no movimento de empurrar na minha palma. “Você vai me destruir. E eu não vou impedir você. É bom demais para parar.” Com um grunhido de frustração, ele apertou meu peito como se estivesse me punindo por sua falta de controle, e eu soltei um gemido, mas o aperto dominante de sua palma foi tão bom.

A forte dor desapareceu com seus amassos e carícias, e eu me arqueei contra ele com o alívio de seu toque.

Seu aperto áspero diminuiu quando ele passou a ponta do polegar sobre meu mamilo. “Cada centímetro seu é algo novo para explorar. Uma nova textura. Uma nova curva. Sensações que me foram roubadas por tanto tempo.” Em pequenos círculos, ele pintou um prazer indescritível, que me deixou com uma luxúria vertiginosa. “Droga, sua pele é como seda fina. Eu poderia passar horas tocando você e nunca me cansar disso.” Com uma cutucada, ele me colocou de costas e levantou minha camisa até o pescoço. Ele tirou o bojo do meu sutiã e se inclinou para frente, chupando meu mamilo em sua boca.

Agarrei a estrutura da cama acima de mim e deslizei meu lábio inferior entre os dentes, mordendo enquanto o delicioso puxão de sua boca puxava a dor que latejava em minha boceta. Meus dedos se enrolaram firmemente em torno da barra de metal acima de mim, os joelhos pressionados juntos enquanto o fio suave da minha excitação se espalhava pela minha calcinha de algodão. Eu me contorci quando ele se moveu para o outro seio, sugando aquele mamilo até formar um pico endurecido e passando a língua contra a ponta sensível.

Parecendo notar o tormento, ele desceu a mão, a palma contra mim, até chegar ao ápice das minhas coxas e esfregou o dedo sobre minha calcinha.

“Claro que você está molhada.” Sua voz continha uma pontada de raiva pela descoberta.

Meu corpo deslizou para mais perto de seu peito, um de seus braços preso embaixo de mim e outro em meu peito, me segurando contra ele como se eu fosse tentar fugir. Como se eu tentaria tal coisa naquele momento.

Dedos determinados romperam a bainha da minha calcinha e eu me curvei em extrema agonia, enquanto ele pintava linhas suaves sobre ela, sem dúvida, encharcada.

“Foda-se.” Aquela voz profunda de barítono em meu ouvido intensificou a necessidade frenética por ele que me puxava como uma corda esticada, pronta para quebrar. Seja intencional ou um ato estúpido, sua outra mão agarrou minha garganta enquanto ele passava o dedo na minha boceta molhada, reunindo a umidade escorregadia que ele havia provocado. Na minha periferia, ele levou a mão à boca e um som profundo e gutural de satisfação percorreu seu peito. “Por que você tem que ter gosto de fruta doce e proibida? Caramba, você está me matando, Lilia. Eu não posso fazer isso. Não posso.”

“Não pare. Por favor, eu estou te implorando. Tantas noites eu...” eu me interrompi, envergonhada de admitir que tinha fodido meu próprio travesseiro pensando nele.

“Você fez o quê? Conte-me tudo. Cada detalhe. Quero ouvir o que você faz quando está sozinha.” Isso pareceu mantê-lo interessado e, embora eu tenha arriscado a confissão mais humilhante da minha vida, eu estava embriagada demais para me importar naquele momento.

“Eu sonho que você entra no meu quarto. E …”

Ele passou um dedo molhado sobre meu clitóris e eu me arqueei contra ele com um gemido. “E o que?”

“E você... sobe na cama, ao meu lado, assim.”

“Você está dormindo?”

“Sim.”

Os dentes roçaram a concha da minha orelha, sua respiração instável me contando que a história o excitou, então continuei.

“Você enfia a mão na minha calcinha... assim.”

Ele me abriu mais e pressionou meu clitóris, dando pressão suficiente para que eu cerrasse os dentes enquanto ele rolava a carne sensível entre os dedos.

“Eu te fodo com meus dedos?”

“Sim, definitivamente.”

Com isso, ele mergulhou dois dedos dentro de mim, o polegar ainda pressionado no meu clitóris. O homem sabia exatamente o que estava fazendo, como se tivesse se formado em dedilhado. Sons molhados reverberaram em minha cabeça enquanto eu transmitia a fantasia. “Você… me sufoca um pouco. Não muito forte. Apenas o suficiente para me fazer ofegar.”

“Eu gosto desse sonho.” A palma da mão dele pressionou minha garganta, a pressão separando meus lábios, e porra, foi perfeito. A falta de fôlego. O estado desgrenhado das minhas roupas que me fazia parecer arrebatada, a sensação de seus dedos mergulhando e acariciando enquanto ele me mantinha cativa contra ele. Cada detalhe culminou no visual impecável dentro da minha cabeça.

“Diga-me, pequena mariposa. Eu já comi sua boceta nessas fantasias?”

“Ainda não. Mas... principalmente porque eu...” hesitei em admitir a verdade que estava na ponta da minha língua. Era estúpido. Todas as outras garotas que eu conhecia já tiveram um garoto atacando-as antes. Eu tive dedos me cutucando ali, mas nunca uma boca. “Eu nunca fiz isso antes.”

Para minha total decepção, ele se acalmou contra mim. “Diga-me que você está brincando.”

Minhas bochechas esquentaram de humilhação.

“Você é virgem?”

A pergunta trouxe à mente as tentativas incrivelmente estranhas e insatisfatórias aos quinze anos de idade com Ghostboy. Não, tecnicamente eu não era virgem, mas isso não significava que realmente tivesse *feito* sexo. Pelo menos, não o tipo de sexo em que o Professor Bramwell sem dúvida se destacava. O resto das minhas experiências sexuais se resumiram a boquetes e movimentos bruscos – duas habilidades que aperfeiçoei durante minhas sessões de aulas particulares. “Não sou virgem, mas não fiz muita coisa nos últimos anos. Eu só... nunca tive tempo para meninos, então nunca namorei depois que minha mãe morreu.”

“Porra.” Ele me soltou e rolou de costas, esfregando a mão no rosto.

A humilhação me apertou com mais força e me acomodei de costas ao lado dele. “Quero fazer isso com você.”

“Não. Eu não vou ser seu primeiro em nada.”

“Certo. Então, é melhor para mim experimentar isso com algum idiota na traseira do carro dele que vai me deixar na mão no dia seguinte.”

Ele fez um som áspero de desaprovação, e me virei para ver sua mandíbula rangendo, como se eu o tivesse irritado.

“Por favor, Devryck. Eu quero isso.” As explosões de mortificação chegaram rapidamente, quando percebi que tinha acabado de chamá-lo pelo primeiro nome.

Claramente, ele também percebeu quando baixou lentamente as mãos e se virou para mim. “Diga isso de novo.”

“Eu quero isso…”

“Isso não.”

“Por favor... Devryck.”

Seguiu-se outro momento agonizante de contemplação, e tive certeza de que ele estava prestes a rolar novamente. Em vez disso, ele se levantou da cama e rolou por cima de mim. Uma escuridão carnal sombreou seus olhos enquanto ele olhava para mim, acariciando seu pau longo e duro. Ele puxou o lençol, expondo minha camisa levantada e minha calcinha encharcada. “Eu não vou te foder esta noite. Mas vou jantar essa boceta detestavelmente molhada e vou aproveitar cada momento sabendo que sou o único homem que já provou você.” Com os olhos fixos nos meus, ele deslizou minha calcinha pelas coxas lentamente, até chegar aos joelhos, e só então quebrou o contato. “E porque sou um idiota egoísta que tem que conviver com o fato de que não posso ter você só para mim, vou arruiná-la para que qualquer *garoto* que vier depois de mim a deixe profundamente insatisfeita, e você só irá foder seus próprios dedos, desesperada para se lembrar da vez em que você teve o rosto do seu professor entre as pernas.”

O tom grosseiro de suas palavras excitou meus nervos e enviou um tremor de excitação em meu âmago.

Sua língua varreu seus lábios enquanto ele deslizava a calcinha pelos meus tornozelos e a jogava fora. “Calcinhas são para as modestas”, disse ele com ar de

desgosto. Como se fosse eu quem o tivesse levado a este lugar de desespero. Como se eu fosse a única a assumir a culpa pelo que estava por vir nesta noite.

Assim que aquela pequena camada de algodão saiu do seu caminho, ele afastou meus joelhos, e o desgosto gravado em sua testa franzida se transformou em um brilho de gratidão enquanto ele olhava para mim. Com o peito subindo e descendo, ele manteve o olhar fixo entre minhas coxas e mordeu os nós dos dedos, caindo sobre os calcanhares. “Maldita seja, Lilia. Maldita seja você.” Ele reverentemente passou a mão pela parte interna da minha coxa e caiu para frente, apoiando-se em braços musculosos. Ele beijou a parte interna da minha coxa, a suavidade de seus lábios causando cócegas em meu estômago. Cada vez mais baixo, ele seguiu seus beijos, e quando ele finalmente alcançou o ápice das minhas coxas, prendi a respiração, meu coração tão agitado que era uma maravilha que ele não pudesse ouvi-lo bater em minhas costelas. Ele descansou o nariz nas minhas dobras e eu estremeci com o contato.

Uma inspiração profunda fez minha pulsação disparar. Ele estava me cheirando. *Lá.* Oh Deus. Tudo o que eu queria fazer era fechar as pernas naquele momento, mas a cabeça dele teria sido esmagada.

Um gemido passou pelos meus lábios e me abaixei para agarrar o topo de sua cabeça. Eu queria dizer a ele para parar, mas a humilhação me excitou. O que diabos havia de errado comigo? Era tão primitivo. Sexy. Tão sexy que senti uma necessidade desavergonhada de me esfregar na barba por fazer em seu rosto.

Ele segurou meu pulso e o arrancou de onde eu segurava o topo de seu crânio.

“Devryck, estou nervosa.”

“Você deveria estar. Seu professor está prestes a comer sua boceta, Lilia. Há uma série de razões pelas quais isso é uma merda, mas estou longe demais para me conter. Neste ponto, não há nada que eu queira mais do que sentir esse seu clitóris obscenamente rosado contra minha língua. E nunca mais faremos isto depois desta noite. Você entende? Isso não pode acontecer novamente.”

“Eu entendo,” murmurei.

Com a mesma expressão severa e inflexível que usava nas palestras, quando se recusava a responder mais perguntas, ele abaixou a cabeça.

Com as pernas bem abertas, me virei, fechando os olhos. No silêncio da minha

mente, rezei para que cheirasse bem, para que não tivesse perdido nenhum ponto quando me barbeei naquela manhã. *Oh, Deus, por que estava demorando tanto?* Eu me senti completamente aberta e em exibição. A antecipação se enrolou em minha barriga, e quando ele finalmente fez contato, cada terminação nervosa explodiu dentro de mim. Meus músculos se contraíram violentamente e enfiei os dedos nos lençóis. Ocorreu-me o quanto eu sofria por aquele homem, quando mordi o lábio com força e pressionei o topo da cabeça no travesseiro, desesperada, necessitada, faminta.

Com um arrastar longo e delirante de sua língua, arqueei-me para cima, meus dedos agarrando os lençóis enquanto o choque de sua invasão queimava meu interior.

Arrepios de barba por fazer roçaram minhas coxas, sua língua quente e úmida dançando contra meu clitóris, enquanto seus dedos me mantinham aberta para seu ataque.

Eu queria morder, arranhar, gritar, mas em vez disso, arrastei o travesseiro sobre o rosto, pressionei-o ali e me concentrei em cada sensação que ele havia conquistado. Os sons que ele fez em sua garganta. A maneira como seus dedos entravam e saíam de mim, trabalhando em conjunto com aquela boca implacável. Era um nível de domínio que eu não conseguia nem apreciar totalmente, porque nunca tinha visto alguém mergulhar tão ousadamente entre minhas pernas antes. Na minha experiência limitada, os meninos aceitavam. Eles aceitavam sem pensar muito e raramente retribuíram.

Bramwell estava certo. Ele tinha me arruinado. Destruiu-me de dentro para fora, e não havia nenhuma chance no inferno de eu sentir algo tão cru, emocionante e proibido novamente. Joguei o travesseiro para o lado e ousei levantar a cabeça, observando-o me devorar como uma refeição no corredor da morte. Os sons de sorver, gemidos e rosnados que ele emitia eram obscenos e imundos, e falavam de um homem que gostava fervorosamente da tarefa.

Ele levantou a cabeça por um momento, seus olhos normalmente severos, pesados de desejo, enquanto o brilho da minha excitação brilhava em seu rosto de uma forma que me lembrou de um animal se alimentando de uma presa. Quando ele mergulhou de volta, eu o senti agarrar o botão sensível, sugando o pedaço de carne com tanta intensidade que meus quadris se moveram em direção ao seu rosto. Mãos fortes me seguraram, enquanto sua boca devastava meu

clitóris com determinação inabalável.

Uma respiração chocada passou pelos meus lábios, e eu arqueei para trás, rolando a cabeça contra o colchão, minhas mãos agarrando os lençóis sem pensar, desesperada para agarrar alguma coisa. Eu aprendi como estimular meu clitóris sozinha, mas nunca me senti *assim.* Um puxão intenso e delicioso fez minha barriga se enrolar, minhas coxas tremerem. Um soluço sem lágrimas surgiu na minha garganta enquanto a tensão aumentava cada vez mais. Mais poderosa do que quando me masturbei com meu travesseiro ou me acariciei.

A pressão latejava e pulsava, como uma fera gulosa se alimentando do meu prazer. Eu estava prestes a gozar. Oh Deus. Eu nunca tinha gozado com ninguém antes. Eu só fiz isso sozinha e durou apenas um ou dois segundos.

Minha respiração acelerou. Meus músculos tremeram e ficaram rígidos. Tão rígidos.

Sim. Sim. Sim.

Apertei meus quadris em seu rosto. O rosto do meu *professor*. Só de pensar nisso soava imoral e depravado, mas vou me preocupar com a total depravação disso mais tarde. Naquele momento, eu estava perto demais para parar. Tão perto!

Ele levantou o rosto entre minhas pernas, mantendo meus joelhos afastados enquanto olhava para mim.

“O que... o que você está fazendo?” Eu parecia bêbada, embriagada. Eu coloquei minha bunda na cama, desesperada por seus lábios e dedos e aquela sucção diabólica que virou meu mundo de cabeça para baixo apenas alguns segundos atrás. “Por favor. Eu preciso de…”

“Você precisa do quê?” Um tapa forte e dolorido atingiu minha boceta, e eu me contorci, gemendo com a sensibilidade da minha carne, uma deliciosa mistura de prazer e dor.

“Eu preciso gozar. Preciso tanto gozar!” Girei meus quadris enquanto o desespero vibrava em meus músculos, intensificando a dor. Eu tinha sede por seu toque como uma flor murcha.

A necessidade que ele despertou com os dedos percorreu meu corpo com uma violência punitiva.

“Você é uma pequena ninfa atrevida, não é? Vire-se.” Seu comando foi conciso e impiedoso, e quando me virei de bruços, ele me colocou de joelhos com força.

“Bunda no ar. Mãos espalmadas no colchão.”

Frustrada e dolorosamente excitada, fiz exatamente isso, deixando-o afastar meus joelhos como quisesse. Eu precisava disso. Eu precisava que ele acabasse comigo, ou morreria de agonia. Isso era mesmo possível? Alguém poderia morrer da necessidade desesperada de gozar?

Suas grandes palmas algemaram meus tornozelos ao colchão, me mantendo aberta. Esperei que ele fizesse alguma coisa. Enfiasse os dedos em mim novamente ou passasse a língua sobre meu clitóris latejante. Minhas coxas tremiam com uma gula voraz que eu nunca havia sentido antes. Em vez disso, ele se inclinou sobre mim, aqueles braços musculosos me prendendo embaixo dele. “Aposto que sua boceta está doendo para ser preenchida agora.” Não foi uma pergunta. O sádico sabia o que estava fazendo.

A tensão no ar trazia dentes e garras, cujas bordas irregulares arrasavam minha pele. Eu nunca quis tanto ser destruída em minha vida. “Sim. Por favor. Isso dói. Oh, Deus, isso dói.”

Uma dor aguda atingiu meu crânio quando ele puxou meu cabelo, levantando minha cabeça da cama. “Achou que eu sentiria pena de você? Que eu seria gentil? Eu sinto essa tortura toda vez que você entra em uma sala.” Ele pressionou o polegar na dobra da minha bunda, e eu respirei fundo quando ele ameaçou romper o anel tenso de músculos ali, empurrando e massageando. “Então, não sinto pena de você, Lilia. Na verdade, aquece minha alma suja e bastarda saber que você sofre desse jeito.” Segurando o polegar ali, ele alternou entre lamber minha boceta e tocá-la. Cada vez que eu me aproximava do clímax, ele parava, me arrastando para longe da borda, e eu ficava encharcada e duas vezes mais necessitada. Ele brincou comigo assim pelo que pareceu uma eternidade, parecendo nunca se cansar desse joguinho cruel.

Eu, por outro lado, arranhei, arranhei e implorei, quase chorando.

Mais uma vez deitada de costas, passei os braços em volta dos joelhos, mantendo-me aberta para ele quando ordenou que eu fizesse isso. Com a mesma expressão fria de antes, ele olhou para mim enquanto acariciava seu pau. Me provocando com isso. O nível de controle que o homem demonstrava apenas

aumentava minha excitação, enquanto ele olhava para mim com aqueles olhos mercuriais que queimavam meu interior.

“Não consigo expressar corretamente o quanto adoraria enfiar meu pau dentro de você agora.” A mera sugestão fez sua ponta brilhar com mais pré-gozo.

Eu queria dizer a ele para fazer isso, mas o tamanho disso me assustava. Provavelmente me dividiria em duas. Em vez disso, lambi os lábios, desejando poder sentir o gosto do fluido acumulado na ponta dele.

“Você está pronta para gozar, Lilia?”

“Por favor, não me provoque. Não aguento mais.”

“Não provoque *você*? O jeito que você me provoca todos os dias, com essas saias curtas e aqueles lábios carnudos e fodíveis? Aquele batom desagradável que imagino espalhado por todo o meu pau.”

“Você não se veste exatamente como um padre. Você não acha que todas as garotas da classe sonham em transar com você?”

“Não dou a mínima para todas as outras garotas. Só há uma que passa pela minha cabeça muito mais do que deveria. Então, vou acabar com você, Lilia. Vou te dar a liberação que você tanto deseja e não vou tocar em você novamente. Mas essa boceta pertence a *mim.* Se você deixar qualquer outro idiota indigno se aproximar dela, eu cortarei a língua dele e a enviarei para você em um frasco de amostra.”

Eu devia estar doente, considerando a onda de excitação que vazou pela minha bunda enquanto eu ouvia suas palavras sujas e psicóticas. Por mais educado e refinado que fosse, o homem tinha uma escuridão que era um gatilho absoluto para minha libido. Ela despertava uma dor terrível que cantava as fantasias profundas que eu mantinha em uma caixa amarrada com fitas pretas em algum lugar dentro da minha cabeça.

Vermelha e inchada por causa de sua sucção incansável, imaginei-me sentada em uma aula no dia seguinte, observando-o com sua camisa de botão e jeans escuro, ouvindo aquela voz que fazia todas as meninas da classe desejarem que ele ensinasse literatura erótica. Tentei imaginar a sensação terrível de saber que só o tive uma vez, mas foi o suficiente para me atrapalhar pelo resto da minha vida.

Eu não poderia ficar naqueles recursos visuais, no entanto. Porque cada partícula de pensamento voltou ao presente quando ele colocou a boca em mim novamente. Mais gentil, dessa vez, como se soubesse que estava chegando ao fim e quisesse saborear os últimos pedaços.

Com cócegas leves, ele me provocou e me provocou novamente em direção ao auge. Meu corpo ficou tenso e relaxado, hesitante em deixá-lo me guiar por um caminho tão traiçoeiro, desconfiada de seus truques, mas ele foi persistente. Ele não se moveu, não abalou meus sentidos com alguma mudança enlouquecedora de posição. Ele despertou meu apetite com o mesmo movimento consistente de sua língua, até que meus músculos tremeram novamente, minha respiração ofegante e minhas mãos se fecharam em punhos cerrados.

Por favor, por favor, por favor, minha cabeça implorou. A tempestade dentro da minha barriga se agitava, se contorcia e rolava, como uma maré ganhando força. Mais rápido. Mais rápido. Aquela crista eufórica pairava sobre mim como uma ameaça perversa, uma ameaça que me puxaria para baixo e me afogaria em uma tempestade negra de êxtase. Eu queria cuspir o mesmo veneno na cara dele por se recusar a me deixar gozar, fazendo-o esperar pelo final que ele tão claramente buscava de mim com aquela sua língua implacável.

Eu não poderia, no entanto. Droga, o homem tinha meus músculos contraídos e tremendo de desespero.

Ele agitou a língua mais uma vez, e a onda desabou impiedosamente, explodindo na parte de trás da minha cabeça. Com o corpo curvado, gritei seu nome, me contorcendo sob sua boca implacável, enquanto ele balançava o rosto e dava uma longa e agonizante chupada em meu clitóris para acabar comigo.

Ele me soltou com um estalo, e eu suportei os choques subsequentes, que me atingiram como pequenos raios de eletricidade. Foi tudo. Tudo o que sempre sonhei com ele, e quando ele gemeu, lambendo os fluidos que escorriam de mim, levantei a cabeça da cama para guardar a cena na memória. Cada sensação, cada cheiro, cada som. Eu o queria em meu sangue, pulsando através de mim, aquecendo minha pele nas noites em que ficava sozinha na cama, pensando neste momento. Bem aqui. Agora mesmo. Para sempre.

Ele se levantou das minhas coxas, olhando para mim com uma expressão de admiração que fez minha barriga tremer novamente - uma que me implorou para desviar o olhar, para evitar ver a orgulhosa vitória rastejar em seu rosto como

acontecia com qualquer outro garoto. Senti que ele de alguma forma me conquistou depois de ficarmos juntos. “Eu sabia que você ficaria linda quando gozasse, mas não imaginei que ficaria assim.”

“Como o que?”

Ele não respondeu, mas o brilho carnal e possessivo em seus olhos, enquanto seus dedos cravavam minha pele, dizia tudo. *Minha.* Com um aperto firme em meus tornozelos, ele me deslizou até a beira da cama e caiu para frente, apoiando-se nos braços estendidos. Uma mão acariciou meu cabelo enquanto seus lábios se agarravam ao meu pescoço. “Você pode tomar banho primeiro, se quiser”, ele disse contra minha garganta.

Parecia quase bobo tomar banho separadamente, depois do que ele tinha feito comigo, mas não me preocupei em oferecer sugestões. “Você vai primeiro.” Eu não queria lavá-lo de mim ainda. Uma parte de mim esperava que sua essência penetrasse sob minha pele. Que, talvez, ele sentiria o mesmo arrepio de necessidade de que eu, se eu mantivesse uma parte dele dentro de mim. Que pensamento doentio.

Só quando ele se afastou é que tive um vislumbre do que devia ser uma ereção dolorosamente rígida saindo de sua cueca boxer. Como eu queria passar minha língua sobre isso. A mera sugestão deu água na minha boca, e eu praticamente pude sentir meus reflexos de vômito entrando em ação. Quando ele se afastou de mim, meu foco mudou para suas costas largas e musculosas que se estreitavam na bunda mais deliciosamente tonificada que eu já vi, e coxas longas e poderosas que imaginei que poderiam manter uma mulher no lugar com pouco esforço.

Ele desapareceu por uma porta à direita da lareira, fechando-a atrás de si. A luz irradiava pela fenda no fundo, seguida pelo som de um chuveiro sendo ligado.

Virei-me para o computador em sua mesa. Os armários, sem dúvida, estão repletos de arquivos antigos.

A mais jovem, a garota que cresceu nas ruas implacáveis, onde a etiqueta e o decoro nada mais eram do que palavras elegantes dos ricos, implorou para vasculhar seu espaço pessoal sem escrúpulos e sem cuidado.

A outra parte de mim detestava a ideia de trair sua confiança.

Levantei-me da cama, arrumando meu sutiã e camisa, e levantei minha calcinha

emaranhada, a virilha ainda úmida enquanto a deslizava pelas coxas. Quando me aproximei de sua mesa, fiz uma pausa.

Um homem como ele deixaria informações como essa por aí para alguém? Ele provavelmente tinha uma senha em seu computador. Sua mesa estava sem dúvida trancada, assim como todos os arquivos. Fui tola o suficiente para pensar que ele facilitaria a continuação do que deve ter sido um pedaço humilhante de seu passado? Os experimentos que mancharam o nome de sua família.

Passei meu dedo sobre o mousepad de seu laptop, onde fui solicitada a digitar uma senha. Um puxão nas gavetas à minha direita confirmou que ele as havia trancado.

Seria inútil tentar vasculhar suas coisas. Principalmente quando eu já tinha uma vantagem que, pelo que sei, a maioria não tinha. Quantos poderiam ter dito que chegaram tão perto do homem?

Levantei meu olhar em direção à porta do banheiro, onde a luz tremeluzia, e lambi meus lábios, antes de correr para minha bolsa e procurar o tubo de batom. Apliquei-o espessamente em meus lábios e, sem muito aviso, caminhei em direção à porta, girando cuidadosamente a maçaneta para descobrir que não estava trancada. Um leve empurrão a abriu, e o som monótono de água corrente ficou mais agudo quando espiei o espaço cheio de vapor. Era óbvio, com base na decoração simples mas moderna de azulejos brancos, pia de pedestal de porcelana branca e vaso sanitário, que ela havia sido acrescentada em algum momento, pois não combinava com a aparência envelhecida do ambiente. O chuveiro era uma caixa simples com portas de vidro cheias de vapor, através das quais eu conseguia distinguir sua forma, ligeiramente curvado sobre si mesmo, o braço movendo-se rapidamente, os golpes impiedosos de seu punho ecoando pelo box. Virando-me ligeiramente, ele não pareceu notar que eu o observava, e minha língua formigou quando imaginei aquele longo pau deslizando contra sua palma.

Puxei a barra da minha camisa por cima da cabeça e tirei o sutiã, depois tirei a calcinha. Com passos cuidadosos, cheguei mais perto na ponta dos pés e, quando deslizei a porta de vidro para o lado, fui saudada por toda a extensão de sua ereção. Jesus. O homem era enorme.

De onde eu estava, pude ver todo o ombro e bíceps que haviam sido destruídos pelo ataque com ácido. O brilho cru da pele recém-cicatrizada. As cicatrizes.

Muitas delas espalhadas por sua pele. A visão dele fez meus dedos coçarem de vontade de tocá-los, de sentir a crueldade que havia sido infligida a ele. Eu já tinha notado isso antes, mas sob as luzes fortes, era quase ofuscante.

Ele se virou e seu olhar imediatamente desceu pelo meu corpo, a apreciação em sua expressão despertando minha confiança, e quando voltou para cima, ele parecia fascinado em meus lábios.

Entrei no box e fechei a porta, fechando-me com ele. Com os olhos fixos nos dele, ajoelhei-me, apertando os olhos contra as gotas errantes de água que espirravam em meu rosto.

Com o pau ainda na mão, ele me observou com cautela, seu peito subindo e descendo.

Não me preocupei em desviar o olhar, enquanto me inclinei para frente e lambi a ponta chorosa, observando seus olhos se fecharem.

“Lilia...” A tensão em sua voz me contou uma batalha travada em sua cabeça. “Eu não posso fazer isso.”

Corri a ponta do dedo sobre as cristas de seu eixo, o mapa profundo de sangue alimentando seu pênis ingurgitado.

Uma ferroada aguda atingiu meu crânio quando ele agarrou meu cabelo. “Por favor. Pelo amor de Deus.”

Isso não me impediu, no entanto. Empurrei para frente e passei minha língua sobre suas bolas pesadas, puxando-as para minha boca.

Ele soltou um silvo, apertando meu cabelo com mais força. “Pare,” ele disse asperamente, mas quando eu parei, ele tirou os dedos do meu cabelo e pressionou a palma da mão no meu topo. “Não pare. Porra.”

Envolvi meus lábios sobre a cabeça de seu pênis, deixando minha língua explorar as texturas ao longo de seu eixo. Uma leve mancha de batom marcava o caminho da minha boca, e eu não conseguia nem imaginar como meu rosto deveria estar naquele momento. Flexionando minha mandíbula para acomodar sua circunferência, dei uma chupada longa e apaixonada.

Com as sobrancelhas curvadas, ele mordeu o lábio inferior em um gemido rosnado. “Porra, Lilia. Você é tão gostosa.” Seu elogio despertou meus sentidos,

enquanto ele me alimentava com seu pau em um ritmo languidamente lento. Cerca de um quarto do caminho para baixo, meu reflexo de vômito entrou em ação e eu me ajoelhei mais alto, me inclinando para aguentar mais dele. “É isso. Pegue o máximo que puder. Eu preciso foder esses lábios carnudos.”

Com cuidado para não raspar os dentes nele, chupei a água de sua pele, saboreando o sabor enquanto ele deslizava para dentro e para fora da minha boca com facilidade.

“Você vai engolir meu esperma, certo?” Um tom delirante se agarrou à sua voz, e eu o soltei com um golpe de sucção e balancei a cabeça. Eu o puxei de volta, sugando com mais força do que antes.

Suas mãos dispararam para os lados, e um olhar de êxtase doloroso tomou conta de seu rosto enquanto ele enfiava seu comprimento em minha boca com fervor desenfreado. Um grunhido passou por seus dentes cerrados, sua cabeça jogada para trás, esticando os fios de tensão em sua garganta. Cada vez mais rápido, ele bombeou suas coxas, seus grunhidos ecoando ao meu redor. “Boa garota,” ele disse com uma voz áspera e tensa.

Todo o meu corpo se agitava com cada impulso febril, enquanto ele saqueava com ganância. Deslizei minhas mãos pela parte de trás de suas coxas musculosas até sua bunda dura e cavei minhas unhas nele, sentindo-o apertar a cada sucção.

Ele gemeu e ofegou, e suas coxas tremeram enquanto eu o segurava contra meu rosto. “Mostre-me esses lindos olhos”, ele disse asperamente, e quando arrastei meu olhar para o dele, ele segurou a parte de trás da minha cabeça, fodendo minha boca com decadência brutal. Repetidamente, suas coxas flexionando a cada impulso.

Baba vazou dos cantos dos meus lábios.

Seus grunhidos aumentaram para um som misto de dor e prazer.

Nem um segundo depois, ele balançou e fluidos quentes subiram para o fundo da minha garganta.

Tossi e engasguei, mas nunca quebrei o contato com seu eixo. Agarrei seu pênis com força, mantendo-o firme enquanto o som de alívio que saía de seu peito ricocheteava nos azulejos e jatos quentes enchiam minha boca, escorrendo pelo meu queixo. Engoli de volta e lambi a cabeça dele novamente, sugando o

esperma encharcado de água.

O chão arranhou minhas canelas quando ele me levantou e me jogou contra os azulejos. Aborrecimento, desejo e exaustão rodopiavam em seus olhos como uma tempestade turbulenta, enquanto ele me prendia ali, o calor saindo dele.

“O que você está fazendo comigo?” Ele apoiou a testa no meu ombro, o corpo tremendo e o peito arfando. “Que porra você está fazendo comigo, Lilia?”

Passei meus dedos por seus cabelos e ele agarrou minha bunda, me levantando, enquanto eu envolvia minhas pernas em sua cintura.

Meus dedos deslizaram por seu pescoço, onde a pele enrugada de suas cicatrizes de ácido estava.

Ele se afastou, mas eu o agarrei com mais força, passando meus braços em volta de seu pescoço.

“Não. Por favor. Desculpe.”

Por um momento, ele parou, e então seus lábios estavam nos meus, seu corpo me pressionando contra a parede do chuveiro. “Por que você veio aqui? Por que você insiste em piorar as coisas?”

“Tornando tudo pior? Ou fazendo você me querer tanto quanto eu quero você?”

“Já concordamos. Esta será apenas uma noite.” Ele limpou os restos de batom manchados em sua boca. “Isso é tudo.”

“É isso? Você honestamente acha que tudo voltará magicamente a ser como era antes?”

“Tem que ser assim. Meu trabalho é muito importante.”

Eu não queria que suas palavras doessem tanto quanto doíam. Eu não queria sentir como se ele tivesse me dado um soco no peito e eu não conseguisse respirar, mas foi exatamente assim que me senti naquele momento. Eu me odiei por deixá-lo rastejar sob minha pele. Por permitir que minha guarda caísse e se transformasse em uma pilha de escombros miseráveis, sabendo que ele iria chutar os pedaços.

Contendo as lágrimas, me contorci para me soltar, mas seu aperto aumentou. “Me deixa ir.”

“Não. Não até que eu saiba que você não dirá uma palavra sobre isso.”

“Claro que não, *professor.* Sua reputação está segura comigo.”

“Não é sobre isso, Lilia. Pare de ser tola e emocional. Eles vão acabar com você para me manter aqui. Você entende isso? É isso que quero dizer quando digo que meu trabalho é muito importante. Eles farão você parecer uma prostituta empobrecida, para poupar meu bom nome.”

“E daí? Eles pensam isso, de qualquer maneira, não é? Não *é*?”

Ele não respondeu, apenas ficou ali, rosnando silenciosamente para quaisquer pensamentos que passassem por sua cabeça.

Recusei-me a me arrepender disso. Não importa o que ele disse, o que fez, como tudo terminasse, o fato é que ele me fez sentir algo extraordinário. Algo que ninguém nunca me fez sentir. Mesmo correndo o risco da dor e da saudade. “Não me importo com o que isso significou para você. Ainda valeu a pena.”

Seus olhos suavizaram e ele exalou, me abaixando de volta ao chão. Uma mão gentil passou pelo topo da minha cabeça e ele deu um beijo na minha testa. “Não me arrependo desta noite.” Ele passou por mim e saiu do chuveiro. Através do vidro, observei-o pegar uma toalha de um dos ganchos na parede e se secar. Ele enrolou a toalha na cintura e, com mais uma olhada para mim, saiu do banheiro, fechando a porta com um clique silencioso.

Não chore. Não ouse chorar.

Não era como se eu estivesse desejando o homem, como se o tivesse procurado por qualquer motivo que não fosse a oportunidade de descobrir mais sobre o parasita e, possivelmente, sobre minha mãe. Eu planejei usá-lo também. Isso não me deixava igualmente uma merda?

Eu sobrevivi sendo assombrada por um pequeno grupo de garotos em quem fiz sexo oral nas arquibancadas da universidade e nos bancos traseiros de carros enferrujados. Então, isso não era novidade para mim, certo?

Exceto que, foi. Tudo era inteiramente novo. A maneira como ele me fez sentir. A maneira como ele deu sem pedir nada em troca. A sensação de seus braços ao meu redor e as palavras obscenas e excitantes que ele sussurrou em meu ouvido. Era tudo novo. Foi tudo lindo. E mesmo que tenha sido passageiro, foi perfeito.

Quando finalmente saí do chuveiro, ele estava sentado encostado na beirada da cama dobrável, a toalha ainda enrolada na metade inferior, o cigarro pendurado na ponta dos dedos. Aparentemente hipnotizado pelas chamas.

Ele deu uma tragada no cigarro e inclinou a cabeça para trás, soprando para cima, não me poupou nada além de um olhar.

Com a toalha enrolada em mim, corri para o outro lado da cama e sentei na beirada dela. “Abrir cavidades torácicas não o impediu de fumar?” Eu perguntei, tentando aliviar o clima e diminuir o silêncio constrangedor.

“Não faço isso com frequência. Somente quando estou tenso, ou me recuperando de uma foda intensa, e agora, estou em ambos.”

“Eu deixei você tenso.”

“Sim. Mas não é sua culpa. É minha.”

“Por que a culpa é de alguém?”

Ele bufou e se inclinou para frente para jogar o cigarro na chama. “Sem mais perguntas esta noite.” Passando o braço pela beirada da cama, ele voltou a olhar para a chama, e eu me acomodei nos lençóis do lado oposto.

“Você provavelmente deveria me odiar agora”, disse ele, com a voz manchada de remorso.

“Eu provavelmente deveria. Mas não odeio.”

Com uma risada triste, ele balançou a cabeça. “Aqui, pensei que fosse a mariposa que iria sucumbir ao fogo.”

Capítulo 48

Lilia

Eu dobrei o lençol que usei, colocando-o sobre o sofá. Devido ao escritório parecido com uma masmorra ser iluminado apenas pela luminária da mesa, apenas o toque do relógio me alertou que a manhã havia chegado. O professor Bramwell digitava em seu computador. Seus olhos ficaram grudados ali durante a maior parte da manhã, exceto por olhares ocasionais em minha direção. Ele me ajudou a dobrar o sofá e recolocar todas as almofadas, mas nenhuma palavra foi trocada entre nós.

Completamente vestida, limpei a garganta e me virei para encará-lo. “Bem, acho que vejo você na aula.”

“Vejo você na aula, Srta. Vespertine”, ele repetiu, voltando a digitar.

O tom frio e desapegado em sua voz me apunhalou no coração, e pisquei para conter as lágrimas enquanto me virava para a porta. *Pare com isso,* eu me repreendi. Sempre fui mais resistente que isso. Mais forte. Eu tive meninos da escola me alimentando com falsas promessas, enquanto enchiam meu rosto com seus paus, mas afastar-me deles sempre foi fácil. Porque eles pegavam sem dar. Eles agiam de forma egoísta e zombavam de suas conquistas. Eu nunca tinha chegado ao clímax com um deles, nunca senti sua pele contra a minha, ou os vi cair de joelhos para me dar prazer primeiro.

Por mais que eu tentasse me convencer do contrário, Bramwell era diferente. Excepcional.

E isso fez doer ainda mais.

“Lilia, espere.”

Recusei-me a me virar e deixá-lo ver o tormento em meu rosto, a forma como suas ações me afetaram tão profundamente. Eu gostaria de poder arrancar toda a emoção de mim, do jeito que ele fez tão facilmente.

Ao som de passos, minha cabeça me incentivou a correr para a porta. *Não seja infantil.*

“Inversão de marcha.” O comando em sua voz me disse que ele ficaria feliz em me girar, se eu não obedecesse, então me virei e o encontrei parado ali, com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos. “Não esquecerei tão cedo a noite passada. Diga-me que entende o quanto significou você estar aqui para meu primeiro sucesso.”

Suas palavras cortaram meu coração como uma lâmina com ponta envenenada.

Seu primeiro sucesso. Ele era tão ignorante que não conseguia entender que a noite passada foi mais do que isso para mim? Que ele virou meu mundo inteiro de cabeça para baixo em questão de horas? Que o que tínhamos feito ficou gravado em minha memória para sempre, e não importa com quantos garotos eu estive antes, ou homens com quem ficarei depois de hoje, ele sempre seria meu verdadeiro primeiro?

“Eu entendo.”

Sua mandíbula flexionou e ele se virou como se fosse voltar para sua mesa, mas parou no meio do caminho. Sem aviso, ele veio em minha direção, me agarrou pela nuca e me arrastou até seus lábios. Seu beijo foi cruel e ardente, suas mãos como arame farpado em minha pele, e eu queria afastá-lo e dizer o quanto eu odiava seus jogos estúpidos. Que eu odiava empurrar e puxar, gato e rato.

Diga a ele, Lilia! Faça ele se machucar também!

Mas não consegui. Porque a verdade perturbadora disso era que isso me incendiou. Eu realmente era uma mariposa burra.

Eu derreti na comoção, e quando ele me puxou com mais força e agarrou meu pescoço, eu me soltei, flutuei em grandes e fofas nuvens de felicidade ignorante e não correspondida. Era mais fácil assim, cair na estupidez e fingir que seu beijo significava alguma coisa para mim. A masoquista ergueu a cabeça feia, engolindo sua atenção como uma tola apaixonada. Porque mesmo que eu soubesse, mesmo que soubesse que era tudo mentira, era bom pra caralho.

Ele se afastou e, pela primeira vez desde a noite anterior, vi um lampejo de dor em seus olhos. Bom. Queria enquadrá-la, estudar, só para saber que também havia deixado algo dentro dele. Que ele ainda podia me sentir rastejando sob sua pele.

Com os olhos fixos nos dele, estendi a mão até a barra da saia e baixei a calcinha, deslizando-a pelos tornozelos. Enrolei-a na palma da mão e enfiei no bolso da calça dele, próximo ao pedaço duro que roçava a ponta do meu polegar. “Calcinhas são para as modestas”, eu disse, e me virei para a porta.

Capítulo 49

Devryck

Porra!

Andei pelo meu escritório, passando as mãos pelos cabelos. Horas se passaram desde que Lilia partiu. Passei horas sentado na minha mesa, tentando me concentrar em algo que não fosse minha língua em sua boceta. Foi inútil. Ela rastejou por baixo de mim, dentro de mim, me infectando com o tipo de luxúria bêbada que me fazia parar para foder minha própria mão a cada hora.

Minha rejeição em relação a ela não foi pessoal. Eu era afiliado a muitos indivíduos corruptos e perigosos. Que adorariam saber que eu praticamente fodi minha aluna - não apenas pelo escândalo, mas para ter algo de peso para segurar sobre mim. Do jeito que estavam, eles não tinham nada. Eu não tinha nada. Eu era um trapaceiro, completamente desapegado de qualquer coisa significativa o suficiente para me atrair.

E era exatamente assim que eu queria ficar.

Infelizmente, Lilia estava fodendo minha cabeça nesse aspecto.

Com as palmas das mãos pressionadas contra a mesa, olhei para o relatório parcialmente escrito na tela do meu computador. A mesma frase que eu havia escrito uma dúzia de vezes em uma tentativa fracassada de me concentrar. Uma

chama desenfreada ardia através de mim, queimando com o desejo de tirá-la de qualquer classe em que ela estava naquele momento para foder com ela.

Parte disso era a toxina que invariavelmente afetava meu desejo sexual. A outra parte era o fato de que ela tinha feito algo comigo que nenhuma outra mulher antes dela havia conseguido: ela realmente me fez sentir. Não apenas mentalmente, mas fisicamente. Cada nervo do meu corpo vibrava com a memória de sua pele macia. As curvas, bordas, texturas e falhas que me fizeram desejar uma noite inteira tocando e explorando. Aqueles olhos desafiadores que combinavam com o fogo de seu cabelo, e aquela boca inteligente que não só dominava as palavras para fazer meu sangue ferver, mas também a arte incontestável de chupar um pau.

Ela era uma feiticeira. Ela tinha que ser. O que mais poderia explicar o veneno tóxico correndo por mim naquele momento? A incapacidade de passar dez minutos sem pensar nela - seja sexualmente ou com saudade. Meu corpo lamentava por ela. Tinha passado as últimas horas me punindo por deixá-la sair do meu escritório daquele jeito. Sem calcinha.

Imaginei uma brisa atingindo a bainha de sua saia, levantando-a da linda bunda por baixo.

Foco. Por favor. Foco, foco!

Quanto mais cedo eu entregasse o relatório a Lippincott, mais tempo poderia ganhar. Afinal, a toxina não era perfeita. Eu ainda tinha um pouco de nervosismo e a incapacidade de controlar a temperatura do meu corpo. Também dava a sensação de pele arrepiada, que notei mais profundamente quando Lilia foi embora.

E o desejo sexual.

O apetite infinito de enfiar meu pau em alguma coisa era provavelmente o pior de tudo.

Não é alguma coisa. Alguém. *Ela.*

O fato de ela ser totalmente proibida só me fez desejá-la mais, e o pior de tudo era que eu tinha o poder de arruinar ou mudar a vida dela. Ela era exatamente o tipo de mulher por quem eu facilmente deixaria de lado qualquer moral patética que ainda ardia em minha consciência - alguém cujo impulso e paixão não

estavam contaminados pelo poder e pelo dinheiro. Tão faminta por aprender, e eu desejava ser o único a alimentá-la com cada colherada de depravação que ela desejava.

Tirei a calcinha do bolso pela enésima vez e respirei aquele cheiro doce e irritante que me deixava embriagado. Como todas as outras vezes, uma onda de sangue disparou direto para o meu pau ao mesmo tempo em que a dor atingia minha virilha.

Furioso, caí no assento, destravando o cinto como havia feito tantas vezes antes, me esfregando para alimentar aquele monstro insaciável que arranhava minhas entranhas, desesperado e faminto. *É isso que você quer? Você vai me deixar trabalhar, se eu fizer isso?*

Eu teria aula em uma hora, teria que vê-la lá, sabendo que não poderia tocá-la, cheirá-la ou senti-la. A miséria disso corroeu meus ossos.

Enfrentei Gilchrist várias vezes depois de realmente transar com ela e não senti nada. Nem uma única contração no meu pau, ou desejo de tê-la novamente. Lilia era diferente. Ela me fez sentir fisicamente coisas que eu não sentia há muito tempo – uma façanha que eu não achava possível, mesmo com meus sentidos de volta. Além das carícias superficiais de todas as outras mulheres que conheci, o toque de Lilia ficou marcado em minha carne e sangue, e agora era tudo que eu desejava.

Ela era o calor do sol sobre um cadáver frio e apodrecido. A primeira respiração depois de uma vida inteira de morte.

Como eu poderia dividir um campus inteiro com ela, sabendo que ela poderia se apaixonar a qualquer momento por algum canalha inexperiente que não teria ideia do que fazer com uma garota como ela? O próprio pensamento gerou planos cruéis e vis, como mantê-la em uma das celas abaixo. Enjaulando-a como uma das minhas pequenas mariposas.

Outra onda de dor latejava profundamente na minha virilha, enquanto a imagem dela amarrada e submissa dançava pela minha cabeça como pequenos duendes perigosos. Eu me acariciei rápido e forte, punindo minha carne enquanto derrotava aqueles impulsos obsessivos. Mas, assim como o monstro dentro de mim, eles criaram raízes e floresceram em uma fantasia completa que eu não conseguia tirar da mente. Minha doce e decadente Lilia se apresentando diante

de mim como uma refeição deliciosa.

Segurei sua calcinha no meu rosto, respirando-a enquanto imaginava enterrar meu pau dentro dela. Aqueles lindos seios sugáveis saltando em meu rosto, um olhar de dor e prazer escrito em sua expressão, e o som desarmante de seus gemidos sedosos que ecoavam em minha cabeça como granadas mentais.

Lilia.

O nome dela era um bisturi sujo cravado bem fundo no meu peito, passando por ossos em ruínas e carne em decomposição. Perfurou o único órgão que jurei que nunca mais poderia ser tocado e me infectou com uma ganância insuportável.

Eu queria a dor disso. A impossibilidade. O êxtase absoluto de reivindicá-la para mim. E aí escondia-se a trágica realidade de quão tentadora ela se tornou – se transar com ela significasse uma eternidade no inferno, eu acolheria a condenação com um maldito sorriso.

Meu corpo endureceu quando o clímax se prendeu profundamente dentro de mim, e eu gritei o nome dela enquanto fitas de esperma saltavam da cabeça do meu pau para a minha mão.

Exausto e fraco, peguei a mesma toalha que havia usado em todas as outras ejaculações, enxugando minha mão escorregadia nas manchas molhadas de antes. Eu não podia negar – cada uma delas me deixou estremecendo de satisfação, mas eu estava precisando desesperadamente de realizar algo além de encharcar a porra de uma toalha com esperma. Esfregando minha mão limpa no rosto, soltei um suspiro de alívio e observei o estado flácido do meu pau. Quando me inclinei para continuar de onde havia parado em meu relatório, uma lembrança de Lilia ajoelhada diante de mim passou pela minha cabeça.

Não, não, não!

O sangue subiu para o meu pau, meus músculos endureceram com uma nova excitação, e olhei para baixo com horror, para ver a fera insaciável em posição de sentido novamente.

Que merda!

Eu não sabia se era a toxina ou uma ruiva ardente que conseguiu me foder antes de partir. Atrapalhando-me para enfiá-lo de volta na calça, levantei-me da mesa.

Basta.

———

Até que, lutando contra uma enorme ereção, bati na porta do escritório de Gilchrist. Ao seu reconhecimento, entrei no escritório, com uma mão no bolso, onde apertei sutilmente o botão de gravação do meu telefone.

“Devryck, que surpresa agradável. Sente-se.” Ela apontou para uma das cadeiras e seu olhar permaneceu na minha virilha. O inferno é que ela provavelmente pensou que era para ela.

“Soube que você acusou uma das minhas alunas de colar e deu a ela uma nota de merda com alguns apontamentos mesquinhos.”

Desviando o olhar do meu pau, ela zombou. “Perdão. Foi para isso que você veio aqui? Para defender sua aluna?” Quando não me preocupei em responder, ela revirou os ombros para trás. “Acontece que ela também é minha aluna e não conseguiu produzir respostas coerentes às questões dissertativas.”

“Li as respostas dela e não eram apenas coerentes, mas precisas. Quanto à acusação de colar, você e eu sabemos que a Srta. Vespertine teria mais sucesso colando de uma gambá morta do que de Spencer Lippincott.

“Acontece que Spencer é um ótimo...”

“Tenho pouco tempo”, eu disse, interrompendo-a, meu pau ficando mais flácido a cada segundo. “Então, vamos chegar à raiz do que é isso. Eu rejeitei você. Você está brava.”

A incredulidade brilhou em seus olhos, enquanto ela se mexia com óbvio desconforto. “Como você ousa se envolver nesse assunto?”

“Você não está com raiva de mim?”

Seu olhar se voltou para o meu e ela abriu a boca como se fosse falar, mudando novamente. “Bem, é claro que estou. Estou ferida.”

“E você está descontando em uma aluna que não merece sua ira.”

“Eu vejo vocês dois. É uma relação estranha.”

“Você vê através de olhos ciumentos”, eu disse, categoricamente. “Não há relação entre a Srta. Vespertine e eu.” Até eu fiquei impressionado com a

facilidade com que a mentira se soltou. Havia *algo* entre nós, eu só não sabia o que era. “Pare de usá-la como um saco de pancadas emocional.”

Ela bateu um dedo sem manicure na mesa, olhando para o que devia ser uma expressão de absoluta apatia estampada em meu rosto. “Tudo bem. Embora eu mantenha minha avaliação e observações originais, para seu bem, revisarei o resultado do teste da Srta. Vespertine e vou retirar a acusação, com uma condição.”

Esperei ansiosamente que ela dissesse isso.

“Jante comigo.”

Bingo. Exatamente o que eu estava esperando. “Não.”

“Não?” Ela deu uma risada. “Então, faça um favor a si mesmo, Devryck, e fique fora de assuntos que não lhe dizem respeito. Ou terei outras acusações, além de colar, para denunciar.” Com a sobrancelha levantada, ela cruzou os braços. “Como suas estranhas interações com a Srta. Vespertine.”

“Eu convidaria a administração a entrar em contato com a Srta. Vespertine e perguntar sobre qualquer comportamento impróprio. Minhas interações com ela têm sido nada menos que honrosas e profissionais.” Minha alma quase murchou com isso.

“Talvez. Mas quem acreditaria no homem anteriormente acusado de tal comportamento?”

“Da mesma forma, quem acreditaria que uma professora respeitada escolheria distribuir notas ruins com base no ciúme?” Levantei meu telefone do bolso para mostrar que ele continuava gravando e pressionei parar, contendo uma risada quando seus olhos quase saltaram das órbitas. “Não brinque comigo, Loretta. E fique fora dos meus negócios, ou providenciarei para que todos os membros da administração *e meu advogado* recebam uma cópia disto.”

Capítulo 50

Lilia

Ele se recusou a olhar para mim.

Vestindo jeans escuro e uma camisa de botão branca, o professor Bramwell estava na frente da sala de aula, descrevendo o comportamento quimiotático da Leishmania – um tópico com o qual de repente não me importei – sem me poupar um único olhar. Eu teria ficado frustrada com isso, se ele não tivesse esfregado a nuca algumas vezes, esfregado o queixo e até afrouxado um botão da camisa em algum momento, o que não passou despercebido pela garota sentada na minha frente. Ela tirou uma foto dele com a legenda *Sim, Senhor Morte*, e ampliou a frente de sua calça, até o contorno óbvio de uma ereção protuberante.

Eu me mexi no meu assento, a pirralha atrevida em mim queria chutar as costas dela. *Muito*. Não que fosse culpa dela, porém, quando o homem exalava sexo e masculinidade pura por cada poro de seu corpo. A simples visão dele estimulou imagens de suor e músculos, movendo-se como uma máquina bem afiada. Eu estremeci com isso, virando-me para me aliviar do pensamento torturante que me fez cruzar as pernas.

Maldito seja.

Quando saí da sala de aula, revirando os olhos para a fila de garotas esperando para fazer um milhão de perguntas apenas para chamar a atenção dele por alguns

momentos, captei o rastro focado de seu olhar que me seguiu. Era assim que seria a partir de então. Olhares roubados e silêncios constrangedores. Eu odiei essa dinâmica entre nós. Fazia apenas algumas horas, e minha pele já sentia falta da sensação de suas mãos ásperas, da carícia suave de seus lábios.

Pelo resto do dia, fiz movimentos estúpidos. Memória muscular. Desempacotar meu laptop, fazer minhas anotações, guardá-lo de volta, ir para a próxima aula, comer. Durante todo o tempo, minha cabeça estava focada no Professor Bramwell e no que havíamos feito na noite anterior.

Em um longo banho quente, pressionei minha testa contra os azulejos e tentei desesperadamente recriar aquelas sensações com meus próprios dedos. Nem mesmo as cócegas da água, o calor ou a suavidade do meu corpo, poderiam replicar a emoção de revirar a barriga que ele provocou com a boca. Como uma fera faminta e selvagem que nunca estaria satisfeita. Tudo depois dele seria medíocre.

Ele estava certo. Ele tinha me arruinado completamente. Me abriu para meus segredos mais obscuros, que ele mudou e moldou para caber ali, e me costurou de volta como algo completamente diferente.

Eu nem reconheci a tola que me tornei. Enquanto me olhava no espelho embaçado do banheiro, balancei a cabeça. “Que diabos você está fazendo?” Sussurrei.

Eu tinha que superar isso. Ele. Foi uma noite. Uma noite que nunca esquecerei.

E nada mais.

Capítulo 51

Lilia

Eu precisava limpar minha cabeça.

Correr sempre foi uma fonte de alívio do estresse para mim e, como não conseguia dormir, decidi que correr pelo campus poderia desfazer o emaranhado de pensamentos em minha cabeça.

Vestida com meu moletom Dracadia e um short preto, peguei meu spray de pimenta e saí para a manhã mal iluminada. Ainda faltava quarenta e cinco minutos para o amanhecer, e uma calma pacífica cobria o campus. Já fazia algumas semanas desde a última vez que saí para correr, e era bom trabalhar aqueles músculos que ficaram moles com minha agenda insanamente ocupada.

No início do semestre, tomei conhecimento do cronograma de trabalho de Devryck. De acordo com o que observei, ele só sairia dali a uma hora, o que significava que eu provavelmente estaria segura para não topar com ele, e com os fones de ouvido colocados, segui pelo caminho ao longo dos dormitórios, onde alguns outros corredores acenaram para mim. Passei por eles. Atletas, a maioria deles, usavam o traje esportivo de Dracadia que eu os vi usar no campo enquanto praticavam. Minha playlist era uma mistura selvagem de rap e música alternativa, com ocasionais músicas pop.

Mas lembranças espontâneas da minha noite com o professor Bramwell

chegaram em flashes erráticos.

O olhar intenso. Suas mãos em mim. Seu rosto entre minhas pernas.

Com o tênis de corrida batendo no concreto, acelerei o ritmo, meu rabo de cavalo chicoteando em volta do meu rosto. Corri pela ala acadêmica de Rawlings e subi a pequena colina em direção à Sigma Phi House, como se esses pensamentos me perseguissem.

Mais imagens chegaram.

Seus lábios nos meus. Punho enfiado no meu cabelo. Sua palma algemando minha garganta.

A névoa saía da minha boca enquanto meu pulso acelerava, e coloquei mais velocidade nas minhas pernas.

Dedos dentro de mim. Palavras obscenas sussurradas. Pensamentos imundos. Dentes roçando meu queixo.

Corri ainda mais forte, minha respiração ficando irregular, meu coração martelando no peito. Eu não estava mais correndo na pista, mas sim pelo campus, meus músculos ficando fracos com o esforço. O ar frio engrossou em meus pulmões e reduzi o ritmo para uma caminhada rápida, ofegante. Com os olhos cerrados, eu me esforcei para banir o visual dele, porque, pelo amor de Deus, sabia que isso não poderia dar certo. Ele era meu professor. Tinha o poder de afetar minha nota e talvez até minha bolsa de estudos. Eu não poderia me dar ao luxo de perder isso. Não poderia me dar ao luxo de deixar Dracadia.

Puxando um dos meus fones de ouvido, fiz uma pausa, apoiando as palmas das mãos no topo das coxas e respirei. Uma vez suficientemente oxigenada, levantei-me, preparando-me para outro circuito pelo campus, quando, ao longe, vi o professor Bramwell na esquina do Prythe r Hall, vestindo sua calça de moletom cinza e a camiseta preta que enfatizava seus braços musculosos.

Ah. Merda.

Uma olhada no meu relógio mostrou que eu ainda tinha mais trinta minutos antes que ele normalmente saísse para sua corrida. *Que diabos!*

Girando nos calcanhares, corri na frente dele.

Para meu total horror, ele me alcançou, vindo ao meu lado. Ele puxou um dos fones de ouvido pretos da minha orelha. “O que você está fazendo, Srta. Vespertine?”

“Com o que se parece?” Corri na frente dele, meu rosto queimando de humilhação. Jesus, o cara provavelmente pensou que eu estava tentando persegui-lo, ou algo assim. Mais uma vez, ele me alcançou e agarrou meu braço, fazendo com que nós dois parássemos lentamente.

“Está escuro aqui fora”, ele disse, sua voz furiosa apenas levemente afetada pela corrida. “Você não deveria estar correndo sozinha.”

“Eu estava tentando *evitar* topar com você, *senhor Corre-Todo-Dia-No-Mesmo-Horário-Exceto-Hoje*.”

“Tenho uma reunião importante do conselho mais tarde e tive que adiar minha corrida. Então, você se colocou em risco para evitar me encontrar?”

“Você nem olhava para mim. Agora, de repente, você se importa?” Balançando a cabeça, me virei na direção do meu dormitório, mas senti um aperto forte em meu braço.

“O que você quer, Lilia? Quer que eu proclame minha atração e foda você na frente do corpo discente e da administração? Para que todos saibam que estou tão obcecado por você que só esfreguei meu pau desde que você foi embora? Talvez eu devesse pedir desculpas ao conselho hoje à tarde por um relatório meia-boca, porque a boceta da minha aluna era tudo em que eu conseguia pensar quando o estava escrevendo.” Ele passou as mãos pelos cabelos, andando na minha frente. “Não, não posso olhar para você agora porque estou ficando louco de vontade de tocar você.” Uma expressão de desgosto tomou conta de seu rosto enquanto ele gesticulava em direção às minhas pernas. “E se você pensa, por um segundo, que vou deixar você correr por aqui no escuro com esses shorts minúsculos, parecendo um lanche da meia-noite, você subestimou grosseiramente o quanto eu posso ser idiota.”

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Fiquei literalmente sem palavras parada ali, observando-o andar rapidamente com raiva e frustração. Por minha causa. Por causa do que fizemos.

“Desculpe. Também não parei de pensar em você.”

Dois corredores se aproximaram e ele pigarreou, virando-se como se quisesse colocar alguma distância entre nós, enquanto eles passavam.

Assim que eles desapareceram na colina, ele se virou para mim e passou a mão pelo rosto. “Vamos chamar pelo que foi: uma noite incrível. Espero que você se lembre dela com a mesma saudade, raiva e dor implacáveis que sinto toda vez que olho para você. Dói muito saber que não posso ter você, Lilia. Eu perco nesse aspecto. Mas essa é a trágica realidade de tudo isso. O que fizemos naquela noite não pode ser repetido. Entende?”

“Sim. Eu entendo.” Por mais que isso me incomodasse, eu entendia.

Ele deu um rápido aceno de cabeça, me conduziu de volta ao caminho e me seguiu. Observando-me, enquanto ele corria atrás de mim. Em vez de dar outra volta pelo campus, fui direto para o meu dormitório.

———

Uma mensagem apareceu de Jayda.

Diga olá para Henry Michael Fuller.

Seguiu-se uma imagem de um pequeno pacote preso na dobra de um braço.

Por mais que doa sorrir naquele momento, mandei uma mensagem de volta:

OH MEU DEUS. Ele é perfeito. Como você está se sentindo?

Exausta. Este bebê come de hora em hora. Meus seios parecem duas pedras penduradas em um palito.

Parece doloroso.

Você não tem ideia. Mas não quero falar sobre maternidade agora. Leve-me para a universidade. O que está acontecendo com você?

Mordi o lábio, pensando se deveria ou não contar a ela sobre Bramwell. Não era como se ela o conhecesse ou fosse conhecê-lo.

Acho que estraguei tudo.

Como?

Minha mente girava em torno de como enquadrar a resposta.

Você fodeu com seu professor?

Deixe isso para Jayda…

Defina foda. Pensando bem, não faça isso. Eu fiquei com ele. Mas não chegamos tão longe.

Espere, esta não é uma conversa para texto.

Nem um minuto depois, meu telefone tocou e eu atendi.

“Ah, Lilia.” Ela falou baixo, obviamente não querendo acordar o bebê.

“Eu sei. É ruim.”

“Foi mesmo? Ou foi *bom pra caralho*?”

Fechando os olhos, soltei um suspiro de dor e, com um lampejo de sua cabeça entre minhas coxas, afastei o pensamento.

“Ele é sexy? Tem um pau grande?” Sussurrou ao telefone. “Vamos, preciso de detalhes.”

“Realmente?”

“Tenho mais cinco malditas semanas antes de poder ser fodida novamente. Estou vivendo indiretamente através de você agora. Por favor.”

Eu gemi, tentando conter um sorriso. “Sim e sim.”

Ela fez um barulho de excitação, rapidamente seguido por um “*Sh-shhh*”, entrecortado, como se estivesse balançando o bebê. Um momento de silêncio e ela sussurrou: “Onde toda essa maldade aconteceu? No escritório dele?”

“Sim.”

“Mmmmm. Vocês são uma coisa secreta e proibida agora?”

“Não somos nada.” Eu odiei o gosto amargo da decepção na minha língua ao dizer isso em voz alta. Faz apenas algumas semanas que eu renunciei a todos os homens, determinada a me concentrar em meus estudos, e lá estava eu, ansiando por meu professor mal-humorado.

“Ele tem um histórico de namoro?”

“Não. Nunca o vi olhar para outra aluna.”

A risada insensível que se seguiu me deixou carrancuda.

“O que há de engraçado nisso?”

“Ele não superou você, Lilia. Confie em mim.” O bebê chorou ao fundo. “Merda. Eu tenho que ir. Com fome de novo. Certifique-se de me enviar uma foto.”

“Eu não tenho foto.”

“Arrume uma.” Ela nem esperou eu argumentar antes de desligar o telefone.

———

Cheguei ao seu laboratório naquela noite vestido com algo um pouco mais conservador, depois da conversa com ele naquela manhã. Um suéter e jeans que arranhavam minhas pernas. A cada toque de nossas mãos, ele se encolhia. A cada olhar, ele desviava, carrancudo. Era como se ele tivesse ficado com mais raiva de mim desde o nosso último encontro.

Enquanto esterilizava o ágar na autoclave, parei ao lado da cúpula de vidro, notando Achilles e Patroclus batendo vigorosamente as asas, com as pontas presas uma à outra. Acasalamento. Achilles se soltou e quase pareceu ter tropeçado, antes de Patroclus retornar novamente, batendo as asas tão rápida e freneticamente que pude ouvir um zumbido suave através do vidro. “Jesus,” eu murmurei. “Alguém está com tesão.”

Enquanto pendurava meu jaleco na sala de autópsia, o professor Bramwell empurrou a porta, com uma expressão de pura tristeza franzindo seu rosto.

“Lilia...” Ele exalou com força pelo nariz, como se até o som do meu nome lhe trouxesse tristeza. “Este acordo não é mais viável.”

Meu coração murchou como um balão vazio. “O que? O que você quer dizer?”

“Quero dizer, vou ter que deixar você ir. Vou conversar com o doutor Friedman para que você trabalhe no micro laboratório dele, se quiser que o ex...”

“Não quero trabalhar com o doutor Friedman. Eu quero trabalhar aqui! Com

você! Neste projeto. É importante para mim.” Procurei humor em seus olhos, ou mesmo a menor dúvida, mas não encontrei nada além de uma determinação de aço ardendo neles.

“Não vai funcionar.”

“Por quê? Por causa do que aconteceu entre nós?”

Ele estremeceu, como se a simples menção disso o ferisse.

“Eu preciso deste trabalho. Preciso do dinheiro. Por favor, eu estou te implorando.” Deus, eu parecia Gilchrist.

“Isto é minha culpa. Eu deveria ter ficado longe. Cabia a mim ficar longe, e não o fiz. E agora...” Um músculo em sua mandíbula se contraiu com o cerrar dos dentes. “Simplesmente não vai funcionar.”

“Minha irmã... ela vai ser expulsa da escola. Estou te implorando, Devryck. Nada precisa acontecer entre nós. Entendo. Foi irresponsável da minha parte também. Irresponsável. Eu não deveria ter pressionado. Por favor. Por favor, deixe-me ficar. Não sei o que farei.”

Ele me entregou um envelope, provavelmente um cheque referente ao salário que ganhei pelos escassos dias em que trabalhei. “Vá, Lilia. E não volte amanhã.”

“Por favor, Devryck.” O tom patético na minha voz me deixou enojada, a rapidez com que passei de uma sensação de controle para uma sensação de completa impotência, e odiei que esse homem segurasse as rédeas. Que, não importa o que acontecesse, ele sempre estaria no controle, porque essa era a dinâmica entre professor e aluno. Ele não precisava ter um bom motivo para me expulsar do laboratório. Ele me deixou receber um suborno e agora estava tentando dissolver o acordo como se fosse um caso grave de azia. “Por favor, não faça isso.”

Quando ele se virou para sair, lutei contra as lágrimas.

As opções para ganhar o dinheiro extra simplesmente escorregaram dos meus dedos como água. Os empregos no campus pagavam metade do que eu ganharia trabalhando para ele.

Minhas bochechas esquentaram com a vergonha que jurei que não me permitiria

sentir. A percepção de que minha irmã seria expulsa do único lugar onde ela se sentia segura, e jogada em qualquer inferno que a esperava na casa de Conner, porque eu tive um momento imprudente com meu professor.

A culpa foi minha.

Totalmente.

———

O ônibus parou em frente ao meu dormitório e eu desci, meu corpo fraco e exausto de estresse. Caminhei pela área comum, onde os alunos riam e assistiam TV, até o terceiro andar. Uma vez lá dentro, pressionei minhas costas contra a porta para fechá-la e deslizei para o chão.

As lágrimas finalmente se libertaram.

No caminho para casa, pensei em entrar novamente no site pornô, apenas para reivindicar o dinheiro que estava com muito medo de receber, temendo que meu vídeo voltasse a aparecer no site. A dignidade importava naquele momento? Eu tinha dez dólares na minha conta. As moedas que ganhei teriam me dado mais algumas centenas, quase mil, se a memória não me falhasse. Abri o envelope de Devryck e retirei o cheque de dentro.

Cinco mil dólares.

Um cheque pessoal em *dinheiro.*

Minha garganta se contraiu, o ar ficou preso em meus pulmões, e eu estava feliz por estar sentada no chão naquele momento, porque provavelmente teria desmaiado.

Cinco mil.

Pisquei duas vezes, me perguntando se meus olhos estavam pregando peças. A quantia estava escrita em letras quase ilegíveis, mas eu definitivamente consegui entender *mil.* Não cem. Cinco mil dólares. Eu nunca tive tanto de uma vez em toda a minha vida. Cobriria todas as suas mensalidades até o Natal, incluindo a parte de Conner, então, mesmo que eu tivesse que conseguir um emprego que pagasse cem dólares por semana, teria o suficiente para estar dois meses adiantado até lá.

Pare , eu repreendi. *Pare agora.*

Por mais que eu quisesse mergulhar na emoção de tudo isso, o peso da realidade me pressionava. Eu não poderia aceitar isso dele. Embora tenha sido um gesto nobre, seria errado aceitar o dinheiro. Eu não mereci. O que me trouxe outro pensamento: seria essa a maneira dele de me pagar para manter meu silêncio?

Isso teria doído ainda mais. Parte de mim queria voltar para o laboratório, para seu escritório, e jogar o cheque na cara dele como uma mulher forte, independente e com escrúpulos teria feito. A outra parte de mim decidiu pensar sobre isso.

Talvez eu pudesse chegar a um acordo para pagá-lo de volta.

Quem eu estava enganando?

Levaria uma década, ou mais, para esse valor. Talvez durante o sono eu formulasse algum tipo de plano para fazê-lo funcionar, porque eu com certeza não queria fazer algo precipitado e emocional como jogar isso de volta na cara dele quando eu realmente precisava.

Capítulo 52

Lilia

Dois dias se passaram.

Meu joelho balançava incessantemente enquanto eu estava sentada no Midnight Lab, esperando para ver se o professor Bramwell apareceria. Ele não estava na aula naquela manhã, nem na última palestra agendada, deixando Ross liderando em sua ausência. Mordi meus lábios, minha ansiedade floresceu, enquanto os alunos entravam e tomavam seus lugares.

O cheque permaneceu guardado na minha caixa de bugigangas, escondido debaixo da minha cama. Recusei-me a descontá-lo até pelo menos falar com Bramwell. Infelizmente, eu não tinha elaborado um plano muito bom para pagar a ele de volta que não me colocasse ainda mais para trás com Bee. A possibilidade incômoda de que o dinheiro poderia ter sido um suborno mastigava meus pensamentos, e novamente, a tola teimosa em mim queria jogá-lo na cara dele e mandá-lo se ferrar.

Isso era o pior de estar sem dinheiro, no entanto. O orgulho era um ideal que desaparecia constantemente.

Spencer correu para seu banco, seus olhos rodeados de olheiras, como se ele não dormisse há dias. Foi a primeira vez que o vi desde aquele dia no beco depois da aula. O cara parecia ter feito uma farra ou algo assim.

Ross ficou na frente da classe, desempacotando suas anotações, e a esperança que eu tinha de ver Devryck murchou. Durante dois dias, eu me convenci de que estava errada. Que eu não merecia o dinheiro. Que a coisa certa a fazer era devolver o cheque educadamente e agradecer a gentileza.

E então eu imaginei a resposta dele – ele me chamando de idiota e lançando insultos para me irritar e fazer com que eu o descontasse.

Onde ele estava?

Eu precisava falar com ele.

Justo quando eu me preparava para outro sermão decepcionante, o próprio diabo entrou pela porta, e maldito seja meu coração por galopar em meu peito ao vê-lo. Vestindo jeans e camisa preta, ele percorreu o laboratório, parecendo melhor do que deveria parecer. Sua pele brilhava, os olhos sem as olheiras que ele sempre usava. Ele parecia bem. Muito bem.

Ele parou no tanque ao lado da minha bancada, onde todas as larvas germinaram em suas amadas noxberries, e com sua pinça, ele colheu as frutas e as depositou em um frasco de amostras.

Diga algo!

Meus lábios secaram com a ideia de chamar sua atenção em uma aula. “Professor?” O tom manso da minha voz mal foi ouvido e minhas bochechas ficaram vermelhas com a possibilidade de eu ter que chamá-lo novamente.

“Sim, Srta. Vespertine?” Ele não se preocupou em se virar, mas continuou com a tarefa de coletar as larvas.

É claro que a turma se acalmou então. Claro que sim.

“Posso falar com você por um momento?”

“A respeito de?”

Você está brincando comigo? Eu deveria ter sido ousada e dito a ele que queria falar com ele sobre o cheque que ele havia me passado.

Isso o teria irritado, no entanto.

“É sobre minha nota,” eu menti.

“Tenho horário de expediente disponível para discutir esses assuntos, Srta. Vespertine. Convido-a a agendar um horário que seja melhor para você.”

Eu odiava isso. Odiava que tivéssemos voltado no tempo para essa dinâmica estranha que estava pior do que antes.

“É urgente, no entanto. Eu realmente gostaria de apenas alguns minutos do seu tempo.”

“Receio que isso não seja possível agora. Estou muito ocupado.”

Se não estivéssemos em uma sala de aula cheia de outros alunos, eu o teria chamado pelo nome. Tirado-o dessa postura fria e distante que estava adotando.

Ross finalmente começou sua palestra, um tópico animado sobre controle mental que atraiu o envolvimento de outros alunos.

“Você teria alguma vaga amanhã?” Minha voz mal se sobrepunha ao estrondo das vozes, enquanto os alunos mantinham discussões silenciosas.

“Receio que estou lotado a semana toda.” A luz roxa fluía através da jarra de vidro enquanto ele a segurava, examinando o grupo de bagas dentro. “Você pode encontrar uma vaga disponível na próxima semana.”

Ocupado? Com o que? Suas fãs que apareceram com listas de perguntas só para flertar com ele?

“Tudo bem.” Eu queria gritar. “Está bem. Tenho certeza de que posso conseguir um encontro particular com Ross.”

Com isso, ele finalmente se virou com um olhar absolutamente assassino esculpido em sua expressão. “Amanhã, Srta. Vespertine. Depois da aula.” O toque de raiva em seu tom me disse o que o homem nunca admitiria na minha cara.

Ele estava com ciúmes.

E, caramba, pensar nisso fez meu coraçãozinho retorcido cantar.

Quando saí do laboratório Midnight, avistei uma luz em um dos outros laboratórios do outro lado do corredor, onde Briceson estava sentado em um banco, digitando furiosamente em seu computador. Curiosa, abandonei o grupo

que seguia para o ônibus e entrei na sala, que estava vazia além dele.

“Ei.”

Ele ergueu os olhos do computador e sorriu. “E ai, como vai?”

“Quebrando a cabeça aqui, ou o quê?”

“Sim. Tenho um projeto de pesquisa para entregar amanhã.”

“Oh. Eu provavelmente não deveria incomodar você.”

“Não, está tudo bem. Eu poderia usar uma pausa.” Ele apontou para um dos bancos à sua frente.

Eu teria que voltar a pé para o meu alojamento, mas não seria a primeira vez que faria isso. Agora que eu sabia que o homem da máscara de pássaro não passava de uma alucinação, não o tinha visto tanto. Isso, ou eu apenas parei de procurá-lo.

“Então, qual é o assunto?” Eu perguntei, espiando suas anotações.

“Na verdade, estou muito animado com isso. Então, você conhece a pedra preta, certo?”

“Como as que vendem nas farmácias da cidade? Sim.”

“Bem, o departamento de química está trabalhando na catalogação de um metal recém-descoberto encontrado na rocha, chamado casteyon.”

“Uau. Achei que essa pedra era muito difícil de encontrar. Um dos moradores me disse que é perigoso colhê-la.”

“Definitivamente não é tão abundante como antes. Séculos atrás, a bacia tornou-se instável, formando uma enorme fenda, e parte da ilha afundou no oceano”, disse ele com um gesto das mãos, a excitação pelo seu projeto fluindo para a sua explicação, e isso me fez pensar em Bramwell. “Foi assim que terminamos com Bone Bay”, tagarelou Briceson. “A rocha se separou e agora constitui um dos declives mais profundos ao redor de Dracadia. É muito assustador, na verdade. As águas rasas têm cerca de um metro e meio de profundidade e, em seguida, *boom*, uma queda vertical de quatrocentos metros. É onde você encontra a pedra preta mais concentrada, dentro das cavernas subaquáticas, mas fica por toda Bone Bay, no cascalho da costa. Foi assim que descobrimos, na verdade. Nas

moelas das gaivotas e dos corvos que comem as pedrinhas.”

Eu sabia, por cuidar dos pássaros da minha mãe, que eles não tinham dentes e usavam as pedrinhas, chamadas gastrolitos para moer os alimentos durante a digestão. Isso me trouxe à mente um esboço que vi em um dos livros que li sobre a história da ilha. A caveira com dentes de pedra preta, pertencente a um membro da tribo Cu'unotchke. Poderia ter sido a mesma pedra? “Isso é fascinante. Um metal totalmente novo? Isso não vai mudar toda a tabela periódica?”

“Bem, sim. Temos que confirmar que é, de fato, novo e que cumpre os critérios de descoberta, e depois submeter à União Internacional de Química Pura e Aplicada. É muito legal, no entanto. Eu só preciso me recompor neste papel. Mas... acho que vou encerrar esta noite. Posso acompanhá-la de volta ao seu dormitório?”

“Não precisa fazer isso.”

“Eu insisto. Não é Covington aqui, mas você ainda precisa ter cuidado. É melhor andar em duplas.”

“E o que acontece quando *você* tem que voltar sozinho?”

Ele bufou uma risada e encolheu os ombros. “Meu dormitório não fica longe do seu. Há uma câmera e uma estação de emergência. Bem iluminado.”

“Então, que tal caminharmos um com o outro até esse ponto e nos separarmos lá?”

“Não acho uma boa ideia. Eu me ofereci para te acompanhar, então vou te acompanhar.”

“Bem, se você insiste.” Esperei que ele arrumasse seu laptop e anotações espalhadas, e nós dois saímos juntos do Emeric Hall. “Posso perguntar uma coisa que está me incomodando?”

“Claro.”

“Qual era a relação entre Jenny Harrick e Mel? Quero dizer, até onde eu sei, Jenny namorou o melhor amigo de Spencer, certo?” A queda nas temperaturas deixou minha pele arrepiada enquanto atravessávamos o pátio.

“Admito que não sei muita coisa fora da perspectiva de Mel, mas sim. Acho que Mel concordou em sair com Spencer. Até ele, você sabe...”

Era estranho que ele não quisesse dizer isso em voz alta. “Você acha que foi o pai de Spencer quem o deixou escapar? Parece que drogar um estudante seria motivo de expulsão.”

“Poderia ter sido, se presumirmos que Mel está dizendo a verdade.”

Eu já sabia que ela tinha contado a verdade depois da minha conversa com Spencer, mas foi interessante que ele questionou.

“Na verdade, foi a professora Gilchrist quem apoiou sua história.”

“O que?” A imagem dela segurando sua virilha passou pela minha cabeça. De novo.

“Sim. Ela alegou que estava dando aulas particulares para ele no momento em que Mel teria sido drogada. Ela alegou a mesma coisa quando Jenny desapareceu.”

Eu sabia que a primeira era mentira, com base na confissão de Spencer. Seria possível que ela tivesse mentido por ele novamente? — Spencer era suspeito, afinal?

“Talvez brevemente. Mas todos tinham certeza de que Bramwell tinha algo a ver com o desaparecimento dela. A história é que ele a matou e a jogou em um dos incineradores.”

Que boato horrível. Mesmo que eu tivesse certeza de que não era verdade, ainda assim senti um arrepio na espinha. “Havia câmeras?”

“Sim. Acho que falta alguma filmagem depois que Jenny saiu do laboratório de Bramwell. Eles *afirmam* que houve alguma interrupção quando a filmagem foi armazenada na nuvem. A sequência do vídeo desapareceu de alguma forma e os carimbos de data e hora estavam errados.”

“Mas provavelmente alguém mexeu nisso, certo?” Eu certamente não sabia o suficiente sobre câmeras de vigilância e armazenamento em nuvem, mas parecia incomum que uma sequência tão crítica tivesse simplesmente desaparecido.

“Acho que sim. Mas o que eu sei? Sou apenas um estudante de química.”

“Você acha que Bramwell teve algo a ver com o desaparecimento dela?”

Ele soltou um suspiro e encolheu os ombros. “Não sei. Eu gostaria de pensar que não, mas a família dele tem uma história muito mórbida. O assassinato está definitivamente em sua genética. Ele tinha um irmão que também desapareceu. É como se toda a sua família fosse uma série de teorias da conspiração.”

Eu conhecia a história por trás de seu irmão e vi a dor nos olhos de Devryck quando me contou sobre ele. Foi apenas por curiosidade que perguntei a Briceson, para ver o que o corpo discente também havia imaginado sobre aquele pedaço de seu passado. “Então, você acha que Bramwell pai também estava por trás do suicídio em massa.”

“Está documentado no estudo que ele injetou alguma coisa naquelas mulheres. Algo que mexeu com suas cabeças. Eu acho que ele mesmo as afogou? Talvez não. Mas acredito que ele é a razão pela qual estão mortas.”

Finalmente chegamos ao temido trecho da floresta. Um arrepio atingiu minha nuca enquanto nós dois caminhávamos na escuridão. Diferente da sensação que tinha ao sair do metrô à noite, voltando para casa. Lá, eu era uma entre centenas de pessoas que andavam pela rua à noite. Aleatória. Aqui, um ataque parecia mais íntimo. Pessoal.

O pequeno bosque se abria para o gramado do meu dormitório. “Bem, acho que é aqui que nos separamos, hein?” Eu perguntei, puxando a carteira que continha meu cartão de identificação da minha bolsa.

“Sim. Ei, não mencione para Mel que eu te contei aquela coisa sobre Jenny.”

“OK. Posso perguntar por quê?”

Ele olhou ao redor, como se ela estivesse em algum lugar ao alcance da voz, e dando um passo em minha direção, baixou a voz. “Ela é muito sensível em relação à especulação. Ela e Jenny eram próximas. Na cabeça dela, Bramwell fez isso.”

“Ela realmente está interessada no cara, hein?”

“Acho que sim. Mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em que ela falava muito dele, como qualquer outro aluna que está apaixonada pelo cara. Mas então Jenny desapareceu e de repente ela mudou de ideia. Como eu disse, não é como

se ele não tivesse um histórico para suspeitar dele.”

“Sim.” É engraçado como senti o contrário – que não havia o suficiente para condená-lo. “De qualquer forma, vou deixar você ir para o seu dormitório. Boa noite.”

“'Noite.”

Subi correndo a escadaria e abri a porta para a equipe residencial que estava conferindo os cartões de identificação. Suspirei aliviada enquanto Mel estalava os dedos impacientemente, esperando pelo meu cartão de identificação.

“Vamos, Vespertine. Tenho quinze minutos antes de poder ir para a cama.”

Do meu bolso, puxei meu cartão, segurando-o para que ela pudesse escanear.

“Laboratório Midnight, hein?” ela perguntou, devolvendo-o para mim.

“Sim. Estou voltando de lá.”

“Veio a pé?”

Olhei para o outro membro da equipe folheando seu telefone, aparentemente desinteressado em nossa conversa. “Briceson me acompanhou até aqui.”

“Estou surpresa que não tenha sido Spencer,” ela disse amargamente.

“Eu me distanciei um pouco dele. Você estava certa.”

Ela revirou os olhos. “Mas quando estou errada?”

Talvez eu devesse ter sido mais ousada e franca sobre Spencer ter me drogado também. Minha situação era um pouco mais complicada, no entanto. As investigações teriam levado a exames profundos que apontariam para o envolvimento do Professor Bramwell naquela noite. Ter Gilchrist nas minhas costas já era ruim o suficiente. Ela não disse mais nada sobre minha pontuação no teste ou sobre colar de Spencer, então talvez ela tenha decidido retirar a acusação. Talvez fosse como Bramwell disse – não havia provas suficientes para comprovar isso. No entanto, não pude deixar de me perguntar: se eu tivesse apresentado a acusação contra Spencer, tornado-a pública, como Mel fez, ela teria mentido por ele novamente? Teria me feito parecer mal para provar o ponto dela de que eu não pertencia aqui?

Quando passei por Mel, ela deu um tapinha rápido no ombro do outro funcionário. “Ei, estou subindo agora. Você cuida dos últimos minutos?”

“Sim.”

Entrei no elevador e ela me seguiu. No momento em que as portas se fecharam, ela se virou para mim.

“O que está acontecendo entre você e Bramwell?”

Quando o elevador entrou em movimento, ela apertou o botão de parada, interrompendo nossa subida. Uma onda de pânico travou meus músculos. Os elevadores sempre me assustaram, só de pensar em ficar presa neles, mas os elevadores antigos, em particular, me aterrorizavam. Mantive meus olhos naquele botão, enquanto ela me olhava com expectativa.

“Não há nada acontecendo.”

“Por favor. Eu não sou idiota. Eu vi você sair do laboratório dele à noite.” Considerando que a entrada dos fundos do laboratório ficava atrás de Emeric Hall, ela devia estar me espionando.

“Você está me seguindo ou algo assim?”

“Essa ideia te preocupa?”

O resultado final era: ela não tinha provas de nada. O laboratório de Bramwell era como uma fortaleza, então o que diabos eu estava fazendo me encolhendo diante dela como uma estudante assustada, afinal?

Eu cresci com algo pior do que Mel. Fui abordada por pessoas muito mais perigosas.

Estendi a mão para o botão do elevador e, quando ela agarrou meu braço, afastei-a de cima de mim e lancei-lhe um olhar de advertência que deve ter sido pura morte, pela maneira como ela recuou. Assim que o elevador entrou em movimento, o aperto de ansiedade em meus pulmões se soltou. “O que eu faço não é da sua conta.”

“Só estou avisando para você ter cuidado. Tudo começou como uma obsessão por Jenny, e...

“Você. Você não se sentiu atraída por ele uma vez?”

O elevador apitou e a porta se abriu para o corredor vazio do meu andar. Quando ela não respondeu, saí do elevador e me virei para encará-la.

“Sim. Eu o achei atraente uma vez. Aí aprendi que o bom professor é na verdade um monstro. Cuidado, Lilia.”

As portas se fecharam.

———

Abri a foto que tirei no meu telefone do crânio de Cu'unotchke e ampliei novamente os dentes afiados. Curiosa, entrei na minha conta da Biblioteca Dracadia no laptop e cliquei nos textos do Adderly Memorial. Percorrer as páginas da história da tribo Cu'unotchke me levou à foto de uma jovem com longos cabelos negros e olhos escuros. Tinha sido tirada no início do século XIX – mais ou menos na época em que a tribo havia sido praticamente exterminada. Dois de seus dentes foram substituídos por pedras pretas, o que já era interessante por si só, mas quando aumentei o zoom, outra coisa chamou minha atenção. Os botões de boneca presos em seu braço.

Franzindo a testa, aproximei-me, notando que um dos botões parecia ser um pequeno botão de metal disforme com uma cruz de ferro gravada nele.

Saindo da cadeira, corri em direção ao armário e removi a pequena caixa de madeira que continha todas as minhas bugigangas encontradas e levantei o pequeno botão que notei preso na porta na minha primeira noite aqui. Voltei para minha mesa e comparei-o com o que havia ampliado.

O mesmo botão.

Capítulo 53

Lilia

A conversa com Briceson consumiu minha cabeça quando saí da Dragon's Lair, sem ter comido nada além de uma torrada de abacate e um café com leite que havia pago no cartão de Bramwell. Passei metade da noite pensando nas pedras pretas que Briceson mencionou nos pássaros e no crânio que vi na fotografia, tentando estabelecer uma conexão entre eles.

Com o copo preto para viagem na mão, fui até a aula de Bramwell, caso ele se desse ao trabalho de dar uma aula hoje, e senti a pressão de uma tempestade que se aproximava fazendo cócegas na minha nuca. Vermelhos vibrantes, laranjas e amarelos coloriam as árvores, enquanto todo o outono se instalava sobre o campus, e nuvens cinzentas pairavam pesadas e espessas em um céu que prometia chuva. A eufonia dos pássaros matinais emprestava um canto tranquilo ao meu caminhar, enquanto uma brisa errante alimentava o cheiro das folhas molhadas. Embora a temperatura permanecesse em meados de vinte graus, quente para aqueles de nós que sofriam invernos brutais como regra geral, o ar gelava minhas pernas nuas. Esperava-se que a temperatura subisse para trinta graus em algum momento do dia, então não fiquei muito preocupada com a roupa que escolhi, mas com certeza era uma caminhada gelada.

Bebi meu café com leite caro para me manter aquecida, parecendo qualquer outra aluna correndo para a aula, a tampa do meu copo marcada com o batom

que eu fazia questão de usar.

Porque eu não era qualquer outra aluna. Fui eu quem deu um boquete no professor e levou um cheque de cinco mil na bolsa dela.

Ele também não era como nenhum professor que eu já conheci.

Ele estava mal-humorado, como dias chuvosos e café amargo. Sussurros sensuais em cantos escuros e a queima lenta do uísque fino.

Um tormento que odiava e acolhia ao mesmo tempo.

Com exceção de alguns madrugadores, o auditório estava quase vazio e eu me apressei para me sentar. Um rosto completamente estranho caminhou até o púlpito, onde desempacotou livros e papéis, e meu coração afundou quando ele se apresentou como professor assistente.

Por outras palavras, o Professor Bramwell tinha se esquecido do nosso encontro ou tinha-o ignorado.

Desanimada e entediada, fiz anotações, enquanto o professor Humdrum fazia um relato brando do ciclo de vida do Noctisoma – um tópico que já havíamos testemunhado em primeira mão no laboratório. Foi só quando ele mencionou que algumas gaivotas e corvos conseguiram evitar a infecção, apesar de gostarem de consumir noxberries e mariposas Sominyx, que me animei.

Levantei a mão e, quando ele me reconheceu, perguntei: “E os morcegos?”

“Os morcegos, infelizmente, *não estão* imunes. Quando se alimentam de uma mariposa Sominyx infectada, sucumbem rapidamente à infecção e são frequentemente encontrados flutuando na água.”

“Eles não têm gastrolitos, correto?”

Ele pareceu pensativo por um momento. “Que eu saiba, não.”

“Por que apenas algumas gaivotas e corvos evitam a infecção?”

“Essa seria uma pergunta para o Dr. Bramwell, infelizmente.”

Claro que sim.

Com um aceno de cabeça, recostei-me na cadeira. Minha cabeça ficou intrigada com as peças que me foram dadas, enquanto o professor continuava com sua

aula. Os morcegos sucumbiram. Algumas gaivotas e corvos não. Estes últimos usavam gastrolitos para digerir os alimentos. A questão era: das aves que foram infectadas, quantas tinham gastrolitos de pedra preta?

Desejei que o Professor Bramwell estivesse lá para responder e domar a curiosidade que girava em minha cabeça.

Spencer estava sentado duas fileiras atrás de mim, e cada vez que eu sentia um olhar ardente na parte de trás da minha cabeça, eu me virava e o via olhando para mim. Tentando ignorá-lo, assisti o resto da aula, grata quando finalmente chegou a hora de fazer as malas. Foi então que o professor Bramwell entrou na aula com aquele andar arrogante e dominante que fazia doer os ovários de uma menina. A visão dele provocava uma agitação em meu peito, como folhas secas caídas em um túnel de vento. Ele aproveitou um momento para apertar a mão do professor assistente e, quando seu olhar pousou em mim, quase parei de respirar. Por que diabos ele tinha que ficar tão bem em seu jeans escuro e camisa de botão branca ao lado do Sr. Calça Cáqui e Pulôver? Como se ele estivesse tentando me atormentar?

Uma das outras meninas da turma aproximou-se dele, como se quisesse fazer uma pergunta. Observei enquanto ele não lhe dava mais do que um minuto de atenção antes de direcioná-la para o assistente ao lado dele. Quase pude sentir a decepção irradiando dela.

Enquanto pendurava minha bolsa no ombro e descia até a frente do auditório, seu olhar encontrou o meu e ele balançou a cabeça para que eu o seguisse.

Sem esperar que eu o alcançasse, ele saiu da sala.

Corri atrás dele e, quando saí da sala, avistei-o caminhando em direção ao canto oposto do corredor.

“Ei,” Spencer disse por trás. “Posso falar com você por um segundo?”

“Oi, desculpe. Eu tenho que correr.”

Ele estendeu a mão e agarrou meu pulso. “Por favor.”

Foi apenas o olhar de súplica em seus olhos que me fez parar. “O que?” Um ar de aborrecimento engrossou meu tom. Quando ele não respondeu, eu me afastei dele. “Spencer, não tenho tempo para isso”, eu disse, minha impaciência se

transformando em irritação total.

Em vez de responder, ele me arrastou para uma pequena alcova no corredor e torci o braço para me soltar.

“Spencer!”

Uma vez fora do corredor principal, ele me empurrou contra a parede atrás de mim. “Minha mãe me contou... uma coisa”, ele sussurrou, sua garganta balançando ao engolir, a voz trêmula. “Lippincott não é meu pai.”

Eu congelei, franzindo a testa enquanto olhava para ele. “O que?”

“Ele não é meu verdadeiro pai.”

As palavras não vieram à mente. Eu não sabia o que dizer a ele. Como responder sem parecer idiota, e os segundos passavam antes que Bramwell ficasse impaciente e desistisse de nossa reunião.

“Sinto muito, Spencer. Não sei o que dizer.”

“Eu não sinto muito. Estou exultante. Muito feliz.” Em meio às lágrimas, ele riu, o contraste de suas emoções era perturbador, como se pudesse explodir a qualquer momento.

“Então... acho que estou feliz por você?”

Seu rosto se suavizou. “Eu sabia que você estaria.” Antes que eu percebesse o que me atingiu, ele pegou meu rosto entre as palmas das mãos e pressionou seus lábios nos meus.

Minha coluna ficou em posição de sentido, os músculos rígidos com o choque que subiu pela minha garganta, prendendo o ar. Quando soltei um protesto abafado, ele quebrou o beijo, com o peito arfando e lágrimas escorrendo pelo seu rosto. “Por favor, estou te implorando. Encontre-me esta noite. No pátio fora das áreas comuns.”

Ao balançar minha cabeça, ele se inclinou, como se fosse me beijar novamente e eu pressionei a mão em seu peito para impedi-lo. “Não.”

A expressão magoada em seu rosto poderia ter conquistado um pouco de simpatia de minha parte, se ele não tivesse pisoteado meus limites com tanta ousadia.

“Sinto muito”, disse ele. “Eu não deveria ter feito isso.” O que poderia ter sido um pedido de desculpas genuíno, dificilmente passou pelos pensamentos conflitantes em minha cabeça, enquanto eu tentava entender o que diabos tinha acabado de acontecer.

Dar um passo para o lado ofereceu distância suficiente para recuperar um pouco da compostura perdida. “Spencer, eu te disse desde o começo, não é assim. Eu não estou... eu não posso…”

“Lilia…”

“Eu tenho que ir.” Com a cabeça latejando em calamidade, corri pelo corredor em direção ao local onde vi Bramwell ir. Virar a esquina me levou a outro corredor, mas ele não estava à vista.

“Merda”, murmurei, olhando para uma sala de aula lotada. A próxima era um pequeno auditório, mas igualmente lotado. As próximas duas salas no lado oposto do corredor eram iguais. Só quando cheguei à última sala, que dava para um auditório vazio, é que o encontrei encostado na parede da frente da sala, com os braços cruzados.

Com a boca seca de repente, engoli em seco ao me aproximar, minha cabeça ainda girando com o que havia acontecido com Spencer. “Não teria sido mais fácil nos encontrarmos em seu laboratório?”

“Mais fácil para você? Talvez.” Seu olhar passou por mim, permanecendo em minhas pernas por um momento antes de levantá-lo. “Para mim? Não.”

Ainda me recuperando do beijo indesejado, enfiei a mão na bolsa e tirei o cheque não descontado, um pouco humilhada quando ele tremeu como uma folha na minha mão estendida. “Não posso aceitar isso.”

Ele não deu nada mais do que uma rápida olhada nele. “Você o quer tanto que provavelmente está se consumindo por dentro agora.”

Incapaz de olhá-lo nos olhos, balancei a cabeça. “É demais, Devryck.”

Ele se afastou da parede, sem se preocupar em descruzar os braços. “Desconte a porra do cheque.” O tom agudo de sua voz chamou minha atenção para a expressão igualmente irritada em seu rosto.

“Por quê? Então você pode me olhar com pena? Me chamar de patética?”

“Por que você tem que ser tão teimosa? Você precisa do dinheiro. Eu ficarei bem sem ele.”

Eu silenciosamente tentei entender o pensamento de que o que me salvaria naquele momento não era nada para ele. Uma ninharia. Abaixando o braço, olhei para ele, dizendo a mim mesma que não deveria pegá-lo. “Trabalhar para você não era uma questão de dinheiro, sabe.” Limpando a garganta, pisquei para afastar a névoa em meus olhos, um cataclismo de emoções martelando meu cérebro. “Vou pagar você de volta.”

“Não vai. Você não pode.”

“Então, me diga como *posso* retribuir?” Dobrei o cheque ao meio, me perguntando o que ele faria naquele momento se eu o rasgasse em pedaços na frente dele. “Eu não posso simplesmente aceitar isso. Não está certo.”

“Também não é certo se deixar afundar intencionalmente na areia movediça. Concentre-se em você mesma pelo menos uma vez. E elimine os obstáculos que estão no seu caminho.”

Suspirei com isso. “Você nunca foi um obstáculo.”

“Só porque não fomos pegos.”

Eu odiava que ele conseguisse se manter tão calmo, enquanto eu sentia como se minhas entranhas estivessem sendo esmagadas por uma bola de demolição. O caos absoluto de querer envolver meus braços ao redor dele por ter eliminado sozinho meses de estresse e preocupação, enquanto ao mesmo tempo queria rasgá-lo, do jeito que sua indiferença me rasgava. “Por que está fazendo isso comigo?”

“O que eu estou fazendo?”

Não estava escrito na minha cara? Eu tinha escondido a dor tão bem?

Coloquei o cheque na bolsa porque, no mínimo, ele parecia muito pesado em minhas mãos naquele momento. “Você empurra e puxa, e eu sinto que estou sendo despedaçada.”

Sua risada sombria ecoou pela sala, e eu olhei para cima, franzindo a testa para a audácia dele rindo de mim quando eu me sentia mais vulnerável. “Você acha que é a única?” Sua mandíbula endureceu, os lábios curvados em desgosto. “Não

existe uma lâmina afiada o suficiente para arrancar você da minha cabeça, Lilia. Eu teria que arrancar meus malditos olhos para não perceber cada movimento seu. Com quem você fala. Quem você beija, *porra.”*

Fiquei sem fôlego ao perceber que ele tinha visto o que aconteceu com Spencer. Oh, Deus, como deve ter parecido. Abri a boca para oferecer uma explicação, mas o ressentimento estampado em sua expressão me disse que isso não importava. Ao mesmo tempo, uma parte distorcida de mim gostava de poder machucá-lo daquela maneira. Que algo cutucasse suas emoções, quando parecia que ele estava tentando esquecer o que tinha acontecido entre nós.

“Somos apenas professor e aluna. Assim como antes.” Forcei o mesmo tom indiferente com que ele me deu. “Não era isso que você queria?”

“Somos mais do que isso e você sabe disso.” O cerrar de seus dentes quase me fez pensar que ele estava insultado pelo que eu disse.

“Eu não sei, na verdade.”

Esfregando a nuca, ele desviou o olhar. “Pelo amor de Cristo, pare de morder o lábio.”

Foi só então que percebi que estava mordendo meu lábio inferior enquanto passava minha língua por uma leve picada ali.

“Essas pequenas coisas que você faz, bagunçam minha cabeça.” Com a mão passando pelo cabelo, ele andou de um lado para o outro. “Há uma violência no meu sangue. Uma raiva que se retorce no meu estômago, e me deixa doente. Eu estou doente quando se trata de você. Tanto que até posso imaginar quebrar o pescoço dele…” Ele parou de andar, os olhos perdidos para seja lá quais imagens giravam pela sua cabeça, como se pudesse vê-lo vividamente nelas. “Eu não consigo controlar isso”, ele disse, cerrando os punhos com força. “Não consigo controlar isso porque ainda sinto você. Ainda cheiro aquele doce nauseante na sua pele que me enlouquece. Aquela cor de batom que me leva de volta àquela noite. Eu estou perdendo a cabeça!” Sua voz ecoou ao meu redor, sacudindo cada nervo do meu corpo para a vida, enquanto eu o via desmoronar.

Havia uma beleza nisso. A vulnerabilidade que eu ansiava ver nele. A angústia visível que se apoderava dele era inadequada para um homem tão controlado e desapegado. Ele estava desmoronando pelas costuras. Finalmente, havia um arranhão na armadura que ele usava como uma segunda pele. O que eu confundi

com indiferença não era isso, de jeito nenhum. Ele sofria e queimava tanto quanto eu.

Queria vê-lo desmoronar completamente, tornar-se imprudente, assim como eu. Que me agarrasse pela garganta e acabasse com essa resistência entre nós. “Por que você está lutando contra isso?”

“Você sabe muito bem.” Ele se aproximou, me apoiando contra a parede. “Não sou um dos seus malditos colegas de classe, Lilia. Eu sou seu professor. Seu futuro seria destruído. Você seria expulsa e mandada para casa, para seja qual for a vida que estava vivendo, e eu ficaria aqui, odiando o fato de ter fodido você. Que eu tirei *tudo* de você.”

“Isso, só se formos pegos”, sussurrei.

Cada emoção parecia passar por seu rosto, como uma batalha travada dentro de sua cabeça. Ele ergueu a mão, passando apenas o dedo pela minha bochecha enquanto sua língua passava pelos lábios. “As coisas que eu quero fazer com você...” Estremecendo, ele desviou o olhar e, quando recuou, peguei sua mão. Um olhar de tormento tomou conta de sua expressão enquanto eu passava a palma da sua mão pela minha bochecha.

Com os olhos fechados, concentrei-me na textura de sua pele, a sensação me levando de volta àquela noite. Beijei sua palma, passando-a pelos meus lábios, e agarrei seu dedo. Com o olhar fixo no dele, chupei-o em minha boca, movendo-me em toda a sua extensão, assim como fiz com seu pau no chuveiro, um rastro de batom marcando o caminho.

Com surpresa, ele me observou com olhos fortemente semicerrados. “Lilia...” Seu aperto aumentou em meu rosto, as veias do seu pescoço estalando enquanto ele rosnava de volta para mim. “Você quer saber como pode me retribuir?” A coragem em sua voz aguçou seu tom. “Pare de me fazer pensar em te foder todas as horas do dia, para que eu possa voltar ao meu trabalho!”

Exasperada, rangi os dentes. “Se é isso que você quer, então tudo bem. Vou parar.” Eu nem esperei pela reação dele quando passei por ele em direção à porta.

Um aperto forte na minha nuca foi o único aviso, antes que meu corpo girasse e ele batesse seus lábios nos meus em um beijo que não era nem gentil, nem calmo. Uma mão segurou meu cabelo, a outra segurou meu queixo. Ele me

beijou impiedosamente. Saqueando com raiva. E ele gemeu e mordeu meu lábio, cravando os dedos em minha pele com posse inabalável. E ciúme. Deus, o ciúme me atingiu em uma fúria punitiva, enquanto ele me segurava contra seu rosto e respirava pela boca.

Ao som de passos se aproximando, ele se afastou, com o peito arfando, e atravessou a sala de volta ao púlpito. Num gesto sutil, ele tirou o batom da boca, limpando-o nas calças.

Tentando recuperar o fôlego, de alguma forma entrei em ação depois daquele beijo e, depois de limpar os lábios como ele fez, escondi as mãos atrás das costas enquanto corria na direção oposta, colocando distância entre nós.

Uma mulher mais velha que não reconheci apareceu na sala e sorriu. “Oh, sinto muito, Professor Bramwell, não sabia que você estava realizando uma reunião.”

“Já estamos encerrando.”

Estremeci com a falta de ar em sua voz, algo que a mulher pareceu não perceber quando respondeu: “Sem problemas.”

Ela saiu rapidamente, seus saltos batendo contra o chão de madeira enquanto ela voltava pelo corredor.

Exalando um longo suspiro, ele esfregou a nuca. “Não ser pego é muito mais difícil do que você imagina. Até meu laboratório está sujeito a visitantes ocasionais.

“Teremos que ser criativos. Supondo que você esteja interessado.”

“Sabe muito bem que estou,” ele grunhiu, como se admitir isso o irritasse.

“Então, eu conheço um lugar. Na biblioteca. Há uma sala no topo que é usada principalmente para armazenamento.”

“E como alguém faria para encontrar *você* lá?”

“Tenho trabalho e estudo hoje à noite. Meu turno termina às oito horas. A rotunda na biblioteca só fecha depois da meia-noite. Eu preciso te mostrar uma coisa, de qualquer maneira. Algo que acho que você pode achar fascinante.”

Com sua carranca habitual, ele pegou sua bolsa no caminho para a porta e parou ao meu lado. “Se você for inteligente, não aparecerá.”

Com um erguer desafiador do meu queixo, olhei para ele. “E se me quer tanto quanto afirma, você o fará.”

Capítulo 54

Lilia

Do carrinho, peguei dois textos de física e coloquei-os na prateleira onde pertenciam. Uma olhada no meu relógio mostrou que faltava apenas mais cinco minutos antes do meu turno terminar, e eu não aguentava mais. Meu estômago revirava com a incerteza, se ele iria ou não aparecer.

Assim que o relógio bateu, alertei Kelvin, como fazia normalmente, e peguei minha bolsa, parando no banheiro no caminho para ter certeza de que não havia comida do jantar presa em meus dentes. Tirei minha calcinha, me sentindo muito mais confiante desde a noite em que apareci para a aula sem ela, e enfiei-a na minha bolsa antes de correr para a sala rotunda.

O teto da estrutura circular era uma cúpula de vidro que se erguia sobre o piso de mármore, dois andares abaixo dela. Um nível superior de salas contornava seu perímetro, cercado por um corrimão. Através de uma porta estreita, subi uma escada estreita até o segundo andar e espiei dentro dos cômodos em busca de Devryck. Prateleiras de livros cobriam as paredes de cada sala separada e, embora houvesse escrivaninhas com luminárias para estudo, o andar inteiro muitas vezes ficava completamente vazio. Atravessei os arcos altos e encontrei Bramwell de costas para mim, num canto escuro de uma pequena área de estudo, escondido atrás de uma parede de livros. Um pequeno recanto ao lado de uma janela que dava para o pátio.

Fechei a porta da sala e, girando a fechadura, ficamos completamente sozinhos.

“Todos os anos que estive nesta universidade, nunca estive aqui”, disse ele, ainda sem se virar para olhar para mim.

“Só vim aqui algumas vezes. É aqui que todos os textos históricos de Dracadia são guardados.” Eu andei ao lado dele, olhando para onde a vida no campus fervilhava. “É tão bonito.”

“Você apareceu.” Seu tom carregava um toque amargo de raiva.

“Você também.”

“Não tive escolha. Você é tudo em que pensei desde esta tarde.” Mãos rápidas puxaram meu braço e minha coluna bateu na parede atrás de mim, derrubando minha bolsa no chão ao nosso lado. Seus lábios colidiram com os meus, febris e impacientes. Línguas e dentes. Frenético.

Ele levantou meu colete sobre minha cabeça, revelando uma camisa branca de botões por baixo, e jogou-o de lado. Sua respiração acelerou e seu gemido rouco vibrou contra meus lábios. Depois de um momento mexendo nos botões da minha camisa, ele deu um puxão forte, sacudindo meu corpo e rasgando-o. Os botões voaram e caíram no chão. “Vou comprar outra para você”, ele disse contra meus lábios. O ar frio atingiu meu peito enquanto ele tirava o sutiã de renda.

Do outro lado da sala havia um elaborado espelho dourado que preenchia um dos painéis quadrados de madeira da parede. No reflexo, vi nós dois juntos - eu, uma bagunça desgrenhada com o peito para fora e uma expressão de euforia pintada em meu rosto, e ele de camisa e calça pretas, um espectro sombrio, sussurrando palavrões em meu ouvido.

“Você já pensou naquela noite? Quando eu lambi e chupei aquele seu pequeno clitóris?” Ele rolou meu mamilo entre os dedos, e minhas pálpebras ficaram pesadas quando uma necessidade inebriante puxou minha barriga.

“Sim.”

“Você se toca pensando nisso?” Quando não respondi imediatamente, perdida em seus cuidados, ele beliscou os dois mamilos, provocando um pequeno choque de dor. “Diga-me.”

Com a boca seca, eu balancei a cabeça.

Palmas ásperas deslizaram pelos meus braços enquanto ele os guiava sobre minha cabeça e algemava meus pulsos com as mãos acima de mim. “Estou morrendo de fome por você desde então.” Lábios famintos caçaram minha garganta, enquanto sua mão livre espalmava meu seio exposto. Ele pausou seu beijo apenas o tempo suficiente para sugar um dos meus mamilos em sua boca, o pequeno puxão provocador entre seus dentes provocou um gemido em meus lábios. Ainda me mantendo cativa com uma mão, a outra mão deslizou pela barra da minha saia e ele congelou.

Sorri e mordi o lábio com sua descoberta. “Achei que seria mais conveniente sem ela.”

“Foda-se.” No momento em que seu dedo fez contato com minha pele sensível, arqueei-me contra ele, deixando escapar um gemido baixo, tomando cuidado para evitar que qualquer som ecoasse pela rotunda. “Se você aparecer na aula assim, vou te chamar de lado e dar uma surra na sua bunda.”

“Isso é uma ameaça ou uma promessa?”

Gemendo, ele deu um tapa na minha bunda, como se para provar seu ponto de vista. A dor atingiu minha bochecha e eu me empurrei contra ele com um grunhido baixo. Ele voltou às suas carícias suaves sobre o pedaço de carne necessitado, que doía e latejava na ponta.

Outra olhada no espelho, e percebi o queixo caído e a luxúria bêbada em meu rosto enquanto ele me provocava. Quão completamente embriagada o homem me deixava.

Como se percebesse o que chamou minha atenção, ele se virou para o espelho.

“Você gosta de assistir?”

Lambendo meus lábios, balancei a cabeça.

Dois dedos empurraram para cima de mim em um deslizamento molhado, e eu o senti estremecer ao meu redor. “Veja como seu corpo se rende lindamente a mim quando meus dedos estão dentro de você.”

Soltei um suspiro trêmulo, enquanto ele subia minha perna até seu quadril. Com a bochecha pressionada contra a minha, ele forçou minha cabeça a ficar

observando, enquanto ajeitava minha saia até meu quadril, minha perna levantada oferecendo uma visão clara de minha pele nua. “Você está rosa e perfeita agora, mas estará uma bagunça vermelha e inchada quando eu terminar com você.” Suas palavras se enraizaram na minha cabeça enquanto eu apertava seus dedos.

Cavei luas crescentes em seus bíceps e lutei para me manter de pé, enquanto meus joelhos enfraqueciam.

Com o lábio inferior preso entre os dentes, descansei minha cabeça contra a parede enquanto ele bombeava para dentro e fora de mim, enrolando o dedo com cada impulso. Sons molhados ecoavam ao meu redor, dentro da minha cabeça, enchendo meu cérebro com imagens obscenas de nós dois. Mais rápido, ele bombeou enquanto esfregava o polegar sobre a bola elétrica de nervos que me fez sufocar com um gemido. Com os olhos fechados, concentrei-me na força de seus dedos e na umidade que vazava de mim, escorrendo pelas coxas.

“Você ouviu isso, Lilia? Como sua bucetinha gananciosa chora por mim. Veja a bagunça que fez nos meus dedos.”

Virei-me em direção ao espelho, onde ele ergueu minha saia, dando uma visão clara de sua pele que brilhava com minha excitação escorregadia. “Você me deixa assim,” sussurrei.

Um som profundo e zombeteiro de diversão causou um arrepio na minha pele. “Você não quer saber o que faz comigo, Pequena Mariposa.” Ele mexeu os dedos, tão profundamente dentro de mim que fiquei na ponta dos pés, soltando um gemido quando seu polegar pressionou contra meu clitóris sensível. Os dentes roçaram meu queixo. “Isso é o que vejo à noite, quando estou encharcado de suor, acariciando meu pau pensando em você.” Ele deu um beijo atrás da minha orelha. “Você me faz gozar com tanta força que não consigo respirar depois.”

Suas palavras obscenas envolveram minha cabeça como demônios dançantes, puxando as cordas. Apertado. Tão apertado que cada célula do meu corpo tremeu, enquanto eu me agarrava aos seus dedos, desesperada, quente e necessitada.

“É isso. Goza para mim.”

A dor profunda e crescente que ele invocou escapou em um soluço sem lágrimas,

enquanto meus músculos cederam e um prazer avassalador percorreu minhas veias. Inclinei a cabeça para trás, com a boca aberta em torno de um grito que ele capturou com a palma da mão. Numa explosão ofuscante, sucumbi a explosões de êxtase percorrendo meus músculos em pulsos febris. Meus joelhos dobraram, mas ele me segurou enquanto circulava os dedos, extraindo as últimas gotas do meu orgasmo.

“Boa menina,” ele sussurrou, a palma da mão ainda pressionada na minha boca. Ele guiou meu rosto novamente em direção ao espelho, onde minhas pálpebras pesadas e minha postura fraca me faziam parecer bêbada. Com um beijo atrás da minha orelha, lentamente retirou os dedos que brilhavam com o meu orgasmo. “Vou te foder até delirar.”

No reflexo do espelho, observei-o enfiar os dedos na boca, e um som áspero de satisfação ressoou em meu ouvido quando ele descansou a cabeça na curva do meu pescoço. Ele respirou contra mim por um momento, o punho no meu cabelo, o corpo tremendo como se estivesse lutando pelo controle. “Você tem gosto de inocência, Lilia. Um bom homem se afastaria de você agora mesmo.”

“Você é um bom homem?”

Em vez de me responder, ele me levantou nos braços e me carregou até uma das mesas de estudo, onde me deitou de costas. Depois de plantar meus calcanhares na mesa, com as pernas totalmente abertas para ele, ele olhou para mim com o mesmo brilho reverente nos olhos da noite em seu escritório.

Eu nunca tinha feito algo sexual em um lugar público, onde as pessoas corriam de um lado para outro apenas um andar abaixo. Minha barriga apertou com a emoção espiralando através de mim. Embora a porta estivesse trancada, fantasiei alguém entrando e nos vendo, eu espalhada diante dele como um sacrifício.

Sua língua passou pelos lábios e ele se inclinou para frente. Com uma longa lambida em minha pele sensível, eu arqueei, com a boca aberta para um grito que não consegui soltar.

Ele gemeu e grunhiu enquanto chupava meu clitóris, mas eu queria mais. Não tanto a conexão física, mas emocional. Tê-lo dentro de mim e em cima de mim, e me sentindo tanto quanto eu o sentia.

“Devryck,” sussurrei. “Eu preciso de mais. Por favor.”

Suspirando, ele balançou a cabeça. “Não posso fazer isso, Lilia. Principalmente se você não tem muita experiência.”

Uma onda de vergonha aqueceu minhas bochechas. “Eu te disse, não sou virgem, nem nada. Meu primeiro só... não foi nada espetacular. Doeu. Eu sangrei. E provavelmente durou apenas um minuto e meio. Fizemos isso algumas vezes, e depois ele me abandonou.”

“Ele abandonou você?”

“Eu o peguei transando com outra garota atrás do teatro.”

Com isso, ele se acalmou, antes de respirar com dificuldade e esfregar a mão no rosto. Como se estivesse contemplando. Pensando demais. Lutando contra si mesmo.

“Quer você seja virgem ou não, o fato é que não sou um amante gentil. Não quero machucar você.” Seu olhar aquecido percorreu meu corpo e minhas costas, e uma expressão de dor passou por seu rosto. “Mas só de olhar para você desperta minhas compulsões. Uma necessidade voraz de pegar o que eu quero.”

Engoli em seco o nó na garganta, sem saber quais seriam as próximas palavras. Tudo que eu sabia era que não queria que ele parasse. Apesar de seu aviso, eu ainda o queria. *Ele.* Eu estava desesperada para saciar a ansiedade que ardia dentro de mim. Mergulhar no penhasco em águas desconhecidas. “Então pegue o que quiser.”

Com as sobrancelhas curvadas, ele olhou para mim. “Você tem certeza disso.”

“Sim. Tenho certeza.”

Baixando o olhar, ele revirou os ombros para trás, parecendo refletir sobre o assunto. Sem dúvida calculando riscos e consequências, como faria sua mente analítica.

Um baque forte ao meu lado foi a palma da mão dele atingindo a mesa e, com um grunhido de frustração, ele se endireitou, o tilintar de seu cinto foi uma pequena vitória. Ele desabotoou a calça, e foi então que percebi que isso estava realmente acontecendo. Eu estava prestes a foder meu professor.

Ele abaixou a calça e libertou aquele pau monstruoso.

Engoli em seco enquanto olhava para ele, alto e ereto, pesado e pronto para me atacar. A física me disse que ele nunca conseguiria colocar aquela coisa dentro de mim sem causar sérios danos. A maneira como ele casualmente o segurou na palma da mão como uma arma letal, me provocando com ele, me deixou desesperada e com medo de saber como seria ele se mover dentro de mim.

“Posso garantir que isso não vai durar um minuto e meio. Não sou um adolescente que goza no momento em que seu pau fica molhado. Sou um homem que fode muito e gosta muito do tormento da gratificação adiada. Você vai ficar dolorida. E eu realmente espero que você queira isso, Lilia, porque vai me odiar quando tudo acabar.”

“Por quê? Você vai me abandonar também?”

“Não acho que serei capaz de ficar longe de você depois disso. Mas deixe-me ser muito claro”, ele rangeu os dentes cerrados enquanto sua mão agarrava minha garganta. “Eu não compartilho. Se alguém *olhar* para essa boceta, terei prazer em dissecá-lo, começando pelos olhos.”

Parecia que o ciúme do beijo indesejado de Spencer ainda não tinha desaparecido completamente e, como antes, seus comentários psicóticos não deveriam ter causado um tremor no meu estômago. A posse em seu tom deveria ter me feito correr na direção oposta. Mas eu conheci bandidos durante toda a minha vida. Os tipos nojentos e vis que tiravam proveito das garotas e, no final das contas, não davam a mínima para elas. Conheci garotos que machucavam garotas para seu próprio prazer egoísta. Que depois as descartaram, como se fossem trapos inúteis e gastos.

Devryck era uma raça completamente diferente. Como ele havia dito: um homem, não um menino. O tipo que quebrava as regras ao foder sua aluna, mas era cortês com isso - dando prazer antes de tomar. Ruim, entretanto? Supus que isso ainda estava para ser determinado, mas estava disposta a correr o risco. Eu estava disposta a abrir mão do meu orgulho só para sentir o tipo de paixão sobre a qual só tinha lido nos livros. Eu queria suas mãos e dentes ásperos, sentir seu suor contra minha pele.

Quando estendi a mão para ele, gentilmente afastou meu braço e ficou se acariciando na minha frente, puxando a mão para em seu pau de uma forma que fez minhas coxas tremerem de antecipação. “Mostre-me o que eu não deveria querer. Faça doer.”

Engolindo em seco, deslizei meus dedos sobre a dor latejante entre minhas coxas. Olhos nos dele, mergulhei dois dedos dentro de mim e observei as veias de seu pescoço pulsarem até a superfície.

Ainda bombeando seu pau duro, ele lambeu os lábios com um brilho voraz nos olhos. “O que você pensa à noite, quando seus dedos estão profundamente enfiados nessa boceta? Me diga o que você quer.”

Uma necessidade voraz se enrolou dentro da minha barriga como espirais quentes. “Eu quero …”

“Suas coxas estão tremendo. Diz.”

“Eu quero seu pau.”

“É exatamente por isso que você usou essa saia, não é? Porque você provoca seu professor ao ponto da loucura. Você *precisa* ser fodida, não é?”

“Sim.”

Do bolso da calça, ele arrancou uma camisinha de um pacote, e observei com fascínio enquanto ele a alisava ao longo de seu pau inchado e faminto. Foi quando ele se alinhou na minha entrada que ele fez uma pausa e abaixou a cabeça. O conflito ficou claro na tensão de seus músculos.

“Faça isso. Por favor.” Eu o queria tanto que doía fisicamente.

“Porra, Lilia. Maldita seja.” Ele se enfiou lá dentro e um gemido me escapou. Ele prendeu os sons atrás de sua grande palma e eu respirei com dificuldade pelo nariz. “Shhh. Um pouco de cada vez.”

Com as mãos cerradas ao meu lado, balancei a cabeça.

“Vou devagar. Prometo que não vou forçar até que você esteja bem esticada.”

Eu ofeguei pelo nariz enquanto ele mantinha a mão sobre minha boca. Com pequenas estocadas de cada vez, ele se afundou mais profundamente. Mais profundo. Meus músculos se agitaram com sua intrusão rígida.

“Porra, você é tão apertada,” ele disse com uma respiração irregular. “Pegue um pouco mais.” Centímetro por centímetro, ele me encheu e esticou, a pressão dentro de mim aumentando, acolhendo-o com relutância, até que finalmente, em uma pontada dolorosa, ele estava completamente dentro.

Com as mãos fechadas em punhos apertados ao meu lado, continuei a respirar com dificuldade pelo nariz enquanto observava a plenitude vertiginosa de seu pênis dentro de mim. Meu corpo estava tão tenso que me senti tonta quando meus músculos relaxaram. *Deus, não desmaie.*

Inclinado sobre mim, ele se acalmou, apoiando a cabeça em meu ombro, os músculos rígidos e vibrando com o que imaginei ser energia reprimida e frustração pronta para me rasgar. “Você está bem?”

Ao meu sussurro “Sim”, ele levantou a cabeça e puxou os quadris para trás, depois avançou novamente.

“Eu precisava disso,” ele disse asperamente, sua mandíbula tensa e flexionada, enquanto ele enterrava seus quadris em mim tão profundamente que roubou meu fôlego. “Não posso te dizer o quanto eu precisava te foder, Lilia.”

Um som torturado saiu da minha garganta, capturado pela palma da mão dele, e ele balançou para dentro e fora de mim novamente, com golpes ásperos e poderosos. Saqueando, como havia prometido, mas cada deslize chegava mais suavemente. Agarrei seus braços, segurando-o, e algo dentro de mim mudou.

Absorvi a sensação de seu corpo contra o meu, o vigor de seus músculos tensos, a maneira como sua pele se movia sobre a minha, despertando um zumbido em meus nervos. As respirações silenciosas e gaguejantes. A escavação frenética dos dedos e o tremor de braços e pernas. Ele estava em todo lugar. Através da minha pele e dentro de mim, enrolando-se em meus ossos e músculos. Movendo-me como as ondas violentas do oceano, aquele mar profundo e vacilante, que me puxava como as marés.

Uma força primal terrível.

Inclinei a cabeça em direção à janela ao nosso lado, através da qual as estrelas brilhavam com constância em um mundo que parecia estar girando fora de controle. O tempo se liquefez entre nós, ondulando em correntes lentas que se curvavam e balançavam com nossos corpos suados. Eu estava escorregando, caindo, mergulhando em sentimentos que nunca havia sentido com ninguém.

O aperto no meu peito prometia uma dor implacável, mas não me importei. Eu queria isso. Precisava disso. Mesmo correndo o risco de ele me abandonar também.

E eu me odiei por isso. Odiava que estivesse tão faminta por paixão, faminta pela necessidade de sentir tanto ao mesmo tempo, que eu poderia até mesmo imaginar deixá-lo me ferir desse jeito, como um de seus cadáveres, de alguma forma trazido de volta à vida por suas mãos habilidosas.

Era demais e não era suficiente.

A comoção de tudo o que sentia naquele momento gerou uma névoa de lágrimas. O que eram esses sentimentos estranhos e alheios que tomavam conta de mim?

“Lilia,” ele sussurrou, a mão que me acalmou acariciou o topo da minha cabeça, e baixei o olhar para encontrar seus olhos cheios de preocupação. “Estou machucando você?”

“Não. Eu não... eu sinto... tanto.” Uma risada chorosa escapou enquanto eu tentava controlar minhas emoções. “Sinto muito, só não sei o que fazer com tudo isso.”

“O sexo deve sempre fazer você sentir alguma coisa. Apenas deixe ir.”

Uma lágrima deslizou pela minha têmpora e eu assenti.

Ele afastou a umidade e retomou suas estocadas, mantendo minha cabeça no lugar. “Mantenha seus olhos em mim, Lilia.”

Mais lágrimas derramaram pelas minhas bochechas, enquanto eu o observava olhando para mim – nossos olhares se encontraram, nossos corpos firmemente entrelaçados. Poderia ser mais perfeito? Eu poderia conhecer outra alma tão intimamente como naquele momento, com nós dois tão unidos? Sepultados pelo êxtase e pela vergonha de saber que havíamos violado a fronteira proibida e que não havia como voltar atrás.

O som de vozes e passos que se aproximavam o fizeram parar. A maçaneta balançou e eu coloquei a mão na boca, sem ousar respirar.

Ele me levantou em seus braços e me carregou para as sombras da sala, pressionando minhas costas contra a parede.

“Pensei que você tivesse dito que ninguém vem aqui”, ele sussurrou.

“Nunca vi ninguém aqui”, sussurrei de volta.

As vozes ficaram mais altas, me dizendo que agora estavam do outro lado da

parede.

Devryck deslizou a mão sobre minha boca, me segurando apoiada contra a superfície de madeira que pressionava minha coluna, sua ponta cutucando minha entrada encharcada.

“Há uma coleção inteira sobre a história Dracadiana aqui”, disse uma das vozes. “Eu poderia passar horas lendo esses livros.”

“Eca. Você é um nerd.” Outra voz riu. “O que está procurando, afinal?”

Enquanto os dois tagarelavam, pude sentir o pau de Devryck me empalando, pulsando de impaciência. Ele descansou a testa no meu ombro, com um hálito quente e trêmulo espalhando-se pela minha pele.

Lentamente, deslizei para baixo. Mais baixo. Até que seu pau deslizou de volta para dentro de mim, e quando me arqueei, seu aperto sobre minha boca ficou mais forte.

“Shhhh,” ele sussurrou, dando pequenas estocadas, dentro e fora de mim, seus olhos em chamas, com uma voracidade ardente que se recusava a ser sufocada. Um desejo febril fervia em minhas veias enquanto eu cravava minhas unhas em seus ombros musculosos.

Enquanto os dois estranhos do outro lado da parede conversavam sobre história e seus horários de aula, e outras conversas benignas, ele me fodeu.

Virei-me apenas o suficiente para ver nós dois no espelho.

O recuo na bochecha de sua bunda toda vez que ele avançava. A tensão em seus músculos e pescoço, e o poder em suas coxas com cada impulso controlado e movimento sinuoso de seus quadris.

A beleza crua da nossa foda imprudente se refletiu para mim como uma imagem sombria, que eu queria enquadrar dentro da minha mente.

Minha respiração saía em um som agudo enquanto meus músculos se contraíam, absorvendo o inchaço de seu pau me enchendo.

Seus dentes cerrados, mandíbula tensa e travada. O suor brilhava sobre seu corpo enquanto seus músculos flexionavam ao meu redor. Destruindo-me de dentro para fora.

Quando os passos finalmente recuaram, ele soltou um suspiro trêmulo e bateu em mim com mais força. Mais rápido. As batidas contra a parede marcavam o fervor em seu corpo.

A tensão ondulou dentro de mim. Torcida e enrolada, enquanto andava à beira de algo maravilhoso. Uma dor profunda floresceu em meus músculos tensos, e eu me arqueei contra ele, me rendendo a essa destruição arrebatadora. Ele gemeu e grunhiu enquanto me segurava com mais força, roçando em mim como uma fera selvagem. Cada vez mais rápido.

“Porra. Porra!” Com a mandíbula aberta, ele fechou os olhos com força e soltou um suspiro trêmulo de alívio. Longas veias em seu pescoço pulsavam com cada movimento instável de seus quadris. Seu corpo tremia tanto que pensei que ele fosse me largar. Um olhar de dor e êxtase tomou conta de seu rosto enquanto ele olhava para mim, enchendo-me com seu orgasmo.

Passei a mão por seu cabelo úmido, observando a euforia tomar conta dele, o foco e a intensidade enquanto ele sucumbia ao clímax. A coisa mais linda que eu já vi.

Algo mudou, eletrificando o espaço entre nós. As sombras de uma garota jovem e ingênua escapavam a cada respiração aguda que saía de mim. Eu era diferente agora. Mudei para algo que não reconheci – algo muito mais vulnerável. Exposta. Eu me perguntei se ele conseguia ver isso em meus olhos, a paixão patética que devia estar brilhando ali. Ainda bêbada com o que tínhamos feito, me virei, mas senti o aperto em meu rosto quando ele me guiou de volta para ele e pressionou seus lábios nos meus. Meu corpo deslizou pela parede enquanto ele me colocava no chão.

“Você é sublime”, ele sussurrou contra meus lábios e tirou a camisinha usada.

Observei com fascinação extasiada enquanto ele amarrava a ponta, os olhos arregalados com a quantidade de fluido capturado dentro.

“Jesus. Isso parece esperma suficiente para engravidar uma aldeia.”

Com um sorriso malicioso, ele jogou a camisinha em uma pequena lata de lixo. “Esperemos que não seja a equipe forense quem esvazia o lixo.”

Eu sorri com isso. “O serviço de limpeza chega por volta das dez. Talvez devêssemos amarrar o saco. Poupa-los do visual.”

“Eu vou. Quando terminar com você.”

Estendendo a mão para meu braço, ele nos colocou no chão, me puxou para ele, e me segurando entre suas pernas, minhas costas contra seu peito, ele passou os braços em volta de mim. “Diga-me que você está bem. Diga-me que não machuquei você.”

“Você não me machucou.”

“Não está dolorida?”

Uma dor pulsou entre minhas coxas, crua e ardente, como se ele tivesse me rasgado. “Eu não disse isso. Apenas disse que você não me machucou.”

Com um suspiro de alívio, ele enterrou o rosto na minha nuca. “Não vou te foder novamente esta noite. Mas eu vou te foder de novo.” Talvez tenha sido estúpido da parte dele, quando deslizou a mão entre minhas coxas e espalmou minha boceta. Não sondando ou acariciando, apenas segurando-a ali com a palma da mão apoiada no meu osso púbico. Parecia extremamente possessivo, mas de alguma forma sexy ao mesmo tempo. Uma espécie de bálsamo para a dor persistente de sua intrusão. Ele respirou na minha nuca e beijou a concha da minha orelha. “Nunca senti algo tão intenso antes. Cada momento com você é algo novo para mim.”

“Isso tudo é novo para mim também.”

Juntos, respiramos no canto escuro, nosso pequeno e tranquilo oásis, e eu bebi o resultado do que havíamos feito.

“O que você queria me mostrar?”

Quase parecia mórbido demais para o clima naquele momento, mas mesmo assim peguei minha bolsa e tirei meu telefone de dentro. Uma rápida olhada nas fotos me levou até aquela que tirei da caveira com dentes de pedra preta. “Estou curiosa sobre isso.”

Ele se mexeu ao meu redor, pegando o telefone da minha mão e segurando-o perto do rosto. “A menos que minha história Dracadiana esteja errada, isto parece o crânio de uma criança Cu'unotchke.”

“Os nativos que habitaram a ilha há séculos?”

“Sim. Você vê essas pedras pretas aqui?” Ele se aproximou de mim, apontando para elas na tela. “Eles as afiavam para fazer dentes. Era um atendimento odontológico precoce.”

“Eles eram canibais?”

“Alguns acreditavam que sim. Dizia-se que eles tinham olhos prateados e brilhantes e presas bestiais.

“Noctisoma?”

“Suspeito que sim.”

As peças estavam se juntando, formando uma imagem que me deixou questionando a ligação entre a pedra e o Noctisoma. “Você acha que as pedras serviram a outro propósito?”

“Como o que?”

“Briceson me disse que eles isolaram um novo produto químico de pedras pretas chamado casteyon. Eles o encontraram nas moelas de gaivotas e corvos. Anteriormente, o professor assistente nos disse que algumas aves tendem a não ser infectadas com Noctisoma.”

Ele devolveu o telefone e me puxou contra ele, como antes. “É uma teoria interessante. Talvez uma que você possa considerar explorar enquanto estiver aqui.”

“Mas não você? E se for uma cura para o Noctisoma?”

Ele beijou minha têmpora. “Não estou procurando curar o Noctisoma. O parasita tem muito potencial como antineoplásico, antimetabólito, antioxidante. E, claro, terapias autoimunes.”

“Sim, claro. Mas para aqueles que não *querem* ser infectados pelo parasita, pode ser eficaz.”

“Pode ser. E eu encorajo você a estabelecer uma hipótese. Talvez algo que você possa considerar para uma tese algum dia. Posso indicar alguns recursos para você, se quiser.”

Tese *algum dia*? Parecia uma promessa não cumprida que um pai faria. Por que isso soava tão condescendente? “Sim. Eu gostaria, na verdade.” Não queria ser

tão rude em minhas palavras, mas minha mãe faleceu devido a uma infecção. Se alguém tivesse investigado a menor possibilidade de uma antitoxina, eu certamente estaria disposta a administrá-la a ela.

Seus braços se apertaram em volta de mim. “Você está brava.”

“Eu não estou brava. Estou apenas... frustrada.”

“Eu não culpo você, mas minha condição não me dá muito tempo para me aventurar em outros caminhos, por mais nobres que sejam.”

Suspirei, lembrando-me da causa por trás de sua pesquisa. “Eu sei. Talvez eu possa estudar gastrolitos e pedras pretas, e você a toxina, e vamos comparar nossos estudos todas as noites na cama.”

“*Depois* do sexo, presumo?”

Passei ternamente as unhas em seu braço. “Claro. Ninguém quer falar sobre parasitas *durante* o sexo. Isso é nojento.”

“Isso é. E, além disso, tenho uma mente focada no momento em que você tira a calcinha.” Ele deslizou a mão pela minha coxa, dando um leve aperto.

“Algum dia, talvez possamos ter um encontro adequado.”

“Você está perguntando sobre atividades além do sexo?”

“Seria bom comer uma refeição de verdade e talvez dar um passeio romântico depois.”

“Eu sempre como bastante quando estamos juntos.” Seus dentes roçaram minha orelha e inclinei a cabeça, sorrindo ao sentir cócegas em minha pele. “Mas se é um encontro que você gostaria, verei o que posso fazer.”

“Verei o que posso fazer?” Mexendo a língua nos meus dentes de trás, eu virei a cabeça para o lado. “Isso soa como uma desculpa, se é que já ouvi uma. Se você não tomar cuidado, professor Bramwell, o calouro da minha aula de exposição pode chegar antes de você”, provoquei.

“Calouro,” ele resmungou. “Duvido que as bolas dele já tenham caído.”

Rindo, eu me virei, descansando minhas pernas em cima das dele. “Você é ciumento?”

O sorriso sombrio em seu rosto mudou para algo sério, e ele empurrou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. “Ciúmes é uma emoção de escola secundária que termina em ressentimentos e narizes sangrentos. O que sinto por você, Srta. Vespertine, destruiria vidas.” Com a palma da mão no meu queixo, ele me beijou com força e mordeu meu lábio para enfatizar seu ponto de vista.

Enquanto estávamos escondidos em nosso recanto tranquilo, ele explorou meu corpo com as mãos, os lábios e a língua, até que eu estava exausta e sem forças. Pouco antes das dez, recolhemos nossas roupas e saímos separadamente da rotunda, para evitar qualquer suspeita. Ele me acompanhou até o ponto de ônibus e voltei para o meu dormitório com um sorriso no rosto.

Capítulo 55

Lilia

De alguma forma, mais uma semana se passou.

Furtivamente fugir com Devryck, tornou-se meu jogo favorito. Os olhares maliciosos na aula, o roçar de mãos quando passávamos no pátio. Beijos roubados atrás de edifícios e em salas de aula vazias. Nos recantos mais escuros, escondidos de olhares indiscretos, éramos mais que professor e aluna. Éramos proibidos. Paixão escandalosa e a dor da saudade, envoltas em um fogo ardente, poderoso demais para ser sufocado.

À noite, realizávamos encontros nos lugares mais obscuros. Às vezes, seu laboratório, seu escritório, o topo da torre do relógio, qualquer lugar quente, escondido dos outros e sem câmeras. Depois do sexo, ele pegava seus livros e ficávamos nus, estudando em silêncio, até a hora de voltar para nossos dormitórios. Três dias antes, nos encontramos em nossa salinha secreta na rotunda, onde ele me ajudou a estudar para o exame de parasitologia, me interrogando enquanto eu montava seu pau.

O sexo se tornou mais fácil, mais emocionante, e eu me descobri muito mais sintonizada com meu corpo do que nunca. Ele me ensinou coisas que eu nunca soube sobre mim, desvendando as fantasias sombrias escondidas no fundo da minha cabeça, que eu sempre temi serem alguma anomalia estranha. Eu me senti

segura em expressá-las para ele – o desejo de que ele amarrasse minhas mãos e agarrasse minha garganta – e eu aproveitava as noites em que ele as entregava enquanto sussurrava segredos obscenos em meu ouvido. Às vezes, ele era áspero e abrasivo e usava meu corpo para queimar as frustrações do dia, mas depois ele se deitava ao meu lado e traçava os contornos dos meus ossos com seus dedos gentis, dizendo-me como eu era linda. Eu sabia que o que sentia por ele havia evoluído para algo completamente estranho.

Uma bela complexidade que era tão pura e emocionante quanto proibida.

E no final de tudo, o estresse que me atormentava há apenas algumas semanas desapareceu e se acalmou. Parecia que Spencer finalmente tinha aceitado algumas coisas, já que ele não se preocupou em se aproximar de mim desde aquele dia no corredor. Eu o peguei andando com Kendall com mais frequência e fiz questão de acenar quando passei por ele no campus, o que ele retribuiu sem jeito.

Paguei todas as mensalidades de Bee, o que, por sua vez, aliviou um pouco a pressão sobre meu relacionamento com Conner e, tirando isso de meus ombros, pude me concentrar em meus estudos, tirando nota máxima nos exames. As míseras quatro horas de sono que eu sempre conseguia, de alguma forma, floresceram para seis, e eu tive que começar a ajustar meu alarme apenas para garantir que acordasse na hora certa todas as manhãs.

Esqueci-me do mundo fora dos portões de Dracadia.

Se o Paraíso existisse, eu o teria encontrado naqueles corredores antigos e escuros, sob céus frios e nebulosos com as folhas úmidas do outono grudadas nas solas das minhas botas, no cheiro de café e livros antigos. E nele. Meu professor mal-humorado e diabolicamente belo.

Instalada em minha mesa, folheei um dos textos sobre a tribo Cu’unotchke que eu havia pegado emprestado da biblioteca Adderly. Embora a maioria dos alunos não tivesse permissão para remover os textos, Kelvin me deixou dar uma olhada com a promessa de que eu os devolveria imediatamente depois. Eu esperava aprender mais sobre os dentes de pedra preta, mas a maior parte do que li até aquele momento eram contos folclóricos sobre a tribo – como eles supostamente caçavam os tementes a Deus e colocavam serpentes malignas nas barrigas dos bons cristãos.

Ao ouvir uma batida na minha porta, franzi a testa, fechando o livro. Um choque de surpresa me sacudiu quando abri a porta para a professora Gilchrist.

“Srta. Vespertine, posso entrar?”

Eu não sabia por que de repente me senti como se estivesse em um daqueles filmes de vampiros, debatendo se *deveria* convidar o demônio da noite para entrar. Era normal um professor visitar o dormitório de alguém? Eu nunca tinha visto ninguém sendo visitado por um professor.

“Claro.” Afastar-me permitiu que ela entrasse no meu quarto, e examinei o espaço em busca de qualquer coisa pessoal que pudesse ter esquecido de guardar.

Uma vez lá dentro, ela fechou a porta atrás dela e cruzou os braços atrás das costas. “Srta. Vespertine, estou lutando com algo há algum tempo. E cheguei à conclusão de que é melhor confessar.”

“OK.” Mordi o interior do lábio para esconder minha ansiedade.

“Sei que a mulher do estudo que você escreveu era sua mãe.” Ela atravessou o quarto, olhando para a foto minha, de Bee e de minha mãe. “No momento em que vi você, foi como se estivesse olhando diretamente para ela novamente.”

“Você conheceu minha mãe?”

“Eu era estudante quando ouvi falar do Crixson Project pela primeira vez. Na época, eu realmente não tinha muita direção em mente. Eu simplesmente sabia que queria entrar na ciência em ritmo acelerado, e o Crixson Project tinha muito potencial. Inscrevi-me como assistente de laboratório e secretária do Dr. Warren Bramwell.” Ela se virou para mim, olhando para meu quarto como se procurasse algo mais para examinar. “Para os participantes envolvidos, pagava-se muito bem. Uma quantia que mudaria a vida, em muitos casos. Sua mãe fazia parte do grupo de controle. Visto que ela era uma Dracadiana nativa que viveu aqui toda a sua vida, o Dr. Bramwell levantou a hipótese de que ela poderia ter alguma resistência natural à toxina. Em retrospecto, ele estava correto, mas isso não foi o mais cativante sobre o tempo dela no estudo. Foi a gravidez.”

Eu havia descoberto isso sozinha, percebi que essa era a razão pela qual ela havia deixado a pesquisa. O que não estava claro para mim era se tinha sido voluntário ou não.

“Uma noite, o Dr. Bramwell me pediu para ficar até mais tarde e inserir alguns dados. Foi enquanto eu estava digitando sem pensar que ouvi sua mãe conversando com um certo médico sobre suas *indiscrições* que levaram ao dilema dela.”

Dilema. Em outras palavras, *eu.*

Uma forte náusea revirou meu estômago, enquanto imaginava a possibilidade de ela estar falando sobre o Dr. Bramwell. Tal coisa teria feito do Professor Bramwell meu meio-irmão.

“Ele a incentivou a fazer um aborto.”

Enquanto ela continuava, meu pulso acelerou de impaciência, esperando o maldito desfecho dessa piada.

“Ela disse a ele que precisava pensar sobre isso. Consequentemente, ela deixou o escritório e nunca mais voltou.”

“Qual médico? Quem a engravidou?” Eu finalmente perguntei.

Ela sorriu e balançou a cabeça. “Vamos lá. Você não acha que eu entregaria informações tão sensíveis sem algo em troca.”

Claro que não, mas eu não conseguia imaginar que troca ela estaria pensando em fazer. “O que você quer?”

“Quero que você termine o semestre e saia silenciosamente.”

Em um único suspiro, me senti sem espírito. Sem alma. Como se ela tivesse enfiado a mão dentro do meu peito e arrancado meu coração. Sair de Dracadia? O lugar que se tornou meu consolo, meu santuário? Eu não poderia fazer isso. “Foi você quem me convidou para vir aqui.”

“Eu cometi um erro.”

“Isso é sobre o professor Bramwell. Não é?”

Seus lábios se contraíram como se quisessem sorrir, e ela atravessou o quarto em direção à janela, em frente à minha mesa, que dava para o mar. “Ele é excepcional como professor, sabe. Ele nunca demonstrou o menor interesse por nenhuma aluna do campus. É por isso que eu certamente não acreditei na história de merda sobre a garota Harrick. Era como se ele nem as notasse.” Quando ela

se virou, o humor em seu rosto havia murchado. “Isto é, até você aparecer.”

“Nada está acontecendo…”

Ela ergueu a mão, me interrompendo. “Não me insulte. Embora o resto do campus possa ser obtuso com seus encontros, posso garantir que eles não passaram despercebidos.”

Uma pessoa teria que se esforçar para nos observar, tão cuidadosos que éramos. Nem mesmo trocamos mensagens de texto, porque Bramwell não queria um traço de evidência que alguém pudesse usar contra nós.

“Por que você está fazendo isso? Ele deixou claro que não está interessado em um relacionamento com você.”

Com as mãos atrás das costas, ela riu. “Se isso fosse verdade, ele não teria me feito uma visita tão *especial* ontem.” A implicação em sua voz me fez franzir a testa.

“Quando?”

“Noite passada.” A mulher devia estar maluca, porque nós dois passamos a noite inteira juntos no laboratório dele.

Entretanto, denunciá-la por mentir não me levaria a lugar nenhum. “Professora, voltar não é uma opção. Não há nada para mim em Covington. E a minha vida familiar tornou-se instável desde a morte da minha mãe. Você não pode fazer isso.”

“Eu posso. Uma reunião com Langmore e pronto.”

Eu não sabia o que isso significava. Que políticas poderiam ter tornado isso uma possibilidade real. Só sabia que sair não era uma opção. Não agora. “Você não estaria aqui, desperdiçando nosso tempo, se fosse tão fácil assim. Você está mentindo.”

Por uma fração de segundo, pensei que ela iria passar por aquela porta novamente, sair do meu dormitório e ir direto para o escritório de Langmore para provar que eu estava errada. Esperava um sorriso maroto e a patética explicação de que ela estava me dando uma opção.

Nada disso aconteceu.

O que provou que eu estava certa. Eu tinha desafiado seu blefe.

Ela enfiou a mão no bolso da saia e pegou um chip de computador. “Isso? Poderia acabar com minha carreira. Ou pior. Então, eu preciso de mais do que sua promessa para ficar longe de Devryck.”

“O que você quer?”

“Quero saber quem são os membros do Anon Amos.”

Essa certamente não era a informação significativa que eu imaginava que ela estaria procurando. Embora fosse tentador, dada a minha aversão por Mel ultimamente, eu não tinha coragem de denunciá-la. “Eu não sei.”

“Bem, estou te pedindo para descobrir. Quando você descobrir? Eu te direi quem é o ‘queridinho papai’.”

“Por quê? O que eles têm a ver com você?”

Depois de alguns bons minutos me olhando, talvez debatendo se deveria ou não me contar, ela bufou. “Recebi uma ameaça recentemente. Que eles exporiam algo escandaloso. Eu preciso saber.”

Se tivesse que adivinhar, provavelmente era o estranho relacionamento que ela tinha com Spencer. O que poderia ser mais escandaloso do que as relações sexuais dela com o filho do reitor? “Você pode pelo menos me dizer se Warren Bramwell foi o médico que engravidou minha mãe?”

Como se minhas preocupações tivessem subitamente ocorrido a ela, ela retribuiu um sorriso diabólico. “É o seguinte. Você me dá um nome? Eu te direi se você está transando com seu próprio irmão.”

Eu precisava saber. Não aguentava não saber. “Tudo bem. Cat. Garota de cabelos escuros. Piercings. Ela é um deles.”

“Cat”, ela repetiu. Não teria me surpreendido se ela me dissesse que Bramwell era meu pai, só para me traumatizar, mas uma onda selvagem de alívio tomou conta de mim quando ela respondeu: “Não é o pai do professor Bramwell.”

Graças a Deus.

“Este é um jogo divertido, não é? Vamos continuar, Srta. Vespertine.”

Balancei a cabeça. “Eu não ligo. Não me importo com meu pai. Nunca me importei. Por que isso importaria agora?”

“Este arquivo contém mais do que o seu doador de esperma, posso garantir. Mas se isso não for suficiente para você, talvez queira saber como sua mãe foi infectada com parasitas.”

“Como você saberia disso? Foi há quatro anos.”

“Sou uma cientista. Eu documento tudo.”

“Achei que os arquivos fossem...” hesitei em dizer, não querendo arriscar contar a ela mais do que o necessário.

“Esses arquivos fossem o quê? Guardados em algumas caixas de arquivos nos porões desta universidade? Alguns deles estavam, sim. Fui encarregada de destruí-los. Algumas caixas foram roubadas de mim antes que eu pudesse destruí-las, mas não antes de digitalizar minhas próprias cópias.” Ela girou o chip, me provocando. “Isso contém tudo o que esses arquivos não contêm.”

“Eu só preciso te dar um nome? *Um* nome?”

“Oh, querida. Para isso? Vou precisar que você esteja no próximo trem para fora daqui. É simplesmente muito arriscado.” Ela o colocou de volta no bolso, meu olhar seguindo cada movimento dela. “Mas vou te dizer o seguinte. Você me dá um nome significativo desta vez, e eu te dou um nome significativo. Fechado?”

Era verdade o que eu disse. Não me importava em saber quem era meu pai, mas talvez saber me ajudasse a começar a montar o quebra-cabeça que ainda confundia meu cérebro. Ou seja, como diabos minha mãe acabou infectada há apenas quatro anos. Eu apenas descobri que ela tinha voltado para casa para o funeral da mãe e de alguma forma ficou doente. Talvez algo mais sinistro estivesse em jogo. “Você não vai contar a eles que eu te contei?”

“Claro que não. Eu te dou minha palavra.”

“Melisandre. Ela é a líder do grupo.”

Seu rosto empalideceu. “Você tem certeza disso.”

“Positivo. Eles se encontram em alguma pequena masmorra no dormitório dela.”

Olhando para o outro lado por um momento, ela coçou o rosto pensativa, então

rapidamente saiu do estado de espírito. “Muito bem. Já que você foi tão *prestativa*, estenderei a mesma cortesia. Seu pai é…”

Meu telefone tocou no meu quadril, mas não me preocupei em olhar para ele.

Gilchrist olhou para baixo e para trás. “Você precisa atender isso?”

“Não. Meu pai é quem?” O toque cessou, apenas para recomeçar. Eu rosnei interiormente com a intrusão desagradável, sem oferecer nem uma espiada de quem poderia ser. “Apenas me diga.”

“Dr. Lippincott.”

No momento em que ela disse o nome, o mundo parou. Balancei a cabeça, tentando processar isso. Tentei imaginar a possibilidade de verdade nisso, mas não consegui. Era um absurdo. “Você está mentindo.”

“Por que eu mentiria? Ele fodeu sua mãe, engravidou-a e Bramwell o expulsou do projeto. Com muito medo de que sua esposa o deixasse na miséria, ele incentivou sua mãe a fazer um aborto. Ela desapareceu logo depois.”

Eu não podia negar que a versão dela da história fazia sentido, mas havia um milhão de possibilidades. Versões menos traumatizantes, com certeza. “Foi por isso que você me convidou. Porque continuou me dizendo para me encontrar com ele. Isso não tinha nada a ver com o meu trabalho. Minha vida acadêmica.”

Ela sorriu e balançou a cabeça. “Você é inteligente, isso eu admito. Embora eu estivesse intrigada com o seu conhecimento sobre o Noctisoma, achei que estava faltando algo. Acha que qualquer coisa que você tenha feito em sua vida justifica uma bolsa integral nesta instituição? Não. Você é um centavo em una dúzia, Lilia.”

“Como você sabia quem eu era?”

“Tudo que eu tive que fazer foi pesquisar seu nome no Google. Como disse, você é a cara dela. Não foi nenhum bicho de sete cabeças juntar tudo.”

Ainda me recuperando do choque, balancei a cabeça. “Você é uma pessoa horrível.”

Com as sobrancelhas levantadas, ela suspirou. “Eu não era. De verdade. Não até você aparecer e estragar tudo.” Ela ergueu o chip novamente. “Antes de sair,

venha me ver. Vou dar isso a você quando sair.” Com um sorriso digno de um tapa, ela saiu do meu quarto, fechando a porta atrás dela.

Se a informação que ela me deu sobre meu pai era verdadeira ou não, não tinha intenções de reconhecê-la ou confirmá-la. Minha mãe sempre o descreveu como um homem ardiloso e, com base no que aprendi com Spencer, essa pode ter sido a única verdade que ela me contou.

Não. Eu não estava indo embora. Não tinha intenção de cair sem lutar.

Ou ficar longe do Professor Bramwell, para ser franca.

Agora não.

Capítulo 56

Devryck

Esfreguei o polegar no dedo indicador e estremeci com a falta de sensação ali. Porra. Eu tinha tomado uma dose da toxina há dois dias e, com base na última dose, deveria ter durado uma semana ou mais. Tempo suficiente para eu sintetizar mais disso.

Na cúpula de vidro, a mariposa que Lilia havia chamado de Patroclus mal voava pelo chão da jaula, não apenas incapaz de voar, mas em estado de paralisia constante. A toxina estava sendo metabolizada muito rapidamente. Os efeitos foram desaparecendo à medida que o corpo aprendia como responder a eles. Eu deveria ter agendado outra cobaia, mas fiquei confiante demais.

Muito arrogante.

E não tive tempo de ir caçar Angelo DeLuca, infectá-lo e colher mais toxina, como fiz com Barletta. Tudo o que restou foi uma única amostra e o que colhi de Angela Kepling semanas atrás, o que talvez nem fosse viável.

Se eu quisesse salvar este estudo, para evitar que fracassasse, precisava encontrar outra vítima. A realidade pesava muito sobre mim e, ao mesmo tempo, a única razão pela qual progredi tão rapidamente foi porque procurei *cobaias*. Sem eles, estaria em um estado estagnado de crescimento de toxinas nas mariposas.

Ao ouvir o clique da porta, franzi a testa, virando para ver Lilia entrar no laboratório. Uma intrusão inesperada, já que era início de tarde e ela normalmente só vinha visitar o laboratório à noite, mas sua presença certamente era bem-vinda.

Cada músculo do meu corpo instigava-me a abraçá-la, mas enquanto eu cerrava as mãos sobre a dormência que persistia ali, não me movi.

A expressão em seu rosto quando ela se aproximou me disse que algo a estava incomodando também.

“O que foi?” Eu perguntei, desejando poder estender a mão e acariciar seu rosto, mas não ser capaz de sentir sua pele só me apunhalaria na porra do peito.

Ela ficou me olhando por um momento, franzindo a testa. “Você pode me levar a algum lugar?”

“Onde?”

“Longe. Eu só preciso sair por algumas horas.”

“Eu conheço um lugar.” Fiquei de pé e balancei a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos. Por um momento, ela pareceu confusa. Com razão. Eu não a beijei. Segurei-a. Ofereci a ela o carinho que lhe dei na semana passada.

Com uma expressão abatida, ela me seguiu e, depois de depositarmos nossos jalecos nos ganchos da sala de autópsia, eu a conduzi pela entrada de cadáveres até a porta que dava para a floresta atrás da universidade, onde estacionei meu carro em um pequeno estacionamento. Abri a porta para ela, permitindo que ela deslizasse para o assento.

“Jesus, um Maserati?” ela perguntou, a diversão em sua voz era uma melhoria em relação ao tom sombrio de momentos atrás. “E preto. Como eu sabia que o Doutor Morte dirigiria um carro preto com interior de couro preto?” Ela passou a mão pelo assento enquanto se acomodava.

“Combina comigo.” O Ghibli era um carro mais esportivo, mas prático também, pois tinha banco traseiro, onde eu jogava meu paletó, e um porta-malas grande o suficiente para caber um corpo. Depois de contornar o veículo, sentei-me no banco do motorista e liguei o motor.

Presa em suas preocupações, ela permaneceu em silêncio, apenas olhando pela

janela, despertando minha preocupação.

“O que está incomodando você?” — perguntei novamente, dirigindo pela pequena estrada de terra que circundava o perímetro da universidade e descia a encosta da montanha.

“Descobri quem é meu pai hoje.”

Quando ela não disse mais nada, levantei uma sobrancelha e inclinei a cabeça para chamar sua atenção. “E?”

“Não tenho certeza se devo dizer. Realmente não quero colocar isso no universo. Ele não importa. Nunca importou.”

“Então, não diga o nome dele.” Mudei a marcha do carro, permitindo que ganhasse velocidade enquanto descíamos a encosta da montanha a cerca de 112 quilômetros por hora. Como se sentisse minhas intenções aventureiras, ela abriu o teto solar e inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos sob os escassos raios de sol que atravessavam o céu nublado.

Com minha própria cabeça envolta em um lamaçal de merda, não a pressionei para responder. Em vez disso, deixei que ela aproveitasse o silêncio entre nós, com a brisa fresca do mar soprando em seus cabelos desarrumados e a Nocturne em Mi bemol maior de Chopin tocando alto nos alto-falantes. Apesar da temperatura levemente fria, um calor estranho tomou conta de mim, fazendo-me desejar ter optado por uma camiseta em vez da camisa social. Senti uma dor latejante em meus músculos, embora não fosse necessariamente incomum, dado que a dosagem começou a diminuir.

Ao nos aproximarmos de uma estrada familiar, reduzi a velocidade do carro e Lilia sentou-se no banco. Atrevi-me a virar pela longa estrada arborizada, embora isso enviasse uma pulsação de pavor em minhas veias, enquanto as memórias emergiam dos cantos escuros da minha mente como cadáveres subindo da sepultura.

Ao meu lado, Lilia olhou em volta para as árvores escuras e dilapidadas que escondiam o longo trecho de estrada de terra. “O que é este lugar?”

Parei o carro do lado de fora de um portão preto de ferro forjado com *Bramwell Estate* gravado em seu metal. “É onde eu cresci.” Além do portão ficava a mansão gótica escura e sombria, com suas janelas de vitral, telhado íngreme em

forma de beiral e torre.

O lugar sempre pareceu fisicamente estar em estado de luto, com suas pedras desgastadas e cobertas de trepadeiras, lascadas e deterioradas, e os jardins mal-cuidados que meu pai se recusou a manter após a morte de minha mãe.

Ela espiou pela janela, dando uma rápida olhada para mim e para trás. “Você morou aqui?”

“Gerações de Bramwells viveram aqui. Caed e eu ficávamos na escola a maior parte do tempo, então raramente passávamos muito tempo aqui. Mas sim. Esta era a minha casa.”

“É aqui que você fica quando está no campus?”

“Não. Não coloco os pés em casa há uma década. Desde que meu pai faleceu. Eu não via meu pai há cinco anos, quando o advogado da família me contatou, instando-me a visitá-lo. Ele estava à beira da morte há algum tempo, afligido com a mesma condição que eu sofria. Foi o dia em que me recusei a continuar seu trabalho. O dia em que disse a ele que ficaria feliz em vê-lo morrer sabendo que tudo morreria com ele. A casa é minha, no entanto. O bastardo me amaldiçoou com ela.”

“Seu pai não era um bom homem?”

“Não. Ele não era.”

“Então, os rumores sobre o que ele fez...” Uma hesitação estava presente em sua voz, como se ela não quisesse correr o risco de me contar que tinha ouvido falar disso. “O estudo Crixson. Você acredita neles?”

“Está me perguntando se meu pai assassinou seis mulheres?”

“Estou perguntando se ele assassinou minha mãe.”

Eu não conseguia olhar para ela. Meus sentimentos por Lilia se tornaram complicados. As mentiras para protegê-la não vinham mais tão facilmente como antes. “Não sei”, respondi honestamente. Talvez o mais honesto que fui com ela. Embora os detalhes da morte de sua mãe e o cronograma de sua doença não fizessem sentido cientificamente, eu conhecia meu pai. Eu conhecia suas tendências sádicas, sua ganância e seus desejos. “É bem possível. Porém, nunca ouvi falar de alguém abrigando o parasita por tanto tempo. Não posso nem

investigar as circunstâncias. Houve arquivos que desapareceram. Vários deles foram destruídos.”

“Acho que Gilchrist tem esses arquivos.”

Franzindo a testa, me virei para ela. “Como você sabe?”

“Porque ela se ofereceu para entregá-los se eu parasse de ver você e deixasse Dracadia.”

“Esses arquivos contêm informações sobre sua mãe?”

“Supostamente.”

“E você não foi embora? Não aceitou esta oferta?”

Ela baixou o olhar para onde suas mãos estavam torcidas em seu colo e um sorriso apareceu em seus lábios. “Depois que perdi minha mãe e Bee foi para a escola, eu meio que entrei em uma espiral e aprendi como encontrar consolo na solidão. Tornou-se minha casa. O único lugar onde me sentia segura. Então eu vim aqui. E conheci você. E aprendi que a solidão era uma escolha para mim. Este lugar é mais do que apenas uma universidade para mim.” A turbulência borbulhou à superfície enquanto ela se sentava inquieta. “Suponho que poderia ter ficado sozinha, como sempre fiz, e continuado sendo outro rosto esquecível na multidão. E talvez Gilchrist não tivesse se incomodado. Ou talvez ela tivesse feito isso e eu simplesmente voltaria para minha antiga e solitária vida e teria todas as respostas que ansiava.” Ela encolheu os ombros e desviou o olhar. “Respostas que realmente não importam mais.” Pelo perfil dela, observei uma sugestão de sorriso em seus lábios. “A decisão foi tomada no momento em que conheci você. De ficar aqui. Eu escolho você.”

Maldita seja. Maldita *seja.* O que diabos eu estava fazendo com essa garota? O que diabos ela estava fazendo *comigo?*

Superei a revoltante falta de sensação e coloquei meu dedo sob seu queixo, virando-a para me encarar. “Eu escolho você”, eu disse, e puxei-a para um beijo, sentindo o sorriso em meus lábios. “E acredite em mim quando digo, você é difícil de esquecer, Srta. Vespertine.”

Dando ré no carro, peguei a estrada principal e continuei em direção ao extremo norte da ilha.

“Eu queria perguntar. Por que mulheres? Por que seu pai escolheu exclusivamente mulheres para o estudo?”

Durante anos, sofri com os rumores de que meu pai não era diferente de meu tataravô, que escolheu prostitutas como vítimas. Só depois de estudar o parasita é que descobri a verdade sobre o porquê. “A toxina responde mais favoravelmente nas mulheres.”

“Por que?”

“Não cheguei tão longe. Genética? Evolução? Ainda há muito para aprender sobre isso.”

“Sinto que deveria odiar esse parasita mais do que odeio. Tudo sobre isso me fascina, no entanto.”

Suspirei. “Bem-vinda ao meu mundo.”

Finalmente chegamos a Amorisse Cove e estacionei meu carro no acostamento. Depois de abrir a porta para ela, levei-a por uma escada frágil até a bela enseada cercada pelas altas paredes de pedra dos penhascos. Ao longe, a cerca de oitocentos metros da costa, erguia-se o arco conhecido pelos habitantes locais como Lover’s Leap. Um arco que formava a cauda da ilha em forma de dragão.

Lilia seguiu atrás de mim em direção à água, a vontade de agarrar sua mão foi sufocada pelo formigamento nas pontas dos meus dedos. Finalmente chegamos à costa que se abria para a areia branca e as ondas suaves e cinzentas do oceano. Parei em um curto trecho onde a maré ainda não havia chegado, e ela caminhou ao meu lado, o vento soprando em seus cabelos como se desejasse tocá-la do jeito que eu queria.

“É tão bonito.”

Enquanto ela olhava para o arco, eu olhava para ela. “Lover’s Leap.”

“Lembro-me de ter visto este lugar em um livreto que peguei na cidade. Ainda não li. Qual é a história por trás dele?”

“Uma garota nativa local, filha de um chefe que se apaixonou por um simples pescador dracadiano. Ela pediu permissão aos deuses para se casar com ele, e os deuses recusaram, banindo-o da ilha.” Enquanto contava a história, mexi na areia com a ponta do sapato, desenterrando uma concha que peguei e esfreguei para

remover a areia com o polegar. “Ela subiu no arco para observar a partida do barco e, do nada, uma tempestade branca atingiu o navio, batendo-o nas rochas abaixo de onde ela estava sentada. Devastada, ela saltou para a morte.” Entreguei-lhe a concha perfeitamente intacta, observando-a maravilhar-se com ela, como se eu lhe tivesse dado uma joia rara. “Daquele dia em diante, os deuses suavizaram as águas ao redor do arco, tornando-o raso, para que ninguém mais morresse perto daquelas rochas. Os indígenas acreditavam que o arco era uma porta de entrada para a vida após a morte.”

Seus lábios se curvaram em um sorriso, e o vento soltou um fio de cabelo que eu queria capturar entre meus dedos e colocar atrás de sua orelha, mas não ousei.

Não ousei porque só me enfureceria confirmar que não conseguia sentir sua textura sedosa.

“Tudo nesta ilha é uma história. As sirenes de Bone Bay. As ninfas do Lago Squelette. E agora o Lover’s Leap. Cada canto parece conter algo mágico e aterrorizante.”

As ondas se aproximaram. Mais perto. Ela recuou, quase tropeçando, e eu estendi a mão para segurá-la. Reprimindo a repulsiva falta de sensação, forcei um sorriso, enquanto ela ria.

“Bem, o que você está esperando?” Eu perguntei, liberando-a. “O mar espera.”

Ela me lançou um olhar, como se pensasse que não deveria ousar fazer isso. Seu lábio inferior escorregou entre os dentes em um sorriso, e ela arrancou as botas e as meias, jogando-as na areia seca atrás de nós. Com os pés juntos, ela respirou fundo e fechou os olhos. As ondas a alcançaram novamente com o tipo de desejo que eu podia sentir pulsando em meu próprio peito.

Com um grito, ela pulou para trás e depois deu um passo à frente com cautela. Outra onda seguiu a primeira, e observei suas pernas tremerem, enquanto ela levantava o vestido e deixava a água se acumular ao seu redor. Por cima do ombro, ela me lançou um sorriso – um sorriso tão lindo que eu queria emoldurar. Captura-lo. Estudar a alquimia disso. Como uma simples expressão poderia ser maravilhosamente inebriante.

Encorajada, ela deslizou para frente, deixando a próxima onda subir acima de seus tornozelos. Um pouco mais, e a próximo se acumulou em suas panturrilhas. Observei com admiração enquanto ela deixava o mar seduzi-la, fazer cócegas e

transformá-la em uma jovem sorridente, dançando, pulando e caindo nas ondas. Era lá que meus fracassos e suas preocupações eram varridos, purificados pelo sal, pelo ar e pelos sons de calma que reverberavam nas paredes rochosas ao redor.

Foi aí que comecei a me perguntar se o que eu sentia por Lilia era algo mais do que eu gostaria de admitir.

Porém, não ousei cair nesses pensamentos, porque sabia que o destino e o mundo não davam tão livremente. Ele nos atraia para um toque de sereia e nos puxava para as inevitáveis profundezas da dor que se seguiam.

Lilia era um risco. Uma fraqueza. A única rachadura na minha armadura que ameaçava destruir minhas defesas. Eu não poderia arcar com isso. Não quando os Rooks estavam observando tão de perto, esperando pelas notícias da minha última variante.

No entanto, o brilho que ela emitia era viciante. Um calor que me lembrou o quão fria a morte pode ser às vezes.

Ela pulou e tropeçou nas ondas, tentando tirar o pé da água. Depois de um movimento malsucedido, ela mancou de volta pela areia com os dedos dos pés erguidos, deixando um rastro vermelho atrás do pé. “Acho que me cortei em uma concha”, disse ela, fazendo uma careta. “Caramba.” Quando ela finalmente se sentou ao lado das meias e dos sapatos descartados, segurei seu pé e examinei o pequeno corte logo abaixo do dedo.

“Eu tenho algo para limpar isso. Aguente firme.” Subi as escadas até meu carro e, do porta-luvas, tirei um pequeno kit de emergência que mantinha ali guardado.

Uma dor intensa atingiu meu crânio em ambos os lados.

Porra!

Com as mãos agarradas em ambos os lados da minha cabeça, fechei os olhos com o zumbido intenso que cortava meus tímpanos como lâminas quentes e caí no chão. A agonia irradiou para fora, descendo pelo meu pescoço, até meus braços, onde eletrizou meus ossos. Quando um calor abrasador atingiu minha coluna, arqueei-me e grunhi, sentindo o ataque rastejar pelas minhas pernas, como se todo o meu corpo estivesse se cristalizando por dentro. Não havia nada que eu pudesse fazer. Cada músculo ficou paralisado. Dentro do bolso do meu

casaco, no banco de trás, escondia a última dose de toxina, mas diabos se eu conseguia chegar até ela. Uma dor aguda perfurou meu peito e rolei de costas, olhando para os pássaros - corvos - circulando no alto.

Um presságio de morte.

É isso.

Impermeável. Impermeável!

Um punho invisível apertou meus pulmões, banindo o ar em um suspiro insuportável.

Porra, imaginei que assim que eu começasse a sentir algo através desta existência entorpecida, o destino iria arrancar isso de mim como um amante ciumento.

Fechei os olhos e deixei a escuridão me levar.

Capítulo 57

Lilia

Outro olhar para a escada e eu fiz uma careta. De jeito nenhum deveria ter demorado tanto. O cara era muito maníaco por organização para ter que vasculhar um carro por dez minutos. Ou talvez parecesse apenas dez. De qualquer forma, eu não estava mais sentado.

Amarrei as botas, depois de enfiar o pé ensanguentado na meia branca, e manquei de volta escada acima. Na maior parte do tempo, apenas doeu, de qualquer maneira. Não que eu precisasse de cirurgia.

Quando cheguei ao topo da escada, quase caí para trás ao ver Devryck ao lado de seu carro.

Seu corpo se contraia e convulsionava, e ignorando meu pé, corri em sua direção. Uma pontada aguda percorreu meus joelhos quando deslizei até ele.

“Devryck! Devryck!” Como da última vez, virei-o de lado e procurei algo para colocar sob sua cabeça.

Levantando-me de um salto, notei seu casaco caído no banco de trás e o peguei. Ao tentar amassá-lo, senti um objeto duro dentro e vasculhei o bolso.

Uma seringa cheia com a substância roxa.

Com a respiração ofegante, olhei para ela em minhas mãos e olhei para ele, inconsciente e em convulsão.

Eu poderia ter ligado para a emergência, mas eles poderiam não chegar a tempo.

“Porra!” Segurei seu braço trêmulo, estudando o mapa de veias salientes. “Os malditos viciados em drogas fazem essa merda, Lilia. Apenas dê a ele!”

Usando a manga do casaco, amarrei o tecido em volta do braço dele como um torniquete patético. Um kit de emergência estava espalhado sobre o banco do passageiro, e eu vasculhei-o em busca de um algodão embebido em álcool. Com as mãos trêmulas, engoli o pensamento de que era tarde demais. Que ele estava tendo convulsões há muito tempo. Que seu coração pode ter parado há muito tempo.

O pânico me incitou quando rasguei o pacote de álcool e esfreguei-o em uma veia de seu antebraço. Respirando com dificuldade pelo nariz, abri a tampa da seringa e alinhei a agulha em seu vaso pulsante, a ponta dela saltando com nossos tremores. Fechei os olhos e respirei fundo. *Por favor.*

Em meio a uma névoa de lágrimas, empurrei a agulha, rezando para acertar, e dispensei o fluido em seu braço, como o observei fazer naquela noite em seu escritório. Segundos se passaram, seu corpo ainda sacudido por tremores.

“Vamos, Devryck, por favor. Por favor!” Passei a mão pela linha úmida de seu cabelo e reprimi um soluço. “Você não pode ir. Não vou deixar. Você me escuta? Não vou deixar você morrer, porra. Você é minha coisa mais importante, e eu juro, se não sair dessa, eu vou te caçar na vida após a morte.” Mais segundos. “Acorde, Devryck!” Procurei meu telefone, colocado dentro da bolsa que havia deixado no carro, mas quando voltei para o lado dele, ele havia parado de tremer.

Um vazio frio se expandiu dentro do meu peito enquanto eu olhava para ele deitado tão imóvel no chão. *Não*. “Devryck, acorde. Por favor.”

Ele não se mexeu. Seu peito não se moveu. Os olhos não tremeram. Não havia nada além de uma quietude doentia que rasgava minhas costelas.

O pavor se agitou em meu estômago. Ele deslizou até meu peito e envolveu meu coração com seus dedos frios, apertando até que eu não conseguisse respirar. Balancei a cabeça, caindo ao lado dele mais uma vez. “Não. *Não*!” Eu soquei seu peito.

Seus lábios se separaram em um suspiro alto. Outro suspiro. E outro. Com os olhos ainda fechados, ele virou a cabeça para o lado e, com um suspiro aterrorizado de alívio, concentrei-me em seu peito, registrando cada subida e descida que me dizia que ele estava respirando. Foi então que notei o suor grudando em seu rosto e pescoço.

Com a parte interna do meu pulso, senti sua testa e bochecha. “Oh, Deus, você está queimando.”

Eu precisava levá-lo a algum lugar onde pudesse administrar um pouco de água e algo para baixar sua febre. Meu dormitório certamente não era uma opção, e eu nunca tinha estado no apartamento de funcionários no campus. O hospital talvez, mas e se fizessem um exame de sangue e encontrassem a toxina? Ele poderia se meter em problemas por isso?

Ele soltou um grunhido baixo, mas quando levantei sua pálpebra, seus olhos permaneceram fixos, as pupilas contraídas. Inconsciente.

Enfiei meus braços sob suas axilas e levantei sua metade superior. O cara era tão volumoso e pesado que eu mal conseguia controlá-lo, mas depois de algumas respirações profundas, estiquei meus músculos e o virei apenas o suficiente para puxá-lo para o banco de trás do carro. Tentando desajeitadamente colocá-lo no assento, fiquei sem fôlego com o esforço e mudei suas pernas sobre o assento para fechá-lo.

Já fazia alguns anos que eu não dirigia um carro e, quando sentei no banco do motorista, a ansiedade tomou conta dos meus nervos. Liguei o motor e voltei para Emberwick, por onde havíamos passado no caminho. No banco de trás, Devryck gemeu e grunhiu, e quando espiei pelo retrovisor, percebi o brilho do suor espesso em seu corpo. Minutos depois, finalmente cheguei ao centro da cidade e parei em frente ao boticário que visitei semanas atrás. Deixando-o no carro com as janelas abertas, saltei e corri para a loja, onde a mulher mais velha que me ajudou antes me cumprimentou com um sorriso.

O sorriso desapareceu quando ela pareceu perceber que algo estava errado.

“Eu preciso de ajuda! Meu... meu... professor. Ele está com febre. Ele está queimando muito.”

“Oh meu Deus!” Ela se arrastou pela loja, pegando várias coisas das prateleiras. Minha mente estava tão ligada e preocupada com a condição de Devryck que

nem percebi o que ela havia agarrado. Nós duas corremos para o estacionamento e ela abriu a porta, deslizando para o espaço estreito entre ele e os bancos dianteiros.

“Oh, ele está muito quente. Muito quente.”

Esperei do lado de fora do carro, andando de um lado para o outro, roendo as unhas. Sempre acreditei muito na medicina holística, mas e se não funcionasse? E se as toxinas atrapalhassem as propriedades curativas das ervas?

Ela passou um pano frio sobre a testa dele e o deixou lá, antes de rastejar de volta para fora do veículo. “Vou fazer para ele um chá preto gelado. Às vezes ajudava a baixar a febre do meu filho. Apenas esfrie-o com o pano. Eu volto já.”

Com um aceno choroso, deslizei entre os assentos, como ela fez, notando que ela havia desabotoado a camisa dele e apoiado a cabeça dele no casaco amassado. Isso me levou de volta ao dia em seu escritório, quando ele gritou comigo por usá-lo. O pensamento de alguma forma conseguiu superar meu medo e eu ri.

“Se você não sair dessa, vou queimar todos os seus casacos caros.”

“Você não vai... queimar... meus casacos”, ele murmurou, e um suspiro de euforia sacudiu meus músculos.

“Devryck? Abra seus olhos. Preciso ver se você está bem.”

Ele semicerrou os olhos e fez uma careta enquanto se mexia no assento, mas abriu as pálpebras para mostrar aqueles olhos lindos e ardentes. Embora suas pupilas estivessem dilatadas, ele parecia ter consciência. Lucidez.

Afastei o cabelo de sua testa úmida e estremeci com um suspiro de pânico. “Você me assustou pra caralho. O que diabos aconteceu lá atrás?”

“A… toxina… parou de funcionar.”

A decepção pairava como uma nuvem escura entre nós. “Por quê? Achei que você tivesse descoberto como torná-la sustentável?”

“Estava errado.”

“Eu administrei a dose no seu casaco. Você está bravo?”

“Bravo... porque você... salvou minha vida?”

Uma risada frustrada me escapou. Eu não queria rir, droga. Todo esse cenário ainda me deixava tremendo.

“Aqui”, disse a mulher, enquanto me passava um copo alto com um líquido preto cuja superfície brilhava como se houvesse diamantes nele. “Faça com que ele beba um pouco disso.”

“O que é?” Devryck perguntou, sua voz delirante.

“Não importa. Você vai beber, goste ou não. Eu salvei sua vida, portanto você tem que ouvir o que eu lhe digo.”

“Porra. Você vai... segurar isso sobre mim. Não é?”

“Durante o tempo que for necessário. Agora, beba.” Firmando seu braço, eu o ajudei tanto quanto pude, enquanto ele se sentava.

Ele franziu a testa, como se ainda sentisse dor, e o suor ainda grudava em seu peito e pescoço. Com uma expressão nada divertida, ele pegou a bebida de mim e tomou um gole. Erguendo levemente o copo, ele acenou com a cabeça para a mulher. “Obrigado.”

“Volto para ver como você está em um minuto, ok?”

“Oh! Qual o seu nome?” Eu perguntei, antes que ela fosse embora.

“Francesca.”

O som desse nome percorreu meu coração, e me perguntei se foi ela quem inspirou o pseudônimo de minha mãe. “Eu sou Lilia. Obrigada.”

Com uma piscadela, ela entrou apressada na loja e eu me voltei para o professor Bramwell.

“Então, o que... você não consegue mais sentir? Foi por isso que você evitou me tocar hoje?”

Com as sobrancelhas baixas, ele olhou para sua bebida. “Talvez o tormento mais vingativo tenha sido ter um breve momento para saber como era sentir você.”

“Então o que isso quer dizer?”

“De volta à prancheta.” Com um suspiro, ele tomou outro gole, mais longo que o anterior, e me entregou o copo. “Não sou fã de chá. Nem mesmo a sua variedade

gótica perturbadora.”

Com um sorriso inquieto, aceitei o copo e olhei para os fluidos brilhantes. “É pedra preta. E aparentemente é muito difícil de conseguir, então não vou desperdiçar isso.” Bebi o resto, o que não foi muito, e limpei a boca com as costas da mão. Outro fracasso significava que ele estava em risco novamente. Ele poderia ter morrido em meus braços naquela enseada. Eu nem queria pensar no que poderia ter acontecido lá atrás. “Acho que é muito bom, na verdade.” Afastando esses pensamentos sombrios, porque, caramba, ele ficaria bem, sorri. “Qual é a sensação de saber que acabei de engolir sua saliva?” Eu perguntei e forcei uma risada, desesperada por distração.

“Você engoliu coisa pior.” Ele gemeu e avançou em direção à porta do passageiro. “Vamos sair daqui antes que ela traga mais dessa merda.”

“Seja legal. Ela é a razão pela qual você não está tendo uma convulsão febril agora.”

“A toxina é a razão. Mas suspeito que esta dose não durará mais do que alguns dias. As convulsões vão piorar. Então, eu deveria voltar para o laboratório.”

Saí do banco de trás, permitindo que ele ficasse de pé ao lado do carro e, quando o fez, deu um passo para o lado. “Talvez eu deva dirigir?”

“Talvez não. Só preciso de um minuto.”

“Vou agradecer novamente a Francesca e dizer a ela que você está bem. Tem certeza de que pode dirigir?”

“Estou bem.”

“Ok, já volto.” Corri de volta para a loja, onde Francesca me cumprimentou com um sorriso, e enquanto eu entregava o copo vazio, ela ergueu uma sacola para mim. “Um pouco mais de chá de pedra preta.”

“Oh, não. Não posso. Você já me deu muito.”

“Por favor. Caso a febre volte.” Quando ela me entregou, segurou minha mão na dela. “Ele é um Bramwell.”

“Sim.” Hesitei em admitir, porém, já desconfiada de suas opiniões.

“Eles moram nesta ilha há vários anos. Apenas tome cuidado, querida.”

Abri um sorriso, apesar da vontade de contar a ela que o que ela tinha ouvido sobre Devryck não passava de fofoca. “Eu vou.”

“Tome cuidado.”

Quando saí da loja, Bramwell já estava no banco do motorista, o carro acelerando enquanto ele me provocava para me apressar. Deslizei para o lado do passageiro e ele partiu de volta para a universidade.

“Tenho que sair a negócios por alguns dias”, disse ele, olhando para mim.

“Oh. OK.” Cara, hoje acabou sendo uma montanha-russa, com a visita de Gilchrist e o que aconteceu na praia. Agora a decepção de ele ter que sair.

“Você já se inscreveu para o próximo semestre?”

Recebi o e-mail de Langmore, mas ainda não tive tempo para fazer isso. “Não, ainda não. Eu vou.”

“Bom. Vou pré-aprová-la para o segundo semestre de neuroparasitologia. E meu laboratório de anatomia geral.”

“Achei que isso fosse reservado para estudantes de medicina”, retruquei.

“E é. Mas sou o professor. Posso adicionar quem eu quiser, se achar que é esperto o suficiente para acompanhar. Então, certifique-se de adicionar esse.”

Um sorriso brincou em meus lábios. “E se eu não quiser aceitar?”

“Você vai aceitar, quer queira ou não.” Ele agarrou minha coxa e recuou rapidamente, sacudindo o carro com seu movimento. Franzindo a testa, ele ergueu a mão, girando-a como se fosse algo estranho na sua frente.

“O que está errado?”

“Minha sensibilidade voltou.”

Olhei para sua mão e de volta. “Isso é fantástico.”

“Isso é impossível.” Ele parou o carro, saindo da estrada principal e descendo por alguma rua lateral obscura. Quando o carro derrapou até parar, ele apertou o isqueiro. Quando estourou, ele segurou a ponta aquecida perto da pele e sua carranca se aprofundou. “É o contrário.”

“A toxina está funcionando, então?”

“Eu não acho.” Ele flexionou a mão e fechou-a em punho. “Eu ainda ficava entorpecido depois da injeção.”

Intrigada, balancei a cabeça. “Então como?”

“O que ela me deu no boticário?”

“Não vi tudo, apenas Kali Phos, eu acho. E flor de sabugueiro. E o chá, claro.” Tirei da minha bolsa a pequena sacola que ela havia me dado e entreguei a ele.

Ele arrancou-a das minhas mãos e ergueu-a contra a luz, onde a superfície brilhante iluminava através da sacola. “Lilia… isso pode ser o que está faltando. Isso pode ser o que pode sustentar a toxina.”

“Quero dizer... faria sentido, certo? Os pássaros que não se infectam. Os... os... os... nativos que usavam as pedras pretas como dentes.” Fiz um gesto em direção ao meu, percebendo o tremor de excitação percorrendo meu corpo.

“Eu tenho que testar. Para ter certeza de que não degradará a toxina. Mas você pode ter descoberto um complemento brilhante.”

“Bem, tecnicamente, eu não...” Antes que pudesse terminar, ele arrastou meu rosto até o dele, esmagando meus lábios com um beijo.

“Venha aqui”, disse ele, empurrando o assento para trás, colocando-o na posição deitada. “Venha aqui, porra.” O tom áspero e necessitado de sua voz refletia a necessidade que pulsava através de mim. Depois do estresse de antes, tive uma onda de pura adrenalina bombeando através de mim. A perspectiva de queimá-la me motivou o suficiente para me mover sem pensar muito sobre como diabos faríamos isso no carro dele.

Subi no console e montei em seus joelhos no assento apertado, o volante pressionado contra minhas costas, enquanto ele se apressava para desabotoar a calça.

Com mãos apressadas, ele se libertou e levantou meu vestido. “A camisinha”, disse ele, olhando para mim. A perigosa turbulência em seus olhos deixou meu coração em frenesi. Ele olhou para mim como se estivesse fantasiando seu bebê dentro de mim, então rapidamente piscou.

Gemendo, ele levantou os quadris apenas o suficiente para me empurrar para cima. Ele enfiou as mãos no bolso da calça e, depois de arrancá-la do pacote, alisou a camisinha sobre o eixo saliente.

Eu apenas puxei minha calcinha de lado, antes que ele segurasse meus quadris e me trouxesse até sua virilha. Já molhada, afundei nele com facilidade, mordendo meu lábio inferior enquanto seu pênis me enchia e me esticava.

“Foda-se!” Ele inclinou a cabeça para trás, os olhos perdidos em êxtase.

Com a mão na minha nuca, ele me arrastou para um beijo e pressionou nossas testas.

Minha mão disparou contra a janela, os dedos arranhando o vidro, desesperada para agarrar alguma coisa. Para rasgar, arranhar e destruir. Minhas mãos ansiavam por destruir, do jeito que ele me destruía por dentro, me deixando faminta e gananciosa por ele.

“Você é a febre em minhas veias”, disse ele com os dentes cerrados, enquanto avançava em mim com determinação furiosa. “Uma loucura incurável da qual não consigo me livrar. Foder você é a única coisa que me mantém são, Lilia.” Ele fundiu nossos lábios, roubando meu fôlego, e quando ele se separou, sua mão se moveu para minha garganta, apertando apenas o suficiente para separar meus lábios e prender a respiração seguinte. Uma euforia vertiginosa tomou conta de mim, e meu corpo se sacudiu quando ele rasgou o busto do meu vestido, expondo meus seios para que eles saltassem e balançassem com cada impulso dizimador. “Essa boceta é tudo em que penso. Tudo que eu desejo. Você infectou cada parte de mim e não consigo parar. Não consigo parar essa obsessão.”

A falta de ar, suas palavras e a sensação de seu pênis me enchendo, deixaram minha cabeça no caos, meu corpo em estado de paralisia. Ele apertou com mais força e um gemido saiu dos meus lábios.

“Não. Nenhum som baixo vindo de você. Eu quero ouvir você gritar, porra. Você está no meio do fogo agora, Pequena Mariposa. Mostre-me o quanto queima.” Ele afrouxou o aperto apenas o suficiente para que eu soltasse um gemido rouco e gutural.

Agarrei o assento atrás dele e montei nele com força, saboreando a expressão dolorida de êxtase em seu rosto quando ele inclinou a cabeça para trás, a

mandíbula tensa, as veias saltando de seu pescoço.

“Ahhh, porra!” Seus dedos cravaram em meus quadris, enquanto eu aumentava o ritmo, os sons molhados eram uma prova de quão quente o homem me deixou.

“Eu quero sentir você gozando no meu pau.” ele murmurou.

O carro sacudiu e saltou com seus impulsos agressivos.

Meus gemidos aumentaram quando um prazer quente e envolvente surgiu através de mim.

Cerrei os olhos, mas os abri com um aperto na nuca.

“Olhos em mim. Eu quero ver você gozar.”

Um raio atingiu meus músculos, puxando-os para um fio de tensão, e seu nome reverberou dentro do meu crânio enquanto eu gritava sem parar.

Ele esmagou seus lábios contra os meus e mordeu meu lábio inferior enquanto se afastava. “Você é uma visão impiedosa de perfeição.”

Seus quadris se moveram para baixo, me incentivando a levantar, e ele levantou a bainha do meu vestido enquanto me tirava e tirava a camisinha, jogando-a em uma lixeira ao lado dele. Enquanto eu me acomodava em suas coxas, ele continuou a bater em seu pau e, segundos depois, jatos quentes pintaram minhas coxas, enquanto ele dirigia seu orgasmo através de minha pele.

Com o lábio preso entre os dentes, as sobrancelhas franzidas, o pescoço brilhando com o suor de seu corpo áspero e sobrecarregado, ele grunhiu, observando-se gozar em cima de mim. Como se ele estivesse me marcando. Fazendo-me como dele.

A visão disso fez meu útero apertar.

Ele me puxou para cima dele, me segurando ali, e eu descansei minha cabeça em seu peito de mármore, ouvindo seu coração bater em uma cadência selvagem. Um som tão lindo depois do que aconteceu antes. “Provavelmente não deveríamos ter feito isso aqui. Ao ar livre.”

Eu sorri, minha bochecha ainda pressionada contra sua pele quente. Embora eu não tivesse visto outro carro ou casa à vista quando ele partiu, ele provavelmente estava certo. Precisávamos ser mais cuidadosos, embora isso tenha sido parte da

emoção para mim. Meu cabelo estava grudado na minha pele úmida, as janelas embaçadas com a nossa foda intensa. “Devryck,” eu disse sem fôlego, cada músculo gasto e liquefeito. “Eu estou assustada.”

“Sobre o que?”

“Isso está começando a parecer mais do que apenas sexo para mim.”

“Então, por que isso te assusta?”

“Porque não consigo ver além do vazio e parece que é aí que as coisas desmoronam.” A ardência em meus olhos era um incômodo irritante. Eu não queria chorar na frente dele. Não depois disso. Minhas emoções pareciam fios elétricos saltando em faíscas quentes. “Se você me abandonar agora, se você me deixar de lado…”

“Ei.” Os dedos se enroscaram em meu cabelo, e ele puxou minha cabeça para trás, olhando para mim. “Você não precisa ter medo. Eu nunca vou te machucar, Lilia. Na verdade, vou fazer um inferno para qualquer um que te machucar novamente.”

Eu o amava. Cada célula, cada fibra do meu ser não conseguia esconder essa verdade. Mesmo que eu não fosse ousada o suficiente para dizer isso ou corajosa o suficiente para arriscar que o universo roubasse isso de mim, as palavras eram tão reais quanto meus medos.

As palavras que mantive em segredo como todas as minhas outras bugigangas – guardadas em segurança.

Capítulo 58

Lilia

“Acesso negado?” Franzindo a testa, recostei-me na cadeira e cliquei no botão do meu laptop para fazer login e registrar-me pela terceira vez.

A mesma mensagem de erro retornou. O que diabos estava acontecendo?

“Dificuldade?” uma voz disse da porta, e me virei para encontrar Mel encostada no batente com os braços cruzados. Embora Gilchrist tivesse prometido não me delatar, eu ainda sentia uma sensação de culpa por ter revelado o nome dela.

“Só estou tentando me inscrever para o próximo semestre.”

“E há algum problema?”

Eu congelei, olhando para ela, estudando a expressão divertida em seu rosto. “Existe?”

“Talvez o papai não tenha gostado de ser chamado.”

“O que você quer dizer?”

“Lilia Lippincott. Tem um toque cativante.”

Uma percepção doentia tomou conta de mim, e foi então que soube exatamente o que Gilchrist tinha feito. Ela trocou um escândalo por outro. Com os músculos

tensos pela expressão impassível que mantive no lugar, recusei-me a confirmar algo que também não havia sido confirmado para mim. Era especulação. Boato. Não fiz exame de sangue para provar nada.

“Não sei por que pensei que poderia confiar em você. Lixo de Covington.”

“O que você fez?”

“Meu blog nunca foi tão popular como agora. Mais de quatro mil acessos em questão de duas horas. E o escândalo da próxima semana terá uma continuação absolutamente deliciosa. *A suposta filha do reitor transando com o Doutor Morte.”*

“Não sei do que você está falando”, menti.

Ela revirou os olhos e, quando tirou o telefone do bolso, meus joelhos quase cederam. A foto mostrava o carro de Bramwell, os vidros embaçados e minha mão pressionada contra o vidro. Sem rostos, no entanto.

“Eu não sei do que você está falando,” disse novamente, sem nem mesmo me contorcer.

Gemendo, ela deu um zoom na minha mão e, logo abaixo dela, pude ver minha tatuagem *do Momento Mori* no meu antebraço. “Ninguém mais no campus dirige um Maserati Ghibli preto.”

A ideia de que ela tinha nos espionado, que ela tinha chegado ao ponto de tirar fotos para um maldito escândalo, fez meu estômago revirar. Eu sempre brinquei que Covington era o lar das piores almas, mas aqui elas eram de uma raça diferente. Um gênero intrigante e manipulador de seres humanos. “Por que?”

“Sério? Você me delatou e está perguntando por quê?”

“Ela estava ocultando informações sobre tudo. Meu pai. Minha mãe!”

“Oh, boo-porra-hoo.” A maneira como ela zombou de mim causou uma coceira na palma da minha mão - o desejo de arrastá-la e bater nela, testando minha contenção. “Você tentou me expulsar. Para minha sorte, Lady Gilchrist estava disposta a fazer um acordo.”

“Sim. Ela fez um acordo comigo também.” Eu zombei. “Boa sorte com isso.”

“Você é patética, sabia disso? Não tem senso de autopreservação. É apropriado,

no entanto. Você e Spencer como irmãos. Toda uma família patética.”

Exceto que Spencer me disse que Lippincott não era seu pai. Não que eu planejasse divulgar essa informação para a vadia fofoqueira. “Foda-se. Saia do meu quarto.”

“Parece que não será seu quarto por muito tempo,” ela disse, e se afastou como a cobra que era, oferecendo algum alívio ao sorriso maroto estampado em seu rosto.

Spencer.

Por razões que não consegui explicar, queria falar com ele nesse momento. Peguei meu telefone e disquei o número dele. Tocou e tocou, e quando caiu na caixa postal, desliguei e disquei novamente. Cada nervo do meu corpo estremeceu enquanto eu esperava a mensagem de voz entrar em ação. Dean Langmore apareceu na minha porta, ladeado por dois seguranças uniformizados.

Confusa, baixei o telefone, tentando imaginar por que eles estariam no meu dormitório.

Langmore ajustou os óculos e cruzou os braços na frente do corpo. “Srta. Vespertine? Vou pedir que você arrume suas coisas imediatamente.”

Os olhares persistentes dos estudantes que passavam fizeram minhas bochechas queimarem, enquanto meu corpo tremia em um tremor chocante.

“Desculpe?” Eu perguntei, minha voz tremendo com seu comando desorientador.

“Por favor, arrume suas coisas. Você será escoltada até o barco imediatamente.”

Escoltada para fora? Fora de Dracadia? “Eu estou... você está me expulsando?”

“Sim, Srta. Vespertine.”

“Posso perguntar por quê?”

Langmore tirou os óculos e beliscou a ponta do nariz. “Por favor, não torne isso difícil. Suas despesas de barco e trem serão pagas, então não precisa se preocupar com isso.”

Preocupar-me com *isso?* Essa era a menor das minhas preocupações naquele momento. Olhei ao redor do quarto, sem saber por onde começar. Eu fiz deste

quarto minha casa. Meu lugar seguro. Por onde começar a dobrá-lo e guardá-lo? Lágrimas rolaram em meus olhos enquanto eu puxava minha mala da prateleira e começava com minhas roupas, dobrando-as cuidadosamente. Em seguida, arrumei meus livros, fotos, bugigangas e a concha que Devryck me deu.

Eu queria tanto ligar para ele e, embora tivesse seu número de telefone, tive medo de contatá-lo, principalmente enquanto ele estava fora a negócios. Quem sabia como tudo isso iria abalar, e a única coisa que teria me feito sentir pior seria a universidade descobrir sobre nós e manchar nosso relacionamento. Punindo-o por isso. Tínhamos evitado todas as comunicações por telefone, absolutamente nenhum rastro de papel com e-mail, mas naquele momento, eu gostaria de ter mandado uma mensagem para ele. Nem que seja por outro motivo, a não ser para dizer adeus.

Depois que tudo foi colocado na minha mala, fiquei no centro do quarto, as lágrimas turvando minha visão.

A expressão de Langmore continha pelo menos remorso. Ele não tinha o mesmo sorriso maroto de Mel. E pelo menos ele me ofereceu um pouco de dignidade quando chamou os seguranças.

Por mais que eu quisesse, não pude ligar para Jayda. Recusei-me a colocar sobre ela meu problema, com o novo bebê. Eu não tinha escolha. Por mais sombrio que fosse, seria forçada a voltar para o apartamento.

Langmore me conduziu pelo corredor, o que de repente pareceu uma caminhada de vergonha, pela forma como todos me encararam. Quando passamos pelo quarto de Mel, nem me preocupei em olhar para ela. Minha expulsão poderia ter sido uma reação ao blog dela? Será que Lippincott ficou sabendo disso, de alguma forma?

O som de sua risada bufante quando passei me irritou, e algo dentro de mim estalou.

Num movimento caprichoso, larguei minha bolsa e mala e bati meu punho em sua bochecha. Um grito saiu dela quando ela tropeçou para trás na parede.

“Srta. Vespertine!” Langmore mexeu com meu braço enquanto eu recuava para dar outro soco. “Não vamos fazer espetáculo!”

A adrenalina batia em minhas veias, enquanto eu respirava com dificuldade pelo

nariz e absorvia as consequências do que tinha feito, onde Mel estava caída contra a parede, com sangue já escorrendo de seu nariz. Lágrimas brotaram em meus olhos enquanto eu reunia minhas coisas e seguimos para o elevador e descemos até o primeiro andar.

Em silêncio, ele me levou até o cais do barco e, enquanto estávamos na fria casa de barcos, esperando minha carona, ele pigarreou. “Eu não queria isso. Só para que saiba, Srta. Vespertine. Sinto muito.”

Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Eu também não queria isso.

Mas não era esse o caminho da felicidade? Talvez a razão pela qual sempre tenha havido um vazio negro no horizonte. Porque eu estava condenado à solidão.

———

O trem chegou à estação abandonada onde eu parti pela primeira vez para Dracadia e, quando parou, olhei pela janela e vi o motorista do Uber para quem liguei. Felizmente, eu ainda tinha dinheiro sobrando do dinheiro que Devryck me deu. Quando finalmente voltei ao apartamento, estava exausta, tanto emocional quanto fisicamente. Meu telefone morreu no meio do caminho entre a estação de trem e o apartamento, tornando a viagem com o motorista do Uber um pouco angustiante.

Um pavor doentio revirou meu estômago enquanto subia a escada para o apartamento. Quando cheguei à porta, Conner abriu-a, com uma expressão de simpatia.

“Ei, garota”, disse ele, pegando minha mala para mim.

Meus olhos vagaram cautelosamente em busca de Angelo – a única coisa que poderia piorar o indesejado retorno ao lar.

Um cheiro horrível assaltou meu nariz e, ao passarmos pela cozinha, notei uma pilha de pratos na pia, recipientes de comida descartados e latas de cerveja espalhadas pela mesa e pelo chão.

“Não …. Não se preocupe com tudo isso. Eu vou limpar. Acabei de chegar em casa do trabalho não faz muito tempo.”

Eu não disse nada, enquanto ele me conduzia pelo corredor em direção ao meu quarto. Meu olhar mudou para a direita dele, em direção ao corredor escuro, e ele olhou por cima do ombro e para trás.

“Ainda não encontrei um colega de quarto. Callaghan decidiu manter sua própria casa. Mas não quero que você se preocupe com nada. Eu cuidarei de tudo até você encontrar algum trabalho, ok? Apenas, uh... acomode-se novamente.” Ele abriu a porta do antigo quarto e, na maior parte, parecia igual, como se nada tivesse sido tocado, felizmente. Só que mais vazio, já que a maior parte das minhas coisas ainda estava na mala, mas limpo.

Eu nem tive energia para desfazer as malas, enquanto caminhava como um zumbi em direção à cama. *A* cama. Não é minha. Nada no apartamento parecia mais meu. Eu senti como se tivesse entrado em um mundo estranho, tentando encontrar conforto em um lugar que se tornou estranho para mim. Dracadia era meu conforto. Minha casa. Isso não. Aqui não.

“É bom ver você de novo, Lil”, disse Conner, e o clique da porta sinalizou sua saída.

Com seus passos recuando, eu me enrolei na cama e finalmente desabei.

Capítulo 59

Devryck

Duas horas antes…

Os viciados tropeçavam enquanto eu vagava lentamente pelas ruas do centro de Thresher Bay, ao longo de uma faixa conhecida como Meth Mile. Tendas improvisadas alinhavam-se na calçada, onde os moradores de rua consumiam drogas e a prostituição era galopante. Escaneando os olhos, procurei minha próxima cobaia.

De volta ao laboratório, administrei o chá preto em Patroclus e Achilles e observei as duas mariposas, que já haviam retornado ao estado paralisado, levantarem voo novamente. Agora que eu tinha um método para sustentar os efeitos da toxina, era hora de uma nova cobaia. Colher toxina fresca com minhas larvas mais recentes e tentar produzir uma versão sintética, evitando a necessidade de colheita humana. Eu só precisava de um pouco mais disso.

Uma morena estava parada na esquina da Gratis com a Vine Road, usando um minivestido preto curto de salto alto e um casaco. Não foi a escolha do traje que me disse que ela era uma prostituta, mas a maneira como ela imediatamente se aproximou e se inclinou na janela do passageiro do meu carro, quando parei no meio-fio.

“Olá bonitão. Por favor, me diga que você está procurando companhia.”

Não consegui olhar para ela e mantive meu olhar fixo para frente, olhando através do para-brisa para centenas de outras pessoas que eu poderia ter escolhido. Não era pessoal. Eu só optei por ela em vez de um viciado em drogas porque não me importava em arrastar um corpo semiconsciente. “Eu estou,” menti.

“Bem, tudo bem então.” A porta se abriu e ela deslizou para o banco do passageiro cheirando a perfume de rosas. Porra, eu odiava aquele cheiro.

“Você está disposta a sair da cidade?”

“Depende de quanto dinheiro você tem, querido.”

Levantei uma pilha dobrada de notas. Três mil dólares que ela nunca teria a oportunidade de gastar se dissesse sim.

“Estou disposta a ir aonde você quiser, querido. Por tanto? Você pode *fazer* o que quiser.”

Certamente, isso não incluiria infectá-la com parasitas.

Enquanto ela colocava o cinto de segurança, guardei o dinheiro no bolso e segui pela estrada. Em um movimento ousado, ela estendeu a mão, passando os dedos pela minha virilha, e eu levantei seu braço para colocá-lo de volta em seu colo.

“Não enquanto eu estiver dirigindo.”

“Você não gosta de estrada?”

Eu gostava. Mas só quando uma certa dor ruiva na minha bunda estava me dando isso. “Não particularmente”, respondi. Planejei levá-la para a Ilha Dracadia e, assim que chegássemos à entrada de cadáveres, eu a anestesiaria e a infectaria com os parasitas.

“Tudo bem. Deixe-me saber o que você quer, lindo.”

Eu queria rir disso, mas uma culpa incomum rasgou minha consciência. Até certo ponto, matar tornou-se natural para mim. Biológico. Talvez até genético e, ouso dizer, fascinante de observar. Exceto pelo fato de que, ao contrário dos outros, ela não tinha feito nada para merecer a minha crueldade. Ela era inocente e, por causa disso, não tive alegria na ideia de matá-la.

Eu não tinha tempo para procurar minha próxima cobaia, no entanto. Havia uma

pequena janela de tempo antes que o novo lote de ovos eclodisse, e com a informação que recebi sobre Angelo DeLuca, talvez eu nunca rastreasse o idiota.

Quando chegamos à lancha, ela se sentou no banco e olhou em volta. De alguma forma, isso me lembrou do dia em que levei Lilia para a velha mansão. A inocência e a curiosidade.

“Vamos dar um passeio de barco?”

“Sim. Você disse que está disposta a sair da cidade, correto?”

Suas sobrancelhas se ergueram e ela olhou de volta para o mar escuro. “Você está falando sobre a ilha?”

“Sim. Sou professor lá.”

“Você é?” Qualquer pequena apreensão que ela pudesse ter tido um momento atrás, desapareceu em um sorriso astuto. “Bem, caramba, esta é minha noite de sorte!”

Dificilmente.

Ao longe, a balsa se aproximou e passei a mão pelo cabelo e rosto. Eu não conseguia. Não podia fazer isso, porque tudo que eu conseguia pensar, tudo que importava para mim, era na garota. A linda garota com seus cabelos outonais e olhos que me lembravam o mar e o céu. E ela era tudo. A terra, o sol, a lua. O ar que eu respirava e a batida tenaz que mantinha meu coração erodido batendo forte.

O que eu sentia por Lilia não era saudável. Além da simples obsessão, era uma possessão repugnante. Selvagem e voraz, beirando a violência.

Quando eu estava prestes a mandar a mulher sair do meu carro, meu telefone tocou no bolso e eu o puxei para ver o número de Langmore piscando na tela. A única vez que recebi ligações pessoais foi quando o idiota estava prestes a fazer algo que eu não aprovava.

“Com licença”, eu disse, saindo do veículo. Assim que a porta foi fechada, respondi: “Olá”.

“Devryck, é Lang...”

“Sim. Eu sei.”

“Estou ligando porque…. Bem, tentei ligar para seus escritórios, mas não houve resposta.”

Os segundos que passaram minaram minha paciência. “Estou ocupado.”

“Certo. Suspeito que você vai ficar muito zangado e... quero que saiba que não tive nada a ver com isso.” O tom trêmulo de sua voz imediatamente me colocou em alerta.

“Nada a ver com o quê?”

“Lilia Vespertine foi expulsa. Não sei bem o motivo disso, mas recebi uma ordem de Lippincott para que ela saísse imediatamente do local. E visto que você foi bastante inflexível sobre ela permanecer matriculada em sua turma, achei que deveria alertá-lo.”

Eu rangi meus molares, fazendo o meu melhor para conter a vontade de socar alguma coisa. Para o inferno tentar manter em segredo o que tive com Lilia. Não poderia dar a mínima naquele momento. “E ela foi enviada para onde?”

“De volta para a casa dela em Covington.”

“Eu quero o endereço.”

Ele soltou um bufo. “Acho isso altamente inapropriado, Dev…”

A raiva explodiu dentro de mim. “Endereço! Agora!”

“Muito bem. Vou te mandar uma mensagem com o endereço dela. Mais uma vez, saiba que não tive nada a ver com isso.”

Respirando fundo, consegui um pouco de controle e moderei minha voz. “Agradeço sua ligação. Vou considerar essa gentileza quando voltar”, eu disse com os dentes cerrados. “Não conte a ninguém que conversamos, ou por Deus, farei você se arrepender.”

“Você tem minha palavra.”

Desliguei a ligação e, enquanto a raiva me dominava, bati com o punho no capô do carro. Exalando um suspiro, deslizei de volta para o banco do motorista. “Mudança de planos.” Enfiei a mão no bolso do casaco e puxei a pilha de notas, entregando quinhentas. “Para o seu problema.”

“Você está cancelando? Por quê?”

“Por favor, saia.”

“Eu disse que estou bem, indo…”

“Dê o fora!” Eu lati e desviei minha atenção dela. “Por favor.”

“Tudo bem. Eu vou dar o fora. Idiota.” Ela guardou as centenas em sua camisa. “Se mudar de ideia, você sabe onde me encontrar.”

No momento em que ela saiu do carro, liguei o motor. Meu telefone vibrou com uma mensagem: o endereço de Lilia. Quando digitei no GPS do carro, ele mostrou algum teatro na Prather Street. “Se você me deu a porra do endereço errado, você é um homem morto”, murmurei, e liguei o carro.

Com as mãos tremendo de raiva, disquei o número de telefone de Lilia.

Direto para o correio de voz.

“Porra!” Rosnei e disquei novamente.

Ainda assim, a chamada não foi conectada.

Tentei mais três vezes, cada tentativa sem sucesso apenas aumentando minha pressão arterial. Depois de jogar o telefone no banco do passageiro ao meu lado, fechei a mão em punho e respirei contando até quatro, uma tentativa estúpida de acalmar a raiva que crescia em meu estômago. A última coisa que Lilia precisava, depois do dia de merda que ela sem dúvida teve, era que eu aparecesse pronto para matar alguma coisa.

Capítulo 60

Lilia

Depois de uma batida suave na porta, abri os olhos que estavam pegajosos de lágrimas secas. A escuridão cobria o quarto, exceto pelo brilho suave das luzes de Natal ao redor da minha janela.

“Lil?” Conner espiou pela porta. “Vou até a casa de Callahan. Ela tem…”

“Conner, eu sei que vocês dois têm algo acontecendo, ok? Está bem.”

Seus lábios se achataram e ele esfregou a nuca. “Foi apenas…. não sabia se era muito cedo depois da sua mãe.”

“Já se passaram quatro anos. Está bem.”

“OK. Você precisa de alguma coisa?”

“Acho que não. Você não está... planejando receber Angelo tão cedo, está?”

“Não. Eu não o vi muito, de jeito nenhum. O cara ficou tão fodido depois de ouvir o que aconteceu com aquele idiota rico.”

“O que aconteceu com ele?” Parte de mim não queria saber. Embora eu sempre tivesse tido uma consciência periférica dos negócios duvidosos de Conner e Angelo, nunca me envolvi muito nos negócios deles.

Era um mundo sombrio que eu mantive à margem. Um que me assustava.

De qualquer forma, não era como se eu tivesse muita escolha, já que Conner era tão reservado sobre isso.

“Ele teve os olhos arrancados. Pênis cortado. Todas as suas entranhas estavam espalhadas pelo chão ao redor dele. Quem fez isso era um verdadeiro doente.”

“Você me disse que o cara que ele matou era algum tipo de sádico. Não um santo.”

“Certo. Tenho certeza de que ele fez pior. De qualquer forma, não falo com Angelo há cerca de duas semanas.”

Um pequeno alívio depois da tempestade de merda que acabei de passar. “Eu só vou dormir. Amanhã sairei e verei se consigo encontrar um emprego.” A última coisa que pretendia fazer era ficar no apartamento o dia todo, lamentando no meu quarto.

“OK. Mas, novamente, estou aqui por algumas semanas, ok? Você não precisa se apressar em nada. Ainda me sinto péssimo pelas mensalidades de Bee.” Como ele deveria, mas guardei isso para mim. “Como você conseguiu que eles a deixassem ficar?”

“Apenas resolvi as coisas. Ela está bem por alguns meses.”

“Legal. Tudo bem. Vá dormir um pouco.”

Com um aceno de cabeça, rolei de volta na cama, olhando para o céu noturno. Toquei na tela do meu celular e, quando ela ficou preta, levantei-me da cama. Seguir a trilha até o final do cabo mostrou que não me preocupei em conectá-lo à parede para carregar antes. “Caramba!” Uma luz de bateria fraca iluminou a tela quando coloquei o cabo na tomada. Caí de volta no travesseiro, suspirando.

O fato de Devryck ter saído a negócios significava que nem mesmo ele estaria me procurando ainda. Mas quando voltasse, o que ele pensaria?

Minha mente voltou ao dia na praia, quando ele me levou para dar meu primeiro mergulho no oceano. A viagem em seu carro por estradas sinuosas. Os momentos que roubamos. Os beijos. Seu toque. Será que algum dia eu o veria novamente? Ou um dia ele desapareceria no sonho perfeito?

Estendi a mão para a beirada da cama e tirei da mala a pintura do balanço e do oceano que minha mãe pintou. Através de uma névoa de lágrimas, olhei para a vista que um dia esperava tornar realidade para mim e Bee. Mesmo que tenha sido breve a minha visita à casa, senti-me em casa. Minha verdadeira casa.

Segurei a pintura contra o peito e, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, meu dedo passou por um canto levantado da tela, onde devo tê-la enfiado muito apressadamente na minha mala. Passei a ponta desgastada pelo dedo e avistei algo atrás dela. Enfiando meu dedo mindinho na pequena abertura, senti algo dentro. Puxei o canto solto da parte de trás, soltando-o dos grampos, e depois de retirá-lo o suficiente, descobri que um papel dobrado havia sido preso à parte interna da tela.

Que diabos?

Desdobrei o papel para encontrar uma carta.

Assinada pela minha mãe.

Duas semanas antes de ela morrer.

Minha doce Lilia,

Se você está lendo isso, ou esqueci e, nesse caso, suspeito que teremos uma longa conversa depois. Ou minha doença piorou e você está procurando respostas. De qualquer forma, suponho que era para ser.

Passei horas, dias, decidindo como contar a você coisas que guardei para mim mesma por vários anos. Coisas importantes. À medida que minha doença parece estar progredindo, sinto-me compelida a deixar algo para trás e não seria justo carregar todos os meus segredos comigo.

Vou começar dizendo que ninguém neste mundo é mais importante para mim do que você e sua irmã. Cada decisão que tomei foi por amor a vocês duas.

Dito isso, eu menti para você, meu amor, e espero que você encontre em seu coração a capacidade de me perdoar.

Embora você sempre me tenha conhecido como Francesca Vespertine, meu nome verdadeiro é Vanessa Corbin. Nasci em uma pequena ilha na costa do Maine chamada Dracadia, onde viveram gerações de nossa família. Na verdade, somos descendentes dos primeiros colonos. O que provavelmente teria sido uma

conversa legal de se ter, se meu passado não estivesse tão cheio de disfunções.

Um ano antes de você nascer, conheci um médico encantador que me convenceu a estudar na universidade para ajudar a curar meu diabetes. Nós nos apaixonamos, mas ele era casado na época, então as coisas ficaram um pouco complicadas. Principalmente quando engravidei de você e ele pediu que eu interrompesse a gravidez. A mera sugestão de tal coisa partiu meu coração e recusei – uma decisão que irritou tanto ele quanto meu pai.

Seu pai ameaçou que se eu decidisse prosseguir com a gravidez, ele garantiria que eu nunca conseguiria a sua custódia.

Eu era jovem, estúpida e assustada. Então fugi com nada mais do que as roupas do corpo e o dinheiro na bolsa. E quanto mais tempo eu ficava longe, mais fácil era ficar longe, porque ter que explicar quase duas décadas de ausência parecia mais difícil. As mentiras para protegê-la ficaram fora de controle.

Então, há cerca de duas semanas, fui para casa para o funeral da minha mãe. Sei que você pensou que eu estava pensando em fazer uma cirurgia para Bee, mas contar a verdade na época era complicado. Novamente, me perdoe. Eu só queria ver minha mãe mais uma vez e talvez encontrar uma maneira de garantir a casa onde cresci, um lugar onde você, eu e Bee pudéssemos viver livremente. Infelizmente, a casa foi hipotecada e descobri que o novo proprietário era seu pai.

Eu deveria ter ido embora. Eu gostaria de ter feito isso. Fui tola em pensar que os anos o tornaram mais sábio. Que o havia mudado de alguma forma. Eu estava errada.

Ele não sabe sobre você. Menti e disse a ele que havia sofrido um aborto espontâneo e perdido a gravidez. Não porque eu não quisesse que você tivesse um relacionamento com seu pai, mas porque ele é um homem perigoso em quem não se pode confiar. Menti para te proteger, Lilia.

Portanto, não vou lhe dar o nome dele. Embora eu suspeite que você seja inteligente o suficiente para juntar as peças com base no que eu te contei, estou pedindo que você deixe de lado sua raiva por mim e fique longe dele. Acredite em mim, você está melhor sem ele.

Caso eu não melhore, não o procure para nada. Você vai superar as coisas. Você sempre faz.

Eu amo muito você e Bee. Infinitamente. E estou muito orgulhosa de você, minha doce menina.

Amor para sempre,

Mãe

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, e eu rapidamente as enxuguei enquanto franzia a testa para a carta. Suspeitei que fosse de Lippincott que ela estava se referindo, mesmo que se recusasse a dizer. Ela deve ter se encontrado com ele sobre a casa – o momento de tudo exatamente antes de ela ficar doente. Poderia ter sido ele quem a infectou?

O som de uma batida forte em algum lugar do apartamento interrompeu meus pensamentos. Com os músculos endurecidos, olhei de volta para a porta e, depois de colocar a carta e a pintura de volta na minha mala, fui na ponta dos pés em direção a ela, pressionando minha orelha no painel de madeira.

Conner havia retornado?

Abrindo a porta, saí para o corredor para ouvir melhor. “Conner? É você?”

Nenhuma resposta.

Outro *baque forte* e eu estremeci.

Caminhei até a metade do corredor escuro, com as orelhas em alerta, e examinei a cozinha e a pequena sala de estar em frente a ela.

Nenhum sinal de ninguém.

Garras frias de medo deslizaram pela minha nuca e corri de volta para o meu quarto para pegar meu telefone e ligar para Conner. Peguei o telefone ainda carregando na minha mesa de cabeceira – apenas dez por cento de bateria – e corri de volta para a porta. Quando a abri, Angelo estava no corredor escuro, sua forma iluminada pela pequena luz da cozinha.

O ar parou no meu peito e meu estômago embrulhou.

Seu cabelo estava em ângulos desordenados, e a barba e o bigode que cobriam seu rosto me diziam que ele não se barbeava há algum tempo. Olhos vermelhos indicavam pouco sono ou drogas, e ele parecia mais magro do que da última vez que o vi.

Em uma batida frenética do meu coração, girei em direção à porta da frente e corri pelo corredor, na direção oposta. Corpo batendo na porta com o impulso, eu me atrapalhei com a fechadura.

Uma dor lancinante açoitava meu couro cabeludo enquanto Angelo puxava meu cabelo para trás. “Onde porra você pensa que vai, vadia!” Uma batida forte contra minha mão derrubou meu telefone e ele caiu fora de alcance.

Abri a boca para gritar e uma mão suja espalmou meu rosto, seus dedos cravando-se em minhas bochechas. Com o grito abafado, agarrei suas mãos e mordi seu polegar. Forte.

“Ahhh, sua puta!” Ele me soltou e eu me soltei, ficando cara a cara com ele.

Ele bloqueou a porta, lambendo o sangue do polegar.

Meu telefone estava à direita dele.

A adrenalina corria através de mim em pulsos quentes, enquanto minha mente lutava por um plano.

A faca. Eu tinha enfiado meu canivete debaixo do travesseiro mais cedo. E a escada de incêndio ficava bem do lado de fora da minha janela. Corri de volta para o meu quarto, os passos pesados de Angelo me perseguindo. No momento em que entrei no meu quarto, me virei e bati a porta, pressionando com força contra a madeira, e alcancei a fechadura.

Ele a bateu do outro lado, me chutando um passo para trás e um grito saiu de mim.

Empurrei com força, os músculos me esforçando para fechá-la. *Vamos lá!*

Mesmo em seu estado enfraquecido, ele era maior. Mais forte.

Abandonando a luta, me soltei e corri em direção à minha cama em busca do canivete. A porta se abriu e Angelo atravessou-a, soltando um palavrão.

Estendi o canivete entre nós com a mão trêmula. “Deixe-me em paz”, eu disse com a voz trêmula.

“Lily Cat... você sempre foi uma pequena lutadora, não foi?” Lambendo os lábios, ele se aproximou e, de costas, provavelmente da cintura, puxou uma arma. “Trazer um canivete para um tiroteio... bem, é simplesmente estúpido.”

“O que você está fazendo aqui, Angelo? Você vai me machucar?”

“Sim. Sim, vou machucar você. Eu vou te foder. Duro. E eu vou pegar esse canivete e cortar sua garganta, porque... sabe, justiça poética e essas merdas. Então vou cortar você em pedaços para poder tirar sua bunda daqui sem que ninguém fique sabendo.”

“Como você vai fazer tudo isso com Conner aqui?”

“Conner não está aqui. Ele tem fodido aquela vadia Callahan todas as noites. Ele a engravidou, sabia disso? Parabéns. Você vai ser... alguma coisa.” Ele bufou uma risada e coçou a parte de trás do cabelo crescido. “Acho que é Bee quem vai ser uma irmã mais velha. Mas não importa. De qualquer forma, você nunca fez parte das coisas, certo?”

“Por quê? O que eu fiz para torná-lo tão hostil, Angelo?”

“Não é sobre o que você fez comigo. Parece que alguém naquela universidade está interessado em você.”

Rostos passaram pela minha mente. Gilchrist. Lippincott. Até Mel.

“Alguém da minha universidade fez isso com você?”

“Sim. Não vou dizer quem, no entanto. É um segredo”, ele sussurrou, pressionando um dedo nos lábios e sorrindo.

Quando ele cambaleou novamente, puxei o canivete.

Suspirando, ele estreitou os olhos para mim. “Estou entediado com essa merda. Tenho uma longa noite pela frente, então o que você acha de começarmos?”

“Angelo, não. Eu conheço pessoas. Pessoas que podem pagar você.”

“Você não conhece as pessoas *certas*. Veja, poder é o que importa, Lily Cat, e você não tem esse tipo de influência do seu lado. Te eliminar significa proteção para mim. Significa que não preciso ficar apodrecendo em uma sala esperando pela morte.” Significa que ele fez algum acordo com alguém para me matar. A questão era com quem? Ele se aproximou de mim. “Tire suas roupas.”

“Não.” Minha mão ainda tremia quando estendi o canivete.

“Tire. Suas. Malditas. Roupas. Ou vou estourar suas pernas.” Ele ergueu a arma,

apontando o cano para as minhas pernas.

Um medo sufocante encheu meus pulmões enquanto eu olhava para ele. “Não faça isso,” sussurrei.

“Você sabe como é uma bala? Queima. E quando quebra um osso? Não há nada como essa dor. Então, vou contar até dez e depois vou esvaziar essa porra de arma no seu corpo. Se eu tiver que te foder até morrer, que assim seja. Não seria a pior coisa que já fiz.” Olhos redondos se fixaram em mim, seus lábios se abriram para um rosnado. “*Um. Dois.*”

Ainda segurando o canivete, desabotoei a calça e, com uma só mão, empurrei-a para o chão.

“Camisa”, disse ele.

Eu balancei minha cabeça.

“*Três. Quatro. Cinco.*”

Uma respiração irregular saiu de mim, enquanto eu enganchava a bainha da minha camisa e rapidamente a puxava pela cabeça para não ficar presa nela. Cruzei o braço sobre o sutiã de renda que ainda usava.

Com os olhos iluminados por uma fascinação doentia, ele lambeu os lábios, olhando-me de cima a baixo. “Calcinha também.”

Um soluço quebrou em meu peito enquanto eu ficava paralisada, tentando entender o que estava acontecendo naquele momento.

Num impulso de adrenalina, me virei e subi na cama em direção à janela. Eu só consegui abri-lo um pouco antes que a palma da mão dele batesse na minha garganta, tirando o ar de mim enquanto ele me levava para o chão.

Um grito saiu do meu peito, interrompido pela mão dele pressionando com força contra minha boca.

“Cale a boca! Cale a boca!”

Eu o golpeei, a lâmina acertando sua bochecha. Com um puxão chocado, ele tocou o ferimento que eu tinha feito ali, enxugando um pouco do sangue, e com os olhos arregalados, olhou para ele, como se estivesse incrédulo.

Com minha mão levantada para outro golpe, desta vez balancei em direção à sua garganta.

Ele pegou meu braço antes que o golpe fatal pudesse acertar.

Um grunhido saiu dele, e ele esmagou minha mão contra o chão, pequenos choques de dor passando pelos nós dos meus dedos, quebrando meu aperto no canivete. Repetidamente, ele martelou minha mão, esmagando meus ossos. Um flash na minha periferia foi o único aviso antes que os nós dos dedos acertassem minha bochecha, fazendo meus dentes vibrarem. O golpe chocante turvou minha visão e causou uma dor aguda em meu ouvido. A mesma mão que me bateu apertou minha boca, seus dedos cravando na dor que ele plantou ali.

Eu gritei atrás de sua palma, lágrimas distorcendo sua forma.

“Eu queria que você estivesse um pouco mais lúcida para isso, mas acho que isso não importa, não é?” De algum lugar abaixo, ele tirou um pequeno saquinho com comprimidos dentro.

Eu bati meus braços e pernas, gritando até minha voz ficar rouca, e ele pressionou todo o peso do seu corpo sobre mim, prendendo-me.

Sua mão deslizou da minha boca e eu fechei meus lábios. Dedos cravaram em minha mandíbula, forçando meu queixo com tanta força que senti como se ele estivesse tentando quebrar meus ossos. O som gorgolejante em minha garganta parou quando ele depositou os comprimidos em minha boca. Ele forçou meus lábios a fecharem e pressionou as duas mãos sobre minha boca e nariz. O ar diminuiu. A tontura atrapalhou minha visão. Pulmões socando minhas costelas em busca de um gole de ar.

“Engole isso, vadia!”

Um soluço estalou dentro do meu peito e os comprimidos escorregaram pela minha garganta. Eu me engasguei e tossi atrás de sua mão, e só então ele removeu a palma que bloqueava meu nariz. Respirei fundo e tossi novamente, o cheiro horrível de metal obstruindo meus seios nasais.

“É isso. Você está prestes a ficar legal e flexível em um minuto. Apenas fique quieta.” Uma língua viscosa arrastou-se pela minha bochecha. “Relaxe,” ele sussurrou.

Algo dentro de mim quebrou como um galho frágil.

Relaxar.

A palavra ecoou em meu ouvido.

Na névoa do caos dentro da minha cabeça, uma visão apareceu.

Sangue. O tubo. Olho para cima e vejo uma forma escura parada sobre mim.

Lilia! Lilia!

O som da voz da minha mãe reverberou em meu crânio e eu me encolhi.

A figura escura passa por cima de mim em direção à banheira, onde as pernas delgadas da minha mãe pendem da borda.

Sua perna chuta.

Ela está viva. Viva! Achei que ela estava morta, mas ela está viva!

“Minha... minha mãe. Ela estava viva,” eu sussurro, narrando a visão que passa pela minha cabeça.

Angelo fez uma pausa em algum lugar na minha periferia.

Mais memórias filtradas.

“Fique longe de mim!” ela grita.

A dor pulsa em meu crânio em flashes irregulares de luz em meus olhos. O ar está muito denso para se mover. “Mamãe,” eu falo.

A figura sombria grunhe, com os braços estendidos. Afogando-a. Ele a está afogando! A perna da minha mãe enrijece, os dedos dos pés curvados.

Eu grito.

Escuridão.

O barulho alto da água sendo drenada me desperta e eu pisco para acordar.

Estou me agarrando aos ladrilhos molhados, tentando chegar até ela, mas meus músculos não se movem.

“Relaxe”, a sombra me diz, o cheiro de sujeira e metal pegajoso em meus seios

da face.

Minha garganta aperta quando a compreensão apunhala meu peito. “Você estava lá naquela noite.”

Ainda mais ecos de memória são filtrados.

Toc, Toc, Toc.

Olho de volta para a porta da frente do apartamento.

“Sou amigo de Conner.”

“Era você na porta. Então... eu vi você afogá-la. Você a afogou!” O sorriso em seu rosto ficou embaçado atrás de mais lembranças.

A figura passa uma lâmina pelos pulsos de minha mãe. Gotas grossas de sangue vermelho ressoam nos azulejos brancos e austeros.

“Você a matou. Ela estava viva, mas você a matou!”

“Fui enviado para acabar com a vadia. Imagine minha surpresa quando você chegou antes de mim.”

Eu parei. Uma névoa gelada de pânico se expandiu dentro dos meus pulmões enquanto eu lutava para absorver suas palavras. Um flash de memória passou por trás dos meus olhos.

Mãos estendidas para mim. Gritos. Gritos horríveis.

Com os olhos fechados, balancei a cabeça.

Não. Não. Não olhe para isso. Não é real. Não é real.

“Você não se lembra muito daquela noite, não é?” Uma risada perversa em meu ouvido despertou demônios de seu sono. Dentes e garras quebrando minha consciência.

Meu estômago se agitou com um pavor horrível que arranhou minhas entranhas.

“Mamãe! Pare!”

Um grito distante sacudiu meu crânio e soltei um gemido quando ele atingiu meu cérebro como pregos em uma crosta.

“Você tem sorte”, continuou Angelo. “Eu adoraria esquecer aquelas malditas coisas nojentas se contorcendo na banheira, alimentando-se do sangue dela, antes de mandá-las pelo ralo.”

Sangue na banheira. As unhas da minha mãe cravando-se na minha pele. Parasitas saindo dela como fumaça preta se enrolando e se movendo na água.

A escuridão em minhas entranhas se arrastou até meu peito, apertando seus dedos envenenados sobre meus pulmões. Eu não conseguia respirar. Não conseguia respirar.

“Mamãe! Por favor!”

“Não consigo respirar!”

Eu gritei e me debati embaixo dele, o monstro dentro de mim desesperado por escapar. *Por favor!*

“Sim. Você a segurou debaixo d'água.”

“Ela ainda estava viva,” rosnei de volta para ele.

“Por muito pouco.”

Mentiroso. Um maldito mentiroso! “Não. *Você* cortou os pulsos dela. O relatório do legista...” Minha voz foi sumindo, observando seus lábios se esticando em um sorriso. “Oh Deus. Você fez parecer...”

A risada de Angelo apenas incitou o pânico que subia pela minha garganta, pulsando como uma coisa viva. Uma fera sombria e perversa que roía minhas costelas. “Aquele legista estava mijando nas calças, certificando-se de que a morte dela parecesse suicídio. Isso é poder, Lilia.” Ele deixou a ponta da lâmina arranhar minha bochecha. “Você desmaiou. Bateu a cabeça na banheira. Ainda bem. Tornou todo o cenário mais verossímil.” O fedor de sujeira e metal obstruiu minha garganta quando ele se inclinou para mais perto de mim. “Eu salvei sua bunda, Lily Cat. Entre isso e mentir sobre sua existência para Lippincott”, disse ele, revelando o nome inadvertidamente. “Eu salvei sua bunda tantas vezes, você me deve essa bunda. E tenho certeza de que vou aceitar.”

Lippincott. Era *Lippincott.*

“A melhor parte de ficar nesta cidade de merda foi ver você se transformar em

uma mulher. Uma mulher que pretendo quebrar.” Ele ergueu meu canivete, girando-o na minha frente. “Alguns casais? Eles fazem tatuagens correspondentes. Você e eu? Teremos cicatrizes iguais. Só que a sua não vai ser tão bonita.”

Meu corpo tremeu com o esforço de tentar me livrar de seu aperto, mas ele pressionou todo o seu peso sobre meu peito, esmagando meus pulmões. Uma dor incandescente percorreu meu rosto, do canto do olho até o queixo. Soltei um grito rouco por trás de sua palma, enquanto lágrimas escorriam pelas minhas têmporas.

“É uma pena, realmente. Você era tão bonita. Agora você é um monstro. Uma puta esgotada. Embora eu tenha certeza de que você estava abrindo as coxas para cada pau da faculdade, não estava? Aposto que você tinha uma porta giratória de paus enfiando nessa sua bucetinha, não é?”

Foda-se!

As drogas deviam estar fazendo efeito, pois a vertigem mudou minha visão. Isso, ou eu estava desmaiando, eu não sabia dizer. Na minha periferia, o quarto se alargava, encolhia e girava. Um calor sonolento tomou conta de mim, como se eu quisesse dormir, precisasse desesperadamente fechar os olhos.

Através da neblina, ouvi uma batida distante.

Angelo congelou sobre mim, a atenção voltada para a porta.

“Lilia!” Aquela voz. Eu reconheci isso. Profundo. Autoritário.

Um soluço ficou preso na minha garganta enquanto mais lágrimas escorriam pelas minhas têmporas.

Devryck! Eu queria gritar. *Por favor!*

“Mantenha a porra da boca fechada”, sussurrou Angelo, quase esmagando meu queixo com seu aperto. “Mantenha a porra da boca fechada até ele ir embora.”

Não! Não! Devryck! Me ajude!

Outra batida na porta. “Lilia! É o professor Bramwell. Você está aí?”

Atrás da palma da mão de Angelo, eu choraminguei, tossindo e engasgando com o ranho acumulado em meu nariz.

“Professor, hein?” ele disse calmamente. “Você está transando com um professor, vagabunda?” Sua mão desceu até minha calcinha e ele fechou os dedos em um punho apertado em volta da minha carne, apertando.

Um grito selvagem sacudiu minha garganta, a dor insuportável enquanto eu chutava para fazê-lo me soltar.

“Ele já fodeu você? Huh?” Angelo disse com um grunhido.

Foi isso. Eu precisava deixá-lo com raiva. Louco o suficiente para querer me machucar. Para distraí-lo de Devryck.

Eu balancei a cabeça. “Ele fodeu tão bem”, eu disse atrás de sua palma e ri em meio às lágrimas.

“'Que porra você disse?”

Distorci intencionalmente minha voz novamente e forcei uma risada.

Ele removeu a mão, apertando minha mandíbula. “Diga de novo, vadia.”

“Ele me fodeu tão bem.”

Um golpe forte atingiu minha bochecha em um flash de luz, vibrando os ossos. “Prostituta!” ele gritou por cima do zumbido em meus ouvidos. Apertando com força minha garganta, ele prendeu o ar em meus pulmões. “Veremos como é bom quando eu te foder com a ponta da minha lâmina.”

Um grito gorgolejante subiu pela minha garganta.

Batidas na porta ficaram distantes sob o sangue pulsando em meus ouvidos.

Meu corpo estremeceu e se sacudiu quando ele juntou os braços debaixo de mim, meus membros pesados e dormentes. O que quer que ele tenha me dado me deixou inútil e sem forças. Ele me arrastou em direção à parede com facilidade, me segurando contra ele, de costas para seu peito, e estendeu a arma. “Ninguém vai passar por aquela maldita porta sem que eu o encha de chumbo.”

Não. No minuto em que Devryck aparecesse, ele levaria um tiro. Eu não poderia deixar isso acontecer. Mesmo que isso me matasse, recusei-me a deixar esse bastardo cruel matá-lo na minha frente.

Lute com ele.

Algo chamou minha atenção debaixo da minha cama.

Meu antigo troféu de atletismo que eu joguei ali a esmo enquanto limpava meu quarto. Fechando os olhos, respirei fundo. Foder tudo significava que ele certamente me mataria, depois Devryck. Eu tinha que ser precisa. E rápido. Um pensamento impossível, quando meus braços começaram a ficar dormentes.

Reunindo a pouca força que me restava, estendi a mão e agarrei as bolas de Angelo com tanta força que minhas mãos tremeram com o esforço.

Um grito barulhento e gorgolejante martelou meu ouvido, e no momento em que ele me soltou, caí desajeitadamente para o lado, lutando contra o efeito da droga que me fazia sentir como se estivesse nadando em areia movediça. Respirações irregulares arrasavam meus pulmões, enquanto eu me arrastava até a beira da cama, agarrando o chão. Quando meu corpo foi puxado para trás, agarrei a pesada base de metal do troféu.

“Puta, puta!” Angelo gritou, e quando ele me virou, eu balancei com o impulso, atingindo-o no crânio com o ferro pesado. Ele caiu para o lado com um baque, gemendo.

Uma fraqueza formigante percorreu meus braços quando eu o golpeei novamente, atingindo-o bem na testa. Sangue escorria de sua cabeça e sobre sua têmpora, enquanto ele girava a cabeça com os olhos fortemente alterados, que o faziam parecer bêbado.

Um vazio negro e ondulante se infiltrava pelas bordas, rastejando sobre mim com dedos determinados, que lentamente me arrancavam da consciência.

Gritos romperam a escuridão. Gritos horríveis. Meus? Eu não sabia.

O barulho se fragmentou dentro da minha cabeça, enquanto eu era mais uma vez arremessada em direção a um silêncio inescapável.

Escuridão.

Olhos incendiários olharam para mim. Olhos furiosos que brilhavam como cobre derretido e quente. “Lilia,” ele disse, sua voz como a de um anjo negro. Meu anjo vingador. Eu estava morta? Eu tinha que estar.

Escuridão.

O calor me envolveu. Um calor aconchegante. Eu me enrolei, mergulhando mais profundamente no sono.

Mais profundo.

Mais profundo.

O silêncio me puxou para baixo.

Capítulo 61

Lilia

Eu me viro para ver minha mãe rindo, enquanto ela lança um olhar de volta para mim do balanço que tem vista para o mar.

Eu sorrio, enquanto ela olha para o azul infinito além.

O balanço diminui até parar e ela salta.

“Vamos,” ela diz, agarrando minha mão. “Venha comigo.”

Ela me puxa em direção ao penhasco, e quando chegamos à beira dele, eu olho para os meus pés, andando até a borda. “Venha, Lilia. Pula.”

Uma cócega crescente se expande em minha barriga enquanto salto em direção à água abaixo. O vento sopra em meu cabelo. O sol aquece meu rosto. Para baixo, para baixo, para baixo, eu caio.

Abro os olhos para a extensão do mar aberto. Minha mãe não está à vista.

Franzindo a testa, olho em volta, as ondas me balançando de um lado para o outro. Um medo gelado tomou conta de mim, sugando o calor dos meus músculos. “Mamãe?”

Algo puxou meu pé e o pânico percorreu meus ossos. Olhei para baixo através

da água, abaixo da superfície, onde minha mãe estendia a mão para mim.

“Venha, Lilia. É tão pacífico”, ela sussurrou através da água. “Vem ficar comigo.”

Balancei os braços, batendo-os contra a água para evitar que ela me puxasse para baixo. “Não!”

“Lilia!”

Ela puxou com mais força.

Uma força invisível pressionava meu ombro.

“Lilia! Lilia!”

Abri meus olhos para um quarto escuro e apertei meu braço com força. Com um suspiro, me afastei, mas o aperto aumentou e me virei para encontrar Devryck estendendo a mão para mim. O medo saiu de mim em respirações superficiais, enquanto eu passava meu olhar pela sala desconhecida. As longas cortinas escuras, os móveis cobertos com lençóis brancos, os acabamentos das paredes excessivamente ornamentadas e a lareira. A confusão permaneceu em meu cérebro como uma névoa pesada, e eu fiz uma careta, desesperada para descobrir onde diabos eu estava e como cheguei lá.

Eu tinha ido para casa. Adormeci no meu quarto. Acordei com Conner.

Uma queimação intensa latejava em meu rosto. As memórias se encaixaram e eu engasguei e toquei minha bochecha, as pontas dos dedos percorrendo uma superfície áspera e contraída. Mexi minha mandíbula, estremecendo com a dor de tê-la esticado.

Afastei-me dela, escondendo o que devia ser um corte horrível.

“Você está fora há dois dias”, ele disse com uma voz calma e equilibrada, sentando-se ao meu lado na cama. “Fiz o meu melhor com os pontos.”

Através de uma onda de lágrimas, toquei a dor abrasadora novamente, a pele enrugada que se estendia do meu olho até a minha mandíbula.

“Eu não tocaria muito nisso.”

As memórias horríveis que Angelo havia resgatado flutuavam em minha mente,

e em uma inspiração aguda, lembrei. Encarei Devryck, implorando silenciosamente. Como se ele pudesse levar tudo embora. Como se pudesse destruir e apagar o monstro que vivia dentro de mim.

“O que foi?” ele perguntou, e quando estendeu a mão para tirar um fio de cabelo do meu rosto, eu estremeci, me afastando. “Lilia?”

“Minha mãe…” Algo dentro de mim implorava para não dizer isso em voz alta, porque se eu não dissesse em voz alta, talvez continuasse sendo uma mentira. Existiria só na parte de trás da minha cabeça e retornaria à escuridão de onde veio. Afinal, foi assim que sobrevivi. Eu pratiquei contar para todo mundo que ela havia se matado repetidas vezes na minha cabeça, até que isso se tornou realidade. Até que eu pude dizer as palavras sem vacilar ou sentir culpa. Embora eu agora soubesse que Angelo foi quem a matou, um fato horrível permaneceu.

Eu a segurei debaixo d'água. Eu quase a matei primeiro.

“Suspeito que já saiba.” Com os lábios formando uma linha dura, ele baixou o olhar. “Você falou enquanto dormia no caminho de volta para Dracadia.”

Silenciosa em meus pensamentos, encarei minhas mãos, tentando entender como explicaria tal coisa. Que tipo de criança tentava matar a mãe? Era uma pergunta que eu não conseguia responder. Eu amava minha mãe. Ela sempre foi minha melhor amiga. Meu lar. Ela era minha vida inteira.

Mas que tipo de mãe tentava afogar a própria filha?

Ela estava doente. Tão doente que ela não olhou para Bee como a adorável adolescente que conhecemos durante toda a sua vida. Minha mãe a via como uma ameaça, de alguma forma. A expressão de terror em seus olhos, quando a peguei tentando afogar minha irmã na banheira, foi uma visão que me assombraria na vida após a morte.

E eu tentei desesperadamente impedi-la de machucar Bee naquela noite. Eu fiz o meu melhor para segurá-la, mas ela não parava. Ela mordia, empurrava e lutava como um animal selvagem, em sua determinação de eliminar o que considerava o inimigo em sua cabeça.

O monstro.

Porque ela tinha mirado em Bee desde o início era o trágico mistério de tudo.

“Ela tentou afogar sua irmã, sim?” A pergunta de Devryck rompeu meus pensamentos.

Eu me sentia entorpecida. Sem coração. Balancei a cabeça em resposta, uma lágrima escorrendo pelo meu rosto e rapidamente a enxuguei.

“Então, não é culpa sua, Lilia.”

“Isso não é o mesmo que você e seu irmão. Porra, eu segurei minha *mãe* debaixo d'água. Mesmo que não tivesse sido eu quem acabou com a vida dela, eu tentei. Eu teria.” Mesmo assim, praticamente podia sentir o gosto da adrenalina que percorreu meu corpo naquela noite. A determinação de fazê-la parar.

“Você tem razão. Não foi. Mas o fato é que a culpa não é sua. Você estava tentando salvar a vida da sua irmã e, acredite, sua mãe a teria matado. Estudei esses pacientes o suficiente para saber como suas mentes funcionam. O que esse parasita faz com seus cérebros. Você salvou Bee. Não duvide disso.” Ele estendeu a mão para mim, mas afastei seu braço.

Com os braços em volta da minha barriga, me inclinei para frente, enquanto a dor me despedaçava por dentro. “Eu amava minha mãe”, disse com um soluço sufocado. “Ela não parava, no entanto. Eu implorei para ela parar, e ela não parou.”

“Não era sua mãe. Outra coisa tomou conta da mente dela naquela noite, e sua irmã atrapalhou.”

Balancei a cabeça, recusando-me a aceitar essa troca indesejada – sua clemência pelo que eu tinha feito a ela.

“Escute-me. Ela era o tipo de mãe que daria a vida de bom grado para protegê-la do perigo?

“Sim, claro.”

“Sim. Você fez a coisa certa ao proteger sua irmã. Sua mãe teria desejado isso.”

Não importa que aparência de verdade possa ter, eu nunca me perdoaria pelo que fiz. Ele estava certo em um ponto, no entanto. Minha mãe era do tipo que faria tudo o que fosse necessário para nos proteger.

Até mesmo fugir de casa com nada mais do que as roupas do corpo.

O fato é que o mundo nem sempre jogava de forma justa e, às vezes, éramos colocados em posições de merda nas quais não queríamos estar. Forçados a tomar decisões que não queríamos tomar.

Eu tive a escolha naquela noite. Ver minha mãe afogar minha irmã ou fazer o que fosse preciso para salvar Bee.

Quando obriguei minha cabeça a abandonar parte da culpa e empurrar esses pensamentos de volta para dentro de seu compartimento, uma nova angústia veio à tona. Levantei a mão, tocando a parte inferior do ferimento que terminava no meu queixo.

“Angelo... ele... tentou...” Minhas palavras foram interrompidas pela vergonha e pânico que obstruíam minha garganta. Através das lágrimas, encarei-o. “Posso ver?”

“Ainda é cedo, Lilia. Vai cicatrizar.”

“Por favor.”

Com um suspiro, ele se levantou e abriu um pouco mais as cortinas, depois pegou um objeto coberto com um lençol do que devia ser uma cômoda do outro lado do quarto. Ele tirou a cobertura para revelar um espelho de mesa e me entregou. No reflexo, percebi a horrível linha de pontos apertados, perfeitamente espaçados. A lembrança de Angelo me segurando enquanto ele a esculpia em minha pele voltou à minha cabeça, e com os olhos se fechando em lágrimas, abaixei o espelho e me afastei.

“Vai sarar.” Devryck estendeu a mão e, novamente, eu me afastei. Por quê? Afinal, não foi ele quem me machucou. Simpatia e compreensão brilharam em seu rosto, o que só me fez sentir pior, quando ele baixou a mão. “Vai levar algum tempo.”

“Eu não sou …. não tenho medo de você.” Apesar de tudo, peguei sua mão, segurando-a na minha. “Eu estava tão assustada. Ele me disse isso...” Lágrimas sufocaram minhas palavras novamente. “Ele planejou…”

“Está tudo bem, não precisa falar.” Parecia que ele havia dito isso para seu benefício, enquanto suas sobrancelhas se uniam em uma expressão preocupada. “Você foi corajosa em lutar com ele. Minha corajosa Pequena Mariposa.” Ele passou o polegar pela minha têmpora.

“Ele está morto?”

Um vazio aterrorizante rodou em sua expressão, algo selvagem e incivilizado – a maneira como imaginei que um tubarão olharia para sua presa pouco antes de cravar seus dentes nela. Um brilho frio e letal que arrepiou os cabelos da minha nuca. “Ele não vai te machucar de novo.”

As palavras ficaram gravadas na minha cabeça, enquanto eu tentava imaginar o que ele tinha feito para garantir tal coisa, e me atrevi a avançar e abraçá-lo.

Faça isso, Lilia.

No entanto, um inexplicável muro de vergonha se erguia entre nós. Por razões que não conseguia explicar, de alguma forma me sentia culpada. Como se eu tivesse provocado Angelo para me machucar. Não fazia sentido. Nada fazia sentido. Eu me sentia como uma casca vazia, ausente da emoção que deveria ter sentido naquele momento. O problema era que havia muita coisa ao mesmo tempo, tanta coisa, que eu não conseguia sentir nada.

Desesperada por distração, passei meu olhar pelo quarto novamente. “Esta é a sua antiga casa? A mansão que você me mostrou?”

“Sim. Eu não poderia levá-la ao meu apartamento no campus ou ao laboratório. Realmente não havia outro lugar. Você estará segura aqui, no entanto.”

“Não me sinto mais segura em lugar nenhum.”

“Você está segura comigo, Lilia.”

Lágrimas escorreram pelo meu rosto e, com uma respiração ousada, avancei, envolvendo meus braços em volta dele. Ele me segurou contra ele, mudando meu corpo para que minhas pernas o envolvessem. Braços fortes me envolveram em calor. Segurança.

Nós nos abraçamos pelo que pareceu uma eternidade e, com a cabeça enfiada na curva de seu pescoço, fiquei olhando, absorvendo, processando tudo.

“Preciso saber o que Gilchrist te contou sobre seu pai. E por favor, seja honesta comigo.” A pergunta girou na lama de pensamentos dentro da minha cabeça. Com o peso de todas as emoções que me pressionavam.

“Ela me disse que meu pai era Lippincott. Encontrei uma carta da minha mãe

que de certa forma confirmava isso, e então Angelo me disse que alguém da universidade estava querendo me atacar. Acho que foi ele quem o contratou.”

Suas sobrancelhas se uniram em uma máscara de contemplação. “Ele não confiou em você desde o início. Desde que viu você pela primeira vez e percebeu quem você era.”

“Então o que eu faço?” Não era como se tivesse provas de que ele tentou me matar.

“Você não faz nada. No momento, ele provavelmente pensa que você está morta.”

“Como?”

“Antes de arrancar sua língua, pedi ao Angelo que fizesse uma ligação muito convincente para seu contato.”

A confusão devia estar estampada em meu rosto. O Angelo que eu conhecia não teria feito nenhum favor a ninguém.

“Eu tinha uma lâmina apoiada em suas bolas.”

Isso pode ter sido motivação suficiente.

Se fosse verdade que Lippincott era, de fato, meu pai, sua maldade para comigo não fazia sentido. “Sei que isso vai parecer incrivelmente ingênuo. Talvez estúpido, mas... não entendo por quê. Eu não ia pedir nada a ele. Não dinheiro. Certamente nenhum favor especial. Não faz sentido para mim.”

“Sua existência é uma ameaça para ele e sua posição. Se a esposa dele descobrisse sobre você, não tenho dúvidas de que ela o deixaria na miséria. Ele está desesperado para manter sua posição no The Rooks.”

“The Rooks… são uma sociedade secreta, certo?”

“Sim.” Suas sobrancelhas se uniram em uma carranca e ele tirou meus braços de seu pescoço, me pedindo para sentar ao lado dele na cama. “Lilia... há algo que eu preciso...” Um zumbido o interrompeu, e ele puxou o telefone do bolso, sua carranca se aprofundando.

“O que é?”

“Uma notificação do sistema de segurança do laboratório. Alguém tentou digitar o código errado.” Ele beijou o topo da minha cabeça, passando a mão pelo meu cabelo. “Preciso descobrir o que está acontecendo.”

“Você está... está indo embora?”

“Podem ser estudantes brincando, mas quero ter certeza. Além disso, você também precisa de mais creme antibiótico para os pontos. Eu prometo que ninguém sabe que você está aqui.”

Exalando um suspiro, olhei ao redor do quarto escuro, imaginando como seria assustador se ele não voltasse até o anoitecer.

Como se estivesse lendo minha mente, ele disse: “Tentarei voltar em uma hora. E vou pegar um pouco de comida. Tenho certeza de que você provavelmente está morrendo de fome.”

Meu estômago roncou em resposta, como se apreciasse o reconhecimento. “OK.”

“Eu te dei um banho de esponja mais cedo, mas você pode tomar banho, se quiser. Só não molhe os pontos.”

Tive um vislumbre da minha mala apoiada no canto, que ele deve ter pegado no apartamento. “Oh Deus. Conner vai enlouquecer.”

“Enviei a ele uma mensagem do seu telefone, dizendo que você decidiu ficar com um amigo.”

“Onde está Angelo?”

Uma expressão de irritação franziu suas sobrancelhas quando ele se virou. “Quando entrei naquele quarto e vi você praticamente nua no chão e com sangue por toda parte...” Um músculo contraiu em sua mandíbula. “Acredite em mim quando digo que você não quer saber o que aconteceu com Angelo.”

A escuridão de antes se moveu dentro de mim. De alguma forma, me senti menos sozinha, menos hedionda. Ele havia machucado Angelo por me machucar. Devryck poderia ser considerado um assassino por algo assim? Quem saberia o que Angelo teria feito comigo quando eventualmente chegasse até mim?

Ao mesmo tempo, eu sabia muito bem o que minha mãe teria feito com Bee se eu não a tivesse encontrado. Eu tinha visto aquele brilho de loucura em seus olhos. Será que Devryck tinha visto a mesma coisa em Angelo?

Ele me disse que iria me estuprar com a porra de uma lâmina - um fato que não me preocupei em contar a Devryck naquele momento, dada a maneira como sua mandíbula endureceu em um ângulo severo e aqueles olhos brilharam com um brilho assassino. Talvez fosse melhor agradecer e compreender que havia certos juízes no mundo que iam além do que eu considerava justo e humano. Como animais. Leões que destruíam outros predadores por ousarem ameaçar seus bandos. Era isso que eu era para Devryck? Seu bando? Sua coisa intocável?

Pela primeira vez desde a morte da minha mãe, vi através dos olhos da vítima. Agradecida por sair ilesa. Por estar viva porque alguém se importou o suficiente, teve coragem suficiente, para fazer o que precisava ser feito.

Ao refletir sobre isso, não percebi que Devryck havia caído em uma espécie de transe, olhando para o nada. Calmo, a princípio. Até que, finalmente, ele pigarreou. “Houve... um breve momento... quando eu estava correndo em direção àquele quarto. Seus gritos foram silenciados. E eu pensei...” Com os lábios pressionados em uma linha dura, ele me lançou uma carranca taciturna que partiu meu coração. Ele balançou a cabeça, recusando-se a dizer isso. “Essa foi a primeira vez que realmente senti que algo poderia me machucar. Que eu poderia ficar de joelhos. Não quero mais sentir isso de novo, Lilia.”

Através de outro escudo de lágrimas, assenti. “Conheço bem esse sentimento”, eu disse, lembrando-me do dia na enseada em que pensei que o tinha perdido.

Decidi deixar por isso mesmo, sabendo que Angelo havia escolhido seu caminho, seu destino. Ele era um predador que por acaso foi abatido por um predador maior e, no caso da minha mãe, ela desafiou meu amor por ela, minha lealdade, ao tentar ferir minha irmã.

Ele deu outro beijo cuidadoso em meus lábios, me empurrando de volta para o travesseiro embaixo de mim. “Você está bem?”

“Não. Mas espero ficar.” Enquanto ele olhava para mim, a dor em meu rosto aumentou com a lembrança das palavras de Angelo. *Agora você é um monstro. Nada além de uma prostituta desgastada.* Contendo outra rodada de lágrimas, me afastei dele.

Seu dedo enganchou sob meu queixo, me puxando de volta para ele. “Não se esconda de mim, Lilia. Você não é menos bonita do que naquele dia em que entrou na minha sala de aula e roubou a porra do meu fôlego.”

“Vai deixar uma cicatriz.” Eu disse, não me referindo apenas ao ferimento em meu rosto.

“Pode ser. Mas também servirá como um lembrete de que você lutou contra um assassino profissional e sobreviveu. Você é mais forte do que imagina.”

Suas palavras passaram por mim e eu dei um pequeno aceno de cabeça, deixando-as abafar os sussurros implacáveis de Angelo que circulavam pela minha cabeça.

Ele deu outro beijo em meus lábios. “Volto em breve.” Com isso, ele atravessou o quarto e fechou a porta atrás de si.

Capítulo 62

Devryck

A tensão queimava meus músculos enquanto dirigia de volta para a universidade. Sem o conhecimento de Lilia, eu tinha guardado Angelo no antigo laboratório do meu pai, nas catacumbas da mansão, e dei-lhe a dose de larvas que pretendia dar à prostituta em Thresher Bay.

Cada fibra do meu ser me compeliu a matá-lo por colocar as mãos sobre ela, mas eu precisava mantê-lo respirando para que pudesse servir como minha próxima cobaia. Fiquei consolado em saber que ele sofreria um inferno muito mais lento do que uma bala rápida ou uma artéria cortada poderia ter infligido. Nem mesmo esfolá-lo vivo seria considerado tortuoso o suficiente para acabar com a raiva que queimava dentro de mim.

Também planejava administrar uma dose em Lippincott. Porque não tinha dúvidas de que ele induziu Angelo a matar Lilia. E a ligação entre os dois bastardos me fez acreditar que ele provavelmente também estava por trás do sequestro de Caed. Estava tão cego em minhas buscas e desesperado para curar minha doença que não consegui ver o que estava diante de mim o tempo todo.

Ele fodeu com as duas únicas pessoas no mundo que foram importantes para mim e, por isso, teria uma morte lenta e dolorosa. Como ele era conhecido por parar em meu escritório para tomar uma bebida, imaginei que o meio de

inoculação seria relativamente simples. Eu ligaria para ele para discutir a nova variante, ofereceria uma bebida e veria seu mundo desmoronar.

Reduzi a velocidade do meu carro até parar no pequeno estacionamento, do lado de fora da entrada de cadáveres, e entrei.

Pelo que ele sabia, Lilia estava morta. Eu não tinha dado a ele nenhum motivo para suspeitar que eu estava envolvido com ela, então, a menos que ele chegasse às suas próprias suspeitas, não teria feito a ligação de que ela era importante para mim. Eu tinha enviado uma mensagem para ele no dia anterior, informando que ela não tinha aparecido nas aulas. Eu estava apenas servindo como o informante que ele solicitou. Foi então que ele deu a desculpa esfarrapada de que, devido a problemas orçamentários, não conseguiu aprovar outro semestre para ela. Não reclamei sobre isso, não dei a menor indicação de que me importava – uma reação ainda mais reforçada quando contei a ele que tive sucesso com a variante mais recente, ao que ele respondeu favoravelmente.

Pelo que Lippincott estava preocupado, ele tinha lidado com Lilia discretamente.

Graças a Langmore, a quem eu faria questão de oferecer minha gratidão, ele teve o tapete puxado debaixo dele.

Corri em direção ao meu escritório, espiando Achilles e Patroclus, que continuavam a responder bem à mistura de pedra preta que eu havia administrado. Eu poderia atestar: também mantive meu tato por dias sem qualquer declínio.

Em meu escritório preparei o licor contaminado que pretendia oferecer a Lippincott, injetando os ovos frescos na garrafa. Ao colocá-la de volta no armário da minha mesa, notei uma figura parada na porta.

Lippincott.

“Perdoe a intrusão”, disse ele, atravessando a sala em direção ao assento à minha frente. “Foi um longo dia. Alguém decidiu destruir meu escritório. Tenho a sensação de que foi Spencer.”

Caí na cadeira em frente a ele. “Alguma razão para ele fazer isso?”

“Ele é um fodido. É por isso.” Ele soltou uma risada sem alegria. “Posso te contar um segredo, Devryck?” A ligeira falta de foco em seus olhos sugeria que

ele já havia entrado na bebida. “Ele nem é meu,” ele sussurrou e soltou uma risada.

Franzindo a testa, olhei para ele, me perguntando se ele estava dizendo a verdade ou apenas estava bêbado. Tirei a garrafa de álcool do armário da minha mesa e a levantei.

Assentindo, ele estalou os dedos e eu coloquei a bebida em um copo, empurrando-o sobre a mesa.

“Você está numa merda, Devryck. É por isso que estou aqui.”

“Por que?”

Ele fechou os olhos e deu outra risada. “Por quê! Por quê? Você está brincando comigo agora?”

Eu não respondi, sem saber se era o álcool falando ou não.

“Melisandre Winthrop acusou você de mantê-la sob a ponta de uma faca e ameaçar cortar seus malditos mamilos com uma lâmina. É isso.”

A acusação me deu um tapa no rosto como uma toalha molhada. “*O que?*”

“Sim. Ela afirma que você a atacou por causa de alguns arquivos.”

Arquivos? Eu não tinha ideia do que diabos ele estava falando. “Quando ela afirmou que isso aconteceu?”

“Anteontem à noite. No dormitório dela.”

Besteira. Eu estava cortando a língua do Angelo e costurando o rosto da Lilia anteontem à noite.

“Você está tentando trazer essa porcaria de volta à tona, Devryck?”

“Estou reconhecidamente chocado com isso. Não tenho ideia do que você está falando.”

“Vamos lá, cara. Sou eu. *Eu*!” Ele pegou o copo de licor da mesa, como se fosse beber, mas hesitou. “Que porra você está pensando, Devryck? Melisandre Winthrop? A filha do presidente! Você está louco?”

“Eu nunca a ameacei.”

Balançando a cabeça, ele tirou o telefone do bolso e clicou em um vídeo. “Como você sabe”, Lippincott tagarelou, “o presidente não aceita nenhum tipo de ameaça.”

Uma figura vestindo um moletom preto entrou pela porta da frente do que parecia ser o Corbeau Hall. Ele olhou para a câmera no momento em que Lippincott fez uma pausa e minha respiração explodiu.

Era como olhar para a porra de um espelho.

Uma réplica exata de mim.

Caedmon?

Era uma maravilha que Lippincott não pudesse ouvir as batidas frenéticas do meu coração, enquanto eu olhava para o que eu tinha certeza de ser meu irmão gêmeo.

Meu cérebro se recusou a aceitar isso, mesmo enquanto eu estudava suas feições, incapaz de invocar uma maldita palavra além de *que porra é essa.*

“Várias testemunhas viram você entrar no dormitório, Devryck.”

Minha mente se esforçou por um motivo. Uma explicação. Cada fibra de mim ficou paralisada em estado de choque.

Meu irmão. Meu gêmeo.

Durante anos, pensei que ele estava morto. Mutilado.

Eu estava imaginando tudo? Não poderia estar. Lippincott disse que outras pessoas também o viram.

Eu treinei meu rosto para evitar mostrar o caos total que estava nadando em minha cabeça naquele momento.

Lippincott olhou para sua bebida, girando-a. Ele bebeu um gole – uma visão que eu deveria ter apreciado, mas estava muito ocupado me desembaraçando da impossibilidade. “Os Rooks estão vindo atrás de você, Devryck. Winthrop está chateado pra caralho. Melisandre é a princesa dele, como você sabe.”

Sua voz permaneceu um som distante em comparação com as batidas incessantes dentro da minha cabeça naquele momento.

Foi só quando ele sacou uma arma, apontando o cano para mim, que saí do transe. “Você sempre foi como um filho para mim. Inferno, mais do que meu filho.”

“O que você está fazendo, Edward?” Perguntei, calculando silenciosamente quanto tempo demoraria, quantos dias de sofrimento teriam que passar, para ele perceber que eu já tinha acabado com a vida dele naquele único gole.

Enquanto ele bebia outro, contive o desejo enlouquecedor de rir.

“A meu ver, este navio está afundando. Rápido. Só estou reivindicando meu bote salva-vidas, só isso.”

“Eu não entendo.” Não. Não era tanto que eu não entendesse, mas não me importava. Havia problemas maiores para resolver.

“Eu quero tudo o que você tem sobre a toxina, Devryck. Todas as suas pesquisas.” Ele enfiou as mãos no bolso e ergueu um chip externo, jogando-o na minha mesa. “Copie tudo no chip e prometo que você não terá que morrer. Quero todos os dados. Todas as formulações. Tudo.”

“São duas gerações de trabalho que está me pedindo para entregar a você.” Na verdade, eu não me importava com nada disso naquele momento. Eu queria ir encontrar meu irmão. Para refutar a impossibilidade que clamava dentro da minha cabeça. Essa merda com Lippincott não passava de uma distração.

“Sim. Você está prestes a cair. Você percebe que, quando Winthrop vier atrás de você, ele não vai te poupar, certo? Nem mesmo seu nome vai te salvar.”

De qualquer forma, meu nome nunca ofereceu muito para me poupar. Era apenas a promessa do que eu poderia oferecer que me redimia. Olhei para o chip e depois para ele. “Você contratou Angelo para matar Lilia?” Naquele momento, eu não me importava se ele sabia sobre nós dois.

Olhos conhecedores se estreitaram nos meus, e ele inclinou a cabeça. “Agora, o que você sabe sobre isso, Devryck?”

“Responda à pergunta. Ou destruirei cada fragmento deste estudo.”

“E como você conseguiria isso em questão de segundos antes de a bala atingir você?”

Idiota. Se ele pensava por um segundo que eu confiava inteiramente nele, que confiava em qualquer Rook, aliás, era muito mais tolo do que eu havia inicialmente estimado. “Eu instalei um sistema à prova de falhas. Um vírus, caso algo aconteça comigo. Um clique, Edward. E tudo desaparece.”

Sua mandíbula flexionou, seus olhos tinham um tom psicótico de preto. “Você sempre foi bom nesse jogo. Muito mais inteligente que seu pai.” Ele esfregou a nuca e soltou um gemido. “Sim. Eu a matei. Tentei ser discreto, mas não deu certo, então tive que tomar medidas mais *agressivas.* Ela era um risco.”

Discreto. “Foi você quem a drogou com noxberries na festa de gala.”

“Bem, tecnicamente não. O garçom fez. Por uma gorjeta bastante excessiva.” O fato de Lilia não ter sido infectada provava que ele ignorava a infectividade das noxberries ou representava um novo mistério sobre minha pequena mariposa que eu teria que desvendar mais tarde. “Lilia era um risco para mim”, ele balbuciou. “Eu cometi um erro anos atrás, transando com a mãe dela, e isso quase me custou minha carreira, meu casamento, a porra da minha *vida.*”

“Como você tem tanta certeza de que ela é sua?” A última palavra chegou estrangulada, minha cabeça se recusando a permitir que ele tivesse qualquer nível de posse sobre ela – até mesmo paternal.

“Ela é minha. Aquela vadia me prometeu. Há quatro anos, ela veio até mim, logo após a morte de sua própria mãe. Ela alegou que queria salvar a casa da família. Ela me *garantiu* então que havia perdido a gravidez. Mas quando vi Lilia naquele dia no refeitório, soube que *a* vadia tinha mentido para mim.”

“Quatro anos atrás. Foi mais ou menos nessa época que a mãe dela ficou doente.”

“Suponho que sim.” Ele balançou a cabeça com um suspiro dramático e estalou a língua. “Coisa trágica.”

“Você matou a mãe dela.”

“Eu eliminei um problema. Ela deveria ter encontrado um túmulo aquático com as outras seis mulheres. Por que ela não o fez é um maldito mistério.” Talvez não fosse tanto um mistério, se ela tivesse sido exposta à pedra preta. Se a minha hipótese se provasse verdadeira, ela a teria protegido por um curto período de tempo. “Infelizmente, ela era uma ameaça muito grande para investigar o porquê

disso. E então a cadela foi embora. Pensei que talvez ela tivesse morrido, afinal. Até que ela voltou para minha vida como uma maldita infecção de herpes. Então aquele outro lunático apareceu. Acusando-me de colocar vermes nela."

"Você alterou o relatório dela, assim como me fez alterar o de Andrea."

Com um sorriso maroto, ele ergueu o copo como um brinde, e eu queria rir da ironia disso, mas estava muito ocupado imaginando como ele ficaria com a boca cheia de dentes quebrados. "Chantagem é uma coisa linda. Eu tinha tanta merda desenterrada sobre aquele legista que ele teria fodido o cadáver dela, se eu tivesse pedido."

"Por que Lilia? Ela nem teria sabido, se você tivesse apenas deixado isso pra lá."

"Foi Gilchrist quem não conseguiu deixar isso de lado. Aquela vadia implacável!" Esfregando os dedos, ele se mexeu no assento, fervendo de raiva. "Ela está comigo há duas décadas. A mulher está desesperada para sabotar minha carreira e meu casamento. Foi ela quem contou ao seu pai sobre meu caso com aquela puta." Com uma longa expiração, ele revirou os ombros para trás. "Uma prostituta que me *jurou* que havia perdido o bebê. Imagine minha surpresa quando uma réplica ambulante dela, com a idade certa, entrou no refeitório naquele dia. Eu nunca deveria ter ouvido você, e expulsado-a naquele momento." Com as mãos trêmulas, ele bebeu freneticamente outro gole. "É um jogo para Gilchrist. É um jogo doentio me ver falhar, e eu, estou cansado de ser empurrado por mulheres malditas!" Respirando com dificuldade pelo nariz, ele ficou quieto por um momento, como se tentasse se recompor. Com o rosto vermelho como uma lagosta, me perguntei se ele estava prestes a desmaiar devido a um derrame. "Vou te contar um segredinho, Devryck. Um que não contei a ninguém. Eu não deveria estar te contando, mas você tem sido como um filho para mim. Mais filho do que o meu."

"Por que você continua dizendo isso?"

"Porque é verdade. Spencer nem é meu. Ele foi produto do caso da minha esposa com o seu pai."

O homem simplesmente não se conteve, jogando bomba após bomba no meu colo. "Houve um teste de paternidade para confirmar isso?"

"Houve um teste de paternidade para *me* descartar. Seu pai recusou."

Não fazia sentido perguntar se poderia ser de outra pessoa. Eu tinha visto meu pai com ela. Tinha assistido os dois juntos.

“Então, você fodeu a mãe de Lilia para se vingar de sua esposa.”

“Não vou mentir. A boceta de Vanessa Corbin valia o risco. Em outra vida, eu poderia até tê-la amado.” Um pensamento repugnante, no que dizia respeito a Lilia. “Mas chega disso. Copie os arquivos, Devryck. Por favor, não me faça explodir seus miolos.”

Com os dentes rangendo em minha cabeça, entrei no computador, pensando em como ser mais esperto que o idiota bêbado enquanto minha cabeça parecia que estava prestes a explodir. Uma notificação apareceu na tela.

Um e-mail de Spencer.

Capítulo 63

Lilia

No espelho do banheiro, virei o rosto para o lado, olhando para o final do ferimento, onde me lembrei da lâmina raspando no osso. Enojada com o pensamento, me virei. Mesmo que Devryck tivesse aplicado sua própria forma de justiça, eu nunca me livraria de Angelo. Ele sempre estaria lá, toda vez que eu tivesse que me olhar no espelho. Cada vez que eu me encontrasse desesperada para esquecer aquela noite, os vestígios deixados para trás me levariam de volta a ela.

Escovei os dentes com a escova que tirei da mala, encolhendo-me cada vez que o movimento da minha mandíbula esticava os pontos. Coloquei uma calça jeans e uma camiseta, e depois de me aliviar e aplicar um desodorante que peguei na mala, decidi sair do meu quarto e explorar a enorme mansão.

A rachadura criada pela minha porta entreaberta mostrava um corredor escuro. Espiando um interruptor de luz ornamentado a alguns passos do meu quarto, saí para o corredor e liguei-o. Arandelas antigas na parede se iluminaram, brilhando como se uma chama queimasse dentro delas. Caminhei pelo corredor, passando por enormes retratos, alguns dos quais cobertos por lençóis brancos. Do tapete estampado até o chão de madeira maciça, o belo candelabro de cristal que pendia do teto além da escadaria, até os ricos detalhes em todos os acabamentos, a casa tinha um apelo muito régio. Bem diferente de onde eu cresci. Achei estranho que

Devryck tivesse deixado a casa sem uso. Abandonada.

Quando cheguei à escada, virei-me para um retrato particularmente impressionante na parede. Um homem austero, com cabelos claros e olhos intensos, estava ladeado por dois garotos igualmente bonitos, talvez com não mais de dezesseis anos de idade, pelas minhas estimativas. Eu não poderia dizer que, com suas expressões sérias, eu seria capaz de distinguir os dois. Encrenqueiros, com certeza. Ambos os garotos tinham um brilho de desvio nos olhos, um deles com um leve sorriso nos lábios que provavelmente deixava muitas garotas derretidas.

A madeira antiga rangeu sob meus pés enquanto descia as escadas até o hall de entrada da casa. Nada ali me parecia familiar. Eu não conseguia lembrar de um momento sequer em que tivesse acordado para ver qualquer coisa, na noite em que ele me carregou até aquele quarto. Eu devia estar desmaiada.

Um escritório ficava à direita do hall de entrada, todos os móveis cobertos com lençóis, e enquanto caminhava pelo corredor, passei por uma biblioteca, um pequeno banheiro, um depósito embaixo da escada e um armário vazio.

Um som fraco chegou ao meu ouvido quando me afastei do armário e, fechando a porta, fiz uma careta. Escutei novamente, com mais atenção. Fechar os olhos trouxe o som à tona. Um grito agonizante. Cristais de medo deslizaram pelo meu pescoço e meus olhos se abriram.

Volte para o quarto, minha cabeça pediu.

Eu soube naquele instante o que Devryck tinha feito com Angelo. Um medo selvagem sacudiu meus músculos e toquei o ferimento em meu rosto.

“Ele não vai te machucar de novo.” As palavras de Devryck ecoaram em minha mente.

Por razões que não conseguia entender, precisava ver com meus próprios olhos. Eu precisava saber se havia a remota possibilidade de ele vir atrás de mim novamente. Eu queria tirar algo dele, para que se ele acabasse morrendo nas mãos de Devryck, não me assombrasse na morte.

Enquanto todos os músculos do meu corpo guerreavam com a minha cabeça, meus pés se moviam sozinhos em direção à porta através da qual os gritos pareciam sangrar. Minha mão roçou minha coxa, num instinto de agarrar meu

canivete. Levantei meu olhar para a cozinha e corri em frente, procurando por um bloco de faca. Em vez disso, abri uma gaveta e encontrei uma coleção de lâminas de aço sofisticadas. Optei por um cutelo grosso, cuja ponta parecia afiada o suficiente para cortar ossos.

Claro, eu não queria imaginar isso, mas caso Angelo tentasse atacar novamente, pelo menos eu estava armada. Voltei na ponta dos pés até a porta e escutei novamente. Os gritos pareciam mais fracos do que antes, mas ainda carregavam um tom de agonia.

Ao colocar a mão na maçaneta, tentei imaginar em que estado ele poderia estar. *Não faça isso. Deixe isso em paz.*

Eu não poderia, no entanto. O bastardo ameaçou me foder com a ponta afiada de uma lâmina. E acreditava que ele teria levado adiante isso.

Abri a porta para uma escada que descia para a escuridão abaixo. Um toque no botão ao meu lado deu vida às arandelas antigas que tremeluziam, iluminando o caminho à frente. O ar frio emitiu baforadas de vapor pela minha boca, e os arrepios só aumentaram a ansiedade que pulsava através de mim, enquanto descia a fria escadaria de pedra.

Descendo.

Descendo.

Até que o fundo finalmente se abriu para um corredor escuro que se estendia em ambas as direções. Acendi as luzes, iluminando o longo trecho à minha esquerda, e esperei. Ouvindo. A ansiedade esmagava meus pulmões e respirei com dificuldade pelo nariz. Com o cutelo ainda na mão, segurei meus braços para afastar o frio.

Gemidos silenciosos me direcionaram para a esquerda e eu caminhei nessa direção. Uma porta no final do corredor estava entreaberta. *Deus, por favor. Deixe-o estar contido, ou algo assim.*

Engolindo o nó na garganta, espiei dentro. Os gemidos ficaram mais altos. Com o pulso acelerado, alarguei a fresta da porta.

Do outro lado do cômodo, Angelo estava deitado numa mesa de exame de aço. Seus braços foram removidos e cauterizados, deixando apenas um toco escuro e

queimado.

O ar entrava e saía de mim, enquanto meus pés me aproximavam e meus olhos engoliam o sangue coagulado diante de mim. Eu percebi um pouco disso na minha periferia, minha cabeça presa no colar coberto de sangue em sua garganta. Com a mão trêmula, estendi a mão para pegá-lo, enrolando-o na palma da mão, e ele se virou para mim com um grito. Minha respiração engasgou com um choque de terror, enquanto seu corpo se contorcia em pânico, e um movimento da minha mão arrancou o colar dele.

O sangue escorria pelos buracos dos olhos que haviam sido cruelmente arrancados. Deslizei meu olhar para baixo, em direção ao massacre que evitei olhar diretamente. Seu abdômen foi aberto e suas entranhas estavam derramadas para fora. Havia sangue em todos os lugares que olhei. Com o corpo se contorcendo na superfície, ele abriu a boca e soltou um gemido, e avistei a língua serrada ainda escorrendo sangue, que ele cuspiu quando começou a tossir.

Um frio cortante agitou meu estômago. Caí de joelhos, a faca atingindo o cimento com estrondo. Ácidos subiram pela minha garganta, queimando meu nariz, e se espalharam pelo chão, respingando na superfície. Os gemidos de Angelo se transformaram em um uivo de pânico. Ao meu lado, um pedaço de suas entranhas estava no chão, e eu vomitei novamente, os braços tremendo enquanto lutava para permanecer de pé.

Um suor frio e pegajoso tomou conta de mim, minha cabeça estava tonta quando me afastei dele. Com o colar preso em minha mão, fiquei de pé e uma onda de vertigem me atingiu, derrubando-me de joelhos novamente.

Foi demais. Porra, demais.

Com as mãos pressionadas nos ouvidos para não o ouvir gemer, tropecei em direção à porta e, uma vez fora do quarto, caí contra a parede, todos os músculos tremendo de medo e repulsa. Não tanto pelo fato de Devryck o ter punido. Eu nem queria imaginar como deve ter sido a cena para ele, quando encontrou Angelo me agredindo, mas eu precisava. Eu precisava me forçar a imaginar o que poderia ter levado um homem a infligir tal brutalidade. Minha cabeça superou o choque e convocou as coisas horríveis que Angelo havia prometido fazer comigo. Cortar minha garganta. Cortar-me para que ele pudesse facilmente me tirar do apartamento. Sim. Todas aquelas coisas que ele prometeu fazer. E ele teria feito.

Não duvidava disso.

Com raiva renovada, me afastei da parede e voltei em direção à escada. Outro grito estridente vindo da sala me fez parar. Ramos gelados de medo deslizaram pela minha nuca quando me virei em direção ao cômodo onde Angelo estava deitado.

Seus gritos caíram em um silêncio assustador.

Esperei para saber se eles recomeçariam.

Uma figura saiu para o corredor.

Ondas de terror envolveram minha espinha enquanto eu olhava para a forma obscura de alguém com uma capa longa e uma máscara de peste. Em sua mão estava o cutelo que eu deixei cair, a superfície molhada com o que eu tinha poucas dúvidas de ser sangue.

O ar gaguejou em meu peito e fechei os olhos.

Não é real. Ele não é real. Não é real.

Exceto que, quando abri os olhos, ele ainda estava ali. E quando ele veio em minha direção, meus músculos contraíram. Os pulmões se fecharam. Eu não conseguia gritar. Não conseguia me mover. Pelo que pareceu uma eternidade, fiquei observando a aparição que havia criado na minha cabeça vindo em minha direção em um ritmo doentio.

A campainha tocou.

Ele parou.

Saí do transe e olhei para o lado, onde uma luz brilhava no topo da escada. A adrenalina correu pelas minhas veias, e eu girei e corri escada acima. Um soluço sem lágrimas saiu do meu peito. Olhei por cima do ombro para vê-lo me perseguindo e soltei um grito.

No momento em que alcancei o patamar da escada, corri pelo corredor até o vestíbulo e abri a porta para a Professora Gilchrist, que soltou um grito selvagem.

“Por favor! Por favor, ele está atrás de mim! Ele está vindo!” Um leve empurrão a derrubou de lado, enquanto eu passava por ela. Quase saltei escada abaixo em

direção ao caminho circular, coberto de cascalho e tomado pelo mato. Foi lá que me virei e esperei pelo homem mascarado que viria voando na minha direção. Ofegante e suspirando, fiquei dobrada sobre mim mesma. Esperando.

Ele não apareceu.

Os segundos se passaram, o ar frio na minha pele enquanto uma brisa de outono soprava sobre mim.

Franzindo a testa, Gilchrist inclinou a cabeça e espiou dentro da casa.

Imaginei que seria o momento em que o assassino acertaria seu crânio com a lâmina, mas em vez disso ela se virou para mim com a testa franzida. “Lilia? Você está bem?”

“Eu estava... ele estava... foi...” não conseguia recuperar o fôlego, o medo e a náusea ainda reviravam meu interior. “Eu juro que havia alguém.”

Meu Deus, talvez eu tenha imaginado isso de novo. Talvez a visão de Angelo tenha desencadeado a imagem. Com uma mão trêmula, esfreguei a testa e respirei fundo, lentamente.

“Lilia, você tem certeza de que está bem?” Sua voz continha um tom cauteloso de incerteza.

De cabeça baixa, soltei um suspiro exasperado e balancei a cabeça. “Sim. Estou bem.”

“O que aconteceu com o seu rosto?”

“Eu caí”, menti, observando o ceticismo aprofundar sua carranca. Precisava voltar para dentro, afastá-la antes que ficasse intrometida. Com passos rápidos, voltei correndo para cima das escadas até a porta, franzindo a testa quando a estranheza de sua visita finalmente me atingiu. Devryck tinha me dito que ninguém sabia que eu estava aqui. Será que ele a enviou? “O que você está fazendo aqui?” perguntei, minha voz tão cautelosa quanto a dela tinha sido momentos antes.

“Talvez eu devesse estar lhe fazendo a mesma pergunta. Pelo que entendi, você foi embora.”

Devryck não a tinha enviado, então.

“Devryck não está aqui,” eu disse, recuando para dentro de casa, pronta para bater a porta na cara dela, se necessário.

“Estou aqui, linda.” Ao som da voz profunda e arrepiante, me virei e o vi andando casualmente pelo corredor, em minha direção, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans escura. Uma camiseta preta justa contrastava com a camisa branca de botões que ele usava antes.

Confusa, dei um passo para trás quando ele se aproximou. “Onde...” Olhando para a porta aberta da escada do porão e voltando, balancei a cabeça. “Quando você voltou?”

“Há apenas alguns minutos”, disse ele, diminuindo a velocidade até parar. Com olhos de adoração, ele segurou meu rosto e deu um toque suave em minha bochecha do lado de fora da cicatriz, o desejo de me afastar dele me puxando.

Ao voltar minha atenção para a garagem, notei que o carro dele não estava lá. Ele tinha estacionado na garagem? Ou lá atrás? Ele chegou com Gilchrist?

Quando me virei para ele, avistei uma mancha vermelha no canto do olho, como se ele tivesse rompido um vaso sanguíneo ali. Meu olhar também foi atraído para uma cicatriz perto do mesmo olho que eu não tinha notado antes.

O canto de seus lábios se curvou em um sorriso malicioso e ele voltou sua atenção para Gilchrist. “Acredito que você trouxe o que eu pedi?”

Ela ergueu um chip de memória preto e ele passou por mim e ficou ao lado dela, agarrando-a pela cintura de uma forma que parecia íntima demais.

Ele deu um beijo em seus lábios.

Que porra é essa.

Com o queixo caído, olhei para os dois, tentando discernir se estava ou não presa em um pesadelo. Talvez uma alucinação. Meu coração murchou, e foi só quando meu peito bateu em busca de ar que percebi que havia prendido a respiração.

“O que é isso?” Eu consegui dizer através de respirações sufocadas.

Devryck virou-se para mim e sorriu, tirando o chip da mão de Gilchrist. “Não era isso que você queria dela, Lilia? Todos os arquivos do Crixson Project?”

Mudei meu olhar dele para ela, e me afastei ainda mais dos dois, minha cabeça

girando em uma confusão caótica. Deve ter sido um sonho. Um sonho horrível e fodido. “Devryck? Por que você faria isso?”

Ele não respondeu. Não demonstrou nenhum pingo de remorso em sua expressão apática, quando ele se aproximou de mim, estendendo a mão que eu afastei com um tapa.

“Não me toque, porra!”

“Não seja assim, querida”, ele disse, enquanto eu lutava mentalmente para entender o cenário.

Querida? Ele nunca me chamou de querida. Que diabos era isso?

O sorriso maroto no rosto de Gilchrist se transformou em repulsa enquanto ela olhava para mim. “Oh, Deus, sua... sua ferida está sangrando.” Um ar de desgosto se agarrou às suas palavras, e eu levantei minha mão para minha bochecha molhada, recuando para mostrar sangue vermelho brilhante pintado em minhas pontas dos dedos. “Isso parece absolutamente horrível”, ela acrescentou, ainda fazendo careta.

Os lábios de Devryck se curvaram em um grunhido, e ele agarrou com força o cabelo de Gilchrist, puxando sua cabeça para trás, uma reação tão fora do personagem que eu pulei para trás, respirando fundo.

“Devryck!” ela disse, sua voz afetada pelo ângulo de sua cabeça. “O que você está fazendo?”

Ele se virou para mim e, de um coldre amarrado em seu quadril que eu não tinha notado antes, puxou uma faca, apontando-a para mim.

O ar explodiu dos meus pulmões em uma expiração chocada. Ele planejava *me* machucar?

“Vá, sente-se na sala,” ele ordenou em um tom áspero. “Nós precisamos conversar.”

Eu não queria conversar. Silenciosamente implorei à minha cabeça para acordar. Acordar deste pesadelo horrível que estava destruindo meu coração.

“Apenas me deixe ir. Por favor. Não direi nada, apenas me deixe ir.” Meu olhar se voltou para a porta, avaliando se eu conseguiria passar por ele e Gilchrist.

Quando cambaleei em direção a ele, soltou Gilchrist e deu um passo para o lado, bloqueando minha fuga. “Sente-se.”

Foda-se isso.

Girei nos calcanhares e segui na direção oposta.

Um sibilo agudo passou rente ao meu ouvido e afundou na parede à minha frente.

Eu derrapei até parar.

O cabo de sua lâmina se projetava da parede, provocando-me com a percepção de que havia errado minha cabeça.

“Não me faça machucar você.”

Me machucar? Eu não o achava capaz de tal coisa.

Virei-me para encontrá-lo destravando um segundo coldre em seu quadril e, antes que ele pudesse remover o que presumi ser outra lâmina, passei pelos dois e entrei na casa.

Com os braços cruzados, sentei-me no sofá, todo o meu corpo tremendo com uma mistura de adrenalina, raiva e medo. Algo que nunca imaginei que sentiria por Devryck. Estudei a sala em busca de fuga, enquanto minha cabeça continuava girando em descrença.

O que aconteceu desde que ele partiu até agora?

Ele direcionou Gilchrist para uma cadeira, e removeu o lençol que a cobria.

Quando ela se sentou, ele colocou as mãos em seus ombros, esfregando-os, e novamente aquele sorriso maroto me encontrou. Do chão onde o havia descartado, ele pegou o lençol que cobria a cadeira e segurou-o na frente dela. “Braços cruzados”, ele ordenou.

Franzindo a testa, ela virou a cabeça para o lado. “Desculpe?”

Em vez de responder, ele agarrou um dos braços dela e pressionou-o contra seu peito, depois o outro, forçando-a rudemente a cruzá-los.

Usando uma máscara de confusão que refletia a minha, ela os segurou ali sem se mover, e ele a prendeu dentro do lençol, juntando as pontas atrás da cadeira, de

volta para a frente e atrás dela novamente, prendendo-a.

“Vamos jogar um joguinho. Lilia. Vou fazer algumas perguntas a ela e ela vai responder. Se ela não o fizer, você poderá me ver encharcar este lençol com o sangue dela.”

Jesus.

Gilchrist engasgou, seu rosto se contorcendo com um novo medo, e eu observei sua garganta balançar ao engolir.

Olhei para a saída novamente, me perguntando se ele teria coragem de atirar uma faca em meu crânio.

Uma vez que ela estava segura, ele deu um passo para trás e se virou para mim. “Você está pronta?”

Ainda franzindo a testa, olhei para ele, procurando por qualquer sinal de que isso era algum esquema maluco que ele havia inventado, e eu ainda não tinha percebido.

Olhei de volta para ela e, pela primeira vez, imaginei que ambas concordávamos em uma coisa: havia algo absolutamente fodido nisso.

“Como a mãe de Lilia foi infectada?”

Olhei para ele, surpresa por ter feito a mesma pergunta que me atormentava desde que descobri sobre o Crixson Project. A mesma informação que ela se ofereceu para me contar se eu tivesse deixado Dracadia.

Embora eu suspeitasse, pelo bilhete de minha mãe, que ela de alguma forma havia sido infectada durante seu encontro com Lippincott, queria ver o que Gilchrist sabia. Se havia algo tangível que eu pudesse usar contra ele.

Ela não respondeu a princípio, mas com uma forte cutucada de Devryck, ela olhou por cima do ombro e se mexeu na cadeira. “A mãe dela parecia ter uma resistência natural, como estava documentado em seu prontuário. Quando isso mudou, não sei. O que sei é que vi Vanessa com Lippincott há quatro anos. Mais ou menos na época em que ela ficou doente. E acredito firmemente que foi esse encontro que selou o seu destino.”

“*Como* você sabe disso?” ele perguntou, como se estivesse dentro da minha

cabeça naquele momento.

“Se você está pedindo provas? Tudo o que posso dizer com certeza é que me lembro claramente dela saindo do escritório dele. Além disso, é especulação. Quem mais iria querer ela morta?”

Eu não gostava desse jogo dele, mas não pude negar o alívio em saber que a linha do tempo dela parecia coincidir com a do bilhete da minha mãe.

“Você matou Jenny Harrick?” Devryck a circulou, parando na frente dela.

A princípio ela não respondeu, mas quando ele pegou o coldre, ela pigarreou. “Não. Claro que não. Ela bisbilhotou, mas não era uma ameaça para mim, de forma alguma.”

“Em outras palavras, eu não queria transar com ela, então você não tinha motivo para ficar com ciúmes.”

Ela lançou-lhe um olhar de vergonha e assentiu.

“Conte a ela o que você me contou sobre Spencer.”

“Soube por Spencer que Mel fez uma confissão bêbada para ele, na noite em que ele a drogou.” Ela pareceu se mexer na cadeira, como se estivesse desconfortável em suas restrições. “Ela alegou ter um relacionamento sexual com o pai dele.” Seus olhos caíram sobre mim, a expressão neles era muito menos arrogante. “Seu pai, essencialmente.”

“E? Por que me importo com isso?” Eu cortei, olhando para a porta novamente.

“Não se precipite em descartar os pequenos detalhes, Lilia”, alertou Devryck. “Eles podem ser importantes.”

“Portanto, estamos claros: não participei da sua expulsão. Posso ser uma vadia, mas não sou *tão* implacável.”

Eu discordava. “Spencer mencionou que alguém o induziu a drogar Mel. Foi você?”

“Pedi a ele para ver o que poderia extrair dela. Droga-la não foi ideia *minha.*”

“Mas você o manipulou. Aproveitou-se dele. Por quê?”

“Para viver entre os ricos, você tem que aprender a manipular o jogo, ou eles vão

te comer vivo. Não há melhor maneira de aprender os segredos do seu inimigo do que fazer amizade com o filho que ele não suporta. Spencer era apenas um peão e nada mais."

Com os olhos estreitados em desgosto, balancei a cabeça. "Eu tinha razão. Você é uma mulher horrível."

"É hora de jogar um jogo diferente agora", interrompeu Devryck, com os olhos em mim novamente. "Aquele em que eu te fodo na frente dela."

Agulhas de pânico entorpeceram minha garganta e balancei a cabeça. "Você me toca e eu..." Engasguei com a última palavra.

"Você vai o quê?" Ele olhou para mim com um sorriso cauteloso. "Lutar só torna tudo melhor para mim."

"Vai se foder."

Seu olho se contraiu. "Essa é uma ideia fantástica." Ele virou Gilchrist para ficar de frente para a lareira. Enquanto ele caminhava em minha direção, ele tirou a camisa. Tatuagens e cicatrizes coloriam seu peito e abdômen - um bobo da corte de caveira, uma adaga perfurando um coração, outra caveira em arame farpado com engrenagens e a frente de um relógio, e dois dragões com expressão zangada em cada flanco que desapareciam atrás das costas.

Meu coração gaguejou.

Não era Devryck. Definitivamente não era Devryck.

Oh Deus.

Eu me arrastei para trás, enquanto ele se ajoelhava na minha frente, a língua passando pelos lábios.

Mãos ásperas agarraram meus tornozelos, me puxando em direção a ele.

"Você é... você é... Caedmon", sussurrei. Uma parte de mim se sentiu aliviada, a outra parte ainda se recuperando do choque.

"O que está acontecendo?" Gilchrist perguntou, esticando o pescoço por cima do ombro.

Com os punhos plantados em cada lado de mim, ele avançou, prendendo-me

contra o encosto do sofá, como se fosse me beijar.

Joguei minha cabeça para o lado em recusa, e ele lambeu a borda da minha ferida que havia sangrado momentos atrás, torcendo meu estômago.

“Tão leal a ele, não é?” Ele beliscou meu lóbulo da orelha com os dentes. “É uma pena. Eu adoro uma boa foda de vingança.” Enquanto Devryck cheirava a canela e colônia, Caedmon cheirava a menta e couro com um toque de fogueira. “Você gostou da minha arte? Eu fiz isso para você.”

“Você fez aquilo com Angelo?” Falei o mais baixo que pude para evitar que Gilchrist entendesse o que eu havia dito.

“Devryck teve uma vantagem inicial com a língua e algumas partes do corpo decepadas. Apêndices, principalmente. Suas mãos estão em um frasco de amostra. Romântico pra caralho.” Sua risada sombria envolveu meus nervos, apertando-os. *Oh, Deus,* Devryck realmente as cortou, como prometido. “Meu irmão percorreu um longo caminho, não foi?” Um aperto suave em minha mandíbula virou meu rosto de volta para o dele. Ele compartilhava os mesmos olhos cor de cobre de Devryck, embora os seus tivessem um brilho mais selvagem. “Ele não é como nós, no entanto.”

“Como assim?”

“Essa cicatriz que Angelo colocou no seu rosto?” Ele desviou o olhar para minha bochecha ferida e de volta. “Ele colocou uma em mim também.” Ele se recostou, oferecendo uma visão de seu torso, onde uma cicatriz branca marcava um corte em seu abdômen, coberto por sua tatuagem de dragão. “Você e eu? Vamos dar um passeio juntos.” Ele me soltou e ficou de pé, pegando a camisa descartada. “Agora.”

Uma olhada para Gilchrist e de volta, e eu fiz uma careta. “Você não pode simplesmente deixá-la assim.” Eu não tinha nenhum bom motivo para ajudar a mulher, mas não era certo deixá-la amarrada ali. Corri em direção a ela, mantendo meus olhos nele, caso ele tentasse me impedir com uma de suas lâminas.

Depois que as amarras foram afrouxadas, ela saiu da cadeira, deixando o lençol cair no chão enquanto se levantava.

Com o aperto forte do meu braço, engasguei ao ver Caedmon me puxando atrás

dele. Eu torci meu braço para me soltar, plantando meus calcanhares tão firmemente quanto pude. “Para onde está me levando? Apenas me diga e eu prometo que não vou lutar.”

Seus olhos mudaram de Gilchrist para os meus e, sem dúvida, ele percebeu minha intenção de deixá-la a par da localização, na esperança de que ela encontrasse Devryck. “A universidade”, disse ele, como se não o incomodasse revelar isso.

“Você não vai entrar. Não sem um código de administrador”, argumentou Gilchrist.

Caedmon virou-se de volta. “Eu já tenho um código.” Devryck, sem dúvida. Um puxão brusco do meu braço me fez tropeçar atrás dele.

Eu não tinha motivos para confiar nele. Eu também não tinha motivos para *não* confiar nele, mesmo que ele fosse muito mais assustador que Devryck. Afinal, ele ainda era irmão de Devryck. Aquele que ele pensava estar morto todo esse tempo. Aquele que o atormentava com culpa.

Segui Caedmon para fora de casa até o carro de Gilchrist na garagem. No começo, pensei que ele tentaria pegar o carro dela, até que ele desembainhou a lâmina e cortou dois pneus dela.

“Por que você faria isso?”

Ele não respondeu, apenas me apertou ainda mais, me puxando atrás dele em direção ao portão.

“Então, era você. Na adega. Com a máscara? Durante todo o tempo em que pensei que aquilo não passava de um truque da minha cabeça, acabou por ser real.” Quando ele não se preocupou em responder, acrescentei: “Escolha interessante de fantasia.”

“Pertence ao seu namorado.”

“O que?” Um buraco no gramado rolou meu tornozelo e tropecei, fazendo Caedmon parar. Uma dor leve latejava em meu pé, apenas uma pequena distração para a turbulência que assolava meus pensamentos, enquanto eu lutava para aceitar sua admissão. Não. Devryck me disse que a fantasia que eu vi estava na minha cabeça. “Você está mentindo.”

“O mentiroso é aquele com quem você esteve transando esse tempo todo.” Apertando com mais força do que antes, ele me puxou atrás dele enquanto continuava seu caminho.

“Para que serve a fantasia?”

“Para esconder seus rostos quando eles assassinam.”

“Quem são eles?”

“The Rooks. Seu brinquedinho é um deles.” Ficou claro, naquele momento, que Caed nutria animosidade por Devryck. Isso se estendia a mim também?

Torci meu pulso, testando a força de seu aperto, apenas para descobrir que estava imóvel.

“Foi você que me seguiu pelo campus?” — perguntei, enquanto rompíamos os portões de ferro que me lembrava de ter visto com Devryck quando visitamos a mansão.

Ele não respondeu, mas ofereceu um meio sorriso irônico que me lembrou seu irmão gêmeo. A semelhança entre eles era inconfundível, mas quanto mais eu olhava, mais notava as diferenças também. As pequenas e sutis cicatrizes em seu rosto. Uma ferida na nuca, como se tivesse sido aberta em algum momento. Cicatrizes em suas mãos, algumas descoloridas e esticadas, como se sua pele tivesse cicatrizado mal. Ele era a versão quebrada de Devryck.

Ele se dirigiu para a floresta sem se preocupar com os galhos afiados que arranhavam meus pés, enquanto eu pulava no mato atrás dele.

“Por que você matou Angelo? Não acredito que isso tenha sido por mim.” Parecia uma morte muito apaixonada para ele ter feito isso por mim.

“Se eu soubesse que Angelo estava escondido com você o tempo todo, teria te poupado da cicatriz.”

As peças de repente se encaixaram. A compreensão me ocorreu. “Foi você. Você estava atrás dele. Você era quem ele tinha medo. Foi você quem brutalizou aquele cara rico, o CEO, ou o que quer que ele fosse.”

Ele se virou e, antes que eu pudesse respirar, ele agarrou minha garganta. “Não faça isso,” ele disse com os dentes cerrados.

O medo me sacudiu quando percebi o brilho mortal em seus olhos. Quem quer que fosse aquele homem, ele tinha feito algo com ele, isso estava claro.

Olhei para ele, sem dizer uma palavra, até que ele finalmente me soltou.

Com outro puxão, ele me arrastou em direção a uma pequena estrutura de pedra que me lembrou uma pequena cabana. Atrás dela havia uma elegante moto preta – do tipo esportivo.

Balançando a cabeça, recuei um passo. “Eu não vou subir nessa coisa. Não com você.”

Ignorando-me, ele empurrou um capacete para mim, que eu afastei.

“Não brinque comigo. Coloque-o.”

“Pelo menos me diga isso. Você planeja me matar?”

“A cada minuto que você demora para colocar o capacete, encontro menos motivos para mantê-la viva.”

Com as mãos trêmulas, deslizei o capacete sobre a cabeça, soltando um silvo de dor quando o interior almofadado deslizou sobre meus pontos. Sem capacete, Caed passou a perna por cima da moto e apontou com a cabeça para eu subir.

Eu poderia ter fugido, mas não confiava que ele não me mataria.

Então fiz o que ele me disse.

Subi na porra da moto.

Capítulo 64

Devryck

Quando Lippincott engoliu sua bebida, cliquei no e-mail de Spencer – um videoclipe anexado com uma mensagem que dizia: *E pensar que o idiota arrogante pensou que isso estava criptografado. Acho que ele não deveria ter me colocado para dividir o quarto com um gênio da computação. À meia-noite, isto será enviado a todos os alunos e professores do campus. Achei que você gostaria de ver antes. Pergunte a ele sobre o arquivo que Jenny tinha naquela noite.*

Lippincott continuou tagarelando, reclamando de Gilchrist e de como ele planejava retribuir todos os problemas que ela causou.

Tão sutilmente quanto pude, cliquei no vídeo, que abria para uma cena do túnel de cadáveres – obviamente, antes de eu ter removido as câmeras. Uma figura caminhou em direção à câmera, uma jovem loira, segurando a alça de sua mochila enquanto corria pelo corredor e olhava por cima do ombro. Jenny Harrick.

A tela piscou para o próximo clipe, dela entrando na sala do incinerador. Enquanto se dirigia para a saída no lado oposto da sala, ela parou e recuou. O vídeo não tinha som, então não consegui entender o que a fez se afastar da saída.

Não, até que outra figura entrasse no quadro.

Melisandre Winthrop.

A linguagem corporal e o movimento dos braços me disseram que as duas estavam discutindo. Dei uma rápida olhada para Lippincott, que se inclinou para frente, empurrando o copo em minha direção.

Servi-lhe mais bebida contaminada e voltei minha atenção para o vídeo a tempo de ver Mel agarrar a pá usada para remover as cinzas dos incineradores. Ela bateu na cabeça de Jenny com tanta força que estremeci, notando que Lippincott estava com o rosto enterrado no copo. O impacto forte fez a garota cair no chão e, como se estivesse atordoada com o que havia feito, Melisandre recuou, deixando cair a pá.

Olhando para a porta e de volta para Jenny, ela parecia estar pensando se deveria ou não a ajudar ou fugir. Ela puxou um celular do bolso de trás e fez uma ligação.

O tempo passou no vídeo e depois acelerou, como se tivesse sido editado. Dois *minutos. Três. Quatro. Cinco* . Quase dez minutos depois, uma terceira figura entrou na sala.

Lippincott.

Outro olhar mostrou a versão real dele afundando na cadeira, batendo o dedo na borda do copo com impaciência enquanto me esperava.

De volta ao vídeo, Mel se jogou em Lippincott, e tive que engolir minha repulsa quando ela o beijou. Era estranho, dada a forma como ele se juntou ao filho algum tempo depois do desaparecimento de Jenny, quando Mel acusou Spencer de agredi-la. Para salvar sua cara, é claro. Não era como se ele se importasse com Spencer.

Ela se virou em direção à porta e, no momento em que alcançou o batente, Lippincott se ajoelhou no chão e vasculhou a mochila de Jenny. Ele puxou o que parecia ser um envelope pardo e folheou as páginas. Parado, parecendo ler, ele passou a mão pelo rosto. Depois de se levantar, ele correu para um dos incineradores, apertando o botão para acendê-lo, e continuou a folhear a pasta. Outra breve leitura e ele jogou o arquivo inteiro no incinerador e passou a mão pelos cabelos, olhando para Jenny.

“Isso está demorando um pouco, Devryck. Vamos nos apressar,” ele disse em um

tom entediado na minha frente.

“Você está pedindo duas décadas de dados, Edward. Relaxa.”

No vídeo, Lippincott arrastou o corpo inerte de Jenny em direção ao incinerador.

Rangendo os dentes, observei quando ele abriu a porta.

Ele a deitou na cama de aço.

Não. Porra.

Um forte empurrão enviou seu corpo para as chamas que a aguardavam. Quando ele bateu a porta na cara dela, tive que morder a porra da bochecha para não fazer barulho. O fogo brilhou pela janela da porta do incinerador.

Uma mão apareceu do outro lado.

No vídeo, Lippincott saltou para trás ao mesmo tempo que eu. Passei a mão pelo cabelo para acalmar o alarme que batia em mim.

Ele a matou.

Queimou-a.

Viva.

Tudo capturado em um vídeo que ele de alguma forma escondeu. Eu não sabia como diabos Spencer tinha conseguido colocar as mãos na filmagem, mas ele tinha acabado de limpar meu nome em um clipe de dezesseis minutos e trinta e sete segundos.

“Qual é o problema?” — perguntou Lippincott, segurando a arma frouxamente na mão.

“O programa travou. Eu preciso reiniciar. Vai demorar um minuto.”

“Eu não tenho um maldito minuto.”

“Então, acho que você deveria ter aprovado a porra do pedido das finanças para impulsionar a internet.”

“Tudo bem.” Gemendo, ele esfregou a mão que segurava a arma na testa. “Mas se apresse. Esta arma está ficando mais pesada a cada minuto.”

Enquanto fingia esperar meu computador reiniciar, cruzei os braços, olhando para ele. “Você se lembra daquela falha estranha que tivemos há um tempo atrás? Desligaram tudo por uma hora?”

“Como eu poderia esquecer? Todos me culparam por isso. Eles me culpam por tudo. Falta de internet, falta de suprimentos no departamento, maremotos e luas cheias”, disse ele com voz zombeteira. “Eu odeio esse maldito trabalho. Quando o presidente Whiting for embora, abrirei caminho até sua posição e acabarei com essa merda servil.”

Ignorando seu comentário, perguntei: “Foi essa falha que afetou o feed de Harrick, não foi?”

“Por que você está perguntando isso? Será que realmente vamos revisitar Jenny Harrick agora? Você está se sentindo tão abatido que precisa que eu enfie seu nariz na merda de novo?”

Olhei-o bem nos olhos. “Qual foi o arquivo que você jogou no incinerador?”

Uma forte diversão marcou sua expressão e ele passou a língua pelos dentes. “Cuidado, Devryck. Você está seguindo o mesmo caminho que seu pai.”

“O que isso importa? Se você não me matar, Winthrop planeja fazer o trabalho. Você poderia muito bem me dizer o que *me* rotulou de monstro.”

“Aquele arquivo que ela roubou continha evidências incriminatórias contra seu pai.”

“Desde quando você se importa com a reputação *dele*? Você manchou o nome dele durante toda a minha carreira acadêmica.”

Ele soltou uma risada sem alegria. “Você é um merda ingrato. Eu estava protegendo você! Você, Devryck! Era a sua reputação que estava em jogo. Não dele. E eu limpei, não foi? Você passou pelo menos uma hora na prisão?”

“No leito de morte do meu pai, ele me disse que você sabotou o experimento. Você é a razão pela qual ele foi fechado. Na época, pensei que ele estava desesperado e patético, querendo culpar outra pessoa. Mas agora estou me perguntando se talvez esses arquivos transmitiam uma verdade diferente.”

Sua mandíbula flexionou com raiva óbvia. “Esse estudo deveria ter sido *meu.* Meu! Eu deveria ter sido o investigador principal.”

“Você engravidou a mãe de Lilia. Meu pai te expulsou, então você ficou chateado e trocou as injeções. Você infectou aquelas mulheres. Você as enviou para a morte e nossa família assumiu a culpa!”

“Alguém precisava derrubá-lo do trono, não é? Imagine o poder que ele teria acumulado se o estudo tivesse sido um sucesso!” Rosnando para mim, ele sentou-se na cadeira. “Chega dessa porra de história! Dê-me os arquivos, Devryck. Agora!” Ele se levantou e contornou minha mesa. O cano de sua arma atingiu meu flanco. “Quero vê-los copiados no chip. E quero que você os exclua do seu computador depois.” Seguiu-se uma pausa e senti uma leve cutucada do cano nas costelas. “Acabou de me ocorrer... você não se preocupou em se servir de uma bebida dessa vez.”

“Foi a garrafa que você me comprou no Natal. Não me importo com qualidade inferior.”

“Sirva-se de uma bebida.”

“Você quer esses arquivos hoje à noite ou…”

“Sirva-se. Você mesmo. Uma bebida.”

Do armário, peguei outro copo e despejei a bebida nele. Com a pressão de sua arma, ergui o copo como se fosse beber.

Antes que chegasse aos meus lábios, me virei e joguei a bebida em seu rosto.

“Porra!” Apertando os olhos, ele tropeçou para trás e eu quebrei o copo na cabeça dele. Ele caiu contra minha mesa, o movimento do seu braço derrubando a garrafa no chão, onde ela se espatifou.

A arma disparou e, embora uma forte pressão tenha atingido meu ombro, não senti dor imediata. Apenas uma dormência doentia.

Eu sabia que tinha sido atingido, no entanto.

“Filho da puta!” Avancei, derrubando-o no chão, e bati sua mão que segurava a arma no canto afiado da minha mesa, até que a arma caiu de sua palma.

“Ah, porra! Porra!” ele gritou, segurando o que sem dúvida eram dois dedos quebrados, dada a forma como eles se curvavam em um ângulo não natural.

Levantando a arma, fiquei de pé e apontei para seu crânio com a mão firme,

enquanto segurava meu braço ferido contra meu corpo. Uma rápida olhada de lado mostrou uma flor de sangue, confirmando que eu havia sido atingido. “Você sequestrou meu irmão. Foi você. Diz.”

“Aquela pesquisa era minha. Seu pai a roubou de mim.”

Besteira. Se isso fosse verdade, ele teria conseguido financiamento para seu próprio laboratório, no momento em que o subsídio se tornou nulo. Ele não sabia por onde começar a pesquisa, e foi por isso que me recrutou para continuar o trabalho do meu pai.

Com os dentes cerrados, me atrevi a puxar o gatilho. “Você sequestrou meu irmão. Porra, diga isso.”

Quando ele não respondeu, ajoelhei-me e apoiei a arma sob seu queixo.

Um olhar de medo tomou conta dele quando inclinou a cabeça para trás, olhando para mim. “Sim. Sequestrei Caedmon. Eu não planejei matá-lo, no entanto. Quem diria que seu pai era um idiota tão ganancioso?”

Um calafrio deslizou pelas minhas veias, meus músculos queimando com o desejo de puxar o gatilho e acabar com ele. “Todos esses anos, eu acreditei nas suas besteiras. Suas *mentiras*. Você o entregou para Angelo. E o que aconteceu então?”

“Ele ia ficar com ele por um tempo. Ver se o seu pai mudava de ideia.”

Coloquei a arma firmemente sob seu crânio, visualizando a beleza de ver seu cérebro disparar no topo de sua cabeça. “E quando ele não o fez?”

Ele hesitou, a arma balançando com seu engolir áspero. “Eu disse ao Angelo para se livrar dele.”

Não me preocupei em contar a ele que Caed estava vivo. Se eu não tivesse visto a prova disso há alguns momentos, teria alegremente arrastado Lippincott para a sala de autópsia e dissecado-o vivo.

“Faça isso,” ele provocou. “Você não tem coragem de me matar.”

Eu sorri com isso. “O que faz você pensar que sou tão misericordioso a ponto de lhe oferecer uma morte rápida?” Eu me afastei dele, reprimindo o riso quando seus olhos quase saltaram das órbitas.

Ele olhou para o copo na minha mesa e de volta para mim. “O que é que você fez?” Quando ele tentou se aproximar de mim, soltou um gemido de dor, segurando a mão novamente. “Que porra você fez!”

Ao som de um baque distante, voltei minha atenção para meu computador, onde um alerta me notificou que alguém havia aberto a porta do laboratório no andar de cima. Desliguei o computador e atravessei a sala, espiando pela esquina.

“Winthrop está atrás de você há algum tempo”, disse Lippincott, levantando-se. “Você está fodido, Devryck. Os Rooks estão vindo atrás de você.”

Três homens de terno preto caminharam em direção ao meu escritório. Todos os três, reconheci como membros atuais do The Rooks.

Eu sabia muito bem que não seria a mim que eles iriam punir. Eu era muito importante. Anos se passaram com pouca responsabilidade. Nada que eles pudessem usar contra mim.

Lilia. Eu precisava chegar até Lilia. Se eles imaginassem por um momento que ela estava viva e tinha alguma ligação comigo, eles a usariam contra mim.

Saí do meu escritório e, ao primeiro som de tiro, abaixei-me e passei pelas portas do laboratório.

Talvez eu estivesse errado sobre eles não quererem me matar.

Passos me disseram que os homens estavam em perseguição, mas quando chegaram ao laboratório, eu já estava atravessando a porta da sala de autópsia.

Uma dor lancinante queimou meu ombro enquanto a adrenalina de antes passava, mas deixei a agonia de lado, caminhando em direção à entrada de cadáveres. Outro tiro foi disparado. E outro. Ao dobrar uma esquina, uma bala passou zunindo por mim, explodindo contra o muro de pedra à frente.

Com meu braço armado, bati na pesada porta de aço, com uma dor lancinante que subiu pelo meu pescoço, e encontrei meu carro ainda estacionado no estacionamento onde o havia deixado. O ar fresco da noite não conseguiu extinguir a queimação em meus músculos enquanto eu corria pelo estacionamento e derrapava pela traseira do carro até o lado do motorista. Assim que os homens invadiram a saída, disparei. Um deles soltou um xingamento e caiu no chão, segurando a perna.

Os outros dois continuaram em minha direção.

Subi no banco do motorista, liguei o carro e dei marcha à ré antes de disparar direto na direção deles. O carro avançou contra eles como uma bola de boliche, espalhando os homens enquanto eles mergulhavam para fora do caminho. Uma virada rápida para dirigir e eu pisei no acelerador com um guincho de pneus, tendo um vislumbre deles se levantando no espelho lateral.

Uma bala atingiu a janela traseira do passageiro, quebrando o vidro. Outra bateu na traseira do carro em algum lugar. Dada a mira de merda, parecia que eles estavam apenas tentando me atrasar. Para me prender, em vez de me matar. O som metálico sob o carro confirmou essa teoria, quando um deles disparou em direção aos meus pneus. Uma vez fora do estacionamento, as árvores ao redor me engoliram na escuridão e os tiros diminuíram.

Enquanto acelerava pela estrada da montanha, disquei o número do celular de Lilia.

Nenhuma resposta.

Disquei novamente.

Novamente, nenhuma resposta.

Uma dor lancinante latejava em meu ombro e, usando a mão do braço atingido para dirigir o carro, apalpei a parte traseira dele em busca de um ferimento de saída. Meus nervos gritavam como um inferno de fogo e a náusea borbulhava em minha garganta, enquanto eu passava os dedos pela carne esfarrapada que marcava a passagem da bala. Ou seja, eu não teria que desenterrar essa coisa de mim, graças a Deus.

Acelerei pela cidade, em direção à mansão, e avistei alguém me sinalizando na beira da estrada.

Gilchrist.

Parte de mim queria passar por ela sem se preocupar em parar, mas sua presença enviou sinais de alerta, principalmente quando ela olhava por cima do ombro, como se algo a seguisse. Reduzi a velocidade do carro e abaixei a janela do passageiro.

“Devryck, graças a Deus. Se você estiver indo para a propriedade Bramwell,

saiba que Lilia não está lá.”

“Como você sabe disso?”

Com um aceno de cabeça, ela deu um aceno de desdém. “É uma longa história. Aparentemente conheci seu encantador irmão gêmeo?” ela fez a pergunta como se esperasse que eu confirmasse, o que não aconteceu. “Lilia está com ele. Alguns homens de terno chegaram, olhando em volta. Eu fugi quando percebi que eles estavam carregando armas.”

Os Rooks, se eu tivesse que adivinhar. Provavelmente esperando que eu voltasse.

“Para onde Lilia foi levada?”

“Eles estão voltando para a universidade, até onde eu sei. Você não passou por eles?”

Não me lembrava de ter passado por um único carro no caminho até lá. Com os dentes cerrados, soltei um grunhido de frustração. “Se você precisar de uma carona, entre.”

Enquanto ela corria para abrir a porta, meus músculos se contraíram de aborrecimento por ter que ajuda-la. Assim que ela se sentou no banco, virei o carro e voltei para a universidade.

“Oh, meu Deus, seu... seu ombro está sangrando!”

“Observação brilhante.”

“Você está machucado?”

Eu deslizei uma carranca em direção a ela. Para uma especialista, ela certamente fez seu quinhão de perguntas estúpidas. “Estou bem.” Virei a cabeça em direção ao porta-luvas. “Passe-me o betadine, o esparadrapo e a gaze do kit de primeiros socorros, sim?”

“Claro.” Ela avançou em busca do kit e tirou os suprimentos solicitados de dentro. “Você gostaria que eu fizesse um curativo no ferimento para você?”

“Não.” Eu não queria as mãos dela perto de mim. “Rasgue um pedaço de fita adesiva e cole no painel. Então assuma o volante.”

Ela fez o que eu pedi e, enquanto segurava o volante, pisei um pouco no

acelerador e tirei minha camisa. Ignorando seu suspiro, borrifei completamente as feridas de entrada e saída, permitindo que o excesso de fluidos pingasse em ambos os lados. Com uma mão, enrolei meu ombro em gaze e prendi-o com um pedaço de fita adesiva.

Ela tirou a mão do volante e eu assumi o controle novamente. “Você está com algum problema? Quem eram aqueles homens de terno que vi na mansão?”

“Evangelistas. Procurando espalhar a palavra,” eu disse em um tom sem humor. Torci meu braço, verificando o selo da fita, quando a ouvi dar uma pequena risada que se transformou em um suspiro. Eu queria perguntar o que diabos ela estava fazendo na casa do meu pai, mas não estava interessado em envolvê-la.

“Devryck, eu…. Você a ama?”

Não respondi a ela. Eu não tinha dito essas palavras para Lilia, então por que ela achava que merecia saber primeiro estava além da minha capacidade de me importar.

“Pergunta boba, suponho”, ela tagarelou. “Desculpe. E não estou dizendo isso por causa dela, ou por qualquer relacionamento que você tenha com ela. Estou dizendo isso para você.”

“Talvez seja melhor permanecermos em silêncio nesta viagem.” Eu não tinha tempo para banalidades mesquinhas. Especialmente quando eles chegaram tão tarde. Também não tive tempo para conversar com uma pessoa com quem não tinha interesse em conversar. Com o pé no chão, ignorei a mulher que causou tantos problemas e atirei na direção onde esperava encontrar Lilia.

Capítulo 65

Lilia

O capacete pressionou meu ferimento enquanto o vento soprava ao meu redor. Eu nunca tinha andado de moto na minha vida, mas posso dizer honestamente que não encontrei nada atraente no passeio naquele momento – especialmente com a rapidez com que Caedmon estava acelerando pela estrada. O fato de eu ter sido forçada tão perto de seu corpo me perturbou. Parecia muito íntimo e errado. Mesmo assim, segurei-me com toda a minha vida, com medo de voar da traseira da moto, se o soltasse.

Ele diminuiu a velocidade e saiu da estrada principal, seguindo por um caminho arborizado onde uma placa dizia Cascadin Falls, com uma seta apontando para mais fundo na floresta. O pânico cresceu em meus pulmões, minha respiração ofegante batia contra meu rosto dentro do capacete, enquanto ele parava a moto e desligava o motor.

Quando ele se sentou, com as costas pressionadas contra meus seios, eu imediatamente o empurrei e desci da moto, empurrando a proteção facial do capacete para cima. “Por que estamos parados?”

“Não vamos ficar por aqui.” Ele olhou para o relógio, que piscava com algum tipo de alerta. “Volte.”

“Caed, por favor. Eu não sou um inimigo aqui. Apenas... diga-me para onde está

me levando.”

“Eu te disse. Para a Universidade.”

“Esta não é a universidade.”

A sobrancelha se arqueou, ele não se preocupou em olhar para mim. “Eu posso ver por que ele gosta de você. Você é brilhante.”

“Você está com raiva dele. Por quê?”

Como todas as outras vezes, nenhuma resposta. Ele olhou para o relógio, como se estivesse em contagem regressiva para alguma coisa.

Olhei em volta para as árvores ao redor, que começaram a escurecer com o anoitecer que se aproximava.

“Nem pense nisso. Vou enfiar uma lâmina na sua nuca assim que você sair do caminho.”

Suas palavras de alguma forma me trouxeram à mente aquela noite, com Angelo. O desamparo que senti então. O medo. Fiquei irritada por me encontrar naquela posição novamente. Presa a um psicopata.

Não. Raiva não era a palavra certa.

Eu estava chateada. *Enfurecida.*

Cerrei os dentes quando a fúria tomou conta e subiu da minha barriga até a garganta. “Se você está planejando matá-lo, saiba que eu vou te matar primeiro,” soltei antes que pudesse me conter.

Olhos ferozes se ergueram para os meus e ele abaixou lentamente o braço. Seus lábios se contraíram como se quisessem sorrir. “De onde eu venho, isso se chama preliminares.”

“De onde eu venho é uma promessa.”

“Suba na moto.”

“Diga-me se você planeja matá-lo”, desafiei.

Ele me encarou por um momento, como se estivesse pensando em silêncio se eu valia o peso extra em sua moto. “Suba na porra da moto. Agora”, disse ele,

apoiando a mão no coldre em seu quadril.

Em vez disso, permaneci imóvel onde estava, como se meu corpo se recusasse a obedecer. No entanto, cada célula tremia com a incerteza de eu tê-lo irritado o suficiente para que ele cumprisse sua ameaça.

“Você quer salvá-lo? Suba na moto. Ou vou deixar sua bunda aqui.”

Pode ter sido um blefe. Ele poderia muito bem-estar mentindo na minha cara.

Mas era melhor do que qualquer outra alternativa que passava pela minha cabeça naquele momento, então subi de volta na moto, como ele ordenou.

“Se você tentar algo quando chegarmos ao portão, eu vou estripá-la na frente do guarda.” É certo que a *frequência* de suas ameaças começou a me desgastar um pouco. Elas não tinham mais o mesmo impacto de quando estávamos na mansão. Embora as intenções e motivações de Caed permanecessem confusas para mim, tive a sensação de que ele não queria me matar. Era difícil dizer o que exatamente me deu essa impressão. Talvez apenas pelo simples fato de ele ainda *não ter* enfiado uma faca em mim.

Ele dirigiu a moto de volta à estrada principal e, em poucos minutos, chegamos à entrada da universidade, onde o guarda tirânico saiu da portaria.

Caed diminuiu a velocidade de sua moto e, quando o vento diminuiu em volta da minha cabeça, me afastei um pouco dele.

“Boa noite, professor Bramwell”, disse o guarda.

“Boa noite,” Caed respondeu em um tom cortante.

O guarda inclinou a cabeça, olhando para mim, claramente incapaz de ver meu rosto através do escudo preto, do jeito que ele olhava tão descaradamente. “É uma estudante com você?”

“Apenas companhia.”

Mais uma vez, o olhar do guarda permaneceu em meus pés descalços, onde enrolei os dedos gelados em torno do pedal serrilhado. Franzindo a testa, ele balançou a cabeça e voltou sua atenção para Caed, a mão apoiada na arma em seu quadril. “Esta deve ser a sua crise de meia-idade, hein?” Ele riu.

Eu provavelmente poderia ter gritado naquele momento, avisando o guarda que

estava em apuros, mas isso certamente me colocaria de volta no radar de Lippincott, e eu não sabia qual era o menor dos dois males naquele momento. No mínimo, eu estava mais próxima de Devryck por estar no campus.

“Sim”, foi tudo o que Caed disse em resposta.

O guarda acenou para que continuássemos e voltou para a portaria. “Tenha uma boa noite, professor.”

Nem um minuto depois, a moto voltou a andar e vi Caed digitar o mesmo código em um teclado que eu digitei para entrar no laboratório de Devryck. O portão se abriu e ele passou.

Meu coração batia forte, esperando para ver para onde ele iria a partir daí.

Ele virou a moto em uma rampa de estacionamento do lado de fora do prédio administrativo e digitou o código novamente. O portão se abriu, permitindo-nos acesso à rampa, e Caedmon estacionou no térreo.

Ocorreu-me naquele momento o que ele tinha vindo fazer. Desci da moto e, ao tirar o capacete com cuidado, estremeci com a queimadura que marcava meus pontos. O sangue cobria o interior do capacete quando o devolvi a ele. “Você vai matar Lippincott”, eu disse corajosamente. Deveria ter me incomodado mais o fato de ele planejar matar o diretor, mas de alguma forma parecia carma. Para minha mãe. Para mim.

Lippincott merecia o que estava acontecendo com ele.

“Por que me trazer com você?”

A dureza em seus olhos suavizou apenas um pouco, e ele estendeu a mão para tirar o sangue da minha mandíbula. “Você está melhor comigo.”

“Melhor?” Franzindo a testa para a implicação por trás de suas palavras, balancei a cabeça. “O que diabos isso significa?”

“Por semanas, eu observei você. Em aula. Enquanto dormia.” Sua confissão causou um arrepio de angústia na minha espinha, enquanto a imagem dele me observando dormir passava pela minha cabeça. “Ele não merece você. Nenhum deles merece.”

“Ele te ama, sabe. Não tenho ideia do que você passou, mas sei que ele ainda

sofre por você.”

Seu lábio se curvou. “Ele é um mentiroso. Ou você já esqueceu?” ele perguntou, sem dúvida se referindo ao seu envolvimento com o The Rooks.

Eu não sabia o que Devryck tinha feito com ele, como ele mentiu para seu irmão, e suspeitei que Caed não me contaria. “Eu não esqueci. Ele mentiu para mim. E por isso ele é um idiota. Mas estou autorizada a perdoá-lo. Essa é minha escolha, Caed. Não é sua.”

Flexionando a mandíbula, ele me estudou por um momento. “Então, acho que é aqui que nos separamos.”

Quando ele desceu da moto, virei-me para a saída, mas parei. “Você não precisa fazer isso, sabe? Devryck ajudaria você.”

Ele zombou e destrancou um pequeno compartimento de armazenamento preso à traseira de sua moto, de onde tirou a máscara da peste. Movendo-se para o bolso, ele tirou um chip, provavelmente o que roubou de Gilchrist, e me entregou. “Saia daqui. Não me faça arrepender de ter deixado você partir sozinha.”

Coloquei o chip no bolso. “Eu posso me virar sozinha.”

“Tenho certeza de que pode, Covington.”

Sem perder mais um minuto, corri para fora da garagem e atravessei o campus, descalça. Quando cheguei à sala do incinerador, meus pés latejavam, frios e rígidos como um cadáver. Peguei um dos jalecos no caminho para o laboratório para afastar um pouco do frio que ainda assolava meu corpo.

Quando entrei no escritório de Devryck, parei derrapando ao ver sua cadeira virada e corri ao redor da mesa para ter certeza de que ele não havia tido outra convulsão. Algo picou a sola do meu pé e eu o levantei para encontrar um pequeno caco de vidro saindo do meu calcanhar. Depois de retirá-lo, olhei em volta e vi uma garrafa quebrada e respingos de sangue no chão. A cena sugeria que uma briga havia começado, e meus pensamentos voltaram para a notificação que ele recebeu em seu telefone mais cedo, de que alguém havia invadido. Oh, Deus. Ele havia lutado com alguém ou alguém saqueou seu escritório?

O que fazer …

Fiz outra busca no laboratório e nos escritórios, espiando pelas portas e pela

geladeira de cadáveres, em busca de Devryck. Correr até a entrada de cadáveres mostrou que seu carro não estava estacionado ali.

Talvez ele realmente tenha lutado contra um intruso e depois voltado para a mansão.

Caramba.

Resolvi voltar ao escritório dele e esperar, caso ele ligasse para lá. Contornando o vidro quebrado, levantei a cadeira e percebi que o cabo do computador estava desconectado da parede. Franzindo a testa, conectei-o novamente e, quando a tela de login apareceu, digitei a senha que vi Devryck digitar pelo menos uma dúzia de vezes na última semana.

A tela foi preenchida com todos os aplicativos que ele abriu antes de ser desconectado. Um deles foi um vídeo. Eu cliquei nele.

A cena representou um ataque horrível contra o que eu tinha certeza de ser Jenny Harrick, dadas as características que reconheci dos pôsteres de pessoas desaparecidas que vi no campus. Quando a mão apareceu do outro lado da janela do incinerador, caí para trás no assento de Devryck, com as duas mãos cobrindo a boca.

Oh meu Deus.

Oh, meu maldito Deus!

Um pavor estranho tomou conta de mim, arrepiando os cabelos da minha nuca. Fiquei olhando por um momento, tentando absorver o que tinha acabado de ver, meu pulso batendo forte em meus ouvidos. Lippincott a matou. Assassinou-a, queimou-a viva e permaneceu em silêncio sobre a coisa toda, deixando o campus transformar Devryck em um monstro.

Eu esperava que Caed destruísse o bastardo doente.

Esfregando a mão na nuca, mentalmente afastei os últimos dez segundos do videoclipe que passava em loop dentro da minha cabeça e coloquei o chip de Gilchrist no drive. Vários arquivos apareceram, todos datados e rotulados em ordem.

Cliquei em um dos arquivos – uma carta ao conselho que parecia ter sido escrita por Bramwell, descrevendo um evento adverso: troca de vacinas. “*15 de*

janeiro”, li em voz alta. “O *Dr. Darrows administrou doses de toxinas que ele notou que estavam descoloridas. Possivelmente contaminadas.”*

Quem as trocou?

Uma visão de Lippincott vasculhando a bolsa de Jenny Harrick pouco antes de ele matá-la se insinuou em meus pensamentos. Seria possível que esses arquivos contivessem as mesmas informações?

Uma notificação apareceu na tela do computador ao mesmo tempo em que ouvi um *barulho alto* ecoando pelo corredor. A única vez que a notificação apareceu na tela foi quando um código, diferente do de Devryck, foi digitado no teclado.

“Merda.” Lutei para remover o chip, que enfiei no bolso, e desconectei o computador, como havia feito antes. Olhando ao redor do escritório, encontrei poucos lugares para me esconder e, com o som de passos se aproximando, meu pulso disparou em minhas veias.

Corri pelo escritório em busca do armário e me tranquei lá dentro.

Menos de um minuto depois, ouvi um som estridente, como se quem quer que fosse tivesse pisado em algum dos vidros – ouvi passos lentos que pareciam desaparecer, como se tivessem recuado.

Abri a porta do armário o suficiente para ver uma figura parada na porta, espiando o corredor. Quando voltei para o escritório, fui saudada pela máscara da peste.

Caed?

Não ousei pronunciar uma palavra enquanto o observava se virar novamente. Ele saiu para o corredor e eu suspirei.

A porta do armário se abriu.

Uma segunda figura usando a máscara da peste pairou sobre mim.

Um grito saiu da minha garganta.

Capítulo 66

Devryck

A cerca de um quilômetro e meio do campus, meu telefone tocou no bolso e atendi imediatamente ao ver uma ligação de Langmore.

“O que é?”

“É Winthrop. Ele pediu que você voltasse para The Roost. Eles estão com Lilia.”

O pavor torceu meu interior e parei o carro no acostamento enquanto desligava a ligação. “Você precisa sair,” eu disse sem olhar para Gilchrist. “Desculpe.”

“Minha nossa. Estou quase cansada…”

“Saia!”

“OK. Tudo bem. Eu vou sair.” Ela deslizou do banco do passageiro e, no momento em que fechou a porta, pisei no acelerador em direção ao The Roost.

O edifício principal era uma antiga igreja católica, construída muito antes do mosteiro, mas, tal como partes do mosteiro, tinha sobrevivido ao grande incêndio. O que o tornou um imóvel tão convidativo para The Rooks foi que ele estava conectado a túneis que passavam por baixo de toda a ilha, construídos na rocha. Os Rooks remodelaram-na e atualizaram-na com a mais recente tecnologia, transformando a antiga igreja numa espécie de fortaleza.

Parei no portão, que era controlado por um bruto mais tirânico que Sam na entrada de Dracadia. Ele nem se preocupou em verificar minhas credenciais quando permitiu a passagem.

Eles estavam me esperando.

Entrei no estacionamento subterrâneo, minha cabeça girando, pensando em como diabos eu sairia dessa. Caedmon tinha me fodido ao ameaçar a filha do presidente. Intencionalmente, imaginei. Meu irmão sempre desprezou os Rooks e a afiliação de meu pai com eles. Saber que eu segui os passos de nosso pai, sem dúvida, teria parecido um ato de traição para Caed.

Pegando meu paletó do banco de trás, deslizei cuidadosamente meu braço para dentro, me encolhendo com a dor. A última coisa que eu queria era dar-lhes a satisfação de pensar que um de seus capangas tinha realmente me acertado em cheio.

Um colega Rook me encontrou no elevador e me acompanhou até o primeiro andar, até a sala onde os julgamentos eram realizados.

Mantive minha respiração estável quando entrei na sala que estava lotada de membros do Rook vestindo o traje cerimonial de sempre.

Parecia um pouco demais para uma ameaça. Sem dúvida, Mel era a princesa de Winthrop, e ele certamente parecia protetor com ela nesse aspecto, mas convocar os membros para uma reunião como esta parecia um exagero. Pelo que eu sabia, Caedmon não a tinha cortado. O traje, muitas vezes usado em sentenças de morte, foi o primeiro sinal de que algo estava errado.

Eu tinha acabado de entrar na sala, quando o Rook que me acompanhou até lá estendeu a mão para me impedir. O piso central se moveu para permitir que uma enorme gaiola dourada subisse de baixo.

Dentro da jaula estava Lilia.

Parecia que a morte era precisamente o que eles tinham em mente.

O alívio tomou conta de seu rosto enquanto ela corria em direção às barras, com as mãos tremendo enquanto ela enrolava os dedos em torno delas. “Devryck!”

Meus músculos se contraíram, meu corpo ansiava pela vontade de matar todos os bastardos da sala. O acompanhante baixou o braço e eu caminhei ao lado da

jaula, usando uma máscara de indiferença. Mostrar qualquer emoção seria tolice.

O presidente associado, sentado ao lado do que eu sabia ser Winthrop, levantou-se para se dirigir a mim. “Dr. Devryck Bramwell, você foi acusado de ter ameaçado a filha do presidente e do assassinato brutal do colega Rook e reitor, Edward Lippincott, que foi encontrado momentos atrás em seu escritório.”

Porra.

Porra!

Caedmon novamente. No entanto, eles provavelmente teriam obtido evidências de vídeo que, aos seus olhos, mostravam *o meu* rosto, não o do meu irmão. Ameaçar a filha do presidente já era ruim o suficiente, mas matar um colega Rook era o crime mais grave que alguém poderia cometer. Uma sentença de morte.

“Por que a Srta. Vespertine está aqui?” Atrevi-me a perguntar, já sabendo a resposta. “Ela é inocente. Ela não teve nada a ver com nada disso.”

“Devido à importância do seu papel no estudo do Noctisoma, a Srta. Lilia Vespertine ocupará seu lugar como Acusada. Chegou ao nosso conhecimento que vocês dois tiveram relações. Existe a possibilidade de ela ser cúmplice dos seus crimes. Embora a natureza do seu relacionamento não tenha consequências, o significado dele tem, neste caso.” Mel obviamente havia contado a notícia ao pai, juntamente com a acusação de eu tê-la atacado. “Você tem algo a dizer aos seus colegas Rooks?”

“Tenho.” Aproximei-me, recusando-me a olhar para o que imaginei ser medo e confusão estampados no rosto de Lilia naquele momento. “Vou pedir aos meus irmãos que perdoem a Srta. Vespertine, com base no fato de que a filha do presidente conspirou com o Dr. Lippincott para assassinar uma estudante que se acredita ter desaparecido.”

O presidente Winthrop sentou-se para frente, os dedos cerrados em punhos. “Mentira!”

Levantei meu telefone e girei para mostrá-lo aos membros que estavam atrás de mim. “Eu tenho provas. Imagens de segurança que capturaram o crime.”

O assistente de associado apontou para o meu telefone e, assim que o entreguei,

ele ficou olhando para ele por vários minutos. Ele baixou lentamente o telefone, passando-o para o homem sentado ao lado dele.

O presidente Winthrop assistiu ao vídeo a seguir.

Os segundos se passaram e ele baixou o telefone ao lado dele, limpando a garganta. Se eu tivesse que adivinhar, o homem estava furioso de humilhação naquele momento, provavelmente pronto para estrangular a filha - principalmente depois do abraço doentio com Lippincott.

“O Sr Harrick possuía dados registrados durante o Crixson Project, que implicava Lippincott no crime de troca de inoculações.” Uma acusação ousada, mas uma que eu estava disposto a apoiar com meu nome e posição. “Em essência, ele assassinou as seis mulheres envolvidas no estudo e passou a culpa para meu pai.”

“Você não tem prova disso”, disparou o Presidente. “Não temos ideia do que foi queimado naquele incêndio.”

“Eu tenho os arquivos. Todos eles”, disse Lilia ao meu lado, com os dedos enrolados nas barras da jaula. “No chip do computador que você confiscou. Eles me foram dados pela Professora Gilchrist. Ela atuou como secretária e responsável pela entrada de dados do estudo. 15 de janeiro é a data em que Darrows notou uma mudança nas inoculações. Você deve encontrar as anotações dele lá.”

Minha ousada pequena mariposa. Reprimi um sorriso ao vê-la se dirigir a esses homens poderosos como se estivesse preparada para voar direto para a chama. Claro, ela teria que passar por mim primeiro.

Um dos Rooks próximos entregou o que presumi ser o chip confiscado ao presidente associado. Por sua vez, ele o entregou a outro homem sentado a dois assentos dele, que imaginei ser o Dr. Fausten, e disse: “Se pudesse fazer a gentileza de confirmar as anotações em 15 de janeiro.”

Outro Rook colocou um laptop na frente do Dr. Fausten. Minutos se passaram em um silêncio agonizante, enquanto ele parecia folhear as anotações.

Rezei para que estivessem em algum tipo de ordem. Conhecendo a natureza meticulosa de Gilchrist, suspeitei que sim.

“Sinto muito”, Lilia sussurrou ao meu lado.

Como eu queria segurar a mão dela, para garantir que tudo ficaria bem. Talvez em qualquer outro tribunal as provas tivessem sido sustentadas, mas eu enfrentava mais do que suspeitas e dúvidas. Eu lutava contra a corrupção, a política e o favoritismo, e não havia garantia de que eles considerariam os fatos convincentes o suficiente para poupar Lilia.

Minha mente lutou por outra solução, outro meio de salvar a vida dela, porque não havia nenhuma maneira de ela ser morta sob meu comando. Eu queimaria todo o maldito projeto e iria embora com um sorriso. Fodam-se as consequências.

Outro minuto se passou e o Dr. Fausten recostou-se na cadeira. “A acusada está correta – as notas de 15 de janeiro demonstram que as amostras foram consideradas descoloridas e possivelmente contaminadas. Darrows, de fato, administrou as inoculações. Parece que o Dr. Warren Bramwell tentou apresentar um relatório, que foi rejeitado pelo ex-presidente Lowenstein.” O antecessor de Winthrop, que era excepcionalmente próximo de Lippincott. Foi ele quem solicitou o cargo de Lippincott como reitor. “Lippincott foi apontado como suspeito no relatório de Bramwell.”

“Investigaremos isso mais detalhadamente, em um esforço para restaurar o nome Bramwell”, disse o presidente associado. “Quanto à Srta. Vespertine, encontramo-nos numa posição bastante precária. O conhecimento dela sobre a nossa organização representa uma ameaça à segurança e ao anonimato que defendemos durante séculos. Como você sabe, no passado, isso resultou em uma execução rápida.”

“Proponho torná-la membro”, eu disse sem hesitação. “Durante o tempo em que trabalhou no meu laboratório, a Srta. Vespertine deu uma contribuição bastante significativa para a estabilidade da toxina Noctisoma.”

“E qual é essa contribuição?” — perguntou o presidente Winthrop com uma ponta de dúvida.

“Não tenho liberdade para dizer.” Olhei para Lilia e de volta. “A pesquisa pertence a ela.”

O presidente Winthrop bateu o dedo na madeira polida do banco. “Ninguém se torna uma Rook sem *uma avaliação adequada*.”

Eu estava muito ciente de suas avaliações. A iniciação. As missões que fui incumbido de realizar para provar a minha lealdade. Todos os membros da sala sofreram nas mãos dos mais velhos. “Eu ofereço meu endosso pessoal.”

Fazer isso garantia que, se ela errasse, nós dois pagaríamos o preço. Nem mesmo os pais apoiavam pessoalmente os filhos, por medo das consequências. Eles precisavam saber o quanto eu estava disposto a arriscar por ela.

“Você está ciente das repercussões.” Um ar de satisfação pairava nas palavras do Presidente.

“Estou”, respondi com segurança.

“Srta. Vespertine.” O vice-presidente cruzou as mãos na frente do corpo. “É do seu interesse se tornar uma companheira Rook? Ser doutrinada em nossa sociedade, sujeita às nossas regras e marcada com nosso emblema?”

Ela baixou o olhar, como se estivesse contemplando a questão. Como se estivesse *contemplando* a porra da pergunta?

Que porra é essa?

A alternativa era um cochilo eterno e aconchegante.

Quando ela ergueu o olhar novamente, todos os músculos do meu corpo ficaram tensos, sem saber o que diabos a espertinha diria.

“Quero minha bolsa de estudos reintegrada. Todos os quatro anos e um mestrado. E quero minha casa de infância. Paga integralmente.”

Maldita atrevida.

Mais uma vez, tive que esconder o sorriso que queria escapar, o orgulho que quase transbordava de mim.

“Ah, me sinto encorajada a fazer tais pedidos com base na importância da minha contribuição. Provou-se sustentar o efeito da toxina, garantindo seu sucesso.” Ela estava nervosa, com as mãos tremendo, mas lindamente destemida ao mesmo tempo.

“Você concorda com esta afirmação, Dr. Bramwell?” — perguntou o Presidente Winthrop, atraindo minha atenção de volta para os The Seven.

“Concordo. Vou fornecer um relatório até o final da semana com os primeiros resultados *in vivo.* Você os achará muito favoráveis, garanto.”

“Então, vamos votar sobre o assunto de incluir a Srta. Lilia Vespertine como membro da The Seven Rook Society, com as acomodações que ela tão ousadamente solicitou.”

Poderia ter dado errado. Só houve um membro feminino antes dela – uma mulher cruel que tinha muito mais dinheiro do que Lilia. Eles poderiam facilmente ter mandado ela se foder, matado-a, e tentado me forçar a revelar a descoberta da pedra preta. Claro, eles teriam que me torturar para isso. De jeito nenhum eu daria a eles o que queriam se ousassem encostar um dedo nela. Eu levaria essa informação para o túmulo com a promessa de que Lilia e eu nos reuniríamos na vida após a morte.

Cada um dos Seven retirou seus martelos de suas vestes.

Meu coração disparou dentro do peito, batendo contra meus ossos. Eu conhecia cada rosto por trás de cada máscara e caçaria cada um deles, começando por Winthrop. Eu começaria uma coleção de peles esfoladas e línguas decepadas, se eles ousassem emitir uma sentença de morte naquele momento.

Um por um, cada um dos Seven estendeu seus martelos.

Todos eles de ouro.

Capítulo 67

Lilia

Meu estômago roncou quando a marca pressionou minha pele com um chiado nauseante. O que pareciam facas incandescentes afundaram profundamente em minha carne, e meu braço tremeu quando Devryck segurou minha mão na dele, me observando com intensidade.

Com as unhas cravadas em sua palma, soltei um grito silencioso de dor quando o calor abrasador atingiu meus ossos.

Ele lançou ao homem que me marcava um olhar assassino, e o metal quente se soltou, deixando para trás uma agonia insuportável, que me deixou tonta.

“Olhe para mim, Lilia. Acabou. Está tudo acabado.” Devryck tirou o cabelo do meu rosto, que devia estar tão branco quanto a neve naquele momento.

Engoli a vontade de vomitar, enquanto o homem parado diante de mim puxava minha camisa de volta no lugar, cobrindo a marca que ele tinha acabado de queimar abaixo da minha clavícula.

“Está feito”, disse um dos homens mascarados, com a voz monótona. “Tendo feito nossos votos e marcado sua carne, você agora é membro da The Seven Rook Society. Bem-vinda, Srta. Vespertine.”

Os Rooks ao redor bateram palmas em clamor, enquanto eu respirava com

dificuldade pelo nariz, me esforçando para não desmaiar. Eu não tinha ideia do que isso significava, com o que havia concordado, mas tinha uma boa ideia de que não concordar com a adesão deles teria resultado em morte. Não que eu pudesse ver seus rostos por trás das máscaras, mas tive a sensação de que esses homens não brincavam.

Um brilho particularmente selvagem iluminou os olhos de Devryck quando ele me levantou, o que pareceu instável a princípio. Meus joelhos vacilaram e, com uma onda de ácido subindo pela minha garganta, engoli em seco, desesperada para não vomitar nos ladrilhos abaixo. Um dos homens mascarados se aproximou de mim, entregando minha máscara e manto cuidadosamente dobrados.

“Srta. Vespertine, você terá acesso a um site protegido por senha”, disse o presidente Winthrop, pelo que percebi. “Lá você encontrará o manual e os recursos à sua disposição. Esta reunião está encerrada.”

Todos os sete homens na frente da sala saíram.

Os rostos mascarados ao redor também saíram.

Recursos à minha disposição?

Devryck segurou minha mão e me levou para fora da sala. Em vez de seguir o resto da multidão em direção ao que presumi ser a saída, ele me guiou pelo corredor na direção oposta. Nós dois entramos em um cômodo escuro, semelhante ao que acabamos de deixar, e ele me encostou na parede.

“Você está bem?”

“Bem, quero dizer, queima um pouco, mas tenho certeza de que vai sarar bem.”

“Não. Quero dizer, alguém... *machucou* você?”

“Você está perguntando se Caedmon me machucou? Não. Ele não fez isso. Ninguém me machucou.” Dei um empurrão forte em seu peito. “Exceto você. Você mentiu para mim, Devryck. Você me disse que estava tudo na minha cabeça!”

“Shhh. Fiz isso para proteger você e foi errado, mas droga, Lilia. Você não conhece esses bastardos. Não sabe do que eles são capazes.” Suas sobrancelhas se juntaram em uma carranca tensa. “Se eles tivessem machucado você, eu teria

me encontrado em um lugar muito perigoso.”

Pelo pouco que eu já tinha visto e pela maneira como eles pareciam proteger sua identidade, entendi sua preocupação. Mesmo tendo relatado ao reitor Langmore a fantasia de homem-pássaro que vi na noite de gala como forma de afastá-los de Devryck, eu provavelmente estava andando em um fio tênue. “Langmore é membro?”

“Ele é. Talvez um dos mais diplomáticos.”

“O que eles querem dizer com recursos à minha disposição?”

“Como membro, você terá acesso a tudo o que quiser. Há muito dinheiro e muito poder nesta organização, Lilia. Suspeito que eles fizeram de você um membro com base no potencial que a pesquisa trará.”

Parecia que eles estavam oferecendo o mundo por uma mentira. “Mas você estava errado. Não é minha pesquisa. Sou apenas uma estudante aqui.”

“Que tem um papel muito significativo no meu laboratório.”

Baixei meu olhar para sua camisa, apenas notando uma mancha vermelha em seu colarinho. “O que aconteceu com você?” Tirei seu casaco e notei uma mancha muito maior do que definitivamente parecia ser sangue, e ele soltou um gemido.

“Eu levei um tiro. Parece que seu pai não gostou muito do coquetel de vermes que fiz para ele.”

“Tiro?” O pânico me incitou a arrancar os botões de sua camisa, tentando ver com meus próprios olhos.

Ele agarrou meus pulsos e beijou meus dedos. “Está tudo bem. Estou bem. Dói pra caralho, mas vou viver.”

Cedi à minha missão de examiná-lo, mas não consegui tirar os olhos do sangue que brotava sobre seu ombro. Sangue que os outros na sala não tinham notado. “Você ia fazer de Lippincott uma de suas cobaias?”

“Parecia um desperdício matá-lo imediatamente.”

“Você é um homem doente, Doutor Morte.” Passei meus braços em volta de seu pescoço, tomando cuidado para evitar seu ombro, e o puxei para um beijo.

“Positivamente louco, eu acho.”

“Eu sou. Louco o suficiente para admitir que eu teria matado todas as pessoas naquela sala há pouco. Eu teria matado Lippincott, Gilchrist, meu próprio irmão, se ele tivesse colocado a mão em você.”

Minhas sobrancelhas se juntaram em descrença. Embora eu suspeitasse que tinha uma classificação superior a Lippincott ou Gilchrist, não poderia imaginar que o homem teria matado seu próprio irmão gêmeo.

“Eu apostei minha reivindicação em você, Lilia. Deus te ajude.”

“Eu me saí muito bem sem a ajuda de Deus”, eu disse, pressionando meus lábios nos dele. “Só tenho um pedido. Podemos não dormir onde Angelo está esta noite?”

“Vamos passar a noite no escritório do meu laboratório. Eu lidarei com Angelo amanhã. Se você quiser, posso pegar suas coisas pessoais em casa.”

Eram as fotos de mamãe, Bee e eu, e as pinturas de minha mãe, que mais me preocupavam. E roupas íntimas limpas, claro. “Obrigada, mas só se você estiver bem para dirigir com esse braço. Caso contrário, talvez você queira me dar as chaves?”

“Estou bem.”

Voltamos para o carro dele e, quando me aproximei, observei a porta do passageiro do banco de trás, cheia de buracos, e a janela quebrada. Olhando para trás, para seu ombro e para os buracos novamente, meu estômago revirou. “Como diabos você só acabou com um ferimento no ombro?”

“Não acho que eles pretendiam me matar”, disse ele, abrindo a porta do passageiro da frente, intacta, e eu afundei no banco, ignorando a dor persistente de onde fui marcada. Ele saiu do estacionamento subterrâneo e voltou para a estrada à beira-mar, em direção à propriedade Bramwell.

Quando chegamos, uma forte exaustão puxou minhas pálpebras. A mansão estava escura e ameaçadora enquanto ele parava no caminho circular.

“Espere aqui”, disse ele, estacionando o carro. “Eu volto já.”

“Tem certeza? Eu posso ir com você.”

“Está tudo bem. Só vou demorar um minuto.”

Assentindo, me enrolei no banco, pronta para adormecer, e ele deu um beijo na minha testa.

Capítulo 68

Devryck

Entrei na miserável e velha mansão e subi as escadas até o quarto onde Lilia havia dormido nas últimas duas noites. Depois de pegar o celular e a mala, voltei para o saguão e parei ao lado do retrato pendurado na parede, eu, meu pai e Caed. Lembrei-me do dia em que foi pintado. Caedmon e eu tivemos uma discussão boba por causa de uma garota da escola que eu beijei. Uma que ele gostava particularmente. No retrato, meu rosto tinha uma expressão presunçosa, enquanto o dele, sem dúvida, continha a raiva que queimava dentro dele. Dez dias depois, uma semana depois do nosso aniversário de dezessete anos, meu irmão foi arrastado daquele armário e nunca mais o vi.

E ainda assim, ele estava vivo.

Logo pela manhã, eu começaria minha busca por ele.

Carreguei a mala de Lilia pela escada em caracol até o hall de entrada e, quando cheguei à porta, um frio formigante dançou em minha nuca. Virar-me mostrou uma figura escondida principalmente nas sombras atrás de mim.

“Caed?” Eu perguntei, estreitando os olhos através da escuridão que o escondia.

A forma obscura deu um passo à frente, iluminada pelo pouco de luar que brilhava através das janelas, e minhas suspeitas foram confirmadas.

Uma dor apunhalou meu peito, esmagando meus pulmões. Com os músculos travados e rígidos, deixei cair a mala de Lilia com um baque forte.

Porra.

Era ele.

Parado no corredor como se nunca tivesse desaparecido de casa.

Como se eu tivesse sido transportado dezesseis anos para o meu passado, ele não parecia diferente para mim. Talvez um pouco envelhecido, mas por baixo de tudo isso estava o gêmeo de que me lembrava. Metade da minha alma me encarando como um reflexo escuro no espelho.

O irmão por quem eu orava todas as noites, durante anos.

“Olá, Devryck”, disse ele com uma voz tão estóica quanto sua expressão.

Cristais de choque giraram em torno dos meus músculos, deixando-me congelado no lugar.

Vivo. Meu irmão estava vivo.

Vivo, porra.

Minha pulsação trovejou em meus ouvidos, enquanto eu permanecia estupefato, olhando para ele, calculando silenciosamente a improbabilidade estatística do momento. “Você não mudou”, foi tudo o que consegui dizer, como se até minhas cordas vocais estivessem paralisadas.

Com um sorriso de escárnio, ele baixou o olhar, pegando a palma da mão. “Oh, eu mudei bastante.” Olhos que espelhavam os meus me percorreram. “Mas você também, ao que parece. Foi-se o menino que não ousaria tocar em um cadáver.”

“Desde então encontrei paz na morte.”

“Assim como eu.” Por mais simples que suas palavras pudessem ter sido, elas aumentaram com o peso da dor. Sofrimento. Qualquer que fosse o tormento que eu não poderia imaginar que ele tivesse suportado.

“Eu pensei que você estava morto. Eu vi um vídeo deles com uma tocha...” A palavra engasgou na minha boca, e eu balancei a cabeça, recusando-me a entrar naquela memória novamente. “Eles enviaram o que pensei serem suas cinzas.”

“Angelo tinha talento para o drama.”

“Você está me dizendo que tudo isso era falso?”

“Ah, foi real.” Ele levantou a perna da calça, onde cada centímetro de sua canela estava marcada por cicatrizes grotescas. “Como eu disse, um talento para o drama.”

“Onde você esteve?” O fluxo de perguntas girando dentro da minha cabeça era interminável. Eu me senti como Lilia, bombardeando-o com uma após a outra.

A curva de repulsa em seus lábios me disse que eu não queria saber a resposta, o que só aumentou a raiva que queimava em meu sangue. “Vejo que você se saiu bem”, disse ele, ignorando minha pergunta. O tom duro em sua voz deu fôlego à animosidade que devia tê-lo aprisionado todos os dias, pensando em como nossas vidas deveriam ter sido diferentes. Um forte contraste de dor e contentamento. Morte e Vida.

“Por que você não veio até mim?” Eu perguntei, ignorando seu comentário também. “Por que ficar escondido?”

“Não quero nada com um *Rook.*” Ele cuspiu a palavra como um gosto ruim na língua, os olhos brilhando com amargo ressentimento. “Você é um deles. Um *deles.*”

Se ele estava falando sobre nosso pai ou sobre Lippincott, eu não sabia dizer.

Sua mandíbula flexionou, sua mão fechada em punho. “Você se prostituiu pelo poder.”

“É isso que você acha?” A acusação em suas palavras despertou minha própria raiva. Este não foi o reencontro com que sonhei durante tantos anos. “Eu estava morrendo, porra! Esqueceu?”

Ele se contorceu e rolou a cabeça sobre os ombros, esfregando a nuca. A reação me fez franzir a testa. “Você nunca teria sobrevivido à merda que eles fizeram comigo.” Uma escuridão assustadora se agarrou às suas palavras, e ele se contraiu novamente, como se estivesse em curto-circuito diante dos meus olhos. Por mais simples que fosse o comentário, foi como um golpe no meu peito. “Você não é nada. Um idiota rico e idiota e nada mais.” Ele apoiou a mão no coldre em seu quadril.

A frustração me escapou com uma risada triste. “Você me deixou acreditar todos esses anos que estava morto. E *eu sou* o idiota? Isso é riqueza. Quem diabos você acha que sofreu o impacto da raiva do nosso pai? Quem você acha que ele culpou a cada minuto de cada ano que se seguiu, hein?”

Embora ele pudesse ter a mesma aparência, uma réplica minha, o homem que estava diante de mim não era o irmão de quem eu me lembrava e amava. Seja qual for o inferno que ele sofreu, ficou mais frio e desapegado.

“Então você ficou confortável com Lippincott. Chegou ao ponto de foder sua única filha. Foi assim que você aprendeu a perdoá-lo?” Um sorriso malicioso ergueu o canto de seus lábios. “Talvez eu devesse ter fodido ela também.”

A fúria explodiu dentro de mim e fechei as mãos em punhos apertados, a vontade de manter meu temperamento sob controle roendo minha espinha.

Como se sentisse minha raiva, ele inclinou a cabeça e sorriu. “Oh, parece que encontrei uma fraqueza, irmão.” Sua raiva não fazia sentido para mim. Seu desejo de provocar me deixou perplexo, enquanto eu lutava contra a vontade de quebrar seus dentes. “Ela falou que eu a observei dormir? Quão facilmente eu poderia ter fodido ela, fingindo ser você.”

“Eu mesmo teria matado você por tocá-la.”

Algo brilhou em seu rosto e ele se contraiu novamente. “O que você disse?” O tom de sua voz me desafiou a dizê-lo novamente.

Eu queria, só para ver o que diabos ele faria, mas algo me disse que ele estava esperando por isso. Por mais que suas palavras incitassem minha violência, eu não queria lutar com ele. “O que diabos eles fizeram com você, Caed?”

Sua coluna vertebral estalou. Como um touro vendo vermelho, ele avançou direto para mim, o choque de dor, de onde eu havia levado o tiro, subindo em espiral pelo meu braço até o pescoço. O impacto me derrubou no chão com um choque estridente que atingiu minha coluna. Ele subiu em cima de mim, com as pupilas dilatadas, enlouquecido como um animal raivoso. Em uma névoa de raiva ofuscante, ele deu um soco no meu rosto, chutando minha cabeça para o lado. Quando ele recuou para outro golpe, bati meu punho mais forte em seu flanco com um baque nauseante, e no momento em que ele se enrolou no golpe, eu me virei para o lado, derrubando-o apenas o suficiente para acertar outro soco em seu queixo.

Nós rolamos pelo chão, só punhos e grunhidos, até que consegui a vantagem e o prendi sob mim. Desferi dois socos rápidos em sua têmpora. Outro fez o sangue jorrar de seu nariz. Um leve sorriso brincou em seus lábios como se ele estivesse gostando dos golpes.

Dei outro soco no outro lado do rosto dele, e ele soltou um som de prazer.

“O que diabos há de errado com você?” Puxei meu punho para trás novamente, mas um golpe forte atingiu minhas costelas, tirando-me o fôlego.

Ele desferiu outro golpe poderoso em meu ombro ferido, e eu afastei os lampejos de dor que cintilavam atrás dos meus olhos. O momento de distração me custou caro, enquanto Caed me derrubava novamente, me derrubando de costas, e em dois movimentos rápidos, ele apoiou sua lâmina em minha garganta, parando meus movimentos.

O fio fino da faca arranhou minha barba por fazer, causando uma leve queimadura onde ele deve ter me cortado. Com o corpo tremendo de adrenalina, olhei para ele, em olhos que continham tanta inimizade e ódio, que tive certeza de que ele me abriria. “Impermeável,” eu gritei, as bordas dos meus olhos ardendo quando levantei o queixo, dando-lhe acesso total à minha garganta.

Suas sobrancelhas se uniram em uma carranca tensa e suas bochechas se contraíram como se as emoções dentro de sua cabeça estivessem interligadas.

“Impermeável”, eu disse novamente, e com os olhos fechados, ele balançou a cabeça.

“Não.” Um grunhido cheio de raiva vibrou dele.

“Faça isso. Me mate.” Continuei com minha provocação que parecia romper a névoa que nublava sua cabeça. “No dia em que tiraram você daquele armário, todo o meu mundo desabou, e tenho vivido na morte desde então.”

“Cale a boca! Cale a boca!” Ele se afastou de mim e apertou as têmporas, como se algo sacudisse dentro de sua cabeça. Uma guerra entre seus pensamentos e minhas palavras. “Cale a boca!”

Ele estava se desfazendo.

Lutei contra as emoções que vinham à tona enquanto observava isso acontecer diante dos meus olhos. Décadas de dor, confusão e raiva. Raiva que tive que

enfiar nos recessos silenciosos da minha cabeça, endurecendo meu coração. “Você era meu protetor. Todo o meu maldito mundo.” Com a voz engasgada, limpei a garganta.

Ele se afastou e encostou-se na parede ao nosso lado, onde bateu a ponta da faca na têmpora e sussurrou algo em uma série de palavras incoerentes que não consegui entender.

“Você se lembra, não é?”

Outro grunhido furioso saiu de seu peito e ele socou as têmporas com mais força. “Cale-se!”

Estendi a mão para seu braço e ele recuou, fugindo.

“Não me toque, porra!” Quando ele estendeu a lâmina em minha direção, percebi o brilho intenso das lágrimas em seus olhos. “*Eu sou uma sombra, Eu sou um fantasma, Eu não sou nada, Eu sou uma sombra, Eu sou um fantasma, Eu não sou nada*”, ele sussurrou repetidamente.

“Você não é fantasma nem sombra. Você é meu irmão.” Aproximei-me, tomando cuidado para manter alguma distância entre mim e a ponta daquela lâmina. “Sou eu, Caed.”

A lâmina tremia em suas mãos enquanto ele a segurava estendida. Seus olhos mudavam com imagens invisíveis, como se as memórias viessem à tona rápido demais para acompanhar. A rigidez de sua mandíbula se afrouxou, ao mesmo tempo em que suas sobrancelhas se ergueram. Com a mandíbula trêmula, ele baixou a arma e soltou um grunhido de dor que ecoou sobre o barulho de sua lâmina caída.

Com as palmas das mãos tapando os ouvidos, ele sussurrou a série de palavras novamente.

Eu cambaleei para frente e o envolvi em um abraço apertado. Um golpe forte atingiu meu peito enquanto ele tentava me empurrar e, porra, meu ombro parecia estar em chamas, mas eu não o soltei. Eu me mantive firme, enquanto ele rosnava e grunhia como um cachorro encurralado, empurrando e arranhando para escapar. Uma queimadura abrasadora lambeu minha carne onde ele cravou os dedos em mim, nossos músculos travados e tremendo em paralisia – um equilíbrio de duas forças opostas.

Até que, finalmente, ele cedeu.

Ele soltou um som de dor e agarrou meus braços. “Porra! Porra!”

“Sinto muito,” eu sussurrei.

Ele finalmente quebrou.

Lutei contra as lágrimas enquanto o segurava, ouvindo os sons de agonia que saíam de seu peito. O que quer que ele tenha passado devastou sua mente, da mesma forma que os parasitas que infectaram minhas vítimas. Ficou claro para mim que ele de alguma forma sofreu uma lavagem cerebral para pensar que eu era seu inimigo. Que eu era de alguma forma responsável pelo que ele sofreu. Quem quer que tenha levado meu irmão o transformou em um animal. Uma máquina fria e insensível.

Ele se acalmou novamente e, quando tirou as mãos dos meus braços em uma expiração trêmula, eu o soltei.

Caí para o lado, contra a parede.

Ficamos assim, em silêncio, por um ou dois minutos, enquanto eu pensava no que diabos poderia ter acontecido com ele para deixá-lo daquele jeito.

Ele enxugou o sangue do nariz com as costas da mão, espalhando-o no lábio superior.

Puxei o lençol que cobria o console ao meu lado e o deslizei para ele, usando a outra ponta para tirar um pouco do sangue do meu ombro.

“Você levou um tiro?” ele perguntou, limpando o sangue do lábio com a ponta do lençol.

“Lippincott.”

“Seu dedo no gatilho está preso na parede de seu escritório, próximo às orelhas.” Ele ergueu o joelho, apoiando o cotovelo ali. “Ele apontou uma arma para minha cabeça uma vez. Me disse que colocaria uma bala entre minhas orelhas.”

“Diga-me o que aconteceu com você.”

Contraindo-se novamente, ele esfregou o topo do crânio. “Grande parte daquele dia, com você, já se foi. Coisas de que me lembro vêm até mim em flashes.

Como cenas tremeluzentes de um filme.”

“Alguém manteve você preso. Quem foi?”

“Angelo me acorrentou em algum prédio abandonado em algum lugar.” Sua voz carregava um sotaque arrastado, como se sua mente estivesse perdida em lembranças. “Lippincott apareceu. Disse-lhe que o nosso pai se recusou a fazer o acordo. Então, Lippincott disse a ele para se livrar de mim.”

Franzindo a testa, tentei imaginar o nível de traição que Caed deve ter sentido. A desesperança. “Você deveria ter deixado os parasitas matá-lo lentamente.”

Ele balançou sua cabeça. “Não podia arriscar que ele sobrevivesse. Jurei matar todos eles.” Ele levantou a lâmina e pressionou a ponta na palma da mão, brincando com ela, o que chamou minha atenção para cicatrizes ali. Sua mão inteira estava cheia deles.

“De jeito nenhum Angelo deixou você fugir. O que aconteceu?”

“Fui vendido para um idiota rico de Massachusetts.” Ele olhou para o lado, como se sua mente o tivesse levado de volta àquele dia. “Ele fazia parte de um grupo sádico. Uma sociedade de homens ricos e poderosos, como os Rooks. Só que eles não eram acadêmicos. Eles tinham como hobby torturar pessoas.”

Esfreguei minha nuca, hesitando em perguntar mais. Mas eu precisava saber. Precisava entender o que ele havia sofrido. Mesmo que tivesse que viver isso eu mesmo. “Eles te torturaram.”

“Foi principalmente ele. Mas eu não cedi tão facilmente. Tinha a ideia louca de que ia sair disso. Que ia escapar.” Ele resmungou e desenhou uma gota de sangue em sua palma, onde continuava a brincar com a faca. “Ele viu isso como um desafio.”

“Ele fez uma lavagem cerebral em você.”

Ele pressionou a testa contra o bíceps e respirou fundo, como se precisasse de um momento para se recompor antes de responder. Algo me dizia que essa era a parte que o havia perturbado. O trecho de sua história onde tudo havia mudado para ele. “Ele descobriu que eu tinha um irmão gêmeo”, disse ele, levantando a cabeça novamente. “No início, ele me disse que iria encontrar você e vendê-lo para aqueles idiotas sádicos. Quando isso pareceu não funcionar na minha

psique, ele começou a me alimentar com mentiras. Não completamente. Foi uma alimentação de gotejamento lento." Esfregando freneticamente a nuca, ele respirou fundo pelo nariz. Ele se contorceu e grunhiu, lutando contra alguma força invisível dentro dele. "Ele passava dias sem me alimentar com mais nada. Eu ficava delirando, vendo merda. Ele começou a invadir meus sonhos com imagens suas apoiando Lippincott. Coisas piores do que isso também." Sua voz falhou e ele balançou a cabeça. "Não consigo nem pensar nessa merda."

Parte de mim queria saber o que poderia ter sido pior do que a traição, mas a outra parte achou melhor deixar isso de lado. Porra. Não admira que ele quisesse me matar. Deve ter pensado que eu conspirei contra ele todos esses anos.

"Quando finalmente desisti de tentar escapar, ele começou a me *recompensar.*" Sua voz continha um tom tenso de desgosto. "Como a porra de um cachorro. Pouco a pouco, ele alimentou minha lealdade a ele. Por *eles.* Não demorou muito para que esquecesse quem diabos eu era. Foi quando ele me fez matar por ele. Eu me tornei seu protetor. Seu cão de guarda."

Lembrei-me do relatório que recebi sobre ele ter assassinado o empresário em Massachusetts. "Você o matou?"

A repulsa em seu rosto desapareceu em um sorriso satisfeito. "Matar parece misericordioso pelo que fiz a ele."

"Por que agora? Depois de todos esses anos?"

"Algumas semanas atrás, participei de uma reunião com ele. Algum CEO farmacêutico importante. Outro membro da Schadenfreude."

Schadenfreude. Eu sabia que a palavra significava algo sobre o prazer com o sofrimento de outra pessoa. Deve ter sido o nome da sociedade que ele mencionou anteriormente.

"Ele se encontrou com Lippincott sobre a compra de algumas pesquisas para um tratamento inovador." Maldito. O acordo duvidoso que os Rooks souberam há algum tempo. O bastardo conivente estava por trás disso o tempo todo, e ele deixou Darrows assumir a responsabilidade por isso. Com os olhos ainda vagos, Caed balançou a cabeça. "Assim que ouvi esse nome, algo estalou na minha cabeça." Ele esfregou a cabeça. "Isso mexeu com minhas malditas entranhas, e eu não conseguia deixar pra lá. Isso me fez lembrar de Angelo e dos desgraçados que me pegaram. Eu não conseguia ver além dessa raiva cegante. Pela primeira

vez desde os dezessete anos, queria matá-los todos.”

“Você fingiu ser eu para se aproximar de Lippincott.”

“Imagine minha surpresa quando encontrei Barletta naquela cela também. Então você entregou Angelo e foi como se fosse uma maldita manhã de Natal.”

“Você planejou me matar também”, ousei dizer em voz alta.

Com os lábios curvados e trêmulos, ele baixou o olhar. “Não sei o que eu teria feito. Isso é o que me assusta.”

“E agora?”

“Estou tentando jogar isso na porra do vaso sanitário mental aqui, então vamos seguir em frente, ok?”

Eu bufei com isso. Depois ri. Meu riso se tornou uma gargalhada, e quando olhei para Caed, ele também estava rindo. A risada se tornou histérica, uma liberação de algo que eu nem conseguia identificar exatamente, mas me senti bem. Purificado. Eu ri até enxugar as lágrimas em meu braço, e tudo se acalmou novamente.

Nós dois ficamos nos olhando.

“Lembra quando éramos crianças e papai trancava você naquele armário? E ouvia vozes falando com você?” ele perguntou, seu tom mais calmo do que antes, soando cada vez mais como meu irmão.

“Sim.”

“O que te diziam?”

Puxei meu joelho para cima, apoiando meu cotovelo sobre ele. “Diziam-me para correr. Para ficar o mais longe possível do nosso pai.”

“Mas você não fez isso. Ficou e suportou cada soco que ele deu em você.” Fungando, ele tocou o nariz. “Quando eles me jogaram naquela cela úmida e fria, eu ouvi uma voz também.”

“O que ela disse para você?”

“Ela me disse para permanecer vivo e matar todos eles. Mas não era a voz de pessoas mortas. Foi a sua voz que ouvi.”

Com as sobrancelhas franzidas, engoli as emoções que comprimiam minha garganta.

“Eu não teria te matado você. Não teria matado meu próprio sangue.” Sua garganta engoliu em seco, e ele se levantou, guardando a faca novamente, enquanto eu me levantava do chão.

“Então o que vai acontecer agora?” Eu perguntei, esfregando os músculos ao redor do ferimento de bala que doía muito. “Você planeja ficar aqui em Dracadia?”

Seus olhos cansados continham o vazio de um homem que cumpriu sua vingança e não pensou no que viria depois. “Este lugar, esta vida, não é para mim. Eu nunca quis isso.” Aquelas palavras sombrias envolveram meus pulmões e me tiraram o fôlego.

“Você está indo embora, então.”

“Sim.”

Baixei o olhar para evitar a agonia que ameaçava me despedaçar novamente. “Para onde você irá?”

“Não sei. Para longe.”

Balancei a cabeça, apertando a mandíbula com um protesto teimoso. “Você não pode ir embora. Agora que sei que está vivo…”

“Eu preciso resolver algumas coisas, Dev. Minha cabeça não está boa.”

“Há dinheiro. Muito dinheiro. Posso abrir uma conta.”

“Não preciso do seu dinheiro. Preciso encontrar uma razão para viver novamente.”

Com o olhar baixo, esfreguei as mãos e soltei um suspiro inquieto. Me incomodava que ele precisasse se afastar de mim para se recompor. Não queria pensar no que ele poderia fazer no final dessa jornada. O que poderia encontrar lá. Esperava que houvesse algo bom o suficiente para impedi-lo de decidir que seria melhor morrer, mas eu conhecia essa dor. Eu também já havia me agarrado a essa corda, sentindo meu aperto afrouxar. “Se é tempo que você precisa, então vá. Mas, pelo amor de Deus, Caed, me prometa que voltará se as coisas ficarem

pesadas demais para você. Porque…” franzindo a testa, pisquei para conter as lágrimas. “Eu não vou te perder de novo.”

Depois de um momento de silêncio, ele coçou a nuca e caminhou em direção à porta, mas parou ao meu lado. Com o que pareceu relutância, ele estendeu a mão.

Estendi a mão para ele e, no momento em que sua palma bateu na minha, puxei-o para um abraço apertado, segurando-o contra mim. Uma imagem passou pela minha mente: deitado no chão, com a cabeça sangrando depois que meu pai me bateu com muita força, e os braços de Caedmon me envolveram com força, me dizendo que eu ficaria *bem.*

Impermeável.

“Sinto muito,” eu sussurrei. “Se você ficar, juro por Deus que vou protegê-lo desta vez.”

Ele me deu um aperto forte. “Você o deixou convencê-lo de suas mentiras, irmão. Você nunca foi fraco. Não para mim.”

Agarrei sua nuca, não querendo soltá-lo.

Ao som da porta, levantei o olhar para ver Lilia parada ali, com os olhos arregalados enquanto observava nós dois. “Oh. Deus. Desculpe. Eu não quis interromper…. Você estava demorando e fiquei preocupada...”

“Eu estava saindo.” Caed me soltou e, com passos determinados, continuou em direção a ela, parando ao lado dela. “Você é a raposinha mais mal-humorada que já conheci”, ele disse e se inclinou para ela, sussurrando algo em seu ouvido que eu não consegui entender.

Com um sorriso, ela baixou o olhar e assentiu.

Com um beijo rápido em sua bochecha, ele olhou para mim. Embora seu comentário anterior provavelmente não fosse nada mais do que uma tentativa de me irritar, eu ainda sentia uma tensão em meus músculos ao ver seus lábios nela. “Dê os meus cumprimentos ao presidente Winthrop.” O tom de sua voz carregava uma ameaça. “Se ele pensar em retaliar, terei motivos para voltar.”

“Suspeito que ele esteja se recuperando da humilhação agora”, eu disse, enquanto Lilia atravessava a sala até o meu lado e enfiava o braço no meu.

“Cuide-se. Talvez possa enviar alguma prova de vida de vez em quando. E Caed... se precisar de mim. Estou aqui.”

Sua sobrancelha se curvou, mas ele não disse nada em resposta.

E com o clique da porta, ele desapareceu.

“Você está bem?” Lilia perguntou, apertando minha mão.

“Eu vou ficar.” Levei a mão dela aos meus lábios e beijei os nós dos dedos. “O que ele disse para você?”

“Ele apenas disse que eu era linda demais para me preocupar com essa cicatriz. E que eu deveria cuidar de você porque você é tudo o que lhe resta.”

Com as sobrancelhas franzidas, dei um beijo em sua testa. “Ele tem razão. Você é linda demais.”

“Você acha que algum dia o verá novamente?”

“Não sei.”

Capítulo 69

Lilia

Sete semanas depois…

Ergui o tubo de ensaio, maravilhado com a mistura perfeita e homogênea de fluido roxo e brilhos pretos. Com a estabilidade da toxina, Devryck conseguiu instalar alguma iluminação em todo o laboratório, visto que isso não incomodava particularmente as mariposas não infectadas que começamos a estudar - aquelas injetadas com uma versão sintética da toxina purificada que ele retirou da amostra congelada de Andrea Kepling. Acontece que a toxina que ele salvou da autópsia ainda era viável, o que significava que não haveria mais mortes. Devryck conseguiu replicá-la e modificá-la *in vitro,* para produzir um pequeno suprimento que planejava testar em ratos nas próximas semanas.

“Tão lindo,” eu sussurrei, antes de me virar para ele. “Como você planeja chamá-lo?”

“Eu estava pensando que *Elixir de Lilia* seria apropriado.” O professor Bramwell ficou de lado, injetando a substância na mariposa que eu chamei de Hybris, pela maneira irritante como ela batia constantemente as asas contra o vidro para chamar a atenção.

Várias cúpulas estavam espalhadas pelo laboratório, abrigando vários grupos de teste diferentes – todos os quais eu nomeei. Mariposas que passamos semanas observando, que já ficaram paralisadas e provavelmente estavam ansiosas para se libertar da gaiola e voar.

“Não sei.” Deslizei cuidadosamente o tubo de volta para a bandeja junto com os outros. “Não parece certo dar só o meu nome. Que tal BramLil?”

“Não.”

“Ok, então, que tal LiliBram? Uau! DevLil? Parece o Diabo.”

“Definitivamente não.” — disse Bramwell, colocando a mariposa esvoaçante de volta na gaiola.

Eu gemi de brincadeira. “Tudo bem. Se quiser dar o meu nome, eu deixo, suponho.” Levantei outro tubo de ensaio, estudando o fluido dentro dele, em busca de qualquer sinal de que ele não tivesse se combinado adequadamente após a centrifugação. “Você acha que a pedra preta é a razão pela qual minha mãe não ficou doente com as vacinas trocadas?”

“Considerando o cronograma que você me deu, e Francesca tendo confirmado que ela gostava do chá preto do boticário, sim. Acho que isso deu a ela resistência suficiente para evitar infecções.”

“Mas não o suficiente para evitar que Lippincott a reinfectasse.”

Sua expressão ficou sombria. “Receio que não. Desde então, aprendi que os efeitos do chá passam, se não forem reabastecidos de forma consistente.”

Uma sombra de desespero pairou na pausa que se seguiu, e rapidamente mudei de assunto. As conversas sobre minha mãe precisavam permanecer superficiais. Qualquer coisa mais profunda e eu entraria no espaço escuro que me aterrorizava. As sombras do meu passado que habitariam para sempre no canto da minha mente. Eu ainda sofria pesadelos e alucinações ocasionais com ela, mas sua forma acabou se transformando em outra coisa – a raiz dos meus medos de que assumiu a forma, o cheiro e o som de Angelo. “Não acredito que você passará para os ensaios clínicos tão cedo”, eu disse, mudando de assunto.

“Ainda faltam alguns meses, felizmente.” Ele jogou a agulha no recipiente para objetos cortantes e tirou as luvas para lavar as mãos na pia adjacente. “Temos

uma equipe inteira para montar e alguns detalhes para acertar antes disso.”

“Detalhes e detalhes. Vai ser ótimo. Você será conhecido como o médico que curou a doença de Voneric. E quem sabe o que mais. Há muito potencial.”

“Não vamos nos precipitar.”

Talvez tenham sido seus fracassos anteriores que pesaram sobre ele, mas o homem se recusava a ficar animado. Ele próprio havia tomado uma das injeções sintéticas, algumas semanas atrás, e apesar de sua aversão ao chá preto, ele o bebia todas as noites. Desde então, não sofreu nenhuma convulsão. Nem sequer uma cãibra.

Eu estava praticamente explodindo com o quão incrivelmente bem a substância da pedra preta havia estabilizado a toxina. Fazia sentido, porém, a maneira como a natureza oferecia uma sensação de equilíbrio. O único problema era obter a pedra preta das traiçoeiras cavernas subaquáticas. Os Rooks concordaram em financiar uma equipe para coletar amostras do elemento, mas as profundas correntes oceânicas em Devil's Perch ainda tornavam isso perigoso.

Como Rook, desde então tive acesso a mais informações confidenciais da biblioteca e descobri que a pedra preta era observada há muito tempo na tribo Cu'unotchke - em seus dentes, na água que bebiam. Foi onde se originou o chá de pedra preta, transmitido às gerações posteriores. Infelizmente, eles foram considerados maus pelo Dr. Stirling – animais selvagens que ele sequestrava e usava para testar seu ácido Stirlic, para banir o mal de suas almas.

Em última análise, não foi a tribo Cu'unotchke quem atacou Stirling e Adderly, mas os pacientes que foram mantidos trancados e torturados. Aqueles que foram infectados pelos vermes negros – as serpentes do diabo, como eram chamadas na época. Eles enlouqueceram. Saquearam e estupraram. Quando Adderly tentou detê-los, queimaram ele e seus homens, toda a ilha, e depois se afogaram no mar - centenas de corpos chegaram à costa do que se tornou Bone Bay.

“Então, me matriculei em Bioquímica Avançada no próximo semestre.” Um rápido estudo de outro tubo de ensaio mostrou a mesma mistura perfeita de todos os outros. “Sei que o professor Golding é um idiota.”

“Ele é. Fique atenta à sua leitura e você ficará bem.”

“Um idiota maior que você?”

“Eu não saberia.” Ele me lançou um olhar nada divertido. “E eu sugiro que você fique longe de qualquer outro idiota, a menos que queira um presente embrulhado debaixo da sua árvore neste Natal.”

Sorri disso. “E se eu precisar de ajuda?”

“Sabe que estou sempre disponível para você.”

Coloquei os tubos de ensaio de volta sob o capô e me virei para Devryck, que olhou em seu microscópio. Com passos silenciosos, cheguei por trás e deslizei meus braços ao redor dele.

Sem interromper seu estudo, ele agarrou uma das minhas mãos, segurando-a contra seu peito, os dedos acariciando suavemente os meus. “Você torna impossível a concentração”, disse ele.

Minha outra mão desceu até sua virilha e eu o senti empurrar contra mim.

“Lilia,” ele avisou, mas seu pau endureceu sob minha palma.

A provocação era divertida, mas não mais que um jogo. Uma distração de mim mesma. Algo terrível ainda vivia dentro de mim desde a noite em que fui atacada, e se eu não estivesse envolvida em alguma coisa, às vezes eu via isso nas sombras da parede – olhos redondos olhando para mim, ameaçando silenciosamente me matar, me cortar em pedaços pequenos. A brincadeira divertida com Devryck mantinha tudo escondido e guardado. Seguro em sua toca.

Mais um minuto e ele se virou no banco.

“Então, nesta equipe que você está montando, eu posso participar, professor?” Passei meus braços em volta de seu pescoço e pressionei meus lábios nos dele, sorrindo contra eles quando acrescentei: “Sou extremamente flexível e trabalho bem com os outros.”

Com o aperto forte da minha bunda, eu engasguei. “Pode haver uma vaga que precisa ser preenchida.”

“Oh, com certeza há.”

“No entanto, esta posição em particular não é um esforço de equipe. É mais um cara-a-cara.”

“Eu consigo lidar com isso.”

“Você certamente pode.” Seus dentes roçaram meu lóbulo da orelha e ele ficou de pé, me fazendo dar um passo para trás. “Encontre-me em meu escritório, Srta. Vespertine”, disse ele, e virou-se para a pia adjacente, onde lavou as mãos pela segunda vez. Enquanto enxaguava, ele me enviou uma expressão *de o que você ainda está fazendo aí,* e com um sorriso, rapidamente caminhei em direção ao seu escritório.

Uma vez lá, atravessei a sala até sua mesa e avistei algo em uma das estantes atrás dela. Duas pequenas molduras pretas continham, cada uma uma, uma mariposa, e, franzindo a testa, rodeei sua mesa, parando diante delas. Patroclus e Achilles estavam gravados em pequenas placas de ouro abaixo de cada mariposa preservada. Elas haviam falecido duas semanas antes, completando seu ciclo de vida. O que o havia compelido a mantê-las? O gesto era tão fora do caráter habitual de Devryck, e ao mesmo tempo adorável, que trouxe um sorriso ao meu rosto.

Uma ligeira curva e avistei algo em um dos jalecos pendurados no cabide próximo. Inclinando a cabeça, estreitei os olhos, notando a costura roxa do lado de fora da lapela. Puxei o braço dele, para encontrar meu nome acima do título, *Pesquisadora Associada.* Sorrindo novamente, passei o polegar pelas letras costuradas que, por mais simples que fossem, pareciam tão oficiais.

Ao som de passos se aproximando, abandonei meu exame e me virei para a porta.

No momento em que ele entrou na sala, meu coração disparou como folhas varridas pelo vento. O homem parecia uma tempestade ambulante pronta para atacar, enquanto arregaçava as mangas da camisa preta e olhava para o relógio, a visão dele queimando minhas coxas. “Tenho uma reunião de conselho em duas horas. Preciso matar um pouco dessa tensão.” Depois de contornar a mesa, ele me pegou nos braços, e nossos lábios praticamente chiaram quando ele agarrou minha boca em um beijo ardente. Uma impaciência rosnante retumbou em sua garganta quando ele me colocou sobre a mesa.

“Você ficou com Patroclus e Achilles?” Perguntei.

Ele plantou as palmas das mãos em cada lado de mim e me beijou novamente. “Tive que manter meus primeiros exemplares de sucesso. Nomeá-los foi

brilhante, da sua parte.”

“Eu te disse.”

“E estou dizendo para *você* se virar e abrir os joelhos”, ele sussurrou.

Conforme ordenado, girei-me na mesa imaculada, joelhos e palmas das mãos pressionados contra sua superfície, enquanto ficava de quatro.

As mãos subiram por baixo da minha saia, até o cós, e ele puxou para baixo a meia-calça grossa que eu comecei a usar desde que a temperatura caiu. Quando ele a passou sobre minha bunda nua e na metade de minhas coxas, ele fez uma pausa. “Sem calcinha?”

“Calcinhas são para as modestas”, eu disse com um sorriso, levantando minha perna para permitir que ele a deslizasse sobre meus joelhos.

Um sorriso diabólico inclinou seus lábios enquanto ele tirava minhas botas e tirava completamente a meia-calça.

Ao primeiro roçar de sua língua contra minha pele excessivamente sensível, arqueei-me como um gato, gemendo com a bem-vinda intrusão. Minha bunda se contraiu, os dedos enrolados contra a superfície implacável da madeira, enquanto ele lambia, chupava e enfiava os dedos em mim. A excitação vazou pelas minhas coxas, e ele gemeu, parando para chupar os dedos antes de mergulhá-los de volta dentro de mim.

“Por que o proibido tem que ser tão doce?” Ele arrastou a língua pela parte de trás das minhas coxas, lambendo cada gota.

Uma ganância voraz pulsou em minha barriga, e eu me apoiei nos nós dos seus dedos e girei meus quadris, desesperada por mais.

Um aperto forte na minha garganta levantou meu queixo, isolando o ar dos meus pulmões enquanto ele me mantinha firme. Dentro e fora, ele bombeava os dedos enquanto apertava minha garganta apenas o suficiente para que eu pudesse sentir meu pulso martelando contra sua palma. Ele retirou os dedos em um som úmido e passou a ponta do polegar em pequenos círculos sobre meu buraco inchado e dolorido. “Você precisa de uma foda adequada, Srta. Vespertine?”

“Sim, professor,” eu respirei, minha boceta apertando com sua provocação implacável.

Durante as duas semanas seguintes ao ataque de Angelo, ele não tentou me tocar daquele jeito. Parte disso era minha própria insegurança em relação à cicatriz em meu rosto e aos hematomas amarelados em meu corpo. Eu lutava para me olhar no espelho sem ver aqueles odiosos olhos negros e ouvir a promessa de Angelo de me mutilar. Devryck me disse que esperaria até que eu estivesse pronta e, embora permanecesse afetuoso, ainda mais do que antes, ele nunca se tornou sexual - nem mesmo enquanto eu dormia ao lado dele. Nem mesmo a única vez que desabei durante o banho e ele segurou meu corpo nu contra ele. Eu não tinha percebido o quanto ansiava por isso, o quanto precisava daquele nível de proximidade sem sexo de verdade.

Nas semanas que se seguiram, minha ferida cicatrizou, os hematomas desapareceram e não ouvi mais os sussurros de Angelo. Meu desejo por Devryck se intensificou, uma fera faminta que se torcia e se enrolava com seu apetite, até que finalmente cedeu. O que se seguiu foi um desejo pelo homem como nunca senti antes. Atingiu o auge naquela primeira noite, do pôr do sol ao nascer do sol, quando ele me levou contra sua mesa, a cadeira e todas as paredes de seu escritório. Nós comemos, tomamos banho e fodemos todos os pensamentos horríveis que ainda permaneciam na minha cabeça.

Eu voltei à vida, ressuscitada.

Eu me senti linda, desejada, completa novamente.

No entanto, parecia haver algo iminente entre nós. Algo não resolvido.

Uma pontada atingiu minha bunda e, com uma cutucada no quadril, ele me incentivou a descer até o chão. “Abaixe seu rosto sobre a mesa,” ele ordenou, e eu o fiz, sentindo a bainha da minha saia subir mais acima nas bochechas da minha bunda, dando-lhe uma visão completa da minha pele necessitada. Parecia ser coisa dele, olhar para mim antes de me levar. Parte de mim sentia que ele gostava do tormento de ter em exibição algo que considerava proibido.

Com as palmas das mãos apoiadas na mesa, olhei para a estante à nossa direita, esperando enquanto ele me devorava visualmente em silêncio. Chupei meu lábio inferior entre os dentes, a antecipação de seu toque era como o próprio sexo.

Olhando por cima do meu ombro, observei-o desabotoar a camisa, tirando-a dos ombros, onde uma cicatriz marcava a bala que o atingiu. Ele desatou a fivela do cinto e se libertou, dando algumas bombeadas lânguidas naquele pau

deliciosamente grosso.

Ainda curvado sobre sua mesa, esperei por seu ataque implacável. O desejo voraz que tínhamos de arruinar um ao outro. Rasgar roupas e arranhar a pele. As palavras cortantes, estalantes e obscenas que se afundaram na minha cabeça, apagando todos os pensamentos odiosos sobre mim que ali armazenei.

Em vez disso, senti-o entalhar a ponta do seu pau na minha entrada já encharcada, desenhando círculos suaves sobre a minha pele. O desejo enlouquecedor por sua luxúria me fez sentir que poderia entrar em combustão devido à tensão, e me virei para descansar minha testa contra a mesa, cerrando os punhos. Lenta e preguiçosamente, ele deu pequenas estocadas – apenas o suficiente para agitar o desespero que se enrolava em meu interior, até que, finalmente, ele empurrou ao máximo, e um som de alívio absoluto saiu de mim.

Um gemido gutural retumbou em sua garganta enquanto seus quadris penetravam em mim com um impulso violento.

Sim. Isso era o que eu queria. O que eu *precisava*.

A dor atingiu meu couro cabeludo quando ele agarrou um punhado de cabelo e levantou minha cabeça da mesa. “Olha como você pega bem meu pau, pequena mariposa. Você foi feita para mim”, ele disse com uma respiração irregular, e soltou meu cabelo, agarrando meus quadris de uma forma que parecia possessiva e dominadora. Algumas estocadas fortes fizeram o verniz brilhante queimar meus seios enquanto meu corpo se sacudia sobre a mesa, e ele saiu deslizando, molhado. A ausência dele fez com que cada célula do meu corpo gritasse com uma fome voraz.

Estiquei meu pescoço para vê-lo sacudindo os dedos, me empurrando para fora de sua mesa, e ele caiu em sua cadeira, seu pênis orgulhoso e ameaçador enquanto ele acariciava o eixo grosso.

Eu me empalei sobre o demônio monstruoso que tantas vezes me atormentou com suas provocações, mordendo meu lábio enquanto ele me preenchia completamente. Enquanto eu me esforçava para me recompor, ele segurou meus ombros, me mantendo no lugar. Com o dedo enganchando meu queixo, ele guiou meu rosto para o dele, aqueles implacáveis olhos de cobre procurando os meus.

“Você sente isso, Lilia?” Ele apertou meus quadris contra ele, enraizando-se tão profundamente que lágrimas brotaram em meus olhos. Já tínhamos feito sexo

inúmeras vezes, fodido em quase todas as posições, mas por que, naquele exato momento, não parecia o mesmo? Por que, no segundo em que a pergunta saiu de seus lábios, meu coração bateu forte no peito, como se eu tivesse antecipado sua pergunta? Como se eu tivesse pensado isso ao mesmo tempo.

Enquanto estávamos sentados, abraçados, com a respiração acelerada de necessidade e desespero, algo arranhou dentro de mim. Implorou-me para me afastar dele. Para empurrá-lo e amaldiçoá-lo. Torcendo e contorcendo minhas entranhas com uma determinação furiosa de fugir. Um intruso desconhecido que se enganchou em minha barriga e subiu até minhas costelas.

“Sim,” sussurrei. “Por que parece diferente?”

Ele passou o polegar sobre minha cicatriz e pressionou os lábios na superfície irregular. “Diga-me o que está diferente?”

Concentrei-me na pressão estranha florescendo em meu peito. A maneira como ele me segurou. A liberdade e a segurança, e nossos corpos aquecidos entrelaçados como duas chamas.

Almas gêmeas.

Foram os olhos dele. A maneira como ele estava olhando para mim. Os sentimentos que ele despertava dentro de mim com aquele brilho desagradável de reverência.

Não.

Empurrei seu peito, mas ele me segurou mais perto, cravando os dedos em meus quadris, recusando-se a me deixar ir. Suas mãos subiram por baixo da minha camisa, até a minha coluna, onde ele me pressionou contra ele.

O monstro arranhou minhas costelas, socando meus ossos para escapar.

“Diz.”

“Apenas me foda, já,” eu rebati, frustrada por razões que não poderia contar a ele.

“Isso é tudo que você quer? Uma foda rápida? Sabe que posso lhe dar isso, mas acho que há algo dentro de você que deseja mais.”

Como ele poderia saber disso? Como ele poderia saber sobre a sombra faminta,

o buraco vazio que ansiava por comer meu coração?

“Eu também sinto isso”, disse ele, como se estivesse lendo minha mente. “Está dentro de mim. Queimando como uma febre que não consigo me livrar. É uma raiva rancorosa e orgulhosa que se recusa a admitir a verdade.”

“Que verdade?” Eu perguntei, minha voz trêmula. Nervosa.

“Que eu mataria por você sem um pingo de hesitação ou remorso. E, no entanto, ao mesmo tempo, eu poderia ser reduzido a nada mais do que um monte de cinzas sem você. Você me deixa fraco, Lilia.”

Através de um irritante borrão de lágrimas, mastiguei suas palavras, saboreando-as. Que estranho que eu me sentisse tão diferente. Mais forte. Mais confiante por causa dele.

Por mais que eu tivesse que olhar para a cicatriz que Angelo havia deixado, Devryck me fez esquecer que ela estava lá. De alguma forma, ele infundiu coragem nos meus momentos mais desconcertados, quando o mundo parecia mais inimigo do que amigo. “Por que você tem que me fazer chorar?”

“Porque eu sei que há uma verdade dentro de você também. Uma que se recusa a admitir, mas quero que você diga. Diga isso na minha cara.”

“Não posso.”

“Do que você tem medo?”

Balancei a cabeça, uma onda de pânico subindo pela minha garganta e desejando se libertar com um grito furioso.

Com os dentes cerrados, ele agarrou meu queixo. “Do que você tem medo?”

“Que o universo também ouça! E isso vai roubar você.” A onda de lágrimas quebrou, deslizando pela minha bochecha. “Eu queria tanto dizer isso a você naquele dia no oceano, quando estava escapando de mim. Eu estava gritando dentro da minha cabeça. *Diga a ele! Diga a ele antes que seja tarde demais.* Mas não consegui, porque sabia que se o fizesse, você iria embora para sempre. E agora? Agora parece amaldiçoado. Como se eu estivesse carregando um segredo amaldiçoado dentro de mim que nunca poderei dizer em voz alta.”

Suas sobrancelhas se juntaram enquanto ele colocava uma mecha de cabelo atrás

da minha orelha. “Não vou a lugar nenhum. Você e eu? Isso? Não há como escapar disso. Não importa o quão rápido você corra, ou quão longe você chegue, sempre estarei dentro de você assim. Nos seus ossos, no seu sangue e na sua cabeça. Não importa o que você diga ao universo – que segredos você revela. Nada pode mudar o que somos, o que nos tornamos.”

Estava ali, na ponta da minha língua, implorando para ser dito, enquanto eu absorvia sua confissão como uma viciada. “Eu quero te dizer. Faz um tempo que queria contar a você, mas meu coração está muito duro. Muito cauteloso. E, de certa forma, estou feliz, porque quanto mais dura fico, menos sinto, e quanto menos sinto, menos tudo dói.”

“Conheço bem esse sentimento.” Ele passou o polegar pela minha bochecha. “Você e eu somos iguais, Lilia.” Ele deu um beijo gentil na minha cicatriz e depois nos meus lábios. “Sei que os demônios do seu passado ainda atormentam você. Eu sei que você vê Angelo às vezes quando acorda no meio da noite.” Suas sobrancelhas se juntaram em uma carranca tensa. “Mas ele nunca mais vai te machucar, Pequena Mariposa. Vou sangrar cada um dos seus demônios até que você se sinta segura.”

Deus, era possível desejar aquele homem mais do que já desejava? “Eu não os vejo quando estou com você. Acho que eles têm medo de você.”

“Como deveriam.” Uma escuridão sombreou seus olhos com a ameaça.

“Mas é quando não estou com você que me assustam.” As palavras proibidas fizeram cócegas na minha língua, implorando para serem liberadas. Eu me atrevi a dizer isso. Lançar a maldição no universo e arriscar tudo o que me trouxe felicidade nas últimas semanas. “Eu te amo. E não acho que posso deixar de amar você.” Inclinei-me para beijá-lo, mas hesitei, sem saber se havia confessado demais.

Uma mão firme agarrou minha nuca, impedindo minha retirada. “Eu nunca vou rejeitá-la ou mandá-la embora.” Com os lábios pressionados nos meus, ele segurou meu rosto com tanta delicadeza em suas mãos, como se eu fosse algo precioso demais para ser agarrado com força. “Eu vivi uma vida inteira na morte – uma existência fria em um vazio sem fim. Nunca sentindo. Nunca conhecendo o calor do toque. Cada respiração insatisfatória era um lembrete sufocante de quão vazio eu me tornei. Só quando você apareceu e lançou o primeiro raio de luz é que senti uma pulsação de vida. Um puxão ao qual não pude resistir.” Ele

tocou o contorno dos meus lábios pressionados. “Nunca hesite em me tocar, Lilia. Você é a única que pode. Foi você quem arrastou meu coração daquele sono insensato. E é por você que ele bate agora.” Suspirando, ele passou a mão pelo meu cabelo, com as sobrancelhas franzidas. “Ele é um maldito destroço, no entanto. Marcado e enjaulado por ossos devastados. Mas pertence apenas a você.”

A paixão queimou meus lábios com seu beijo, e ele desabotoou minha camisa, lentamente puxando-a pelos braços até os cotovelos, onde juntou o tecido em volta dos meus pulsos nas minhas costas, me mantendo cativa.

“Você é minha, Lilia.” Com os olhos nos meus, ele se inclinou em minha direção, passando a língua sobre meus mamilos rígidos. “E eu sou seu.”

Quando ele finalmente soltou, enfiei meus dedos em seu cabelo, apertando-o com força na palma da mão. “Meu,” sussurrei.

Braços fortes me envolveram, me puxando contra ele. O que começou como um impulso preguiçoso, rapidamente aumentou com fervor. Quadris poderosos batiam em mim enquanto ele me fodia com força. Impiedosamente. Enterrei meus dedos nos sulcos profundos de seus músculos, deixando-o penetrar em mim como se estivesse procurando por Deus em cada gemido que me escapava. Ele me fodeu tão profundamente que novas lágrimas brotaram dos meus olhos.

A intensidade do homem me atacou como um raio quente, eletrizando o ar ao nosso redor. Eu estava sem fôlego e ofegante. Deliciosamente contaminada.

Meu corpo ficou tenso, e o que soou como uma mistura de soluço e alívio saiu da minha garganta. Nós dois escorregamos de suor, ele me segurou com mais força, aqueles sons profundos e guturais em sua garganta me dizendo que ele estava desesperado para chegar ao clímax.

Joguei minha cabeça para trás em um flash de luz e gritei, quebrando-me em seus braços.

Seu clímax se seguiu, enviando jatos de fluidos quentes para dentro de mim, e esgotada, descansei minha bochecha com cicatrizes em seu ombro com cicatrizes, as marcas maliciosas onde nós dois tínhamos sido marcados como monstros.

Ele estremeceu ao meu redor, seus braços tremendo nas minhas costas.

Quando ousei levantar a cabeça, seus olhos continham um brilho de promessa além daquela exaustão eufórica, enquanto ele olhava para mim com a respiração ofegante.

Passei a mão em sua testa umedecida, estudando a adoração que me recusei a ver antes. A veneração de um homem poderoso. Um dos monstros na minha cabeça que mais temia. Foi naquele momento que acreditei nele quando disse que pertencia a mim. Como um vasto oceano dominado por um único grão de areia.

Meu mar escuro. As profundezas místicas que me cativaram e aterrorizaram.

Por muito tempo, eu lutei para aceitar e dar amor. Eu tinha me tornado cínica. Mesquinha. Desconfiada. E porque raramente me entregava aos outros, doía mais quando era roubada – nas vezes em que o mundo enfiava sua mão gananciosa na minha vida e arrancava pedaços do que eu mais amava. Eu havia aprendido que, no cerne da vida, estava o sofrimento, e a dor era uma consequência inevitável do amor. Uma dor lenta e persistente que começava no momento em que ousávamos admitir o que era. A sombra por trás de cada olhar afetuoso. A angústia que pontuava aqueles momentos fugazes de paz.

O amor também era uma doença. Uma doença incurável. Do tipo que rastejava dentro dos músculos e ossos e persistia muito depois da morte. Por mais que eu quisesse enterrar o amor da minha mãe, me endurecer para não ter que enfrentar a verdade paralisante, não consegui. Enterrado profundamente nas raízes, floresceu das feridas do meu coração partido, rasgando os pontos que queimavam com as memórias daqueles que tentaram me machucar. Às vezes, a dor era demais para suportar. Mas às vezes era bom, porque significava que eu era capaz de sentir *alguma coisa.*

Olhei para a placa na parede – aquela que notei no meu primeiro dia de trabalho no laboratório.

Mortui vivos docente.

Os mortos ensinam os vivos.

Eu não vim para Dracadia com a ideia de me apaixonar pelo meu professor, ou pelo Doutor Morte, como alguns se referiam a ele. Talvez fosse essa a natureza do mundo, atacar com tanta crueldade e depois atacar-nos e atacar-nos de surpresa quando menos esperávamos. Porém, havia uma verdade implícita no fato de os mortos ensinarem os vivos. Foi minha mãe, minha recusa em aceitar

sua morte, em aceitar o que o mundo havia tirado de mim, que me trouxe para Dracadia em primeiro lugar. E foi aqui que enfrentei a morte de frente. Tão apaixonadamente que me apaixonei por ele – seu coração abrasivo e suas mãos manchadas de sangue. O professor perigoso e erudito, com olhos ardentes e carne fria de aço. Escondemo-nos nas sombras, roubando beijos sob as estrelas da meia-noite. Ele me ensinou paixão e coragem, e a agarrar o que eu queria pelos dentes.

E em troca, ensinei-o a sentir novamente.

Epílogo

Lilia

Empolgada em meu dormitório, imprimi o plano de estudos da aula de anatomia macroscópica de Bramwell para o próximo semestre, quando uma mensagem de Bee apareceu em meu telefone. Sorrindo, cliquei nela.

Mais cinco dias!

Ela deveria passar o Natal comigo na ilha. Eu lhe enviei uma passagem de trem e um itinerário de atividades. Como patinar no parque Canterbury, folhear as livrarias em Emberwick e, claro, tomar um café no Dragon's Lair. Também planejei apresentá-la a Devryck. Profissionalmente, visto que eu não havia dito uma palavra sobre nosso relacionamento com ela.

A antiga casa da mamãe ainda estava sendo reformada e só estaria pronta dentro de algumas semanas, mas quando chegasse o verão, a casa estaria totalmente atualizada com todas as comodidades modernas. Um lar para mim e Bee. Um lugar para onde poderíamos voltar sempre que quiséssemos, porque era nosso.

Depois que Devryck apresentou os resultados da última variante, os Rooks ficaram ansiosos para me oferecer tudo o que eu quisesse para continuar envolvida no estudo.

Devryck, é claro, foi uma grande parte disso.

Inspirado pelos meus esforços, ele decidiu atualizar também a propriedade Bramwell e alugá-la como refúgio de verão – obviamente depois de se livrar de Angelo. Suponho que ele esperava que Caedmon voltasse em algum momento, mas não o fez.

Eu suspeitava que ele não faria isso.

Devryck também concordou com um teste de DNA, confirmando que Spencer era, de fato, seu meio-irmão. Depois que o choque passou, Spencer pareceu aceitar a notícia. E, eventualmente, as estranhas interações entre nós voltaram à amizade.

Estou tão animada! Você vai adorar Dracadia.

Posso te contar um segredo?

Sempre

Prometa que não vai julgar ou ficar brava.

Eu prometo?

Na verdade, ela me preocupava um pouco. Bee tinha um lado imprudente que sempre me deixava nervosa.

Tenho uma queda enorme pelo novo professor de Literatura Inglesa aqui. Eu o peguei olhando para mim hoje.

Jesus. Esfreguei a testa, tentando decidir como responder, sem soar como nossa mãe. Na verdade, porém, quem diabos era eu para julgar?

Apenas tome cuidado, ok? Não faça nada maluco que possa te expulsar.

Eu me senti uma hipócrita digitando essas palavras.

Não, eu sei. Eu não vou. Mas Lil, ele é tão gostoso. Quero dizer, muito sexy. Todas as garotas do meu dormitório estão enlouquecidas por causa dele. Quer ver uma foto?

Eu gemi, balançando a cabeça.

Claro. Mas Bee, sério, só tome cuidado, ok?

Sim, eu sei. Ok, enviando uma foto agora. Não é a melhor – tive que tirar rápido durante a aula.

Esperei pelo que pareceu uma eternidade.

Uma foto apareceu, de um cara parado na frente da turma vestindo jeans escuro e camisa preta.

O ar parou no meu peito.

Cliquei para ampliar e ampliei seu rosto.

Uma réplica exata de Devryck.

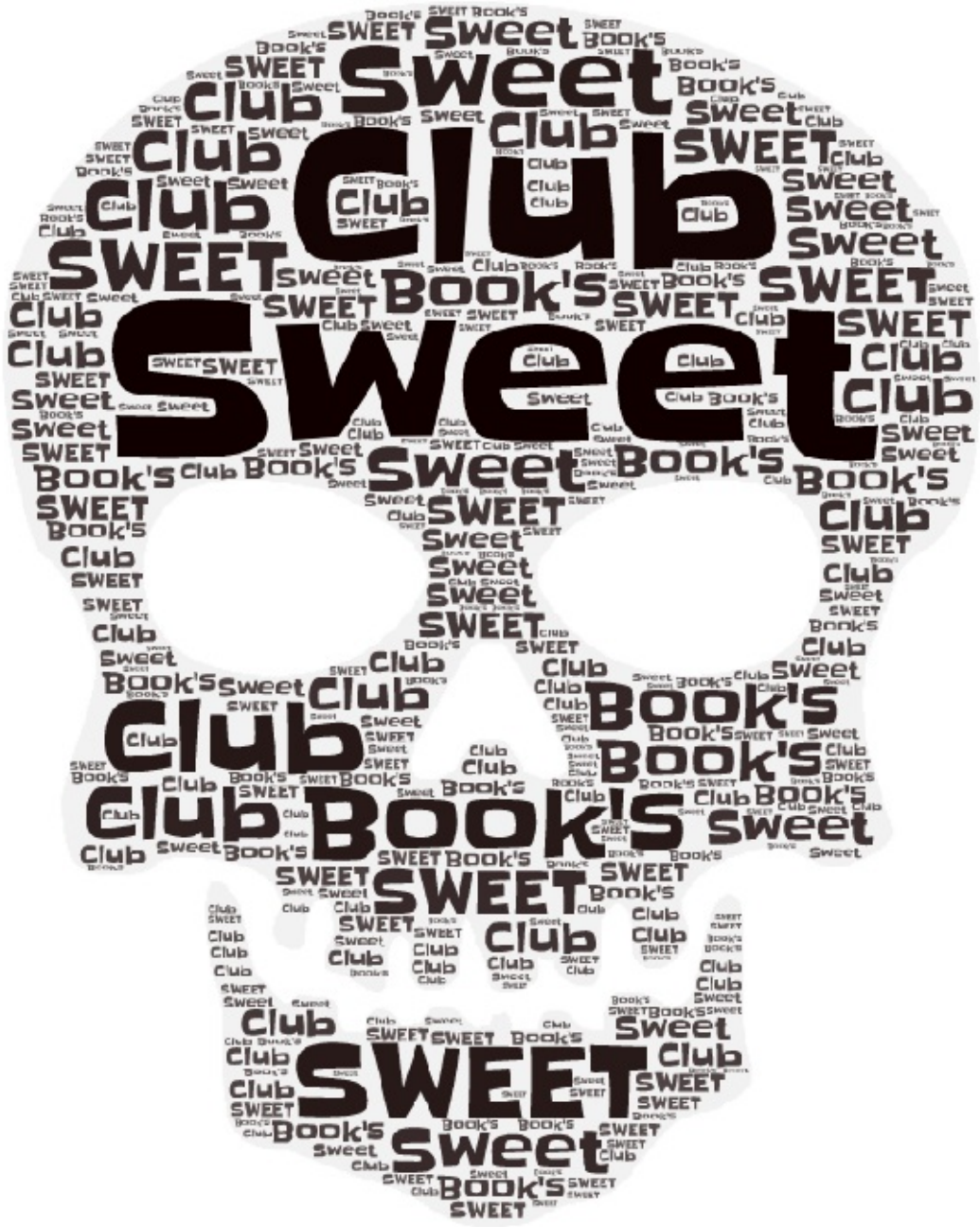
Este é o Sr. Caed. Ele não é gostoso?! Ele dirige uma maldita motocicleta para a escola, Lil. Acho que vou convidá-lo para tomar um café amanhã!

Respirei com dificuldade pelo nariz para acalmar a batida frenética do meu coração.

Merda.

Merda.

Merda.


Sweet
Club
SWEET
Book's
sweet
club

Notas

[←1]

O herói byroniano é um arquétipo ou personagem modelo que se desvia dos padrões morais de sua sociedade, mas ao mesmo tempo é capaz de grande afeição por uma pessoa.

[←2]

“Se você entende, encontre-me no cartaz daqui a dez minutos.”

[←3]

“Eu entendo. E eu recuso a sua oferta.”